



ROBERT MASELLO

SANGUE e GELO

SUMA
de letras



Sangue & *Gelo*

ROBERT MASELLO

A photograph of a snowy forest path. The path is covered in a thick layer of snow, and the trees on either side are bare and covered in snow. The path leads into the distance, where a small building is visible. The overall scene is peaceful and wintry.

Dezembro de 1856

*Em meio a uma tempestade,
nas proximidades do Polo Sul, marinheiros aterrorizados
fazem um casal caminhar pela prancha do navio e se
jogar ao mar. Portadores de má sorte, eles dizem,
perpetuadores de uma terrível maldição*

Mais de 150 anos depois...

*Um fotojornalista em profunda crise
Aceita um convite para fazer uma reportagem na
Estação de pesquisa científica americana na Antártica.*

*Ele espera pela chance de fotografar muita coisa que jamais tivera
oportunidade de ver na vida: animais exóticos, icebergs imponentes, nevascas
assustadoras. Mas dois corpos trajando roupas vitorianas, perfeitamente preservados
dentro de um bloco de gelo, são uma descoberta que vai além dos seus sonhos mais
delirantes. Em especial depois que o gelo começa a derreter.*



Em *Sangue e Gelo*, conhecemos a dimensão trágica da história de amor entre o tenente Sinclair Archibald Copley, do 17º Regimento de Lanceiros do Exército Inglês, e a enfermeira Eleanor Ames, da equipe formada pela pioneira da enfermagem, Florence Nightingale. Um amor que sobrevive aos preconceitos de classe, ao horror da Guerra da Crimeia – e aos séculos.

Testemunharemos, através do olhar atento e um tanto amargurado de Michael Wilde, a dura sobrevivência de militares e cientistas numa base isolada no continente mais inóspito da Terra.

E, quando o gelo derreter, saberemos o que poderá acontecer quando esses dois mundos se encontrarem.

agradecimentos



Para escrever um livro, especialmente um romance desta dimensão, muitas vezes você tem que contar com a sabedoria de amigos e especialistas. Gostaria de agradecer a François Sauzey, Carol Weston, professor Roberto Véguez, Susan Williams e James Donlan. Também gostaria de agradecer a Brooks Peel, do departamento de meteorologia da Carolina do Norte, e ao capitão da reserva da Marinha George Galdorisi. Devo muito também às renomadas historiadoras Cecil Woodham-Smith, cujo importante livro *A Carga da Brigada Ligeira* me ajudou a escrever sobre a Guerra da Crimeia, e Gillian Gill, cujo *Nightingales* foi fundamental na pesquisa sobre Florence Nightingale e suas enfermeiras. O comentário da enfermeira sobre o quepe, que aparece na página 247, foi tirado do livro de Gillian Gill, que cita *Letters from the Crimea* como a fonte original.

Quaisquer erros são, é claro, de minha própria responsabilidade.

Também tive a sorte de contar com uma grande editora, Anne Groell, e com uma agente que, como sempre, me encorajou todas as vezes em que minha confiança esmoreceu. Obrigado, Cynthia Manson.



ROBERT MASELLO é jornalista,
roteirista de televisão e autor dos livros
Vigil e *Bestiary*.

Entre os seriados para os quais
colaborou, estão *Charmed* e *Early Edition*.
Ele vive na Califórnia.

PRÓLOGO



A BORDO DO BRIGUE HM COVENTRY, NO OCEANO ANTÁRTICO.

LATITUDE 65°28'S

LONGITUDE 12001 3'O

28 de dezembro de 1856

SINCLAIR ABAIXOU-SE EM DIREÇÃO ao leito de madeira onde Eleanor estava deitada. Embora estivesse enrolada em seu sobretudo e coberta por todas as mantas e todos os lençóis que Sinclair conseguiu encontrar, ela ainda batia os dentes e sua respiração condensava-se no ar gelado e úmido. À luz fraca da lamparina, ele via os olhos fechados de Eleanor revirando, e seu rosto tão branco e frio quanto o gelo que cercava o navio havia semanas.

Sinclair afagou a testa dela com a mão dormente, afastando uma mecha de cabelo castanho-escuro de seus olhos. A pele parecia tão sem vida e insensível quanto a lâmina de uma espada, mas ainda era possível perceber o sangue fluindo devagar por debaixo dela. Eleanor sobreviveria de alguma forma, mas em breve ele

teria que cuidar de suas necessidades. Não havia mais como evitar; Sinclair teria que sair da cabine e descer até o porão de carga.

— Descanse — disse gentilmente. — Voltarei antes que perceba que saí.

Ela suspirou em protesto com lábios pálidos que mal se mexiam.

— Tente dormir. — Ele ajeitou o gorro de lã na cabeça de Eleanor, beijou-lhe a bochecha e se levantou até onde o teto baixo da opressora cabine permitia. Segurando com uma das mãos a lamparina suja e com o óleo de baleia quase acabando, Sinclair prestou atenção diante da porta antes de abri-la devagar para o escuro corredor. Era possível ouvir o burburinho dos tripulantes em algum lugar do porão de carga. Não era preciso discernir as palavras para saber o que estavam dizendo. Desde que o navio tinha perdido o rumo, sendo levado cada vez mais em direção ao Polo Sul por ventos e tempestades implacáveis, ele ouvia a tripulação praguejando e sentia a hostilidade crescente em seus olhos. Marinheiros são gente supersticiosa até na melhor das situações, e Sinclair sabia que eles consideravam os misteriosos passageiros — ele e Eleanor — a causa da atual desgraça. Mas o que fariam a respeito disto? Era o que Sinclair se perguntava. Ele não gostava de deixar Eleanor sozinha nem mesmo por alguns minutos.

Sinclair havia retirado as esporas das botas muito tempo antes, mas era impossível andar pelo corredor sem que as tábuas rangessem. Tentava dar passos somente quando o choque do gelo contra o casco fosse muito alto ou o vento da noite fizesse as velas sacudirem, mas, ao passar pela cozinha, a luz da lamparina atingiu Burton e Farrow, que estavam reunidos em torno de uma garrafa de rum. O navio adernou para estibordo e Sinclair teve que se apoiar na parede.

— Aonde você vai? — grunhiu Burton. Havia pedaços de gelo em sua barba grisalha, brilhando como diamantes, e uma argola enorme em uma das orelhas.

— Para o porão de carga.

— Para quê?

— Isso não é da sua conta.

— A gente pode fazer com que seja — ele ouviu Farrow sussurrar enquanto o navio se endireitou com um rangido estrondoso.

Sinclair caminhou em direção à escada para o porão de carga. Os degraus estavam cobertos de gelo e o óleo da lamparina espirrava de um lado para outro enquanto ele descia, fazendo as sombras dançarem sobre os tonéis de carne de porco salgada, bacalhau, biscoitos — quase todos vazios — e rum chileno em que a tripulação avançara. Sua própria carga estava depois disso tudo, em um baú trancado com cadeados pesados e correntes.

À minha primeira vista, parecia intocada.

Mas quando ele se abaixou e a tênue luz da lamparina recaiu sobre o topo do baú, foi possível ver os arranhões e cortes na madeira, como se alguém tivesse tentado arrombar o cadeado ou mesmo arrancá-lo. Não era de surpreender. Na verdade, imaginava apenas um motivo para que seus pertences não tivessem sido pilhados: a tripulação não apenas o odiava, mas também o temia. Sinclair sabia que era considerado como alguém que não podia ser subestimado um veterano

cavaleiro da Guerra da Crimeia, conhecido por saber usar pistola, lança e sabre.

Levantou ainda mais o colarinho da túnica do Exército e retirou do bolso as chaves do baú.

Após olhar para trás para se certificar de que estava sozinho e sem ser observado, Sinclair abriu o cadeado, retirou a corrente úmida e levantou a tampa. Dentro, debaixo dos acessórios de equitação, uniformes e vários livros — obras de Coleridge, Chatterton, George Gordon e Lord Byron —, ele encontrou o que procurava. Duas dúzias de garrafas cuidadosamente embrulhadas e empacotadas, com o rótulo MADEIRA — CASA DEL SOL, SAN CRISTOBAL. Limpou uma delas com um par de calças de equitação, colocou-a debaixo do braço e trancou o baú novamente.

Subir a escada equilibrando a lamparina e a garrafa prometia ser uma tarefa difícil, agravada pela visão de Burton espreitando no topo.

— Encontrou o que estava procurando, tenente?

Sinclair não respondeu.

— Vai uma mãozinha? — Burton continuou e estendeu uma mão enluvada.

— Não há necessidade.

Mas, nesse momento, Burton viu a garrafa.

— Bebida, é? Até que um copo caía bem para a gente se aquecer.

— Vocês já foram suficientemente aquecidos.

Sinclair afastou-se da escada, passou por Burton e depois por Farrow, que estava batendo em si mesmo com os braços para estimular a circulação. Uma vez fora do alcance de visão dos dois, entrou na cozinha e aproximou a garrafa do fogão, onde ainda havia brasa no carvão, para descongelar o conteúdo. Então retornou à cabine, rezando para que Eleanor não tivesse piorado.

Por acaso ela não estava sozinha. Sinclair viu um brilho fraco de luz de vela debaixo da porta e, lá dentro, o médico do navio, dr. Ludlow, examinando-a. Ludlow era um tipo repugnante, flácido e curvado, com uma atitude ao mesmo tempo obsequiosa e arrogante. Sinclair não confiava nele sequer para cortar o cabelo (outra das funções do bom doutor) e desconfiava especialmente de sua presença diante de Eleanor, em quem demonstrou um interesse indecoroso desde que subiram a bordo. Neste momento, Ludlow estava segurando o pulso mole de Eleanor em uma mão e balançando a cabeça.

— A pulsação está muito baixa, tenente, deveras fraca. Temo pela vida da pobre moça.

— Mas eu não — Sinclair afirmou tanto para Eleanor ouvir quanto para o desprezível médico. Retirou o braço dela da mão úmida de Ludlow e o colocou debaixo das cobertas. Eleanor não se mexeu.

— Até minhas sanguessugas congelaram, infelizmente.

Isso ao menos era uma boa notícia. Sinclair sabia que a última coisa que Eleanor precisava era perder mais sangue.

— Uma pena — disse, sabendo muito bem que a aplicação das criaturas no colo e nas pernas de Eleanor era o que o doutor mais gostava. — Se puder nos

deixar a sós, eu posso cuidar da situação muito bem sozinho.

O dr. Ludlow fez uma reverência rápida e disse:

— Trouxe uma mensagem do capitão. Ele quer falar com o senhor no convés.

— Irei quando puder.

— Sinto muito, tenente, mas ele foi demasiado insistente.

— Quanto mais rápido o senhor se retirar, mais rápido falarei com o capitão.

Ludlow esperou, como para provar que não fora dispensado, e então saiu da cabine. Assim que ele se foi, Sinclair colocou um banco contra a porta e usou o punhal guardado dentro da túnica para abrir a garrafa.

— Espere — disse para Eleanor, embora não tivesse certeza de que ela estivesse ouvindo —, espere por mim.

Com um braço, levantou a cabeça dela do travesseiro improvisado, feito com um bando de retalhos enfiados dentro de um saco de aniagem, e levou a garrafa à sua boca.

— Beba — disse, mas continuava sem obter resposta. Inclinou a garrafa até o líquido descer aos lábios dela, deixando-os rosados, com um semblante de vida outra vez. — Beba.

Ele sentiu a respiração de Eleanor nas costas da mão. Inclinou mais a garrafa até um filete rosa descer pelo queixo e pingar no broche de marfim que ela usava na gola. A ponta da língua dela apareceu, como se procurasse por gotas perdidas, e Sinclair sorriu.

— Isso mesmo — ele encorajou. — Beba mais. Mais.

E Eleanor bebeu. Após um ou dois minutos, os olhos se abriram. Ela encarou Sinclair com uma expressão confusa, que misturava um grande pesar com uma sede ainda maior. Ele segurou a garrafa firmemente enquanto Eleanor sorvia do gargalo. Os olhos entraram em foco e a respiração ficou mais regular. Quando sentiu que ela já bebera o suficiente — caso exagerasse, poderia regurgitar o conteúdo —, ele apoiou a sua cabeça de volta no travesseiro, recolocou a rolha na garrafa e a escondeu debaixo das roupas de cama.

— Tenho que ver o capitão — ele disse. — Mas não tardarei.

— Não — ela falou quase inaudível. — Fique.

Sinclair apertou sua mão. O toque já estava mais quente?

— Fale comigo — disse Eleanor.

— E assim o farei, assim o farei... sobre palmeiras tão altas quanto a igreja de São Paulo...

Um leve sorriso apareceu em seus lábios.

— E areias tão brancas quanto as praias de Dover. — Era um de seus bordões secretos, tirado de uma cantiga popular, que eles sempre sussurravam um para o outro em momentos bem menos difíceis que esse.

Sinclair retirou o banco da porta, apagou a lamparina — o pouco óleo que restava tinha que ser poupado — e saiu da cabine. Apenas um fraco feixe de luz vinha do deque superior para o corredor, mas foi o suficiente para guiá-lo até a escada.

Por mais que estivesse frio no interior do navio, lá fora ainda era pior, pois o vento agia como um fole, sugando o ar dos pulmões e substituindo-o por uma rajada gelada. O capitão Addison estava ao timão, embrulhado em várias camadas de roupas, a última sendo uma vela rasgada. Aos olhos de Sinclair, o homem não era nada mais do que um corsário que havia cobrado três vezes mais pelo valor da passagem dele e de Eleanor. O sujeito sabia perceber o desespero e não tinha escrúpulos em se aproveitar disso.

— Ah, tenente Copley — ele proclamou. — Esperava que pudesse me fazer companhia.

Sinclair sabia que havia algo além disso. Olhou ao redor, para o mar cinza e revoltado, repleto de placas de gelo, e para o céu noturno que, a essa latitude tão ao sul, brilhava com um tom de chumbo imutável. Dois tripulantes estavam de vigia, um de cada lado do convés, à procura de icebergs intransponíveis ou especialmente pontudos; ainda havia outro empoleirado bem no alto, no cesto da gávea. O avanço do navio era lento e precário. O vento inconstante fazia com que as velas cobertas de gelo — aquelas que podiam ser içadas — sacudissem e ondulassem estrondosamente como trovões.

— Como vai a sua esposa?

Sinclair aproximou-se, com as botas deslizando pelo convés escorregadio.

— O bom doutor me disse que ela permanece enferma — Addison continuou. O chapéu de três pontas estava amarrado à cabeça por uma faixa vermelha embaixo do queixo.

Sinclair sabia que ele e o capitão concordavam em uma questão: a completa falta de confiança no médico do navio. Todos os homens a bordo, aliás, eram de caráter suspeito, mas somente uma embarcação desse tipo oferecia transporte imediato e sem perguntas.

— Ela está bem — Sinclair respondeu — e repousando.

O capitão Addison concordou pensativo, como se importasse, e olhou para o céu nublado e sem nuvens.

— Os ventos continuam contra nós — disse. — Se não alterarmos logo o nosso curso, chegaremos ao próprio Polo. Jamais vi ventos assim em toda a minha vida.

Sinclair percebeu a segunda intenção no comentário do capitão um lembrete de que o péssimo tempo era atribuído à presença a bordo desses dois misteriosos passageiros. Para começar, mulheres já eram consideradas de mau agouro, mas o fato de Eleanor estar doente — e branca como um fantasma — só piorava a situação. Inicialmente, Sinclair esforçara-se para participar do cotidiano do navio e se tornar um passageiro confiável e agradável, mas, por causa de seu dever para com Eleanor e das condições impostas por sua própria doença secreta, não houve jeito de levar o plano adiante. Até mesmo os dois tripulantes no convés — seus nomes, se não estava enganado, eram Jones e Jeffries — olhavam com franca hostilidade para ele sob os gorros de lã e retalhos amarrados nos rostos.

— Me diga de novo, tenente — disse o capitão Addison —, o que foi fazer em Lisboa?

Foi em Portugal que Sinclair havia embarcado.

— Assuntos diplomáticos — ele respondeu — de caráter delicado. Nada que eu possa revelar, mesmo agora.

O vento ficou mais forte, sacudindo a vela rasgada amarrada nas pernas do capitão enquanto ele permanecia com as mãos no timão. Na estranha penumbra da noite, Sinclair considerou o homem parecido com a imagem de um daguerreótipo, completamente desprovida de cores e reduzida apenas a sombras e tons de cinza.

— E foi lá que sua esposa ficou doente?

Sinclair sabia que a peste tinha passado pela cidade havia poucos anos.

— Asseguro-lhe que o que aflige minha esposa não é contagioso. É um mal-estar que será tratado assim que chegarmos a Christchurch.

Sinclair notou que um dos marinheiros — Jones — lançou um olhar para Jeffries que obviamente significava “se chegarmos a Christchurch...”. Era uma questão que também o perturbava. Teriam ido tão longe, e com tamanha pressa, apenas para perecer no mar gelado?

As próximas palavras de Addison foram engolidas por uma repentina rajada de vento que inflou as velas e fez os mastros rangerem, trazendo consigo uma estranha visão — um pássaro gigante planando. Um albatroz. Sinclair ainda não havia visto uma ave desse tipo, mas a conhecia pelos versos do maravilhoso poema de Coleridge. O albatroz pairava acima deles com a barriga branca, as asas abertas de pontas pretas — não menos que uns três metros de envergadura, pela estimativa de Sinclair — e o longo bico de tom rosa avermelhado. Mesmo diante da turbulência, o pássaro mantinha-se completamente calmo, mergulhando e dando a volta pelos mastros, corrigindo o rumo em correntes invisíveis com nada mais que meros ajustes das patas.

— Um albatroz — Jones disse. Jeffries concordou satisfeito, pois o pássaro era considerado de bom agouro e só trazia azar àqueles que tentassem maltratá-lo.

Uma onda fez o navio subir e raspar em placas de gelo, o que obrigou Sinclair a agarrar uma corda com ambas as mãos para se manter em pé. O albatroz planou baixo, passando pela proa do brigue, e subiu de novo até o mastro que tremia. Lá pousou, recolhendo as asas e segurando a madeira escorregadia com as garras. A visão causou admiração em Sinclair. Como, ele imaginava, o grande pássaro sobreviveria voando por incontáveis quilômetros acima de nada mais que mares revoltos e placas de gelo, sob um céu tão desolador?

— Capitão! Capitão Addison!

Sinclair virou o rosto e viu Burton subindo ao convés com a barba congelada tão dura quanto uma prancha; logo atrás dele vinha Farrow, segurando algo por debaixo do casaco preto de pele de foca.

Com as pernas afastadas para manter o equilíbrio, Burton avançou até o timão sem sequer olhar para Sinclair.

— Algo a relatar, senhor! — gritou. — De grande importância!

Sinclair teve que inclinar o pescoço para olhar, porque Burton e Farrow

pareciam querer bloquear sua visão. Percebeu algo de relance — vidro? — e ouviu os dois falando em voz baixa, um atropelando o outro. Addison levantou a mão para acalmá-los e então viu o que tinham trazido. Sinclair também conseguiu enxergar e ficou horrorizado ao perceber que era uma garrafa de vinho com o rótulo de MADEIRA.

O capitão pareceu surpreso e depois indignado, como se fosse um homem que não tolerasse brincadeira.

— Veja por si mesmo, capitão! — pediu Burton, mas Addison continuava a resistir.

Fallow tirou uma das luvas com os dentes e usou a mão nua para puxar a rolha da garrafa. Ele segurou-a diante do nariz do capitão e cuspiu a luva no convés para poder falar.

— Cheire! Melhor ainda, capitão, prove um pouco!

Relutante, Addison abaixou o rosto em direção à garrafa e então recuou como se tivesse sentido um cheiro muito ruim. Mas foi somente quando o dr. Ludlow subiu ao convés e assentiu que o capitão, com uma expressão de horror no rosto, se voltou para Sinclair.

— Isto é verdade? — disse ao tirar a garrafa escura da mão de Farrow.

— É verdade — respondeu Sinclair — que o senhor está de posse do remédio de minha esposa. Roubado, sem dúvida, de nossa cabine.

— Remédio? — exclamou Burton.

— Uma ova que é remédio! — Farrow contribuiu.

— Não disse que eles eram encrenca? — Burton gritou para Jones e Jeffries, que não entendiam nada, mas pareciam dispostos a participar da confusão.

— Encontrei debaixo da roupa de cama! — berrou Fallow, aparentemente querendo ficar com o crédito pela descoberta. — Não há como negar!

— E pergunte para ele o que aconteceu com o Bromley! — prosseguiu Burton com a barba balançando de fúria. — Pergunte como um homem daqueles um marinheiro forte que cruzou o cabo Horn duas vezes, caiu no mar ao fazer a vigília!

De repente todos elevaram a voz e seis tripulantes subiram do porão de carga, quatro deles carregando o baú que Sinclair havia trancado. Eles o largaram de cabeça para baixo no convés coberto de gelo, as esporas lá dentro fazendo barulho ao bater nas garrafas. Antes que Sinclair pudesse sequer pegar a espada, sentiu os braços presos ao corpo e uma corda ser passada pelos pulsos com um nó firme. Os ombros foram empurrados contra o mastro principal e, enquanto berrava em protesto, viu Burton e Farrow descerem correndo para o interior do navio.

— Não! — gritou. — Deixem-na em paz!

Mas não havia nada que pudesse fazer agora; ele nem podia se mexer.

O capitão Addison gritou para que um dos marinheiros cuidasse do timão e atravessou o convés. Olhando dentro dos olhos de Sinclair, falou em voz baixa, como se contasse um segredo.

— Não sou homem de acreditar em maldições, tenente, mas com isto aqui — brandiu a garrafa — o senhor foi além dos limites da minha paciência.

Os marinheiros seguraram seus braços com mais força ainda.

— Os homens já o consideram responsável pela morte de Bromley e eu mesmo não duvido mais disso — falou. Sentindo o peso da garrafa com a mão, ele sussurrou. — Terei um motim em minhas mãos se não tomar uma atitude.

— Que atitude?

Mas Addison não respondeu. Em vez disso, olhou para a escotilha, de onde Burton e Farrow voltaram para o convés, segurando Eleanor enrolada em um lençol. Seus olhos estavam abertos e o braço esticado em direção a Sinclair, o gorro improvisado havia caído e o cabelo castanho, outrora volumoso e reluzente sacudia ao vento.

Farrow brandiu uma corrente enferrujada no ar e o capitão Addison deu as costas, sem dar consentimento ou exigir que parasse. Ao voltar para o timão, jogou a garrafa escura pela amurada sem sequer acompanhar sua trajetória.

— Sinclair! — Eleanor gritou com a voz horrorizada quase se perdendo no tumulto. — O que está acontecendo?

Mas a situação era óbvia para Sinclair, que lutou contra a corda e tentou soltar-se do mastro dando chutes, mas as botas de equitação escorregavam no convés coberto de gelo. De repente, Jeffries desferiu um soco cruzado em sua barriga que o fez dobrar-se, tentando recuperar o fôlego. Sinclair só viu botas, cordas e correntes ao ser arrastado na direção de Eleanor, que estava de pé nesse momento, embora precariamente apoiada por Burton. Sinclair foi colocado à força contra ela, costas com costas. Como desejava poder abraçá-la mais uma vez. Mas tudo o que conseguiu fazer foi sussurrar.

— Não tenha medo. Ficaremos juntos.

— Onde? O que você está dizendo?

Eleanor não estava apenas morrendo de medo, como também delirava.

Farrow gargalhava ao dar voltas pelos dois, usando as mãos enluvadas para enrolar a corrente pelos joelhos, cinturas e ombros. Pelos pescoços. O metal gelado queimava como emplastro onde quer que tocasse a pele desnuda. Embora estivesse virado para o outro lado, Sinclair podia ouvir a respiração difícil de Eleanor e seu pânico crescente.

— Sinclair — ela arfou. — Por quê?

Jones e Jeffries, que haviam abandonado a vigília, levantaram os dois sobre a amurada, presos como toras de lenha. Sinclair meteu as botas na madeira por instinto, mas alguém chutou seus pés e ele perdeu de vez o equilíbrio. Em questão de segundos, estava encarando o mar revolto abaixo de si. Estranhamente, ficou feliz que o olhar de Eleanor estivesse voltado para o céu, para o albatroz que ele esperava que continuasse empoleirado no mastro.

— Não deveríamos dizer algumas palavras? — falou o dr. Ludlow com a voz trêmula. — Parece uma tamanha... barbaridade.

— Vou dizer as palavras — Burton gritou, inclinando-se para encarar Sinclair com ódio. — Que Deus tenha piedade de suas almas!

Sinclair sentiu várias mãos erguerem-nos do convés.

— E que o Diabo os carregue!

Alguém riu e então Sinclair estava mergulhando de cabeça, com Eleanor gritando de medo, caindo, caindo, caindo em direção à água. Pareceu ter levado mais tempo do que ele imaginava antes que se chocassem contra a fina camada de gelo. O grito foi interrompido subitamente, tudo ficou em silêncio, e com a corrente fazendo peso eles afundaram calmamente, girando em círculos na água escura e fria. Sinclair prendeu a respiração por muitos segundos e então, embora pudesse continuar por muitos mais, soltou o ar de uma vez só... aceitando a morte e o que mais esperasse por eles no fundo do mar.

PARTE I

A VIAGEM

*“And now the STORM-BLAST came, and he
Was tyrannous and strong;
He struck with his o’ertaking wings,
And chased us south along.*

*With sloping mast and dipping prow,
As who pursued with yell and blow
Still treads the shadow of his foe,
And forward bends his head,
The ship drove fast, loud roared the blast,
And southward aye we fled.”¹*

THE RIME OF THE ANCIENT MARINER,
Samuel Taylor Coleridge, 1798

¹ “E agora chegou a TEMPESTADE, e ela/Era tirânica e poderosa;/Ela nos bateu com suas asas;/E nos perseguiu rumo ao sul.//Com o mastro inclinado e a proa abaixada,/Como quem é perseguido por gritos e golpes/Trilhamos pela sombra do inimigo,/À frente com a cabeça baixa,/ O navio foi depressa sob o estrondo das rajadas;/E para o sul decerto fugimos.” A Balada do Velho Marinheiro, Samuel Taylor Coleridge, 1798. (N. do T.)

1

HOJE

19 de novembro, meio-dia

A CAMPAINHA DA PORTA ESTAVA TOCANDO. Michael ouviu, mas não queria acordar, pois o sonho que estava tendo era ótimo. Ele dirigia o jipe por uma estrada montanhosa com o rádio a toda e Kristin estava ao lado com os pés descalços no painel, rindo com a cabeça jogada para trás, o cabelo louro sacudindo ao vento que entrava pela janela aberta.

A campainha soou outra vez em uma série de toques curtos. Quem quer fosse não iria embora.

Michael tirou a cabeça do travesseiro. Por que havia um saquinho vazio de Doritos ao lado de sua cara? Olhou para os números luminosos do relógio: 11h59. Assim que esfregou os olhos, eles indicaram meio-dia.

A campainha tocou outra vez.

Michael tirou o cobertor e colocou os pés no chão.

— Tá bom, tá bom, segura as pontas — resmungou.

Pegou um roupão atrás da porta e saiu do quarto arrastando os pés. Conseguiu distinguir um vulto pelo vidro opaco da porta da frente: alguém de parca e capuz na varanda.

Michael aproximou-se.

— Também estou te vendo, Michael. Abre essa porta logo, está um gelo aqui

fora.

Era Joe Gillespie, seu editor na *Eco-Travel Magazine*.

Michael destrancou e abriu a porta. Uma chuva fria atingiu suas pernas nuas em quanto a visita passou por ele.

— Da próxima vez vou arrumar um emprego no Miami Herald — Gillespie disse, batendo os pés.

Michael pegou um exemplar encharcado do *Tacoma News Tribune* da varanda e olhou para os picos encobertos das Cascades, a cadeia de montanhas no horizonte. Tinha sido justamente por isso que ele comprara a casa — pela vista. Agora era só uma péssima lembrança. Sacudiu o jornal e fechou a porta.

Gillespie estava pisando no tapete surrado — aquele que Kristin havia feito — com água pingando da parca. Ele tirou o capuz, e o pouco cabelo que lhe restava ficou em pé.

— Você não olha mais seus e-mails? — Gillespie perguntou. — Ou quem sabe a secretária eletrônica?

— Não se eu puder evitar.

Gillespie soltou um suspiro de frustração e olhou a bagunça ao redor da sala de estar.

— Meu Deus, Michael, você é acionista da Domino's? Devia ser.

Michael notou de fato algumas caixas de pizza e garrafas vazias de cerveja espalhadas pela mesa de centro e em cima da lareira.

— Vai se vestir — Gillespie disse. — Vamos sair para almoçar.

Michael, ainda meio tonto de sono, ficou parado com o jornal molhado na mão.

— Anda, é por minha conta.

— Me dá cinco minutos — falou, jogou o jornal para Gillespie e saiu para se aprontar.

— Te dou dez — Gillespie gritou. — Aproveita para tomar banho e fazer a barba.

Michael acatou a sugestão. Dentro do banheiro, ligou a água quente e o aquecedor portátil da casa era fria, com muitas correntes de ar, e ele nunca cumpriu a promessa de fazer isolamento térmico e alguns reparos. A água levaria um ou dois minutos para aquecer. O armário acima da pia estava aberto com meia dúzia de frascos de medicamentos controlados nas prateleiras. Ele pegou um na parte de baixo — o mais recente antidepressivo que o terapeuta receitara — e engoliu um comprimido com um pouco da água, que já estava morna.

Então, apesar de temer o que iria ver, fechou o armário e olhou o reflexo no espelho. O cabelo preto estava mais revoltado do que de costume, desgrenhado de um lado e achatado do outro. Os olhos estavam vermelhos e opacos. Não fazia a barba havia alguns dias e podia jurar — era possível? — que, mesmo com 30 anos recém-completados, uns poucos fios do queixo já nasciam grisalhos. O avanço implacável do tempo... droga. Trocou a lâmina do barbeador e o passou impaciente pelo rosto.

Após um banho morno, ele vestiu um jeans, uma camisa de brim e as botas

mais limpas e secas que conseguiu achar ao lado da porta da frente.

Gillespie estava esparramado na poltrona de couro surrada, descolando com cuidado as páginas do jornal.

— Tomei a liberdade de abrir as persianas e deixar entrar a luz. Era bom que você fizesse isso de vez em quando.

Foram no carro de Gillespie — um modelo híbrido, é claro — à mesma lanchonete de sempre. Embora o local não fosse recomendável pela decoração, com assentos de vinil, chão de linóleo e um carrossel de tortas iluminado por uma chamativa luz branca, Michael adorava ir ao Olympic. Era melhor do que encarar um fast-food ou, Deus o livre, um Starbucks, e ainda servia café da manhã o dia inteiro. Michael pediu o especial com três ovos, salsicha, presunto e bacon, e Gillespie escolheu uma salada grega com uma porção de queijo cottage e uma xícara de chá de camomila.

— Opa — Michael disse. — Tem certeza de que não está pegando pesado?

Gillespie riu enquanto colocava meio sachê de adoçante no chá.

— Ah, pro diabo! O almoço é por conta da empresa.

— Sendo assim, vou pedir sobremesa.

— Boa ideia — disse Gillespie. — Quero ver você comer a torta de limão com merengue.

Era uma piada recorrente entre eles, que a torta de limão com merengue no topo do carrossel não havia sido tocada e muito menos substituída nos cinco anos em que frequentavam a lanchonete.

Enquanto comiam, Michael não deixou de notar que Gillespie havia colocado um envelope da FedEx no assento ao lado. De vez em quando o editor tocava nele só para ter certeza de que ainda estava ali. Devia ser algo importante, Michael pensou, e, como não fora deixado no carro, provavelmente tinha a ver com ele.

Falaram sobre a revista — um novo editor de fotografia foi contratado, o número de anunciantes aumentou e a bela recepcionista tinha se demitido — e os Seattle Mariners. Às vezes, Gillespie e Michael iam juntos ao *Safeco Stadium* ver os jogos de beisebol. Não falaram sobre Kristin — ele sabia que Gillespie estava evitando o assunto — nem sobre o envelope, até que Michael comentou a respeito enquanto catava o resto dos ovos com um pedaço de torrada.

— Tá bom, vou morder a isca — disse gesticulando com a borda da torrada. — O suspense está me matando.

Por um instante, Gillespie fingiu não saber sobre o que ele estava falando.

— Essa é a diagramação da minha reportagem sobre o parque Yellowstone?

Gillespie olhou para o envelope e retraiu os lábios, como se estivesse tomando uma decisão.

— Não, a reportagem de Yellowstone saiu na edição do mês passado. Parece que você parou até de *ler* a revista.

Michael sentiu que foi pego no flagra — até porque era verdade. Ele mal abrira a caixa de correio, acessara a internet ou retornara telefonemas nos últimos meses. Todos entendiam os motivos, porém cada vez mais Michael percebia que as

pessoas estavam perdendo a paciência com ele.

— Acho que você deve dar uma olhada nisso aqui — Gillespie disse ao arrastar o envelope pela mesa.

Michael limpou os dedos no guardanapo, abriu o pacote e tirou a papelada de dentro. Havia fotos — algumas em preto e branco pareciam imagens de satélite — e uma série de papéis com o nome e a logomarca da *National Science Foundation* no topo. Muitos estavam marcados com “Point Adélie”.

— O que é Point Adélie?

— É uma estação de pesquisa, e bem pequena, por sinal. Ela estuda da mudança do clima à biosfera local.

— Onde fica? — Michael perguntou ao pegar a xícara de café.

— No Polo Sul. Ou pelo menos o mais próximo que se consegue chegar de lá. É para lá que migram os pinguins Adélie.

A xícara de café parou no ar e Michael não conseguiu conter a ansiedade.

— Levei meses para armar isso — Gillespie prosseguiu — e conseguir a aprovação necessária. Você não imagina a papelada e a burocracia que é necessário enfrentar para conseguir mandar alguém para lá. A NSF faz a CIA parecer amigável. Mas agora conseguimos a permissão para enviar um repórter para Point Adélie por um mês. Estou pensando em dar oito ou dez páginas de reportagem com fotos coloridas e entre três mil e quatro mil palavras de texto. O pacote completo.

Michael tomou um pequeno gole do café para pensar por um instante.

— Vou te poupar o trabalho de perguntar — disse Gillespie. — Pagaremos o de sempre pelo texto, mas vou dar uma subida no valor das fotos. Além disso, as despesas são por nossa conta, dentro do aceitável, é claro.

Michael ainda não sabia o que dizer ou pensar. Havia muita coisa rolando na cabeça. Ele não trabalhava — sequer tinha pensado em trabalhar — desde o acidente nas Cascades e não tinha certeza se estava pronto para retomar a velha vida. Mas, em parte, tinha ficado ligeiramente ofendido; o projeto vinha sendo planejado havia meses e só agora Gillespie tocara no assunto com ele?

— Qual é o prazo final? — perguntou, só para ganhar tempo.

Gillespie recostou-se, parecendo discretamente contente, como um pescador que sentiu um puxão na linha.

— Bem, esse é o problema. Você tem que partir na sexta-feira.

— Esta sexta?

— Sim. Não é fácil ir para lá. Você vai ter que voar até Santiago, no Chile, e depois para Puerto Williams. De lá pega um navio quebra-gelo da Guarda Costeira até onde a geleira permitir, e então um helicóptero te leva pelo resto do caminho. A janela de oportunidade é bem pequena e o tempo pode ficar ruim a qualquer momento. Agora é verão no Hemisfério Sul, então haverá dias em que a temperatura deve ficar só um pouco abaixo de zero.

Michael finalmente decidiu perguntar.

— Por que não me falou antes?

— Eu sabia que você não estava interessado em trabalhar por agora.

— Quem foi?

— Quem foi o quê?

— Ora, vamos, Joe. Se você estava armando isso há meses, já devia ter escolhido alguém para o trabalho.

— Crabtree. Era ele que ia fazer.

Crabtree outra vez. O cara estava sempre no cangote de Michael tentando roubar suas pautas.

— Então por que ele não vai?

Gillespie deu de ombros.

— Tratamento de canal.

— O quê?

— Ele tem que fazer tratamento de canal e ninguém pode ir a Point Adélie sem estar com a saúde em dia. Especialmente nesse caso, porque não há dentista na estação. Você tem que apresentar um atestado do seu dentista dizendo que está tudo em ordem.

Michael não acreditou no que ouviu. Crabtree perdeu a pauta por causa de um problema de dente?

— Então, por favor — disse Gillespie inclinando-se para a frente —, me diga que não tem cáries e que as obturações estão no lugar.

Michael instintivamente passou a língua pelo interior da boca.

— Até onde eu sei.

— Ótimo.

Então só restou a grande questão.

— O que acha, Michael? Está pronto para colocar a coleira de novo?

Essa era de fato a grande questão. Se tivesse sido feita na noite anterior, a resposta provavelmente teria sido não e não ligue de novo. Mas algo se mexia dentro dele, uma coisa que não podia negar — um lampejo da velha empolgação. A vida inteira ele sempre tinha sido o primeiro a aceitar qualquer desafio, a escalar o penhasco íngreme, a pular de bungee jump da ponte e a mergulhar no fundo do recife de coral. E embora tivesse mantido o sentimento preso nos últimos meses, ele estava crescendo de novo.

Michael olhou para a foto de satélite no topo da pilha — de cima, a base parecia com um bando de vagões de trem, espalhados por uma planície gelada perto de um litoral rochoso e sem vida. Era uma imagem sinistra, mas que o atraía como se fosse uma praia no Brasil.

Gillespie observava atentamente, esperando. Uma rajada de vento fez a chuva bater contra a janela da lanchonete.

Algo começou a se mexer dentro da cabeça de Michael. Pousou os dedos sobre a foto granulada. Sempre podia dizer não, voltar para casa e... o quê? Tomar mais uma cerveja? Ficar se martirizando? Jogar fora um pouco mais da sua vida para compensar o que tinha acontecido com Kristin, ainda que não conseguisse enxergar nenhuma compensação? Ou então podia aceitar. Olhou para a próxima

foto da pilha. Tinha sido tirada no nível do solo e mostrava um barracão apoiado em blocos de concreto um pouco acima do gelo. Seis focas estavam deitadas ao redor como banhistas.

— A gente tem tempo para uma torta antes? — Michael perguntou e Gillespie chamou a garçonete, após bater com a palma da mão na mesa em triunfo.

— Uma rodada de torta de limão com merengue! — gritou.

2

20 a 23 de novembro

OS DIAS SEGUINTES PASSARAM VOANDO enquanto Michael lutava para deixar tudo pronto para a viagem para a Antártica. A maioria das roupas de frio ele já tinha à mão por causa de pautas anteriores na Sibéria e no Alasca, mas não foi fácil arrumar o resto. A primeira parada foi no dentista, onde Michael imaginou por alguns minutos que tudo acabaria.

— Você ainda tem o siso da arcada superior direita — disse o dr. Edwards. — Ele ainda pode dar problemas no futuro.

— Mas não é problema agora.

— Ainda assim. Se eu fosse você...

— Não posso tirá-lo agora. Não vai dar tempo de cicatrizar.

— Bem, não diga que não avisei — falou o dr. Edwards.

— Juro que não. Só preciso que o senhor assine o atestado da NSF.

O dr. Edwards ajeitou os óculos trifocais e examinou o atestado enquanto Michael permanecia deitado na cadeira.

— Vinte anos de carreira e nunca tinha visto um desses antes, sabe?

— Nem eu — Michael esperava para vê-lo assinar.

— Antártica, hein? — O dentista ainda examinava o atestado.

— É.

— Sinto inveja de você. Queria ter tempo para uma viagem dessas.

Parecia que ele estava falando em dar um pulinho em Acapulco. Michael não parava de pensar no pobre Crabtree e o tratamento de canal.

O dentista olhou pela última vez as radiografias de Michael, ainda presas no megatoscópio.

— Mas não vejo nada de errado, a não ser por aquele maldito siso...

Finalmente tirou uma caneta do bolso e assinou na linha pontilhada. Michael já tinha saído da cadeira antes mesmo de o assistente ter tempo de retirar o babador de papel.

A próxima parada foi no consultório do clínico geral, onde Michael teve que

fazer outra bateria de exames e preencher mais uma pilha de papéis. Seus acidentes passaram da conta ao longo dos anos — um ombro deslocado, alguns tendões rompidos, vários ossos quebrados —, mas, considerando que a profissão o levava a lugares a que nenhum ser humano deveria ir, ele até que escapou relativamente intacto. E o médico não encontrou nenhum novo motivo de preocupação. Segundo ele, só tinha uma pergunta a ser feita antes de assinar o atestado.

— Como você está, psicologicamente falando? Tem ido à terapeuta que indiquei?

Michael temia que o assunto viesse à tona.

— Está tudo bem agora. Ela receitou Lexapro e está dando ótimo resultado. — Na verdade, não saberia dizer se estava fazendo qualquer tipo de efeito; só não queria correr o risco de alguma coisa interferir na liberação do médico.

— A melhor coisa para mim — acrescentou com a expressão mais alegre que conseguiu fazer — é viajar e voltar a trabalhar.

O médico acreditou.

— Concordo — disse ao assinar a última linha do atestado. — Eu mesmo gostaria de fazer essa viagem.

Michael jamais teria imaginado que tanta gente sonhasse em conhecer a Antártica.

Mas ainda havia uma última parada, e essa seria bem mais difícil.

Desde que tinha almoçado com Gillespie, Michael sabia que estava chegando a hora e fez o possível para adiá-la. Seguiu em frente organizando tudo para a viagem. Cancelou a entrega de correio e jornais, pediu ao vizinho para olhar a casa e abrir as torneiras caso caísse uma geada. Passou horas na *Tacoma Camera Supply* comprando qualquer bateria, lente, tripé e cartão de memória que fosse precisar. Claro que já tinha tudo isso, mas em uma expedição como essa, para um lugar onde não seria possível substituir um fotômetro defeituoso ou conseguir mais equipamentos, Michael queria ter certeza de que tinha tudo de que pudesse precisar. De certa forma eram distrações bem-vindas; pela primeira vez não estava envolvido em um ciclo infundável de culpa e autorrecriação. Podia ficar concentrado em outras coisas, algo futuro que estava prestes a acontecer.

Mas a última parada nunca tinha saído de sua cabeça e não era possível continuar a adiá-la. Ele tinha que passar no Tacoma Regional Hospital.

Na ala de pacientes em coma.

Onde sabia que não era bem-vindo.

A caminho de lá, Michael foi se preparando para possíveis confrontos. Os pais de Kristin, ou ao menos um deles, estavam sempre no hospital. Mas imaginou que, se fosse na hora do jantar, talvez não esbarrasse com ninguém. Ele registrou-se ao chegar à recepção e a enfermeira o saudou.

— É bom vê-lo de novo, sr. Wilde. Sei que Kristin vai gostar de sua visita. — Ao andar pelo corredor, ficou imaginando o que isso significaria.

Kristin estava em coma havia meses. Segundo os médicos, que tecnicamente

não deveriam ter lhe falado nada porque não era um membro da família, ela jamais sairia do coma. A queda tinha sido grande demais, assim como a demora do socorro, e o dano ao cérebro foi muito arrasador. Na prática, Kristin já estava morta.

Tudo o que tinha sobrado dela era o que Michael podia ver, uma forma imóvel, tão magra que mal fazia volume sob o lençol azul-claro, cercada por tubos e monitores que piscavam e bipavam. Ele ficou esperando do lado de fora da janela, observando pelas frestas da persiana. Até seria possível acreditar que ela estava bem. Os cabelos louros (que a mãe lavava regularmente) espalhavam-se ao redor do travesseiro, a expressão era serena, com olhos fechados. Apenas a pele — outrora queimada de sol — agora estava pálida e manchada, especialmente em volta da boca e do nariz. Muitos tubos e instrumentos eram colocados e retirados.

Mas, para alívio de Michael, não havia sinal dos pais dela. Ele abriu a parca e entrou, parando apenas ao ouvir uma voz.

— Oi, sumido.

Por um segundo ficou assustado, como se Kristin tivesse falado com ele outra vez, mas, ao se virar, viu Karen, a irmã dela, encolhida em uma cadeira no canto.

— Não quis te assustar — disse Karen. Ela estava com um livro enorme no colo, provavelmente de Direito, e, como sempre, o fazia se lembrar da irmã mais velha. Elas eram bem parecidas — mesmos olhos azuis penetrantes, mesmo sorriso e cabelos louros revoltos. Até o jeito de falar era semelhante, com um tom irônico de quem sabia de tudo.

— E aí, Karen. — Nunca soube como falar com ela, na verdade. Enquanto Kristin era a extrovertida, sempre em movimento e querendo sair de casa, Karen era a irmã quieta e estudiosa, debruçada nos livros e trabalhos sobre a mesa de jantar. Michael costumava trocar algumas palavras quando passava para pegar Kristin, mas sempre achou que estava interrompendo algo mais importante. — Então, como ela está? — Sabia que a pergunta era idiota, mas foi tudo o que conseguiu pensar.

Karen sorriu, o mesmo sorriso de Kristin, com o lado direito da boca virado um pouco para cima, e disse com tristeza:

— Na mesma. — Havia um tom de resignação na voz. — Meus pais gostam que um de nós fique aqui o tempo todo, então eu disse que esperaria enquanto eles jantam no Applebee's.

Michael assentiu, olhando para a mão de Kristin em cima do lençol. Os dedos estavam mais magros e frágeis do que se lembrava e havia um pequeno dedal preto, um monitor de algum tipo, preso ao anelar.

— Ela não teve convulsões nem nada do gênero durante a semana inteira — Karen falou. — Não sei se isso é bom sinal ou não.

Michael ficou pensando: o que seria um bom sinal? Sabia que Kristin jamais voltaria. Pelo menos a Kristin de verdade, a Kristin viva que queria escalar todas as montanhas ao seu lado e explorar cada floresta. Então o que eles esperavam? Sinais de que ela estava finalmente morrendo? Sinais de que nem mesmo as

máquinas poderiam mantê-la no limbo para sempre?

— Posso sentar na cama? — ele perguntou.

— Fique à vontade.

Michael sentou-se com delicadeza na beirada da cama, colocando a mão sobre a de Kristin, que parecia ser feita de frágeis ossos de passarinho.

— Estudando Direito? — Michael perguntou, apontando com a cabeça para o enorme livro aberto no colo de Karen.

— Lei de responsabilidade civil. — Fechou o livro fazendo barulho — Vai virar filme em breve.

— Com o Tom Cruise?

— Acho que com o Wilford Brimley.

Um servente entrou, recolheu o saco do lixo e o jogou em um latão com rodas. Quando saiu, Karen falou:

— É bom ver você de novo. O que tem aprontado?

— Nada de mais. — E como era verdade. Karen sabia (quem não sabia?) que ele estava sem rumo desde o acidente. — Mas eu queria fazer uma visita antes de viajar na sexta-feira.

— Ah, vai para onde?

— Antártica. — Nem ele próprio havia se acostumado a dizer para onde ia.

— Uau. A trabalho, imagino.

— *Eco-Travel*. Acabaram de conseguir autorização para eu embarcar. Vou ficar durante um mês em uma pequena base perto do Polo.

Karen pousou o livro no chão ao lado da cadeira.

— Kristin ficaria com muito ciúme.

Michael não conseguiu evitar olhar para Kristin. Mas o rosto, é claro, não demonstrava nenhuma expressão ou vida. Sempre que ia ao hospital ele ficava dividido entre falar como se ela estivesse presente de alguma forma, podendo ouvi-lo e acompanhar o que acontecia ao redor (mesmo Michael sabendo que era impossível), ou se comportar como se ela não estivesse ali. A primeira opção parecia uma mentira, e a segunda, crueldade.

— Sabe, a Krissy tinha alguns livros sobre a Antártica — Karen falou. — Eles ainda estão na estante do quarto. A expedição do Ernest Shackleton, coisas assim. Se quiser, tenho certeza de que ela gostaria que ficassem com você.

E agora estavam distribuindo seus pertences. Com ela logo ali. Ou não. Michael perguntava-se onde ela estava. Seria possível que houvesse algum vestígio de consciência ainda flutuando por ali sem o conhecimento deles, em algum lugar do vazio cósmico?

— Valeu. Vou pensar a respeito.

— Só não comenta na frente dos meus pais. Eles ainda acham que a Kristin vai voltar para casa e que tudo vai ficar bem outra vez.

Michael concordou. Ele e Karen compreendiam a situação sem precisar colocá-la em palavras. Ambos sabiam e aceitavam o diagnóstico médico. Karen até tinha visto o exame que mostrava — em preto, como era de se esperar — a grande parte

do cérebro da irmã que já havia atrofiado. Ela descreveu a imagem para Michael como uma “vila sombria com apenas duas ou três luzinhas brilhando nas janelas”. E até mesmo estas luzes estavam se apagando. Cedo ou tarde, a escuridão iria consumi-las também.

Michael ouviu a voz trovejante do pai de Karen no corredor, cumprimentando as enfermeiras da recepção. Ele era o mais bem-sucedido dono de concessionária em Tacoma e tratava todas as pessoas como clientes em potencial. Michael ficou de pé e trocou um olhar com Karen; ambos sabiam que o que estava por acontecer era inevitável.

Quando passou pela porta e viu Michael ao lado da cama, o pai de Kristin parou tão repentinamente que a esposa esbarrou nele por trás. Karen também ficou de pé, pronta para defender Michael, caso fosse necessário.

— Pensei ter dito que não viesse mais aqui — ele disse.

— Michael só veio para se despedir — Karen interrompeu e andou até o espaço entre os dois. — Ele vai viajar.

A sra. Nelson saiu de trás do marido com uma quentinha da Applebee’s na mão. Michael nunca soube muito bem a opinião dela. Tinha certeza de que o sr. Nelson o culpava pelo acidente; ele jamais gostara de Michael, e com certeza jamais gostaria de um homem que lhe roubasse o amor da filha. Porém, a sra. Nelson mal conseguia dizer três palavras antes de ser interrompida pelo marido, de forma que era difícil saber qual era a sua opinião sobre qualquer assunto.

Michael tinha noção de que sua única aliada era Karen.

— Ele chegou há poucos minutos — dizia ela agora — e Kristin teria gostado da visita.

— Ninguém sabe do que Krissy gosta... — Michael notou que o pai usou instintivamente o tempo presente na conversa. — Mas eu sei o que eu quero — continuou. — E o que a mãe dela quer. Nós queremos que Krissy descanse e se recupere sem pensar no que aconteceu. Essas lembranças só vão atrasar sua recuperação.

— É uma pena que pense assim — Michael arriscou —, mas não vim aqui para aborrecê-lo. Já me despedi de Kristin e estou de saída.

Michael virou-se para olhar pela última vez para Kristin, tão parada e muda quanto uma estátua, e então passou espremido pelo enorme ombro do pai dela, que se recusou a mover um centímetro. Por uma fração de segundo pensou ter visto um olhar compreensivo vindo da amedrontada sra. Nelson.

Já estava na metade do corredor quando ouviu passos rápidos se aproximando por trás. Era Karen. Por que ela tinha que lembrá-lo tanto da irmã? Ela pegou em sua manga ao falar.

— Sei que a Kristin não está aqui, você sabe disso também, mas meus pais ainda pensam...

— Eu sei que pensam.

— Mas se você quiser mesmo ver aqueles livros...

— Valeu, vou pensar no assunto — disse, sabendo que não iria. E também

tinha noção de que ela não estava falando dos livros, de qualquer forma. O servente passou com o latão de lixo.

— Mas caso haja, sei lá, uma parte da Krissy ainda por aqui, sei que ela ficaria contente por você ter vindo — Karen falou.

Michael viu lágrimas se formando nos olhos dela.

— Sei que você a amou de verdade, e eu também — disse, lutando para falar o resto —, exceto talvez quando ela roubou meus patins e quebrou a lâmina. — Riu e largou a manga de Michael. — Tenho certeza de que ela gostaria que eu dissesse para você tomar cuidado na viagem.

Michael sorriu.

— Vou tomar, sim.

— De verdade — falou, sendo mais insistente. — É sério. Tome cuidado.

Ele passou o braço por seus ombros para tranquilizá-la.

— Juro solenemente não tirar as luvas e manter minhas orelhas sempre aquecidas.

Karen o afastou gentilmente.

— Senão, a Krissy vai ficar furiosa com você... e eu também.

— Eu não quero que isso aconteça — Michael disse.

— Não mesmo.

— Karen! — gritou o sr. Nelson com a cara para fora da porta do quarto.

— Sua mãe quer falar com você.

Ela mordeu os lábios.

— *Agora*, Karen!

Michael passou a mão no ombro dela, virou-se e foi em direção à recepção.

Dessa vez ninguém lhe dirigiu a palavra ao passar.

3

1889

VERDE... VERDE-ESMERALDA, escuro e reluzente.

Era isso que ela sonhava.

O verde da grama do campo de Yorkshire.

O verde das folhas em um dia de sol no Regent's Park.

O pano verde da mesa de bilhar no clube em Pall Mall. (O acesso ao andar de cima era proibido às mulheres, mas Sinclair deu um jeito de evitar o porteiro e subir com ela pela escada de serviço nos fundos.)

As águas verdes do Estreito de Bósforo...

Desde que fosse possível afundar no verde, ela estava contente. Era possível lembrar o perfume do campo onde cresceu... a grama úmida, curvada pela brisa de verão, o contraste com o preto e branco das vacas... os morros baixos e verdes ao anoitecer, o sol reluzindo como o relógio de bolso de ouro de seu pai...

Podia sentir a textura das folhas lisas e macias ao andar pelo parque na hora de almoço do hospital durava apenas meia hora, mas naquele período — e se o vento estivesse soprando em direção ao Tâmesa — ela podia respirar ar puro, sem cheiro de sangue, morfina ou éter. Algumas vezes guardava folhas e flores cheirosas nos bolsos do uniforme antes de voltar para o hospital...

O verde do mar... ela jamais viajou pelo mar antes de ir para a Turquia. Sempre o imaginara azul ou talvez cinza, pois era assim que ele aparecia em todos os quadros que conhecia, mas ao vê-lo do alto do convés, olhando para o rastro frito pelo navio na água, surpreendeu-se com o tom esverdeado como a oxidação das estátuas do Royal Museum (aonde Sinclair a levou antes de o regimento partir)...

Mas os devaneios acabaram... como sempre acabam... e uma mão gelada apertou seu coração. Ela teve que lutar mais uma vez para se deixar envolver pelo

verde, para se abrigar na própria imaginação... para aquecer a mão fria que se enfiou por debaixo das roupas e congelou sua essência. Percorreu mil vezes este caminho e temia que o percorreria outras mil vezes antes de conseguir acordar... antes que se livrasse deste estranho sonho que ainda a mantinha prisioneira...

4

24 de novembro, 10h25

MICHAEL TINHA NOTADO O RUIVO BAIXINHO DESCENDO do avião em Santiago e soube na hora que era um cientista. Havia alguma coisa neles que entregava imediatamente o que faziam, apesar de Michael não saber apontar o quê exatamente. Não era um detalhe óbvio como o cheiro de formaldeído ou um transferidor saindo de dentro do bolso. Não, tinha algo a ver com a expressão; Michael já havia estado ao lado de vários cientistas enquanto fotografava e escrevia sobre a natureza para saber que eram ao mesmo tempo distantes e altamente observadores. Podiam fazer parte de um grupo e, ao mesmo tempo, parecer fora dele. E, por mais que alguns cientistas tentassem se enturmar, eles nunca conseguiam de verdade. Eram como os peixes-lua que Michael tinha fotografado nas Bahamas; todos eles, por razões de segurança, tentavam nadar no centro do cardume, mas alguns, por sabe-se lá que razão, ficavam de fora e nunca conseguiam entrar.

E obviamente viravam presas fáceis.

Durante a espera para pegar o teco-teco que o levaria a Puerto Williams, Michael arrastou a sacola de lona para a praça de alimentação lotada do aeroporto. O ruivo estava sentado sozinho em uma mesa de canto com a cabeça enfiada no laptop. Michael ficou próximo o suficiente para notar que ele estudava um gráfico complexo, cheio de números, setas e linhas cruzadas. Pelo que podia ver, parecia um desenho quase topográfico. Observou por um segundo ou dois até o sujeito virar na cadeira; ele tinha um rosto miúdo e estreito com sobrelanceiras ruivas também. Olhou Michael de cima a baixo antes de dizer:

— Não tem como isso ser interessante para você.

— Você ficaria surpreso — Michael falou ao se aproximar. — Não quis incomodá-lo. Só estou esperando minha conexão para Puerto Williams.

Estava esperando também para ver se a desculpa colava — e colou.

— Eu também — disse o sujeito.

— Posso me sentar? — Michael falou ao ocupar a última cadeira vazia de a praça de alimentação.

Depois de colocar a sacola no chão e passar o pé pela alça (um hábito que

adquiriu ao viajar à noite para locais desconhecidos), Michael estendeu a mão e se apresentou.

— Michael Wilde.

— Darryl Hirsch.

— Puerto Williams, hein? É sua última parada?

Hirsch digitou algo no teclado e fechou o laptop. Olhou para Michael como se não soubesse o que pensar dele.

— Você não é um agente secreto ou algo do gênero, é? Porque, se for, está fazendo um péssimo trabalho.

Michael riu.

— Por que acha isso?

— Porque eu sou cientista, e a gente vive numa era de imbecis. Até onde eu saiba, você pode estar me seguindo para ter certeza de que eu não vou provar *que* a Terra está se aquecendo; embora seja óbvio que *est*. As calotas polares *estão* derretendo, os ursos polares *estão* desaparecendo e as teorias antidarwinistas foram feitas para enganar os trouxas. Então vai em frente, pode me prender.

— Relaxa. Você está sendo meio paranoico, se me permite dizer.

— Só porque uma pessoa é paranoica — Darryl comentou —, não quer dizer que não esteja sendo seguida.

— Verdade — Michael respondeu. — Mas eu gosto de pensar que sou do bem. Eu escrevo e tiro fotos para a *Eco-Travel Magazine*. Estou indo para a Antártica fazer uma reportagem sobre a vida numa estação de pesquisa.

— Que estação de pesquisa? Uma dúzia de países instalou bases lá só para reclamar posse da terra.

— Point Adélie. O mais próximo do Polo a que se pode chegar.

— Ah — falou Hirsch ao assimilar a informação. — Eu também, hã, que coisa. — Parecia que ainda não desistira de sua teoria conspiratória. Bateu os dedos sobre a tampa fechada do laptop. — Então você é jornalista.

Michael percebeu o brilho nos olhos que já vira milhares de vezes antes. Quando as pessoas descobriam que ele era jornalista, havia uma surpresa inicial seguida de aprovação e, então, um nanossegundo depois, a compreensão de que poderia torná-las famosas. Ou, pelo menos, poderia escrever a respeito delas. Era como ver pequenas lâmpadas se acenderem em suas cabeças.

— Bacana. Que coincidência — Hirsch disse. Com uma naturalidade forçada, ele abriu de novo o laptop e começou a digitar. — Vou te mostrar uma coisa. — Virou a tela para que Michael pudesse vê-la. O gráfico elaborado reapareceu. — Esse é o fundo do mar da plataforma continental, debaixo do gelo ao redor de Point Adélie. Você pode ver até onde ela vai. E aqui — apontou a tela com um dedo de unha roída — é o ponto em que a plataforma continental para repentinamente, no que nós chamamos de zona abissal. Eu planejo descer por algumas centenas de metros nessa viagem. Sou biólogo marinho da *Woods Hole Oceanographic*, por falar nisso. Estudo os nototenídeos — peixes-gelo — assim como os caramujos do mar, enguias e peixes-rato. Você sabe o que são, certo?

Michael disse que sim, embora tivesse que admitir para si mesmo que sabia muito pouco sobre o assunto.

— E estudo como os seus metabolismos funcionam nesse ambiente incrivelmente hostil. Pensando bem, minha pesquisa daria grandes fotos. Essas criaturas se adaptaram de uma maneira fantástica aos seus nichos ecológicos e, ao menos para mim, têm uma beleza fenomenal, embora algumas pessoas, eu acho, não consigam vê-la. Mas o problema está, creio eu, na aparência tão alienígena que a princípio...

Não havia como interrompê-lo. O sujeito sequer parava para tomar fôlego. Michael olhou para a xícara de expresso e imaginou quantas o seu novo companheiro de viagem teria consumido.

— E muitos desses animais, não importa o tamanho ou a simplicidade, têm um verdadeiro manancial de parasitas pelo corpo todo, desde as glândulas anais até os canais lacrimais.

Ele explicava isso como se estivesse descrevendo os maravilhosos brinquedos de um parque de diversões.

— E, como tenho certeza de que você sabe, a grande aposta de sobrevivência de um parasita é garantir que o hospedeiro que está devorando seja, por sua vez, devorado por outra coisa.

Michael imaginou se era assim que o sujeito costumava jogar conversa fora.

— Você sabia, por exemplo, que a larva do acantocéfalo deixa deliberadamente seu hospedeiro anfípode louco?

— Não — Michael admitiu. — Por que ela faria isso?

— Para que o hospedeiro saia do seu esconderijo, que é geralmente debaixo de uma pedra, e nade que nem um louco pela água, onde certamente vai ser comido por um peixe.

— Não diga.

— Não se preocupe. Vou te mostrar muitas coisas do gênero quando a gente chegar lá — Darryl disse em tom de consolo. — É eletrizante.

Michael percebeu que ele iria recomendar a enaltecer as glórias que esperam para ser descobertas no fundo do oceano, quando um pequeno alto-falante anunciou em espanhol, e depois em inglês, que havia começado o embarque dos passageiros com destino a Puerto Williams.

Hirsch continuou a tagarelar pela pista de decolagem, diante do frio e vento, e ao subir pela pequena escada de acesso ao teco-teco. Ele não precisou se abaixar para entrar, enquanto Michael teve que se curvar para evitar bater com a cabeça. O avião tinha apenas dez lugares, cinco de cada lado, e o ambiente era bem apertado, porque todos os passageiros estavam de casacões, arcas, botas, luvas e chapéus. Eles conversavam em espanhol. Darryl Hirsch pegou o assento do outro lado de Michael no corredor, mas as conversas morreram assim que o avião começou a taxiar pela pista com as hélices zumbindo e rotores grunhindo. Seria preciso gritar a plenos pulmões para se fazer ouvir mesmo do outro lado do corredor estreito.

Michael afivelou o cinto de segurança e olhou pela janelinha redonda. O avião penou um pouco para levantar voo por causa dos fortes ventos contrários, mas, assim que conseguiu, afastou-se rapidamente do chão, passou por cima de uma cadeia de montanhas e tomou o rumo do sul seguindo a costa do Pacífico. Levou um minuto ou dois para o estômago de Michael sair da garganta. Lá embaixo era possível ver as ondas brancas batendo, agitadas por ventos fortes e constantes. Ele sabia que estava a caminho do lugar onde mais ventava na Terra, além de ser o local mais seco, frio e deserto do planeta. Era início de tarde, mas a luz não acabaria. Estavam no verão austral, onde o sol jamais se punha. Ele aparecia no horizonte ao norte como uma moeda fosca, cobrindo tudo com uma luz que ora brilhava intensamente, ora sumia diante da sombra das tempestades. Nos próximos meses e semanas, o sol viajaria lentamente pelo céu, atingindo seu ápice no solstício do dia 21 de dezembro, antes de ir completamente embora ao fim de março. Então a lua iria reinar tão inquestionavelmente quanto o sol agora.

Embora Michael quisesse ficar acordado para lembrar todos os momentos da viagem, foi ficando cada vez mais difícil evitar o sono. Parecia estar viajando havia dias de Tacoma a Los Angeles, de Los Angeles a Santiago, e agora de Santiago a Puerto Williams, a cidade mais ao sul do mundo. Desceu a cortina de plástico da janela e fechou os olhos. O avião estava quente demais, e seus pés ferviam dentro das botas. Mas Michael se sentia muito cansado até para tentar desamarrar os cadarços. Ajeitou-se no assento desconfortável — era possível sentir os joelhos do sujeito atrás dele cutucando suas costas pelo fino estofado —, mas conseguiu cair no sono assim mesmo. O zumbido constante dos rotores, a cabine apertada, a luz inalterável...

Ele começou a sonhar com Kristin, como sempre, em alguma ocasião em que estavam felizes juntos, quando foram andar de caiaque no Oregon ou voar de *Parasai* em Yucatán. Porém, quanto mais mergulhava no sono, mais sombrios e perturbadores se tornavam os sonhos. Várias vezes teve a bizarra sensação de estar dormindo e, ao mesmo tempo, ter consciência disso. Tentava controlar os pensamentos e levá-los para outra direção, mas permanecia preso a eles. Antes que percebesse, estava de volta à saliência rochosa nas Cascades, encolhido de frio com Kristin nos braços. Segurava com tanta força que os braços doíam e pressionava tanto os pés contra o paredão de rocha que eles estavam dormentes. Falava com ela, dizendo que o pai ficaria furioso e que a irmã iria chamá-la de melodramática. Mas, quando a aeromoça o sacudiu para que acordasse e se ajeitasse para o pouso, ele descobriu que estava abraçando a própria mochila e que as pernas compridas estavam presas no trilho de metal do assento à frente.

Darryl estava bem desperto, com um sorriso rasgado — se entupir de expressos dá nisso...

— Olha pela janela! — Gritou sobre barulho dos rotores. — É do seu lado!

Michael ajeitou-se, coçou os pelos duros do queixo e levantou a cortina. Outra vez foi atingido por aquela estranha luz que dava vontade de fechar os olhos ou virar o rosto. Mas lá embaixo, ao longe, era possível ver a ponta do continente sul-

americano ficando estreita como um sapato de bico fino e quase desaparecendo onde os oceanos Atlântico e Pacífico se fundiam. Na ponta daquele sapato ele viu uma manchinha escura.

— Puerto Williams! — Darryl berrou, exultante. — Consegue ver?

Michael não conteve o sorriso. Ele gostava do sujeito, mas ia precisar de um tempo para se acostumar com Darryl. Fez sinal de positivo com o polegar.

O piloto deu algumas instruções em espanhol, que Michael imaginou serem algo do tipo “coloquem os assentos na posição vertical”, e o avião fez uma curva acentuada em direção a uma longa cadeia de montanhas marrons. Quando ficou paralelo a elas, e aparentemente protegido dos ventos do leste, começou a descer suavemente e o piloto diminuiu a força dos rotores. Os ouvidos de Michael estouraram como rolhas. Por um momento parecia que o teco-teco estava em queda livre, até Michael ouvir o barulho do trem de aterrissagem sendo abaixado e sentir o nariz do avião erguendo-se um pouco. O ruído dos rotores diminuiu consideravelmente, e a aeronave pareceu planar como uma gaivota sobre a pista de cascalho até tocar o solo com um solavanco, indo então em direção a um par de hangares enferrujados, um terminal decadente e uma torre de controle que Michael podia jurar que inclinada dez graus.

Vários passageiros aplaudiram, e o piloto apareceu para dizer:

— *Muchas gracias, señoras y señores, y bienvenidos al fin de la tierra.*

Para isso Michael não precisou de tradutor. Bem-vindos ao fim da Terra.

5

24 de novembro, 16h15

O CAPITÃO BENJAMIN PURCELL, comandante do navio quebra-gelo *Constellation*, estava ficando impaciente. Ouviu da cabine a chegada do teco-teco que trouxe os dois últimos passageiros, mas isso tinha sido havia mais de uma hora. Onde diabos eles estavam? Quanto tempo se levava para ir do aeroporto ao porto? Não havia muito o que se ver em Puerto Williams (2.512 habitantes no último censo). Depois que se visitava a *Proa del Escampavia Yelcho* — a proa preservada do quebra-gelo que resgatou a equipe de Ernest Shackleton passando fome na ilha Elefante em 1916 —, não havia mais nada de interessante por ali. E Purcell sabia muito bem disso, pois navegava pelos portos do sul da Argentina e do Chile havia quase dez anos e desde então jamais vira qualquer melhoria na cooperação ou amizade entre os dois países. Até hoje não havia uma conexão via barco confiável entre Puerto Williams, no litoral norte da ilha Navarino, e Ushuaia, no lado argentino do canal.

Foi até a ponte, onde o segundo-tenente Gallo fora posto de prontidão enquanto permaneciam atracados. Tirando o posto de comando, que ficava 13 metros acima deles e era usado para observar a aproximação de icebergs, a ponte tinha a melhor vista do porto e do arredor de cidade em cima do morro. A poucas centenas de metros de distância, no *Muelle Guardian Brito* ou píer principal, estava ancorado um navio cruzeiro norueguês. Dava para ouvir um dos antigos sucessos do Abba — seria *Dancing Queen*? — vindo do salão de festas.

— Me dá aquilo — disse ao segundo-tenente, gesticulando para os binóculos ao lado do timão. Apontou para o alto do morro em direção ao centro comercial (não havia nada além de algumas lojas de artesanato, um armazém e uma agência de correio), procurando alguém que parecesse ser foto jornalista ou biólogo marinho. As poucas pessoas que conseguiu ver foram turistas idosos tirando fotos uns dos outros contra os picos de granito conhecidos como Dentes de Navarino. Afinal, se uma pessoa se desse o trabalho de viajar a um dos pontos mais remotos do planeta, era bom que tivesse provas incontestáveis da aventura ao voltar para

casa.

— A doutora ficou bem lá no alojamento? — Purcell perguntou para o segundo-tenente Gallo.

— Bem, senhor. Sem reclamações.

— Onde você a colocou?

— A suboficial Klauber ofereceu sua cabine para a dra. Barnes, senhor.

Tinha sido um golpe de sorte, Purcell pensou. Cabines estavam em falta. A doutora, um dos três passageiros da NSF que ele tinha que transportar até Point Adélie, era uma afro-americana volumosa (o que viria a calhar para a Antártica, ele pensou) e de aparência robusta. Quando ela chegou, no dia anterior, e apertou sua mão, ele sentiu os dedos sendo amassados. A doutora iria se dar bem na Antártica. Era a terra onde os fracos não têm vez.

Purcell varreu a cidade com os olhos de novo e, dessa vez, finalmente, viu dois homens olhando para o porto. Um deles, um baixinho de cabelo ruivo, estava perguntando algo para um pescador chileno, que apontou com um braço, ainda segurando um balde com iscas, para o *Constellation*. O outro sujeito era alto com cabelo negro esvoaçante (aquela era uma terra para gorros, ele logo aprenderia) e trazia uma sacola cheia a ponto de estourar. Ele também tinha uma mochila de náilon azul que deixava ver os contornos de um laptop. Enquanto os dois homens desciam em direção ao porto, Purcell viu que o baixinho havia contratado um moleque local para empurrar um carrinho de mão lotado com seu próprio equipamento.

— Eles chegaram — Purcell disse. — Dê duro neles. — O segundo-tenente obedeceu dando alguns toques curtos da buzina do navio. — Recolha as amarras — continuou o capitão — e prepare para zarpar.

Ao arrastar a sacola pelo píer de metal e concreto, Michael viu um tripulante de branco descendo a rampa. O barco era maior do que imaginava — calculava que talvez tivesse uns 120 metros de comprimento —, com o que parecia ser um helicóptero debaixo de uma lona enorme no convés da popa. As laterais do navio eram pintadas de vermelho, exceto por uma larga faixa diagonal branca na proa. Na popa havia duas hélices gigantescas. Quebre o gelo com o casco, Michael imaginou, depois pique com as hélices. Resumindo: o navio era uma enorme máquina de cubos de gelo flutuante.

— Dr. Hirsch? — chamou o marinheiro. — Sr. Wilde?

— Aqui — Darryl respondeu e Michael levantou o queixo para concordar.

— Suboficial Kazinski. Bem-vindos a bordo do *Constellation*.

Kazinski pegou as malas do carrinho de mão e, enquanto Hirsch catava algumas notas para o moleque, o suboficial virou nos calcanhares e subiu rapidamente a rampa, falando por sobre o ombro.

O comandante é o capitão Purcell. Ele requisitou sua presença na hora do jantar no refeitório dos oficiais. À sete horas. Por favor, vistam-se de acordo com a ocasião.

Michael pensou o que *aquilo* queria dizer. Ele esquecera de colocar um king na

mala. (Não que tivesse um, de qualquer forma).

Uma vez no convés, Michael olhou ao redor. A seu ver, a ponte, a uns 15 metros de altura, era estranhamente alta e larga, ocupando na prática toda a largura do navio. Acima dela havia uma espécie de cesto da gávea, montado no que parecia ser uma chaminé. A vista devia ser incrível. Tentaria tirar umas fotos de paisagem lá do alto durante a viagem para Point Adélie.

— Os senhores vão dividir uma cabine na popa — disse Kazinski. — Sigam-me, vou acompanhá-los aos seus aposentos.

Enquanto se dirigiam a uma escadaria estreita, vários marinheiros passaram apressados, e Michael percebeu alguns tripulantes descendo pelos degraus acima deles. Ouviu comentários sobre amarras, troca de combustível e uma piada sobre um operador de sonar que não fez o menor sentido para ele, mas que provocou altas gargalhadas nos marinheiros.

— São quantos homens a bordo? — Michael perguntou.

— A tripulação consiste de 102 homens e mulheres, senhor.

Michael percebeu o erro. Ele não tinha visto nenhuma mulher ainda, mas aparentemente havia algumas no navio. Como se fosse preciso uma prova, uma mulher alta e magra, com uma prancheta debaixo do braço, surgiu de repente de uma escotilha; Kazinski imediatamente fez posição de sentido e bateu continência.

Ela devolveu a continência e estendeu a mão para Hirsch.

— O senhor deve ser o dr. Hirsch. Sou a capitã de corveta Kathleen Healey, oficial de operações a bordo. — Ela tinha uma atitude séria e diligente; até o cabelo castanho cortado curto que aparecia debaixo do boné dava a impressão de eficiência. — E o senhor é o jornalista? — disse para Michael.

— Desculpe, vi seu nome no relatório matinal, mas o esqueci.

Michael apresentou-se e disse:

— É um prazer estar a bordo.

— Sim, estávamos à sua espera.

Michael teve a impressão de que ele e Hirsch tinham atrasado o andamento do navio.

— Os senhores são os últimos passageiros da NSF — falou Healey.

— Tem mais gente? — Hirsch perguntou.

— Só uma passageira. Dra. Charlotte Barnes. Ela chegou há dois dias.

A buzina deu um novo toque longo e retumbante acima deles. Mais três marinheiros passaram voando. O convés ressoava o ruído do motor de estibordo sendo ligado.

— Se os senhores me derem licença...

Michael concordou e ouviu Healey dando direito enquanto se afastava.

— Por aqui — disse Kazinski ao desaparecer por uma escotilha. Michael esperou que Hirsch passasse e então prosseguiu. O corredor era tão estreito que foi difícil andar com a sacola enorme, especialmente porque ela guardava o equipamento fotográfico, embalado cuidadosamente para protegê-lo contra acidentes. A câmera e os acessórios estavam em caixas de metal envolvidas por

todas as suas roupas, no centro. Por causa disso, a sacola estava pesada para cacete.

— O *Constellation* — prosseguiu Kazinski — é um dos maiores navios quebra-gelo da Guarda Costeira. Pesa um pouco mais de 13 mil toneladas e tem seis motores a diesel e três turbinas a gás. Levamos quase 4 milhões de litros de combustível. Em potência máxima o *Constellation* alcança 75 mil cavalos-vapor e navega a 17 nós. Em mar aberto, em um jogo máximo de 90 graus.

Michael imaginou como seria essa sensação. Já tinha enfrentado tempo ruim na Nova Escócia e uma tormenta nas Bahamas, mas jamais esteve em um quebra-gelo durante uma tempestade antártica.

— Tem chance de isso acontecer? — Hirsch perguntou. — Quero dizer, de o navio inclinar 90 graus? — Ele não parecia ansioso para que isso ocorresse.

— Não dá para dizer — falou Kazinski ao entrar em outra escotilha e — Cuidado com o degrau. Durante o verão, o mar aqui no sul não é tão agitado quanto no inverno, mas ainda assim estamos no cabo Horn. Tudo pode acontecer a qualquer hora. Cuidado com o degrau de novo.

Eles desceram por mais um pequeno lance de escadas de metal e, de repente, as janelas sumiram. Michael calculou que deviam estar abaixo da linha d'água. Até o ar parecia mais úmido e pesado. Luzes fluorescentes piscavam no teto e as vibrações do chão aumentavam enquanto o trio avançava rumo à popa. O barulho também ficou mais forte.

— E cá estamos — disse Kazinski ao se abaixar para entrar na cabine. — Lar doce lar.

Quando Michael e Darryl se juntaram a ele, mal sobrou espaço para os três dentro da cabine. Havia dois leitos estreitos presos às paredes opostas, com cobertores listrados arrumados à maneira militar, e uma mesa de metal dobrada na parede entre as camas. Uma luz forte vinda de um globo opaco no teto iluminava o ambiente, e uma porta de compensado levava ao banheiro. Michael sentiu cheiro de mofo.

— Esta é a cabine de luxo? — ele brincou e Kazinski riu.

— Sim, senhor. Reservamos para visitantes ilustres, apenas.

— Vamos ficar com ela.

— Ótima decisão. Eram os últimos leitos a bordo, senhor.

Ainda bem que Darryl também não aparentava se importar. Assim que Kazinski saiu, ele abriu uma das malas e começou a jogar algumas tralhas na cama à direita.

— Então — após parar um instante —, você quer aquela ali?

Michael balançou a cabeça.

— É toda sua. — Tirou a mochila do ombro e a colocou no colchão. — Mas, se deixarem chocolates no travesseiro à noite, eu quero ficar com os meus.

Enquanto Darryl desfazia as malas, Michael tirou uma de suas câmeras digitais — a Canon S80, boa para fotos simples de paisagem — e subiu ao convés. O *Constellation* deixara o porto e percorria lentamente uma rota rumo a sudeste

pelo canal Beagle, batizado assim em homenagem ao HMS Beagle, a embarcação que levara Charles Darwin por aquelas mesmas águas em 1834. A temperatura não estava tão ruim assim, talvez uns dois graus, e, como o navio ainda seguia mais ou menos protegido pelo canal, o vento era ameno. Michael conseguiu tirar umas fotos sem se preocupar com luvas ou dedos dormentes. Provavelmente não as usaria na reportagem, mas sempre gostou de ter algumas imagens que registrassem cada parte importante da viagem. Elas serviam para refrescar a memória na hora de escrever, e muitas vezes ficava surpreso que certas lembranças nem sempre correspondessem ao que as fotos mostravam. Tinha aprendido que a mente pregava peças.

O porto ficou para trás e o litoral se revelou coberto por uma camada verde-clara de musgo e líquen. Antigamente, aquela região assolada pelos ventos era ocupada pelos índios da Patagônia. Quando, em 1520, Fernão de Magalhães procurava uma rota para o oeste e viu as fogueiras dos índios nos morros e praias, chamou o local de Terra do Fogo. Agora não havia nada quente ali e muito menos sinal dos patagônios originais; eles foram dizimados por doenças e pela tomada da terra pelos exploradores europeus. Os únicos sinais de vida que Michael percebia no litoral eram os petréis voando pelos morros, cuidando dos ninhos e alimentando os filhotes. Quando sentiu os dedos ficando gelados demais para segurar a câmera, ele a guardou na parca, fechou o zíper e apenas se debruçou na amurada.

O mar era de um azul bem escuro e batia nas laterais do navio na forma de ondas constantes. Michael vinha lendo sobre a Antártica desde que Gillespie tinha passado a pauta e sabia que a ausência de gelo na água não ia durar muito. Assim que saíssem do canal e entrassem na Passagem de Drake e no cabo Horn, o mar viraria o mais perigoso da Terra. Mesmo agora, no verão do Hemisfério Sul, os icebergs seriam uma ameaça constante. Na verdade, Michael estava ansioso para que surgissem. Fotografar icebergs e geleiras, conseguindo capturar os tons delicados que iam do branco reluzente ao azul-escuro, era um desafio artístico e técnico de primeira grandeza. E Michael adorava um desafio.

Ficou ali por algum tempo antes de notar a presença de outro passageiro na amurada — uma mulher negra com o cabelo cheio de trancinhas, enfiada em um grande e longo sobretudo verde. Imaginou havia quanto tempo ela estava ali, a uns 5 metros de distância, lutando com a própria câmera. De seu ponto na amurada, Michael pensou que pudesse ser uma Nikon 35 mm. Ela estava apontando para a água, onde um par de leões-marinhos tinha acabado de aparecer, com suas cabeças pretas lustrosas brilhando como bolas de boliche. Michael gritou.

— Não é fácil em um navio em movimento, não é?

Ela se virou. Tinha um rosto largo com grandes maçãs do rosto e sobrancelhas arqueadas.

— Nunca é fácil — disse. — Nem sei por que eu tento.

Com uma mão na amurada para manter o equilíbrio, pois o navio balançava

com o movimento da água mesmo com o mar calmo, Michael foi até ela.

— Você deve ser o fotógrafo que estávamos esperando — ela disse.

— Sou. — Ele começou a se sentir como um aluno bagunceiro. — Você deve ser a médica que chegou adiantada.

— Sim, bem, quando você vem do meio-oeste, tem que aproveitar as conexões de voo que consegue.

Eles se apresentaram e Michael olhou para a câmera.

— Você está usando filme — disse.

— Tenho essa câmera há dez anos e acho que usei umas duas vezes. O que há de errado com filme?

— Agora está tudo certo. Mas quando a temperatura ficar realmente polar, você pode ter problemas. Filme racha facilmente no frio extremo.

Ela olhou para a câmera como se tivesse sido deixada na mão.

— Eu só trouxe porque minha mãe e minha irmã disseram para tirar fotos. — Então sorriu. — Talvez possa pegar algumas das suas emprestadas. Elas nunca vão notar a diferença.

— Fique à vontade.

Os leões-marinhos rugiram e então mergulharam de cabeça nas ondas.

— Você trabalha para a *National Science Foundation*? — Michael perguntou.

— Agora sim — a médica respondeu. — Tenho um monte de empréstimos escolares para pagar.

Michael calculou que ela devia ter saído da faculdade de medicina havia uns cinco ou seis anos, não mais do que isso.

— Para piorar, o hospital em que trabalho em Chicago está sendo investigado por umas seis agências diferentes. Achei que seria uma boa hora para sair de lá.

— E vir para a Antártica? — Michael já estava tomando notas na cabeça, pensando que ela seria uma ótima personagem para a matéria da *Eco-Travel*.

— Sabe quanto eles pagam a quem for louco o suficiente para passar seis meses aqui? — Uma rajada de vento surgiu do nada e levantou as trancinhas com algumas mechas louras. — Uma coisa eu posso dizer: é melhor do que trabalhar na emergência. Na verdade, eu soube dessa vaga por um colega de lá, que se inscreveu no ano passado.

— E sobreviveu para contar a história?

— Ele disse que mudou a vida dele.

— É isso o que você procura? — perguntou Michael. — Uma mudança de vida? Ela recuou um pouco e parou.

— Não, estou bem contente com minha vida até agora. — Porém, olhou para Michael com um pouco de cautela. — Você parece curioso.

— Desculpe — ele falou —, é um péssimo hábito. Ossos do ofício.

— De fotógrafo?

— Sou repórter também, por acaso.

— Tudo bem, então. Pelo menos sei com o que estou lidando. Mas vamos devagar. Acho que a gente tem muito tempo para se conhecer.

— Você está certa — disse ele, pensando consigo mesmo que suas técnicas de entrevista deviam ter ficado um pouco enferrujadas. — Por que não voltamos às dicas de fotografia e recomeçamos do zero?

Passou rapidamente algumas noções de como fotografar o mar, especialmente sob aquela luz tão peculiar do sul, e voltou para a cabine. *Calma*, pensou, *dê um tempo para que os entrevistados se abram por conta própria*. Ao chegar à porta, lembrou que precisava estar vestido de acordo com a ocasião do jantar. Sabia que teria que tirar da sacola a camisa de flanela menos amassada, colocá-la debaixo do colchão e deitar por cima durante algum tempo.



20 de junho de 1854, 18h

TERIA SIDO UMA NOITE COMPLETAMENTE normal para Sinclair Archibald Copley, tenente do 17º Regimento de Lanceiros, se não tivesse acabado de maneira tão imprevisível.

A noite começou às 18h no quartel, com várias rodadas de carteados que fizeram Sinclair perder vinte libras. Seu pai, o quarto conde de Hawton, não ficaria contente com um novo pedido de fundos. Ele havia jurado, após ter comprado a patente de Sinclair no Exército, que não ajudaria mais o filho. Entretanto, para evitar novos danos à reputação da família, já havia discretamente quitado uma dívida fabulosa de Sinclair com o alfaiate e outra com o proprietário oriental de um estabelecimento de má reputação em Bluegate-fields, onde Sinclair havia se deixado levar por uma conduta que o conde criticava como “depravada”. Certamente não se recusaria a mais um pequeno pedido, especialmente de um filho que podia ser mandado a qualquer hora para a Crimeia a fim de lutar contra os russos.

— O que dizem de jantarmos em meu clube? — Rutherford perguntou ao contabilizar o lucro da jogatina. — Como meus convidados, por certo.

— É o mínimo que você pode fazer — disse Le Maitre, o outro perdedor da noite. Por causa do sobrenome, ele era conhecido pelos amigos como Francês. — É o meu dinheiro que irá gastar.

— Ora, ora — Rutherford falou, coçando as exageradas costeletas —, não briguemos por conta disto. O que nos diz, Sinclair?

Sinclair não estava disposto a ir ao Athenaeum. Ele também tinha pequenas dívidas com muitos membros de lá.

— Prefiro ir ao Turtle.

— Que seja o Turtle, então. — Rutherford saiu desajeitado da cadeira. Todos haviam bebido muito enquanto jogavam. — E talvez uma visita mais tarde à madame Eugenie? — Piscou exageradamente para Sinclair e Le Maitre, enfiando o dinheiro deles no bolso do casaco. Rutherford estava de bom humor e tinha razão

para tanto.

Os três foram cambaleando pela Oxford Street, fazendo vários civis saírem do caminho, e seguiram patinando pelas lamacentas ruas de Londres. Na esquina da Harley Street, onde uma tal de srta. Florence Nightingale havia fundado recentemente um hospital para senhoras enfermas, Sinclair parou para observar uma bela jovem de quepe branco fechar as persianas de uma janela no terceiro andar. Ela também o viu, pois as dragonas e os botões de ouro brilhavam no crepúsculo, e o tenente sorriu em sua direção. A jovem recolheu a cabeça e as persianas se fecharam, mas não antes de Sinclair pensar tê-la visto devolver o sorriso.

— Vamos! — Rutherford gritou do fim da rua. — Estou faminto.

Sinclair alcançou os companheiros e juntos chegaram à chamativa luz da taberna Turtle. Uma placa de madeira com uma tartaruga verde, apoiada de maneira improvável nas patas traseiras, balançava sobre a porta. Do interior do estabelecimento, Sinclair ouviu o barulho de muitas vozes e copos e talheres batendo.

A porta abriu com um estrondo quando um gordo de cartola saiu. Rutherford manteve a entrada aberta para que Sinclair e Le Maitre passassem.

O salão de teto baixo tinha longas mesas e uma enorme lareira de pedra onde o fogo queimava. Garçons com uniformes sujos de gordura passavam entre os clientes, segurando bandejas com frango assado e grossas fatias de rosbife malpassado. Os fregueses batiam canecas vazias de cerveja nas mesas de madeira pedindo que fossem enchidas outra vez. Mas Sinclair não sentia fome nem sede.

— Rutherford, devolva-me cinco libras.

— Por quê?

— Já disse que é por minha conta.

— Vou até os fundos.

Quase todas as tabernas tinham um ringue nos fundos, mas o do Turtle era particularmente bem-frequentado. Com um pouco de sorte, Sinclair poderia recuperar o que tinha perdido nas cartas.

— Você é incorrigível — Rutherford respondeu enquanto gentilmente providenciava as cinco libras.

— Vou com você — disse Le Maitre, para o susto de Rutherford.

— Vão me deixar jantando sozinho?

— Não por muito tempo — falou Sinclair enquanto puxava Le Maitre pelo braço para a porta dos fundos. — Voltaremos com o lucro.

Havia um beco imundo atrás da taberna, coberto de ossos e sobras de carne de animais, e do outro lado um velho estábulo que tinha sido convertido para jogos. O calor e o mau cheiro eram insuportáveis lá dentro. Lamparinas a gás queimavam em balaústres de ferro, iluminando a multidão que se amontoava ao redor do ringue — um quadrado de uns 5 metros de largura e talvez um metro de altura.

O organizador, um sujeito sem camisa e com uma bandeira do Reino Unido tatuada nas costas, estava no centro do ringue anunciando a próxima rodada. A

areia do piso estava úmida de sangue, saliva e tufo de pelos arrancados.

— Temos Duke, um malhado, e temos Whitey! — gritou. — Se fizerem a gentileza de abrir espaço, cavalheiros, terão a oportunidade de ver essas belas feras antes das apostas!

A multidão afastou-se, abrindo passagem para dois homens com pit bulls presos por correntes curtas e os focinhos amarrados com cordas. Os cães esticavam ferozmente as correntes enquanto eram levados à borda do ringue, com os tratadores fazendo de tudo para que não pulassem lá dentro ou avançassem um contra o outro.

— Duke vem de Rosemary-lane — o organizador anunciou — e Whitey, ora, Whitey é o orgulho de Ludgate Hill. Dois belos campeões, cavalheiros, e uma disputa equilibrada. Então, façam suas apostas! — berrou. — Façam suas apostas, por gentileza!

Ele saiu do ringue e rolou um barril até a borda.

— Já viu algum deles lutando? — O Francês chegou perto da orelha de Sinclair para ser ouvido na multidão.

— Sim, já ganhei apostando no Whitey — Sinclair respondeu ao levantar a mão para um agente de apostas. — Cinco no Whitey!

— Aumente para dez! — acrescentou o Francês.

O agente tocou no boné e se virou para um velho bêbado que puxava a sua manga. Como obviamente eles eram cavalheiros, não era preciso insistir que pagassem adiantado.

— Última chamada, cavalheiros — anunciou o organizador ao bater com o punho no barril fechado na borda do ringue. — Façam suas apostas!

Houve um agito repentino de gritos e mãos para o alto quando os tratadores dos cães retiraram as cordas dos focinhos. Eles latiam ferozmente e a baba saía voando. Então um sino tocou e o organizador gritou:

— Tudo pronto! — E todos os olhares voltaram-se para o barril. O sujeito puxou a tampa e o virou com o pé.

Um bando de ratos pretos, marrons e cinza rolou de dentro do barril e caiu no ringue como uma chuva torrencial. Logo eles se ajeitaram e correram para todas as direções, uns mordiscando os outros, alguns arranhando as tábuas de madeira que delimitavam o ringue. Vários até conseguiram pular para fora, mas os apostadores chutaram os ratos de volta, às gargalhadas.

Os cães ficaram possessos quando viram os ratos e bastou os tratadores soltarem as guias para que pulassem no ringue com os focinhos rosnando e as garras à mostra. Whitey foi o primeiro a matar, mordendo um rato cinza e gordo com vontade. Sinclair fechou o punho em triunfo e o Francês gritou:

— Bom trabalho, Whitey!

Dulce, o malhado, logo empatou a contagem, sacudindo um rato marrom como um trapo até a cabeça sair voando. Os ratos corriam para as laterais do ringue, subindo uns nos outros no desespero de escapar. Whitey avançou contra um no topo da pilha e o jogou no ar. O rato aterrissou de costas contra o chão e, antes

que pudesse se virar, o pit bull foi direto para a barriga dele e a abriu com um golpe só.

Os torcedores de Whitey vibraram da plateia.

E isso durou cinco minutos completos. Sangue, ossos e pedaços de ratos voaram para tudo quanto foi lado. Sinclair sempre fazia questão de ficar bem atrás, para que o uniforme permanecesse intato. Porém, em dado momento, Whitey pareceu perder o interesse pelo massacre e decidiu comer a presa. Sinclair pensou que ele não tinha sido bem-treinado; embora o cão tivesse que ser mantido com fome suficiente para preservar atizado o instinto por sangue, não deveria estar faminto a ponto de parar para consumir a caça.

— Levante-se, Whitey! — gritou o Francês, mas o cão se mantinha de quatro mastigando os roedores mortos espalhados entre as patas. Enquanto isso, Duke continuava o massacre.

Sinclair viu o dinheiro evaporando antes mesmo de o sino tocar e o organizador gritar:

— Tempo, cavalheiros!

Os tratadores pularam no ringue entre os cães e os vários ratos destrocados ainda rastejando semivivos.

O organizador olhou para o outro juiz — um menino de rua sujo, que segurava um sino de latão — e anunciou:

— É o Duke, cavalheiros! Duke de Rosemary-lane venceu ao matar 13 ratos.

Houve um clamor de alegria dos torcedores de Duke e vários recibos e moedas foram passando pela multidão. O agente de apostas apareceu diante de Sinclair, que de má vontade lhe deu a nota de cinco libras. O Francês fez a mesma coisa.

— Como Rutherford vai nos provocar — disse Le Maitre.

Sinclair sabia que o amigo tinha razão, mas já tinha havia a derrota da cabeça. Era melhor não remoer o azar. E a mente, por acaso, tinha tomado um rumo bem mais agradável. Ao se juntar à multidão barulhenta que retornava para a taberna, ele pensava na atraente jovem de quepe branco que vira fechando as persianas do hospital.

7

30 de Novembro

POR DIAS O CÉU ESTEVE REPLETO de pássaros que acompanhavam o *Constellation* enquanto o navio rumava em direção ao Círculo Polar Antártico. Michael posicionou o monópode — um modelo Manfrotto que permitia ajustes rápidos — na ponte de comando para fazer as melhores fotos possíveis das aves. Leu sobre o assunto à noite, na cabine, para entender o que estava observando.

Mesmo não sendo fácil fotografar os pássaros em pleno voo, pelo menos podia identificá-los.

Quase todas as aves tinham narinas tubulares com glândulas excretoras de sal, o que não ajudava muito na identificação. Tampouco as plumagens, praticamente todas de um monótono preto e branco. Mas as diferentes espécies apresentavam padrões de voo individuais e métodos de alimentação característicos, o que facilitava um pouco a tarefa.

O petrel-mergulhador, por exemplo, era pequeno e gorducho. Voava sobre o mar com as asas batendo rapidamente e planava por curtos momentos. Geralmente passava por dentro da crista de uma onda antes de mergulhar para capturar um pouco de krill.

A pomba-do-cabo dançava com as patas sobre a superfície da água.

O pardelão-prateado, de corpo cinza-escuro, ficava parado planando ao sabor do vento até mergulhar de cabeça no mar, como se desse um salto ornamental.

O faigão-rola avançava dentro das ondas usando o grande bico como uma pá, tirando o plâncton da água. Seu primo, o faigão-de-bico-fino, voava mais calmamente, abaixando a cabeça para pegar com agilidade uma presa a poucos centímetros da superfície.

O petrel-das-neves era o mais difícil de ser visto contra a espuma e o borriço do mar revolto. Ele quicava como uma bolinha de fliperama, movendo-se velozmente aqui e ali, sentindo a direção e a força das ondas com um toque das asinhas na água gelada.

Mas o rei de todos os pássaros, que voava no alto inspecionando o reino, era o

albatroz-gigante, a maior de todas as aves marinhas. No momento em que Michael procurava outra lente na bolsa à prova d'água, um deles pousou na lona que cobria o helicóptero no convés inferior, enquanto outros acompanhavam o navio, voando à altura da ponte. Michael jamais tinha visto uma criatura locomover-se com tamanha beleza e tão poucos movimentos. Com uma envergadura de 3 metros, a ave cinzenta de bico cor-de-rosa e testa escura mal parecia fazer esforço para voar. Michael tinha lido que as asas eram uma maravilha da aerodinâmica, capazes de captar as menores alterações no vento e imediatamente acionar os músculos para alterar o ângulo e o movimento de cada pena individualmente. Os ossos pesavam quase nada, pois eram parcialmente cheios de ar. Fora o breve período em que um albatroz pousava para fazer um ninho ou acasalar em uma ilha antártica, o pássaro vivia a maior parte da vida no ar, pegando carona nos ventos para dar a volta no globo sem parar. Era um prodígio de navegação.

Não é à toa que os marinheiros sempre reverenciavam os albatrozes e, como o capitão Purcell explicaria mais tarde durante um jantar, eles eram considerados “símbolos de boa sorte”.

— Esses pássaros têm na cabeça um sistema de navegação global melhor do que nós temos na ponte — falou o capitão.

— Hoje alguns albatrozes me fizeram companhia — Michael disse — enquanto estive na ponte.

Purcell concordou ao pegar a garrafa de suco de maçã.

— Eles conseguem ajustar a trajetória e a velocidade em relação ao navio que estão seguindo.

O capitão completou o copo da dra. Barnes. Como Michael havia aprendido na primeira noite a bordo, quando pediu uma cerveja cheio de inocência, não era permitido álcool em embarcações da Marinha ou da Guarda Costeira.

— Um ornitólogo amigo meu da universidade Tulane — falou Hirsch — colocou um radiotransmissor em um albatroz no oceano Índico e o acompanhou por satélite por um mês. A ave voou mais de 15 mil quilômetros em uma única viagem em busca de alimento. Aparentemente, o albatroz consegue ver a bioluminescência de cardumes de lulas centenas de metros à frente. Quando as lulas sobem à superfície para comer, o pássaro mergulha.

Ao pegar uma das tigelas do descanso de borracha, Charlotte fez uma pausa e disse:

— Isto não é lula, é? — Todos riram. — Quer dizer, ficaria triste de tirar a comida de algum albatroz faminto.

— Não, é uma das especialidades do cozinheiro: abobrinhas fritas.

Charlotte serviu-se e depois passou a tigela para Kathleen Healey, oficial de operações.

— Servimos muitos vegetais e frutas frescas na ida — comentou o capitão Purcell — e muitos enlatados e congelados na longa volta.

De repente, o navio oscilou como se desse um passo para o lado e voltou ao normal. Michael colocou uma das mãos na borracha que revestia toda a borda da

mesa e a outra no copo de suco de maçã. Ele ainda não estava acostumado ao constante balanço da embarcação.

— O navio tem a forma de uma bola de futebol americano — disse Kathleen, parecendo completamente inabalada pela turbulência. — Na verdade, ele não foi planejado para mares calmos. Nem tem uma quilha. O objetivo é atravessar placas de gelo e icebergs. É aí que vocês vão agradecer por estar a bordo.

— Tivemos sorte até agora — falou o capitão. — Passamos por uma área de alta pressão, ou seja, encontramos maré baixa e boa visibilidade, e avançamos bastante em direção a Point Adélie.

Mas Michael notou o tom de incerteza na voz de Purcell, assim como os demais. Charlotte parou com uma abobrinha na ponta do garfo.

— Mas? — ela perguntou.

— Mas parece que está se dissipando — respondeu. — No cabo Horn, o tempo pode mudar muito rapidamente.

— Estamos atravessando aos poucos a chamada zona de convergência antártica — Healey explicou. — É onde a água gelada que vem do Polo afunda abaixo da água mais quente proveniente dos oceanos Índico, Atlântico e Pacífico. Estamos entrando em mares mais imprevisíveis com temperaturas menos amenas.

— Hoje estava ameno? — disse Charlotte, antes de morder a abobrinha do garfo. — Minhas trancinhas congelaram tanto que viraram picolé. — Ela falou isto rindo, mas todo mundo sabia que não era realmente uma piada.

— Hoje vai parecer com uma onda de calor antes de chegarmos — o capitão falou ao segurar uma enorme tigela com salada primavera. — Alguém quer mais?

Darryl, que dispensou a entrada de coquetel de camarão, imediatamente esticou o braço. Eles descobriram que, apesar do tamanho, o cientista conseguia comer mais do que todos os presentes.

— Só estou tentando deixá-los preparados — o capitão prosseguiu — para o que vem por aí.

O aviso provou ser verdade antes do que o capitão esperava. Os ventos aumentaram gradativamente, e o gelo, que começou passando em pedaços do tamanho de vagões de trem, surgia em blocos cada vez maiores. Quando eles se tornaram intransponíveis, o navio fez aquilo para o que tinha sido projetado e passou por cima. Após o jantar, com o sol ainda parado acima do horizonte, Michael foi à proa assistir à luta entre os icebergs e o Constellation, o motivo de orgulho da frota de quebra-gelos da Guarda Costeira.

Darryl Hirsch também estava lá fora, todo coberto por agasalhos, com apenas os óculos saindo pela touca de esqui que cobria a cabeça e o rosto.

— Você tem que ver isso — ele disse enquanto Michael se juntava a ele na amurada. — É absolutamente hipnótico.

À frente havia uma placa de gelo do tamanho de um campo de futebol. Michael sentiu o Constellation acelerar ao bater diretamente no centro do bloco coberto de neve. De início o gelo não cedeu um centímetro. Michael ficou imaginando qual seria a espessura do bloco. Os motores gemeram e rugiram até que o casco do

navio, que era arredondado justamente para isso, subiu pela superfície da geleira e deixou que o próprio peso de 13 mil toneladas fizesse pressão. Apareceu uma rachadura no gelo, e depois outra, na direção contrária. O quebra-gelo manteve a pressão à frente, avançando o tempo todo, avassalador, e de repente o gelo rachou e se despedaçou. Fragmentos gigantes levantaram-se nas laterais da proa, subindo quase tão alto quanto o convés onde Michael e Darryl estavam. Os dois afastaram-se da amurada por instinto, mas de repente tiveram que se agarrar a ela para evitar rolar pelo convés até a popa.

Quando os fragmentos assentaram, Michael olhou pela amurada e viu os pedaços passando pelas laterais antes de serem sugados para a parte inferior do navio, a caminho das três gigantes hélices de 5 metros de diâmetro no outro extremo. Lá seriam moídos e picados em tamanhos menores antes de serem deixados para trás, boiando no rastro da embarcação.

Porém, o que mais surpreendeu Michael foi a parte de baixo do gelo. A superfície que parecia branca e imaculada, não era assim quando foi quebrada e virada para baixo. A parte inferior do gelo era uma visão deprimente, com um tom pálido de amarelo que parecia neve urinada por cachorro, na opinião de Michael.

— São algas que provocam a descoloração da parte de baixo — Darryl disse ao ler os pensamentos do amigo. Teve que levantar a voz para ser ouvido acima do gelo sendo moído e da ventania que aumentava. — Esses icebergs não são feitos de gelo sólido. Eles estão entrecortados por canais de água salgada repletos de algas, diatomáceas e bactérias.

— Então elas vivem debaixo do gelo? — Michael gritou.

— Não, vivem *dentro* do gelo — Darryl gritou em resposta, parecendo um pouco orgulhoso pela engenhosidade das algas. O navio avançou de novo e desceu. Mesmo sob aquela estranha luz, Michael percebeu que Darryl começava a ficar um pouco mareado.

Assim que o cientista pediu licença e correu para o interior do navio, Michael cansou de tentar manter o equilíbrio e desceu para o refeitório dos oficiais, sempre agitado à noite com jogos de cartas e algum DVD aos berros na TV (as opções iam de Bruce Lee e Jackie Chan a luta livre com The Rock). Mas não havia nada acontecendo. A tripulação, ele imaginou, devia estar de prontidão em outras funções. Abaixou a cabeça ao entrar na academia — uma apertada sala de ginástica espremida na proa e separada do oceano gelado apenas pelas anteparas. O suboficial Kazinski estava na esteira vestindo um short e uma camiseta apertada, escrito “ME BEIJE — SOU DA GUARDA COSTEIRA!”.

— Como você consegue se equilibrar nesse troço? — Michael perguntou quando o navio balançou de novo.

— Não tem hora melhor! — Kazinski falou com as mãos firmes na esteira e mantendo um ritmo intenso. — É como domar um cavalo selvagem!

Uma pequena TV no teto monitorava a proa em tempo real. Entre a água e a espuma que batia na lente, Michael conseguiu ver a imagem granulada e em preto e branco do mar revolto e cheio de blocos de gelo.

— A coisa está ficando feia lá fora — disse.

Kazinski olhou para o monitor sem perder o pique.

— Vai ficar ainda pior antes de a tempestade passar, com certeza.

Michael agradeceu que Darryl não estava ali para ouvir isso. Mas pessoalmente ficou contente. Navegar pelo mar mais perigoso do planeta sem encontrar uma tempestade seria o mesmo que visitar Paris e não ver a Torre Eiffel.

Apoiando as mãos no corredor, ele voltou aos trancos e barrancos para a cabine e abriu a porta. Darryl não estava na cama, mas a porta do banheiro se encontrava fechada e era possível ouvi-lo lá dentro, vomitando tudo o que tinha comido.

Michael jogou-se na própria cama e se recostou. *Apertem os cintos*, pensou *esta será uma noite turbulenta*. Kristin citara muitas vezes esta velha fala de Bette Davis quando se encontravam isolados em algum lugar precário quando o sol se punha. O que ele não daria para tê-la ali agora e ouvi-la dizer a frase mais uma vez.

A porta de compensado se abriu e Darryl saiu com o corpo dobrado, abalado, e se esparramou na cama. Quando percebeu a presença de Michael, murmurou:

— Não entra lá. Eu vomitei.

Michael teria ficado surpreso se ele não tivesse vomitado.

— Você tinha mesmo que repetir o prato no jantar? — disse.

Darryl, somente de ceroulas, deu um sorriso exausto.

— Na hora pareceu uma boa ideia.

— Você vai ficar bem?

O navio balançou de repente, com tanta violência que Michael teve que agarrar a armação da cama presa ao chão.

Darryl ficou ainda mais verde e fechou os olhos. Michael recostou-se na parede, ainda segurando a armação. Sim, com certeza seria uma noite turbulenta, mas imaginou quanto tempo uma tempestade daquela duraria. Seriam dias? E ficaria pior? Aliás, como poderia ficar pior?

Pegou um dos livros sobre pássaros, mas o navio estava balançando demais para ler. Ficou enjoado só de tentar me concentrar e guardou o livro debaixo do colchão. Ali nos alojamentos da parte traseira do navio, o rugido das hélices e dos motores tornou-se ainda mais alto do que antes. Darryl estava deitado imóvel como uma múmia, mas bufava e bafejava.

— O que você tomou? — Michael perguntou. — Escopolamina?

Darryl gemeu que sim.

— Mais alguma coisa?

Ele levantou uma mão mole com uma tira elástica, mais grossa que uma pulseira de borracha.

— O que é isso?

— Tira de acupressura. Dizem que ajuda.

Michael nunca tinha ouvido falar naquilo e também parecia que Darryl não levava muita fé na coisa.

— Quer que eu veja se a Charlotte tem algo mais forte? — Michael perguntou.

— Não vai lá fora — Darryl sussurrou. — Você vai morrer.

— Só vou andar pelo corredor. Volto já.

Michael esperou por um momento de calmaria, ficou de pé e saiu pela porta. O longo corredor, que balançava de um lado para outro, parecia saído da casa maluca de um parque de diversões. As luzes fluorescentes piscavam e zumbiam. A cabine de Charlotte era no meio do navio, talvez a uns 30 metros de distância, mas foi uma caminhada lenta, porque Michael teve que manter os pés bem afastados.

Ao ver a luz por debaixo da porta, ele soube que a médica estava acordada quando bateu.

— É o Michael — chamou. — Acho que o Darryl precisa de ajuda.

Charlotte abriu a porta vestida em um robe de estilo chinês, com dragões verdes e dourados cuspindo fogo, e chinelos de lã. As trancinhas estavam enroladas em um coque no topo da cabeça.

— Não me diga — falou, já pegando a bolsa preta —, ele está mareado.

Quando voltaram à cabine, Darryl estava todo encolhido. Ele era tão pequeno — 1,62m de altura, talvez, e magro como um palito — que mais parecia um menino com dor de barriga esperando pela mãe.

Charlotte sentou-se na beirada da cama e perguntou o que ele tinha tomado. Quando Darryl mostrou a tira de acupressura, ela disse:

— As pessoas acreditam em cada coisa...

Ela abriu a bolsa e tirou uma seringa e um vidro.

— Já ouviu falar de fenitoína?

— É o mesmo que Dilatin.

— Ah, você entende de drogas. Já tomou alguma vez?

— Uma vez, antes de um mergulho.

— Espero que não tenha sido pouco antes de mergulhar. — Charlotte preparou a seringa. — Teve alguma reação?

Darryl começou a balançar a cabeça, então pensou melhor e desistiu de sacudir qualquer coisa sem necessidade.

— Não — murmurou.

— O que isso faz? — Michael perguntou enquanto ela enrolava uma das mangas de Darryl.

— Diminui a atividade nervosa no estômago. É um remédio para ataque epilético e, tecnicamente falando, nunca foi aprovado para enjoo de mar. Mas os mergulhadores adoram. — Ela passou algodão com álcool em um ponto no braço de Darryl e aprontou a seringa, mas teve que esperar outra vez, porque o navio parecia estar levando uma surra. — Fica bem parado — disse para Darryl e então enfiou a agulha na pele sardenta. — Demora uns dez minutos para começar a fazer efeito.

Guardou a agulha usada em um envelope de plástico laranja e o vidro no fundo da bolsa. Finalmente olhou ao redor e percebeu as dimensões da cabine.

— Nossa, acho que realmente fiquei com o melhor aposento a bordo. Não acreditei quando o oficial de operações disse isso, mas agora mudei de ideia. — Ela franziu o nariz quando bateu um ar vindo do banheiro. — Meninos, vocês já ouviram falar de desinfetante?

Michael riu e até mesmo Darryl abriu um sorriso tímido. Mas, quando ela saiu, Michael começou a colocar a parca, luvas e botas. Além do fedor, a cabine o oprimia, e a ação lá fora era tentadora demais para resistir.

Darryl virou a cabeça de lado e olhou para ele com raiva.

— Aonde — falou com a voz rouca — você acha que vai agora?

— Trabalhar — Michael respondeu, enfiando uma pequena câmera digital dentro da parca, porque a bateria descarregava rapidamente no frio. — Precisa de alguma coisa?

Darryl disse que não.

— Só liga para a minha mulher e diz que amei muito a ela e aos nossos filhos.

Michael nunca tinha perguntado sobre a família dele.

— Quantos filhos você tem?

— Depois — falou Darryl ao dispensá-lo com a mão. — Não consigo me lembrar.

Talvez a droga agisse mais rápido do que se esperava.

Michael deixou a luz acesa na cabine, caminhou com cuidado pelo corredor e subiu pela escotilha. Pensou em seguir para a ponte, de onde imaginava poder tirar boas fotos ao debruçar por uma janela, até que viu pela porta o céu e o mar cinzentos unidos como uma imagem só, um panorama onde não se percebia o horizonte, a cena de um mundo completamente desolado.

Imaginou na hora como a foto sairia.

Puxou o capuz e penou para tirar a câmera com as luvas. Deixou-a pendurada no pescoço, porque precisava das duas mãos para abrir a porta de correr. Bastou afastá-la por poucos centímetros para o vento entrar e puxá-lo pela gola. Ele percebeu que talvez fosse uma péssima ideia, mas algumas das melhores fotos surgiram de péssimas ideias. Afastou a porta com mais força e passou espremido pelo vão. Ela se fechou assim que foi solta.

Michael estava no convés logo abaixo da ponte, com água gelada batendo nos pés. O vento era tão forte que arrancava lágrimas dos olhos e fazia a testa arder. Passou um dos braços por um balaústre e arrancou uma luva com os dentes, mas o navio balançava muito para fazer um enquadramento. E uma parte do *Constellation* aparecia na foto toda vez que tentava. Michael não queria nada que fosse identificável ou concreto atrapalhando a imagem. Buscava uma foto imaculada e praticamente abstrata da natureza todo-poderosa e insensível.

Ele esperou o navio passar pela elevação seguinte e avançou à procura de novo apoio, a estrutura de aço que segurava um dos botes salva-vidas. Olhando sobre a amurada daquele ponto não havia nada para atrapalhar a imagem, exceto pela água gelada que atingia o rosto e a câmera. Passou um dos braços pela amurada como tinha feito anteriormente e levantou a câmera. Mas o navio se inclinou outra

vez e ele só conseguiu captar o céu turbulento. Equilibrou-se e esperou a embarcação voltar ao normal, erguendo a câmera. Os dedos já estavam congelando e ele descobriu que não conseguia abrir a boca para respirar sem que o fôlego fosse roubado pelo vento. Tirou uma foto ainda com o navio muito inclinado e ia tentar de novo quando um alto-falante acima dele gritou:

— Sr. Wilde! Saia do convés! Agora!

Mesmo com o barulho do vento ele reconheceu a voz do oficial de operações.

— Agora mesmo! E apresente-se ao capitão!

Antes que pudesse se virar, Michael viu a porta deslizante sendo aberta.

Kazinski, vestindo um casaco impermeável sobre a roupa de ginástica, surgiu estendendo uma boia amarela.

— Pega! — gritou. Michael guardou a câmera na parca, voltou ao balaústre e esticou a mão enluvada para a boia, enquanto a outra estava quase completamente dormente.

Assim que ele agarrou a boia, Kazinski puxou Michael como a um peixe, fechou a porta de correr e ficou ali parado, sacudindo a água gelada e balançando a cabeça em estado de choque.

— Com todo o respeito, senhor, mas isto foi uma tremenda estupidez.

Michael achava que ele tinha razão.

— O capitão está na ponte. Se eu fosse o senhor, ficava com as costas grudadas na parede.

Naquele momento, Michael só queria recuperar a sensação nos dedos. Esfregou a mão com força na perna da calça, mas o tecido estava tão úmido que não adiantou muita coisa. Ele abriu a parca e meteu a mão debaixo do sôco.

Kazinski apontou para a escada que levava à ponte como se fosse a subida para a forca. Talvez fosse mesmo, Michael pensou.

Subiu devagar, e assim que entrou na ponte bem-iluminada o capitão Purcell girou na cadeira e disse:

— Que *diabos* o senhor estava fazendo lá fora? Perdeu o juízo, porra?

Michael encolheu os ombros e terminou de abrir o zíper do casaco.

— Talvez não tenha sido uma boa ideia, mas pensei que conseguiria tirar umas fotos sensacionais para a revista — tentou justificar-se, sabendo que a desculpa era fraca.

Os outros dois oficiais sentados à frente dos painéis de navegação prenderam o riso.

— Transporte cientistas nessa rota e já me acostumei com as idiotices que aprontam — disse Purcell. — Dou um desconto porque são tão inteligentes que podem se dar ao luxo de fazer uma besteira de vez em quando. Mas você, eu não entendo. Não é um cientista e com certeza não é um marinheiro, porra.

O segundo-tenente Gallo, que estava diante de um console de instrumentos, disse:

— O barômetro está caindo de novo, senhor.

— Para quanto? — Purcell rugiu, girando novamente na cadeira e ajeitando os

phones que saíram do lugar enquanto dava a bronca em Michael.

— Nove-oito-cinco, senhor.

— Meu Deus, hoje a noite vai ser daquelas. — Os olhos passaram pelas telas acesas e pelos mostradores, pelo sonar, radar, GPS e ecobatímetro. Todos os instrumentos mostravam dados em constante alteração.

Uma chuva de granizo bateu contra as janelas a bombordo e o navio foi jogado como se tivesse levado um tapa de uma mão gigante. Michael pegou uma das alças de couro penduradas no teto e segurou firme. Já tinha ouvido falar de marinheiros arremessados de um lado para outro da ponte, quebrando braços e pernas. Imaginou se o castigo havia acabado ou se teria que esperar mais um pouco por ali.

Apesar do rugido do mar lá fora, da chuva batendo e do vento que uivava, tudo isso vindo de todas as direções ao mesmo tempo, a atmosfera na ponte rapidamente voltou à calma de uma sala de cirurgia. Os painéis de luz branca no teto iluminavam de maneira fria as paredes azuis da ponte. Os oficiais falavam entre si em um tom de voz baixo e sereno, com os olhos fixos nos instrumentos à frente.

— Bombordo adiante, toda força — disse Purcell. O capitão de corveta Ramsey, que Michael tinha visto algumas vezes, pegou em uma pequena alavanca vermelha. Ele repetiu as ordens do comandante ao executar a ordem.

Ramsey então acenou discretamente com a cabeça para Michael, que ainda continuava por ali como um aluno levado à presença do diretor da escola, e falou com Purcell.

— Senhor, se a presença do sr. Wilde não for mais necessária, talvez ele possa se juntar ao oficial de operações no posto de comando. É impossível cair no mar lá de cima, e pode ser que ele goste de ver como o navio é pilotado.

Purcell fez um ruído de nojo e falou sem se virar:

— Se ele cair, diz para ele que, se for esperar eu dar meia-volta com esse navio, vai voltar flutuando para o Chile.

Michael não duvidava disso. Aproveitou a deixa para subir rapidamente a escada em espiral que Ramsey indicou com um gesto.

— Que tal uma companhia, Kathleen? — Michael ouviu Ramsey falar ao microfone, mas não parou para descobrir se era bem-vindo ou não. Subiu toda a vida até deixar a ponte e notou que estava em uma plataforma dentro de um verdadeiro cano escuro, com apenas uma escada de mão feita de aço para prosseguir. O navio balançou e Michael bateu com os ombros na parede curva. Sentiu como se estivesse na chaminé da casa de *O Mágico de Oz*, aquela que é arrancada e girada pelo furacão. A uns 5 ou 10 metros de altura, percebeu um brilho azul como o de uma TV e o barulho de máquinas.

Colocou a bota no degrau inferior da escada e começou a subir lentamente. A proa do navio levantou-se, arremessando-o para trás. Quando a embarcação voltou ao normal, ele foi jogado para a frente outra vez. Em dado momento, quase quebrou os dentes da frente. Imaginou o atestado do dentista sendo anulado. Ele

agarrava com força um degrau de cada vez, porque eles estavam frios e úmidos. Ao subir pelos últimos, enxergou inicialmente um par de botas pretas e depois um par de calças azuis. Ergueu-se até o fim e, quando o navio pareceu estável por um segundo ou dois, ficou de pé.

A oficial de operações segurava com firmeza uma versão menor do timão lá de baixo, a expressão séria iluminada pela tela do GPS e por outros instrumentos que Michael não sabia identificar. Kathleen permanecia com o olhar fixo à frente, o queixo contraído e um fone de ouvido no cabelo castanho curto. O posto de comando em si era uma versão moderna do cesto da gávea e mal tinha espaço para os dois. Michael tentou não fungar no cangote dela.

— Sair para o convés foi uma péssima ideia — disse, lembrando a Michael que foi ela que o pegou em flagrante. — Os ventos estão a mais de 150 km/h.

— Saquei. O capitão me deu um toque também. — Para tentar mudar de assunto, falou: — Então é aqui que você fica, sozinha no banco do motorista? — Havia janelas reforçadas por todos os lados, equipadas com discos giratórios para afastar a água como se fossem limpadores de para-brisas, permitindo uma visão de 360 graus sem obstruções do oceano revoltado ao redor. Atrás dele, no convés da popa, uma ponta da lona verde-escura que cobria o helicóptero havia se soltado e sacudia como uma asa de morcego gigante.

Se ao menos tivesse conseguido umas fotos decentes daquilo...

— Quando a visibilidade está limitada como agora, com o mar tão revoltado, o controle da embarcação costuma ser passado para o posto de comando — disse Kathleen. A informação fez sentido para Michael. Para onde quer que olhasse, o cenário estava em intenso movimento, com o mar cinzento e agitado elevando-se por quilômetros de distância, repleto de enormes blocos de gelo que boiavam, afundavam e batiam uns nos outros. Nunca imaginou ondas tão grandes como as que se chocavam contra a popa, caindo no convés e mandando jatos de espuma gelada para cima. A água subia à altura das janelas do ninho onde estavam.

E todo aquele cenário, com o mar agitado e o céu turbulento acima dele, cheio de pontinhos pretos dos pássaros sendo levados como folhas pelo vento uivante, era banhado pela estranha luz do sol austral, uma esfera opaca de cobre que não arredava o pé no horizonte ao norte. Era como se a cena de violência fosse iluminada por uma gigantesca lamparina com o óleo no fim.

— Bem-vindo aos *Screaming Fifties*² — disse a oficial em um tom mais leve. — Quando você passa dos 50 graus de latitude sul é que encontra tempestades de verdade.

A proa do quebra-gelo ergueu-se como se estivesse sendo levantada por baixo, quase ficando de pé e apontando para as nuvens tempestuosas que rasgavam o céu. Kathleen segurou firme no timão com os pés bem afastados e Michael tentou se equilibrar no corrimão. Ele sabia o que viria a seguir... porque tudo o que subia

² Marca entre os 50 e 60 graus de latitude sul conhecida pela intensidade e ferocidade dos ventos, pois não há massas de terra para conter seus avanços. (N. do T.)

tinha que descer.

Momentos depois, a crista da onda passou por debaixo deles, causando uma sensação de formigamento nos pés. Quando a onda foi embora, o navio flutuou e então caiu como uma pedra quicando morro abaixo. Pela janela da frente do posto, Michael viu o interior de um enorme canal, uma fenda escura tão larga quanto uma ravina, ficando cada vez mais funda enquanto o navio caía de cabeça dentro dela.

— Sim, senhor — Kathleen disse ao microfone e girou o timão para a direita. Michael sentiu o gosto do macarrão que tinha comido no jantar. — Profundidade: 1.500 metros — confirmou para o capitão lá embaixo.

O navio foi mergulhando, mergulhando, até parar. Depois girou e finalmente apontou para estibordo. As águas formavam gigantescas paredes à volta. Mesmo lá em cima, a 30 metros de altura do convés e o dobro disso dos motores a diesel, Michael podia ouvi-los trabalhando e rugindo. As hélices giravam, em alguns momentos soltas no ar, enquanto o navio tentava abrir caminho no campo minado de gelo que o envolvia.

— Se você costuma rezar, agora é a hora — Kathleen falou, olhando pela primeira vez para Michael. Ela girou o timão outra vez para a direita. — Você está passando por cima dos destroços de nada menos do que oitocentas embarcações e 10 mil marinheiros.

O navio avançou para um iceberg que surgiu de repente à frente, como um tritão.

— Merda, eu devia ter visto isso — Kathleen falou baixinho e, um momento depois, disse ao microfone: — Sim, senhor. Estou vendo, senhor. Entendido. — Girou o timão.

— Espero não ter distraído você — Michael falou acima do barulho do granizo e vento. — Se serve de consolo, eu também não vi o iceberg.

— Não é a sua função — ela disse. — É a minha.

Michael calou-se para deixar que Kathleen se concentrasse, pensando no cemitério abaixo dele, nos destroços de centenas de embarcações — escunas e veleiros, brigues e fragatas, barcos de pesca e baleeiros — espancadas pelo gelo, quebradas pelas ondas, destroçadas pelo vento incessante. E pensou nos milhares de homens que caíram naquela garganta profunda e infinita, homens cuja última visão pode ter sido a dos mastros de seus navios estalando como gravetos ou blocos de gelo caindo sobre a cabeça e os levando para as profundezas — ela disse 1.500 metros? — nas quais a luz jamais havia penetrado.

O que exatamente haveria abaixo deles, a muitas braças de profundidade, congelado no fundo do oceano por toda a eternidade?

O navio adernou de um lado a outro. O oficial de operações girou o timão de novo para a direita e disse para o capitão lá embaixo:

— A estibordo, senhor!

Michael também percebeu a onda, ganhando força e vindo em direção a eles como uma parede, abrindo as asas para ambos os lados, levantando blocos de gelo

do tamanho de casas e tapando até mesmo a luz fraca do sol constante.

— Segura firme! — Kathleen vociferou. Michael apoiou-se contra as paredes, com as pernas afastadas e retas. Nunca tinha visto algo tão grande mover-se com tamanha força e velocidade, arrastando tudo junto. Parecia que levava o mundo inteiro.

Kathleen tentou virar o navio para diminuir o impacto da onda, mas ela tinha pelo menos 30 metros de altura, era grande demais e já não havia mais tempo. A onda tornou-se uma parede furiosa que jorrava água cinzenta, ficando cada vez maior e mais larga, e avançava contra o quebra-gelo. De repente, algo fora de controle, uma coisa branca ou preta levada pela tempestade, voou contra eles com uma velocidade ainda maior. Um segundo depois, a janela rompeu-se com o som de um tiro de escopeta e estilhaços de gelo espalharam-se pelo compartimento como uma chuva de agulhas. Kathleen gritou e caiu longe do timão, esbarrando em Michael, que tentou segurá-la enquanto deslizava para o chão. Ele sacudiu a água gelada que batia no rosto e viu um albatroz branco com a cabeça ensanguentada e caída sobre o timão, vivo e grasnando. O corpo estava entalado na janela quebrada, as asas retorcidas e estendidas inutilmente para ambos os lados. A onda ainda estava passando pelo navio quando o pássaro fez um ruído com o bico destruído, achatado como o nariz de um lutador de boxe. Michael encarava os olhos negros e fixos do albatroz enquanto Kathleen se encolhia no chão. As telas brilhantes dos consoles encharcados estouraram e se apagaram.

A onda foi embora, o navio gemeu, adernou para um lado e depois para outro, e finalmente se endireitou.

O albatroz abriu o bico quebrado mais uma vez, emitindo nada mais que um último suspiro. Então, enquanto Michael tentava tomar fôlego e Kathleen gemia de dor aos pés dele, a luz nos olhos do pássaro apagou-se como uma vela assoprada.

8

20 de junho de 1854, 23h

O SALON D'APHRODITE, TAMBÉM CONHECIDO ENTRE A CLIENTELA fiel pelo nome da dona, madame Eugenie, ficava localizado em um agitado trecho da Strand, mas afastado da rua. Um conjunto de lanternas iluminava o pórtico para carruagens. Se estivessem acesas, era sinal de que o estabelecimento estava funcionando.

Sinclair nunca vira as lanternas apagadas.

Ele foi o primeiro a descer do trole, seguido por Le Maitre e então por Rutherford, que pagou o cocheiro. Graças a Deus ele era rico e generoso (e estava bêbado), pois teria que pagar também pelos serviços da casa para os três. Madame Eugenie às vezes podia ser convencida a adiar uma dívida, cobrava juros exorbitantes, e ninguém gostaria de comparecer ao tribunal por dever ao Salon d'Aphrodite.

Quando o trio subiu as escadas, John-O, um imenso jamaicano com um par de dentes de ouro na boca, abriu a porta e deu um passo para o lado. Sabia quem eles eram, mas era pago para nunca afirmar isso.

— Boa noite — disse Rutherford com muita dificuldade —, a madame Eugenie está? — Parecia que estava visitando uma conhecida da sociedade.

John-O acenou com a cabeça para o salão parcialmente encoberto por uma cortina de veludo vermelho. Sinclair ouviu o som do piano e uma jovem cantando *The Beautiful Banks of the Tweed*. Seguido pelos outros, entrou onde havia luz e diversão. O Francês afastou a cortina, e madame Eugenie olhou do divã, onde estava sentada entre duas de suas meninas.

— *Bienvenue, mes amis* — disse ao se levantar depressa. Parecia um pássaro velho com plumagem nova e reluzente. A pele tinha a textura de couro, o vestido de seda verde era bordado a ouro e cravejado de brilhantes. Andou na direção deles de mãos estendidas, com um anel exagerado em cada dedo. — Estou contente que tenham vindo.

Enquanto Le Maitre gargalhava, Sinclair afundou-se em uma poltrona cheia de

almofadas; ele estava tão mal das pernas quanto os companheiros. O local era espaçoso. Havia sido o salão de um clube de colecionadores de livros, mas quando os bibliófilos começaram a ser tão poucos que ficara difícil pagar as contas, madame Eugenie apareceu e o adquiriu por uma ninharia. As estantes de livros agora exibiam bibelôs como bustos do Cupido e imitações de vasos chineses com flores de seda. Uma péssima reprodução a óleo de *Leda e o Cisne*, em que Zeus seduz uma moça na forma da ave, estava pendurada acima da lareira.

Os escritórios e ateliês no andar de cima tinham sido convertidos para uso mais íntimo e pessoal.

No momento, Sinclair contou uma meia dúzia de *femmes galantes* circulando pelo salão em roupas justas ou reveladoras, e um número igual de clientes relaxando em sofás e poltronas. Um criado perguntou-lhe se desejava uma bebida, e ele:

— Sim, gim. E uma dose para cada um de meus amigos.

Rutherford disse:

— Uísque para mim. — E deu um olhar de repreensão para Sinclair que dizia: *Se sou eu que estou bancando a festa, eu escolho o que vou beber, diabos.*

Sinclair sabia que estava se afundando em mais problemas e dívidas, mas algumas vezes a única saída era continuar descendo, refletiu. E ainda havia muito o que descer.

Notou que o Francês já estava nos braços de uma meretriz de cabelos negros e chinelos cravejados de joias.

— É a você, Sinclair? — alguém perguntou. O tenente reconheceu pela voz que era Dalton-James Fitzroy, um idiota de primeira cuja família possuía terras adjacentes às suas. — Meu Deus, Sinclair, o que está fazendo aqui?

Sinclair virou-se na poltrona e viu Dalton-James Fitzroy com o traseiro gordo sentado no banco do piano, ao lado da jovem que cantava. Quando ela se virou, Sinclair notou que, apesar de alta e magra, a garota não deveria ter mais do que 12 ou 13 anos, e tinha uma expressão simplória de interiorana.

— Pensei que tinha sido enxotado da cidade pelos credores — disse Fitzroy. O rosto rechonchudo brilhava de suor e Sinclair precisou se segurar para não cair na provocação.

— Boa noite — respondeu simplesmente.

Mas Fitzroy estava decidido a continuar.

— Como pagará o farmacêutico se contrair algo aqui hoje à noite?

Dessa vez Sinclair foi poupado de responder pela intervenção de madame Eugenie, que veio em defesa do estabelecimento. Ela se colocou entre os dois, agitada.

— *Messieurs*, minhas damas de companhia são saudáveis! O dr. Evans faz exames *régulièrement*. Todo mês! E nossos convidados — afirmou ao fazer um amplo gesto para o salão — são *la crème de la société*. Somente cavalheiros de classe, como os senhores podem ver. — Apontou um dedo para Fitzroy em tom de brincadeira, mas falou sério. — Que vergonha, senhor, ser grosseiro diante de

moças tão prestimosas.

Fitzroy encarou a bronca com ironia, curvou-se sobre o teclado do piano e implorou por perdão.

— Talvez seja melhor que eu embainhe a espada e saia do campo de batalha — disse, o que era um absurdo, Sinclair pensou, vindo de um covarde como ele, sempre cantando de galo até o Exército aparecer para convocar novos recrutas.

Fitzroy ficou de pé, com o colete de seda prestes a estourar, e saiu cambaleando em direção à escadaria segurando a garota pela mão.

— John-O — chamou madame Eugenie —, por favor, acompanhe nosso convidado à Suite des Dieux.

A garota olhou assustada para Sinclair, logo ele. Mas era possível perceber, debaixo do ruge e da maquiagem, como ela era jovem e inexperiente. E Sinclair não conseguiu evitar um comentário jocoso.

— Por que não escolhe uma mulher? — ele provocou Fitzroy.

Dois cavalheiros presentes riram.

Fitzroy parou, cambaleante, mas não se virou.

— Cada um tem seu gosto, Sinclair. Você, mais do que todos, devia saber disso.

Assim que Fitzroy saiu do salão com sua companhia relutante, madame Eugenie foi até Sinclair, fazendo um som de reprovação com a língua.

— Por que o senhor está sendo tão encenqueiro hoje? Não é de seu feitio, milorde. — Sinclair não era um lorde, não ainda, mas sabia que madame Eugenie gostava de bajular os clientes dessa forma. — Foi uma ofensa, e o sr. Fitzroy pagou bem pelo privilégio.

— Que privilégio?

Madame Eugenie recuou como se espantada pela ignorância de Sinclair.

— Esta jovem é uma flor que jamais foi colhida.

Uma virgem? Mesmo bêbado, ele sabia que este era o truque mais velho do mundo. Virgens custavam muito caro, não somente porque eram, por definição, seguras, mas também porque havia a crença de que o uso constante delas seria capaz de curar várias doenças do sexo. Era tudo baboseira, claro. Sinclair teria deixado o assunto de lado — o que ele tinha a ver com isso, afinal? — não fosse pela expressão nervosa da garota. Ou ela era uma atriz tão talentosa que merecia estar no palco em Covent Garden... ou estava sendo sincera. Não havia lei contra a prostituição e a idade de consentimento era de 12 anos. Meninas da mesma tenra idade que ela eram corrompidas dentro da lei todos os dias. Fitzroy com certeza pagara 25 ou trinta libras pelo privilégio.

— Ora, vamos — Rutherford tentou convencê-lo. — Aquele gordo desgraçado será seu vizinho por anos a fio. Não arrume uma rixa.

Madame Eugenie piscou para outra das mulheres, uma ruiva com cabelos jogados por cima dos ombros brancos à mostra. Ela tirou Sinclair da poltrona com graça e o levou para um aconchegante sofá, debaixo de um quadro de uma ninfa fugindo de um sátiro. O criado apareceu com o gim.

O Francês tomou o lugar da garota ao piano e estava tocando, tão bem quanto permitia o estado de embriaguez, uma melancólica versão de algo de *Herr Mozart*.

A ruiva apresentou-se como Marybeth e tentou puxar assunto com Sinclair, perguntando inicialmente sobre seu regimento e para onde seria enviado, mostrando muita preocupação — um pouco prematura, na opinião dele — sobre sua segurança. Enquanto isso, Sinclair só conseguia pensar na garota de jeito inexperiente e olhar assustado sendo arrastada pelas escadas atrás de John-O e seus dentes de ouro.

Sinclair teve uma irmã que morreria de tuberculose com aquela idade.

— Já chega disso — gritou um dos outros homens para Le Mairre. — Toque algo mais alegre. Se eu quisesse ir ao Liceu, teria saído com minha mulher.

O sujeito provocou risadas e aplausos, e o Francês, cedendo à opinião da plateia, começou uma péssima execução de *My Heart's in the Highlands*. Terminou e tocou mais uma música que animou a Strand, até que Sinclair ouviu um grito do andar de cima.

Todos os presentes ignoraram o berro solenemente, embora o Francês tenha parado por um segundo, e Marybeth repentinamente começou a ajeitar os botões e a gola da camisa de Sinclair. Um cavalheiro idoso com uma morena corpulenta no braço continuou subindo as escadas lentamente. Quando a canção acabou, Sinclair prestou mais atenção. Embora a Suite des Dieux ficasse no andar de cima, ele conseguiu ouvir um choro abafado e o som de algo caindo no chão.

— O jantar está servido — madame Eugenie disse batendo palmas. — Por favor, cavalheiros, aproveitem o pato com cerejas e as ostras frescas.

Vários convidados levantaram-se — Rutherford entre eles — e foram até o bufê no aposento ao lado. Mas Sinclair se livrou dos braços da ruiva e andou em direção à escadaria. Deu sorte, pois John-O estava recepcionando um trio de aristocratas bêbados, recolhendo casacos e chapéus, e Sinclair conseguiu subir as escadas sem ser notado.

O quarto era no segundo andar, acima do pórtico para carruagens. O próprio Sinclair já o tinha ocupado uma ou duas vezes e sabia que a porta, como todas as demais no Salon d'Aphrodite, não era trancada se o quarto estivesse em uso. Havia muito tempo Madame Eugenie aprendera que ela e John-O precisavam ter acesso imediato (e criterioso) a qualquer aposento. Eram os ossos do ofício.

Sinclair manteve os pés no tapete do corredor ao caminhar até a porta e colocou com cuidado o ouvido contra a madeira. Sabia que havia dois aposentos — uma antecâmara com algumas peças de mobília e o quarto de dormir com uma enorme cama de dossel. Conseguiu escutar a voz retumbante de Fitzroy dentro do quarto e o choro baixinho da garota.

— Você vai — Fitzroy falou alto.

A garota gritou outra vez, chamando-o sem parar de senhor, e parecia que andava devagar e com medo pelo quarto. Um vaso ou garrafa quebrou ao cair no chão.

— Eu não vou pagar por isso! — disse Fitzroy. Sinclair ouviu o estalo de um

chicote e um berro.

Ele abriu a porta e passou correndo pela antecâmara até o quarto de dormir. Fitzroy estava parado, sem camisa e ainda de calças, com um suspensório abaixado e o outro na mão.

— Sinclair, macacos me mordam!

A garota estava nua, coberta por um lençol ensanguentado. Todo o pó de arroz e o ruge haviam escorrido com as lágrimas.

— Você tem o descaramento de invadir meu quarto! — falou Fitzroy, movendo-se em direção às roupas jogadas sobre o sofá. — Onde está John-O?

— Vista-se e saia.

Com a pança caída como um saco de batatas, Fitzroy respondeu:

— É você quem vai sair.

Procurou algo no casaco e puxou um minirrevólver, do tipo que um jogador de cartas trapaceiro carregaria, o que não foi surpresa para Sinclair. Ao ver a oportunidade, a garota passou pelos dois correndo para fora do quarto.

A visão da arma não diminuiu a determinação de Sinclair; pelo contrário, serviu para instigá-la.

— Seu gordo covarde. Se apontar esta coisa para mim, é melhor que a use. — Sinclair deu um passo ameaçador para a frente e Fitzroy recuou para as janelas.

— Eu vou — gritou. — Eu vou usá-la!

— Passe a arma — rosnou Sinclair, estendendo a mão.

Deu mais um passo e Fitzroy atirou de olhos fechados. Sinclair ouviu um estalido alto, a manga do uniforme rasgou-se e, no momento seguinte, sentiu algo úmido descendo pelo braço. Era sangue.

O tenente avançou pisando em cacos de vidro. Fitzroy golpeou-o com o revólver, mas Sinclair conseguiu agarrar a arma e arrancá-la da mão dele. Fitzroy virou-se, procurando por um lugar para correr, mas para onde poderia ir?

Sinclair ouviu os passos pesados de John-O subindo correndo a escadaria. Fitzroy devia ter escutado também.

— John-O! — gritou. — Aquil!

Ele deu um sorriso de vitória para Sinclair, que, tomado por uma fúria cega, girou Fitzroy, pegou-o pelos fundilhos das calças, arrastou-o em direção às janelas fechadas e o atirou pelo vidro. Ele caiu gritando de medo e aterrissou com um estrondo sobre os tijolos do pórtico, um pouco abaixo da janela, provocando uma chuva de cacos de vidro. Os cavalos de uma carruagem estacionada ali relincharam assustados.

John-O ficou parado na porta do quarto de dormir, estupefato, enquanto Sinclair se virou com a manga esquerda da camisa rasgada e ensanguentada.

— Por favor, diga à madame — falou ao passar pelo jamaicano — para me enviar a conta do vidraceiro.

Rutherford e Le Maitre, junto com vários outros, aguardavam por ele, ansiosos, ao pé da escada.

— Bom Deus, você levou um tiro? — Rutherford exclamou enquanto Sinclair

descia os degraus.

— Quem foi? — o Francês insistiu. — Foi aquele patife do Fitzroy?

— Levem-me para o hospital por onde passamos — disse Sinclair. — Aquele na Harley Street.

Rutherford e Francês ficaram intrigados.

— Mas o hospital é para senhoras enfermas — falou Rutherford.

— Quem não tem cão caça com gato — Sinclair respondeu.

Talvez fosse possível, ele pensou, tirar algo de bom daquela noite.



1 de dezembro, 11h45

A TEMPESTADE DUROU HORAS E SÓ FOI EMBORA no fim da manhã do dia seguinte. Avariado, o posto de comando foi abandonado e fechado pelo resto da viagem.

A dra. Barnes ajudou o oficial médico do navio a remover os estilhaços de gelo e vidro do tosto de Kathleen, mas os olhos ainda estavam muito machucados. Charlotte achava que ela devia ser levada o mais depressa possível para um bom oftalmologista na civilização.

— Ela pode perder a visão em um aos olhos ou em ambos — falou para Purcell nos aposentos do capitão.

Ele não disse nada, apenas abaixou o olhar para os sapatos e ficou pensativo. Quando levantou a vista, poucos segundos depois, falou:

— Comece a fazer as malas.

— Como é que é?

— Eu tinha planejado chegar mais perto de Point Adélie antes de preparar o helicóptero, mas acho que já dá para fazer a partir daqui.

Charlotte realmente não gostou do tom do “acho”.

— É só a gente descarregar parte das provisões e dos suprimentos, aquilo que não for essencial, claro, e já vai dar para embarcar a senhora e os senhores Hirsch e Wilde com as bagagens e levantar voo daqui. Deve caber combustível suficiente no helicóptero para deixar vocês lá, voltar e alcançar o navio já no caminho de volta para o norte. Comandante Ramsey! — chamou quando viu o capitão de corveta passando pelo corredor lá fora.

— Senhor?

— Prepare o helicóptero. Quem são os pilotos nesta viagem?

— Os tenentes Diaz e Jarvis.

— Ordene que abasteçam o helicóptero e se preparem para levar nossos três passageiros a Point Adélie o mais rápido possível.

— Daqui, senhor? Não seria...

Mas o capitão o interrompeu, terminou de dar as ordens e o dispensou. Voltando a atenção para Charlotte, perguntou se ela podia avisar Wilde e Hirsch para se prepararem também.

— Daqui a quanto tempo vamos partir?

O capitão olhou de relance para o relógio e disse:

— Vamos marcar para as 13h.

Charlotte calculou que tinha por volta de 55 minutos.

Sabia que encontraria Darryl ainda de cama, menos verde do que na noite anterior, mas ainda assim com uma cor que nenhum ser humano deveria ter. Quando Charlotte contou as novidades, ele fechou os olhos, fez força para ficar de pé e se levantou.

— Você está bem? — perguntou ao vê-lo caminhar como um sonâmbulo direção às malas.

— A-hã — respondeu. — Pode ir procurar o Michael.

— Sabe onde ele está?

— Onde mais? No convés.

Charlotte não tinha tempo para procurar muito, pois precisava arrumar as próprias malas. Subiu depressa ao convés principal, olhou em direção à proa e não viu nada. Virou-se então para a popa, onde vários tripulantes lutavam para tirar a lona verde-escura de cima do helicóptero. O vento continuava forte e a lona sacudia como uma capa monstruosa. Michael estava tirando uma foto da operação.

— Você sabia que é para a gente estar neste helicóptero — disse Charlotte — em menos de uma hora?

— Sim — respondeu, ainda ajoelhado para tirar a foto que queria. — A tripulação falou. A maioria das minhas coisas continua na sacola. Estou pronto para partir em três minutos.

— Como o senhor é espertinho — falou a médica. — Bem, eu tenho muita coisa para fazer. Quando for descer para pegar a bagagem, não se esqueça de trazer o Darryl também. Ele ainda parece estar muito mal.

Enquanto Charlotte descia, Michael terminou de tirar algumas fotos e depois rapidamente arrumou a bagagem. Finalmente havia se acostumado com o movimento do navio e aprendido a manter o equilíbrio sobre ele. Contudo, não ficaria triste ao ir embora do *Constellation*. Desde o passeio no convés na noite anterior, sem falar na desastrosa visita ao posto de comando, Michael sentiu que se tornara *persona non grata* e passou a evitar esbarrar com os oficiais. Até o suboficial Kazinski o olhava como se trouxesse azar. Quando aconteceu o acidente, ele fez tudo o que foi possível por Kathleen, ajudando-a a descer pela escada de mão como um bombeiro, ficando do lado de fora, um degrau abaixo da oficial. Depois subiu de novo para tentar retirar o albatroz morto e fechar a janela do posto de comando. Mas não havia muito a ser feito. O corpo do animal estava tão entalado na janela quebrada, com o disco giratório enfiado no peito como um bisturi, que ele decidiu deixá-lo onde estava. Pelo menos assim haveria algo para impedir que as ondas inundassem o posto de comando outra vez.

Não, não ficaria triste ao deixar o navio e chegar a Point Adélie. Era lá começaria a trabalhar de verdade.

Assim que a lona saiu, Michael, que tinha voado em muitos helicópteros na vida, percebeu que era um Dolphin, um robusto modelo biturbina de rotor simples, usado em missões contra o tráfico de drogas e operações de patrulha no gelo e de resgate. Assim como o navio, o helicóptero era pintado de vermelho, uma medida de segurança comum em climas gelados onde qualquer sinal de cor podia fazer a diferença entre a descoberta — e sobrevivência — e o desaparecimento para sempre. Enquanto observava, vários tripulantes começaram a arrastar tubos de combustível e preparar a aeronave para decolagem, ao mesmo tempo que alguns descarregavam caixas. Parecia o pit stop de uma corrida, com cada um dos marinheiros realizando suas funções com mãos ágeis e sem trocar palavras. Michael recolheu o equipamento fotográfico e voltou para a cabine.

Darryl estava sentado na beirada da cama, mastigando uma barra de proteína.

— Por que não vai ao refeitório — Michael perguntou ao enfiar o kit de barba na sacola — e come algo quente? Estavam servindo sanduíche de carne moída com molho de tomate.

— Não posso — Darryl respondeu.

— Não pode ir? — Michael disse. — Eu posso trazer para você.

— Não posso comer isso, porque sou vegetariano.

Michael parou de fazer a mala.

— Você não notou? — perguntou Darryl.

E agora que Michael pensou a respeito, percebeu que de fato não tinha visto Darryl comer carne. Foram muitas frutas e muitos vegetais, enormes quantidades de pão, queijo, biscoitos, sopa de milho verde, torta de cereja, suflê de espinafre. Mas nenhum hambúrguer, lombinho de porco ou frango frito.

— Há quanto tempo?

— Desde a faculdade de biologia.

— O que isso tem a ver com ser vegetariano? — Michael perguntou.

— Tudo — Darryl disse, abrindo um pouco mais a embalagem da barra de proteína. — Quando comecei a estudar a vida em suas diferentes manifestações, percebi que todas elas tinham algo em comum, não importa o tamanho. E não achei certo interferir.

Michael achou que tinha entendido.

— Você quer dizer a vontade de viver?

Darryl concordou.

— Todas as espécies, da baleia azul à mosca-das-frutas, vão lutar até o fim para preservar a própria existência. E quanto mais eu estudava as formas de vida, até mesmo as diatomáceas unicelulares, mais lindas elas ficavam, a meu ver. A vida é um milagre do caralho, em todas as formas que assume, e passei a achar errado acabar com qualquer uma sem necessidade.

Embora Michael não fosse abandonar as costelas de novilho ou o filé mignon, compreendia o ponto de vista de Darryl. Mas havia um detalhe que não tinha

entendido.

— Então por que não falou antes no refeitório dos oficiais? Eles podiam preparar alguns pratos vegetarianos ou algo do gênero.

Darryl olhou sério para ele.

— Você sabe o que os marinheiros, ou os militares em geral, acham de vegetarianos?

Michael jamais tinha pensado no assunto, e Darryl podia ver isso.

— Seria melhor dizer que eu sou um pedófilo.

Michael teve que rir.

— Como vai fazer em Point Adélie? Tentar manter em segredo outra vez?

Darryl deu de ombros, terminou de comer a barra de proteína e fez uma bolinha com a embalagem.

— Na hora eu vejo o que faço. Levantou-se da cama e começou a vestir um suéter. — Quanto aos outros cientistas de lá, eles não vão notar nem se importar.

— A cabeça surgiu pelo buraco da gola. — Dá uma amostra de gelo para um glaciologista e ele é o homem mais feliz do planeta. Desde que não interfira nas experiências de um cientista, ele não está nem aí para o que você faz.

Michael teve que concordar. Já tinha feito reportagens sobre alguns cientistas — um especialista em primatas no Brasil e um em répteis no sudoeste e eles viviam abstraídos em seus estranhos mundinhos. Em Point Adélie haveria uma coleção de sujeitos assim.

Quando Darryl terminou de fazer as malas, eles arrastaram as bagagens para o convés de proa, onde Michael percebeu que os pilotos já estavam no helicóptero realizando verificações de rotina. O suboficial Kazinski apareceu carregando as malas da Dra. Barnes, que o seguia ajeitando as trancinhas em um coque, vestida em um longo sobretudo verde.

O capitão Purcell aproximou-se antes do embarque, mas parecia estar falando com todos menos Michael.

— Em nome da Guarda Costeira dos Estados Unidos, gostaria de lhes desejar boa viagem até Point Adélie. Foi um prazer servi-los e estamos ansiosos para ajudar outra vez, sempre que seja necessário.

Charlotte e Darryl agradeceram e apertaram a mão do capitão, que finalmente encarou Michael.

— Tente não se meter em mais confusões, sr. Wilde.

— Espero que a capitão de corveta Healey melhore. Poderia me manter a par de sua recuperação?

— Sim, eu faço isso — disse o capitão, em um tom que deixava claro que não iria fazer.

Alguns marinheiros pegaram as malas e começaram a embarcá-las no compartimento de carga.

O capitão olhou para oeste e acrescentou:

— É melhor partirem. Temos mais tempestades a caminho. — Deu então um breve aceno para os pilotos, virou-se e voltou para a ponte.

Michael acompanhou Charlotte e Darryl pela porta lateral do helicóptero, abaixou a cabeça e se sentou do outro lado, próximo a uma grande janela quadrada. Helicópteros são projetados para permitir o máximo de visibilidade e Michael teria uma grande visão da viagem inteira. Darryl sentou-se no meio, ao lado de Charlotte, talvez propositalmente. Michael retirou depressa o casaco e as luvas, porque a cabine estava quente, e afivelou o cinto de segurança de quatro pontos. Quando os pilotos ligaram o rotor e a aeronave inteira começou a vibrar e zumbir, ele colocou os fones de ouvido abafadores de ruído, que vinham com microfone incluído. Um marinheiro trancou a porta lateral. Havia uma pequena passagem entre o compartimento de passageiros e a cabine dos pilotos, que permitiu que Michael visse Diaz e Jarvis — ficou sabendo seus nomes pelos marinheiros que retiraram a lona — acionando interruptores e verificando telas e mostradores. A cabine parecia uma versão em miniatura da ponte do navio.

O helicóptero balançou como uma adolescente usando salto alto até ganhar confiança e força. Então levantou voo, apontando para a popa, e tomou o rumo do sudoeste com o navio afastando-se lá embaixo. A última coisa que Michael viu foi a janela destruída do posto de comando. O albatroz morto fora retirado, e a tripulação usara madeira reforçada com alumínio e fita isolante para improvisar uma cobertura e tapar o buraco.

Abaixo de Michael estava o mar de Weddell, batizado em homenagem ao navegador escocês James Weddell, um dos primeiros a explorar a região nos anos 1820. A água era repleta de gelo flutuante e imensas geleiras aparentemente estáticas. De cima era possível ver o fundo das fendas nas geleiras, e quando a luz colaborava e um raio de sol batia em determinado ângulo, o gelo no interior brilhava como neon azul. E assim que a luz ia embora parecia que haviam desligado a eletricidade. A fenda lembrava uma cicatriz assustadora, uma sutura negra no rosto pálido de um morto.

Os fones de ouvido estalaram e o segundo-tenente Diaz apresentou-se, informando que o voo duraria em torno de uma hora.

— Esperamos que seja uma viagem tranquila, mas acho que já sabem como são as coisas por aqui.

Foi impossível não olhar para Darryl, que já tinha passado por toda a turbulência que merecia na vida, mas ele estava sem os fones de ouvido e dormia placidamente, de boca aberta e batendo a cabeça no ombro largo de Charlotte. A doutora estava com um par enorme de óculos escuros redondos, olhando para o mar com uma expressão pensativa.

Michael podia imaginar o que ela estava pensando. Quando se está voando pela imensidão vazia da Antártica é impossível não refletir sobre algumas coisas, como a insignificância da própria vida e a possibilidade de, a qualquer momento, um pequeno descuido levar a uma série de eventos que resultarão em morte ou desastre. Apesar dos exploradores, baleeiros e caçadores de focas que navegam por aquelas perigosas águas há séculos, o continente antártico ainda é o mais intocado pela humanidade. Ele é mantido a salvo pelo próprio caráter inóspito.

Quando o custo de matar as baleias que sobraram ficou alto demais, a indústria baleeira parou. Quando os lobos-marinhos foram dizimados pelo abatimento cruel — um massacre desenfreado de centenas de milhares, que deixou fêmeas mortas com filhotes incapazes de se alimentar —, essa indústria também parou de florescer. Onde quer que os humanos ponham o pé, a carnificina é tão brutal, extraordinária e rápida que a própria fonte de riqueza dos caçadores é praticamente erradicada em um período de cem anos.

A galinha dos ovos de ouro é morta repetidas vezes.

Mas a vastidão gelada do Polo Sul acabou por vencer os pretensos usurpadores e se mostrou intransponível a quase todo tipo de invasão, exceto algumas temporárias. Havia bases científicas e estações de pesquisa como Point Adélie espalhadas pelo litoral do oceano Antártico, mas eram como pequenos seixos escuros nas vastas praias brancas. Minúsculos pontinhos pretos em um mundo de mar azul e picos cristalinos. E o objetivo da maioria delas, como Michael tinha aprendido durante os jantares no refeitório dos oficiais, era menos a busca de conhecimento e mais a reivindicação da posse da terra — e das infindáveis riquezas minerais que possam estar embaixo dela.

— A Antártica é o único continente na Terra sem nações — a capitão de corveta Healey observara durante um jantar —, e para mantê-la assim foi assinado o Tratado da Antártica, em 1959. Ele diz que a Antártica, ou seja, qualquer oceano ou terra abaixo dos 60 graus de latitude, é uma zona internacional. Livre de energia nuclear. Foi assinado por 44 nações.

— Mas isso não afastou os invasores — disse Darryl, enchendo seu prato de batatas gratinadas. — Liberou para um, liberou para todos.

A oficial de operações abriu um sorriso melancólico.

— Você está certo. Muitas nações, incluindo recém-chegados improváveis como China e Peru, instalaram supostas estações de pesquisa. Foi a maneira que encontraram para afirmar seus direitos de participar de qualquer discussão sobre a Antártica, ou de qualquer exploração de recursos que possa vir a surgir.

— Em outras palavras, eles estão entrando na fila como nós para a hora em que o corre-corre começar de verdade — Darryl encheu a boca de batatas outra vez e falou antes mesmo de engolir tudo: — e vai acontecer.

Michael não tinha dúvida de que ele estava certo, embora fosse difícil visualizar essa futura catástrofe ao olhar pela janela para o panorama gelado lá embaixo e para o sol, parado no horizonte como uma bola de bronze. O gelo sem fim e o mar revoltado pareciam tão intransponíveis quanto eternos.

A oeste era possível ver os primeiros sinais da tempestade que o capitão mencionara. Nuvens cinzentas e compridas cobriam o céu e começavam a voar na direção deles, como uma mortalha sendo rasgada por mãos invisíveis. O oceano também estava se agitando, as ondulações ficando mais fortes, as ondas formando uma espuma branca. Aves marítimas foram sendo afastadas pelo vento crescente.

Darryl acordou e se sentou com as costas retas. Aparentemente não estava mais mareado, e a pele, embora pálida como a de qualquer ruivo, pelo menos não

apresentava um tom verde. Sorriu para Michael e fez sinal de positivo. Charlotte estudava um mapa desdobrado no colo.

Na cabine, Michael notou que Diaz e Jarvis debatiam e examinavam os instrumentos e monitores. Poucos segundos depois o helicóptero ganhou altitude e, se não estava enganado, velocidade. Era impossível perceber algo além de um imenso panorama uniforme de gelo lá embaixo. E pelos vinte minutos seguintes, o helicóptero parecia empenhado em nada além de chegar ao destino o mais rápido possível. Michael imaginou se a tempestade estava avançando com mais velocidade do que eles tinham calculado.

Ele recostou a cabeça e fechou os olhos. Também estava bem cansado, porque dormir a bordo de um quebra-gelo não tinha sido fácil. Por causa do barulho constante do motor e das hélices moendo os pequenos icebergs que passavam, ele duvidava que tivesse dormido mais do que algumas horas antes de ser acordado de supetão ou jogado no chão. Isso sem falar na cabine úmida e escura (ainda dava para sentir o cheiro de mofo nas roupas). Não importava como seria o alojamento em Point Adélie, ele estava ansioso para dormir em uma cama que não balançasse. Queria deitar em um lugar onde o oceano mais perigoso do mundo não estivesse se jogando contra ele, tão perto e louco para entrar.

Ficou pensando se teria havido alguma mudança no estado de Kristin. Era estranho estar tão fora de contato, tão afastado em todos os sentidos dos problemas da vida comum. Era verdade que ele havia tirado um período sabático dos amigos, família e trabalho. Depois do acidente, Michael isolara-se na tristeza e deixara a secretária eletrônica cuidar dos telefonemas, enquanto os e-mails se acumulavam na caixa postal. Mas sabia que iria descobrir se algo grave ocorresse. O mundo — ou pelo menos a irmã caçula de Kristin — romperia as barreiras e daria o recado a ele, de uma forma ou de outra. Mas, no lugar para onde estava indo, a comunicação normal devia ser difícil e a possibilidade de reagir de maneira significativa seria nula. Não poderia sair correndo do lugar mais inacessível do planeta, a milhares de quilômetros de distância, para um hospital, ou pior, para um cemitério.

A triste verdade daquilo tudo, se fosse sincero consigo mesmo, é que era um alívio. Desde que embarcara nesta jornada, parecia que tirara um peso dos ombros, que interrompera um eterno estado de prontidão. Há meses tinha a sensação de estar em uma vigília sem fim, incapaz de avançar sem olhar para trás constantemente. Mesmo que não quisesse admitir, havia algo de positivo na imposição de barreiras físicas. Elas davam um jeito de tomar as decisões pela pessoa.

O vento bateu forte contra o helicóptero e, sem mexer a cabeça, Michael abriu um olho. A cena lá fora tinha mudado completamente. As nuvens compridas transformaram-se em um exército fantasmagórico que corria pelo céu. E mesmo o oceano, bem lá embaixo, estava quase inteiramente encoberto por um nevoeiro agitado. A divisão entre mar e céu, gelo e ar tornava-se cada vez mais obscura. Michael sabia que aquele era um dos maiores perigos da Antártica. O universo

inteiro, em questão de minutos, podia virar uma sopa de fótons intensamente reluzente. Navios afundavam e exploradores caíam em fendas invisíveis. Pilotos, sem terem como se orientar, batiam com os aviões nos picos glaciais ou iam de nariz na calota polar.

— Acho que já deu para notar — falou o segundo-tenente Diaz pelo comunicador — que vem uma tempestade em nossa direção.

Michael ajeitou-se no assento e olhou para os companheiros de viagem. Charlotte dobrou e guardou o mapa enquanto Darryl inclinou o pescoço para ver pela janela dela.

— Mas estamos quase em Point Adélie, acompanhando a costa e chegando pelo noroeste. Se o nevoeiro colaborar, vai ser possível ver a velha estação baleeira da Noruega ou até mesmo os pinguins Adélie. — Ele desligou o comunicador, mas poucos segundos depois voltou a falar. — O tenente Jarvis pediu para informá-los que nosso tempo no solo será mínimo, então, por favor, fiquem prontos para desembarcar assim que forem avisados de que é seguro. Não esperem pela bagagem ou equipamento, porque eles serão levados até os senhores. — Então desligou de vez.

Michael apertou o caderço das botas e recolheu o casaco, as luvas e o gorro, embora não pudesse vesti-los por causa do cinto de segurança de quatro pontos. Mesmo sem conseguir ver, percebeu que o helicóptero estava perdendo altitude lentamente ao passar pelo nevoeiro. De vez em quando um trecho do litoral rochoso tornava-se visível e ele conseguia perceber grandes agrupamentos escuros de pinguins sobre uma planície coberta de neve. Então enxergou um conjunto de prédios de madeira abandonados, da cor de fuligem e ferrugem, e o que parecia ser a torre de uma igreja rompendo o nevoeiro. Mas era difícil ter certeza, porque o helicóptero voava muito depressa, subindo e descendo pelas fortes correntes de ar, e balançava de um lado para outro.

Poucos minutos depois, passou sobre um conjunto de morros baixos, diminuiu a velocidade e virou, com o rotor zumbindo mais forte do que nunca. Michael inclinou-se na janela para olhar para baixo. O nevoeiro foi cortado pelas hélices do helicóptero, permitindo ver um homem vestido com uma parca laranja acenando freneticamente e deslizando no gelo. O sujeito estava cercado por umas manchas cinzentas e marrons que se moviam rapidamente sobre a neve e o gelo, ou desapareciam como se evaporassem por conta própria. O helicóptero pairou, mas foi atingido por uma rajada de vento que o lançou girando no ar. Na cabine, Diaz e Jarvis estavam concentrados sobre os controles. Diaz falava sem parar ao microfone.

O homem lá embaixo sumiu do campo de visão de Michael e então voltou correndo, ainda acenando. O helicóptero foi novamente sacudido, tocou uma sirene duas vezes e começou a descer lentamente. Quando os esquis da aeronave tocaram o solo, Michael ouviu um rangido que parecia uma daquelas velhas formas de gelo sendo abertas. O homem da parca laranja gritou alguma coisa de fora do helicóptero e passou pela janela. Michael conseguiu enxergar um rosto

barbado e calejado pelo tempo debaixo dos óculos de proteção e ouviu o rotor diminuindo o movimento aos poucos. Os pilotos desligaram os instrumentos e soltaram os próprios cintos de segurança. Michael fez o mesmo.

Diaz virou-se e anunciou:

— Última parada!

Jarvis já havia saído e estava destrancando a cabine de passageiros. A porta abriu com um solavanco, e uma lufada de ar antártico entrou na cabine como um furacão. Charlotte ainda lutava para se soltar do cinto de segurança e Darryl tentava ajudá-la.

— É para descer quem vai descer! — Jarvis gritou e estendeu a mão para Charlotte, que finalmente havia se soltado e deu um passo com cuidado para o gelo. Darryl saiu aos trancos e barrancos atrás dela, seguido por Michael.

O sujeito da parca laranja gritava algo para os pilotos, alguma coisa sobre as focas de Weddell e filhotes. Michael ainda estava meio surdo pelo barulho do helicóptero, e muito do que o cara tinha falado foi levado pelo vento antes que conseguisse entender.

Michael afastou-se enquanto vários outros homens de parcas e óculos de proteção corriam para a traseira da aeronave, onde Jarvis já tinha aberto o compartimento de carga. Viu os suprimentos saindo, mas quase perdeu o equilíbrio e teve que se concentrar outra vez para onde estava indo. Para onde estava indo? Não havia sinal da estação de pesquisa. Michael descobriu, de repente, que o gelo apresentava buracos razoavelmente grandes. Parou e percebeu que havia algo no gelo, uma coisa vermelha, carnuda e úmida. O homem da parca laranja voltou a gritar, só que agora Michael conseguiu ouvir parte do que dizia.

— As focas de Weddell estão parindo aqui! Neste exato momento! Cuidado onde pisam!

Charlotte e Darryl pararam de braços dados.

— Há buracos no gelo! — gritou o sujeito ao indicar vários pontos ao redor deles. — Elas abriram buracos para respirar!

A poucos metros dali, quase irreconhecível contra o gelo, Michael viu dois filhotes. Eram brancos, mas estavam cobertos de sangue, com os olhos negros abertos. Uma mãe deitava-se atrás deles, parecendo um barril cinza. Enquanto observava, outra foca, um espécime maior, mais escuro e crescido, colocou a cabeça dentro de um buraco e deslizou para dentro dele.

— Continuem andando! — gritou o homem da parca laranja. — Saiam do gelo!

Alguém da estação, um sujeito com um bigodão congelado, estava guiando Charlotte e Darryl. Michael seguiu vagarosamente na mesma direção, mas em certos momentos o nevoeiro tornava impossível enxergar além dos próprios pés. E ainda era mais difícil andar no gelo escorregadio e sujo de sangue e placenta. Michael respirou aliviado quando, finalmente, sentiu pedra e líquen debaixo das botas. Uma lufada de vento afastou o nevoeiro e ele conseguiu ver, sobre uma elevação uns 50 metros à frente, um grupo de estruturas pré-fabricadas, cinzentas

e horrorosas, construídas a uma pequena altura do *permafrost* ³. No centro havia um mastro coberto de gelo com a bandeira americana tremulando ao vento congelante.

O sujeito da parca laranja surgiu por trás de Michael.

— Nós chamamos a base de o jardim da Antártica — falou.

Michael bateu as botas geladas e sujas de sangue.

— Mas devo avisar você — continuou falando com um forte sotaque de Boston — que nem sempre é assim tão bonito.

³ Termo usado pela geologia para classificar o solo permanentemente congelado das regiões árticas e antárticas. (N. do T)

PARTE II

POINT ADELIE

“And a good south wind sprung up behind; The Albatross did follow, And every day, for food or play, Came to the mariners’ hollo! In mist or cloud, on mast or shroud, It perched for vespers nine; Whiles all the night, through fog-smoke white, Glimmered the white Moon-shine.

God save thee, ancient Mariner! From the fiends, that plague thee thus! — Why lookst thou so? — With my crossbow, shot the ALBATROSS!”

THE RIME OF THE ANCIENT MARINER ⁴,
Samuel Taylor Coleridge, 1798

“E um bom vento sul surgiu por trás;/ O Albatroz seguiu,/ E todo dia, para comer ou brincar,/ Veio ao chamado do marinheiro!// No nevoeiro ou nuvem, no mastro ou nos cordames,/ Empoleirava-se no fim da tarde;/ Enquanto a noite inteira, através do nevoeiro branco,/ Brilhava a luz branca do luar// Deus o proteja, velho Marinheiro!/ Dos demônios que lhe perseguem! —/ Por que me olhas assim? — Com minha besta/ Eu atirei no ALBATROZI!”

⁴ A Balada do Velho Marinheiro, Samuel Taylor Coleridge, 1798. (N. do T.)

10

2 a 5 de Dezembro

FOI DIFÍCIL PERCEBER A PASSAGEM dos primeiros dias em Point Adélie. Não só porque estava acontecendo muita coisa, mas também porque não havia a sensação de tempo passando. Com o sol brilhando eternamente, jogando raios de luz pelas frestas das persianas à noite, a única maneira de saber as horas era consultar o relógio ou então perguntar a alguém, caso a pessoa continuasse confusa se eram onze e meia da manhã ou da noite. Uma pergunta que era seguida por outra: e qual era o dia da semana? Não dava para consultar o jornal de manhã ou a programação da TV. Os horários que regulavam a vida de alguém — o momento de dormir ou acordar, a hora da academia ou da aula de ioga, da saída do trabalho e da chegada em casa — não serviam para nada.

Nem importava se era dia útil ou fim de semana, já que a pessoa não ia sair para namorar, ir ao cinema, dormir na casa de alguém ou levar os filhos à aula de futebol. Tudo isso era irrelevante. Ali eram um lugar e um tempo em que os detalhes mundanos não importavam. Na Antártica, tudo parecia flutuar. Ou a pessoa aprendia a impor a própria ordem — ou qualquer tipo de ordem — ou pirava aos poucos.

— A gente chama de *Big Eye*.⁵ — Michael ouviu a expressão durante a primeira refeição no bandeirão (um termo inspirado pelo clima universitário da base científica). O sujeito da parca laranja e óculos de proteção era Murphy O'Connor, o chefe de operações da estação de pesquisa. Ele comeu com os recém-chegados e aproveitou a oportunidade para passar as regras e regulamentos da base, entre outras coisas.

— Se vocês trabalham demais, sem parar, perdem a noção do tempo e logo estarão andando por aí com o *Big Eye*. — Arregalou os olhos e chupou as bochechas, imitando a aparência abatida de um louco.

⁵ Expressão que significa insônia provocada pela ausência de escuridão durante a noite no verão da Antártica, quando a incidência de luz do sol dura 24 horas. (N. do T.)

Charlotte riu e Darryl gargalhou enquanto derramava mais uma farta porção de feijão no prato.

— Não vai ser tão engraçado quando for com vocês.

Darryl meteu a colher de volta no feijão.

— Até que você come muito para um sujeito tão pequeno — comentou Murphy.

Michael achou que Hirsch fosse se ofender, mas o chefe de operações tinha um jeito tão franco e aberto que Darryl pareceu nem ligar.

Murphy voltou ao assunto.

— Então, mantenham algum tipo de planejamento enquanto estiverem aqui. Inventem o que quiserem, mas tentem cumprir. A cozinha nunca fecha, sempre é possível descolar um sanduíche, mas, se vocês pirarem, não temos ala psiquiátrica na base. — Ele olhou para Charlotte. — A não ser que a dra. Barnes planeje inaugurar uma.

— Não se for possível evitar — disse ela.

Murphy continuou a passar uma longa lista de dicas sobre Point Adélie, incluindo a mais importante de todas.

— Nunca saiam da base sozinhos — avisou, encarando cada um deles para enfatizar. Tinha olhos grandes e castanhos, escondidos por trás de óculos no estilo aviador que mal apareciam em meio à barba negra que cobria o queixo e as bochechas. — Há um ano, um geólogo do Kansas quis dar uma saidinha para pegar umas amostras. Foi sozinho e não avisou ninguém para onde ia. — Ao falar isto, Murphy levantou um dedo em alerta. — Só o encontramos três dias depois.

— O que aconteceu? — Michael perguntou.

— Ele caiu em uma fenda e congelou até a morte. — Murphy balançou a cabeça de tristeza e tomou um gole de café em uma xícara com o desenho de um pinguim. — Tem vezes que não dá para ver as fendas. — Apontou em direção ao seu escritório. — É por isso que temos um quadro-negro no corredor.

— Se vocês pretendem sair da base, têm que anotar que estão indo, com quem vão e quando planejam retornar.

Michael já tinha visto o quadro, cujo último registro dizia algo sobre uma exploração do solo nos Vales Secos.

— E quando vocês retornarem, são e salvos, registrem no quadro. Não gosto de ter que rondar a base para ver se está todo mundo bonitinho na cama. — Fez uma pausa e sorriu ao pensar em alguma coisa. — Vocês ficariam surpresos com o que já encontrei.

Michael não conseguia pensar em nada muito devasso. Olhando ao redor do bandejão, que estava bem vazio no momento, havia algumas mesas com funcionários sentados — jovens rapazes em uniformes azuis — e outras nas quais os cientistas estavam concentrados. Eram fáceis de identificar, assim como Darryl no aeroporto de Santiago. Formavam um pequeno grupo excêntrico: um sujeito de rabo de cavalo comprido e óculos de armação de metal no meio do nariz, e um par de louras corpulentas com ombros largos, que pareciam fazer parte de uma lenda nórdica. Murphy devia ter acompanhado o olhar de Michael, porque falou:

— Nós chamamos os cientistas de provetas.

Michael entendeu. Provetas, como o utensílio de laboratório.

— Mas eles não ligam e nos chamam de milicos.

— E vocês não ligam? — perguntou Charlotte.

— Claro que sim,oras — falou Murphy, em tom de falso protesto —, mas somos difíceis de ofender. — Então, com mais seriedade, acrescentou: — Todos nós dependemos uns dos outros aqui, e temos noção disso. Sem nós milicos, para cuidar do lugar, manter os geradores a diesel funcionando e as luzes ligadas, fazer a comida e retirar os barris de urina, pois todos os dejetos humanos têm de ser guardados e transportados para fora da Antártica, os provetas não fariam nada. E sem eles... — fez uma pausa, como se não soubesse como completar o raciocínio. — Ah, sim, sem eles, o resto de nós não estaria aqui na ponta do traseiro do mundo.

— Parece um esquema perfeito, se quer saber minha opinião — Darryl comentou.

— Falou como um verdadeiro proveta — disse o chefe. — Agora fiquem à vontade em seus alojamentos. Amanhã terão um longo dia pela frente na escola de neve.

Charlotte, Darryl e Michael trocaram olhares confusos.

— E não esqueçam as luvas.

Murphy saiu para se juntar aos colegas milicos na mesa deles. Alguns se viraram para ver melhor os recém-chegados, e Michael, Charlotte e Darryl se sentiram como os alunos novos no refeitório do colégio. Os provetas estavam distraídos com a própria conversa ou comiam de cabeça baixa, intencionalmente olhando para os pratos de feijão com salsicha e broa de milho (um deles tinha uma pilha de impressões de computador espalhada à frente).

— Esquisito, não é? — disse Michael, apontando para os cientistas. — Estamos em um mundo em que eles são os alunos populares.

Darryl riu e falou:

— Esperei por isso a vida inteira. Se me dão licença — disse ao ficar de pé —, acho que ouvi alguém dizendo “isópode” ali.

Enquanto Charlotte e Michael olhavam, Darryl atravessou bravamente o piso de linóleo e se sentou a mesa de metal em que as louras, que vestiam blusas de flanela para fora das calças, debatiam alguma coisa. A conversa foi interrompida por alguns segundos, e Michael pensou se deveria ir resgatar o amigo.

Mas então Darryl disse algo que não deu para ouvir, mãos foram apertadas, credenciais anunciadas em voz alta e, como se passasse por um ritual secreto de iniciação, Darryl recebeu imediatamente as boas-vindas ao clube. Pelos próximos dez ou quinze minutos, Michael e Charlotte deram-lhe tempo para que se enturmasse com os novos amigos, depois se levantaram e esvaziaram as bandejas. Michael olhou para Darryl, que rapidamente terminou uma piada sobre um nematódeo que fez todo mundo rir, antes de se reunir a eles.

— Pessoal gente boa — falou Darryl, enquanto o trio colocava os casacos para

o breve retorno aos alojamentos.

— Parece que você fez sucesso — Michael comentou.

— A plateia era nova, então pude reutilizar minhas melhores piadas — respondeu Darryl, encolhendo os ombros por modéstia.

Assim que saíram do módulo que abrigava o bandeirão e o escritório do chefe de operações, eles tiveram que cruzar uma passarela exposta de madeira com 5 metros de comprimento. Os módulos eram como largos vagões de trem, dispostos formando um grande quadrado, com cordas de náilon vermelho esticadas nos dois lados das passarelas de ligação. Michael sabia que, mais do que ajudar a manter o equilíbrio, as cordas estavam lá para o caso do fenômeno conhecido como escuridão branca — e ele já tinha passado por uma. As cordas representavam a única chance de encontrar o caminho do abrigo, que podia estar a poucos centímetros sem que a pessoa soubesse. Homens já morreram congelados em climas polares a poucos metros das próprias tendas sem conseguirem vê-las.

No módulo seguinte, onde ficava a enfermaria, Charlotte conseguiu uma coisa rara: um quarto particular, se é que se podia chamar aquilo de quarto. Era um cubículo de 2,5 por 3 metros e havia sido ocupado, até a chegada do helicóptero, pelo antigo residente de medicina. A julgar pelos pôsteres na parede, ele era fã de três coisas: surfe, velejar e Jessica Alba. Mas agora estava no caminho de volta ao mundo, a bordo do quebra-gelo *Constellation* da Guarda Costeira. A bagagem de Charlotte ainda estava sobre o leito.

— Bela decoração — Michael falou ao enfiar a cabeça dentro do quarto.

— Jamais me ocorreu trazer meus próprios pôsteres.

— Na próxima você já sabe — disse Darryl.

— Na próxima — Charlotte respondeu — eu não vou estar aqui.

Michael e Darryl foram instalados no módulo seguinte, reservado para os provetas e o pessoal temporário, e tinham que dividir um quarto não muito maior que o de Charlotte. Havia apenas uma estreita janela, que na verdade estava mais para um basculante, e um beliche com cortinas blecaute individuais para cada cama. O chão era coberto por um tapete industrial típico de salão de banquete de hotel, em tom marrom e amarelo. Mas o armário, cuja porta de correr feita de compensado saía do trilho, guardava surpresas.

— Uau — exclamou Michael —, dá uma olhada nisso aqui.

Darryl foi espiar.

— Ou os antigos ocupantes nos deixaram vários presentes...

— Ou a NSF quis ter certeza de que estaríamos bem equipados. — Darryl puxou a manga de um dos dois anoraques laranja pendurados no cabide torto. — Eu fiquei imaginando por que perguntavam tanto sobre as minhas medidas nos formulários de inscrição.

Além dos dois anoraques, com capuzes forrados por pele de coio, havia duas parcas com forro de pena de ganso, camisas e calças de lã com tantos bolsos que davam para levar uma loja inteira. Na prateleira de cima, Michael encontrou e passou para Darryl um conjunto de roupa de baixo de polipropileno, feito para

absorver o suor do corpo; luvas de lã tão grandes que dava para usar outro par por baixo; meias de lã; luvas de couro forradas por tecido; e, finalmente, toucas de esquí que só deixavam parte do rosto de fora.

— Parece o Natal! — disse Darryl, examinando os vários itens ao recebê-lo de Michael.

— E ainda não acabou.

Havia uma variedade de botas, todas arrumadas e separadas por tamanho, no chão. Havia botas de neve, com duas camadas de borracha separadas por isolante térmico; mukluks, os sapatos típicos dos esquimós; e galochas de bombeiro, altas e escuras, para solo úmido e para andar na água.

— Parece que pensaram em tudo — comentou Darryl.

— É — Michael concordou ao examinar o tesouro. — Só estou pensando onde estacionaram os nossos *snowmobiles*.

O banheiro comunitário ficava no final do módulo e estava vazio quando Michael foi tomar uma ducha quente. “Limite-se a três minutos de banho”, dizia um aviso. Voltou pelo corredor acarpetado com o mesmo material dos quartos. “Devem ter comprado em liquidação quando algum Holiday Inn fechou”, pensou Michael.

Assim que retornou ao quarto e fechou a porta, Michael ouviu o ronco baixinho vindo de trás da cortina da cama de baixo, onde Darryl estava. O chão estava coberto pelas novas roupas. Michael desceu a cortina escura do arremedo de janela, apagou a luz e subiu para a cama, onde afofou o travesseiro de espuma contra a cabeceira. Uma réstia do sol frio ainda entrava no quarto. Ele puxou o blecaute e, quando colocou a cabeça no travesseiro, já estava a meio caminho do sono. Oito horas mais tarde, acordou na mesma posição em que dormira e, pela primeira vez em meses, não conseguia lembrar-se de nenhum detalhe dos sonhos. Ficou muito agradecido por isso.

Passar pela escola de neve era obrigatório para os recém-chegados à base. A supervisão ficava a cargo de um jovem magricelo chamado Bill Lawson, que usava um lenço tipo pirata na cabeça. Michael pensou que talvez ele tivesse visto Piratas do Caribe mais vezes do que devia. Um civil contratado pela Marinha, Lawson dava o curso como se fosse um seminário de autoestima. Quando Michael foi o primeiro a mostrar que sabia como acender uma fogueira, ouviu “Mandou bem, Michael!” do instrutor.

E quando Darryl montou uma tenda em menos de dez minutos, Lawson deu “Parabéns, Darryl!”. Repetiu a dose ao ver que o cientista conseguiu desmontá-la e guardá-la no trenó em menos tempo ainda.

Charlotte, que não conseguia vencer nenhum dos testes de sobrevivência, foi ficando cada vez mais aborrecida. Era óbvio que estava acostumada a ser a melhor aluna da turma e não aceitava os sermões sobre hipotermia e geladura, tópicos que com certeza já dominava. Enquanto Lawson falava, Charlotte olhava para as planícies de gelo, que cercavam a base de três lados e a cadeia das montanhas Transantárticas, que apresentava pontos marrons onde a neve havia sido levada

pelos ventos incessantes. Ela ficou ainda mais chateada quando Lawson anunciou que eles passariam a noite fora da base.

— Em uma tenda? — perguntou Charlotte. — Meu quarto não é lá essas coisas, mas pelo menos tem uma cama, muito obrigada.

Lawson fingiu levar na esportiva, ou talvez o sujeito fosse realmente imune a pessimismo, pensou Michael.

— Não, sem tendas. Vamos construir nossos próprios iglus! — disse Lawson. Por um segundo, Michael achou que ele fosse bater palmas de alegria.

— Bem, se é assim que as coisas são feitas no Polo Sul... — Darryl começou a dizer antes que Lawson o corrigisse ao falar:

— Polo. Somente Polo.

Nenhum deles compreendeu.

— Ninguém diz Polo *Sul* aqui — Lawson explicou. — Isso entrega que você é um recém-chegado ou turista. Diga apenas, por exemplo, “vamos ao Polo semana que vem” e vai parecer um veterano.

Lawson tirou quatro serras da mochila, entregou para eles e começou a demonstrar o corte de blocos de gelo e neve como se fossem um bolo de casamento. Depois, ensinou a maneira correta de empilhá-los em colunas ligeiramente inclinadas para formar uma espécie de domo. Embora a temperatura estivesse pouco abaixo de zero, Lawson suava em bicas quando terminou. Afastou-se para admirar seu pequeno Taj Mahal.

— Você não esqueceu algo? — perguntou Charlotte.

— Você quer dizer a porta — disse Lawson, sorrindo com dentes tão brancos quanto pastilhas de hortelã. — Só estava tomando fôlego.

Então começou a cavar como um castor, usando a serra, uma pá e às vezes as próprias mãos enluvadas. Pedacos de neve e gelo misturados com um pouco de cascalho voavam para trás de Lawson como se ele fosse um picador de madeira. Michael observava, admirado, o sujeito cavar um túnel raso e muito estreito que avançava debaixo da neve e subia para o iglu. Jogando a pá para o lado, Lawson deitou-se de bruços e foi, aos poucos, desaparecendo dentro da terra, um pedaço de cada vez até que, finalmente, as botas também sumiram. Michael agachou-se na boca do túnel e chamou:

— Tudo bem aí dentro?

A voz cansada de Lawson, parecendo soar de uma tumba, respondeu:

— Gostoso e quentinho como um ninho de passarinho.

Charlotte fez uma cara de quem queria matar esse passarinho.

Mas, ao sair de lá, ele conseguiu convencê-los a criar os próprios iglus sob atenta supervisão. Embora guiasse cada passo, insistiu que fizessem o trabalho manual sem ajuda.

— Vocês têm que *saber* fazer um iglu e *acreditar* que podem conseguir — disse ao circular entre eles enquanto cortavam os blocos de neve. — Pode ser a diferença entre a vida e a morte.

A proximidade da morte, refletiu Michael, era um refrão frequente em Point

Adélie.

Naquela noite, em vez de retornarem ao bandeirão para o jantar, eles ficaram reunidos atrás de uma parede de gelo feita com sobras dos iglus e agradeceram a Deus pelas roupas da NSF que encontraram nos armários. Comeram a ração operacional levada por Lawson. Embora não tivesse a insígnia das Forças Armadas, Michael suspeitou que a ração viesse das mesmas cozinhas que abasteciam os militares. A lata de Michael dizia picadinho de carne em conserva, mas, de olhos fechados, não dava para dizer se era isso mesmo. Quando terminaram de comer, uma tarefa rápida e sem graça, Lawson passou um saco plástico e todo o lixo foi recolhido.

— Aqui a gente não deixa nada para trás — disse. — O que os humanos trazem, a gente devolve.

A base estava uns 800 metros abaixo deles e era possível ver as luzes brancas, mesmo sob a constante luz do sol, no litoral do mar de Weddell. Charlotte olhava para elas como se fossem as luzes de Paris. Quando o vento bateu na direção do grupo, dava para ouvir ao longe os uivos dos cães de trenó no canil.

— Tem certeza de que não dá para encerrar por aqui? — disse a médica para Lawson. — Tipo, já sabemos como construir iglus. A gente precisa mesmo dormir dentro deles?

Lawson inclinou a cabeça e respondeu:

— Infelizmente, sim. Só estamos seguindo as ordens do chefe. Desde que o proveta, desculpe, o geólogo do Kansas se perdeu e morreu aqui fora, o Murphy exigiu um dia e uma noite inteiros de treinamento para todos os recém-chegados.

Darryl ficou de pé e bateu os braços em si mesmo para estimular a circulação.

— Então, quem vai dormir onde? — disse. — Parece que um dos dormitórios vai ter que ser misto.

— Você está certo — falou Lawson, continuando com a filosofia de elogiá-los por qualquer coisa que dissessem, não importava que o comentário tivesse sido óbvio. — Michael, por que não dividimos um iglu? Eu fiz o primeiro com mais espaço sobrando.

Cada um pegou no trenó um saco de dormir com forro sintético, feito para temperaturas abaixo de zero, e disse boa noite. Enquanto Michael esperou por Lawson, que foi se contorcendo para entrar com a lanterna na mão, Charlotte, vestida em uma grande parca verde, fez o mesmo em relação a Darryl.

— Pelo menos ele não vai ficar mareado lá dentro — Michael disse.

Charlotte apenas concordou com a cabeça, os olhos fixos no buraco na neve enquanto segurava o saco de dormir enrolado.

Michael teve um pressentimento e disse:

— Nem pense em tentar voltar a pé para a base. Não é seguro.

Ela virou-se para Michael, que percebeu ter lido a mente da doutora, ou pelo menos a sua intenção.

— Fique à vontade para entrar — Lawson chamou com uma voz abafada.

— Até amanhã — Michael falou antes de se agachar, empurrar o saco de

dormir para dentro do buraco e começar a rastejar.

O túnel não era comprido, mas era apertado. Assim como Michael, Lawson tinha mais de 1,80m, porém o sujeito parecia ser de borracha. Michael pensou que ele podia ter feito a passagem um pouquinho mais larga. A cabeça passou raspando pelo teto do túnel e Michael precisou enfiar a ponta das botas fundo na neve para conseguir avançar. Foi empurrando a parte de cima do corpo para frente, usando os cotovelos como apoio. Não sofria de claustrofobia, mas seria uma péssima hora para começar a ter medo de confinamento. O corpo inteiro estava entalado na neve, os lábios molhados pelos flocos, e o saco de dormir que empurrava à frente tapava quase toda a luz da lanterna de Lawson. Quando o saco finalmente saiu, parecia ter chegado a um novo mundo. Lawson tirou o saco de dormir do caminho e ajudou Michael a entrar.

— A melhor coisa de um iglu — disse Lawson — é que você não precisa de uma geladeira.

Michael rastejou para dentro e ficou de joelhos sob o teto baixo. As paredes eram firmes e estavam úmidas pela condensação da respiração deles. Só havia espaço suficiente entre elas para abrir o saco de dormir se Michael enfiasse os pés no túnel de entrada. Lawson cobriu quase todo o chão com isolantes térmicos.

Mas foi a luz no interior do iglu que realmente surpreendeu Michael. A lanterna estava apontada para cima, fazendo com que raios cintilantes refletissem em todas as direções. As paredes reluziam em azul e branco, e alguns flocos de neve caídos do teto giravam no ar como diamantes em exposição. Michael sentiu-se dentro de uma bola de neve.

— O teto vai pingar um pouco durante a noite — Lawson falou ao se enfiar dentro do saco de dormir —, especialmente ao redor dos buracos de ventilação. Não precisa se preocupar, mas sugiro cobrir o rosto com a aba à prova d'água do saco de dormir. — Ele deitou-se e cobriu a cabeça com a aba.

— Assim — falou, inflando o tecido com a respiração.

Michael desenrolou e esticou o saco de dormir, batendo com a cabeça no teto umas três ou quatro vezes. Tirou as botas, ficando com dois pares de meias, e fez a parca de travesseiro, como Lawson. Mas a parte mais difícil foi se enfiar dentro do saco vestindo tantas camadas de roupa. Sentiu o próprio cheiro no espaço fechado do iglu e não era nada agradável. Foi entrando aos poucos até os pés tocarem o fundo. Lawson já tinha enfiado a ponta do saco de dormir dentro do túnel, mas havia espaço suficiente para Michael fazer o mesmo sem ficarem roçando pezinhos durante a noite. Apoiou a cabeça na parca dobrada e olhou para o teto curvo, imaginando se não iria desabar sobre eles a qualquer momento. Em vez disso, uma grande gota de água gelada caiu no seu queixo. Michael estava fazendo a barba cada vez menos nos últimos dias, esperando momentos como aquele, quando qualquer proteção, até mesmo uns poucos pelos, viria a calhar. Secou o queixo com as costas da luva e cobriu o rosto com a aba do saco de dormir.

— Hora de apagar a luz? — sussurrou Lawson.

— Certo — Michael respondeu e tateou procurando a lanterna que estava entre eles. Quando desligou, o ofuscante globo de neve sumiu de imediato. Foi substituído, pensou Michael, por um silêncio e uma escuridão tão profundos quanto os de uma cova.

11

21 de junho, 1854, 1h 15

ELEANOR AMES TRABALHAVA HAVIA MENOS de um ano no Instituto para Senhoras Enfermas, localizado na Harley Street, mas a indicação para ser a responsável pelo turno da noite era sinal de que a srta. Nightingale confiava nela. Embora isso significasse ter que ficar acordada até o amanhecer. Eleanor sentia-se honrada e estava contente com a responsabilidade. E, verdade seja dita, ela gostava da relativa tranquilidade da noite. Exceto pela necessidade de dar um remédio ou trocar um curativo, os deveres eram na maioria das vezes espirituais. Algumas das pacientes, que por si só já eram inquietas, tornavam-se ainda mais nervosas quando escurecia. Os demônios pessoais atacavam com o passar da noite. E a missão de Eleanor era mantê-los afastados.

Já tinha verificado o estado da srta. Baillet, uma governanta que perdera o emprego em Belgrávia após ter sofrido uma convulsão, e da srta. Swann, uma chapeleira que apresentava uma febre alta e inexplicável. Pelo resto da noite, Eleanor simplesmente patrulhava os corredores, verificando se tudo estava bem, e arrumava a farmácia. Como supervisora, a sra. Nightingale deixara bem claro que o local tinha que estar limpo e organizado em todos os sentidos. Ela insistia que os corredores deveriam receber ar puro (ou tão puro quanto fosse possível em Londres), especialmente à noite, e também fazia questão de que todas as camas fossem feitas, que cada ferida recebesse novos curativos e que fossem servidas refeições bem-preparadas e nutritivas. Em muitos setores da sociedade, as ideias da srta. Nightingale eram recebidas com ceticismo ou indiferença — até mesmo os médicos que atendiam os pacientes pensavam que eram procedimentos irrelevantes, embora inofensivos. Eleanor, contudo, havia abraçado os seus ideais e tinha orgulho de estar entre as moças que haviam sido aceitas no programa de treinamento do hospital. Com 19 anos, era uma das mais jovens enfermeiras da srta. Nightingale.

Ao trancar a farmácia (especialmente por causa do láudano, cuja demanda era alta como remédio para dormir por alguns pacientes), viu o reflexo no vidro do

armário, O cabelo escuro, preso debaixo do quepe branco, começava a se soltar, e teve que enfiá-lo de volta. A srta. Nightingale ficaria aborrecida caso descesse dos aposentos no último andar e a encontrasse em desalinho. E, com toda a solicitude carinhosa que reservava às pacientes, não era nada agradável ser repreendida por ela.

Eleanor apagou a lamparina e saiu para o salão. Estava prestes a subir e arrumar o solário, pois a srta. Nightingale acreditava no poder de cura da luz do sol, quando olhou por acaso para a porta da frente. Pelos painéis de vidro imaginou ter visto uma carruagem estacionando à frente dos degraus. Ao parar para ver, notou três homens descendo do coche e subindo a escada, o que a deixou surpresa. Eles não sabiam que as visitas ocorriam durante a tarde?

Aparentemente não, porque na hora em que Eleanor correu para evitar o barulho que poderia acordar as pacientes, ouviu o sino tocando e, quase ao mesmo tempo, um punho batendo com força na madeira da porta. Viu um rosto com costeletas olhando para dentro, enquanto uma voz chamava:

— Precisamos de ajuda. Podem nos ajudar?

No momento em que o punho se ergueu outra vez, ela destrancou e abriu a porta. O sujeito que estava pedindo ajuda, um homem grandalhão de rosto rosado, ficou subitamente envergonhado e disse:

— Perdoe a nossa intrusão, senhorita, mas temos um companheiro que necessita de cuidados. — O tal companheiro, também vestindo um uniforme vermelho de cavalaria, tinha a mão sobre o braço, enquanto outro soldado o segurava pelo cotovelo para apoiá-lo.

— Este é um hospital para mulheres — disse Eleanor — e, infelizmente...

— Estamos cientes disso — falou o homem rosado. — Mas é uma emergência e não sabíamos mais a quem recorrer.

Eleanor notou o sangue escorrendo do ferimento do soldado louro, que de repente lhe pareceu familiar. Ora, era o mesmo homem que a vira debruçada na janela fechando as persianas horas antes.

— Não há um médico no prédio — disse. — Somente amanhã de manhã.

O grandalhão olhou de volta para os companheiros vários degraus abaixo, como se não soubesse o que eles queriam que fizesse. O homem que sangrava falou:

— Sou o tenente Sinclair Copley. Fui ferido ao ajudar uma mulher a rechaçar um agressor.

Eleanor hesitava no alto da escada. O que a srta. Nightingale gostaria que fizesse? Não ousaria acordá-la. Afinal, não era ela, Eleanor, a responsável pelo turno da noite? Mas também se sentiu na obrigação de oferecer ajuda ao homem ferido.

— Resumindo: levei um tiro e preciso que alguém cuide do ferimento — falou o tenente. Ele subiu os degraus e, sob a tênue luz do poste da rua, olhou nos olhos de Eleanor, implorando. — Não poderia ao menos examinar meu braço e verificar se tem algum remédio à mão até que eu consulte um cirurgião pela manhã? Como

pode ver — disse, levantando a mão e revelando a manga do uniforme empapada de sangue —, algo tem que ser feito para parar o sangramento.

Ela permanecia indecisa na porta até que o grandalhão, aparentemente desistindo, falou:

— Vamos, Sinclair, Francês. Conheço um farmacêutico na High Street que me deve um favor. — Ele deu as costas a Eleanor e desceu pesadamente os degraus, mas o louro permaneceu onde estava. Eleanor teve a clara impressão, embora isso a deixasse ruborizada, de que o tenente fora até ali com a intenção explícita de ser tratado por ela.

Ela deu um passo para o lado e abriu a enorme porta.

— Por favor, tenham cuidado para não fazer barulho. As outras pacientes estão dormindo.

Trancou a porta atrás deles e os guiou pelo amplo salão frio, por causa das janelas abertas, até a recepção. Era uma mistura de sala de visitas e de cirurgia, com uma mesa, poltronas, abajures com franjas e uma alcova nos fundos. Lá dentro havia uma mesa de couro para exames forrada com crina de cavalo, uma cortina de linho branco e um armário trancado contendo utensílios e suprimentos médicos.

— Eu sou o capitão Rutherford, por falar nisso — disse o grandalhão —, e este outro distinto cavalheiro é o tenente Le Maitre, conhecido como Francês. Somos do 17º Lanceiros.

— Prazer em conhecê-los — Eleanor respondeu. Percebeu pelos uniformes e pelo jeito de falar que eram homens de bom berço e posses. — Porém, devo pedir novamente que falem baixo.

Rutherford concordou, levou um dedo aos lábios para confirmar e se recolheu a uma das poltronas. Acendeu a lamparina da mesa, ajustou o pavio e retirou um pacote de charutos, oferecendo um a Le Maitre. Após riscar um palito de fósforo na sola da bota, Rutherford acendeu os charutos e os dois homens recostaram-se satisfeitos.

— Vá em frente — Rutherford sussurrou, gesticulando para Eleanor e a alcova. — Não queremos que ele morra aqui. Os russos querem ter uma chance antes.

O Francês gargalhou e então cobriu a boca com a mão.

— Não ligue para eles — Sinclair falou baixinho. — Esqueceram as boas maneiras no quartel. — Andou até a mesa de exame e começou a retirar o casaco do uniforme. Mas o tecido havia grudado na pele por causa do sangue e ele fez uma careta ao tentar soltá-lo. Até aquele momento, Eleanor ainda não tinha considerado plenamente o que estava fazendo. Podia pensar em pelo menos três regras que já havia quebrado. Mas a visão do tenente tentando separar o tecido ensopado de sangue do ferimento fez com que retomasse a concentração.

— Pare. Deixe-me fazer isso — ela disse e destrancou correndo o armário, de onde retirou uma tesoura de alfaiate. Cortou a manga até abrir um buraco por onde puxou o tecido para separá-lo da pele e removeu com delicadeza o casaco rasgado.

Não sabia o que fazer com ele.

O tenente riu da dúvida da enfermeira, pegou o casaco de sua mão e o jogou no cabideiro atrás dela, que Eleanor tinha esquecido completamente. Ele então se sentou na beirada da mesa de couro.

A camisa bufante de linho branco também estava rasgada e ensanguentada, mas ela não teve coragem de pedir que ele ficasse sem camisa. Em vez disso, usou a tesoura para abrir a manga entre o ombro e o punho. Percebeu que era feita de tecido de qualidade e teve pena de cortá-lo. Mas o que a perturbava mais era o olhar fixo do tenente. Enquanto se concentrava em revelar o ferimento, sentia que estava sendo observada, dos olhos verdes aos cachos de cabelo castanho-escuro que, outra vez, escapavam do quepe branco. Tinha noção de que estava ruborizando de novo, e, apesar de querer mandar a vermelhidão embora, não havia nada que pudesse fazer.

Assim que a manga foi aberta, ela descobriu que a pele tinha sido arrancada, mas a bala não parecia ter penetrado no osso, ou mesmo ido muito fundo no músculo. Era difícil dizer, uma vez que o hospital jamais recebia feridos nessas condições, e mesmo quando ferimentos similares ocorriam, como a idosa que havia sido ferida acidentalmente com um atizador de lareira, o cirurgião raramente permitia que a enfermeira o ajudasse.

— O que acha? — o tenente perguntou. — Vou sobreviver para lutar mais uma vez?

Eleanor não estava acostumada com esse tipo de tom brincalhão, muito menos vindo de um homem tão próximo... e cujo braço ensanguentado estava exposto. Um braço que ela, na verdade, foi quem expôs.

Em vez de responder, Eleanor virou-se rapidamente para o armário, pegou um pano limpo de algodão e um vidro de ácido carbólico, e começou a limpar o ferimento. O sangue havia formado uma crosta, que foi sendo desfeita em pedaços recolhidos por ela em uma bacia esmaltada no topo do armário. Ao retirar a casca, o ferimento foi aos poucos sendo revelado para Eleanor, que percebeu a necessidade de pontos para que a pele voltasse a se fechar.

— Sim, o senhor vai sobreviver, mas espero que não seja para lutar outra vez — ela finalmente respondeu. Pegou um pano limpo. — Porém, o senhor deve ver um cirurgião de verdade.

— Por quê? — Ele olhou para o braço. — Não me parece tão ruim.

— O ferimento precisa ser fechado e isso requer pontos, quanto mais cedo, melhor.

Ele sorriu. Eleanor manteve o olhar afastado, mesmo após notar que o tenente abaixara a cabeça para ver seus olhos.

— Hoje à noite é cedo demais?

— Como disse, não há médico aqui a esta hora — respondeu Eleanor.

— Eu quis dizer a senhorita...

— Ames — disse. — Enfermeira Eleanor Ames.

— Não pode dar os pontos, enfermeira Eleanor Ames?

Ela ficou envergonhada. Ninguém jamais havia sugerido tal coisa. Uma mulher, mesmo sendo uma enfermeira, cuidando de um soldado baleado sem o amparo de alguém? Sentiu que seu rosto ficou vermelho como o uniforme do tenente.

Ele riu.

— O braço é meu e acredito que a senhorita possa dar os pontos, então por que não o faz?

Eleanor levantou o olhar para o rosto do tenente e viu um sorriso enorme e radiante, um cabelo louro desgrenhado e um bigode fino e ralo, do tipo que um jovem usaria para parecer mais velho.

— Mas sou apenas uma enfermeira, e ainda nem terminei o treinamento de certificação.

— Já cerziu uma roupa?

— Várias vezes, mas isso é...

— Então acha que vai se sair pior do que o cirurgião do regimento, cuja especialidade é arrancar dentes? Pelo menos, ao contrário de nosso bom dr. Philips, a senhorita não está bêbada. — Tocou na mão dela em tom conspiratório. — A senhorita não está bêbada, certo?

Ela não evitou o sorriso.

— Não, estou bem sóbria.

— Perfeito, então. E com certeza não queremos que o ferimento fique soltando pus a noite inteira. — Soltou a manga do punho e enrolou até o ombro. — Agora, que tal começarmos?

Eleanor estava dividida entre a certeza de estar passando dos limites das responsabilidades e o desejo crescente de fazer algo de que sentia ser capaz. Apesar de ser constantemente dispensada pelos cirurgiões, ela já tinha visto muito do trabalho que realizavam, várias vezes de qualquer maneira, para saber que poderia repeti-lo. Mas o que a srta. Nightingale diria se essa quebra completa do protocolo médico viesse à tona?

Como se lesse a mente dela, o tenente falou:

— Ninguém jamais vai saber.

— Palavra de honra de lanceiro — Rutherford falou alto da poltrona. O Francês imediatamente gesticulou para que abaixasse o tom de voz.

Sinclair esperou pacientemente, com o braço desnudo e meio sorriso nos lábios. Quando Eleanor derramou um pouco de água na bacia e começou a esfregar as mãos com um sabonete desinfetante, o sorriso do tenente aumentou. Sabia que tinha vencido.

Rutherford levantou-se da poltrona, tirou uma garrafinha prateada de baixo da estola de pele e a ofereceu para Sinclair. Eleanor disse ao ver a cena:

— Temos clorofórmio e éter. — Mas ela relutava muito em administrá-lo porque nunca tinha feito isso, e temia as consequências de uma dosagem incorreta.

Mas Rutherford falou:

— Que nada! O bom é conhaque. Na quantidade certa faz um homem dormir mesmo que estejam arrancando sua perna.

Sinclair pegou a garrafinha, brindou ao benfeitor e tomou um belo gole.

— De novo — Rutherford disse.

Sinclair obedeceu.

— Pronto, aí está — falou Rutherford, batendo no ombro de Sinclair e se virando para Eleanor. — O paciente a aguarda.

Ela aumentou a luz dos candeeiros nas paredes, tirou do armário as suturas e a agulha de que precisaria e pediu que Sinclair se deitasse na mesa para poder examinar melhor o ferimento. As mãos tremiam ao passar as suturas pela agulha. Sinclair colocou a própria mão sobre as dela, dizendo em tom tranquilizante:

— Com calma.

Eleanor engoliu em seco e concordou duas vezes com a cabeça antes de recomeçar devagar e com determinação. Abaixou-se para examinar a pele e então decidiu o plano de ação: começaria pela base do ferimento, onde a pele estava mais separada, apertaria com os dedos, passaria a agulha e, como se fizesse uma bainha, costuraria para cima. Calculou que não precisaria de mais do que oito ou dez pontos... embora soubesse que isso seria muito doloroso para o tenente. Teria que trabalhar o mais rápido possível.

— Está pronto? — ela perguntou.

Ele colocou o outro braço atrás da cabeça, descansando como se estivesse deitado às margens de um rio no verão.

— Completamente.

Ela tocou a pele com a agulha e hesitou por vários segundos até tomar coragem e enfiá-la. Sentiu o tenente flexionar os músculos, deixando o braço tenso, mas ele não falou uma palavra sequer. Eleanor sabia que ele não gostaria de aparentar nada menos do que bravura diante dos companheiros... ou, suspeitava, dela. Pegou um pedaço de pele do lado oposto, passou a agulha e, como se segurasse uma pitada de sal, apertou as duas bordas de pele juntas enquanto a agulha saía pelo outro lado. Eleanor já tinha visto pacientes virarem o rosto durante procedimentos dolorosos, como se estivessem concentrados em uma visão idílica e distante, mas notou que os olhos do tenente estavam fixos, daquela mesma maneira, nela.

Passou a agulha várias vezes e o ferimento foi gradualmente se fechando até virar apenas uma cicatriz comprida no braço. Deu um nó ao terminar, mas, em vez de morder a sutura, como teria feito normalmente com uma linha de costura, usou a tesoura de alfaiate para cortá-la. Finalmente, ergueu os olhos para o rosto do tenente. A testa dele brilhava de suor e seu sorriso era vacilante, mas ele não demonstrou medo.

— Deve aguentar — disse ela ao se virar para jogar fora a sobra de sutura. Com delicadeza, passou o ácido carbólico mais uma vez sobre a pele e pegou bandagem limpa no armário para enrolar firme no braço. — Pode sentar-se caso queira.

Ele tomou fôlego e se sentou, sem usar o braço direito como apoio. Por um segundo, por causa dos efeitos da sutura e do conhaque, ou de ambos, o tenente

balançou de um lado para outro. O Francês e Rutherford rapidamente apagaram os charutos e foram apoiá-lo.

E foi assim que a srta. Florence Nightingale os encontrou.

Estava parada como um pilar de integridade, vestindo uma saia comprida e armada, o cabelo preto dividido perfeitamente ao meio, as mãos brancas cruzadas à frente do corpo. Abaixo das sobranceiras bem levantadas, os olhos negros iam e voltavam dos soldados, que aparentavam embriaguez, para a enfermeira do turno da noite, de quepe torto e mãos molhadas de água e ácido carbólico. Era como se tentasse entender o que um elefante estava fazendo em sua sala de visitas.

— Enfermeira Ames — ela disse, finalmente. — Aguardo uma explicação. Antes que qualquer palavra chegasse aos lábios secos de Eleanor, Rutherford deu um passo à frente e se apresentou como capitão do 17º Lanceiros.

— Meu amigo aqui — falou gesticulando para Sinclair — foi ferido ao defender a honra de uma mulher.

O Francês contribuiu:

— Bem perto daqui.

— E precisamos de socorro urgente. A srta. Ames prestou tal socorro de uma maneira completamente profissional.

— Isso cabe a mim decidir — falou a srta. Nightingale, friamente. — E os cavalheiros não estavam cientes de que esta instituição é voltada apenas para o atendimento de senhoras?

Rutherford olhou para o Francês e então para Sinclair, como se não soubesse o que responder.

— Estávamos cientes — disse Sinclair, conseguindo ficar de pé. — Mas como o regimento parte para leste de manhã, não tínhamos tempo para procurar uma alternativa.

Rutherford e o Francês pareciam contentes com o imprevisto.

E até mesmo a srta. Nightingale aparentava estar mais calma. Entrou na alcova e examinou de perto o ferimento recém-suturado.

Eleanor tremia de medo, mas, quando olhou para Sinclair, o tenente piscou para ela.

— E o senhor está contente com o resultado deste... procedimento fora dos padrões? — perguntou para Sinclair.

— Estou.

Ela endireitou-se e, sem ainda dirigir o olhar para Eleanor, disse:

— Assim como eu. — E então se virou para a enfermeira. — O procedimento aparenta ter sido feito com maestria.

Eleanor respirou fundo pela primeira vez em minutos.

— Mas esse tipo de coisa não pode ocorrer aqui. A reputação e a visão que o público tem desse hospital estão sob constante análise. Exijo um relatório completo por escrito às oito da manhã, enfermeira.

Eleanor abaixou a cabeça em consentimento.

— E se os cavalheiros já receberam o socorro de que precisavam, peço que se

retirem.

Rutherford e o Francês apressaram-se em recolher os charutos e saíram para o salão, com Sinclair apoiado entre eles. A srta. Nightingale abriu a porta de entrada e Eleanor ficou atrás. Mas quando eles chegaram ao fim da escada, a srta. Nightingale deu um passo à frente, com a longa saia armada balançando, e disse:

— Tomem cuidado, jovens, e voltem a salvo.

Pelo pouco que podia enxergar, Eleanor viu apenas o tenente Copley, com o cabelo louro reluzindo debaixo do poste de luz e o casaco escarlate nos ombros. Mas ele sorria para ela. Eleanor sentiu uma repentina pontada de preocupação, inesperada e surpreendente pela intensidade, diante da partida iminente do tenente para o campo de batalha.

12

6 de dezembro, 15h

QUALQUER UM QUE BATESSE BEM DA CABEÇA teria ficado desesperado ao ver o laboratório de biologia marinha de Point Adélie, mas Darryl Hirsch não cabia em si de alegria. O local consistia em um bloco de concreto como chão e paredes pré-fabricadas feitas de plástico com isolamento triplo. Tinha um teto baixo e cheirava a peixe estragado e produtos químicos.

Mas o laboratório era todo de Darryl, que não teria mais ninguém em cima do ombro enquanto realizava as experiências e os estudos que bem quisesse. Uma vez na vida, ele poderia trabalhar sem que aquele traidor e cientista de araque, dr. Edgar Montgomery, ficasse tentando achar defeitos nas pesquisas e motivos para cortar seu financiamento, como acontecera mais de uma vez. Aquele laboratório, com tanques borbulhantes e tubos de ar assobiando, era o reino particular de Darryl.

E quanto aos equipamentos necessários, a National Science Foundation tinha fornecido praticamente tudo de que ele precisava, de microscópios, pratos de petri e pipetas a respirômetros e centrífugas de plasma. O aquário, como era chamado o grande tanque redondo no centro do laboratório, tinha 1,2 metro de profundidade e largura suficiente para colocar um bote dentro. Aberto em cima, o tanque era dividido como uma torta em três compartimentos. A separação era importante porque muitas espécies aquáticas tinham o mau hábito de devorar umas às outras. Neste momento, havia imensos bacalhaus dentro do aquário. Alguém tinha pendurado um aviso que dizia “Faça carinho em mim”, e Darryl sabia que era uma pegadinha estúpida e perigosa. O bacalhau era um peixe agressivo, que pulava da água e mordida qualquer coisa, de uma câmera à mão de uma pessoa. Retirou o aviso e jogou no lixo.

Havia longas bancadas de metal para dissecação contra duas paredes. Acima delas, um conjunto de prateleiras continha tanques menores, iluminados por uma pálida luz roxa. No interior, várias criaturas estranhas — aranhas e ouriços-do-

mar, anêmonas, vermes marinhos — arrastavam-se ou estavam presas ao vidro por ventosas, como as estrelas-do-mar.

Darryl passou boa parte da primeira semana fazendo inventário, organizando o laboratório, revendo arquivos e bolando um plano de ação. O que de queria fazer o quanto antes era mergulhar e capturar os próprios espécimes para trazê-los vivos à superfície, especialmente os peixes-gelo da família *Channichthyidae*. Essa era geralmente a parte mais complicada, porque criaturas abissais que viviam em ambiente tão frio eram extremamente sensíveis a alterações de pressão, temperatura e até mesmo de luz. Já tinha falado sobre o que precisava com Murphy O'Connor, que tinha garantido que ele teria tudo à disposição, de perfuradores de gelo a uma base de mergulho, desde que antes preenchesse a papelada exigida pela NSF. O sujeito era meio grosso e caxias com relação a regras e regulamentos, mas Darryl achava que seria possível trabalhar com ele.

Na mesa perto da porta, encontrou um aparelho de som 3 em 1 da Bose, bem melhor do que o que tinha em casa, com uma coleção eclética de CDs. Não sabia se devia agradecer à NSF ou ao biólogo marinho anterior, mas ficou contente de qualquer forma. Neste momento Darryl estava ouvindo a *Partita n.º 2 em ré menor de Bach*, porque considerava a obra do alemão e a de Mozart as melhores para se concentrar, e não percebeu que alguém batia na porta. Porém, a rajada de ar frio fez com que tirasse os olhos da lâmina que estava preparando. Viu Michael abaixando o capuz e abrindo o zíper da parca, com uma câmera pendurada no pescoço.

— O que você estava fotografando?

— Lawson e eu fomos até a antiga estação baleeira da Noruega. Achei que conseguiria boas imagens do tempo ruim.

— E conseguiu? — perguntou Darryl, colocando um pedaço finíssimo de alga na lâmina para vê-lo pelo microscópio.

— Na verdade, não. O tempo estava *muito* ruim hoje de manhã. A luz rebatia no nevoeiro e era impossível ajustar o foco.

— Quando planejar sair de novo, me avise. Eu quero ir.

Michael riu.

— Claro, me engana que eu gosto. — Apontou os tanques e jarros com o queixo. — Esse laboratório é um paraíso para você. Não vou conseguir te tirar daqui.

Darryl levantou os ombros como se fosse concordar, mas acrescentou:

— Não é exatamente verdade. Vou sair amanhã de manhã, se o tempo permitir.

— Era uma expressão que sempre acompanhava qualquer declaração na Antártica.

Michael sentou-se em um banco e tirou um pouco de neve da manga.

— Sério? Aonde vai?

— Buscar o baú de Davy Jones ⁶ — disse Darryl com um gesto dramático.

— Você vai mergulhar?

— Imagino que sim — ele respondeu. — Não vi nenhum submersível por aí, você viu?

— Vai procurar o quê?

Essa era a grande questão para a qual Darryl não tinha uma resposta simples. Era aquilo que ele tinha ido investigar.

— Existem uns 15 tipos de peixes antárticos — falou, intencionalmente deixando os nomes latinos de fora — que sobrevivem em um ambiente em que nenhuma outra espécie consegue. Vivem em águas geladas e em completa escuridão por quatro meses seguidos. Não têm escamas nem hemoglobina.

— Então, em outras palavras, o sangue deles é...?

— Incolor, exatamente. E até mesmo as brânquias são de um branco translúcido. Além disso, eles têm uma espécie de anticongelante natural, uma glicoproteína que impede que sejam formados cristais de gelo no sistema circulatório.

— E você vai pegar alguns desses peixes? — Pelo tom de voz, dava para perceber que Michael achava tudo aquilo no mínimo bizarro.

Mas Darryl estava acostumado com essa reação.

— A pesca não é exatamente difícil. Eles nadam bem devagar e, na maioria das vezes, ficam parados no fundo, esperando passar um krill incauto ou um peixe menor.

— E o que eles achariam de um fotógrafo passando?

— Quer vir comigo? — Darryl notou pelo sorriso de Michael que ele não estava brincando. — Você sabe mergulhar?

— Sou certificado em três continentes — respondeu Michael.

— Vou ter que verificar com Murphy se não tem problema.

— Não precisa se incomodar — Michael falou, levantando-se depressa do banco. — Eu cuido disso. — Já estava do lado de fora antes mesmo de terminar de fechar o casaco. Darryl imaginou se tomara a decisão certa ou se fizera uma loucura. Michael tinha noção de onde estava se metendo?

Michael tinha noção, sim. Sempre que um novo desafio se apresentava, ele bloqueava de imediato o menor sinal de hesitação que aparecesse, mesmo que passasse por instinto de autopreservação. A descarga de adrenalina era a sua razão de viver — e, ultimamente, ele não conhecia remédio melhor do que esse para a depressão que sempre lhe pegava no pé, de maneira sutil. Se deixasse a mente vagar, ela chegaria invariavelmente, por caminhos tortuosos e impossíveis de mapear, às montanhas Cascades... e a Kristin. Só encontrava paz de verdade

⁶ Jargão de marinheiros para o leito do oceano, onde repousam os restos de naufrágios. De acordo com a superstição, Davy Jones — nome de origem incerta — seria um espírito maligno das profundezas (em algumas acepções, o próprio demônio). Os filmes da série Piratas do Caribe popularizaram o nome, transformando Davy Jones em personagem. (N. do E.)

quando se deixava levar por algum desafio extremo ou quando mudava o rumo dos pensamentos à força.

Na noite anterior, quando se viu descendo o poço sem fundo, Michael tomou coragem e ligou para o celular da irmã caçula de Kristin. Embora estivesse do outro lado do mundo, a base tinha uma poderosa conexão via satélite, cortesia das Forças Armadas. Tirando alguns estalos de estática e o delay característico, a ligação era muito boa. Karen parecia surpresa.

— Então você está ligando do Polo Sul? — perguntou ela.

— Não exatamente, mas bem perto.

— Está morrendo de frio?

— Só quando bate o vento... O que acontece sempre.

Houve um silêncio na linha, enquanto as palavras chegavam até ela — e ambos pensaram no que dizer a seguir.

Michael finalmente rompeu o impasse ao perguntar:

— Onde você está agora? — Karen riu.

Droga, a risada era tão igual à de Kristin...

— Você não vai acreditar, mas estou no ringue de patinação.

Michael imaginou a cena na hora.

— Está no *Skate and Bake*? — Era a lanchonete do ringue.

A ligação ficou ruim e voltou quando Karen estava dizendo:

—... chocolate quente e um doce.

Conseguiu visualizá-la vestindo um enorme suéter feito à mão, sentada em uma das apertadas cabines.

— Sozinha ou acompanhada?

— Quem me dera. Eu trouxe um livro sobre William Rehnquist ⁷. Esse é o meu acompanhante.

Michael não ficou surpreso. Karen era tão brilhante, loura e bonita quanto sua irmã mais velha, mas sempre fora um pouco solitária. E, mesmo sendo convidada o tempo todo para sair, e aceitando alguns desses convites, ela nunca namorara ninguém por muito tempo. Era como se usasse os livros como barreira contra a intimidade, uma maneira de fugir de enlances emocionais.

Falaram um pouco sobre o curso de Direito, se Karen teria tempo ou não de trabalhar em um escritório de advocacia pro bono, e então ela quis saber das aventuras de Michael a caminho de Point Adélie. Ele contou detalhes da viagem a bordo do *Constellation* e como conheceu Darryl Hirsch e a Dra. Barnes. Quando descreveu a cena do albatroz arrebentando a janela no posto de comando, ela disse:

— Ah, não! Coitado do pássaro!

Michael soltou uma gargalhada. Era o que Kristin teria dito. A preocupação pela ave superava a que deveria sentir pelas pessoas envolvidas.

⁷ Presidente da Suprema Corte dos Estados Unidos entre 1986 e 2005. (N. do T.)

— Não quer saber o que aconteceu comigo? — disse, fingindo irritação.

— Ah, sim, também. Você ficou bem?

— Sobrevivi, mas a oficial de operações se machucou e teve que ser levada de volta à civilização.

— Que coisa triste. — Houve uma pausa ou então apenas um delay na transmissão. — Mas eu me preocupo mesmo com você, Michael. Não faça nada muito perigoso.

— Eu nunca faço — falou e se arrependeu imediatamente, porque puxou o assunto que ambos estavam evitando... a única ocasião em que tinha feito algo perigoso e inconsequente.

Karen devia ter percebido também, porque disse:

— Infelizmente não tenho muitas novidades sobre a Krissy.

Era o que Michael esperava.

— Mas meus pais acreditam muito em um novo programa de estímulo. Eles batem com blocos de madeira perto do ouvido dela ou acendem uma lanterna bem nos olhos, ligando e desligando. O pior é quando colocam uma gota de molho de pimenta na língua para ver se ela engole ou cospe. Eu sei que a Krissy odiava pimenta.

— E ela cuspiu?

— Não... e embora os médicos e enfermeiras encorajem meus pais a continuar tentando, acho que é só para sentirem que estão fazendo alguma coisa.

Mesmo a milhares de quilômetros de distância, era possível ouvir toda a resignação e tristeza na voz de Karen. Ela não era sentimental ou otimista. O sr. e a sra. Nelson eram luteranos e iam à igreja com frequência, mas as filhas tinham abandonado a fé havia muito tempo. Kristin desafiara os pais abertamente, fazendo questão de passar as manhãs de domingo por aí, andando caiaque ou escalando uma montanha, mas Karen simplesmente deixara o barco correr, com diplomacia, até que eles pararam de pedir que fosse à igreja, ela não teve mais que inventar desculpas. E esse mesmo abismo era evidente em relação ao problema de Kristin. Apesar do que os exames mostravam, os pais dela continuavam a bater na mesma tecla, enquanto Karen estudava as tomografias computadorizadas, discutia os resultados com os médicos de forma franca e aberta, e chegava às suas próprias conclusões.

Michael sabia quais eram essas conclusões. E assim que desligaram, percebeu que não conseguia sentar e ficar quieto — o que era um problema comum para ele —, ou mesmo permanecer dentro da base. Colocou a roupa pesada de frio e os óculos de proteção verde-escuros e saiu sozinho. O chefe tinha sido explícito sobre jamais sair sem um acompanhante ou sem registrar o itinerário no quadro-negro, mas Michael pretendia ficar próximo à base... e com certeza não queria companhia.

O vento forte fazia a bandeira americana tremular tão forte que parecia o som de tiros. Michael deu a volta na base, que tinha o desenho de um quadrado formado pelos módulos principais — a administração e o bandeirão, os dormitórios

e a enfermaria. Fora desse quadrado central, em um ponto mais elevado, ficavam as estruturas secundárias, que englobavam os laboratórios — biologia marinha, glaciologia, geologia e botânica — e barracões de equipamentos. A base tinha *snowmobiles*, barcos, niveladores e veículos para todos os tipos de terreno chamados de Sprytes, que pareciam jipes com esteiras de trator. Tudo isso (e Deus sabe mais o quê) ficava guardado em barracões de teto de zinco e com portas duplas destrancadas. Quem iria roubar alguma coisa? Para onde se fugiria? Em um barracão separado com chão de terra batida, havia uma dúzia de huskies com pelugem cinza e olhos azuis. Às vezes, durante a noite, seus uivos misturavam-se ao som do vento constante e desciam até os dormitórios como o lamento de almas penadas.

Ao passar pelas janelas estreitas da sala de lazer, Michael mal conseguiu ouvir o som do piano vertical. Olhou para dentro e viu um dos milicos, um cara que ele achava que se chamava Franklin, tocando uma música no ritmo do *ragtime* enquanto Betty e Tina, as duas corpulentas glaciologistas, jogavam uma partida de pingue-pongue com a cadência de um metrônomo. Ele soube que as duas haviam passado o inverno austral na base, ou seja, enfrentaram o longo período em que o sol nunca brilha, os suprimentos raramente chegam e o mundo exterior parece estar em outro planeta. A pessoa recebe uma medalha pela proeza. Michael tinha visto uma na lapela de Murphy. Era como um distintivo de honra, uma fama de durão que milicos e profetas respeitavam igualmente.

Mas, assim que Michael dobrou a esquina da sala de lazer, o vento atingiu seu rosto de surpresa e com tanta força que teve que se inclinar contra ele, quase caindo, mas conseguiu manter-se de pé. Andou com cuidado sobre o cascalho solto em direção ao litoral gelado, com o vento sacudindo suas roupas. Não havia um ponto determinado onde o chão acabava e o gelo começava, mas pouco importava. Era tudo duro e hostil. Ao longe foi possível ver um grupo de pinguins descendo rápido por um morro de gelo e escorregando de barriga até a água congelante. Com a mão enluvada, lutou para puxar o cadarço do capuz e o fechou tão bem que só os óculos de proteção ficaram de fora. O sol, tão frio e claro como gelo, estava um pouco mais alto no céu do que na semana anterior, continuando o lento avanço rumo ao horizonte, onde sumiria. A temperatura, na última vez que verificara, era de 20 graus negativos... sem considerar o terrível efeito do vento.

Um borrão branco acinzentado passou voando pelo rosto de Michael, que levantou a mão por instinto para se proteger. Um segundo depois, passou de novo. Era uma gaivota-rapineira, um dos pássaros carniceiros da Antártica. Michael percebeu que devia estar próximo demais do ninho. Sabendo que as aves sempre atacavam a cabeça, o ponto mais alto de qualquer intruso, ele levantou o braço acima do capuz e, enquanto a gaivota-rapineira passava perto da luva, olhou ao redor. Não queria pisar em nada. A poucos metros dele havia um pequeno morrinho que oferecia alguma proteção contra os fortes ventos. A fêmea cuidava de dois filhotes ali, com um krill vivo no bico, que devia ter tirado da água. O krill

ainda sacudia as várias patinhas sem parar. Michael recuou alguns passos e o papai gaivota, aparentemente satisfeito com o afastamento, voltou ao ninho.

Os dois filhotes berravam pedindo comida, mas um era maior do que o outro. Sempre que o pequenino piava, o grandão virava-se e lhe dava uma bicada. Cada vez que isso acontecia, o pássaro menor era afastado para mais longe da proteção do ninho, mas os pais pareciam completamente despreocupados. A mãe soltou o krill do bico e o pequenino assistiu desamparado ao irmão pegar a comida e engolir de uma vez só.

Michael queria dizer “Ora, vamos, aprendam a dividir as coisas”, mas sabia que essa regra não valia na Antártica. Se o pequeno filhote não conseguia se virar sozinho, os pais simplesmente o deixariam passar fome. Sobrevivência do mais forte, pura e simplesmente.

O pequenino tentou voltar mais uma vez para o ninho, mas o irmão bateu as asas e lhe deu outra bicada. Afastou-se de cabeça baixa, apertando as asas de tom cinza-claro contra o corpo. Mamãe e papai olharam impassíveis para o outro lado.

E Michael aproveitou a oportunidade. Deu um passo à frente e, antes que o passarinho, que ainda não sabia voar, conseguisse fugir correndo, ele abaixou-se e o pegou entre as luvas. Só dava para ver a cabeça branca e os olhos os dentro das mãos. O papai gaivota guinchou, mas Michael sabia que não por conta do sequestro, mas porque ele tinha se aproximado demais do ninho e do futuro herdeiro.

— Vai te catar — Michael disse, segurando o filhotinho próximo ao peito. Deu meia-volta com o vento batendo nas costas e seguiu morro acima em direção sala de lazer. Imaginou que nome Kristin teria dado ao menor abandonado que carregava nas luvas.

13

6 de julho de 1854, 16h30

ASCOT. Para Eleanor, era apenas uma palavra, o nome de um lugar que nunca conheceria. Não com o salário minguaado que recebia, e certamente não sem companhia.

Mas lá estava ela, debruçada sobre a grade de madeira enquanto os cavalos mais bonitos que já tinha visto eram levados do padoque para o portão de largada. Os animais tinham pelo lustroso, fiuxas de seda colorida debaixo das selas e panos brancos enrolando as patas. Havia milhares de pessoas ao redor de Eleanor e acima no grande pavilhão, mais do que já tinha visto reunidas em um só lugar. Todas gritavam e andavam para cima e para baixo com tabelas de horários de corrida na mão, discutindo sobre assuntos como linhagem dos cavalos, jôqueis e pistas lamacentas. Os homens bebiam de garrafinhas e fumavam charutos, enquanto as mulheres — algumas de aspecto duvidoso, pensou Eleanor — desfilavam exibindo os vestidos e girando sombrinhas amarelas e rosa em direção ao sol. Todos riam, tagarelavam e davam tapinhas nas costas uns dos outros. Era a cena mais animada e barulhenta de que já tinha participado.

Sentiu o olhar de Sinclair antes mesmo que ele falasse:

— Está gostando do passeio?

Eleanor corou ao perceber como devia ser transparente para ele.

— Sim, estou — respondeu, o que o deixou contente. Sinclair estava vestido em trajes civis, de casaca longa azul-escura, camisa branca e uma gravata de seda preta com nó bem-dado. O cabelo louro caía exatamente sobre a gola.

— Posso sugerir um ponche? Ou uma limonada gelada?

— Não, não — Eleanor respondeu rapidamente, pensando na despesa adicional. Ele já havia pagado a carruagem que os levara até o hipódromo e o ingresso de três pessoas para o parque. Eleanor, em nome da decência, não quis andar sozinha com o jovem tenente, e ele foi gentil ao convidar a enfermeira com quem ela dividia um quarto na pensão, uma tal de srta. Moira Mulcahy, para que se juntasse a eles naquela tarde. Moira, uma jovem irlandesa gorducha sorridente, dona de um

temperamento expansivo, embora ocasionalmente grosseiro, não pensou duas vezes antes de aceitar.

E aceitou a oferta de bebida com a mesma empolgação.

— Ah, senhor, eu adoraria uma limonada — ela disse, quase sem tirar os olhos das tribunas atrás deles, onde uma multidão se juntava para a mais importante corrida da tarde, a Ascor Gold Cup. — O sol está deveras — fez uma pausa, como se procurasse a maneira mais aristocrática de concluir o pensamento — sequioso. — Abriu um largo sorriso, feliz com a escolha da palavra. Sinclair pediu licença para se retirar e trazer a bebida. Assim que ele saiu, Moira cutucou Eleanor com o cotovelo e disse: — Esse peixe já mordeu a isca.

Eleanor fingiu não ter compreendido, mas, como sempre ocorria com os aforismos de Moira, o significado era óbvio.

— Não percebeu a maneira como ele olha para você? — Moira debochou. — Ou como não tem olhos para qualquer outra coisa? E que cavalheiro! Tem certeza de que não é um lorde?

Eleanor não tinha certeza de muita coisa. O tenente ainda era um homem misterioso em vários aspectos. Depois que ela suturou o braço dele no hospital, no dia seguinte recebeu uma caixa de marzipãs de framboesa com um bilhete dizendo “Para a enfermeira Eleanor Ames, meu *doce* anjo da misericórdia”. A srta. Nightingale recebeu o pacote na porta e o entregou com uma clara expressão de reprovação.

— Isto é a consequência de uma conduta imprudente — disse ela ao voltar para o jardim, onde cultivava as próprias frutas frescas e os vegetais.

Mas Eleanor não via mal algum e Moira sequer parou para pensar o assunto. Puxou a fita púrpura que fechava a caixa e a guardou no bolso, dizendo:

— É bonita demais para jogar fora. Você não se importa, não é, Ellie? — E esperou, dando pulinhos, que a amiga abrisse o pacote.

Quando Eleanor levantou a tampa, Moira meteu a mão dentro enquanto ela simplesmente apreciava a beleza e o doce aroma de frutas dos doces. A tampa, que ela segurava como se fosse uma pintura, tinha uma flor de lis dourada e o texto CONFECTIONS DOUCE DE MME. DAUPIN, BELGRÁVIA. Ninguém jamais tinha lhe enviado doces antes.

Alguns dias depois, o tenente Sinclair mandara um mensageiro entregar um bilhete, perguntando se seria adequado convidá-la para sair, mas ela respondeu que não tinha folga, exceto na tarde e na noite de sábado, e que retomava o serviço no hospital no domingo de manhã, às 6h30. Como resposta, ele então requisitou a companhia de Eleanor no sábado seguinte, ao meio-dia. Disse que não aceitaria uma resposta negativa e Moira, que lera o bilhete sobre o ombro de Eleanor, falou que ela nem deveria pensar em dizer não.

Soou uma corneta.

— Olhe, olhe, Ellie! — Moira falou, enquanto os cavalos eram reunidos e posicionados atrás de uma longa e grossa corda esticada entre dois postes de cada lado da pista oval. — A última corrida já vai começar?

— Vai, sim — respondeu Sinclair, reaparecendo entre a multidão com dois copos na mão. Entregou um para Moira e um para Eleanor. — Creio que ficarão contentes, senhoras, em saber que tomei a liberdade de apostar em seus nomes. — Deu um bilhete para Eleanor com vários números rabiscados de um lado e o nome “Nightingale’s Song” no outro. Eleanor não entendeu bem.

— O nome do cavalo — disse Sinclair, enquanto Moira se inclinava para ver. — Parece que vai dar sorte, não acha?

— E quanto apostamos? — Moira perguntou alegremente, embora Eleanor desejasse que não o tivesse feito.

— Dez libras... no vencedor — Sinclair respondeu.

Ambas ficaram perplexas com a ideia de apostar dez libras no que quer que fosse. Recebiam um salário semanal de 15 xelins e uma refeição de cortesia no refeitório do hospital. Que alguém pudesse perder dez libras em questão de minutos, em nada mais do que uma corrida de cavalos, parecia quase incompreensível. Eleanor sabia que aos olhos de sua família, composta por um leiteiro que mal pagava as contas com cinco filhos e uma esposa resignada, seria pior que isso. Seria um pecado.

Moira, em tom mais calmo agora, perguntou:

— E quanto ganhamos se o cavalo vencer?

— Pelo rateio, trinta guinéus.

Moira quase deixou cair a limonada.

Um gorducho de fraque vermelho passou pela linha de largada e subiu até o palanque de julgamento, decorado em veludo vermelho e dourado. A bandeira do Reino Unido tremulava no alto de um poste atrás dele.

— Senhoras e senhores — anunciou por um megafone em tom retumbante —, é uma honra recebê-los na primeira Ascot Gold Cup de Sua Majestade Houve um coro de gritos entusiasmados, assovios e palmas que deixou Moira e Eleanor momentaneamente perplexas. Sinclair inclinou-se na direção delas e falou:

— Tradicionalmente, essa corrida era conhecida como Emperor’s Plate em homenagem ao czar Nicolau da Rússia.

Elas entenderam imediatamente.

— Mas, dada a situação na Crimeia — completou Sinclair —, a corrida foi rebatizada esse ano.

O clamor diminuiu e a corneta soou outra vez, emitindo notas vibrantes em direção aos balcões no topo do pavilhão. Os cavalos davam passos impacientes, como se estivessem ansiosos para esticar as patas compridas e finalmente correr. Os jôqueis mantinham-se em pé nos estribos para não fazer peso sobre as costas dos cavalos até o último momento, com os chicotes debaixo dos braços e as mangas de seda dos casacos esvoaçando na brisa da tarde.

O gorducho de fraque puxou uma pistola da faixa na cintura e a levantou para o ar. Dois cavaleiros desamarraram a corda dos postes e a enrolaram sobre a grama. Os jôqueis lutavam para controlar as montarias e mantê-las atrás de uma linha de giz no chão.

— Cavaleiros, preparem-se! — o juiz gritou. — E na contagem de um, dois... — Em vez de dizer “três”, disparou a arma, fazendo com que os cavalos se chocassem e competissem para ver quem saía primeiro, pulando na pista.

Houve uma breve luta em que cada cavalo e jóquei disputaram posições e então começaram a galopar.

— Qual deles é o nosso cavalo? — gritou Moira aos pulos, encostada na grade.

— Qual é a Nightingale’s Song?

Sinclair apontou para uma jovem alazã, que corria no meio do grupo.

— A de seda escarlate.

— Ah, ela não está ganhando! — Moira berrou desesperada.

Sinclair sorriu.

— Ainda nem estão no primeiro trecho — explicou —, e são oito no total. Tem muito tempo para ela se recuperar.

Eleanor tomou um gole da limonada e torceu para que aparentasse estar controlada... mas por dentro estava tão empolgada quanto Moira. Nunca tinha apostado em coisa alguma, mesmo que fosse com dinheiro de outra pessoa, e até então não tinha ideia de como seria a sensação. Porém agora sabia que era emocionante, de uma maneira estranha e maravilhosa. A cabeça girava ao pensar que estavam em jogo trinta guinéus, quantia que devolveria para Sinclair, o dono de direito, caso ganhasse.

E, outra vez, pôde notar que Sinclair tinha intuído sua empolgação. Sentia nos pés a vibração dos cascos e ouvia o coro de vozes agitadas vindo das tribunas, torcendo e gritando instruções que nenhum jóquei jamais ouviria.

— Corre por dentro!

— Use o diabo do chicote!

— O que está esperando, Charger?

— Ascot — Sinclair confidenciou para Eleanor — é uma pista dura.

— Como assim? — Aos olhos de Eleanor a pista parecia um oval largo e convidativo, com um centro de grama verde-escura.

— A terra é batida e desgasta muito os cavalos, mais do que Epsom Downs ou Newmarket.

Porém, ao contrário daquelas pistas de que Eleanor nunca tinha ouvido falar, esta tinha a aprovação da realeza. Quando passou pelos enormes portões de ferro negro, Eleanor notou a coroa real em autorrelevo no brasão, e parecia que estava entrando no próprio Palácio de Buckingham. Havia vários estandes vendendo desde água de cevada até maçã do amor, por onde circulavam todos os tipos de fregueses. Eleanor viu cavalheiros bem-vestidos, de braços dados com suas senhoras, e meninos imundos vendendo coisas e atraindo clientes em carroças e estandes.

Ela podia jurar ter percebido uma criança furtando. Sinclair, com Eleanor em um braço e Moira no outro, abriu caminho pela multidão com absoluta confiança e as levou para o seu lugar, que garantiu ter a melhor visão da corrida.

Eleanor concordou com a afirmação. Os cavalos estavam fazendo a primeira curva como um belo borrão de preto, marrom e branco, colorido pelos uniformes cintilantes de seda dos jôqueis. O sol de verão recaía sobre o campo e Eleanor precisou abanar-se e afastar as moscas teimosas com o programa que Sinclair tinha comprado para ela. O tenente estava próximo, muito mais próximo do que um homem normalmente ficaria, e o motivo, em parte, parecia ser a multidão que os espremia. Moira estava inclinada sobre a grade, segurando firme com os braços rechonchudos, torcendo aos gritos por Nightingale's Song.

— Corre! — berrou. — Move este traseiro!

Eleanor olhou para Sinclair e ambos sorriram discretamente. Moira virou-se envergonhada.

— Oh, perdoe-me, senhor! Perdi o controle.

— Está tudo certo — Sinclair respondeu. — Não foi a primeira vez que tal sugestão foi expressa aqui.

Com certeza Eleanor já tinha ouvido coisas bem piores. Estava habituada a visões apavorantes e imprecações desesperadas por trabalhar em um hospital, mesmo sendo uma instituição dedicada exclusivamente ao cuidado de senhoras com algum berço. Testemunhou pessoas reduzidas à violência e à fúria, mulheres que seriam respeitáveis e honradas se as tivesse conhecido em circunstâncias normais. Aprendeu que a angústia física e uma mente perturbada podiam distorcer o caráter de alguém a ponto de a pessoa ficar irreconhecível.

Teve que amarrar as mãos de pacatas costureiras à cama porque gritavam e esperneavam. Certa vez, a governanta de uma das melhores famílias da cidade arrancou os botões do uniforme de Eleanor e atirou uma comadre suja em sua direção. Uma chapeleira, de quem foi preciso arrancar um tumor, arranhou seus braços com unhas afiadas e a xingou com um linguajar que só tinha ouvido de marinheiros. Aprendeu que o sofrimento operava mudanças. Às vezes a dor elevava o espírito, mas era mais comum que simplesmente passasse por cima das pobres vítimas.

Tanto por palavras quanto por gestos, a srta. Florence Nightingale tinha lhe ensinado essa lição. “Ela simplesmente está fora de si”, a srta. Nightingale dizer, fazendo vista grossa para qualquer transgressão que tivesse ocorrido.

— Olhe! Olhe, Ellie! — gritou Moira. — Ela está ganhando! Está ganhando!

Eleanor olhou para o outro lado da pista de corrida e, sim, conseguiu ver relance escarlate como uma pequena chama avançando aos poucos, mas com convicção, em direção à frente do grupo. Apenas outros dois cavalos, um preto e um branco, corriam adiante. Até mesmo Sinclair parecia empolgado do rumo da corrida.

— Que maravilha! — ele berrou. — Vamos, Nightingale! Vamos! — Sinclair apertou o cotovelo de Eleanor, que sentiu como se o braço, não, o corpo inteiro tivesse se inflamado. Mal podia prestar atenção na corrida. A mão de Sinclair permaneceu onde a tinha colocado, embora os olhos estivessem nos cavalos correndo ao dar a volta.

— O cavalo branco está fraquejando! — Moira exclamou em júbilo.

— E o preto parece cansado também — Sinclair disse, batendo com o programa enrolado na grade, nervoso. — Vamos, Nightingale! Você consegue!

Havia algo tão charmoso e juvenil em Sinclair naquele momento — a empolgação, o bigode claro quase transparente sob a luz direta do sol. Eleanor reparou como ele atraía a atenção de outras mulheres. Quando eles passaram pela multidão, as sombrinhas giraram como se as donas quisessem ser vistas. Uma jovem, de braços dados com um cavalheiro mais velho, tinha chegado ao extremo de deixar cair um lenço no caminho de Sinclair, que o pegou e devolveu com meio sorriso, antes de continuar.

Eleanor começou a reparar cada vez mais nas próprias vestes, desejando que também estivesse vestindo algo mais colorido, elegante ou atraente. Só tinha aquele bom vestido, de um tom verde-escuro um tanto quanto austero, com lacinhos de tafetá e antiquadas mangas presunto. Era abotoado até a garganta e, em um dia quente como aquele, gostaria de estar usando algo que mostrasse um pouco mais do que pescoço e ombros.

Moira tinha simplesmente aberto a gola do próprio vestido, um conjunto cor de pêssgo que combinava com a cor de seu cabelo e sua pele, e estava até mesmo passando o copo de limonada vazio, porém frio, na base da garganta. Ainda assim, parecia estar prestes a desmaiar de empolgação.

Os cavalos corriam pela lateral da pista oval próxima a eles, e o branco realmente estava fraquejando. O jóquei chicoteava-o sem piedade, mas a cada segundo o animal ficava mais para trás. E o preto, um potro cheio de energia, simplesmente mantinha o ritmo para cruzar a linha de chegada sem fazer grande esforço. Nightingale's Song, porém, sequer estava cansada; na verdade, parecia que estava atingindo só agora o nível máximo de esforço. Eleanor pôde ver cada tendão e músculo das patas trabalhando e a cabeça balançando enquanto o jóquei, inclinado para a frente sobre a cernelha do cavalo, usava as esporas para instigá-lo, com a crina batendo no rosto.

— Meu Deus — gritou Sinclair —, ela vai conseguir!

— Vai mesmo, não vai? — Moira exultou. — Ela vai ganhar!

Mas o potro negro não tinha desistido ainda. Como geralmente acontece com cavalos de corrida, esse ganhou novo ímpeto ao perceber que estava sendo vencido pelo adversário, que mantinha o ritmo. Eles estavam no último trecho, praticamente cabeça a cabeça, mas Nightingale's Song usou uma reserva de energia que estava sendo poupada para esse momento crítico e ultrapassou o potro como se tivesse sido levada pelo vento. As tiras de seda escarlata pareciam chamas quando ela cruzou a linha de chegada, pingando de suor, enquanto o juiz no palanque sacudia uma bandeira dourada sem parar.

Houve um tumulto na multidão, berros de decepção dados por quem tinha apostado nos cavalos derrotados, e aqui e ali um grito de alegria e surpresa. Eleanor percebeu que Nightingale's Song não era a favorita, e até mesmo ela sabia que essa era a razão de o prêmio ser tão alto. Examinou o bilhete na mão antes

que Sinclair o pegasse, enquanto Moira dançava sem sair do lugar, pulando de um pé para o outro.

— Posso ter sua licença para ir receber nosso prêmio?

Eleanor concordou e Moira sorriu radiante. Os bilhetes de apostas, rasgados ao meio pelos perdedores, caíam das tribunas como uma chuva de confetes. Enquanto Eleanor e Moira observavam, três jôqueis conduziam as cansadas montarias ao círculo do lado do palanque. Cada um entregou a tira de seda colorida a um cavaleiro, que a amarrou na corda do mastro da bandeira. Elas foram içadas, com a amarela embaixo, a roxa no meio e, bem no alto, indicando o vencedor para que todos a vissem, a tira nas cores escarlate e branca de *Nightingale's Song*. Eleanor sentiu uma pontada de orgulho bobo, enquanto Moira parecia não caber em si ao pensar na fortuna que acabara de ganhar.

— Não vou contar nada disso ao meu pai — falou Moira — ou ele com certeza virá à cidade para me bater.

Pelo menos Eleanor sabia que seu pai não faria algo do gênero.

— Mas vou contar para a minha mãe que tive um pouco de sorte e mandarei uma parte do dinheiro para ajudá-la em casa. O bom Deus sabe que ela merece.

Eleanor continuava decidida a devolver sua parte a Sinclair. Afinal de contas, ela não tinha apostado sequer meio xelim da pequena importância que trazia na bolsa de veludo desbotado. Quando voltou, Sinclair enfiou um punhado de moedas e notas na bolsa de renda de Moira e esperou que Eleanor abrisse a sua. Ela se recusou.

— Mas é seu! — disse ele. — Seu cavalo chegou em primeiro lugar com ótimo rateio!

— Não, eram o seu cavalo e o seu dinheiro. — Eleanor notou que Moira não concordava com esse ato de nobreza e ficou com pena de deixar a amiga envergonhada.

Sinclair fez uma pausa com o dinheiro na mão e então disse:

— Você se sentiria melhor se eu lhe dissesse que tirei a minha parte também?

Eleanor hesitou enquanto Sinclair enfiou a outra mão no bolso das calças, puxou um maço de notas de libras e sacudiu de brincadeira em sua direção.

— Vocês duas — disse ele, sendo cortês ao incluir Moira — são meus pés de coelho.

Eleanor não conteve o riso, assim como Moira, e não teve mais como discordar quando Sinclair abriu sua bolsa e colocou a parte do prêmio dentro. Era mais dinheiro do que jamais possuía na vida e ficou contente que o tenente estivesse ali para ajudá-la a guardá-lo.

Nuvens negras vindas do oeste começaram a obscurecer o sol brilhante enquanto eles passeavam calmamente de volta ao portão principal. Ao atravessá-lo, Eleanor ouviu alguém gritar:

— Sinclair! Ganhou alguma coisa hoje?

Ao se virar, viu os dois homens que acompanharam Sinclair ao hospital naquela noite, só que agora estavam em finos trajes civis ao invés de uniformes.

— Por Júpiter! Ganhei! — respondeu ele.

— Então, sendo assim — o grandalhão, capitão Rutherford, disse ao estender a mão aberta —, não se importaria de acertar contas?

— Tem certeza de que não considera um bom investimento deixar o dinheiro onde está para ganhar mais no futuro?

— Mais vale um pássaro na mão — Rutherford respondeu, sorrindo. Sinclair obedientemente colocou algumas notas do bolso na mão aberta.

— Mas, perdoe-me — Sinclair prosseguiu, dando um passo para o lado para apresentar todo mundo. A acompanhante de Le Maitre, uma tal Srta. Dolly Wilson, cumprimentou com a cabeça. O chapéu de aba larga, decorado com flores vermelhas e roxas, escondia quase todo o rosto. Sinclair então perguntou: — Vocês vão retornar para a cidade? Eu ia chamar uma Carruagem, mas talvez possamos fazer o trajeto juntos.

— Excelente ideia — respondeu Rutherford —, mas já tenho uma carruagem à espera em Regent's Circle. Há espaço de sobra para todos nós.

Eleanor olhou para Moira, que tinha uma expressão ao mesmo tempo empolgada e temerosa. Para ambas, o dia estava dando reviravoltas tão inesperadas que ela começou a sentir como se estivesse montada em um cavalo selvagem em disparada.

— Por aqui, então — Rutherford declarou, cofiando as costeletas com a ponta dos dedos —, porque o tempo é ligeiro...

— E não há barranco que o detenha — Moira falou subitamente, sempre ansiosa em completar um provérbio. Eleanor notou que Rutherford olhou para Moira com uma expressão de apreço que se demorou, especialmente, sobre o vislumbre do busto branco que o espartilho desabotoado deixava à mostra.

— Está certíssima, srta. Mulcahy — disse ao lhe oferecer o braço. — Posso acompanhá-la?

Moira aparentou ter ficado desorientada por um momento. Afinal, um homem da estatura de Rutherford, vestindo uma casaca cinza perolada, estava oferecendo o braço a alguém de sua classe social. Porém, Eleanor cutucou Moira discretamente e ela deu a mão a Rutherford. Todos seguiram em frente.

A carruagem era um modelo sege com um brasão de família, mostrando um leão empinado sobre um escudo dividido por uma cruz. Era puxada por um par de cavalos castanhos e vigorosos da raça Shire. Até aquele momento, Eleanor não tinha certeza sobre o mundo em que tinha entrado, mas a carruagem da família e o jeito despreocupado com que os homens tratavam o dinheiro (embora o tenente, ela imaginou, fosse muito esbanjador) resolveram a questão. Tanto ela quanto Moira estavam em mares nunca dantes navegados.

O interior da carruagem era estofado com couro marroquino de belo acabamento granuloso. Havia cobertores guardados debaixo dos assentos, também bordados com o brasão da família. O apoio dos pés era de mogno envernizado, e a parede atrás do banco do cocheiro tinha uma janelinha, como uma portinhola, com puxador de franja. E embora o capitão tivesse garantido lugar de sobra, na

verdade não havia, pois o tamanho de Rutherford e a larga silhueta de Moira ocupavam muito espaço, assim como o impressionante chapéu da srta. Wilson. Sinclair, sendo muito cortês, ofereceu-se para sentar entre Eleanor e Moira, para que dessa forma pudessem admirar a vista pelas janelas abertas.

Passaram por um cenário praticamente rural, porque o hipódromo de Ascot foi construído próximo ao Windsor Great Park em 1711, em uma clareira perto do vilarejo de East Cote. Os campos verdejantes estavam cheios de ovelhas e vacas. Os fazendeiros e suas famílias muitas vezes paravam as tarefas diárias para ver a impressionante carruagem do capitão Rutherford passar.

Um menino com um balde pesado nas mãos ficou imóvel, olhando impressionado. Eleanor sabia como ele se sentia, pois tinha a mesma sensação ao ver carruagens como aquela passando, imaginando, da mesma forma que o menino, como seria estar dentro de uma... ser um rico dono de terras ou um aristocrata de nascença que viajasse e vivesse daquela maneira. Quando os olhos de Eleanor encontraram os do garoto abismado por um breve instante, ela sentiu um turbilhão de emoções. Inicialmente, queria apenas explicar que não era um desses poucos afortunados, e sim uma simples menina de fazenda destinada a ter uma vida não muito diferente da do garoto, porém algo curioso aconteceu. Eleanor inclinou um pouco a cabeça, como imaginou que um aristocrata faria, e sentiu no peito uma pontada de alegria, orgulho e dissimulação. Era a mesma sensação que tivera quando era pequena e se vestira de princesa em uma quermesse, imaginando que o povo acreditara que fosse uma nobre de verdade.

— Ganhar sempre abre o meu apetite — Sinclair comentou. — O que dizem de jantarmos no bufê do meu clube?

Le Maitre, ou o Francês, como Eleanor agora se lembrava, disse:

— Talvez devêssemos ir ao meu clube? Dadas certas circunstâncias com respeito ao sr. Fitzroy — acrescentou levantando uma sobrancelha para Sinclair, que descartou o comentário com um gesto.

— Bobagem! Não tenho nada a temer da parte dele — Sinclair falou, embora Fitzroy estivesse exigindo satisfações desde que fora jogado pela janela do bordel. — O que dizem de comermos frios e queijos e bebermos um vinho do Porto bem melhor do que qualquer outro do clube do Francês?

Eleanor não sabia o que dizer, porque os eventos dispararam outra vez e ela mal conseguia segurar as rédeas.

Como ninguém discordou, Rutherford declarou que era uma boa ideia e bateu com o nó dos dedos na portinhola atrás da cabeça.

Quando ela foi aberta e o cocheiro inclinou a cabeça, Rutherford disse:

— Pall Mall, o Longchamps Club.

O cocheiro concordou, a portinhola foi fechada e as rodas da carruagem passaram fazendo barulho sobre uma ponte de madeira.

Eleanor, com o ombro imprensado contra o do tenente Copley, reclinou-se para trás no assento de veludo e imaginou como esse sonho maravilhoso terminaria.

14

7 de dezembro, 8h

LOGO CEDO PELA MANHÃ, assim que se vestiu e antes de tomar café, Michael foi dar uma olhada no filhote de gaivota-rapineira que batizou de Olhe, inspirado em outro pobre órfão, *Oliver Twist*.

Não foi fácil decidir o que fazer com ele (ou ela, porque era complicado descobrir o sexo a essa altura). Porém, as gaivotas-rapineiras adultas eram pássaros traiçoeiros e armavam ciladas contra os mais fracos. Michael viu um par distrair uma mãe pinguim da ninhada por tempo suficiente para que um deles pegasse e arrastasse um filhote, destroçando-o por completo enquanto ele berrava. Podiam fazer o mesmo com Ollie se o pássaro não crescesse um pouco e aprendesse a voar.

Após consultar várias outras pessoas na base, incluindo Darryl, Charlotte e as duas glaciologistas, Betty e Tina, foi decidido que o melhor lugar para Ollie seria um ambiente protegido, mas lá fora. — Se criá-lo aqui dentro, ele nunca vai conseguir se virar sozinho — disse Betty. Tina foi enfática ao concordar. Aos olhos de Michael, as duas pareciam um par de valquírias com o cabelo louro trançado no alto da cabeça.

— Mas, se deixá-lo no reservatório de amostras atrás do nosso laboratório, ele vai unir o útil ao agradável — sugeriu Tina.

O reservatório era uma área fechada atrás do módulo de glaciologia, onde os cilindros de gelo ainda não cortados e analisados por Betty e Tina eram estocados como lenha em uma estante de metal.

— Acabei de esvaziar uma caixa de bolsas de plasma congelado — disse Charlotte —, que pode ser usada para abrigar o baixinho.

Pareciam alunos do ensino fundamental fazendo um trabalho de grupo de biologia.

Charlotte pegou a caixa, que foi colocada em um canto do reservatório de amostras de gelo. Darryl passou no laboratório vizinho e voltou com pedaços de arenque seco que usava para alimentar seu zoológico particular. Embora ele (ou ela) estivesse morto de fome, o filhotinho de gaivota-rapineira não pegou a comida

de imediato. Parecia que ainda esperava ser afastado pela bicada do irmão maior. Aparentemente, já estava programado para morrer.

— Acho que estamos muito perto — Darryl falou e Charlotte concordou.

— Deixe o arenque perto da caixa e vamos entrar — ela disse, tremendo de frio.

Todos voltaram para seus quartos e dormiram aquele sono irrequieto de quem não tem dia ou noite para marcar a passagem do tempo. Pela manhã, Michael foi imediatamente dar uma olhada em seu protegido.

O arenque tinha sumido, mas será que Ollie é que havia comido? Olhou para o chão congelado, onde flocos de neve davam a impressão de serem penas brancas, e também não viu sinal do pássaro. Levantou os óculos de proteção, abaixou-se e olhou no fundo da caixa. Charlotte tinha deixado um pouco de serragem usada para proteger as bolsas de plasma, mas ficou misturada com neve e gelo trazidos pelo vento. Michael estava prestes a desistir quando viu algo preto e reluzente como um seixo no canto da caixa. Era o olho vidrado do pássaro, e agora, olhando com mais atenção, ele percebia a bolinha cinza e branca do corpo. Toda encolhida, a gaivota-rapineira parecia uma bola de neve suja.

— Bom dia, Ollie.

O pássaro ficou encarando Michael, sem qualquer sinal de medo ou reconhecimento.

— Gostou do arenque?

Como era de se esperar, não obteve resposta. Pegou do bolso duas tiras de bacon que roubara da cozinha a caminho do reservatório.

— Espero que não siga uma dieta kosher — disse ao depositar o bacon dentro da caixa. Viu Ollie dar uma espiadela rápida na comida. Michael então se levantou e voltou ao bandejão para tomar o café da manhã. Era dia de mergulho e seria importante estar forrado para o que os milicos e profetas chamavam de “imersão polar”.

Quando Michael se sentou, Darryl já estava na metade de uma pilha de panquecas de mirtilo cobertas de xarope de bordo e várias salsichas vegetarianas. Lawson ocupava um assento do outro lado da mesa. Ao contrário do que Hirsch temia, nem os milicos ligaram para o fato de ele ser vegetariano. Na verdade, ninguém deu a mínima. Michael logo aprendeu que, na Antártica, qualquer excentricidade era comum e encarada tão naturalmente como os guinchos dos pinguins. As pessoas iam ao Polo — Michael sempre tinha que de lembrar de tirar o Sul — para serem elas mesmas. No mundo real, eram consideradas solitárias, bizarras e esquisitas, mas ali ninguém se preocupava com isso. Todo mundo tinha as próprias manias, e ser vegetariano nem era considerado como tanto.

— No primeiro ano — falou Lawson em nome dos funcionários do governo — você vem para cá pela experiência.

Nisso dava para acreditar, Michael pensou.

— No segundo ano — prosseguiu — você vem pelo dinheiro. E no terceiro — disse Lawson, rindo — você vem porque não serve mais para nada.

Houve uns risos nervosos, exceto da parte de um dos milicos, Franklin, o pianista que gostava de *ragtime*, que girou na cadeira em direção a eles e disse:

— Cinco anos, cara. Eu venho aqui há cinco anos seguidos. Que diabo eu sou, então?

— Um caso perdido — disse Lawson e todos riram, inclusive Franklin. O sarcasmo era o idioma universal da base.

Depois de encarar o café da manhã, embora com menos café do que de costume — “você não vai querer mijar depois de vestir a roupa de mergulho”, Lawson aconselhou —, Michael voltou ao quarto para pegar o equipamento fotográfico. Selou a Olympus D-220L na caixa estanque da Ikelite, verificou se a bateria estava carregada e rezou baixinho para o deus dos problemas técnicos. O fundo do mar, centenas de metros abaixo da calota polar, não era lugar para um defeito, por menor que fosse.

Como qualquer coisa na Antártica, um mergulho era uma empreitada complicada. Na véspera, Murphy mandara uma equipe com um imenso perfurador de gelo, montado na traseira de um veículo de esteiras, para abrir dois buracos. O primeiro, que seria coberto por uma modesta base de mergulho, funcionaria como o principal acesso de entrada e saída da água para os mergulhadores. O segundo buraco, a uns 50 metros de distância, era o de segurança, caso o primeiro ficasse inacessível por causa do gelo movediço ou das focas de Weddell. (Um belo buraco aberto podia deixá-las bem possessivas).

Murphy também insistiu, como a babá superprotetora que era, que todos os mergulhadores fossem antes examinados pela dra. Barnes. Michael ficou sentado na ponta da mesa de exame enquanto Charlotte verificava as fossas nasais e a garganta, limpava os ouvidos e tirava a pressão. Era estranho ver alguém que passara a considerar apenas uma amiga de repente tratá-lo de maneira profissional. Torcia para que ela não lhe aplicasse o teste de hérnia ao segurar os testículos e pedir que tossisse. Não aplicou. E nem parecia constrangida ao assumir esse papel diferente. Descobriu que Charlotte podia manter a expressão neutra de médica e cumprir o dever de maneira perfeitamente objetiva. Porém, ao término do exame, quando ela o declarou em perfeitas condições, a objetividade não a impediu de perguntar:

— Tem certeza de que quer fazer isto?

— Certeza absoluta.

Ela tirou o estetoscópio e o guardou em uma gaveta.

— Mergulhar no gelo, com uma máscara e todo aquele equipamento... não tem claustrofobia?

Algo no tom de voz deixava claro que Charlotte estava falando sobre si mesma e não sobre ele, percebeu Michael.

— Não. E você?

Ela inclinou o rosto sem olhar nos olhos de Michael, que se lembrou da noite na escola de neve, quando tiveram que dormir nos domos de gelo.

— Como você sobreviveu ao treinamento no iglu? — perguntou ele.

— O Darryl não te contou?

— Contou o quê?

— Aquele garoto sabe guardar um segredo — reconheceu Charlotte.

— Eu nunca entrei no iglu.

Michael ficou perplexo.

— Por favor, me diga que você não voltou sozinha para a base. — Estava abismado só de pensar em tamanha imprudência.

— Não. Eu fiquei com umas 18 camadas de roupa dentro do saco de dormir, apenas com os pés dentro do túnel. Tive medo de sufocar o Darryl caso entrasse um pouco mais.

Ao saber da fobia e de como Charlotte tinha encarado a barra sem ninguém saber, ele passou a admirá-la ainda mais.

E a Darryl também, por ter mantido o segredo.

— Ficarei com o walkie-talkie ligado o dia inteiro — disse Charlotte —, caso você precise de algo.

Não esperava nada menos do que isso.

— Agora, vocês dois tenham cuidado com o que vão fazer. E não deixe que o Darryl banque o mandão para cima de você.

— Eu falo para ele o que você disse. — Michael começou a se vestir para sair e deixou a enfermaria a caminho do local de mergulho.

Para chegar até lá teria que ir de Spryte, uma pobre mistura de um trator com um Hummer, que puxava um trenó cheio de equipamentos sobressalentes de mergulho. Darryl sentou-se ao lado de Michael, parecendo uma criança a caminho da Disneylândia. A caravana avançou lentamente sobre o gelo.

Levou dez minutos para que Michael visse a base de mergulho pré-fabricada, construída como se fosse um barracão de ferramentas, pintada num tom de rosa pálido e parada no meio do nada com uma bandeira preta e branca tremulando. Alguns funcionários de Point Adélie estavam empilhando neve fresca ao redor da fundação para afastar o vento, pois a base era apoiada em blocos de concreto a uns 30 centímetros da superfície de gelo.

Darryl olhou para fora do Spryte ao se aproximarem, dedos tamborilando nervosos nos joelhos. Eles teriam que se despir e colocar a roupa seca de mergulho dentro do barracão, porque ao vestir os trajes à prova d'água a pessoa sufocaria de calor a não ser que submergisse rapidamente na água, que se mantinha a 0,5 grau não importava a profundidade ou estação do ano.

O sujeito que acenou para que parassem parecia ser Franklin, cujo bigodão era a única coisa que dava para ver saindo pelo gorro.

— Belo dia para um mergulho — disse ele ao abrir a porta rangente do Spryte. Darryl saiu primeiro, aos trancos e barrancos, derrapando no gelo escorregadio. Michael seguiu, enquanto Franklin começava a descarregar parte do equipamento do trenó. Foram direto para a base, que parecia uma sauna para quem vinha de fora. Havia aquecedores montados em suportes de metal e prateleiras cheias de equipamento nas quatro paredes.

Porém, o mais impressionante era o buraco redondo no meio do chão como se fosse uma grande Jacuzzi, com talvez 1,80 metro de diâmetro. Uma grade de metal foi colocada em cima dele para prevenir acidentes ou mergulhos precipitados, mas Michael não conteve a tentação de olhar as águas azuis do buraco, cheias de pedaços reluzentes de gelo, que o aguardavam lá embaixo.

Calloway, um sujeito irônico com forte sotaque australiano, disse:

— Bom dia, parceiros, eu serei o seu guia de mergulho para as atividades de hoje. — Pelo que Lawson e os demais disseram para Michael, Calloway não era realmente da Austrália, mas havia muitos anos fingia ser para pegar garotas e nunca mais abandonara o personagem. — Agora, vamos ficar só de camiseta e cueca para começar. Temos muito o que fazer.

Não era exagero. Michael já tinha mergulhado várias vezes antes e estava acostumado ao longo processo de preparação, mas aquele ali deixava todos os anteriores para trás. Sob a instrução precisa de Calloway, ele e Darryl colocaram primeiro a roupa de baixo de polipropileno, e sobre ela um macacão térmico Polartec. Nos pés, usavam as meias do programa americano de exploração da Antártica e botas de náilon Thinsulate. A essa altura, Darryl parecia um elfo ruivo.

A seguir, Calloway entregou a cada um deles um macacão seco de cor púrpura para ser colocado por cima de tudo aquilo.

— Um pouquinho quente aqui dentro, né? — Calloway falou, abrindo a camisa de flanela.

— Não precisa dizer duas vezes — Michael concordou.

— Um pouquinho quente aqui dentro, né? — Calloway repetiu.

Michael teve que se acostumar com o humor de recreio tão comum em Point Adélie, e que era característico de qualquer lugar isolado e cheio de homens, como ele sabia por experiência própria.

O próximo passo era vestir a roupa seca propriamente dita, que Calloway segurava como um estilista apresentando a mais nova criação.

— Top de linha, parceiros. Neoprene trilaminado TLS, muito mais leve que aqueles troços de neoprene prensado que vocês encontram por aí, e não retém a umidade da superfície.

Ao sofrer para colocar mais uma camada de roupa, Michael achou difícil imaginar que aquela fosse muito mais leve que qualquer outra coisa. Já se sentia como o boneco da Michelin, e isso foi antes de encarar o passo mais claustrofóbico de todos: a proteção de cabeça e rosto. Calloway procurou dentro de uma sacola que Franklin tinha levado e tirou duas toucas pretas Henderson, que deixavam espaço apenas para os olhos e lábios, com uma fina tira de neoprene passando acima da boca. Ao colocá-la, Michael sentiu-se como um assaltante. E sobre a touca, sabia, teria que colocar um gorro de látex. Calloway precisou ajudar a descer o gorro pela cabeça até a gola da roupa seca laranja, onde foi selado como uma ventosa, efetivamente transformando Michael em uma salsicha gigante.

— Dá para desligar? — Darryl falou, apontando com o braço grosso de tantas roupas para o aquecedor mais próximo. — Estou morrendo.

— Sem problema, parceiro, já devia ter feito isso antes. — Calloway desligou ambos os aquecedores. — Mais alguns minutos e vocês vão cair fora daqui — falou para encorajá-los.

Calloway ajudou-os a colocar as luvas de alpinismo, feitas de tecido, e sobre elas as luvas secas de borracha com três dedos. Depois foi a vez do lastro (sem o peso adequado, Michael sabia, um mergulhador poderia flutuar de ponta-cabeça até se afogar). Finalmente, Calloway colocou os tanques de aço de oxigênio ScubaPro de 95 pés cúbicos com dois reguladores nas mochilas rígidas. Michael mal podia se mexer.

— Últimas palavras — Calloway falou — antes de colocar as máscaras?

— Rápido — arfou Darryl.

— Lembrem-se: sem perder tempo lá embaixo. Vocês têm uma hora, no máximo.

Michael sabia que Calloway se referia tanto ao suprimento de ar quanto à capacidade do ser humano de suportar temperaturas extremas, mesmo debaixo de todo aquele equipamento.

— As redes e armadilhas já estão na água? — perguntou Darryl ao lutar para prender os largos pés de pato nas botas.

— Eu mesmo mandei lá para baixo não faz nem duas horas, amarradas i linhas do buraco de segurança. Boa sorte na pescaria.

— Antes que a gente se esqueça — Michael disse — vou precisar daquilo ali.

Ele apontou para a câmera, que tinha sido praticamente deixada de lado em cima da pilha de roupas.

— Certíssimo — disse Calloway ao pegar a câmera. — Se você ver alguma sereia, bata uma foto para mim.

Com isso, as máscaras foram ajustadas com firmeza, os reguladores passaram por testes de fluxo de oxigênio e Darryl ganhou de Calloway um tapinha nas costas. Enquanto Michael colocava os próprios pés de pato e prendia a lanterna ao cinto, Darryl levantou a grade de segurança. Quando Michael se virou, ele já tinha mergulhado. Calloway também deu um tapinha nas costas de Michael, fez um sinal de positivo, e ele seguiu Darryl rumo ao desconhecido.

A calota de gelo tinha uns 2,5 metros de espessura e o perfurador fez um buraco que era mais largo no topo que no fim. Era como descer por um funil. Michael sentiu os pés quebrando uma fina camada de gelo que havia se formado de novo desde o mergulho de Darryl. Ele atravessou a barreira e ficou cercado por uma nuvem de cristais reluzentes e bolhas, que levou alguns segundos para se dissipar e permitir que enxergasse.

Ele flutuava uns 4 metros abaixo do buraco de mergulho, em um mundo azul tão desprovido de limites quanto de dimensões. Parecia enxergar até o infinito, porque a água, ele sabia, ficava livre de plâncton ou qualquer outra matéria nessa época do ano, mais do que qualquer outra água no globo. A luz do sol incidia fraca sobre a calota de gelo, fazendo com que o buraco de segurança brilhasse como um farol, irradiando raios de sol para o fundo do mar. Três linhas compridas com

bandeirolas de plástico estavam penduradas na borda do buraco e desciam para as profundezas invisíveis.

E embora Michael tivesse se preparado para o choque da água gelada, teve uma surpresa agradável, o equipamento insuportavelmente quente e desajeitado lá em cima era bem confortável ali embaixo. A água não só permitia mais facilidade de movimentos como refrescava as camadas exteriores, o que o deixou aliviado por estar no oceano Antártico. Não era de espantar que Darryl tivesse mergulhado com tanta pressa. Mas suspeitou que o que agora parecia refrescante logo se tornaria frio demais, e, quando a hora estivesse para terminar, a sensação seria congelante.

Ao olhar para baixo, Michael viu os pés de pato de Darryl batendo e levando o cientista para o fundo do mar. Com certeza Hirsch não ia desperdiçar o tempo que tinha. As águas eram plácidas, quase sem a presença de correntes ou marés que poderiam, em certos mares, afastar discretamente o mergulhador do ponto de partida. Era um imenso e silencioso reino azul, onde Michael só conseguia ouvir a interferência do barulho do próprio regulador.

Ele começou a descer gradualmente em direção ao fundo do mar, que ficava afastado da área onde tinha sido instalada a base de mergulho. O movimento das geleiras tinha aberto enormes fendas e deixava cair pedregulhos que se espalhavam como bolas de gude. Ao se aproximar do fundo, notou as várias formas de vida que habitavam o cenário até então aparentemente desértico. O lodo mostrava sinais da passagem de moluscos e crustáceos, ouriços-do-mar e oflúros. Lapas grudavam como bandeiras nas rochas cobertas por algas, enquanto estrelas-do-mar, algumas empilhadas sobre outras, procuravam silenciosamente por moluscos na lama. Uma aranha-do-mar, tão grande quanto a palma da mão aberta de Michael, ficou de pé em uma das oito patas, ciente de sua aproximação. Ele flutuou, levantou a câmera e tirou várias fotos. A criatura parecia quase não ter corpo, apenas uma cabeça e um pescoço da cor de ferrugem com dois pares de olhos; as partes de trás eram tão pequenas que se misturavam às longas pernas. Mas Michael sabia que a aranha-do-mar tinha um perigoso sugador, usado para explorar os sedimentos à procura de presas como esponjas e corais. Assim que ela encontrava uma presa, o sugador sorvia os fluidos e a carne da vítima em um beijo longo e mortal. Ao passar, a nadadeira de Michael provocou uma onda que derrubou a aranha em câmera lenta. Quando se virou, notou que ela estava voltando indignada a se equilibrar em uma pata só, pronta para empalar qualquer incauto transeunte.

Darryl encontrava-se lá embaixo, com uma rede em uma mão e a outra sobre uma pedra do tamanho de uma bola de beisebol. Quando Michael se aproximou, Darryl indicou com a cabeça e um gesto que queria que ele empurrasse a pedra. Michael deixou a câmera pendurada no pescoço enquanto usava ambas as mãos para movê-la, primeiro para um lado, depois para o outro. Quando a pedra finalmente rolou, um enxame de anfípodes do tamanho de unhas saiu correndo, mexendo as várias patas e balançando as antenas. Muitos caíram na rede. Com

habilidade, Darryl virou-a do avesso e depois transferiu os anfípodes para um saco Ziploc transparente. Fez um sinal de positivo para Michael, do jeito que a luva grossa permitiu, e deu tchau. Ele percebeu que Darryl não queria mais agitação ao seu redor enquanto tentava coletar espécimes e fazer observações.

Nem Michael queria mais essa incumbência, porque tinha o próprio trabalho a fazer, as próprias descobertas a realizar. Demorou-se sobre um grupo de criaturas que pareciam ser vermes, cada uma com um metro de comprimento, que se enroscavam acima de um pedaço meio devorado de carniça. Tirou fotos, e depois pediria que Darryl explicasse o que eram. A luz começava a diminuir quanto mais se afastava da superfície. O fundo do mar aos poucos deu espaço para um campo de cristas de gelo, como uma gigantesca folha de papel branco amassado. Ao lado, um vulto negro surgiu de relance e Michael notou pela máscara um par de grandes olhos brilhantes, cercados por longos bigodes escuros, retribuindo o olhar.

Era uma das focas de Weddell. Depois das baleias minke, elas eram os mamíferos que nadavam nas maiores profundezas do oceano Antártico. Michael sabia que ela não lhe faria mal. Quando ele levantou a câmera, a foca contraiu a terceira pálpebra que protegia a córnea e abriu os bigodes como um leque. “Pronta para o dose”, Michael pensou ao bater uma série de fotos.

A foca, que tinha entre 1,50 e 1,80 metro, mexeu uma das nadadeiras e passou por Michael, olhando para trás o tempo todo. Flutuou um pouco, como se esperasse que o novo e bizarro conhecido a alcançasse, antes de ir embora.

“OK”, Michael pensou, “estou dentro”. Imaginou que a brincadeira pudesse render fotos incríveis e até mesmo divertidas para a reportagem. Usou os pés de pato para seguir a foca, que avançou para as profundezas. Michael achava que devia ser um espécime jovem, por causa da pele lustrosa sem cicatrizes e dos dentes brancos e perfeitos. O tanque de oxigênio assobiou e borbulhou enquanto ele ia atrás do animal. Passaram ao redor de um iceberg em decomposição do tamanho de uma lancha e depois por protuberâncias rochosas cobertas por algas marrons e vermelhas.

O mar estava realmente se abrindo debaixo de Michael. Percebeu que iria longe demais, se não tomasse cuidado. Manteve os olhos no chão em declive e, sob a luz sombria que vinha de uma rachadura no gelo lá em cima, viu algo que parecia completamente sem sentido. Tinha uma forma retangular perfeita até demais e, mesmo coberto por gelo, parecia ser uma espécie de baú. A foca nadou ao redor do objeto, como se a intenção fosse levar Michael até ele.

“Ah, meu Deus”, Michael pensou, “um tesouro afundado? Não pode ser. Não aqui. Não no Polo Sul”.

Bateu rápido os pés de pato e se aproximou. Apesar do exercício, começou a sentir o frio atravessando as várias camadas de roupa. Parou acima do objeto, mexendo os braços devagar na água gelada. E, mesmo debaixo do gelo e das lapas, ouriços e estrelas-do-mar presos nas laterais, dava para ver que era realmente um baú sem tampa. Uma das estrelas-do-mar, da cor de marfim, estava toda aberta

em cima como a mão de um esqueleto. Por instinto, Michael pegou a câmera e tirou meia dúzia de fotos.

A foca fez uma pirueta acima dele.

Michael aproximou-se até conseguir ver o interior do baú, de onde saiu uma chuva de gelo como moedas de cristal. Porém, havia algo mais escuro, da cor de uma ameixa, reluzindo.

Olhou de um lado para outro, observando o fundo do mar. De um lado, havia um abismo negro, e do outro, talvez a algumas centenas de metros de distância, notou um paredão íngreme de gelo que, com certeza, vinha lá de cima da calota polar e descia a uma profundidade que Michael jamais poderia descer. Entre o ponto em que se encontrava e a imponente geleira, ele percebeu outro objeto caído no fundo do mar, também cor de ameixa e coberto por uma camada de gelo. Tirou a lanterna do cinto e jogou luz naquela direção.

Era uma garrafa... só podia ser. Uma garrafa de vinho.

Nadou até lá e com a luva de três dedos tirou os sedimentos do gargalo. Preso à base da garrafa, um ouriço-do-mar abriu e fechou a boca, que compunha praticamente o corpo inteiro, pensando estar diante de algo comestível. Michael usou a ponta da lanterna para retirá-lo. A garrafa estava toda coberta de gelo, mas foi possível ver um pedaço do que um dia tinha sido o rótulo, completamente ilegível. Tentou arrancá-la do fundo do mar, mas não dava para soltá-la assim tão fácil. Teria que usar as duas mãos. Michael apoiou com cuidado a lanterna entre dois pedaços de gelo presos ao chão, perturbando sem querer um verme marinho parecido com uma enorme tira de borracha, que foi procurar um lugar mais calmo para ficar. Michael tentou de novo, balançando a garrafa com cautela para soltá-la do lodo e do gelo. A última coisa que queria era quebrar um artefato que tinha sobrevivido Deus sabe quantos anos ali. Finalmente ela cedeu e Michael sentiu como se tivesse vencido um cabo de guerra contra o fundo do mar. Girou a garrafa nas mãos, admirando-a.

Até que, de repente, viu outra a poucos metros de distância, mais perto do paredão da geleira.

Talvez tivesse encontrado um tesouro perdido! Foi inevitável pensar em fortunas, porém o mais importante era o furo de reportagem! Espere até Gillespie saber disso lá em Tacoma! Um fotojornalista, a mando da Eco-Travel Magazine, descobriu um baú afundado a centenas de metros da calota de gelo da Antártica. A partir daí, Michael estaria com a vida ganha.

Colocou a garrafa em um saco de rede preso à mochila e se aproximou do paredão de gelo. A foca parecia manter distância, flutuando de costas e olhando para Michael por cima da barriga lustrosa. Quanto mais perto chegava da geleira, mais gelada ficava a água. Michael lembrou-se dos ventos de montanha incrivelmente frios que desciam pelas geleiras em terra firme e sopravam pelas planícies polares. Tremeu de frio dentro da roupa e olhou o relógio de mergulho preso ao pulso. Teria que dar meia-volta em breve e voltar depois.

Decidiu deixar a segunda garrafa quieta, porque estava imprensada debaixo de uma pedra. O regulador assobiou e ele percebeu que não estava respirando normalmente, porque tinha se deixado levar pela empolgação e não prestara atenção. O paredão inclinado da imensa geleira elevava-se diante dele como um penhasco branco e íngreme e descia para o infinito embaixo dos pés. Era parecido com aquele que encontrara no trágico dia nas Cascades. As paredes estavam cheias de marcas e cicatrizes, como um boxeador com muitos anos de ringue. Michael passou a mão na geleira e, mesmo através da luva grossa, sentiu o poder ancestral e em estado bruto da montanha de gelo, capaz de demolir qualquer coisa em seu caminho, de forma lenta e implacável.

E então ele de fato ficou sem ar. Completamente.

Entre seus dedos, ele viu... um rosto.

Afastou-se do paredão, confuso e assustado, deixando uma trilha de bolhas de ar.

Ficou no lugar, batendo braços e pernas. A foca de Weddell voltou para brincar, mas Michael não lhe deu atenção. Não podia ter visto o que acabara de ver. Procurou por Darryl, mas só percebeu um pontinho laranja ao longe, cuidando de uma armadilha que estava sendo içada pela linha para o buraco de segurança.

Virou-se de novo para a geleira com o coração batendo forte no peito. Tinha que se controlar ou faria alguma estupidez e acabaria se afogando antes de contar para alguém o que descobrira. Apontou a lanterna para o gelo multicolorido.

Não dava para ver muita coisa de onde estava.

Mas quando se aproximou, novamente percebeu algo surgindo por trás da máscara de gelo... e ao chegar ainda mais perto, conseguiu ver claramente. Um rosto congelado, com uma coroa de cabelo castanho e uma corrente — uma corrente de ferro? — em volta da garganta. Havia uma mancha azul e preta debaixo do gelo, onde as roupas deveriam estar, e talvez outro vulto atrás daquele que Michael estava olhando. Mas tudo era difícil de discernir ou identificar nas turvas águas glaciais.

Ele passou a luva com cuidado pelo gelo, respeitosamente, e aproximou a máscara do paredão. Olhou para dentro do gelo iluminado pela lanterna e viu, como se fosse a Bela Adormecida presa em uma fortaleza gelada, o rosto de uma jovem de olhos abertos... mas não em repouso.

Nada disso.

Os olhos, que eram tão verdes que até mesmo ali Michael se espantava com o brilho, estavam escancarados, assim como a boca, dando um último grito. Sentiu um forte calafrio e o tanque de oxigênio soou um alarme. Ele afastou-se, mal conseguindo aceitar o que estava acontecendo, até chegar a uma distância suficiente para que o gelo encobrisse tudo e o terrível tesouro fosse mais uma vez escondido.

15

6 de julho de 1854, à noite

QUANDO A CARRUAGEM PASSOU pela Trafalgar Square e entrou na elegante vizinhança de Pall Mall, que abrigava os melhores clubes de cavalheiros, Sinclair pediu que o cocheiro parasse na esquina da St. James, em vez de estacionar na porta principal do clube Longchamps. A entrada lateral ficava lá, uma porta modesta que era o único acesso permitido às mulheres.

O cocheiro desceu com elegância, abriu os degraus da carruagem e ajudou as senhoras a desembarcar. Os postes de luz a gás da rua (Pall Mall tinha sido o primeiro distrito de Londres a ter esse tipo de iluminação, em 1807) começaram a brilhar contra a escuridão que se aproximava.

Um criado uniformizado, cujo nome Sinclair achava que era Bentley, aguardava dentro do vestibulo de mármore. Assim que viu o tenente, o homem fez uma expressão de incerteza.

— Boa noite, Bentley — saudou Sinclair, usando o máximo de simpatia. — Tivemos um dia vitorioso em Ascot!

— Folgo em saber, senhor — respondeu ele, olhando para o grupo.

— E agora precisamos de comes e bebes.

— Por certo, senhor — Bentley falou, sem acrescentar mais nada.

Sinclair percebeu que havia algo de errado. Suspeitou que suas dívidas tivessem chegado a tal ponto que os conselheiros teriam colocado seu nome na lista de devedores, suspendendo-lhe os direitos como sócio.

Enquanto as damas com certeza nem desconfiavam de que houvesse um problema, pois estavam ocupadas demais admirando como o vitral da janela deixava entrar a luz do anoitecer, Sinclair sabia que Rutherford e o Francês já deviam ter percebido a situação. Rutherford parecia pronto para acompanhá-la de volta à carruagem e seguir para o Athenaeum, do qual era sócio.

— Bentley, podemos trocar uma palavrinha? — falou Sinclair, puxando o criado para o lado. Assim que saíram de perto dos outros, ele disse: — Estou na lista? É isso?

Bentley concordou com a cabeça.

— Um erro da tesouraria — Sinclair falou e balançou a cabeça, pesaroso —, nada mais. Acertarei tudo pela manhã.

— Mas, senhor, até lá, fui instruído...

Sinclair levantou a mão e Bentley se calou imediatamente. Pegou um maço de notas no bolso, tirou várias e entregou para o criado.

— Dê para o sr. Witherspoon pela manhã e diga para colocar na minha conta. Fará isso?

Bentley, sem contar ou sequer olhar para o dinheiro, disse:

— Farei, senhor, é claro.

— Bom homem. Agora, o que eu e meus companheiros precisamos é de um jantar de pratos frios com champanhe gelada. Pode mandar subir algo para a sala de visitas? — Embora esse não fosse o aposento mais interessante do velho clube, era o único lugar aberto às mulheres. Bentley concordou e Sinclair voltou a atenção para suas convidadas.

— Por aqui — disse, indicando um pequeno corredor para as damas, que conduzia a um anexo que o clube precisou construir para dar vazão ao crescente número de sócios. Não havia ninguém cuidando da sala no momento, mas um criado rapidamente apareceu para abrir as longas cortinas de veludo vermelho e acender os candeeiros da parede. Havia uma enorme lareira rústica de pedra em uma das extremidades, com uma cabeça empalhada de alce em cima, e uma série de cadeiras e sofás de couro gastos, além de mesas de carvalho. As damas sentaram-se debaixo do lustre, em um arranjo de assentos dispostos para conversas, e descansaram os pés sobre um tapete oriental desbotado.

— Devemos acender o fogo? — Sinclair perguntou aos convidados, mas todos recusaram.

— Bom Deus, já não sentiram calor suficiente por hoje? — disse Rutherford ao sentar no lugar mais próximo de Moira, que ainda abanava o pescoço e ombros com o programa de Ascot. — Estou torcendo que chova.

Uma tempestade ameaçou cair durante todo o caminho de volta do hipódromo, mas não choveu. Sinclair também agradeceu pelo fato de a sala estar fria após a longa e quente viagem de carruagem.

Um par de criados entrou e rapidamente arrumou uma das mesas redondas para seis pessoas com toalhas de mesa de damasquim amarelo, taças brilhantes de cristal e um candelabro de prata reluzente. Quando tudo estava pronto, Bentley acenou com a cabeça para Sinclair, que sentou Eleanor à direita e Moira à esquerda. O Francês e Dolly, que havia tirado o chapéu florido, velando uma cascata de cachos negros, completaram o círculo. Era uma jovem bonita, não tinha mais do que 20 ou 21 anos, mas usava muita maquiagem para esconder o que pareciam ser marcas de varíola.

Assim que a champanhe foi servida, Sinclair levantou a taça e declarou:

— À Nightingale's Song, nossa brava égua e generosa benfeitora!

— Por que você só passa as dicas *perdedoras* para mim? — disse o Francês, piscando ao se lembrar da disputa dos pit bulls, e Sinclair riu.

— Talvez minha sorte tenha mudado — disse, virando-se discretamente em direção a Eleanor.

— À sorte, então — falou Rutherford, cansado de tanto falatório e bebendo a champanhe de um gole só.

Eleanor só tinha bebido champanhe uma vez na vida, quando o prefeito comemorou a vitória da eleição com os fazendeiros e comerciantes, mas tinha certeza de que era para ser ingerida devagar. Levantou a taça e quase espirrou por causa da espuma gelada. Até a taça estava fria. Quando provou a bebida com a língua, achou doce e surpreendente. Tomou apenas um pequeno gole e olhou para a taça, que borbulhava. Lembrou-se das bolhas que surgiam debaixo da fina camada de gelo que cobria um córrego. Era algo hipnotizante. Ao afastar os olhos, percebeu que Sinclair se divertia com sua concentração.

— É para beber — disse ele —, não para contemplar.

— Concordo — falou Rutherford, pegando a garrafa para encher a própria taça e a de Moira. Inclinou-se bastante sobre ela para servi-la e Moira gentilmente se reclinou na cadeira para lhe dar mais espaço e permitir uma melhor visão.

Eleanor, que sempre tinha imaginado como seria o interior de clubes imponentes como aquele, ficou um pouco decepcionada com a realidade. Tinha imaginado um cenário bem mais suntuoso, cheio de enfeites, objetos folheados a ouro e bela mobília francesa com forros de seda e cetim. A sala, embora fosse grande e tivesse pé-direito alto, parecia mais um confortável pavilhão de caça do que um palácio.

Sob a supervisão de Bentley, foi servida uma série de pratos frios — língua de vitelo, carneiro ao molho de hortelã, pato em conserva —, e os homens entretiveram as acompanhantes com histórias do regimento e seus feitos. Todos eram membros do 17º Regimento de Lanceiros do Duque de Cambridge, fundado em 1759, e, como Rutherford declarou orgulhoso, segurando um pedaço de pato no garfo:

— Desde então, nunca longe dos disparos dos canhões!

— Frequentemente bem no meio dos tiros — acrescentou o Francês.

— E logo estaremos de novo — Sinclair falou. Outra vez Eleanor sentiu uma pontada inesperada. A situação no leste estava piorando. A Rússia, sob o pretexto de um conflito religioso na cidade de Jerusalém, declarara guerra ao Império Turco-otomano e derrotara a frota inimiga no mar Negro. Temia-se, como Rutherford explicara a elas, que “se não pararmos o urso russo em terra, logo ele nadará no mar Mediterrâneo”. Todos sabiam que qualquer desafio à hegemonia britânica nos mares tinha que ser cortado pela raiz.

Eleanor não compreendia completamente a situação, porque tinha escasso conhecimento de assuntos estrangeiros e geografia. Estudara por poucos anos em um colégio local para moças, cuja ênfase era em etiqueta e boas maneiras em vez de assuntos intelectuais. Ainda assim, admirava a bravura e entendia a ansiedade

e o entusiasmo demonstrados por eles diante da perspectiva de batalha. O Francês tirou do bolso uma cigarreira de prata com o emblema da 17ª Brigada Ligeira. Era o símbolo da morte. Abaixo dos ossos cruzados estavam escritas as palavras “ou a glória”. A cigarreira foi passada de mão em mão. Eleanor recuou instintivamente ao recebê-la e passou depressa para Sinclair.

Foram servidas tábuas de queijos e doces, seguidas pela terceira — ou era a quarta? — garrafa de champanhe. Eleanor só se lembrava de ter ouvido várias rolhas estourando durante a refeição. Quando Sinclair se ofereceu para encher sua taça outra vez, Eleanor colocou a mão sobre ela.

— Não, obrigada, acho que já subiu à cabeça.

— Não gostaria de um pouco de ar fresco?

— Sim — respondeu ela —, provavelmente seria de bom tom.

Mas quando pediram licença para se retirar e foram até o pórtico, Eleanor e Sinclair descobriram que a chuva finalmente tinha chegado. A calçada estava molhada e reluzente sob a luz dos postes a gás. Enquanto Eleanor observava, um par de cavalheiros de cartolas e capas pretas saiu correndo de um trole para a escadaria de um clube igualmente majestoso do outro lado da rua.

— Essas casas são lindas — disse ao virar a cabeça para ver a fachada do Longchamps. Havia grandes colunas de pedra calcária cor de creme e uma bela imagem em baixo-relevo de um deus grego, ou de um imperador, acima das imponentes portas duplas.

— Pode ser — disse Sinclair, fingindo indiferença. — Estou tão acostumado que praticamente nem olho mais.

— Mas outros olham.

Ele acendeu um cigarro e se virou para a chuva. Um cavalo cansado, puxando uma carroça com barris de cerveja, passou devagar fazendo barulho com as rodas nos paralelepípedos molhados. Sinclair soprou a fumaça e, tomado por inspiração, perguntou:

— Gostaria de ver mais?

Eleanor não tinha certeza do que ele propunha.

— Não trouxe um guarda-chuva, mas se o senhor...

— Não, quero dizer mais do clube.

Porém, Eleanor sabia que não era permitido.

— Há uma tapeçaria maravilhosa, um gobelín, no saguão principal. E a sala de bilhar é a melhor de Pall Mall.

Vendo a indecisão de Eleanor, ele se inclinou com um sorriso travesso e disse:

— Ah, sim, entendo sua hesitação. É absolutamente proibido. Mas é por isso mesmo que será tão divertido.

Seria mesmo? Eleanor passou o dia sentindo-se como se tivesse atravessado o espelho, como Alice, e entrado em um mundo que não entendia. Esse era mais um momento do gênero.

— Vamos — falou Sinclair, pegando a mão dela como uma criança que chama outra para brincar. — Eu conheço um caminho.

Antes que Eleanor percebesse, eles voltaram para o clube, passaram pelo corredor que levava à sala de visitas e foram de mansinho até a escadaria dos fundos, que ela imaginou ser de uso exclusivo da criadagem. Sinclair abriu uma nesga de porta e colocou o dedo nos lábios quando dois homens de traje a rigor passaram lentamente, segurando copos de bebida.

— Nem se recebesse uma ordem do Almirantado? — perguntou um deles.

— Especialmente se fosse mandado pelo Almirantado — o outro respondeu e ambos riram.

Assim que passaram, Sinclair abriu mais a porta e acompanhou Eleanor para fora. Ela parou na ponta de um mezanino estreito sobre um enorme saguão de entrada com chão de mármore preto e branco. De cada lado do saguão subia um lance de escadas, e lá em cima estava pendurada uma imensa tapeçaria antiga, mostrando a cena de uma caçada a um cervo. A peça estava gasta, mas devia ter sido feita em tons brilhantes de azul e púrpura. Uma franja dourada irregular servia como moldura.

— Foi feita na Bélgica — sussurrou Sinclair — e é muito antiga.

Ele levou-a adiante, ainda segurando a mão de Eleanor. Ninguém jamais o fizera por tanto tempo, ou de forma tão decidida, e ela ainda não sabia como reagir a esse tipo de conduta. Sinclair mostrou a sala de carteados, onde vários homens estavam tão concentrados no jogo que nenhum deles sequer olhou para a porta sendo aberta. Depois seguiram para a suntuosa biblioteca, com estantes de madeira de cetim de 3,5 metros de altura, cheias de livros encadernados em couro. Foram então para a sala de troféus, com várias taças e pratos de prata e uma respeitável coleção de cabeças de animais empalhados, olhando para o infinito com olhos vidrados. Três ou quatro vezes tiveram que se esconder em alcovas ou atrás de portas fechadas para evitar que fossem vistos por um criado ou um sócio do clube. Em uma dessas ocasiões, Sinclair sussurrou:

— Aquele bufão barrigudo chama-se Fitzroy. Já lidei com ele uma vez, mas acho que terei de fazê-lo novamente.

Quando Fitzroy passou, contendo um arroto com as costas da mão, Sinclair tirou-a do esconderijo outra vez.

— Por aqui — disse. — Só mais um aposento.

Estavam no terceiro andar. Eleanor ouviu um barulho forte e estranho de algo batendo, enquanto era levada por Sinclair em direção a uma escadaria estreita e acarpetada que dava em uma alcova com cortinas de veludo. Sinclair colocou o dedo nos lábios outra vez e, finalmente soltando a mão de Eleanor, abriu as cortinas uns poucos centímetros.

Pararam em um pequeno balcão, com um elaborado corrimão de ferro escuro. Abaixo havia meia dúzia de mesas de bilhar, espalhadas como um gramado escuro pelo saguão de paredes revestidas de madeira. Apenas duas mesas estavam ocupadas. Em uma delas, os homens jogavam em mangas de camisa, com os suspensórios arriados. Eleanor ficou ruborizada diante de tal visão. Um dos

jogadores acertou a bola branca, que rolou pela mesa e bateu em uma vermelha até parar delicadamente na lateral.

— Bela jogada — disse o oponente.

— Se a vida fosse como uma mesa de bilhar... — o primeiro respondeu, parando para esfregar alguma coisa na ponta do taco.

— Ah, mas é. Não lhe contaram?

— Eu devia estar de folga nesse dia.

— Como a maioria de nós — falou o oponente, dando uma gargalhada.

Era assim que os homens conversavam, Eleanor pensou. *Era dessa maneira que se comportavam em particular?* Ela estava ao mesmo tempo fascinada e com vergonha. Não deveria estar ali, nem escutando ou vendo nada daquilo. Embora não ousasse falar, por medo de que a ouvissem, olhou para Sinclair.

O tenente virou-se para Eleanor e, no espaço confinado do balcão, escondidos atrás das cortinas, ela sentiu a intensidade de seu olhar. Por que foi beber aquela segunda taça de champanhe? Ainda sentia a cabeça leve por causa disso. Eleanor abaixou os olhos, mas sentiu o dedo de Sinclair tocar seu queixo para levantá-lo, e permitiu que o tenente erguesse seu rosto. Ele estava dobrando o corpo em sua direção. Ela só prestava atenção no bigode ralo. E então, embora tivesse certeza de que não lhe dera nenhum incentivo inadequado, os lábios de Sinclair tocaram os seus... e ela não resistiu. Fechou os olhos sem saber dizer o motivo, e por vários segundos o tempo e tudo mais pareciam ter parado. Foi só quando um grito de vitória subiu até o balcão, vindo de um dos jogadores lá embaixo — “É assim que se joga, Reynolds!” —, que Eleanor deu meio passo para trás, com os lábios tremendo e o rosto afogueado, a fim de olhar de novo para o jovem tenente.

16

8 de dezembro, 10h

— **IMPOSSIVEL, IMPOSSIVEL, IMPOSSÍVEL** — Murphy dizia ao caminhar pelo corredor e entrar no escritório bagunçado do módulo de administração. Michael seguia logo atrás, com Darryl dando apoio.

— É possível, sim — insistiu Michael, mais uma vez. — Eu vi com meus próprios olhos. Bem na minha frente!

Murphy virou-se e falou em um tom compreensivo de quem estava preocupado:

— Olha, esse foi seu primeiro mergulho em águas polares, certo?

— O que isso tem a ver?

— A experiência pode ser atordoante, e isso vale para muita gente, não só para você. A temperatura da água, a cabra polar acima, as criaturas desconhecidas... você mesmo falou que teve um contato imediato com uma foca de Weddell.

— Está sugerindo que eu confundi uma foca com uma mulher presa no gelo.

Murphy fez uma pausa para esperar o clima esfriar. E então emendou:

— Talvez. Você não devia estar prestando atenção no tempo ou no nível de oxigênio. Tenho certeza de que já ouviu falar da embriaguez das profundezas. Vai ver passou por isso lá embaixo. Teve um cara que jurou ter visto um submarino e, no fim das contas, era uma enorme crista de pressão. Você deu sorte de recuperar a noção das coisas e sair enquanto podia. E quanto a você — virou-se para Darryl —, devia ter prestado mais atenção nele. Eram parceiros de mergulho, o que significa ficar de olho um no outro e nadar juntos.

— Concordo — disse Darryl, parecendo envergonhado. — Mas o fato é que ele trouxe a garrafa de vinho. Está degelando no meu laboratório nesse momento. Não dá para negar que a garrafa exista.

— É muito exagero — falou Murphy ao se jogar na cadeira giratória de espaldar alto — ir de uma garrafa de vinho congelada para uma mulher, ainda por cima envolta por correntes, presa no interior de uma geleira.

Michael odiou acrescentar mais um dado, mas sentiu que era preciso.

— E ela pode estar acompanhada.

— O quê? Murphy explodiu.

— Pode ter mais alguém congelado com ela.

Até Darryl, que não tinha ouvido essa parte, hesitou.

— São só eles? — perguntou Murphy. — Ou talvez estivessem todos descendo de um ônibus, que deve estar dentro da geleira também?

Houve uma trégua momentânea enquanto Murphy abriu um antiácido e colocou na boca.

— Você tirou fotos da foca?

— Sim — falou Michael, sabendo aonde ele queria chegar.

— E da aranha-do-mar? E do verme marinho? E do baú de onde a garrafa saiu?

— Sim.

— Então por que não tirou da princesa do gelo?

— Eu estava muito assustado. — As palavras queimaram na boca. Ao ser puxado para a base de mergulho, ficou se perguntando por que, no momento mais importante da carreira, não conseguiu tirar uma foto. O susto, somado a necessidade urgente de voltar à superfície, foi grande demais. E embora soubesse que era uma ótima desculpa, ainda se sentia tremendamente decepcionado consigo mesmo, uma decepção que só seria curada quando voltasse lá.

— Por que a gente não resolve a questão da maneira mais fácil? — falou Michael. — Me deixa voltar à cena do crime.

— Não é assim tão fácil.

— Por que não? — Michael perguntou.

— Eu vou também — Darryl aderiu.

Murphy olhou de um para o outro.

— Vocês podem achar que estamos no meio do nada, sem ninguém vigiando, mas estão errados. Para qualquer coisinha que a gente faça aqui, eu tenho que preencher um relatório para a NSF, ou para a Marinha, ou para a Guarda Costeira, ou, acreditem ou não, para a NASA. Estão vendo aquilo ali? — perguntou, apontando para uma enorme torre de papéis e vários formulários empilhados na mesa. — É apenas uma semana de baboseira que eu tenho que preencher e arquivar. E preciso justificar todo dólar que gastamos. Sabe quanto custa mandar o perfurador para o gelo, armar a base de mergulho e preparar todo o equipamento?

— Tenho certeza de que sai caro — Michael falou —, mas é por isso que precisamos agir rápido. Está tudo no lugar. Eu posso mergulhar amanhã. E com uma ajudinha do Calloway e o equipamento certo, dá até para tirar o corpo da geleira, de alguma forma. Meu Deus — exclamou, irritado —, essa pode ser uma descoberta monumental.

— Não quer dizer uma reportagem monumental para a sua revista? — retrucou Murphy.

Não havia mais o que dizer no momento. Murphy mastigou o antiácido, e Michael e Darryl trocaram um demorado olhar de frustração.

Murphy bufou de cansaço.

— Onde está o Calloway?

— Eu o vi na sala de lazer — respondeu Darryl.

— Diz para ele vir aqui — Murphy falou, mexendo em algumas folhas do risque-rabisque. — Agora.

Michael sabia que não precisava falar mais nada. Assim como Darryl.

A garrafa de vinho estava em um pequeno tanque com água do mar morna, sobre a bancada do laboratório de biologia marinha de Darryl. Sem a cobertura de gelo, o rótulo foi revelado, mas a tinta estava tão borrada que não passava de uma mancha. Darryl olhou dentro do tanque, como se observasse um espécime vivo que pudesse surpreendê-lo a qualquer momento, enquanto Michael andava de um lado para outro, imaginando o que mais poderia fazer para convencer Murphy.

— Deixa quieto — Darryl aconselhou. — Ele é um burocrata, mas não é idiota. Vai mudar de ideia, se já não mudou.

— E se ele não mudar?

— Vai sim, confia em mim. — Darryl sentou de novo no banco e olhou para Michael. — Se for o caso, eu digo que preciso descer outra vez para coletar mais espécimes. Ele não pode dizer não a um proveta. E aí não vai fazer diferença liberar você para ir junto.

Michael considerou o plano, mas tinha medo de que não fosse rápido o suficiente.

— E se ela tiver sumido?

— Sumido? — Darryl perguntou, incrédulo.

— Quero dizer, e se eu não conseguir encontrá-la de novo?

— Uma geleira daquele tamanho não vai a lugar nenhum tão cedo. — Darryl respondeu —, e eu sei exatamente onde você esteve. Consigo localizar a partir dos buracos de mergulho.

No fundo, Michael concordava. Algo dizia que seria capaz de encontrar a garota outra vez, não importava o que acontecesse.

Voltou para a bancada e observou a garrafa no tanque.

— Quando você acha que dá para abrir.

— Por quê? Você quer um gole?

Michael riu.

— Não estou com tanta sede assim. O que você acha que é?

— Acho que é vinho.

— Mas é xerez ou do Porto? Veio do século, XIX ou XVIII?

Darryl teve que pensar um pouco.

— Se a gente conseguir trazer o baú que você viu, talvez fique mais fácil descobrir a idade. — Fez uma pausa. — A garota também pode ajudar.

Apesar da amizade, ou talvez por causa dela, Michael teve que fazer a pergunta.

— Você acredita em mim, não é? Que eu a vi no gelo?

Darryl assentiu.

— Eu sou o cara que estuda esponjas com mil anos de idade, peixes que não congelam em águas geladas e parasitas que intencionalmente levam os hospedeiros à loucura. Se eu não acreditar em você, quem vai?

Michael tentou se animar com o apoio de Darryl. E Charlotte também disse que iria atestar seu perfeito estado mental. Mesmo assim a noite foi longa. Comeu um prato grande de frango, feijão preto e arroz. Parecia que nunca conseguiria aquecer a fornalha interna o suficiente para banir o frio do mar polar, que ainda permanecia nos ossos. Depois tentou se distrair na sala de lazer. Franklin estava tocando uma canção da dupla Captain e Tennille, até que Betty e Tina cansaram do jogo de pingue-pongue e decidiram assistir ao DVD de *Simplesmente Amor* na TV de tela grande. Dois funcionários da base, que estavam jogando buraco em um canto, resmungaram quando o filme começou.

Michael saiu até o reservatório de amostras para verificar o pequeno Ollie. A luz do céu estava fraca, obscurecida por uma cortina de nuvens, e o vento soprava com muita força. Precisou afastar um pouco de neve da caixa com o pé e, como sempre, teve dificuldade de encontrar Ollie encolhido no fundo. Sabia que Charlotte estava certa quando disse que, se levasse o pássaro para dentro, ele jamais se adaptaria à vida natural novamente, mas não era fácil deixá-lo ali fora. A temperatura já estava em 15 graus negativos. Tirou o guardanapo de papel do bolso e deixou cair uns pedaços de frango e uma bola de arroz que trouxera escondidos do bandeirão. Empurrou-os para dentro da caixa, sobre a serragem.

— Te vejo de manhã — disse para a pequena cabeça cinzenta que o encarava e voltou ao quarto.

Darryl já estava dormindo com as cortinas fechadas em volta da cama de baixo. Michael preparou-se para fazer o mesmo e tomou um Lunesta. Se já tinha problemas para pegar no sono em circunstâncias normais, com aquela situação era mais difícil ainda. Não queria virar um daqueles sujeitos que vagavam pela base como um zumbi, sofrendo do Big Eye. Desligou a luz e subiu no beliche vestindo uma camiseta e um calção. Viu que eram 22h em ponto no relógio fluorescente quando puxou as cortinas e tentou relaxar o suficiente para que o comprimido fizesse efeito.

Mas não foi fácil. Deitado ali no escuro, confinado pelas cortinas como em um caixão, não conseguia parar de pensar no mergulho... e na garota no gelo. O rosto assombrava-o. Rolou o corpo e socou os travesseiros de espuma algumas vezes para ficar mais confortável. Ouvia os roncoss de Darryl embaixo dele. Fechou os olhos, tentou se concentrar na própria respiração e liberar a tensão dos músculos. Procurou pensar em outra coisa, algo alegre, e Kristin, é claro, veio-lhe à mente... a Kristin de antes do acidente. Lembrou quando venceram um concurso de comer chili, só para casais... e a ocasião em que um guarda os flagrou se agarrando no carro e ameaçou aplicar uma multa... ou a vez que o caiaque virou três vezes em três minutos no rio Willamerte. Às vezes parecia que viviam aceitando desafios ou se merendo em apuros. Eram amigos e amantes, e por isso mesmo tê-la perdido deixara um buraco tão grande em seu peito.

Em retrospecto, os acontecimentos que levaram à catástrofe haviam sido muito insignificantes. Ele vivia pensando que, se uma pequena coisinha fosse mudada ou feita de forma diferente, o resultado teria sido completamente diferente. Caso não tivessem pensado que a escalada do monte Washington seria moleza, teriam planejado melhor a expedição. Se tivessem sido pontuais, em vez de chegar à trilha mais tarde do que imaginavam, não teriam tido tanta pressa para começar. Caso tivessem estudado os mapas, não teriam subido por um trecho tão traiçoeiro da montanha no fim do crepúsculo. E se ele ao menos houvesse conseguido conter o ímpeto dela, só um pouquinho, nada daquilo teria acontecido.

Mas odiava ter que controlá-la... e Kristin achava insuportável quando ele tentava.

Estavam vestidos com roupas leves para uma escalada íngreme e levavam mínimo de equipamento, apenas o suficiente para passar a noite na montanha. Kristin imaginara ter visto um local perfeito onde poderiam pernoitar: uma saliência projetada como uma plataforma uns 50 metros acima deles. Michael oferecera-se para ir à frente, com Kristin dando segurança abaixo, mas ela disse que seria mais garantido se fosse o contrário.

— Não sei se consigo segurar você em queda livre — argumentara. Porém, Michael sabia que a questão não era essa. Kristin sempre quis ser primeira a ir à frente, a plantar a bandeira aonde todos queriam chegar. Amarraram as cordas e Michael enfiara alguns entaladores em uma fenda que subia em ziguezague até a saliência. O mapa indicava aquela fissura, mas aos olhos de Michael ela parecia menos evidente do que no desenho. E a rocha na mais quebradiça do que imaginava, o que o deixara preocupado. Pregara o entalador e percebera que a pedra estava soltando lascas e pedaços com muita rapidez e facilidade. Comentara com Kristin, que subia como uma aranha, mas ela meio que ignorara, e Michael não insistira. Mais uma das coisas que gostaria de poder refazer.

A noite estava caindo, mas a vista se tornara ainda mais impressionante. No início, eles caminharam por uma floresta de pinheiros e depois subiram por declives suaves de pedras-pomes. Mas a rota de escalada sumira com a neve e, pelas horas seguintes, tiveram que explorar a rocha, procurando por pontos de apoio para os pés e mãos, e fissuras onde pudessem se pendurar e parar por alguns momentos para recuperar o fôlego. Embora a temperatura ainda estivesse amena, o ar tornara-se mais rarefeito e o sol estava sumindo atrás dos picos vizinhos do monte Jefferson e Three-Fingered Jack. Bem lá embaixo ficavam o lago Big Lake e o estacionamento onde tinham deixado o jipe.

Algumas pedras soltas rolaram pelo paredão e Michael olhara para cima, protegendo os olhos com uma das mãos. Vira as pernas de Kristin, vestidas em um short de lã com stretch, debatendo-se na montanha até que um dos pés conseguira um apoio em uma minúscula protuberância. Era de pequenos lances de sorte como aquele que se faziam as escaladas bem-sucedidas.

— Você está bem? — ele gritara.

— Sim. — Então ouvira o martelo de Kristin pregar um estocador.

Ajustara a corda de 10,5 milímetros em volta do ombro e mordera uma barra de proteína. Dava até para ouvir a voz da mãe dizendo que aquilo lhe tiraria o apetite para o jantar.

— Tem uma fissura aqui e alguém deixou um entalador nela — falara Kristin lá de cima. Nada melhor que encontrar equipamento grátis.

— Você acha que está firme?

Vira Kristin forçar o entalador.

— Está, sim. Vai ver foi por isso que deixaram.

E, de novo, um alarme soara distante na mente. Não confiava no trabalho dos outros, especialmente no de alguém que sequer conhecia. Mas não insistira para que Kristin substituísse o entalador. Também estava ansioso para chegar ao parapeito e começar os preparativos para a noite, porque o pôr do sol prometia ser bem romântico.

Kristin colocara outro entalador na fissura e recomeçara a subir lentamente. Michael dera mais corda, vendo que ela tentava alcançar um apoio para a mão quando, de repente, algo dera errado.

— Droga! — ele ouvira Kristin sussurrar e logo depois mais pedras soltas caíram sobre o capacete dele, enchendo seus olhos de poeira. Antes que conseguisse limpar a vista, a corda perdera a tensão. Ouvira os entaladores soltando da rocha e Kristin gritando ao cair. Por instinto, segurara firme na corda, mas a velocidade da queda era grande demais. Os cravos que ele acabara de prender na rocha se soltaram, a corda em volta do ombro apertara como um torniquete e Michael fora sacudido, meio cego, só conseguindo ver Kristin balançar de cabeça contra o paredão lá embaixo, como uma bola de demolição. O grito parara subitamente. Mesmo com a dor lancinante do ombro deslocado, Michael conseguira parar a própria queda, embora até hoje não soubesse como. Tinha sido arrastado até o limite do estreito parapeito de pedra onde estava apoiado. Pendurado pela corda, só podia ouvi-la rangendo e roçando contra a pedra.

Nunca soube dizer quanto tempo havia ficado daquele jeito. Mal se lembrava de ter amarrado a corda em um bloco de pedra e pregado um cravo com a mão boa. Chamara Kristin, mas sem resposta. Procurara o apito de emergência e soprara o mais alto possível, mas o som simplesmente ecoara nos morros vizinhos.

Antes de pensar em içá-la, ele precisava cuidar do ombro esquerdo. Sem ninguém ali para ajudar, teria que colocá-lo no lugar por conta própria. Com a corda presa, Michael considerara o que poderia fazer, e a única opção parecia ser o paredão liso atrás dele. Ficara paralelo à rocha e, após tomar fôlego, se chocara contra ela. O braço havia explodido em dor, mas sem com isso voltar ao lugar. Ficara de joelhos e vomitara o resto da barra de proteína. Ao conseguir ficar de pé novamente, limpou a boca com as costas da mão direita, dando outra olhada para o paredão. Havia um ponto onde a rocha era projetada, como se fosse a barriga de uma grávida, e pensou que fosse possível usar a pedra para recolocar o ombro no lugar, caso suportasse a dor. Aproximara-se com extremo cuidado, calculando a

melhor forma de proceder, mas também ciente de que tinha que ser rápido. Kristin ainda balançava na ponta da corda, a 300 metros dos pinheiros abaixo deles.

Segurou na pedra, apoiou o ombro contra ela e fez força e mais força. Era possível ouvir a articulação rangendo e estalando, as partes querendo voltar ao lugar, e, embora a dor fosse insuportável, Michael só pensava em Kristin. Continuou fazendo pressão para cima, para baixo e então para o lado. A cada movimento, sentia as partes da articulação voltando ao lugar, até o momento em que, como um quebra-cabeça que chega ao fim, ouviu o estalo do ombro voltando ao normal. Arfou várias vezes e esperou, assustado, para ver se o ombro ia ficar no lugar... e ficou. O corpo inteiro estava encharcado de suor.

Bebera um gole de água da garrafa na mochila e começara o árduo processo de içar Kristin até o parapeito, poucos centímetros de cada vez. Tentou chamá-la várias vezes, mas a ausência de resposta era perturbadora. Rezava para que ela estivesse apenas inconsciente e que logo recuperasse os sentidos. Mas quando a cabeça surgiu pela borda, com o capacete amarelo arrebatado como se tivesse levado um golpe de martelo gigante, Michael percebera que a situação era ruim. Muito ruim mesmo.

Assim que ela foi completamente içada, Michael soltou a cadeirinha e tirou a mochila, rasgada durante a queda, deixando cair tudo lá embaixo, inclusive o celular. Verificara o pulso e a respiração de Kristin, abrira o saco de dormir e o pusera sobre ela. Ao sentir que o próprio corpo estava passando por uma espécie de choque retardado, Michael parou para tomar quatro comprimidos de Tylenol do kit de primeiros socorros e tentou comer outra barra de proteína para manter as energias. Mas a boca estava tão seca que mal conseguiu mastigar. Teve que quebrar a barra em pedaços e tomar água para ajudar a descer. Ficou na dúvida se dava ou não água para Kristin, mas tinha medo de que ela engasgasse. Em vez disso, fizera um montinho de terra e cascalho para apoiar a cabeça dela e esperou.

Os últimos raios do sol pintaram de rosa suave as Cascades, enquanto o Big Lake, lá embaixo, estava escuro como breu. Lembrou que tinha achado a vista linda e que Kristin deveria estar sentada para apreciá-la. Ela adorava o pôr do sol, especialmente quando estava em algum lugar ermo. Dizia que dormia melhor sob as estrelas do que nos hotéis quatro estrelas onde se hospedava com a família. Havia várias estrelas no céu naquela noite.

Mas a temperatura estava caindo.

Michael fez um quebra-vento com as pedras soltas que conseguiu reunir e colocou o casaco de náilon em volta da cabeça de Kristin, com cuidado, deixando o capacete quebrado no lugar. Ainda bem que o rosto estava ileso e parecia sereno. Sem dor. Michael ficara satisfeito com isso, pelo menos. Até a primeira luz da alvorada, quando seria possível começar a descer, teria que controlar o medo, ficar encolhido e tentar mantê-la bem aquecida. Pelo sim, pelo não, soprara o apito mais uma vez. Enquanto o som sumia pelos picos vizinhos, encolhera-se junto a Kristin debaixo do saco de dormir e sussurrara no ouvido dela:

— Não se preocupe. Eu vou levar você para casa. Prometo que vou.

17

9 de dezembro, 13h

DARRYL SENTIA-SE COMO UM ASTRONAUTA vetado para ir ao espaço.

— Mas eu estou me sentindo bem — repetiu ao ver a dra. Barnes fazer outra anotação no prontuário.

— Não é isso que a sua temperatura indica — ela disse. — Você ainda tem sintomas de hipotermia do mergulho de ontem, e eu não posso permitir que mergulhe hoje, não importa o que diga.

Como Darryl havia previsto para Michael, o chefe realmente havia autorizado outro mergulho, nem que fosse para recuperar o baú afundado. Quanto à princesa do gelo, ele falou que deveriam trazê-la também, se ela quisesse vir.

— Mas você liberou o Michael — reclamou Darryl, como último recurso.

— O Michael está bem — disse a doutora. — Além disso, se ele pulasse de uma ponte, você pularia também? — Charlotte riu, rabiscou algo no prontuário e Darryl percebeu que não conseguiria nada com ela.

Abotoou a camisa e deu um pulo para sair da mesa de exames. No fundo, sabia que Charlotte estava certa, porque ainda sentia os efeitos do mergulho. Não importava o quanto de chá quente bebesse e quantas panquecas cheias de xarope e manteiga ele comesse, ainda havia algum cantinho interior que permanecia gelado. Na noite anterior, havia dormido debaixo de todas as cobertas do quarto e, ainda assim, acordara batendo o queixo por volta das três da manhã.

— Estraga-prazeres — Darryl falou ao sair da enfermaria. Esbarrou com Michael no corredor, que voltava da sala de Murphy, onde fora entregar o atestado médico.

— Você vem? — Michael perguntou, e Darryl contou a má notícia.

Michael parecia surpreso.

— Quer que eu fale com ela por você? — disse, indicando o escritório de Charlotte com a cabeça.

— Não vai adiantar nada. Aquela mulher é feita de pedra. Vá em frente e realize a descoberta da sua vida sem mim. Vou ficar no laboratório enchendo a cara com a sua garrafa de vinho. Já deve ter descongelado agora.

Michael deu-lhe um tapinha no ombro e continuou pelo corredor. Darryl colocou a parca e o gorro, pois era preciso se proteger dos elementos mesma na curta caminhada entre um módulo e outro. Após uma rápida parada na cozinha, voltou para o laboratório de biologia marinha.

Embora Darryl tivesse coisas mais importantes para fazer, a garrafa de vinho o aguardava, bem em frente ao banco do laboratório. A maldita garrafa despertava curiosidade de forma estranha. Era verdade que não lhe traria fama ou reputação dentro da comunidade científica, mas quantas vezes ele tivera a chance de estudar um artefato histórico? Sentia-se como os sujeitos que raspam a crosta da louça do *Titanic* só para ver o nome da embarcação outra vez. E havia uma grande chance de a garrafa ser mais antiga que qualquer coisa encontrada no navio da White Star Line.

Colocou a mão dentro do tanque, cheio de água do mar em temperatura ambiente, e retirou a garrafa. Pedacos ilegíveis do rótulo ficaram pendurados ao sair da água. Quando colocou a garrafa contra a luz e sacudiu, notou o líquido se agitando lá dentro. Havia sobrado vinho suficiente, e provavelmente envelhecido na medida, para um brinde de comemoração à noite. E seria interessante saber que tipo de vinho era, se um dia mandasse um artigo sobre a descoberta para uma publicação científica.

A rolha havia resistido ao tempo, reforçada pela cobertura duradoura de gelo polar. Tirou o saca-tolha que pegara emprestado na cozinha do bandejão, mas teve medo de enfiar no gargalo e começar a perfurar. Queria prosseguir devagar, tendo cuidado para não contaminar o vinho. Primeiro, colocou a garrafa no pequeno torno preso à bancada, que era usado para abrir conchas de moluscos bivalves. Após uma busca rápida pelos instrumentos do laboratório, escolheu um bisturi que acabara de ser esterilizado na autoclave para retirar os restos do selo de cera vermelha da ponta do gargalo. Quando ela tinha sido selada e por quem? Por um camponês francês na época de Luís XVI? Por um produtor durante a Unificação Italiana? Talvez por um espanhol contemporâneo de Goya?

Colocou os pedacinhos de cera em uma pilha e depois enfiou a ponta do bisturi entre a rolha e o gargalo, começando a cortar pela borda com cuidado. Queria que ficasse solta o bastante antes de usar o saca-rolha. Quando terminou o círculo, deixou o bisturi de lado e parou para colocar a marcha triunfal de *Aida* no aparelho de som Bose. Assim que a música começou, encostou a ponta do saca-rolha e girou o abridor. Houve um momento de resistência, seguido por uma entrada suave — tão suave que Darryl ficou com medo de que a rolha fosse se desmanchar, no fim das contas. Mas a broca entrou até o fim e a rolha começou a sair de uma só vez. Houve até um estouro audível quando saiu por completo.

“Sucesso”, pensou Darryl, ao se inclinar para sentir o cheiro do vinho antigo... e imediatamente recuou.

Caso considerasse uma chance remota de o vinho ainda ser bebível, a questão tinha sido resolvida. O cheiro era repulsivo. Esperou alguns segundos para que o fedor se dissipasse e, tomado pela curiosidade, levou o nariz à garrafa outra vez. O cheiro não era só ruim, como o de vinho que virara vinagre havia muito tempo, e sim algo diferente que, para um biólogo, parecia familiar a ponto de preocupá-lo. Franziu a testa e abriu uma gaveta para preparar uma lâmina nova.

— Muito bem, parceiros — Calloway falou com o sotaque falso de australiano — quero que prestem atenção no que eu vou dizer e façam o que eu vou mandar.

Vestido novamente no sufocante traje de mergulho, assim como Bill Lawson, Michael não pretendia discordar de nada. Só queria entrar na água o mais rápido possível.

— Vocês estão com dois tanques hoje, mas isso ainda dá no máximo, no máximo mesmo, noventa minutos de ar. E com o esforço de serrar o gelo submarino, provavelmente bem menos que isso. Qualquer problema com a serra e vocês sobem na hora! Sacaram?

Michael e Lawson assentiram.

— Isso quer dizer que, se houver qualquer rasgo no traje, não importa o tamanho, vocês sobem na mesma hora. Se houver qualquer ferida na pele que saia sangue, vocês têm que subir ainda mais depressa. Vimos focas-leopardo perto da base de mergulho hoje, e vocês sabem que elas não são amistosas.

Michael sabia mesmo. As focas de Weddell eram travessas, porém inofensivas; já as primas, notáveis pela grande cabeça reptiliana, não. Uma Weddell gostava de brincadeira, mas a leopardo era capaz de morder com a imensa boca.

— Se precisarem, usem as serras de gelo para se defender.

Cada um tinha uma serra de gelo Nills Master de 1,30 metro. Não era exatamente o instrumento de corte mais preciso do mundo, mas nada cortava gelo submarino mais rápido do que uma Nills Master. Tinha o formato de porca borboleta e dentes afiados, virados para dentro como os de um tubarão.

— Michael, você sabe aonde ir, certo? Então você desce primeiro e mostra o caminho. Bill, você vai atrás levando a rede e a corda de resgate.

Michael concordou o tempo todo enquanto se aproximava aos poucos do convidativo buraco no gelo, que parecia irradiar frio para a base de mergulho superaquecida. Michael notou que haviam aumentado o diâmetro da passagem.

— Então é isso, parceiros — disse Calloway, batendo no ombro de Michael indicar que era hora. — Coloquem as máscaras e os pés na água gelada.

Michael sentou-se na beira do buraco e escorregou pelo funil de gelo até cair no mar. Não precisava procurar pelo baú afundado, porque outra equipe já tinha mergulhado antes e o recuperado. Vira um grupo de huskies puxando um trenó com o baú em cima a caminho da estação. Um grandalhão chamado Danzig os conduzia e, ao passar por Michael, acenara. A notícia de que ele tinha feito uma descoberta incomum havia se espalhado, e mesmo que a princesa do gelo não surgisse, sua reputação estava em alta.

Michael tinha certeza de que ela iria surgir.

Após se orientar na água e esperar que Lawson mergulhasse, Michael afastou-se dos buracos e nadou em direção à geleira que aparecia ao longe. Ele estava arrependido por não ter levado a câmera porque Murphy tinha proibido.

— Não quero que fique brincando de tirar fotos lá embaixo — dissera.

— Você tem pouco tempo, e se estiver certo sobre o que viu — ainda não concordara completamente —, vai ficar muito ocupado ajudando o Bill a cortar todo aquele gelo.

Com a serra em uma mão e a lanterna na outra, Michael nadou como uma foca, ondulando o corpo e batendo os pés de pato sem parar. Ainda assim, chegar à geleira era difícil e tomava tempo. Era complicado calcular distâncias debaixo d'água, especialmente ali, onde a calota de gelo deixava tudo sombrio. Uma vez ou outra, uma rachadura no gelo deixava entrar um raio de sol nas profundezas, criando uma flecha dourada e apontada para o breu do fundo do mar. Fora isso, a água apresentava um tom de azul bem claro, como um céu de verão cedo pela manhã.

E a luva estava vazando — não muito, nem a ponto de ser perigoso, mas o suficiente para causar desconforto. Ela era a única parte do traje que não era inteiriça, e, por mais pressão que fosse feita ao vedá-la, sempre podia haver alguma infiltração. O revestimento interno absorvia a umidade assim que penetrava e a deixava na temperatura do corpo, mas por enquanto era como um lembrete gelado de onde ele se encontrava.

Diminuiu a velocidade e virou o corpo para ver se o sempre empolgado Lawson ainda estava por perto. Notou a máscara brilhando na água, a ponta afiada da serra e a corda de resgate atrás dele, amarrada à mochila e presa lá em cima com uma corrente a um guincho de 200 cavalos-vapor atrás da base de mergulho. A corda, geralmente usada para recuperar tambores de óleo e destroços afundados, tinha 2 quilômetros de comprimento e aguentava uma tonelada de peso. Michael virou de novo e prosseguiu em direção à geleira. Quando o paredão surgiu acima e abaixo dele, sentiu uma pontada de hesitação, até mesmo medo, que não se manifestara na primeira vez. Naquela ocasião, não sabia o que o gelo escondia. Agora, não somente sabia, como iria roubá-lo. As paredes de gelo pareciam mais protegidas agora, como os muros de uma fortaleza erigida por algum deus antigo do mar e do gelo, e Michael sentia-se um soldado prestes a romper a muralha.

Havia até mesmo um barulho sussurrante vindo do gelo, que rangia e estalava. Michael não o tinha percebido antes. Mas a imensa geleira estava sempre em movimento, embora tão devagar que não dava para ver e só de vez em quando dava para ouvir. Michael aproximou-se do paredão com a noção de que a parte mais complicada ia começar. A geleira era enorme, corpo seria uma questão não somente de longitude, como de latitude. Conseguia localizar mais ou menos o trecho do paredão onde o encontrara, mas a que profundidade tinha sido? Teria que percorrê-lo de cima a baixo, o que levaria tempo. Apontou uma área grande com o braço, indicando para Lawson que ele deveria começar a procurar por ali. Michael afastou-se 30 metros e, como orientação, olhou bem para o chamado cabo

de descida lá longe, saindo do buraco de segurança e cheio de bandeirolas coloridas para dar mais visibilidade. Tentou recordar se tinha sido aquele o mesmo ângulo de anteontem, mas não conseguiu. Tinha ficado tão perplexo que apenas se afastara nadando de costas, em meio a bolhas e pés de pato batendo.

O que conseguia recordar era a luminosidade do local e decidiu que essa seria a melhor pista. O tempo estava muito parecido com o de anteontem, e a imutável luz do sol poderia indicar o caminho certo. Bastava que lembrasse se estava claro ou escuro quando encontrou o corpo. A água e a luz não apresentavam o mesmo tom de azul cristalino desse momento, então esvaziou o traje e se deixou afundar, mantendo-se próximo ao paredão, a uns 12 metros. Passou a lanterna pela superfície multicolorida, indo e vindo, procurando por algo que despertasse a memória, como uma fenda na pedra ou uma formação rochosa peculiar. Até ali, nada.

O que percebeu foi o frio crescente, mais forte que o da água gelada. O iceberg soltava um hálito gelado que o obrigou a limpar a máscara com as costas da luva. Imaginou como seria a sensação de ser um prisioneiro do gelo por décadas, ou mesmo séculos. Ser absorvido, suspenso e imobilizado para sempre, como um dos espécimes de Darryl, flutuando em um jarro de formaldeído. Sem vida, mas preservado de forma imaculada. Morto, mas intacto.

E então pensou em Kristin, deitada imóvel no leito do hospital em Tacoma.

Raspou a geleira com a ponta da serra, soltando imediatamente lascas de gelo como uma batata sendo descascada. Mais uma ou duas gotas de água gelada entraram na luva.

Desceu ainda mais e a luz enfraqueceu, ficando do jeito que se lembrava. Nadou de um lado para outro por um longo caminho, descendo aos poucos, até que algo no gelo pareceu diferente, um trecho que não brilhava tão intensamente sob a luz da lanterna, e foi em direção a ele.

Quanto mais se aproximava, mais gelada e escura ficava a água, mas seu coração acelerava. Bateu braços e pernas devagar para manter a posição e inspecionou o paredão. Havia realmente algo enterrado ali (embora não confessasse para ninguém, houve momentos em que também se perguntara se não tinha imaginado tudo aquilo). Rapidamente balançou a lanterna para chamar a atenção de Lawson, que ainda estava a uma distância considerável acima de Michael. Então se aproximou, olhando dentro do gelo... e viu o rosto da mulher encarando-o.

Mas era — e não era — como se lembrava. Tinha a recordação de uma expressão de completo horror no rosto, de olhos arregalados, com a boca aberta como se gritasse... porém não era assim que estava agora. Sabia que jamais poderia explicar essa parte para Murphy O'Connor. Embora fosse impossível, o olhar e a boca estavam serenos. Não parecia uma pessoa em situação extrema, mas alguém tendo um sonho algo incômodo. Alguém que estivesse prestes a despertar.

Lawson nadou até lá embaixo, com a corda de resgate vindo atrás, e quando viu o rosto, parou na água, tentando entender. Michael sempre soube que Lawson duvidava em segredo, que ele queria acreditar, mas tinha plena noção das peças que um mergulho nas profundezas podia pregar. Mas aquilo não era truque algum, agora tinha certeza. Teriam que trabalhar rápido se fossem retirá-la, pois havia muitos centímetros de gelo em volta dela e também cobrindo o que estivesse atrás.

Lawson encostou a serra no gelo, a uma distância entre 1,50 metro e 1,80 metro, e mostrou que cortaria lateralmente dali. Levantou a ponta da serra de Michael e fez um gesto de corte horizontal 5 centímetros acima da cabeça da mulher. O plano era deixar uma folga de segurança, mas não mais do que isso, dois um bloco de gelo com um corpo dentro já ia pesar uma tonelada.

Michael colocou a lanterna no cinto e cravou os dentes da serra no gelo. Puxou a lâmina em sua direção, como se fosse o arco de um violino, e abriu uma ranhura fina. Voltou a empurrá-la e a ranhura ficou mais funda, deixando sair lascas transparentes de gelo. Seria uma longa tarefa, mas a serra parecia capaz de dar conta. O difícil era manter o corpo, e especialmente os pés de pato, longe de Lawson, que trabalhava embaixo dele.

Também era importante manter a atenção no corte e não se distrair com o rosto no gelo. Encará-la poderia lhe gelar o sangue, e a corrente de ferro em volta do pescoço dela parecia saída de um pesadelo. Tentou controlar a respiração e se fixar menos nos seus pensamentos e mais no assobio do regulador e nos gemidos e estalos ocasionais do gelo. O estranho costume de nossa espécie de dotar tudo de características humanas o fazia imaginar que a geleira estivesse com dor, que ela sentia a mordida da serra e lutava para manter o tesouro congelado.

Mas não iria vencer. Michael avançava constantemente em cima, e quando sentiu que tinha ido fundo o bastante, se virou para começar o corte vertical. Aos poucos, ele e Bill foram cortando uma caixa ao redor da figura e de outro vulto que espreitava atrás. Seria também humano ou outra coisa totalmente diferente? Michael viu Lawson conferindo o relógio e estendendo duas vezes a mão com os dedos afastados, indicando que deveriam cortar o que fosse possível por mais dez minutos. Depois disso, o resto ficaria por conta do guincho.

Lawson tirou um cravo afiado na mochila e martelou na parte de trás do bloco de gelo que estavam cortando. Pregou vários outros depois. A ideia era criar um plano de ruptura grande o bastante atrás do bloco, para que bastasse um puxão repentino e forte para arrancá-lo. Assim que pregou os cravos, desdobrou a rede, embalou o bloco da melhor maneira possível e prendeu a rede com vários acessórios de alpinismo, os mesmos que Michael costumava usar quando escalava montanhas. Quando terminou e prendeu tudo na irrompível corda de resgate, deu três puxões nela, esperou e deu mais três puxões.

Michael e Lawson afastaram-se alguns metros e aguardaram o guincho entrar em ação. A primeira coisa que viram foi a corda de resgate, que até então não tinha dado sinais de estar frouxa, enrijecer como uma flecha. Michael ouviu um

zumbido na água e, um segundo ou dois depois, percebeu o bloco cedendo. Avançava devagar e parava. Era possível ouvir os rangidos e estalos do gelo. Era como retirar um bloco de uma pirâmide gigante e Michael teve a visão repentina do paredão inteiro desmoronando ao redor. Afastou-se ainda mais e inflou o traje para subir alguns metros na água.

O guincho devia ter puxado outra vez, porque o bloco de gelo foi para a frente de um lado, depois do outro, como um pinguim andando sobre a neve. Parou novamente, ainda mal se equilibrando na borda, antes de cair para a frente, urrando de agonia, afastando-se do iceberg e balançando sobre as profundezas. Lawson nadou depressa em sua direção, e no momento em que o guincho começou a içar o bloco para o buraco de segurança, ele o agarrou como uma lapa e amarrou a parte de trás da rede para garantir. Estupefato, Michael foi rapidamente deixado para trás, vendo o bloco de gelo, do tamanho e da forma de uma grande geladeira, se afastando com Lawson preso a ele, pegando carona. A luva esquerda de Michael estava deixando entrar água de novo. Parecia que estava usando um bracelete de ferro gelado no pulso. O ranque de ar deu um sinal de alerta e Michael seguiu a trilha de bolhas, com a serra de gelo pronta caso uma foca-leopardo atacasse, deixando as profundezas para trás e subindo em direção às águas azuis lá em cima.

Visto de baixo, o bloco de gelo parecia um enfeite de cristal, algo reluzente em uma árvore de Natal, ao sair do limbo para o mundo dos vivos... levando sua estranha e petrificada carga.

18

8 de agosto de 1854

SINCLAIR ESTAVA APRUMADO EM SEU CAVALO, Ajax, trajando uniforme de gala completo. Inclinou um pouco o capacete preto e pontudo, feito ao estilo dos lanceiros poloneses, para se proteger do brilho do sol. Outros 12 lanceiros estavam perfilados de cada lado e, na direção oposta do campo de treinamento, a centenas de metros de distância, havia outra linha perfeita de cavaleiros, também com dragonas de ouro reluzentes e nós de espada. Sinclair sabia, assim como todos os companheiros, que os lanceiros eram motivo de deboche, chamados de janotas por causa da riqueza da indumentária (exigida pelo comandante), mas tinha confiança em que, caso tivessem sorte de ver combate, eles provariam ser muito mais do que isso.

Os cavalos batiam os cascos no terreno irregular, apreensivos com o que ia acontecer. Pela manhã, o regimento fizera exercícios com lança e combate a cavalo, que exigiram proximidade e precisão no controle da montaria. Mas agora as lanças haviam sido deixadas de lado. Quando soasse a corneta, os cavaleiros deveriam entrar em combate simulado com espadas de madeira. Sinclair limpou um filete de suor da testa com as costas da mão e secou na crina castanha do cavalo. Ajax estava com ele desde que era um potro, primeiro nas terras da família em Hawton, depois no estábulo do regimento em Londres. Assim, ele e o cavalo tinham uma ligação que os outros soldados invejavam. Enquanto os companheiros penavam para ensinar as ordens e manobras mais básicas para as montarias, Sinclair tinha um controle perfeito sobre o cavalo e conseguia comandá-lo com leves toques nas rédeas ou uma palavra apenas.

O corneteiro subiu em uma das cercas, levou o instrumento reluzente aos lábios e tocou três vezes o estimulante tema que mandava a cavalaria atacar. Os cavalos relincharam e, logo à direita de Sinclair, a égua de Winslow empinou e quase jogou o cavaleiro longe.

Sinclair, assim como os outros lanceiros, sacou a espada de madeira com um movimento rápido e quase silencioso, ergueu o braço direito e gritou “Avante!”

para Ajax, cutucando o flanco do cavalo com as esporas. O animal disparou como se estivesse em uma corrida em Ascot. O chão tremeu com a linha de cavaleiros avançando contra a carreira oposta vindo em sua direção. O Francês e Rutherford estavam em algum lugar entre os adversários, mas o cavalo cinzento que vinha na linha reta de Sinclair era o do sargento Hatch, um excelente cavaleiro e veterano das campanhas na Índia. Ele segurava as rédeas baixas, como sinal de confiança no controle sobre a montaria, e mantinha o sabre apontado com firmeza. Sinclair calculou que Hatch passaria pela esquerda, o que queria dizer que duelariam enquanto giravam nas selas.

Sinclair manteve as pernas firmes nos flancos do cavalo enquanto a grama explodia debaixo dos cascos. Agora era possível distinguir o rosto de Hatch — o homem sorria mostrando os dentes brancos e o bigode espesso, em um rosto permanentemente bronzeado pelos anos sob o sol de Punjab. Os comandantes, cuja maioria jamais tinha participado de combate, geralmente desprezavam os “indianos” — homens que não puderam comprar patentes mais altas e realmente tiveram que servir na campanha de Gwalior, ou lutaram ao lado da Brigada Ligeira de Bengala, nas batalhas de Punniar ou Ferozeshah. Mas Sinclair os admirava e invejava. Participar de combate! Lutar e matar um soldado inimigo! O que poderia ser mais grandioso que isso?

Hatch avançava contra ele, de galão dourado e calças vermelhas, com toda a alegria de um soldado veterano prestes a ensinar a um inexperiente uma lição ou duas sobre a viril arte da guerra. Ele gritou “Urra!” quando os cavalos se chocaram e a espada de madeira cortou o ar. O sabre de Sinclair subiu para apará-la, mas a força do golpe fez com que o braço e a arma tremessem até o ombro. Os cavalos relincharam e deram coices de medo diante do choque da madeira, mas Sinclair conseguiu controlar Ajax aplicando pressão com as pernas e segurando as rédeas firmemente com uma das mãos. O cavalo de Hatch mostrou os dentes, como se também tivesse lições a ensinar, e Ajax recuou a cabeça. Hatch inclinou-se na sela e deu outro golpe, dessa vez com o sabre descendo pela espada de Sinclair com um rangido mortal, parando quase no guarda-mão.

Os cavalos bateram os flancos, como o choque de navios de guerra, e se afastaram. Mas Hatch girou o corpo para trás, golpeando com o sabre enquanto Sinclair virava na sela. O tenente abaixou-se e sentiu que a arma tinha entortado o capacete. A tira saiu do queixo e o capacete caiu em meio à confusão de cascos. O cavalo de Hatch trotou na frente de Ajax e o sargento provocou Sinclair, batendo com a ponta da espada no cinturão de onde pendia a bainha vazia do oponente.

— Dance, meu urso russo — Hatch falou, fingindo que Sinclair era o inimigo estrangeiro. — Dance!

Mas Sinclair não estava com humor para piadas ou deboche. Ao redor, outros soldados giravam, lutavam e se enfrentavam. Sinclair tocou o flanco esquerdo de Ajax com as esporas e o cavalo avançou. Na verdade, conseguia ver melhor com o capacete, e assim que Hatch se preparou para a chegada de Sinclair por sua direita, ele puxou as rédeas e Ajax imediatamente mudou de direção. Brandiu a

espada e Hatch mal teve tempo de apará-la. Porém, ao invés de recuar, Sinclair atacou de novo e o sabre passou rente pela espada de Hatch, quase arrancando o nariz do sujeito.

O cavalo cinzento relinchou e deu um coice. Hatch levantou-se a sela, ficando praticamente em pé nos estribos, para sair do alcance de outro golpe. Quando Sinclair passou, ele colidiu o cavalo de cabeça contra o flanco de Ajax. Antes que o animal virasse ou Sinclair pudesse se ajeitar, Hatch passou as rédeas pelo cabeçote da sela e com a mão livre pegou a estola de pele de Sinclair, tirando-o de cima de Ajax. Sinclair escorregou pelo flanco do animal, com o equipamento rangendo e o cinturão de ombro se soltando, e caiu no solo irregular, rolando com agilidade para fugir dos cascos ao redor. Sentiu o gosto de terra na boca. O que sobrou do capacete estava esmagado.

O corneteiro anunciou o fim do conflito e os combatentes se afastaram, alguns rindo, outros lambendo as feridas imaginárias. Sinclair olhou em volta: três ou quatro homens também estavam caídos no chão, um com o nariz quebrado ou sangrando, outro com um talho na perna, aberto por uma espora. Todos pareciam bem desapontados. Ao tentar ficar de quatro, com um imenso zombo em um dos joelhos das calças vermelhas, viu um par de botas pretas chegando perto e uma calejada mão marrom ser estendida.

— Você não pode esperar que seu inimigo lute honestamente — disse o sargento Hatch ao ajudar Sinclair a se levantar do chão. Abaixou-se, pegou a aba preta do capacete, tirou a poeira e devolveu formalmente o que sobrou para Sinclair.

— Mas foi uma bela cavalgada. Você controlou bem o cavalo.

— Não o bastante, pelo visto.

Hatch riu, e embora ele provavelmente não fosse mais do que oito ou nove anos mais velho que Sinclair, o rosto marrom estava cheio de rugas. Sinclair achou-o parecido com um mapa em pergaminho e não conseguiu guardar rancor.

— Nós, indianos — falou, ousando se apropriar do que era considerada uma ofensa —, estamos tão acostumados a lutar com rufiões que aprendemos a brigar como eles. — Parou e o sorriso sumiu do rosto. — É por isso que você deve aprender também.

Sinclair ficou um pouco surpreso. Estava tão acostumado a ouvir somente opiniões honrosas sobre a guerra, dadas por oficiais saídos da aristocracia e cuja experiência de combate era praticamente nula, que ouvir um conselho assim parecia traição. A guerra era vista como um jogo entre fidalgos, disputado segundo um complexo conjunto de regras que todos os cavalheiros seguiam, não importava o preço. Mas ali estava aquele veterano combatente, dizendo que a guerra era um conflito entre selvagens que preferiam arrancar o oponente da sela a duelar como se devia.

Ao tirar as montarias do campo, o sargento Hatch ofereceu alguns conselhos sobre a mais recente teoria de equitação, apresentada pelo capitão Nolan dos 15º Hussardos.

— Se o cavalo dá coice ao ser esporeado, é sinal de que seu peso está muito na frente. Se dá um pulo, é porque está muito concentrado nas ancas.

Esperavam na fila para passar pelo portão quando um cavaleiro, cabo Cobb, correu até a cerca com o cavalo suando, sacudindo papéis para os lanceiros.

— Elas chegaram! — gritou enquanto o cavalo empinava. — As ordens do Ministério da Guerra!

Os homens ficaram imóveis.

O cabo controlou a montaria, ficou de pé na sela para ser visto e ouvido com mais facilidade, e anunciou:

— Por ordem de lorde Raglan, comandante do Exército Britânico do Leste, o 17º Regimento de Lanceiros do duque de Cambridge deve partir no dia 10 de agosto, a bordo dos navios HMS *Neptune* e *Henry Wilson*, para o porto de Constantinopla. Lá, sob o comando do general, lorde Lucan, vão ajudar a tomar Sebastopol.

Cobb prosseguiu com a leitura, porque ainda havia mais ordens a serem anunciadas, mas Sinclair não conseguiu ouvir diante dos gritos de alegria dos companheiros. Muitos jogaram os capacetes para o alto e deram tiros para o ar, assustando os cavalos, enquanto outros brandiram as espadas de madeira. Sinclair também sentiu o sangue correndo nas veias. Tinha chegado a hora, afinal! Iria à guerra. Finalmente todo o treinamento e tanta espera no quartel serviriam para algo. Iria à Crimeia ajudar a Turquia contra a devastação promovida pelo czar. Lembrou-se da charge que vira no jornal de manhã, mostrando o leão britânico com chapéu de policial, batendo no ombro do urso russo com o cassetete e dizendo “Ora, ora, já chega disso!”. Percebeu que estava gritando também e viu o Francês montado na cerca, puxando um coro com 12 soldados de *Rule, Britannia Britannia, rule the waves!*⁸ Virou-se para dar um tapinha nas costas do sargento Hatch, mas parou quando viu a expressão do homem.

Ao contrário dos demais ao redor, Hatch não estava exultante. Não parecia estar relutante ou com medo, de forma alguma, mas também não aparentava querer comemorar a notícia. Tinha um meio sorriso na boca ao observar o pandemônio à volta, e o olhar estava sério e distante. Era como se pudesse enxergar na mente para onde iam e até mesmo ver o destino dos lanceiros. Sinclair conteve a empolgação, mas, ainda assim, disse:

— É um grande dia, não é, sargento Hatch?

Hatch assentiu, pousando uma mão no ombro de Sinclair.

— Você jamais se esquecerá deste dia — falou em um tom mais solene do que de júbilo.

O Francês e o coro continuavam cantando aos berros:

— *Bri-tons, never, never, never will be slaves!*⁹

⁸“Reine, Grã-Bretanha, Grã-Bretanha, reine sobre as ondas!” Canção inspirada no poema *Ride, Britannia*, de James Thomson (1700-1748), e considerada o segundo hino da Inglaterra. (N. do T.)

⁹“Bretões jamais, jamais, jamais serão escravos!” (N. do T.)

Sinclair sentiu outra mão no cotovelo e se virou para ver Rutherford, com as costeletas eriçadas pela notícia e o rosto vermelho de tanto gritar. Só conseguia sacudir Sinclair de alegria.

— Por Deus — finalmente falou. — Por Deus, vamos dar uma lição neles!

E Sinclair imediatamente se deixou contagiar por Rutherford. Afastou-se do sargento Hatch e se jogou no ambiente de loucura. Guiou Ajax devagar, segurando firme nas rédeas. Queria afastar quaisquer dúvidas ou hesitação. Era hora de comemoração e camaradagem, não queria avisos ou sermões.

Hatch fez com que Sinclair se lembrasse de um poema, daquele tal de Coleridge, em que o convidado de um casamento é importunado por um velho marinheiro, que insiste em contar uma terrível história. Sinclair não queria ouvir nenhuma história terrível naquele dia, mas sim a promessa de glória e a chance de mostrar seu valor. E, finalmente, tudo indicava que ele certamente as teria!

Mas faltavam apenas dois dias para 10 de agosto e havia muito o que fazer no tempo que restava. Sem dúvida todos os uniformes, armas e equipamento de equitação precisavam ser organizados, polidos, limpos e inspecionados. As montarias teriam que se aprontar para a longa viagem a bordo das fragatas da Marinha — ou será que o Exército requisitaria uma frota dos novos barcos a vapor, a fim de fazer a viagem em menos tempo? Os assuntos em Londres, de qualquer espécie, deveriam ser resolvidos também.

O que significava que precisava pensar em como dar a notícia a Eleanor. Aliás, ele prometera ir encontrá-la na pensão naquela tarde, para levá-la ao Hyde Park, que recentemente passara a abrigar o Crystal Palace. Sua intenção era aproveitar o dia, passeando sob os imponentes olmos espalhados pelo parque, mas, a não ser que estivesse muito enganado, a brigada toda deveria ficar concentrada no quartel até a partida. Teria que sair imediatamente e torcer para voltar antes que dessem por sua falta em meio à comoção.

Levou Ajax aos estábulos e, assim que o animal entrou na baia, fez questão de dar o dobro da ração de aveia e alfafa. Ao passar a mão pela mancha branca no focinho, disse:

— Será que nos cobriremos de glória?

Ajax abaixou a cabeça como se concordasse. Sinclair passou um pano no pescoço forte e musculoso do cavalo para limpar o suor e saiu dos estábulos pelo portão dos fundos, onde teria menos chance de ser visto.

Gostaria de ter trocado a camisa, ou pelo menos lavado o rosto, mas o risco de perder a chance era grande demais. Correu até o Savoy Hotel, onde sabia que iria encontrar um trole ou dois à disposição. Pegou o primeiro que viu e gritou o endereço ao pular dentro. O cocheiro brandiu o chicote, e a carruagem disparou pelas ruas sujas e movimentadas em um ritmo ligeiro, enquanto Sinclair tomava fôlego pela primeira vez desde que ouvira a notícia, pensando em como iria dá-la para Eleanor. Mal teve tempo, aliás, para assimilar a novidade.

Seu pai, o conde, provavelmente ficaria contente. A guerra manteria Sinclair afastado dos antros de jogatina, salões de dança e outros entretenimentos caros

de Londres. E, caso não levasse um tiro, o filho voltaria à Inglaterra com a reputação de um soldado, em vez de um perdulário. Mas, ah, se ao menos o conde soubesse para onde Sinclair se dirigia no momento — para os modestos aposentos de duas enfermeiras de poucas posses, no andar de cima de uma pensão caindo aos pedaços. Sinclair tinha certeza de que o velho teria calafrios e, para falar a verdade, sentia certo prazer com a situação.

O conde não parava de apresentar damas aristocráticas e sem graça para ele, torcendo para que Sinclair achasse uma delas interessante o bastante, mas o filho sempre fora um homem que sabia o que queria de imediato, e o que ele queria era Eleanor Ames. Teve certeza disso no momento em que a viu fechar as persianas do hospital.

Quando o trole chegou à rua de Eleanor, Sinclair indicou a pensão ao cocheiro e lhe jogou algumas moedas ao descer.

— Se esperar, terá garantida a corrida de volta! — gritou.

Os degraus da frente estavam rachados e a porta do vestíbulo não tinha mais tranca. Ao entrar, Sinclair esculachou um cachorro desamparado latindo atrás de uma porta frágil e um homem gritando alguma coisa no fim do corredor. A escadaria cheirava a mofo, um odor que piorou quando subiu, e como só havia uma pequena janela em cada andar, o interior também foi ficando mais escuro. Às tábuas rangiam sob as botas e, ao se aproximar da porta de Eleanor e Moira, viu uma fraca luz do sol vazar para o corredor estreito. Moira estava segurando a porta ligeiramente aberta, esperando para ver quem subia, mas, assim que verificou que era Sinclair, inclinou o pescoço para olhar atrás dele.

— Boa tarde — ela disse em tom evidentemente desapontado. — O senhor veio sozinho, então?

Devia estar torcendo que ele estivesse acompanhado pelo capitão Rutherford. Sinclair sabia que os dois tinham saído juntos em várias ocasiões, mas também tinha noção de que Moira dava mais importância a esses encontros que Rutherford.

— Eleanor está na sala de estar.

Pelas visitas anteriores, Sinclair sabia que a sala de estar era apenas um canto minúsculo que dava para a rua, separada do resto do aposento por um biombo que escondia a cama que Eleanor e Moira dividiam. Eleanor estava parada na janela. Será que olhava para a rua, esperando vê-lo chegar? Usava o novo vestido amarelo-claro que Sinclair, após muito insistir, a convencera a aceitar. Sempre que se encontravam, ela usava o mesmo vestido verde-escuro e simplório. Apesar de lhe cair bem, Sinclair queria vê-la em algo mais alegre e estiloso. Embora não entendesse de moda feminina, sabia que o espartilho do novo vestido tinha um corte mais generoso, permitindo um vislumbre de pescoço e ombros, e que as mangas não eram tão bufantes a ponto de esconder os braços graciosos. Uma tarde, ao andar com Eleanor pela Marylebone Street, percebeu que ela não tirava os olhos do vestido em uma vitrine. No dia seguinte, mandou um mensageiro comprá-lo e entregá-lo no hospital.

Eleanor se virou na direção de Sinclair, ruborizada, porém contente que ele a visse em tamanha elegância. Mesmo sob a luz opaca da tarde londrina, ela parecia radiante.

— Não sei como você soube — disse, indicando o vestido. Um debrum de renda branca caía como neve sobre o busto.

— E só tivemos que tirar um dedo ou dois — Moira falou, sumindo atrás do biombo. — Ela tem a forma de um manequim de costureira — reapareceu, colocando um xale nos ombros largos e segurando uma sacola de rede. — Vou ao mercado e não devo voltar pelo menos na próxima meia hora — disse, e só faltou piscar para eles antes de fechar a porta ao sair.

Sinclair e Eleanor ficaram sozinhos, ainda um pouco sem jeito. Ele queria tomá-la nos braços, e, embora o vestido fosse lindo, desejava arrancá-lo o mais rápido possível... mas não faria isso. Apesar da diferença de condição social entre eles, Sinclair tratava-a como qualquer jovem dama que conhecesse nos bailes em casas de campo e nos jantares formais na cidade. Para os desejos mais imorais, sempre havia o Salon d'Aphrodite.

Mas, em vez de ir até ele, Eleanor permaneceu onde estava, estudando sua expressão.

— Acho que ainda não lhe agradei pelo vestido — falou finalmente. — É um presente muito bonito.

— Em você, é mesmo — disse Sinclair.

— Gostaria de se sentar — apontou as duas cadeiras de espaldar duro que ocupavam todo o espaço da sala de estar — ou iremos sair?

— Infelizmente não tenho tempo para nenhuma das duas coisas — disse, irrequieto. — Verdade seja dita, estou desobedecendo ordens só por estar aqui.

Diante dessa confissão, a curiosidade de Eleanor imediatamente se tornou preocupação. Já havia notado que ele parecia prestes a estourar, mas ela não sabia o motivo. Sinclair estava com o rosto vermelho pelo esforço físico e trajava o uniforme com botas sujas.

Será que ele havia desobedecido a alguma norma militar? Ela percebera ao longo das últimas semanas que o jovem tenente não se prendia a protocolos (não havia mostrado para ela, uma mulher, o interior restrito do Longchamps Club?), mas não o imaginava praticando algo realmente grave. Os receios foram aplacados pelo enorme sorriso que surgiu nos lábios de Sinclair.

— Por quê? A que ordens está desobedecendo?

Sinclair não conseguiu mais segurar e, de supetão, contou a notícia — de que o regimento havia sido convocado para lutar. E Eleanor acabou sorrindo também, sentindo a empolgação de Sinclair como se fosse contagiosa. Já vinham acontecendo manifestações nas ruas da cidade, algumas contra a guerra, mas outras apoiando a marcha com entusiasmo.

Os jornais contavam histórias terríveis sobre as atrocidades cometidas contra os indefesos turcos, e alertavam para o perigo de a frota russa varrer o Mediterrâneo e ameaçar a tradicional supremacia britânica nos mares. Equipes de

alistamento invadiam becos e vielas, reunindo qualquer homem capaz de lutar — ou não — na infantaria de Sua Majestade. Até mesmo o rapaz que cuidava do carvão e alimentava a caldeira do hospital tinha sido alistado.

— Quando você vai? — Eleanor perguntou, e quando Sinclair respondeu, ela se deu conta do impacto da notícia. Se ele ia partir depois de amanhã e já estava desobedecendo às ordens de permanecer no quartel, então esse seria o último encontro dos dois, os últimos minutos juntos antes que Sinclair embarcasse para a Crimeia. Apesar de tudo o que se passara entre eles nas últimas semanas, a despeito de qualquer ligação que tivesse ocorrido, pensou que era possível que jamais o visse outra vez. E não se assustava apenas com a perspectiva da guerra ou a inevitável chance de Sinclair morrer, e sim com algo que a atormentava desde a noite em que cuidara de seu braço ferido: o fato de que eles realmente viviam em mundos completamente diferentes, e que se não fosse por aquele improvável encontro, seus caminhos jamais teriam se cruzado.

Após o tempo no exterior, Sinclair poderia simplesmente não retornar a Londres, e sim voltar para as terras da família em Nottinghamshire (embora ele fosse bem reservado em relação à sua criação, Eleanor tinha descoberto bastante, através de comentários de Le Maitre ou do capitão Rutherford, para saber que tinha um berço e tanto). E, mesmo que Sinclair retornasse a Londres, será que ele escolheria novamente uma enfermeira sem posses em vez das importantes senhoras de seu círculo social? E aquela pequena aventura — e era assim que ela às vezes pensava sobre o assunto, na calada da noite, quando Moita a mantinha acordada ao se agitar na cama — ainda o interessaria a ponto de fazê-lo ir contra as questões da viabilidade e do decoro? Como se lesse a mente de Eleanor, Sinclair disse:

— Vou escrever para você assim que puder.

E ela teve uma repentina visão de si mesma, sentada na cadeira ao lado da janela coberta de fuligem, segurando uma carta, amassada e gasta por ter vindo de tão longe no leste.

— E eu vou escrever para você — ela respondeu. — Todos os dias.

Sinclair deu meio passo à frente, assim como ela, e de repente estavam abraçados, o rosto de Eleanor amassado pelo galão dourado que enfeitava o uniforme. Ele cheirava a terra, suor e seu adorado cavalo, Ajax. Sinclair tinha levado Eleanor uma vez aos estábulos do regimento e deixado que oferecesse açúcar ao animal. Ficou abraçada nele por vários minutos, os dois sem dizer uma palavra. Não precisavam. E quando se beijaram, o beijo teve o gosto agri-doce de despedida.

— Tenho que ir — disse ele, saindo gentilmente do abraço. Ela abriu a porta para Sinclair e o viu descer correndo os degraus sem olhar para trás, o barulho das botas ecoando escadaria acima. Se ao menos houvesse a oportunidade, ela pensou, se Sinclair tivesse um pouquinho mais de tempo, Eleanor gostaria que ele a tivesse visto lá fora, sob a luz da tarde, com o novo vestido amarelo.

19

9 de dezembro, 17h

COMO HAVIA O PERIGO DE A NOTÍCIA DA FANTÁSTICA descoberta se espalhar pela estação como fogo em mato seco, Murphy foi avisado via rádio, ainda na base de mergulho. Michael ouviu o chefe de operações vociferando ordens expressas para Calloway, dizendo que ninguém podia sair ou se aproximar da base de mergulho. Também mandou que todos ficassem de bico calado até segunda ordem.

— Esperem até que o Danzig e os cachorros cheguem aí — ele disse antes de desligar.

Na hora em que colocaram o bloco de gelo em cima de um trenó, Danzig e os cães chegaram e pararam a 50 metros. Os huskies deitaram-se na neve e no gelo, olhando desconfiados para a operação.

— Meu bom Jesus — Danzig exclamou, subindo no trenó e admirando abertamente a mulher presa no gelo. Deu a volta devagar pelo enorme bloco, e Michael percebeu que ele estava calculando como transportá-lo.

— Isso aí, parceiros — Calloway falou —, é a coisa mais esquisita que já vi subir à tona, e acreditem, já vi muita coisa esquisita.

— Não diga, sabichão — disse Franklin, que ajudou no mergulho.

Michael mal podia acreditar que tinham conseguido. Ele tirou o equipamento e os trajes com pressa e se enroscou em mais camadas de roupas secas do que antes. Bebia chá quente de uma garrafa térmica, mas, ainda assim, sentia um calafrio de vez em quando, e sabia que estava com uma pequena e previsível hipotermia.

Lawson perguntou a Danzig se devia chamar um Spryte ou se ele achava que os cachorros conseguiriam levar o bloco até a estação. Danzig, que sempre usava um dente de morsa no pescoço como amuleto, colocou uma enorme mão no gelo e coçou o queixo com a outra.

— Assim que a gente pegar impulso, dá para levar — disse. Danzig achava que os cães eram capazes de quase tudo e sempre procurava novas maneiras de provar que a tecnologia moderna não era melhor do que os métodos antigos e

seguros que haviam funcionado nos tempos de Roald Amundsen e Robert Falcon Scott.

Enquanto Danzig trocava os cães de trenó, Michael esfregava o pulso onde a roupa seca havia vazado, que doía como se tivesse dado um forte mau jeito. Franklin e Calloway continuavam de queixo caído, admirando a mulher no gelo. Quando um deles riu e fez uma piadinha grosseira sobre acordar a Bela Adormecida com um beijo que ela jamais esqueceria, Michael pegou uma lona do trenó e cobriu o bloco de gelo. Franklin olhou esquisito para ele por ter interrompido a brincadeira, mas, enquanto Michael prendia a lona com alguns cravos, Danzig fez uma expressão compreensiva e perguntou:

— O chefe falou onde queria que ela fosse colocada? — Ele parecia vagamente com um gerente de funerária perguntando sobre um defunto para alguém da família.

— Não disse nada. — Michael achou estranho que perguntassem para ele, pois não era um cientista e nem mesmo um dos milicos. Não estava nem lá nem cá e, no entanto, já era considerado o devido responsável pela mulher retirada das profundezas.

— Bem, a gente não deveria levá-la diretamente para dentro da estação — Danzig disse, pensando alto —, porque se o degelo for rápido, pode causar estrago.

Michael concordou que a ideia era sensata.

— Então seria bom mantê-la no reservatório de amostras, atrás do laboratório de glaciologia. Betty e Tina poderiam até usar algumas de suas ferramentas para cortar o excesso de gelo.

— Claro, parece uma boa — Michael falou, contente que houvesse alguém com a cabeça mais no lugar do que ele.

Os cachorros ficaram agitados, então Danzig gritou: “Eia”, foi até eles para controlá-los. Michael já tinha visto os huskies em ação e sabia que eram irrequietos, mas geralmente eles obedeciam a uma ordem assim que era dada. Só que, desta vez, vários estavam lutando contra as guias e se afastando do bloco de gelo, e o líder, Kodiak, chegou até a rosnar e latir. Era um cão imenso com olhos parecidos com enormes bolas de gude azuis. Danzig falava em um tom firme e constante, juntamente com sinais, para acalmar os cachorros, mas até ele parecia surpreso com a revolta.

— Kodiak! — Danzig finalmente gritou, sacudindo sem parar a guia do cão. — Deita!

O cão continuava sem obedecer, latindo como um louco.

— Deita! Kodiak, deita!

Danzig teve que pôr a mão no pescoço do animal e empurrá-lo contra o gelo. Uma vez deitado, ele o segurou ali, demonstrando autoridade. Os outros cães, embora ainda ganindo, aos poucos entenderam e se acalmaram. Danzig desenrolou alguns arreios e guias, subiu na parte traseira do trenó e gritou:

— Avante!

Os cães avançaram para mover o trenó, mas não com a animação de sempre, e

o trenó mal se mexeu. Dois ou três huskies ainda olhavam para trás, como se temessem que algo surgisse vindo daquela direção, e Danzig precisou sacudir as rédeas e gritar as ordens sem parar.

Michael pensou que a carga talvez fosse pesada demais.

— Avante! Avante! — Danzig berrou. Os cachorros avançaram outra vez, agora fazendo os esquis do trenó deslizarem no gelo. Quando pegou velocidade, o veículo prosseguiu sem dificuldade, até que os 12 huskies correram em uníssono, com o bloco e sua carga congelada a caminho da estação. Enquanto Calloway fechava a base de mergulho, Michael pegou uma carona no *snowmobile* de Franklin e seguiu os cães, que latiam de volta a Point Adélie.

Não importava o quanto Michael ficasse ali parado, de cabeça baixa no chuveiro, com a água quente descendo pelo corpo, ainda sentia que uma parte dele, bem no fundo, continuava com calafrios. Quando o vapor era tamanho que ele sequer via a mão em frente ao rosto, desligou a água e se esfregou correndo com as toalhas, sempre abundantes na estação. Tomou cuidado com o ombro que deslocara nas Cascades. Ele incomodava de tempos em tempos, e mergulhar com equipamento tão pesado em águas geladas não havia ajudado muito. Usou a toalha para desembalar uma parte do espelho e desembaraçou o cabelo comprido. Tinha cuidado de praticamente tudo antes de sair de Tacoma, mas se esquecera de cortar o cabelo, que estava mais desganhado que de costume. Achava que fosse possível cortá-lo, porque um dos funcionários da base também fazia o papel de barbeiro, mas as pessoas em Point Adélie pareciam não ligar muito para a aparência pessoal. Betty e Tina andavam com roupas masculinas e os cabelos louros presos de qualquer maneira em coques, e a maioria dos homens parecia ter saído das cavernas. Quase todos tinham barba, bigode ou mesmo espessas costeletas do tipo que não se via desde a Guerra Civil. Rabos de cavalo também eram moda, especialmente entre os profetas que estavam ficando carecas, como Ackerley, o botânico que saía tão raramente do laboratório que ganhara o apelido de “Estranho”. Além do colar com dente de morsa, Danzig usava também um bracelete de osso e uma calça feita por ele mesmo com couro de rena. Michael lembrou-se do comentário que uma mulher solteira fizera quando a encontrara em um bar, durante uma reportagem no Alasca.

— Opção é o que não falta — dissera, ao avaliar os homens presentes —, o que falta é boa opção.

Antes de ir ao bandeirão cara, como ia cair bem uma refeição quente agora —, ele entrou na sala do telefone via satélite e ligou para a casa do editor. Ao fundo, ouviu uma partida de basquete na TV, mas assim que Gillespie percebeu que era Michael, e não algum operador de telemarketing, o aparelho foi desligado imediatamente e ele disse:

— Você está bem? Está tudo bem?

Michael curtiu por um segundo o que estava prestes a contar e aí falou:

— Estou ótimo. Você está sentado?

— Não e nem pretendo. O que foi?

E então Michael contou tudo da maneira mais calma e controlada possível, porque não queria que Gillespie pensasse que ele enlouquecera no Polo Sul. Explicou que tinham encontrado um corpo ou talvez dois congelados em um iceberg e que, ainda por cima, eles haviam sido trazidos a tona. Gillespie ouviu em silêncio o tempo todo até ele parar de falar. Depois de algum tempo, Michael finalmente perguntou:

— Você está aí?

— Não é brincadeira?

— Não é.

— É para valer?

Michael ouviu o apito de um microondas.

— Com certeza. E já falei que fui eu que fiz a descoberta?

Parecia que Gillespie tinha deixado o telefone cair na mesa. Michael mal conseguiu perceber, através da estática, vários gritos de alegria. Quando Gillespie voltou ao aparelho, disse:

— Ah, meu Deus. Isso é fenomenal. E você tirou fotos?

— Sim, e vou tirar mais.

— Michael, estou dizendo, se isso for para valer...

— É para valer — Michael assegurou. — Eu vi a garota com meus próprios olhos.

— Então isso vai nos render um prêmio! Podemos triplicar o número de assinantes se fizermos essa reportagem direito. Você pode ser entrevistado no *60 Minutes*, escrever um livro e, quem sabe, vender os direitos para o cinema.

Gillespie continuou falando por um minuto ou mais, e a ligação chegou a cair. Michael esperou pacientemente até que voltasse para explicar que o telefone só funcionava algumas horas por dia e que havia outra pessoa esperando para usá-lo. Gillespie disse que Michael podia desligar. Parecia que ele precisava beber algo forte, de qualquer forma. E Michael ia desabar de fome se não fosse ao bandeirão.

Ao chegar lá, encheu o prato com uma fumegante porção de chili com carne moída e broa de milho. Sentou-se com Charlotte Barnes. Ela aprovou o prato com um aceno de cabeça e disse:

— Depois vai bem uma torta de cereja bem quente.

— É bem possível que eu peça uma — Michael disse, finalmente atacando a comida. — Não vi o Darryl o dia inteiro. Espero que não esteja aborrecido porque você não o deixou mergulhar hoje.

— Não, acho que ele superou bem rápido. Está enfurnado no laboratório.

Michael pegou um pedaço da broa de milho, passou no chili e enfiou tudo na boca.

— Eu quero que você aumente a sua temperatura — Charlotte falou — mas, por favor, não se engasgue e me obrigue a fazer com que cuspa a comida. É bem nojento.

Michael passou a comer mais devagar. Quando terminou de mastigar e engolir, falou, indiferente:

— Então, você soube do mergulho hoje? — Não tinha certeza se Murphy a incluíra na panelinha e evitou dar com a língua nos dentes.

Charlotte tomou um gole do café e assentiu.

— Como chefe de medicina da base, ele achou que eu devia saber... tudo.

— Fico feliz com isso — falou Michael, aliviado —, mas não acho que haja muito a fazer para ajudá-la.

— O Murphy não estava preocupado com ela — Charlotte disse. — com você. Tinha medo que viesse me contar e eu achasse que você pirou.

— Não pirei, não é? — Michael perguntou e Charlotte deu de ombros.

— Ainda é cedo para dizer. Mas você ainda acha que há duas pessoas? Uma na frente e outra atrás?

— Também não dá para dizer ao certo. Pode ser uma capa, uma sombra ou uma espécie de falha dentro do bloco. Deixamos uma boa sobra de gelo anís, só para garantir. Assim que a Betty e a Tina retirarem um pouco desse excesso, vamos finalmente saber o que é.

Michael viu alguém acenando loucamente atrás de Charlotte. Virou-se e notou Darryl atravessando o salão com a bandeja na mão. Ele se jogou ao lado de Charlotte e falou com Michael em tom conspiratório:

— Parabéns! Acabei de visitar a Bela Adormecida no reservatório e posso afirmar que ela está descansando em paz.

Michael sentiu-se um pouco incomodado, não pela brincadeira, mas pela ideia de que ela estava dormindo. Não conseguia esquecer que os pais de Kristin também achavam que a filha estava simplesmente dormindo.

Darryl continuou falando, enquanto espalhava todo o queijo parmesão do sobre um prato de espaguete.

— Mas, sabe, assim que a Betty e a Tina terminarem de desbastar o gelo, a melhor forma de preservar o espécime é levá-lo ao laboratório de biologia marinha.

O tom casual deixou claro para Michael que Darryl pensara muito no assunto.

— Por quê? — perguntou Michael.

Darryl deu de ombros, outra vez de forma casual.

— Porque ele precisa ser descongelado gradualmente, e de preferência em água do mar local. De outra forma, pode sofrer danos ou se desintegrar. Posso esvaziar o tanque do aquário, porque afinal aqueles bacalhaus nem são experimentos meus, e tirar as divisórias. Aí seria possível colocar o bloco inteiro de gelo, ou o que restar dele, em um banho frio. Podemos degelá-lo bem devagar, sob condições laboratoriais controladas.

Michael olhou para Charlotte pedindo sua opinião de especialista, afinal ela era uma doutora, mas a médica parecia tão perdida quanto ele.

— Mas por que está me perguntando isso, afinal? — Michael finalmente — Não deveria ser uma decisão do Murphy O'Connor?

— Ele só administra a estação — respondeu Darryl —, e normalmente evita questões científicas. E, goste ou não — falou ao levantar um garfo cheio de espaguete pendurado —, você é o Príncipe Encantado dessa história. Como você

acha que devíamos recuperá-la? Com um beijo?

Era difícil para Michael imaginar a si mesmo como Príncipe Encantado nessa história ou em qualquer outra, mas estava começando a considerar que, se havia alguém que devia cuidar dos interesses da Bela Adormecida, bem que podia ser ele.

— Se você acha que é a melhor solução — falou Michael — creio que concordo também.

Com um fio de espaguete pendurado na boca, Darryl parecia bem contente.

— Bela decisão — falou, engolindo o macarrão. — Especialmente diante do que eu vou mostrar para vocês depois do jantar.

Michael e Charlotte entreolharam-se.

— Não contei para ninguém ainda, nem tenho certeza se vou contar. Vocês vão ver.

Com o mistério aumentando, Michael e Charlotte simplesmente tiveram que esperar que Darryl terminasse a refeição. Michael fez hora comendo a torta de cereja junto com Charlotte, que depois de uma fatia tomou um cappuccino descafeinado.

— Daqui a seis meses — ela falou, abrindo um sachê de açúcar sobre a xícara — vão precisar mandar um avião de carga para levar minha bunda gorda para a civilização.

Mais tarde, no laboratório de biologia marinha, Darryl correu a arrumar as coisas enquanto Michael e Charlotte tiravam as parcas e luvas. Mesmo um passeio curto entre um módulo e outro exigia proteção contra o tempo, pois bastavam 30 segundos lá fora e a pele exposta podia sofrer queimaduras.

Darryl arrastou mais dois bancos até a bancada, onde estavam um microscópio com dois canhões de lentes e um monitor.

— Uma coisa eu tenho que dizer sobre a National Science Foundation — Darryl falou. — Eles não economizam. Esse microscópio, por exemplo, é um Olympus CX com tecnologia de fibra óptica. O monitor tem quinhentas linhas de resolução. — Olhou para o equipamento com carinho sincero. — Eu gostaria de ter algo assim no meu laboratório.

Charlotte, que mal segurara um bocejo, trocou um olhar com Michael que Darryl deve ter percebido. Como um mágico que retira um coelho da cartola, ele apresentou a garrafa de vinho com a rolha no gargalo e falou:

— Dra. Barnes, pode fazer as honras?

Puxando a rolha, ela disse:

— Espero que você não pretenda beber isso.

— Não depois que vocês virem o que eu vi.

Com outro floreio, ele ofereceu uma pipeta limpa e perguntou:

— Posso pedir que você retire algumas gotas do líquido dessa garrafa? — Tanto Michael quanto Charlotte torceram o nariz diante do cheiro da garrafa, mas ela fez o que Darryl pediu.

— Agora, coloca uma gota nesta lâmina.

Na hora que a doutora deixou cair uma gota do líquido viscoso, Darryl passou outra lâmina sobre a primeira, deixando uma mancha roxa que era mais espessa em uma ponta e rala na outra. Então pegou um conta-gotas e pingou um pouco de álcool em cima.

— Caso você esteja curioso — disse para Michael, sem tirar a atenção o trabalho —, nós estamos consertando a mancha. — Olhou para Charlotte. — Está se lembrando da faculdade de medicina?

— Isso faz tempo — ela respondeu.

Darryl continuou narrando os procedimentos ao deixar a lâmina secar e então aplicou algo chamado de solução de Giemsa.

— Sem ela — explicou —, muitas das características seriam impossíveis de se ver.

— Características do quê? — Charlotte perguntou um pouco irritada. — Merlot? Cabernet sauvignon?

— Você vai ver — Darryl falou.

Até Michael estava ficando impaciente. O dia tinha sido bem longo, o pulso ainda doía do gelo, e tudo o que queria era ir para a cama e se cobrir até a cabeça. Precisava de tempo para assimilar o que tinha feito e visto, e sabia que estava fazendo algumas associações de ideias inadequadas entre Kristin e a Bela Adormecida. Sabia, mas não conseguia evitar. Talvez tudo o que precisasse fosse de oito horas de bom sono.

Mas Darryl continuava falando sobre manchas, soluções e outra coisa, chamada de bálsamo do Canadá, quando Michael finalmente o interrompeu.

— OK, Darryl, chega de abracadabra. Está pronto? — ele disse.

— Não exatamente. Se fosse para fazer como manda o figurino, a gente teria que esperar até amanhã para que assentasse.

— Beleza — Michael falou, começando a se levantar —, então a gente volta amanhã.

— Não, não, espera. — Darryl colocou a lâmina sob o microscópio e depois de examiná-la e ajustar o foco várias vezes, saiu do banco e chamou Charlotte para dar uma olhada. Exausta, ela tomou o lugar, abaixou a cabeça e então ficou paralisada. Darryl parecia realizado.

Ela mexeu no controle do foco outra vez e depois se afastou com uma expressão intrigada.

— Se eu não soubesse... — Charlotte começou, mas Darryl levantou a mão para interrompê-la.

— Deixa o Michael olhar primeiro.

Michael tomou o lugar e, quando olhou pelas lentes, viu um campo cor-de-rosa cheio de partículas e quase todo coberto por círculos flutuantes. Alguns deles eram redondos e razoavelmente uniformes quanto ao tamanho e à forma, embora um pouco côncavos no meio, como almofadas em que alguém se sentara. Outros eram maiores, mais acinzentados e disformes. Michael não era um cientista, mas não precisava de um diploma para saber o que era aquilo.

— OK, é sangue — falou e tirou os olhos do microscópio. — Você colocou sangue na garrafa de vinho. Por quê?

— Opa — Darryl exclamou, levantando as mãos. — Você ficou mesmo muito tempo debaixo d'água. Eu não coloquei nada na garrafa de vinho. Ou na lâmina. Por isso fiz vocês virem aqui para fazer o experimento pelas próprias mãos. Para que vissem o que eu vi. A garrafa, que segundo você é de vinho, está cheia de sangue. E aposto que as outras que vieram naquele baú também.

Nem Michael nem Charlotte sabiam o que dizer.

— Os círculos perfeitos que você viu — Darryl prosseguiu — glóbulos vermelhos, os eritrócitos. Os maiores são os leucócitos, ou glóbulos brancos. Alguns dos corpos que você notou entre eles são o que chamamos de neutrófilos.

— Eles são uma espécie de fagócitos, certo? — Charlotte falou. — Comem bactérias e morrem.

— Exatamente. Está se lembrando da faculdade, pelo visto.

— Não banca o engraçadinho.

— Mas tem mais neutrófilos do que deveria — Darryl acrescentou.

Deixou que assimilassem a informação, mas como ninguém seguiu seu raciocínio, ele disse:

— O que quer dizer que o sangue estava contaminado antes de sequer parar na garrafa.

— Como? Contaminado com o quê? — Michael perguntou.

— Assim, de primeira, eu diria que veio de alguém muito doente ou ferido — respondeu Darryl. — Pessoas com ferimentos de onde saía pus.

Michael finalmente compreendeu o motivo do cheiro podre saindo da garrafa. O “vinho” não era apenas sangue antigo; era sangue antigo contaminado. Mas por que havia sido engarrafado e transportado como um tesouro em um baú?

— Foi mal — falou Charlotte —, mas o dia foi longo. O que você está sugerindo, Darryl? Que algum navio, Deus sabe quando, estava transportando uma carga de sangue ruim, armazenado bonitinho em baús, para o Polo Sul?

— Na verdade, não é provável que o navio estivesse vindo para a Antártica. Deve ter perdido o rumo — Darryl disse. — E quem sabe há quanto tempo o gelo vem trazendo os destroços para o sul? O gelo se move, vocês sabem.

— Mas por quê? — Michael indagou. — O lugar não importa. Para que serviria o sangue?

Darryl coçou a cabeça, deixando um tufo de cabelo ruivo em pé.

— Aí você me pegou. Sangue ruim não serve para ninguém, a não ser que fosse usado em algum tipo de experimento de inoculação.

— A bordo de um navio? — Michael disse.

— Há centenas de anos? — Charlotte contribuiu.

Darryl levantou as mãos, entregando os pontos.

— Não olhem para mim, crianças! Eu também não tenho as respostas. Mas acho difícil acreditar que a garrafa, o baú e o corpo, ou corpos, se for o caso, não tenham alguma conexão.

— Concordo — Michael disse. — Se não, seria a maior coincidência da história. Charlotte parecia concordar também.

— E assim que for possível — falou Darryl —, acho que valeria a pena tentar tirar uma amostra de sangue da Bela Adormecida.

— Para provar o quê? — Michael perguntou.

Darryl deu de ombros.

— Que o sangue é compatível?

— Com o quê? — perguntou Michael, um pouco irritado, pois sentia que não estava acompanhando o raciocínio. — Com o sangue contaminado da garrafa? Está querendo dizer que ela guardava o próprio sangue em garrafas, como lembrança?

— Ou você está sugerindo outra coisa? — Charlotte falou. — Que ela mantinha um estoque à mão para alguma finalidade medicinal bizarra?

Darryl respondeu, olhando de um para o outro e tentando acalmar os ânimos.

— Às vezes, na ciência, você sabe exatamente o que está procurando e onde deve procurar. Em outras ocasiões, você não sabe, mas tem que ir descobrindo e seguir todas as pistas.

— Para mim essas pistas parecem muito estranhas — disse Michael, estranhamente na defensiva sobre o assunto.

— Isso é indiscutível — admitiu Darryl.

Charlotte suspirou e foi pegar o casaco e as luvas.

— Vou dormir — disse —, e aconselho que vocês façam a mesma coisa.

Mas Michael de repente se sentiu muito cansado para levantar. Ficou onde estava, examinando a misteriosa garrafa escura.

— Michael — falou Charlotte ao fechar o zíper do casaco —, vai dormir. Ordens médicas. — Virou-se para Darryl e falou: — E você, fecha esse gargalo.

Darryl apontou para a garrafa.

— Você sabe o que eu quis dizer.

20

Início de setembro de 1854

OS CAVALOS. Era o sofrimento dos cavalos que deixava o tenente Copley louco de raiva.

Seu belo Ajax, juntamente com outros 85 animais, fora levado ao porão de carga do HMS *Henry Wilson*, um local minúsculo, escuro e insuportável, que não recebera nenhum preparativo prévio. Não foram construídas baias nem havia focinheiras, mas apenas cordas para amarrar os cavalos. Mesmo com o mar calmo, eles estavam espremidos, pisavam nos cascos uns dos outros e lutavam para manter a cabeça erguida. Mas, assim que os navios da frota britânica enfrentaram as tempestades da baía de Biscay, os cavalos enlouqueceram de medo. Sinclair e outros oficiais da cavalaria, aqueles que não estavam mareados ou abatidos pela febre, ficavam no porão de carga ao lado dos animais, tentando desesperadamente acalmá-los ou controlá-los. Mas era impossível. A cada inclinação do navio, as pobres criaturas assustadas eram jogadas contra a manjedoura, guinchando de terror e batendo os cascos contra as tábuas molhadas e rangentes. A água descia em cascata pelas escotilhas, formando rios ao redor das patas, e cada vez que um dos cavalos caía era um trabalho dos diabos para levantá-lo.

Quando Ajax foi derrubado em cima do cavalo de Winslow, foram necessários vários soldados e marinheiros para separá-los e deixá-los de pé outra vez. O sargento Hatch, o indiano, estava lá embaixo o tempo todo. Sinclair imaginava se ele sequer dormia ou subia ao convés para respirar um ar que não cheirasse a estrume, sangue e feno mofado. Mas mesmo Hatch foi incapaz de conter as perdas. A cada noite morriam cavalos por causa de ossos quebrados, pânico ou calor (quase não havia ventilação lá embaixo), que eram jogados ao mar no dia seguinte sem a menor cerimônia. A caminho do Mediterrâneo, a frota britânica deixara uma trilha de carcaças flutuantes.

E Sinclair, mesmo sabendo que era apenas um jovem tenente sem experiência, não conseguia imaginar por que o Exército não requisitara barcos a vapor para a viagem. Pelo que Rutherford lhe dissera (e o pai dele tinha sido um oficial do almirantado sob o comando do duque de Wellington), uma embarcação a vela levava um mês ou mais para fazer o mesmo trajeto que um barco a vapor realizava em dez ou 12 dias. Mesmo que fossem necessárias duas semanas para reunir barcos a vapor em número suficiente, tantas dessas perdas absurdas podiam ter evitadas. E as tropas, com cavalos em condições decentes, podiam ter chegado ao litoral turco prontas para a batalha, mais cedo do que chegariam agora.

Mas aparentemente ninguém pensara nisso, nem o comando, nem a multidão que foi assistir à partida do Exército. Quando Sinclair entrou marcha nas embarcações, ao lado das brigadas Ligeira e Pesada, da 6ª Companhia de Rifles e do 11º Regimento de Hussardos, também se deixou contagiar pela atmosfera festiva do porto. Todos acreditavam que a guerra seria tão breve que poderia acabar antes que alguns deles sequer usassem a lança, ou a espada ou o rifle. Diziam que os russos eram uma força armada tão frouxa que a maioria dos soldados era obrigada a lutar sob a mira de armas. Le Maitre contou para Sinclair que os rifles da infantaria russa eram de brinquedo, feitos de madeira como as espadas que a brigada usava nos treinamentos. Sendo assim, muitos oficiais ingleses receberam permissão de levar para a campanha as esposas, que foram trajando os melhores e mais coloridos vestidos. Alguns oficiais levaram a própria criadagem e os cavalos prediletos.

Enquanto Sinclair observava as docas e os píeres, procurando um ponto de tom amarelo claro na multidão, viu caixas de vinhos, buquês de flores e cestas de palha cheias de frutas sendo trazidos a bordo. Centenas de pessoas seguravam bandeiras britânicas, outras sacudiam quepes, bonés e lenços de renda, enquanto uma banda tocava marchinhas marciais. O sol brilhava intensamente e ele mal podia esperar que a aventura começasse.

— Moira falou que seria improvável que a srta. Nightingale desse folga para elas — disse o capitão Rutherford, apoiado com os cotovelos na balaustrada e adivinhando o que Sinclair procurava na multidão.

Sinclair olhou para o companheiro, cuja testa reluzia de suor.

— Eu disse para ela que a srta. Nightingale não era patriota, então — concluiu Rutherford, tirando a estola de pele e pousando na balaustrada.

Sinclair nunca compreendera bem a ligação entre o capitão e a srta. Mulcahy. Enquanto o seu próprio relacionamento com Eleanor Ames era em si mesmo estranho — e, como qualquer um diria para Sinclair, não tinha futuro em termos práticos —, a relação de Rutherford com a gorducha e desinibida enfermeira Mulcahy era ainda mais esquisita. Herdeiro de um título de nobreza, Rutherford vinha de uma família muito importante de Dorset, que ficaria horrorizada diante de tal relacionamento. Claro que era normal que os oficiais da cavalaria pudessem escolher qualquer mulher da cidade e que se envolvessem em situações irresponsáveis e até mesmo imorais, mas também era normal que os jovens

eventualmente tomassem juízo, em especial às vésperas de uma grande expedição ao estrangeiro. Esse era o momento e o motivo perfeitos para cortar uma relação. Era uma das vantagens de estar no Exército.

Mas, debaixo da arrogância de Rutherford, Sinclair pensou ter descoberto uma estranha veia sentimental. Ele não ficava à vontade nos eventos em que era convidado nem ao redor de mulheres em geral. Uma vez, Sinclair o viu derramar uma tigela de ponche em cima da jovem a quem estava sendo apresentado. Rutherford preferia a vida no quartel, com a camaradagem e as conversas de baixo calão. Havia algo na srta. Moira Mulcahy, mesmo com seu jeito de proletária, que o atraía. Na verdade, Sinclair achava que a própria falta de requinte de Moira era o que chamava a atenção de Rutherford... juntamente, é claro, com o generoso busto sempre à mostra. Sinclair pensou que teria mais chance de notar a carne abundante de Moira no meio da multidão do que o novo vestido amarelo que Eleanor usaria ao acompanhá-la.

O lorde Cardigan, comandante do 11º Hussardos, podia ser visto a cavalo, em trajes de gala e cercado por ajudantes de ordens, gritando instruções. Era um homem formoso e vaidoso, com um espesso bigode castanho-claro e costeletas, que cavalgava ereto na sela. Mas era conhecido pelo temperamento explosivo e pela fanática dedicação ao protocolo e a tolas questões de honra. De fato, havia feito um escândalo na praça d'armas, cuja repercussão ainda o atormentava. O lorde Cardigan insistia que apenas champanhe fosse servida em sua mesa, e não as garrafas negras com a cerveja escura que muitos soldados apreciavam, especialmente aqueles que serviram na Índia. Quando o ajudante de ordens de um general pediu uma champanhe *Moselle*, que foi servida diretamente na própria garrafa negra em vez de ser decantada antes, o lorde Cardigan confundiu-a com cerveja escura e explodiu de raiva, insultando o capitão do regimento. Antes que o assunto fosse esquecido, toda Londres ouviu e riu a respeito. O lorde Cardigan não conseguia ir ao teatro, ou mesmo passear com seus *wolfhounds* irlandeses pelas ruas de Brunswick Square, sem ouvir um grito debochado de “garrafa negra!” uma vez ou outra. Seus comandados não gostavam da brincadeira e geralmente brigavam quando ouviam a provocação.

Embora o 17º Lanceiros da Brigada Ligeira estivessem nominalmente sob o comando de lorde Lucan, o cunhado teimoso de Cardigan, o tenente Copley suspeitava que eles, os pobres soldados, eram meros peões na acirrada disputa familiar.

— Ei — falou Rutherford para um oficial da Marinha que estava passando —, pode me emprestar isto?

O marinheiro, talvez tão impressionado pela riqueza do uniforme de Rutherford que não conseguiu identificar a patente, imediatamente entregou a luneta que carregava e seguiu adiante.

Rutherford levantou a luneta e examinou a multidão, do alto da High Street até embaixo, nas rampas de abordagem. Ouviu a marcha interminável dos pés dos soldados, os relinchos e o bufar dos cavalos, as notas errantes do hino do

Regimento de Dragões de Inniskilling, tocadas por uma banda marcial e levadas ao mar pelos ventos. Alguém gritou uma ordem, que foi repetida pelos conveses várias vezes, e dezenas de marinheiros começaram a recolher os retardatários, que trocaram abraços rápidos e lembranças com familiares e amigos. O acesso às rampas de abordagem foi fechado e elas foram recolhidas para o interior dos navios. Estivadores soltaram as pesadas amarras e as jogaram longe. Mas Rutherford parecia ter saído de mãos vazias da busca.

— Vou trocar uma palavra com essa tal Florence Nightingale da próxima vez que a vir — falou Rutherford, bufando de raiva.

— Deixe-me tentar — pediu Sinclair, pegando e levantando a luneta. A primeira coisa que viu foi, por acaso, o traseiro do cavalo de lorde Cardigan sendo conduzido de volta à cidade. Segundo os rumores, o grande nobre seguiria as tropas mais tarde, a bordo das acomodações mais confortáveis de um barco francês a vapor.

Mas Sinclair não teve mais sorte do que Rutherford. Por um momento, pensou ter visto a namorada do Francês, Dolly, mas o tamanho do chapéu deixou-o na dúvida. Até Le Maitre se separou dos amigos na confusão, e pelo visto estava perdido em algum ponto do convés lotado do Henry Wilson. Sinclair viu um menino de mãos dadas com a mãe, sorrindo animado, enquanto outro estava mais interessado em pegar um pardal ferido que saltitava entre as rodas de uma carroça de comida.

Mais ordens foram dadas e uma dúzia de marinheiros subiu pelo cordame para soltar as velas, que foram desenroladas fazendo barulho. O navio rangia e estalava, como um gigante acordando e se espreguiçando, deixando um rastro de água entre ele e a doca. Sinclair passou a luneta de um lado a outro do porto, parando ao ver um guarda-sol amarelo, e de novo sobre o que, na verdade, era um cartaz amarelo anunciando um espetáculo em Drury Lane.

— Quando será que veremos o primeiro combate? — disse Rutherford.

— Espero que não seja uma escaramuça qualquer, em um espaço confinado que não dê para usar a lança. — A arma era uma novidade, inspirada, assim como os uniformes da Brigada Ligeira, nos lanceiros poloneses que se destacaram na batalha de Waterloo.

Sinclair murmurou, concordando, enquanto a busca prosseguia. Estava prestes a desistir, porque o movimento do navio tornava difícil olhar pela luneta, quando viu uma carroça aberta descer por uma viela com duas figuras, uma de amarelo e a outra de avental branco, que saltaram e correram em direção às docas. Segurou-se na balaustrada com uma das mãos e com a outra manteve a luneta fixa nas duas jovens. A da frente era Eleanor, com o quepe de enfermeira na mão, seguida aos tropeços por Moira, que levantava a saia para afastá-la dos tornozelos.

O *Henry Wilson* estava a mais de 100 metros da doca, e a bandeira que sacudia na proa atrapalhava a visão de Sinclair. Mas percebeu que as garotas olhavam e se dirigiam para uma das outras embarcações que deixavam o porto. Notou que

Eleanor parou um homem de uniforme e, após trocar algumas palavras rápidas com ele, pegou Moira pelo braço e a dirigiu para a doca de onde o navio do 17º Lanceiros acabara de sair.

A bandeira batia e sacudia ao sabor da brisa do mar. Sinclair gritou para Rutherford:

— Elas estão aqui! Estão vindo para a doca!

Rutherford virou o pescoço sobre a balaustrada do castelo de proa, enquanto Sinclair enfiou a luneta debaixo de um dos braços e agitou o outro.

Mais velas foram desenroladas do alto dos mastros e o navio avançou instantaneamente, ganhando velocidade. A terra firme estava ficando para trás, com as pessoas sobre ela virando pontinhos.

Sinclair levantou a luneta novamente e encontrou o ponto amarelo pela última vez. Eleanor parecia estar olhando para as velas infladas. Sinclair desejou que olhasse em sua direção, e assim que o navio passou pelas primeiras ondas próximas ao quebra-mar, borrifando água gelada sobre todos no convés, achou que Eleanor realmente havia voltado os olhos verdes para ele. Ou ao menos preferiu imaginar que sim.

As semanas seguintes foram as piores da vida de Sinclair. Ele havia se alistado para cavalgar em nome da glória, e, verdade seja dita, pela oportunidade de desfilar pela cidade no belo uniforme de soldado da cavalaria. Mas não se alistara para ser confinado no fétido interior de um navio superlotado. Nem para comer, dia após dia, lombo de porco salgado e biscoitos tão cheios de carunchos que só sobravam migalhas depois de catar os insetos. Nem para passar as noites em um porão de carga escuro e deplorável, tentando evitar que o cavalo morresse. Tinha saudade da vida em Londres, dos jogos de cartas, das rinhas e das noites no Salon d'Aphrodite (ter atirado Fitzroy pela janela havia virado uma lenda no regimento). Quando o comissário de bordo lhe serviu a mísera dose diária de rum, lembrou-se do bom vinho do Porto do Longchamps Club e de champanhe gelada. Quando o imediato — um plebeu, ainda por cima — o repreendeu por fumar no interior do navio, pensou na caixa de charutos que mantinha no quartel, sem falar no chicote que adoraria ter usado no sujeito só por ter ousado dirigir-se a ele dessa forma. O Exército, apesar da irritante quantidade de regras e regulamentos, sempre o tratara bem até então... mas a cada hora a bordo daquele navio desprezível, algo mudava dentro de Sinclair. Sentia um ressentimento crescente no peito, uma sensação de ter sido trapaceado, enganado.

Também percebia o desânimo dos amigos. O Francês, sempre disposto a fazer piadas ou assobiar uma canção, permanecia deitado na rede, verde como um campo de críquete, segurando a barriga. Rutherford, normalmente falastrão e fanfarrão, soava menos confiante e mal abria a boca. Muitos dos outros — Winslow, Martins, Cartwright, Mills — perambulavam pelo navio como fantasmas. E, embora o ar no convés fosse com certeza mais fresco, havia o constante desfile de cavalos mortos sendo arrastados até a amurada e jogados no mar agitado como lixo, assim como um número cada vez maior de homens que morriam de

disenteria, prisão de ventre e outros males. Agora que via de perto, Sinclair não entendia como alguém podia escolher uma carreira na Marinha de Sua Majestade.

O único que parecia suportar tudo aquilo era o sargento Hatch, o indiano que era desprezado pelos superiores e oficiais. Sinclair sabia que não era de bom tom confraternizar com o sujeito. Rutherford chegou ao ponto de alertá-lo para que não deixasse a amizade tão evidente, mas a companhia de Hatch deixava Sinclair com os pés no chão, de certa maneira. O sargento já havia aceitado o destino imposto pela vida e pelo Exército. Sabia o que pensavam sobre ele, o que lhe era exigido e como cumprir as obrigações. E, embora não procurasse Sinclair porque tinha noção da diferença de patentes entre os dois, Hatch sempre parecia contente quando se encontravam, mesmo sendo um sujeito reservado. Ambos eram grandes admiradores do capitão Lewis Edward Nolan, cujas teorias sobre treinamento de cavalos haviam passado a ser aplicadas em larga escala fazia pouco tempo. Seus métodos, desenvolvidos quando serviu na Áustria sob o comando do arquiduque, estavam sendo adotados pela cavalaria britânica e até mesmo pela americana. Repatriá-lo fora uma questão de honra para a Inglaterra. Nolan agora estava a serviço do 15º Hussardos e viajava, como todos eles, para o mar Negro.

— Eu o vi em pessoa — contou o sargento Hatch ao dar um punhado de cevada para seu cavalo, Abdullah. Assim como todo o resto da frota, eles tinham zarpado sem feno suficiente para os cavalos, que, além dos outros tormentos, ainda passavam fome. — Pronto — Hatch falou para o animal que lambia sua mão, desesperado por mais comida. — Outra refeição, só amanhã.

— E ele foi o melhor cavaleiro que você já viu? — perguntou Sinclair. — Dizem que ninguém chega perto de Nolan.

O sargento Hatch sorriu e disse:

— Ele estava apenas fazendo reconhecimento do terreno com os ajudantes de ordens de lorde Raglan, então é difícil dizer.

Sinclair sentia-se como um garoto sempre que estava ao lado de Hatch.

— Mas, sim, parecia bem à vontade em cima do cavalo. Quase não mexia as mãos ou os pés, mas o animal sempre sabia o que ele queria.

Abdullah esticou o pescoço magro e cutucou o ombro de Hatch com força. Ele deu um passo para trás.

— Talvez seja melhor nós subirmos — falou de forma estranha. — Se ficarmos aqui embaixo, o pobre coitado vai tentar comer minhas dragonas. — O tom foi de brincadeira, mas ambos sabiam que era verdade.

Ao subirem até o convés, tiveram que passar por cima de vários soldados com febre, pois a enfermaria improvisada estava lotada havia muito tempo. Ouviram o barulho de outro corpo enrolado em uma lona ser jogado no mar. Quando os primeiros mortos foram entregues às profundezas, alguns integrantes da banda marcial tocaram a Marcha Fúnebre de Saul. Porém, assim que o número de mortes aumentou e os funerais no mar se tornaram corriqueiros, os oficiais proibiram tal prática. Sinclair tinha ouvido o comandante do navio confiar a um subalterno:

— A moral já está baixo demais e vou enlouquecer se ouvir essa maldita música outra vez.

Hatch e Sinclair encontraram um pequeno espaço no convés onde puderam sentar encostados no mastro. O sargento encheu o cachimbo com o tabaco de cheiro agradável que se acostumara a fumar na Índia. Winslow passou por eles e olhou de cara feia para Sinclair, que retornou a expressão.

Hatch percebeu a troca de olhares e disse:

— Não é uma boa ideia, tenente, confraternizar com alguém como eu.

— Eu confraternizo com quem bem quiser.

Hatch acendeu o cachimbo.

— Eles não gostam de ser lembrados.

— De quê?

— De que ainda não viram combate. — Soltou uma baforada, e o estranho aroma do fumo encheu o ar. — E, imagino, de Chillianwallah.

Nem mesmo Sinclair sabia que o sargento Hatch servira nessa batalha, um dos maiores desastres da cavalaria britânica. Segundo os relatórios escandalosos que circularam na época, uma brigada ligeira avançou contra um poderoso exército sique nos morros ao pé do Himalaia, sem tomar a precaução de enviar batedores para reconhecer o terreno. Pegos de surpresa por um número formidável de cavaleiros inimigos, os esquadrões da linha de frente empacaram ou receberam ordens para recuar — isso jamais ficara claro — e deram meia-volta, colidindo com as fileiras que os seguiam. Os siques, famosos por não darem trégua, sacaram as adagas afiadas e avançaram. Na confusão, dois regimentos britânicos e dois bengaleses também deram meia-volta e fugiram, atropelando as próprias baterias de canhões na retaguarda e sacrificando centenas de vidas de outros três regimentos. Embora tivessem se passado cinco anos, a lembrança ainda doía.

— É por isso que mantenho isto sob a camisa — falou Hatch ao puxar uma corrente com uma medalha de prata dizendo CAMPANHA DE PUNJAB, 1848. Escondeu-a de novo. — Todos os que sobreviveram àquele dia buscam uma chance de redenção.

Veio um grito do cesto da gávea, levado pelo vento, que foi repetido por vários marinheiros no convés. Sinclair e Hatch levantaram-se imediatamente e foram à balaustrada de estibordo. Os homens que conseguiam ficar de pé lutavam por espaço para ver. O nevoeiro sobre a água dissipara-se, revelando o sinuoso litoral da Crimeia e a pequena frota de naus britânicas que já havia chegado e ancorado.

Enquanto o *Henry Wilson* recolhia as velas e navegava pelas águas calmas, Sinclair ouviu o toque ocasional de cometas e viu o brilho das armas na praia, revelando que o desembarque já havia começado. O coração bateu mais forte. Pelo que podia ver das colinas, a Crimeia era uma terra de enormes planícies com ligeiras elevações, sem árvores ou arbustos, e conseqüentemente ideal para manobras de cavalaria. Estava louco para tirar Ajax do porão de carga e deixá-lo pastar e correr livre pelas colinas aparentemente tranquilas.

Foi somente quando o navio chegou perto e as correntes da âncora foram soltas que Sinclair percebeu outra coisa, algo que boiava nas águas da baía. A princípio achou que era algum tipo de animal marinho. Será que haveria focas ou golfinhos ali? Porém, um dos vultos foi atraído pela proa do Henry Wilson, subindo e descendo como uma boia. Sinclair observou quando ele seguiu lentamente pela lateral do navio, levado pelas ondas e redemoinhos, batendo no casco de madeira até ir embora girando. E, de repente, notou que o vulto era a cabeça e o ombro de um soldado vestindo um casaco vermelho encharcado. A cabeça sem vida pendia de um ombro ao outro, o rosto era encovado, os olhos estavam esbugalhados e vidrados. E então o vulto passou pela popa, a caminho do mar aberto.

Mas havia muitos outros que boiavam como maçãs podres em um barril.

Um marinheiro perto de Sinclair na balaustrada fez o sinal da cruz.

— É a cólera — murmurou. — É perigoso demais enterrar ou queimar os corpos.

Sinclair virou-se para Hatch, que mordia firme o cachimbo.

— Mas... por que está boiando assim? — perguntou Sinclair.

Hatch tirou o cachimbo da boca.

— Eles colocam peso nos corpos antes de serem jogados ao mar — explicou.

— Mas às vezes não é suficiente.

— E os corpos acabam inchando — disse o marinheiro em tom sério.

— É aí que alguns deles voltam para dar uma última olhada.

Sinclair observou o porto agitado, onde os navios e transportes estavam sendo descarregados. As tropas eram retiradas em botes brancos, com bandeiras tremulando na brisa do mar e baionetas reluzindo sob a luz do sol forte.

Olhou de novo para baixo, para os terríveis dejetos flutuantes que subiam e desciam nas cristas brancas das ondas.

— Qual é o nome deste lugar? — perguntou, com a certeza de que jamais o esqueceria. O marinheiro deu uma risada sem graça.

Tocando a testa antes de se virar e ir embora, o sujeito respondeu:

— Calamita Bay.

21

11 de dezembro, 13 h

BETTY SNODGRASS E TINA GUSTAFSON costumavam ser confundidas com irmãs. Ambas eram “meninas robustas”, como às vezes brincavam entre si, e tinham expressões sorridentes e cabelos louros. Conheceram-se na Universidade de Idaho, no famoso Instituto de Ciências Árticas e Glaciológicas. Tinha sido o primeiro lugar, e com certeza não seria o último, onde ganharam o apelido de rainhas do gelo. A glaciologia era considerada o ramo mais difícil, rigoroso e casca-grossa das ciências da terra. Com certeza era isso o que as atraía. Lá não procuravam nada fraco, doce ou feminino. Queriam algo que exigisse pura força física e coragem. Se alguém quisesse ser um glaciologista, não iria passa muito tempo nas praias de Cozumel.

E elas conseguiram o que queriam.

Em Point Adélie, as duas levavam uma vida espartana na natureza, coletando amostras de gelo, que eram guardadas em uma câmara subterrânea a uma temperatura constante de 20 graus negativos. Caso precisassem degelá-las um pouco, as amostras eram colocadas no reservatório, antes de passarem por uma análise de isótopos e gases que indicaria as mudanças climáticas da Terra ao longo dos anos. Com o tempo, elas se tornaram especialistas em esculturas de gelo e se consideravam as melhores do gênero. Betty sempre dizia para Tina em tom de brincadeira, que, caso não dessem certo na glaciologia, poderiam ganhar a vida fazendo esculturas de gelo para casamentos e bar mitzvahs.

A descoberta de Michael ia dar um senhor trabalho para elas. O enorme bloco retirado da geleira submarina estava de pé entre uma pilha de cilindros de gelo arrumados na estante e a caixa de madeira escrito PLASMA, que era a casinha de Ollie, o filhote de gaivota-rapineira. Uma cerca de metal de 1,80 metro altura agia como quebravento e demarcava o reservatório. E só — não havia teto nem piso, somente o céu cinzento acima e a tundra como chão.

Por hábito, Betty e Tina vestiram trajes brancos esterilizados sobre a roupa de neve, porque amostras de gelo eram facilmente contamináveis, embora não

temessem que isso fosse ocorrer com o espécime diante delas. Aquele bloco já tinha sido contaminado de várias maneiras diferentes, fosse pelas serras usadas para retirá-lo da geleira, fosse pela base de mergulho de onde fora içado das profundezas. E, de qualquer forma, se fosse para descobrir a data do gelo, melhor pista era o corpo dentro dele. Mesmo agora, ainda faltando retirar várias camadas de gelo da frente, Betty notou vagamente a forma e o estilo da roupa que a mulher usava, que lembrava os vários episódios de *Masterpiece Theater*, a que assistia quando criança. Imaginou ter visto o brilho opaco de um broche de marfim no colo da mulher.

Tentou não olhar nos olhos dela ao manejar a furadeira, a serra e a picareta. Era perturbador demais.

Tina estava trabalhando com as mesmas ferramentas na parte traseira do bloco e, como sempre, ela e Betty conversavam sobre outro assunto qualquer, no caso as recentes mudanças nas regras do futebol americano, até que Tina parou e disse:

— Eles estavam certos.

— Sobre o quê? — Betty retirou mais uma camada de gelo.

— Tem uma segunda pessoa no gelo. Dá para ver agora.

Betty deu a volta e também conseguiu perceber a segunda pessoa. A cabeça tava pressionada na nuca da mulher, presa pela mesma corrente de ferro ao redor do pescoço. Ele tinha um bigode ralo e parecia usar uma espécie de uniforme. Betty e Tina entreolharam-se.

— Acho melhor a gente parar — Betty disse.

— Por quê?

— Acho que é um caso maior do que é possível dar conta aqui na Antártica. É o tipo de coisa que devia ser enviada para os laboratórios da NSF em Washington ou à Universidade de Idaho.

— Como assim? E perder a chance de entrar para a História?

Com tanta tralha, que incluía câmeras, tripé e alguns refletores, Michael não tinha uma mão livre para bater no portão de metal do reservatório, então simplesmente deu um chute. Ouviu Betty e Tina falando lá dentro e uma delas tinha acabado de dizer algo sobre História. Quando Betty abriu o portão, Michael falou:

— Foi mal não ter avisado que eu vinha.

— Tudo bem. A gente adora companhia.

— Companhia dos vivos — Tina acrescentou, em tom sinistro.

Porém, Michael estava tão entretido com o que tinha que fazer primeiro que não percebeu a indireta. Em vez disso, colocou as coisas no chão e foi imediatamente para a caixa no canto do reservatório. Ficou de joelhos e olhou lá dentro. Ollie já estava tão acostumado com a sua presença que até ficou de pé e foi na direção dele. Michael ofereceu uma das tiras de bacon que pegara no bandejão. Ollie inclinou a cabeça coberta de penugem cinza, cada vez mais

parecido com uma gaivota-rapineira, examinou o bacon por um instante e deu uma bicada rápida.

— Uau, você quase pegou meus dedos. — Michael colocou as outras tiras na beira da caixa e ficou de pé. Quando viu as expressões preocupadas de Betty e Tina, parou e disse:

— Não fiquem assim, as gaivotas-rapineiras comem qualquer coisa.

— Não é isso — falou Betty.

E então seguiu o olhar de Tina em direção ao bloco de gelo.

— Caramba — ele exclamou. — Eu estava certo.

O homem ainda estava preso no gelo. Se ela era a Bela Adormecida, será que ele tinha sido seu legítimo Príncipe Encantado? Pelo vestígio de um galão dourado no peito, Michael imaginou que o homem tinha sido um soldado.

E também sentiu algo estranho, uma espécie de alívio por ela não ter ficado sozinha aquele tempo todo.

— Não corta mais — disse. — Eu preciso bater umas fotos, registrar esse estágio do processo.

Michael rapidamente montou os refletores ao redor do bloco. Era muito frio e cinzento e a iluminação imediatamente transformou o gelo em um farol reluzente.

— A Betty e eu estávamos falando — arriscou Tina — e achamos que algo assim tão extraordinário talvez devesse permanecer intato.

Michael estava tão ocupado com a fotografia que nem percebeu o que Tina falou. Qual seria a melhor forma de capturar a imagem dos corpos do gelo? Ia ser dureza fotografar com aquele jogo de luz e sombras, o problema dos reflexos no gelo. Mas isso era parte do desafio. Levantou os óculos de proteção até o gorro de lã e mediu a luz.

— Michael — falou Betty —, talvez seja melhor a gente ir devagar e pensar melhor sobre o assunto.

— Pensar melhor sobre o quê? — disse Michael.

— O processo de retirar esses corpos. A operação pode exigir um laboratorial maior. Talvez aparelhos de raio X e ressonância magnética que a gente não tem aqui.

— O Darryl tem certeza de que possui todos os equipamentos necessários. — Michael respondeu, apesar de ter parado para pensar. Será que estava se precipitando? Prejudicando o que poderia ser uma descoberta realmente milagrosa?

— Não é só questão de retirá-los com segurança — Tina acrescentou. — Isso é fácil. A preservação depois é que é a parte difícil.

Será que Darryl não saberia o que fazer? E a Antártica em si não era basicamente um gigantesco frigorífico? Mesmo que os corpos fossem retirados do gelo, não seria possível mantê-los em um ambiente frio o suficiente para evitar que se deteriorassem?

As respostas para essas perguntas não importavam. Michael tinha um trabalho a fazer. A descoberta não apenas representava um ganho para a Eco-

Travel, mas também podia significar prêmios de reportagem. Tinha que prestar atenção para não meter os pés pelas mãos. Na época da tragédia nas Cascades, editor, Joe Gillespie, chegara ao ponto de reclamar que Michael não havia tirado nenhuma foto do que acontecera, antes de se dar conta do que dissera. Às vezes, Michael desconfiava de que o furo de reportagem era tudo o que interessava para Gillespie.

Assim que escolheu a câmera e o equipamento adequados, Michael tirou uma série de fotos do interior do gelo, primeiro do homem, cujo rosto continuava praticamente escondido, e depois da mulher. Capturar as características do gelo, sem perder os reflexos e as refrações, tornava o trabalho bem complicado, mas Michael gostava do desafio. As melhores fotos eram sempre as mais difíceis de tirar. Pediu que Betty e Tina retomassem o trabalho e tirou várias fotos enquanto elas desbastavam o gelo. Depois bateu uma ou duas de Ollie, que se aproximou para ver se as lascas de gelo no chão eram comestíveis.

O vento estava aumentando de verdade. Mesmo firme no chão, a cerca de metal sacudia fazendo um barulho tão alto que era difícil falar. Michael precisou gritar para que Betty e Tina fossem para a esquerda ou direita, para que saíssem da sombra e ficassem sob a luz, e logo percebeu que estava constrangendo as duas cientistas. Desconfiava que as rainhas do gelo não eram o tipo de gente que gostasse de publicidade ou de sair em fotos.

— Só mais uma — disse para Betty —, com a furadeira uns 15 centímetros mais para cima. — A ferramenta estava tapando o rosto da Bela Adormecida.

Betty obedeceu, ficando parada com a furadeira na mão enquanto Michael corria para reposicionar o refletor que o vento havia tirado do lugar. A luz batia diretamente contra o gelo. Michael aproximou-se para captar o máximo de detalhes possível. Talvez tivesse sido a iluminação mais forte ou o trabalho de Betty, mas o fato é que o rosto da mulher estava mais visível do que antes. Ele percebeu o cabelo castanho preso pela corrente enferrujada, o reflexo de um grampo branco e o brilho esmeralda dos olhos. A expressão era a mesma que Michael se lembrava de ter visto no segundo mergulho, e ele ficou espantado de ter achado que o rosto havia mudado. Engraçado como a memória engana a pessoa. Tirou algumas fotos, mas a sua própria sombra estava atrapalhando, então precisou abaixar o ombro e se deslocar um pouco para o lado. Preparou o foco para mais uma foto e, enquanto o fazia, pôde jurar que algo havia mudado de novo. Como os professores de fotografia e editores sempre haviam dito, Michael tinha bom olho para detalhes e sabia que algo na imagem estava diferente. Uma coisa mínima, algo efêmero. Mas, ao mudar de posição de novo, viu acontecer — viu as pupilas se contraindo.

Abaixou a câmera e olhou para as fotos digitais que acabara de tirar. De uma para a outra, indo e voltando. E embora a diferença fosse mínima, ele podia jurar que existia.

— Te encontrei! — ouviu Darryl gritar sobre o vento que sacudia a cerca de metal. — Tem uma ligação no telefone via satélite, alguém chamada Karen! Estão

segurando a chamada para você. — Darryl viu o trabalho de Betty e Tina no bloco de gelo. — Uau! Vocês avançaram bastante.

Michael concordou e disse:

— Deixem tudo como está. Eu vou voltar.

— Acho que você não devia deixar os refletores ligados — Betty falou.

Ela estava certa. Michael guardou a câmera dentro do anoraque e desligou as luzes antes de ir para o módulo de administração. O bloco de gelo instantaneamente passou de um pilar reluzente a um monólito sombrio.

22

11 de dezembro, 15h

— **FOI MAL — DISSE KAREN —, TIREI VOCÊ DE ALGO IMPORTANTE?**

— Não, não, eu gosto quando você me liga. Você sabe disso. — Mas Michael ficava com o coração na boca sempre que falavam pelo telefone via satélite. Era muito improvável que Karen tivesse boas notícias. — E as novidades?

Com o pé, empurrou e fechou a porta da sala de comunicações e se inclinou para a frente, sentado na cadeira sem braços do computador.

— Só queria dizer que a Krissy vai sair do hospital, então não precisa mais ligar para lá.

Ficou animado por um instante. Kristin estava indo para casa? Porém, como a voz de Karen não tinha nenhuma empolgação, Michael perguntou:

— Para onde ela vai?

— Para casa.

Ficou intrigado de novo. Era um bom sinal, não?

— Os médicos acham que ela melhorou a ponto de ir para casa?

— Não, na verdade não, mas meu pai acha que sim.

Isso fazia sentido, O sr. Nelson não era do tipo que ligava para a opinião dos profissionais.

— Meu pai acha que eles não estão fazendo terapia e tratamento cognisuficientes pela Krissy, então decidiu contratar uma equipe particular de médicos para cuidar dela em casa, onde ele possa vigiar.

— E quem vai cuidar das concessionárias?

— Não me pergunte. A ideia genial é dele. A gente só abaixa a cabeça.

Isso também fazia sentido, levando em conta a dinâmica da família. Kristin era a única que se recusava a abaixar a cabeça. Apesar de Michael jamais duvidar do amor do pai pela filha, ele sabia que essa era a maneira de o sr. Nelson recuperar o controle completo sobre Kristin. Uma solução definitiva e indiscutível.

— Quando isso vai acontecer?

— Amanhã. Mas os preparativos, as camas de hospital, os respiradores, as enfermeiras 24 horas, tudo isso já vem da semana passada.

— Então — falou Michael ao esfregar o ombro esquerdo, distraído — ela vai voltar para o velho quarto dela. Isso pode ser bom para a Krissy.

— A questão é que o velho quarto dela é no segundo andar... Mas isso eu não preciso te dizer — disse Karen, com um riso irônico. — Mas, como é difícil levar tudo lá para cima, em vez disso a sala de estar vai ser adaptada.

— Ah, certo, faz sentido — respondeu Michael. De repente, um estalo de estática interferiu na ligação. Ele estava tentando entender a situação. A ideia era boa ou apenas um ato de desespero? Mesmo com enfermeiras 24 horas à disposição de Kristin, conto os pais e a irmã conseguiriam cuidar de sua recuperação?

Uma recuperação que, de acordo com os médicos, seria impossível. Deus sabe que Michael tentou acreditar que Kristin se recuperaria. Por toda aquela noite longa e fria nas Cascades, e por boa parte do dia seguinte, ele se forçara a só pensar positivo, fizera força para crer que ela recuperaria os sentidos assim que a retirasse da montanha. Ao amanhecer, saiu do saco de dormir que dividia com ela e massageou os braços e as pernas para tentar reanimá-los. Ele tinha um enorme hematoma na coxa por ter dormido em cima de um mosquetão e seu ombro esquerdo ainda doía. Abriu e devorou outra barra de proteína. Quando olhou para o céu da alvorada, viu um jato particular passando lá em cima. Só por desengano de consciência, sacudiu os braços, gritou e até chegou a soprar o apito, mas o jatinho não balançou as asas em sinal de reconhecimento, nem sequer deu meia-volta para dar outra passada. Desapareceu no oeste, deixando para trás apenas os sons dos pássaros e o barulho do vento.

Kristin não deu nenhum sinal de reação ao apito ou gritos. Michael curvou-se sobre ela, verificou a pulsação e a respiração. Estavam fracas, mas regulares. Ele tinha duas alternativas: podia esperar e torcer que surgissem outros alpinistas ou podia tentar descê-la por conta própria. Olhou de novo para o horizonte. Nuvens estavam chegando perto. Caso trouxessem chuva ou nevoeiro, ninguém escalaria naquele dia. Não, teria que fazer por si mesmo, com um sistema elaborado de cordas e roldanas improvisadas. Talvez conseguisse abaixar Kristin uns 10 ou 15 metros, depois seria preciso descer sozinho, recolocar todas as cordas e tentar de novo. Se chegasse a uma altura baixa o suficiente, poderia esbarrar com pessoas fazendo trilha ou mesmo se aproximar o bastante do Big Lake para que o som do apito de emergência alcançasse algum barco, desde que, é claro, o vento estivesse a favor.

Recolheu todo o equipamento que não caiu da montanha ou de dentro da mochila para planejar o que faria. Havia outra saliência embaixo, do tamanho de uma tábua de passar ferro, a 5 ou 10 metros. Michael achou que conseguiria posicionar Kristin sobre ela. Sabia que precisava ter cuidado com a cabeça e o pescoço, mas não conseguia pensar em um jeito de estabilizá-los, porque não tinha nada rígido para usar. Teria que arriscar.

Levou quase uma hora para improvisar o equipamento necessário e amarrar o corpo inerte de Kristin, e mais outra hora para que descessem até o novo parapeito. Quando Michael terminou, estava ensopado de suor e com milhares de cortes e arranhões. Sentou-se com uma mão na perna de Kristin, enquanto a outra segurava o cantil. Se ao menos ela demonstrasse algum sinal de consciência ou falasse com ele, mesmo que por alguns. Bebeu as últimas gotas. Algumas pedrinhas, deslocadas pela recente descida, caíram sobre o precário poleiro.

As nuvens negras estavam chegando perto.

Olhou para baixo e viu o topo dos pinheiros e as águas do Big Lake. Percebeu que a ideia não ia dar certo. Estava perdendo tempo demais e não podia arriscar passar outra noite na montanha com ela. Decidiu arriscar tudo de uma vez. Retirou rodo o equipamento e roupa desnecessários, ficando somente de camiseta e calção, e amarrou Kristin nas costas, com os braços balançando e o capacete amassado contra o ombro. Começou a descer. Ou conseguiria chegar ao pé da montanha e levá-la para a floresta, ou morreriam juntos, caindo do céu.

Ao descer, sussurrou para ela: “Aguenta firme. Só preciso encontrar apoio para o pé.” Ou então: “Não fica tensa, mas acho que o meu ombro está se deslocando outra vez.” E ainda: “Que tal um belo filé na Ponderosa? Você paga.” A cabeça de Kristin pendia no ombro e às vezes era possível sentir a respiração no pescoço, mas aquilo já bastava. Michael sabia que ela estava ao seu lado, com vida, e que ele conseguiria tirá-los dali de alguma forma. No fim da tarde, as nuvens carregadas finalmente encobriram o céu, mas não romperam. Havia apenas uma leve bruma refrescante no ar, com uma ou duas gotas de chuva que caíam eventualmente. “Por favor, Deus, me faz um favor: segura a chuva até eu sair dessa maldita montanha.”

E Deus manteve Sua parte do acordo. Michael chegou ao declive no pé do monte Washington, dentro do abrigo da floresta de pinheiros, antes que o céu viesse abaixo na forma de trovões e de uma chuva torrencial. Ajoelhou-se brevemente na terra molhada, sentindo o cheiro forte das folhas dos pinheiros, e deixou que a chuva caísse sobre o corpo. Aproveitou para lavar a sujeira do rosto de Kristin e molhar seus lábios. As pálpebras tremeram com as gotas que caíam. Porém, tirando isso, não havia mais nenhum sinal de vida.

Michael tentou levantá-la outra vez, mas seus braços e pernas tremiam de exaustão e ele quase não conseguia se mexer. Nem ligou. Abraçou Kristin e se recostou no tronco de uma árvore, com o rosto voltado para os galhos lá em cima. Nunca soube dizer quanto tempo ficou parado ali. Quando voltou a se mexer, molhado e tremendo de frio, já estava escuro. A chuva parou e a lua cheia apareceu. Amarrou Kristin nas costas outra vez e cambaleou sob o luar de volta ao estacionamento do Big Lake, onde deixara o jipe. Quando saiu da floresta, imundo, ensopado, sangrando e com uma jovem inconsciente nas costas... notou dois rapazes com casacos da Universidade de Washington descarregando uma picape. Eles viram Michael se aproximando como se fosse o Pé Grande.

— Socorro — murmurou. — A gente precisa de ajuda.

E então, de acordo com os dois estudantes, desmaiou na mesma hora.

No momento em que Darryl viu as duas figuras no gelo, percebeu que era hora de se intrometer. Boa parte do bloco já havia sido cortada ou derretida sob os refletores de Michael. Darryl viu o cabo de uma espada ao lado do homem quando se ajoelhou na frente do gelo. O nó de espada dourado estava congelado de cabeça para baixo.

— Vocês fizeram um belo trabalho — disse para Betty e Tina — vamos levar o bloco para o meu laboratório e terminar o serviço.

Michael tinha saído para atender ao telefone, mas as duas agiram como se quisessem esperar pela decisão dele.

— O Michael vai voltar logo. Aí a gente conversa sobre isso.

Mas Darryl não era bobo e sabia o que estava em jogo. Bastava que um cientista provasse um pequeno aperitivo de algo extraordinário para não querer largar o osso. Acontecia até mesmo com glaciologistas. Afinal, por que com eles seria diferente? Grande parte do estudo da ciência envolvia tanto trabalho de rotina no laboratório, tantas experiências infundáveis, ensaios cegos e cálculos de estatísticas, que quando um cientista descobria algo realmente revolucionário, uma coisa que surgira do nada e tinha potencial de virar manchete, havia uma relutância natural em deixar a oportunidade passar.

Darryl tinha que agir rápido e com determinação. Voltou para o barracão de equipamentos, onde os snowmobiles, Sprytes e perfuradores eram guardados, e catou Franklin e Lawson, que já sabiam da descoberta. Voltou acompanhado dos dois e de um carrinho industrial, daqueles usados para transportar barris de diesel. Quando Betty reclamou que ele estava com pressa demais, e Tina se queixou sobre a integridade científica dos espécimes. Darryl mandou que os dois recrutas cobrissem o bloco de gelo, agora bem menor, com uma lona e o colocassem no carrinho. Eles saíram do reservatório de amostras e o empurraram rampa acima para o porto seguro do laboratório de biologia marinha.

— E agora? — disse Franklin, olhando para a bagunça do lugar, cheio de tubos de oxigênio soltando gás, instrumentos fazendo barulhos e tanques cheios de criaturas estranhas sob uma luz roxa.

— Quero que coloquem aqui — falou Darryl ao se dirigir para o grande tanque do aquário. Mais cedo, ele retirara as divisórias, esvaziara a água velha, esfregara o tanque de cima a baixo e o enchera outra vez com água fresca do mar. Agora era uma enorme banheira. Ele havia levado os bacalhaus residentes até um buraco no gelo e os deixado deslizar por ele. Afinal, se ainda faziam parte do experimento de alguém, então deveriam ter sido rotulados como tal. Pela calota de gelo, mal conseguiu vê-los sair, e percebeu um vulto se aproximando rapidamente. Com certeza uma foca-leopardo notara o seu almoço preferido. A vida na Antártica era um negócio arriscado.

Franklin levou o carrinho até a borda do tanque e Lawson entrou na água. Com o lenço na cabeça, a sua marca registrada, ele lembrava um buscaneiro prestes a exhibir seu tesouro.

— Você sabe que o deslocamento de água vai molhar o chão, certo? — Franklin avisou.

— Para isso existem os ralos — Darryl respondeu. — Vai em frente.

O bloco passou devagar pela borda do aquário, com Lawson dando apoio dentro do tanque e Darryl ajudando Franklin a incliná-lo com delicadeza. Lawson deu um pulo para trás e o bloco terminou de entrar na água, jogando uma onda de água salgada e fria sobre as botas, como ele previra. Quando a lona saiu boiando, o gelo pareceu flutuar por alguns minutos, com as duas figuras deitadas, uma de costas para a outra, até que as ondas do tanque baixaram e o bloco parou.

O tesouro era de Darryl, finalmente.

Franklin olhou bem para o bloco e disse:

— Eu não ia querer trabalhar sozinho com isso aqui.

Lawson, que saiu do tanque encharcado, parecia estar pensando a mesma coisa.

Mas Darryl não se incomodava. Os olhos estavam grudados no pedaço de gelo deitado no horizontal, quase inteiramente submerso em água do mar. Se os cálculos baseados na espessura do bloco e na temperatura do aquário estivessem corretos, os corpos flutuariam livres em poucos dias. Gelados, porém ainda intactos e sob controle. E os cálculos de Darryl geralmente estavam corretos.

Assim que Franklin e Lawson saíram, ele fechou o laboratório. Não havia muito o que pudesse fazer imediatamente. O mais importante era sair para verificar se as redes e armadilhas submarinas haviam capturado mais peixes anticongelantes, como eram chamados pelos biólogos marinhos. Nunca se sabe quando, ou como, alguns espécimes a mais podem ser úteis.

Antes de sair, Darryl apagou as luzes fluorescentes do teto, mas o laboratório ainda brilhava com a iluminação dos tanques e do aquário. Eles irradiavam uma pálida luz roxa que tomava todo o espaço feito de aço e concreto, deixando de fora apenas os cantos mais afastados e escuros. Colocou o casaco, luvas e gorro — Deus, aquele tirar e botar roupas sem parar devia encher o saco depois de algum tempo — e abriu a porta diante de uma rajada de vento gelado. Fechou-a bem e desceu pela rampa em direção ao litoral.

Dentro do laboratório, espalhados pelas paredes e prateleiras, os vários habitantes dos tanques menores levavam vidinhas pacatas no eterno confinamento. As aranhas-do-mar ficavam de pé nas longas patas traseiras e usavam as demais para examinar o vidro. Os vermes marinhos nadavam, rolando e se desenrolando como fitas da cor de marfim. As estrelas-do-mar abriam-se, prendendo as ventosas nas paredes da prisão. O reluzente peixe-gelo, com uma boca enorme, nadava em círculos. As mangueiras borbulhavam, os aquecedores zumbiam e o vento assobiava fora do módulo.

E o pedaço de gelo no aquário derretia devagar, imperceptivelmente. Aos poucos, a água fria que circulava no tanque erodia a espessura do gelo antigo. Eventualmente havia o som de uma rachadura quando a água do mar encontrava uma minúscula fissura e corria para enchê-la. Estrias minúsculas e praticamente invisíveis surgiam aqui e ali, como arranhões em um espelho. Bolhas de ar vinham à tona e estouravam. Os tubos escuros de PVC, que levavam água fresca para o tanque e retiravam o mesmo volume de líquido que havia sido resfriado pelo gelo, mantinham a temperatura em constantes 4 graus. Em um dia ou dois, o gelo ficaria fino o suficiente para que se enxergasse dentro dele, fino o bastante para deixar entrar a pálida luz roxa do laboratório... tão fino que o bloco poderia se dividir e se desfazer.

E aí o gelo teria que entregar, mesmo que a contragosto, tudo aquilo que ainda mantinha preso.

23

13 de dezembro, 12h10

ANDAR EM UM TRENÓ PUXADO POR CACHORROS era mais confortável do que Michael teria imaginado. A cesta de carga do trenó era feita de plástico Duro e moldado, como um caiaque, mas a pessoa andava a poucos centímetros do fundo, deitada em uma espécie de rede. Mesmo quando os cães passavam sobre um trecho irregular de gelo ou por uma saliência, o golpe era amortecido por toda a roupa de neve que se usava. O solo gelado passava voando enquanto Danzig, de pé sobre os esquis atrás da cabeça de Michael, gritava para estimular os cães. Eram os últimos cachorros em todo o continente Antártico, segundo o que Murphy lhe dissera na base.

— Os cães foram banidos — Murphy explicou. — Eles passavam cinomose para as focas. Essa é a última matilha ainda em uso. Só conseguimos mantê-los ao dizer que faziam parte de um estudo de longo prazo. — Rolou os olhos. — Você não imagina a papelada, mas Danzig não desistia. Eles são os últimos cães no Polo Sul, e Danzig é o último dos condutores.

Mesmo de um ponto de vista bem pouco favorável, Michael notava como a matilha corria perfeitamente em conjunto, puxando os arreios e seguindo Kodiak. Estava surpreso com a velocidade e a potência que conseguiam atingir. Havia momentos em que pareciam apenas um borrão de pelo cinza e branco, subindo e descendo como os cavalos de madeira de um carrossel, fazendo o trenó decolar atrás deles. Mesmo com os gritos ocasionais de Danzig para mandá-los virar para a esquerda ou direita, os cachorros sabiam exatamente para onde dirigiam-se, para a velha estação baleeira da Noruega, a 5 quilômetros da costa. Danzig usava o trajeto como exercício para os cachorros e tinha sugerido que Michael fosse com eles para fotografar o local abandonado, “enquanto a sua Bela Adormecida derretia”. Michael decidira aceitar o convite. Tinha passado pelo laboratório de biologia marinha mais cedo, mas não havia nenhuma novidade para fotografar, e Darryl garantiu que ainda levaria um ou dois dias para alguma grande alteração ocorrer.

— Melhor prevenir do que remediar — Darryl comentara sobre o lento procedimento, e Michael concordara.

Só que ver o gelo derreter, descobrira ele, era tão interessante quanto ver a grama crescer.

Da última vez que Michael tentara fazer esse passeio para Stromviken, se vira prisioneiro de um espesso nevoeiro que tornava impossível tirar fotos. Hoje, ao contrário, apesar do frio de doer de 30 graus negativos, o tempo estava aberto. E a luz constante e implacável dava um tom estranho e cristalino ao ar. O que estava distante parecia mais perto e o que estava próximo dava a impressão de estar sendo visto sob uma lupa. A luz e o ar da Antártica tornavam um desafio ainda maior tirar fotos boas, nítidas e com a exposição correta.

Michael estava de braços cruzados, com a câmera protegida debaixo da parca.

— Está gostando? — gritou Danzig, inclinando-se na direção com o dente de morsa do colar tocando o topo do gorro de Michael.

— Com certeza é melhor do que andar de ônibus!

Danzig deu-lhe um tapinha no ombro e voltou para trás. Jamais se cansava de exhibir os cachorros.

Mas era difícil para Michael ver qualquer coisa, especialmente à frente, de forma que o primeiro sinal da velha estação baleeira surgiu à direita: o casco enferrujado de um barco a vapor norueguês, encalhado no litoral rochoso. O píer ao lado desmoronara havia muito tempo, derrubado pelo fluxo e refluxo do gelo. Na proa, apontada para terra firme em vez de para o mar, estava o canhão de arpões, uma invenção norueguesa capaz de disparar uma lança de quase 2 metros — carregada de explosivos nas versões mais recentes. Se o arpoador fosse bom, o arpão acertava a baleia em fuga acima da barbatana. Quando o animal mergulhava, a bomba explodia dentro dele, dilacerando-lhe coração e pulmões.

Isso se a baleia tivesse sorte. Se o arpoador errasse ou o golpe não fosse letal, a batalha poderia durar horas, enquanto a baleia saltava da água, sangrando e espirrando água, com mais arpões sendo lançados. Um enorme guincho puxava os cabos, oferecendo mais resistência e recolhendo aos poucos o animal cada vez mais fraco, feito um tubarão, até ser possível golpeá-lo até a morte com ganchos afiados. Os primeiros alvos foram as jubartes, depois as francas e, quando até mesmo essas começaram a desaparecer, as baleias comuns, mais difíceis de serem caçadas.

A estação baleeira em questão tinha funcionado de forma intermitente desde os anos 1890, até finalmente ser fechada, em 1958, deixando tudo para trás, de locomotivas a depósitos de lenha. Valia a pena levar suprimentos para a Antártica, mas era difícil e caro levá-los de volta. Mas isso não queria dizer que os noruegueses tivessem aberto mão da caça à baleia. Assim como o Japão e a Islândia, eles continuavam a insistir que tinham direitos à prática. Quando o assunto surgiu durante um jantar no bandejão, Charlotte deixara cair o garfo, revoltada, e dissera:

— Já chega. Vou me livrar de tudo que eu tenha que seja norueguês.

Darryl perguntou o que isso significava e, pensando melhor, a doutora respondeu:

— Acho que vou ter que jogar fora esse suéter de renas.

— Não seja precipitada — falou Michael ao puxar a etiqueta e rir. — Viu? Feito na China.

Charlotte suspirou de alívio.

— Ele é bem quentinho.

Enquanto os cachorros levaram o trenó além de uma pequena elevação, Michael enxergou a estação claramente pela primeira vez. Por incrível que pareça, a visão ainda era mais deprimente que Point Adélie. Os barcos que chegavam com as presas ancoravam em um píer, de onde saíam largas rampas para uma malha confusa de trilhos meio enterrados. Os navios levavam até vinte baleias infladas com ar para que as carcaças flutuassem. Uma locomotiva tomada pela ferrugem levava os animais mortos ou agonizantes para a área de esfolamento, um grande pátio onde os baleeiros usavam facas aliadas para esfolar e cortar a língua e a camada de gordura das presas em grandes tiras sangrentas. As línguas em particular, gigantescas e cheias de músculos, continham centenas de litros de óleo.

Foi lá que Danzig gritou para os cachorros enquanto puxava as rédeas. Quando desceu de cima dos esquis com agilidade, o trenó foi diminuindo a velocidade até parar. O repentino fim do barulho do trenó deu lugar a um estranho silêncio, até que Michael prestou atenção e ouviu o vento polar sacudir as paredes de aço dos armazéns e passar assobiando entre as tábuas das estruturas mais antigas, feitas de tijolo e madeira. Ele saiu da cesta do trenó com a ajuda de Danzig e se viu no pátio coberto por lama congelada. Por todos os lados e acima do morro, Michael estava cercado por prédios arruinados de função obscura e não foi nenhuma surpresa que tenha se lembrado da cidade fantasma que fotografara certa vez no sudoeste americano.

Mas aquilo ali ainda era pior, de certa forma. O local passava a impressão de um abatedouro. Michael sabia que a tundra que pisava já estivera repleta de sangue e tripas até os calcanhares. Os trilhos enferrujados subiam então como uma montanha-russa em direção a um prédio arruinado 100 metros morro acima, e carrinhos mecânicos corriam pelos trilhos e levavam as partes aproveitáveis da baleia para unidades de processamento, enquanto o resto dos ossos e as sobras eram jogados em buracos cheios de guano no litoral fétido, onde vários pássaros, guinchando de alegria, desciam sobre as pilhas de dejetos ainda quentes.

Como estava frio demais para tirar as luvas por mais do que alguns instantes, Michael sofreu para pegar o tripé e a sacola à prova d'água com o equipamento, enquanto Danzig fixava o gancho de neve como se fosse o freio de mão de um carro, a fim de impedir que os cães arrastassem o trenó. Então, como uma precaução a mais, amarrou o cabo de segurança a um carrinho de ferro com duas rodas faltando, que estava virado de cabeça para baixo na terra congelada. Kodiak

sentou-se, esperando e observando Danzig com os olhos azuis como bolas de gude.

— Agora vou dar o lanche deles — disse Danzig. — É o momento da viagem que eles mais gostam.

Os dois cães mais próximos do trenó ficaram empinados, lambendo os focinhos, enquanto Danzig pegava um saco de aniagem pendurado no guidão.

— Eu dispenso — Michael falou, enquanto Danzig tirava vários pedaços de carne seca.

Danzig riu e disse:

— Não diga que não ofereci.

Caminhando com cuidado sobre os trilhos enferrujados e sobre a terra gelada e varrida pelo vento, acompanhado apenas pelos latidos da matilha e os guinchos das gaivotas-rapineiras, atraídas com certeza pelos cães e pela carne seca, Michael pensou que aquele devia ser o lugar mais desolado em que já estivera.

O bloco degelo continuava a se desintegrar lentamente no tanque, até que pequenos pedaços começaram a se soltar, mais cedo do que o esperado... quase como se algo dentro do bloco estivesse exercendo pressão. Uma lasca do tamanho de uma bola de beisebol soltou-se do fundo, logo abaixo da ponta da bota do homem, e flutuou à tona. O pedaço de gelo boiou até se aproximar do tubo de PVC, que drenava e nivelava a água. Foi sugado, entalando na boca da mangueira.

Alimentado pelo outro tubo, o nível de água no tanque foi subindo aos poucos e cobriu as rachaduras e canais invisíveis do topo do bloco, como sangue correndo por veias e capilares difíceis de serem vistos. Quem aproximasse o ouvido perceberia um som parecido com estática enquanto o gelo rachava e se desfazia... e um som de outra coisa também. De arranhões. Como unhas sobre vidro.

A praia de Stromviken era diferente de todas as que Michael já tinha visto. Era um imenso cemitério, coberto por ossadas, caveiras gigantes, espinhas e mandíbulas, todas embranquecidas pelo vento implacável e pelo sol austral. Alguns ossos eram os restos de baleias mortas em Stromviken, outros, de baleias abatidas no mar pelos chamados navios-fábricas, cujas carcaças haviam sido jogadas na água e tinham ido parar ali. Deitados entre os ossos e rochas, pegando sol frio, estavam alguns leões-marinhos. Eles não deram atenção para o sujeito de parca e óculos verdes que apontava uma câmera em sua direção... assim como não haviam dado atenção aos homens que haviam estado ali anos antes, homens que os haviam matado tão indiscriminadamente quanto às baleias.

Mas, ao contrário delas, os leões-marinhos eram fáceis de caçar e matar. Com focinhos parecidos com trombas e olhos marrons injetados, eram lentos e atrapalhados em terra firme. Os caçadores só tinham que se aproximar, socá-los no focinho e enfiar uma lança várias vezes no coração quando os animais empinavam, de surpresa, nas barbatanas. Às vezes o bicho levava quase uma hora sangrando até morrer, mas assim que os machos eram reunidos e mortos, os caçadores prosseguiram metodicamente para as fêmeas, que ainda protegiam os filhotes. Se esses não fossem pequenos demais, também morriam. Retirar a pele

era a parte difícil. Eram necessários quatro ou cinco homens para esfolar e separar a gordura da carne de um leão-marinho adulto. Os animais, caçados até quase serem extintos, davam de um a dois barris de óleo cada, quando extraídos à base de fervura.

Embora Michael soubesse que não eram perigosos, aproximou-se com cuidado, não querendo causar nenhum incômodo desnecessário. Pretendia tirar fotos dos leões-marinhos à vontade, sem que eles estivessem assustados. Além disso, os animais fediam demais. O macho dominante, reconhecível apenas pelo enorme tamanho, estava trocando de pele e tinha a antiga epiderme espalhada à volta como um tapete fedorento. As fêmeas não ficavam atrás ao soltar gases. Michael subiu em uma pedra erodida por séculos ao vento, no estranho formato de uma cartola, e enquadrou a primeira foto. Mas era difícil equilibrar-se diante do vento implacável e tentar não tremer a câmera. Teria que montar o tripé imediatamente.

Ao procurar pelo equipamento na sacola, o macho dominante rugiu. Michael sentiu o cheiro de peixe morto de seu hálito.

— Meu Deus, você nunca ouviu falar de antisséptico bucal? — disse ao colocar o tripé em um trecho relativamente nivelado da praia rochosa.

A água do aquário começou a transbordar para o chão de concreto e a correr feito um riacho em direção aos ralos. O laboratório de biologia marinha fora construído acima do solo, apoiado em blocos de concreto como todos os outros módulos, e a água simplesmente desceu por funis de aço até o solo gelado lá fora.

Em determinados pontos, o bloco de gelo tinha a mesma espessura de um maço de cartas, com os prisioneiros visíveis de uma forma meio obscura lá dentro. A primeira parte a ceder completamente foi o fundo, onde aquele pedaço tinha se soltado e entupido o tubo de PVC. A ponta de uma bota preta de couro estava solta agora, brilhando como ônix.

O degelo continuou e uma fissura apareceu bem embaixo do meio do bloco. Os corpos eram como o defeito de um diamante, uma estranha imperfeição em um cristal gigante... e quando a fissura aumentou e subitamente rachou de vez, era como se o gelo em si estivesse rejeitando os corpos. As metades do bloco caíram para cada lado, e a água do mar banhou o soldado e a jovem como um batismo. Foram expostos ao ar, saturados pela luz roxa do laboratório, e ficaram parados por vários instantes, boiando lado a lado no gelo.

A corrente em volta do pescoço e do ombro dos dois corpos ainda os mantinha unidos, até que, corroída por séculos no gelo e na água salgada, se desintegrou e afundou no tanque.

Sinclair foi o primeiro a tomar fôlego. Tossiu ao inspirar metade ar e metade água.

E então Eleanor tossiu também. Sentiu um arrepio incontrollável pelo corpo inteiro.

O pouco de gelo que restava como suporte cedeu. As botas de Sinclair procuraram o fundo do tanque... e o encontraram. Ele ficou de pé, cambaleando como um bêbado, e logo pegou a mão fria de Eleanor. Pingando, levantou-a dos

pedaços flutuantes de gelo. Os olhos dela estavam opacos e sem foco, longo cabelo castanho grudado no rosto e na testa.

“Onde”, perguntou-se, “nós estamos?”

Sinclair descobriu-se em uma espécie de tonel, cheio de água salgada até os joelhos, em um lugar que não encontrava palavras para descrever. Não havia mais ninguém ali. Os únicos seres vivos que percebia eram as estranhas criaturas que nadavam em jarros de vidro — jarros que irradiavam uma pálida luz roxa e faziam um som suave de assobio.

Olhou para Eleanor. Ela levantou a mão devagar, como se jamais tivesse feito isso antes, e os dedos instintivamente tocaram o broche de marfim no busto.

Sinclair foi até a borda do tanque e saiu dele. Ajudou Eleanor a ficar de pé, com água fluindo ao redor deles.

— Que lugar é este? — perguntou ela, tremendo, enquanto Sinclair a abraçava.

O tenente não sabia. Pelo bem dela, torcia que fosse o céu. Mas, por experiência própria, temia que fosse o inferno.

PARTE III

O NOVO MUNDO

*“They groaned, they stirred, they all uprose,
Nor spake, nor moved their eyes;
It had been strange, even in a dream,
To have seen those dead men rise.”*

THE RIME OF THE ANCIENT MARINER,
Samuel Taylor Coleridge, 1798 ¹⁰

¹⁰ “Eles gemeram, acordaram, todos ficaram de pé;/Não falaram, nem moveram os olhos;/Foi estranho, mesmo em um sonho,/Ter visto aqueles morros se levantarem.” Balada do Velho Marinheiro, Samuel Taylor Coleridge, 1798. (N. do T.)

24

13 de dezembro, 16h20

NA PROA DO NAVIO BALEEIRO, Michael pegou uma boia coberta de gelo conseguiu ler o nome da embarcação, apesar de algumas letras ilegíveis. Chamava-se Albatroz e tinha vindo de Oslo. Mas não havia nenhum albatroz pairando com elegância acima, apenas gaivotas-rapineiras, petréis e as pequeninas e brancas pombas-antárticas, todos atraídos pela chegada do trenó na esperança de ganhar comida.

Lá do alto, atrás do canhão de arpões, Michael enxergava a praia, onde os leões-marinhos tinham cooperado gentilmente com a sessão de fotos, o topo da colina de gelo, os armazéns, as salas de fervura, os pátios de esfolamento e a estrutura mais alta da estação. Era uma antiga igreja feita de madeira, ainda com traços da pintura branca nas paredes e uma cruz inclinada bem no alto do campanário. Usou o zoom para tirar algumas fotos de longa distância, porém mais tarde valeria a pena chegar mais perto.

Ele já tinha explorado o interior do navio, composto por painéis enferrujados, janelas quebradas e escadas retorcidas. De certa forma parecia ter sido abandonado havia anos, porém, por outros aspectos, a embarcação dava a impressão de ter sido ocupada no dia anterior. Em uma mesa da cozinha um garfo e uma faca ainda arrumados, cruzados sobre um prato de latão. Na cabine de navegação, uma guimba congelada de charuto encontrava-se no peitoril de uma janela. Até mesmo o canhão de arpões, montado em uma plataforma elevada de aço como uma torre de metralhadora, aparentava ser capaz realizar sua função mortal se conseguisse ser usado. Michael tentou girá-lo várias vezes, mas o aparato inteiro estava congelado e imóvel.

— Ei, cuidado para onde aponta essa coisa — gritou Danzig da praia, lá embaixo, de pé sobre a mandíbula petrificada de uma baleia-azul.

— Não está carregado — respondeu Michael.

— É o que todo mundo diz — falou o condutor do trenó ao descer da mandíbula. Com o dente de morsa pendurado no pescoço e a ao vento, Danzig

mais parecia um deus nórdico que decidira caminhar entre os homens. — Conseguiu o que queria?

— Mais ou menos. Por quê?

— Porque a gente precisa voltar.

Não era má ideia. Nas últimas horas, o bloco de gelo no laboratório de Darryl não saíra da cabeça de Michael, por mais que tivesse tentado esquecê-lo. Será que estava deixando de tirar alguma grande foto?

— Estou esperando uma ligação da minha esposa — acrescentou Danzig.

Danzig era casado? Michael achou engraçado que uma figura como ele tivesse algo tão banal, tão comum, quanto uma esposa.

Danzig pareceu ter notado a hesitação de Michael e comentou:

— Não é impossível, sabe?

— Mas quando vocês se veem? — gritou Michael de volta, enquanto recolhia e guardava o equipamento na sacola. — Achei que você vivesse aqui.

— Não o tempo todo — Danzig respondeu.

— Onde ela está? — perguntou Michael. E acrescentou: — Espera. Quando eu descer, você me conta.

Danzig respondeu quando ele chegou às ossadas na praia:

— Miami Beach.

Michael riu sem querer.

— Qual o problema com Miami Beach?

— Não é nada. É que não era o lugar que alguém esperaria.

— E qual seria? — Danzig falou ao voltarem para o trenó.

Michael não levou mais do que um instante para responder.

— Valhalla.

Nos primeiros minutos, Sinclair e Eleanor apenas procuraram se acostumar a respirar de novo. Depois, a se moverem. E por fim, a estarem vivos... embora não tivessem a mínima ideia de onde — e quando.

Foi Eleanor que descobriu a fonte de calor do aposento, uma espécie de grade de metal nos rodapés que emitia um brilho laranja. Ela se abaixou com as roupas molhadas, tentando ver o fogo lá dentro e sentir o cheiro de gás ou lenha queimando, mas ouviu apenas um zumbido distante, sem odor algum. Ainda assim, agachou-se mais perto do gradil e chamou Sinclair, falando baixo. Sem perceber, ambos estavam sussurrando.

— É uma lareira — disse ela. — Podemos secar as roupas.

Sinclair ajudou-a a retirar o xale ensopado e o colocou sobre um banco que puxou para perto. Ela então tirou os sapatos e os posicionou em frente ao gradil.

— Você também — falou Eleanor. — Antes que algo aconteça... — Não conseguia imaginar o que viria a seguir. Ela não sabia se estavam entre amigos ou inimigos, se haviam ido parar na Turquia, na Rússia ou até mesmo na Tasmânia. Ainda não tinha certeza se estavam vivos de verdade.

Mas não havia tempo para ficar pensando nisso.

— Tire o casaco — ela disse — e as botas.

Ele contorceu-se para tirar o uniforme. Eleanor esticou as roupas e colocou as botas de Sinclair ao lado de seus sapatos. Ele soltou a espada e, apesar de mantê-la à mão, deixou-a junto com as roupas molhadas. Aninharam-se então frente ao calor, entreolhando-se, imaginando em silêncio o que o outro sabia, compreendia... ou lembrava.

Eleanor temia recordar-se de muita coisa. Por muito tempo — quanto? — tinha sido só o que fizera... sonhara e se deixara levar, lembrando-se de tudo.

Sem parar.

Porém, no momento, com as roupas secando e os braços em volta dos joelhos, ela só pensava na noite em que se sentara com Moira diante da lareira, como agora, no quarto frio do último andar da pensão em Londres... ou na noite em que a srta. Nightingale lhe informara a decisão de viajar para a linha frente na Crimeia com um grupo de enfermeiras voluntárias.

Sinclair tossiu com a mão fria e branca cobrindo a boca. Eleanor tocou-lhe a testa com os próprios dedos gelados, por força do hábito. Lembrava ter feito o mesmo por tantos soldados feridos, que sofriam deitados em hospitais de campanha em Scutari e Balaclava. Sinclair levantou os olhos vermelhos e transtornados na direção dela e disse:

— Mas e você? Está... e finalmente completou, na falta de um termo melhor: — bem?

— Estou... — respondeu Eleanor, sem saber o que mais podia dizer. Aparentemente estava viva; fora isso, não tinha certeza de mais nada. Sentia-se tão perdida quanto ele, e, apesar do impressionante calor que emanava de forma constante do gradil, estava gelada até os ossos. E fraca também, tanto de fome como da vontade que não ousava dizer o nome.

Pensou que poderia morrer de novo... em breve... e imaginou se seria diferente dessa vez.

Não poderia ser pior do que a anterior.

Sinclair olhou ao redor do aposento. Eleanor repetiu o gesto. Uma coisa parecida com uma aranha gigante estava tentando sair de um jarro cheio de água que emanava uma pálida luz roxa. Havia longas bancadas parecidas com mesas e, dentro delas, bacias como se fossem pias de porcelana. Um aparato de metal preto encontrava-se em frente a um banco, com uma caixa branca ao lado. Próximo ao aparato, Eleanor viu uma garrafa de vinho. Sinclair devia ter notado, pois já estava se levantando.

Ele pegou a garrafa, esfregou o rótulo na manga bufante da camisa branca e o examinou mais de perto.

— É uma delas? — perguntou ela.

— Não dá para ter certeza — Sinclair respondeu ao arrancar a rolha. Ele cheirou o gargalo e recuou.

E Eleanor teve a confirmação de que era uma das garrafas.

Só de meias, Sinclair foi até Eleanor e colocou a garrafa aberta entre eles, como um pássaro levando comida para o ninho. Esperou que ela a pegasse, mas Eleanor não conseguia. Depois de tanto tempo, era horrível demais ser acordada de um sonho — na verdade, um pesadelo — apenas para retomá-lo assim que recuperava a vida. A garrafa estava parada diante de si como uma péssima lembrança, um *memento mori*. Ela representava a morte, mas, caso Eleanor estivesse desesperada o suficiente, também significava vida. Sentiu o cheiro horrível do conteúdo e pensou: seria a mesma garrafa que Sinclair levava aos seus lábios a bordo do Coventry? Caso fosse, como teria chegado agora àquele estranho lugar? Será que algum dos marinheiros também a atirara ao mar revolto, após o momento em que ela foi acorrentada a Sinclair? Após...

A mente de Eleanor travou como se tivesse puxado as rédeas de um cavalo. Não devia pensar naquela situação, não podia se permitir isso. Ela tinha mantido o controle sobre os pensamentos por tanto tempo que não podia perdê-lo agora. Tinha que guiá-los, controlá-los e repreendê-los como crianças travessas caso fossem longe demais. Perder o controle seria abrir as portas para a loucura.

Isso, é claro, se já não tivesse enlouquecido.

— Você tem que beber — Sinclair disse, empurrando a garrafa na direção dela.

Mas Eleanor não tinha tanta certeza assim.

— E se — arriscou — após todo esse tempo...

— E se o quê? — disparou Sinclair. Fechou as pálpebras e depois as abriu de estalo.

— E se, após todo esse tempo, tudo mudou?

— É possível, não é, que...

— O que é possível? Que Deus esteja no céu outra vez, que estejamos seguros, e que a Grã-Bretanha reine sobre as ondas?

Os olhos de Sinclair estavam acesos agora. Todo aquele tempo no oceano e no gelo — “não”, a mente de Eleanor disse, “não pense nisso, não deixe que a domine” — em nada tinha diminuído o ardor e a raiva. Aquela chama perversa, acesa na Crimeia, ainda queimava. Ele não era o tenente Copley que navegara em busca de glória; era o tenente Copley que fora achado coberto de lama e sangue, deitado entre os mortos e moribundos de um campo de batalha sob a luz do luar.

— Quer que eu prove primeiro? — ele perguntou.

O rosto de Sinclair estava vermelho sob o brilho laranja do gradil. Como Eleanor não respondeu, ele levantou a garrafa, inclinou a cabeça e tomou um gole. O pomo de adão subiu e desceu ao engolir, e voltou a se mexer quando o líquido tentou sair. Ele engasgou e arfou, e então colocou o gargalo nos lábios outra vez, forçando-se a beber mais um pouco. Quando abaixou a garrafa, o bigode castanho estava manchado da cor de um hematoma.

— Pronto, perfeito — disse Sinclair. Sorriu com dentes também manchados. Ofereceu a garrafa para ela.

— O que precisamos — falou Eleanor, com os olhos ainda assim atraídos para a garrafa — é de comida. E água. Água limpa e comida fresca.

Sinclair debochou.

— Falou como uma verdadeira discípula de Nightingale. E teremos tudo isso. Mas você sabe tão bem quanto eu que, nesse exato momento, precisa de algo mais.

Por dentro, Eleanor sabia que ele estava certo... ou pelo menos estivera certo. Mas não seria possível que a maldição tivesse acabado? Que outro estranho milagre houvesse acontecido também, além daquele que os libertara? Que aquele alimento tenebroso à sua frente não fosse mais necessário?

— Não sabemos onde estamos — Sinclair disse baixinho. — Nem o que espera lá fora — falou no tom de voz mais sensato possível, mas Eleanor estava acostumada com essas mudanças bruscas. Eram perceptíveis até nas cartas que lhe escrevera.

— Acredito que devemos aproveitar as oportunidades quando e onde apareçam — disse o tenente, olhando diretamente para a garrafa.

Sentada no chão, Eleanor precisou mudar de posição para esquentar e secar outra parte do vestido. Estava preocupada, pensando em até quando conseguiriam ficar ali sem serem descobertos.

— Não podemos simplesmente levar a garrafa conosco para onde formos?

— Sim — ele respondeu. Eleanor notou que Sinclair começava a perder a paciência. — Mas tiraram a garrafa de nós uma vez, não? Pode acontecer de novo.

Eleanor reconheceu que ele estava certo, é claro. Mas ainda assim se rebelava.

Fosse para provar o que tinha dito ou porque precisava de mais um trago, Sinclair pegou a garrafa e bebeu de novo. Desta vez conseguiu dar vários goles antes de batê-la no chão, deixando um filete escuro escorrer do canto da boca.

Eleanor ficou fascinada pelo filete escarlate que descia pelo queixo de Sinclair. Sabia que ele tinha feito isso de propósito. A garganta seca parecia uma estrada empoeirada. Sentiu os músculos do pescoço retesando. As palmas da mão, que acabaram de secar, ficaram novamente úmidas de suor, assim como a testa. As têmporas começaram a pulsar como tambores tocando ao longe.

— O mínimo que você poderia fazer, depois desse tempo todo, era me beijar — falou Sinclair.

O cabelo louro, embora desgrenhado, ganhou um brilho ardente diante do estranho aquecedor. Uma gota da garrafa tinha caído na gola da camisa branca, que estava aberta no pescoço. Que Deus a ajudasse, como queria lamber a mancha. Sentiu a língua involuntariamente pressionando os dentes por trás.

— Como sua amiga Moira diria — insistiu ele —, não vai fazer em nome dos velhos tempos?

— Não farei por isso — Eleanor finalmente respondeu. — Mas farei... por amor.

Ela se inclinou para a frente, assim como Sinclair, com a garrafa entre os dois. Os lábios encontraram-se, primeiro de forma recatada, mas, assim que ele abriu a boca, Eleanor sentiu o gosto de sangue.

Sinclair colocou a mão atrás da cabeça dela, passando os dedos pelos longos cabelos desgrenhados, e a segurou firme. Ela permitiu que fosse segura, que fosse

presa. Sabia que era isso que Sinclair estava fazendo. Deixou que os unisse outra vez, como no passado. Permitiu que fizesse tudo isso porque havia muito tempo não sentia algo assim... havia muito tempo, na verdade, não sentia nada.

25

13 de dezembro, 18h

O CAMINHO DE VOLTA, MICHAEL PEDIU PARA QUE DANZIG o deixasse conduzir o trenó. Ele concordou e deu algumas dicas básicas antes de entrar na cesta de carga, onde ficou mais apertado do que Michael.

— Pronto?

— Pronto — Michael respondeu ao ajustar os óculos de proteção e fechar bem o capuz de pele no rosto. Segurou no guidão e verificou se os pés estavam na neve, e não sobre o gelo. — Avante! — gritou o mesmo comando que Danzig sempre usava. Os cães, talvez por não estarem acostumados com a voz, não se mexeram de início. Kodiak chegou a olhar para trás com uma expressão de dúvida.

— Tem que usar de autoridade — Danzig falou. — Dizer para valer.

Parecia que estava diante de uma entrevista de emprego com os cachorros. Pigarreou, estalou as rédeas e gritou:

— Avante!

Na ponta, Kodiak virou-se e avançou. Os outros cães, seguindo o líder, zeçaram a puxar enquanto Michael corria lá atrás, empurrando o guidão.

— Pula! — Danzig avisou. Assim que Michael colocou os pés nos esquis madeira, o trenó ganhou velocidade e disparou pelo gelo e neve. Danzig tinha apontado o veículo na direção correta para que Michael não precisasse fazer nenhuma curva, mas mesmo assim a tarefa era mais difícil do que imaginara. Apesar de o solo parecer liso, era recoberto por ondulações, rachaduras e pedras. Michael sentia as pernas tremerem ao passar por cada uma delas e mal conseguia manter o equilíbrio sobre os esquis.

— Não fica tão tenso! — Danzig gritou sobre o ombro. “É fácil falar”, pensou Michael.

Ainda assim, relaxou os ombros, dobrou um pouco os braços e tentou destravar os joelhos.

— Se quiser que eles sigam reto — aconselhou Danzig, embora Michael não conseguisse ouvir direito com o vento batendo no gorro —, grita “Reto!”.

OK, essa dica não seria difícil de lembrar.

— Se quiser que vão mais devagar, puxa as rédeas e grita “Calma!”.

Michael não tinha a mínima ideia da velocidade a que estavam indo, mas parecia ser incrível. Enquanto se segurava firme no guidão emborrachado, a paisagem gelada passava voando pelos lados. Era bem diferente de andar encolhido na cesta de carga, onde estava protegido e aquecido, vendo tudo de perto no chão. Ficar de pé era ao mesmo tempo cansativo e revigorante. O vento atingia o rosto e fazia as mangas baterem com um som parecido com o da bandeira de Point Adélie. As patas dos cachorros levantavam uma nuvem de cristais de gelo que picavam os lábios e atingiam os óculos de proteção como chuva. Levantou uma das mãos com cuidado, afastou os cristais e pegou no guidão outra vez.

Contudo, Michael começou a relaxar ao pegar o ritmo dos cachorros e se acostumar com o movimento deslizante do trenó. Era possível ver o horizonte acima das cabeças e dos rabos peludos dos cães. A base ainda estava longe demais para ser avistada, mas não havia problema, pois em seu lugar existia um continente simplesmente interminável de gelo, neve e permafrost. Sabia que a Antártica era maior do que a Austrália, porém o interior era tão desolado que fazia o deserto australiano parecer abarrotado. O trenó seguia pelo litoral, que era relativamente mais cheio de vida. Porém, apenas alguns quilômetros em direção ao interior, as focas não brincavam mais, os pássaros deixavam de voar e até mesmo o modesto líquen desaparecia de vista. A Antártica era um deserto, tão sem vida e hostil quanto qualquer outro no planeta, na verdade. O homem era capaz de chegar ao Polo Sul, sobrevoá-lo, plantar uma bandeira e fazer algumas medições, mas jamais conseguiria tomar posse para valer. Ninguém podia permanecer lá — e só quem fosse maluco desejaria isso.

O sol da cor de cobre pairava no céu vazio como um relógio de bolso. Já havia passado quase metade da estadia permitida pela NSF, mas os dias de Michael simplesmente corriam como a água de um córrego. Sentia o tempo fluindo como qualquer outra pessoa na Antártica. Tinha que olhar constantemente para o relógio e, mesmo assim, nem sempre sabia se era noite ou dia. Tinha se confundido várias vezes. Teve ocasiões em que precisou abrir o blecaute ao redor da cama e ir cambaleando até o corredor para perguntar era noite ou dia para a primeira pessoa que encontrasse. Uma vez topou com o Estranho, o botânico que jamais saía do laboratório — ou “a floricultura”, como o local era conhecido pelos milicos. Juntos ficaram convencidos de que era o meio da tarde, quando na verdade era alta madrugada. Os dois foram ao bandejão e ficaram surpresos ao vê-lo tão vazio. Foi aí que Michael observou o Estranho com mais atenção e percebeu os sinais característicos do Big Eye — o olhar vidrado e a expressão vazia, embora um pouco confusa.

Passou então a controlar o ciclo de sono tomando Lunesta ou Lorazepam, o que fosse possível conseguir com a dra. Barnes.

— Há um velho ditado — aconselhou ela. — Se uma pessoa diz que você parece cansado, não precisa se preocupar. Mas, se ouvir isso de duas pessoas, vai deitar.

— O que você está querendo me dizer?

— Vai deitar. E pega leve.

Michael sabia que estava exagerando. Fotografava tudo, fazia anotações intermináveis, tentava dominar todas as habilidades polares como a construção de iglus e, agora, a condução de trenós puxados por cães. Sabia que tinha um tempo limitado em Point Adélie e não queria deixar de fazer nada. Na noite de ano-novo, o avião de suprimentos o levaria embora e ele não queria chegar Tacoma arrependido por não ter tirado, por exemplo, fotos do interior da antiga igreja norueguesa (para onde já planejava voltar), ou triste por não ter resolvido o mistério da Bela Adormecida e do Príncipe Encantado.

Sabia que neste exato momento o bloco de gelo estava lentamente derretendo. Teria que ir até lá correndo assim que chegasse à base, a fim de registrar essa etapa da transformação. Era engraçado, mas encarava a situação como uma metamorfose. O bloco era o casulo de onde os dois amantes saíam. Tinha certeza de que eram amantes. Quem mais poderia ter sido acorrentado e condenado a um funeral no mar? Tentou imaginar um motivo qualquer que fizesse sentido. Será que foram capturados e jogados no mar por um marido ciumento? Ou sob ordens de uma esposa desprezada? Será que cometeram alguma violação de conduta — uma tradição naval ou, a julgar pelo galão dourado no uniforme do sujeito, um código militar? Qual teria sido o crime que eles praticaram para provocar tamanha barbaridade como resposta?

Os cachorros fizeram uma curva para evitar cristas de gelo e neve particularmente altas. Michael lembrou que eles sabiam o caminho melhor do que ninguém. Os animais estavam voltando para casa, para o confortável canil coberto de palha e com tigelas de comida. Na maior parte do tempo, tudo o que precisava fazer era segurar firme no guidão e se manter sobre os esquis. Não ouviu um pio vindo de Danzig e suspeitava que o sujeito havia dormido com o queixo apoiado no peito e o capuz fechado no rosto. Não tinha certeza se isso era sinal de confiança no condutor ou nos cães, mas Michael torcia para chegar à base sem precisar acordá-lo.

À esquerda, bem distante nas placas de gelo flutuante, ele viu uma luz vermelha piscar. Minutos depois, percebeu de novo o sinal no topo da base de mergulho. Michael tinha visto mais cedo várias armadilhas serem retiradas do fundo do mar, muitas delas contendo peixes atônitos e arfantes, com guelras transparentes e olhos brancos. Notou Darryl transferindo os sobreviventes para dentro de baldes, mas ficou se perguntando como um vegetariano de carteirinha e ativista dos direitos dos animais podia realizar uma tarefa dessas.

— O importante é racionalizar — Darryl havia dito. — Digo para mim mesmo que, ao estudar alguns poucos espécimes, posso salvar vários outros. O primeiro passo para convencer o homem a preservar os recursos naturais é lembrá-lo de que eles correm risco de extinção. — Levantou um peixe morto pelo rabo e o colocou com cuidado em um balde separado, cheio de gelo. — E se eu agir rápido, posso conseguir uma amostra interessante de sangue até mesmo desse aqui.

Quando o trenó correu paralelamente à base de mergulho, os cachorros viraram para o interior, vários deles latindo felizes pela expectativa de chegar. Os esquís passaram assobiando pela neve quando o trenó venceu uma pequena elevação. Agora era possível ver a estação. Daquele ponto, os vários módulos, barracões e armazéns pareciam blocos de Lego com os quais Michael brincara quando era criança, espalhados com o mínimo de ordem possível. Era uma coleção de estruturas pretas e cinzas, com círculos pintados com tinta amarela reflexiva nos telhados para que a base fosse vista pelos aviões de suprimento no longo e escuro inverno austral.

Se já era difícil viver ali no verão com a luz eterna, Michael não conseguia imaginar como alguém suportava o inverno no Polo Sul.

Danzig mexeu-se na cesta e levantou a cabeça.

— Já chegamos? — murmurou.

— Quase — Michael respondeu.

Já era possível ver a bandeira americana, tão esticada pelo vento que parecia parada.

— Mas, já que você acordou — falou Michael —, o que se diz para fazer os cachorros pararem?

— Tenta ôôôa.

— Tenta?

— Nem sempre dá certo. Puxa as rédeas com força e pisa no freio.

Michael olhou para a barra de ferro com dois ganchos que funcionava como freio e se preparou para pisar nela assim que o trenó chegou a 100 metros do canil. Não esperava que a parada fosse suave.

Escutou o rugido distante de um snowmobile vindo da direção do oceano e foi inevitável compará-lo ao assobio suave e natural do trenó. Sendo um fotógrafo, alguém que dependia das invenções mais modernas, Michael sabia que não podia desprezar a tecnologia. Ora, se não fosse pelos aviões, ele jamais teria chegado ali. Sem câmeras digitais, estaria sofrendo com vários rolos de filmes congelados, partidos e arranhados. Mas o barulho do snowmobile, que deveria chegar à base junto com ele, era urna intromissão, como um cortador de grama quebrando o silêncio de uma manhã perfeita de agosto. Ao vê-lo riscar o gelo como um inseto preto correndo sobre uma mesa, imaginou se seria Darryl pilotando o snowmobile, carregado de novos espécimes.

O canil localizava-se nos fundos da estação, depois dos módulos que abrigavam os dormitórios e a administração, no local onde os laboratórios ficavam imprensados contra os geradores e barracões de equipamentos. Mesmo com os geradores dispostos o mais longe possível dos dormitórios, Michael ainda seguia ouvir o zumbido distante certas noites, na hora em que o vento acalmava. Quando reclamara sobre isso no café da manhã, ouvira de Franklin:

— É para se preocupar quando você não ouvir o barulho.

Os cachorros percorreram um caminho estreito entre o reservatório de amostras, o laboratório de botânica e a garagem onde ficavam Sprytes, snowmobile

perfuradores, seguindo pata o canil por uma viela tortuosa a partir do laboratório de biologia marinha. Michael gritou “Ôôôa!” quase sem efeito e meteu os dois pés no freio. Sentiu as garras de aço penetrando no permafrost e diminuindo a velocidade do trenó, mas não o suficiente para garantir uma parada suave. Gritou outra vez e puxou as rédeas jogando todo o peso do corpo para trás, até que viu a ponta do trenó levantar alguns centímetros, e os cães aos poucos foram diminuindo a velocidade. Kodiak parou de lutar contra os arreios e passou a trotar, fazendo com que os outros cães o imitassem imediatamente. Os esquis rasgaram a neve e o gelo quase em silêncio até o trenó parar no canil, que era um barracão aberto com um palheiro no segundo andar, iluminado por urna forte luz branca. Pela animada reação dos cachorros, parecia que tinham chegado ao Ritz.

— Belo trabalho, esquimó — disse Danzig ao se levantar e sair da cesta. — Quanto foi a corrida?

Sinclair ouviu o trenó chegando pelo latido dos cães e pelo barulho dos esquis cortando a neve. Mas não arriscou abrir a porta para ver o que ocorria lá fora porque, até onde sabia, podia haver um guarda do outro lado.

Não havia janelas, mas viu um painel de vidro logo abaixo do teto, próximo da porta. Arrastou um banco em silêncio até lá e subiu para tentar ver o lado de fora, com as meias ainda molhadas fazendo barulho no assento. Os cães latiam bem próximo, mas a janela estava tão coberta por gelo e neve que era difícil enxergar qualquer coisa. No entanto, havia uma espécie de maçaneta do lado de dentro, como uma alavanca, e quando Sinclair a acionou a borda inferior da janela levantou, empurrando um pouco de neve para fora. Mexeu de novo na alavanca e conseguiu abrir uma fresta de poucos centímetros por onde era possível espiar. Apesar da abertura estreita, o vento que entrava era insuportável.

Viu um beco de neve batida por onde passava uma matilha de cães parecidos com lobos. Havia dois homens no trenó — um condutor, vestindo um casaco volumoso com capuz, e outro sujeito viajando no coche, com um colar de ossos no pescoço. O trenó parou dentro de um celeiro escancarado e bem iluminado, embora parecesse a Sinclair que era o meio da tarde ali fora. O sujeito saiu de dentro do coche. Sinclair não conseguia ouvir o que eles diziam, mas sua atenção foi atraída para os fundos do canil.

Seu baú estava lá. Aquele que continha o suprimento de garrafas.

Os homens abaixaram os capuzes e levantaram uma espécie de óculos enormes dos olhos. O condutor tinha longos cabelos negros e era alto e jovem, talvez da mesma idade que Sinclair. O outro, mais velho e corpulento, tinha uma barba espessa e feições eslavicas. Nenhum deles usava nada que se parecesse com um uniforme ou indicasse sua nacionalidade, mas isso pouco importava. Sinclair conhecera soldados tão exaustos e sobrecarregados pelos uniformes que, ao chegarem à linha de frente, pareciam mais um bando de arruaceiros do que representantes de Sua Majestade.

Enquanto o condutor enchia várias tigelas com comida proveniente de um saco, o barbudo soltava os arreios, o que fez Sinclair se lembrar dos próprios

cavalos e carruagens na propriedade familiar em Nottinghamshire. Um por um, os cães foram amarrados a estacas separadas por um curto espaço. Os olhos dos animais estavam vidrados nas tigelas enquanto o jovem as distribuía. Enquanto os cachorros devoravam a comida, o barbudo tirou o casacão, revelando outro por baixo, e o pendurou em um gancho na parede, onde Sinclair notou haver uma variedade de outras roupas, chapéus, luvas e até mesmo um par daqueles óculos verdes.

Cada vez mais ficava convencido de que teria que pilhar aquele celeiro. Havia comida (mesmo que apenas destinada a cachorros), roupas... e seu baú.

— O que está vendo? — Eleanor sussurrou.

— Nosso próximo objetivo.

Desceu do banco e começou a vestir as roupas.

— Já secaram? — perguntou Eleanor. — Se não secaram...

Sinclair tirou o sabre da bainha, após ele ter ficado preso por um momento, e o embainhou de volta. Torcia para que não precisasse sacá-lo, mas era melhor saber que podia usá-lo se a situação assim exigisse...

— O que deseja que eu faça? — indagou Eleanor com a voz não apenas baixa, mas fraca. Sinclair tinha noção de que nenhum dos dois havia testado a própria força, e imaginava se Eleanor teria condições de viajar sob o mesmo clima hostil que haviam encarado da última vez. E com certeza eles teriam que viajar.

— Quero que se vista outra vez e venha comigo — ele disse ao tirar o xale dela do banco onde estava secando. Ela ficou de pé, um pouco sem equilíbrio, e Sinclair colocou o xale ainda quente do gradil em seus ombros. Eleanor calçou os sapatos e ele se abaixou para amarrá-los.

— Talvez nós devêssemos esperar aqui — ela falou. — Quem sabe não estamos fora de perigo?

— Uma enfermeira — respondeu Sinclair, ainda amarrando os sapatos — não corre perigo, não se tiverem um pinga de decência. Mas uma enfermeira com essa estranha doença — disse ao ficar de pé e olhar nos olhos esmeralda de Eleanor — pode não ser o caso. Como a explicaria para eles? — Sinclair nem precisou comentar sobre os outros problemas que um oficial britânico, também vítima da mesma doença, poderia enfrentar caso caísse em mãos erradas. Se havia algo que aprendera na passagem pelo leste, uma coisa que sabia com certeza, era a capacidade do homem de ser cruel em relação ao semelhante.

Também aprendera a não confiar em ninguém. Se uma pessoa tinha amor a vida, era importante realizar o próprio reconhecimento de terreno e tomar as próprias decisões. Caso contrário, ela era capaz de entrar em uma enrascada... como cavalgar, por exemplo, em direção aos canhões de uma bateria russa...

Depois de agasalhar Eleanor o máximo possível, Sinclair subiu no banco e viu que os dois homens haviam se retirado. Desceu e foi até a porta. Abriu primeiro uma nesga, por onde o vento entrou uivando, e então o suficiente para poder sair.

Não viu ninguém ao olhar para os dois lados, apenas construções baixas e escuras, feitas de latão ou outro metal em vez de madeira, espalhadas ao longo de

um pátio desolado, O céu tinha o mesmo brilho de metal polido de que ele se lembrava do convés do Coventry, quando o albatroz branco pousou no mastro e assistiu, impassível, ao casal ser acorrentado e jogado no mar gelado.

Eleanor saiu hesitante atrás de Sinclair, levantando o rosto para o sol e fechando os olhos. Sinclair achou que a pele dela parecia tão lisa, branca sem vida quanto mármore. O longo cabelo castanho caía solto ao redor das bochechas, e os lábios se abriram para sorver o ar gelado como se fosse um raro manjar. De certa forma, o vento que batia na pele desprotegida era frio e puro como uma geleira. Deixava o rosto ardendo e os dedos latejando. Porém... por mais gelado que fosse o ar, trazia o gosto, o cheiro e a sensação de estarem vivos. Por anos, ou séculos talvez, os dois ficaram confinados na prisão gelada, imóveis e intocáveis. Mas o vento, mais do que o rompimento do gelo ou o ar quente do gradil, trouxe de volta o doloroso prazer da vida. Nem ela, nem Sinclair precisaram dizer sequer uma palavra. Os dois apenas saborearam o mundo físico, ali, no topo da rampa coberta de neve — mesmo um mundo hostil e selvagem como aquele.

Um dos cachorros do outro lado parou de lamber a tigela, levantou o olhar e rosnou baixo. Eleanor abriu os olhos e notou os cães.

— Sinclair... — ela começou a dizer, mas ele a interrompeu.

— Há um trenó também — falou.

— Mas para onde iremos? — O olhar de Eleanor seguiu pelo beco sombrio até as montanhas distantes.

— Os cachorros saberão. Com certeza são usados para ir a algum lugar.

Sinclair pegou a mão de Eleanor antes que ela a oferecesse e desceu a rampa. As botas não eram apropriadas para o gelo e a neve, o que fez com que escorregasse várias vezes. A bainha bateu contra o corrimão de metal e Sinclair imediatamente olhou em volta, assustado, mas dificilmente alguém teria ouvido com o barulho do vento. Andaram depressa pela passagem e entraram na luz forte do canil, onde estavam separados dos cachorros apenas por uma divisória baixa de madeira.

Eleanor encostou-se na parede, porque já estava exausta, com os joelhos tremendo, enquanto Sinclair foi direto para os cabides com roupas na parede. Escolheu um casaco longo e volumoso, feito com um tecido macio como seda, porém sem brilho, e forçou Eleanor a vesti-lo. A roupa pesava menos do que ele imaginava e era tão grande que podia dar duas voltas em torno de Eleanor. A borda caía sobre o chão, e o capuz cobria o rosto dela como o traje de um monge. Mas logo Eleanor parou de tremer de frio.

— Vista um também — ela disse.

Sinclair pegou um casaco mais curto que batia na coxa, um modelo vermelho com uma cruz branca nas mangas e outra nas costas, mas não sabia como fechá-lo. Havia uma longa tira de pequenos dentes de metal na frente. Sinclair tentou uni-los, mas eles não se prendiam. Felizmente, encontrou alguns botões de metal debaixo de uma aba estreita que se juntavam ao serem pressionados.

Os cachorros tinham terminado a comida e estavam agitados. Vários deles olhavam para Eleanor e Sinclair. Quando ele foi até o saco de comida, um dos cães latiu, sem dúvida pensando que receberia uma segunda porção. Mas Sinclair pôs a mão dentro do saco, tirou um punhado de bolinhas do tamanho de munição e levou ao nariz. O cheiro lembrava o de um cavalo. Colocou uma bolinha na boca. O gosto era pungente, mas suportável. Engoliu uma e depois o punhado inteiro. Eram crocantes, mas não tão duras quanto os biscoitos do navio.

— Aqui — disse ao entregar outro punhado para Eleanor. — Não é grande coisa, mas não chega a ser pior do que a ração do Exército.

Mas o cheiro pareceu incomodá-la. Eleanor virou o rosto, balançando a cabeça. Sinclair colocou as bolinhas dentro de um dos volumosos bolsos do casaco vermelho. Não havia tempo para discutir sobre isso agora. Ele tinha muito o que fazer.

Foi até o baú no fundo do canil e se ajoelhou ao lado dele. As correntes haviam sumido e o ferrolho fora quebrado. Levantou com calma a tampa meio solta e dentro encontrou o casaco de campanha encharcado, esporas, capacete e alguns livros congelados e aparentemente intatos, como por milagre. Finalmente, viu três garrafas em perfeito estado, com rótulos ilegíveis indicando que eram vinho madeira de San Cristobal. Pegou logo as garrafas, embrulhou no casaco de campanha e colocou com cuidado dentro da cesta do trenó. Descobriu que havia compartimentos vazios de carga nas laterais e jogou dentro deles o equipamento de equitação e os livros.

Por fim, arrastou o saco de comida até o trenó. Os cães ficaram nas quatro patas, presos nas estacas em estado de alerta silencioso, convencidos de que a ração estava sendo roubada. Ou então provocados pelo cheiro de Sinclair. Sabia que os animais geralmente ficavam nervosos com sua presença... desde Balaclava.

O líder da matilha, um bicho imenso com olhos parecidos com ágata azul, latiu furiosamente e forçou a estaca.

— Quietos! — Sinclair ordenou, tentando manter o tom de voz baixo, mas autoritário. Rezou para que o vento uivante impedisse que alguém escutasse. Porém ao erguer o saco para colocar no trenó, o cachorro saltou no ar e foi contido apenas pela curta corrente que ia da coleira à estaca.

— Já chega! — declarou Sinclair.

Eleanor estava encolhida de medo contra a parede, mas ele a levou até o trenó e a ajudou a entrar.

— Como vai colocar os arreios? — ela perguntou, com uma voz quase inaudível saindo do capuz.

— Do mesmo jeito que fiz com cavalos toda a minha vida — respondeu Sinclair, embora, verdade fosse dita, também se perguntasse a mesma coisa. Não esperava uma rebelião. E tinha que controlar o barulho imediatamente ou o plano todo daria errado.

Sinclair deu a volta na divisória de madeira, pegou o arreio pela frente e o levantou. Não era tão diferente do usado em carruagens. Os outros cachorros

ficaram observando com atenção, mas o líder não deixou barato outra vez. Latindo alto, ele pulou na direção do intruso, mas foi puxado para o chão pela estaca. Ficou nas quatro patas instantaneamente, com baba voando do focinho, e pulou de novo — só que dessa vez a estaca entortou e foi arrancada. Até o cachorro pareceu surpreso. Ele passou voando por Sinclair e bateu com o focinho contra a parede de madeira. Deu meia-volta, arrastando a corrente e a estaca, e avançou contra Sinclair, que conseguiu dar um passo para o lado e aparar o ataque com o braço. A estaca solta ficou presa em outra, ainda cravada no permafrost, e Sinclair aproveitou o tempo que o cachorro levou para se soltar para pular atrás da divisória.

Eleanor gritou o nome de Sinclair, mas ele mandou que permanecesse no trenó. O cachorro começou a avançar contra Sinclair por um lado, mas quando viu que ele recuou para o fundo do canil, onde a escada de madeira levava ao mezanino, mudou de direção e deu a volta correndo pelo outro lado. Sinclair estava no meio da escada quando sentiu as presas do cão cravarem na bota, rasgando o couro. Ah, como gostaria de estar com as esporas agora. Ao lutar para subir os últimos degraus, o cão ficou pendurado na sua perna. Agarrou as tábuas com os dedos enquanto chutou o animal suspenso.

Quando o cachorro largou de repente e caiu, Sinclair tropeçou para dentro do mezanino. O resto dos cães latiu lá embaixo. Assim que Sinclair se virou e se segurou, ouviu as patas do animal solto tentando subir os degraus estreitos, e então a imensa cabeça apareceu no topo, com olhar selvagem e mandíbulas abertas. O tenente sabia o que tinha que fazer, e assim que o cachorro pulou contra ele, Sinclair sacou a espada e esperou o inimigo com a lâmina apontada em sua direção. O cão ganiu quando foi empalado no sabre pelo próprio peso e impulso, puxando o braço de Sinclair com ele. O tenente caiu ao lado do animal agonizante, com o pulso preso debaixo do pescoço. Sinclair foi para trás puxando o sabre, mas a arma já tinha cumprido seu dever. O cachorro, com sangue saindo da ferida e manchando a pele branca, ficou se contorcendo chão coberto de palha. Sinclair afastou-se ainda mais, fora do alcance de um último avanço, e esperou que o próprio fôlego voltasse. Ouviu um som gutural garganta do animal e finalmente os gritos angustiados de Eleanor.

— Sinclair! Você está bem? Sinclair!

— Sim — respondeu, tentando manter a própria voz baixa. — Estou bem.

Olhou para a bota rasgada, onde o couro ficou coberto pela baba do cachorro, e sentiu o sangue escorrendo pela panturrilha. O cachorro tinha mordido firme. Ficou de pé e voltou para a escada, dando a volta pelo cão agonizante. A forte luz branca, que vinha de uma espécie de globo preso no projetava a sombra de Sinclair nos degraus abaixo dele. Era, com certeza, um mundo cheio de maravilhas, como o calor que saía de gradis sem fumaça, a luz oriunda de globos de vidro e os casacos feitos de um tecido que nunca tinha visto, mas não era um mundo totalmente irreconhecível. Não, pensou ao limpar a mancha escarlate da mão, em termos de violência o mundo não havia mudado em nada.

26

13 de dezembro, 19h30

ASSIM QUE RETORNOU À BASE, MICHAEL CORREU PARA O QUARTO, trocou alguns equipamentos de fotografia e saiu à procura de Darryl. Estava a caminho do laboratório de biologia marinha quando esbarrou com Charlotte na passarela coberta de neve.

— Bem-vindo de volta — disse ela. — Quer jantar comigo?

— Primeiro a obrigação — falou Michael, levantando a câmera pendurada no pescoço. — Já faz horas que tirei uma foto do bloco de gelo.

— Então uma a mais não vai fazer diferença disse Charlotte ao dar o braço para Michael e puxá-lo na direção oposta. Além disso, o Darryl está no bandejão.

— Tem certeza? — disse ele, não arredando o pé.

— Absoluta — a médica assegurou. — E você sabe que ele não gosta que ninguém vá ao laboratório sem que ele esteja lá.

Michael sabia mesmo que Darryl era bem territorial, mas ainda assim teria arriscado ir ao laboratório, caso Charlotte não tivesse sido tão insistente ao puxá-lo pelo braço. Além disso, estava morrendo de fome depois da viagem à estação baleeira. Disse para si mesmo que seria um lanche rápido e arrastaria Darryl de volta com ele.

No curto trajeto até o bandejão, Charlotte contou que tinha acabado de atender Lawson, que deixara cair um equipamento de esqui no pé, mas Michael não conseguia prestar atenção. Tinha a estranha sensação de que estava perdendo algo, uma intuição que aumentava a cada batida da câmera no peito.

— Mas uma coisa é certa — Charlotte disse enquanto subiam a rampa do bandejão. — Não tenho uma alma sequer na enfermaria. Se eu conseguir mantê-la desse jeito pelos próximos seis meses, esse lance não vai ser tão ruim assim, afinal.

No bandejão, tiraram os casacos e acessórios, e encheram os pratos de cozido de carne, arroz doce e pão caseiro, feito sem fermento industrial. Um prato de saladinha não adiantava nada na Antártica. Provetas e milicos entravam e saíam,

e até mesmo Ackerley o Estranho, estava sentado em uma das mesas tipo piquenique com alguns colegas. Ele geralmente só pegava leite e algumas caixas de cereal a fim de levar de volta para o laboratório de botânica. Embora não houvesse horário rígido para as refeições em Point Adélie, afinal ninguém conseguiria respeitá-lo, o pessoal da cozinha, comandado por um velho cozinheiro da Marinha que insistia em ser chamado de Tio Barney, sempre tinha alguma coisa pronta. Ninguém, nem mesmo Murphy O'Connor, sabia o segredo do truque.

Michael notou Darryl antes de Charlotte. Ele estava quase escondido atrás de uma pilha de arroz e vagens, com o nariz enfiado em algum relatório do laboratório. Michael pousou a bandeja do outro lado da mesa e Charlotte se sentou ao lado dele.

Darryl ergueu os olhos enquanto passava um guardanapo de papel na boca.

— Que belo casal — disse e bateu com os dedos na papelada. — Essas são as leituras da amostra de sangue na garrafa de vinho — falou como se fosse o que eles estavam esperando.

— E é isso que você traz para o jantar? — perguntou Charlotte ao abrir guardanapo.

— É fascinante — Darryl disse, mas, quando começou a dar detalhes sobre o sangue podre, Charlotte enfiou um pão em sua boca.

— Mamãe não falou que é feio falar de certos assuntos à mesa?

Michael riu, assim como Darryl quando tirou o pão da boca.

— Mas é sério, vocês não vão acreditar na proporção de células sanguíneas — falou, começando tudo de novo, mas Charlotte o interrompeu:

— Michael, por que não conta para nós o que você fez hoje? — ela disse.

Darryl desistiu, abriu o pão quente e começou a enchê-lo de manteiga, enquanto Michael contava histórias da estação norueguesa e da condução do trenó até a base.

— Danzig deixou? — perguntou Darryl.

Michael fez que sim, engolindo um pedaço um pouco duro do cozido.

— Na verdade, acho que eu te vi voltando da base de mergulho num *snowmobile*

Darryl admitiu ter estado lá.

— Mas dessa vez nada que eu peguei nas armadilhas valia a pena manter. Vou tentar de novo amanhã.

Comeram em silêncio por alguns minutos. No Polo, cada refeição era uma espécie de comunhão, uma maneira de informar as horas para o corpo, um intervalo do dia eterno. Muitas vezes a pessoa ficava na dúvida se tinha ido almoçar ou jantar, mas Tio Barney facilitava as coisas ao servir sanduíches no almoço e pratos quentes para o jantar, como cozido, espaguete ou chili com carne moída. Betty e Tina tinham sugerido que velas fossem acesas para os jantares, mas os milicos rejeitaram categoricamente a ideia com um recado chulo preso no quadro de avisos fora do escritório de Murphy.

Michael tentou ser paciente, mas perguntou antes que Darryl terminasse uma torta de pêssegos:

— Você está planejando voltar ao laboratório hoje à noite, né?

Darryl fez que sim com a cabeça enquanto perseguia um pedaço fujão de pêssego no prato.

— Porque eu posso ir me adiantando — disse Michael —, se você não se importar.

Darryl pegou o pêssego, comeu e disse:

— Dá um tempo. Eu já vou. — Amassou o guardanapo e jogou no prato. — Quero ver como andam as coisas tanto quanto você.

Charlotte falou ao terminar o café com leite:

— Também estou dentro.

Após colocarem casacos, luvas e óculos de proteção, eles estavam praticamente irreconhecíveis, mesmo uns para os outros. Na Antártica, as pessoas reconheciam as outras geralmente em função de algum detalhe simples — cachecol colorido, um gorro, o jeito de andar —, porque, tirando isso, todos pareciam enormes embrulhos acolchoados de borracha e lã.

A noite estava estranhamente silenciosa e nuvens esparsas escondiam o sol. Eram sinais de que o tempo ia ficar ruim. O trio passou pelo laboratório de glaciologia com as botas triturando o gelo e a neve. Ouviram o zumbido de uma broca dentro do reservatório de amostras e se aproximaram do barracão do trenó. Ao longe, o laboratório de botânica chamava a atenção com as luzes da estufa ligadas. Tudo isso fazia Michael lembrar as noites de Natal nos tempos de criança, quando era levado pelos pais à missa da meia-noite, cheio de expectativa. Ele sabia então que algo maravilhoso esperava por ele de manhã, e agora tinha certeza de que uma coisa incrível o aguardava naquele módulo escuro depois da curva.

Darryl deu uma corridinha à frente e subiu a rampa. Para não manter a porta aberta mais do que o necessário, ele esperou que os dois o alcançassem antes de abri-la e os três entraram ao mesmo tempo. Ninguém trancava um laboratório em Point Adélie, por uma medida de segurança ditada por Murphy como se fosse lei.

A primeira coisa que Michael notou, antes mesmo de abrir o casaco, foi o chão molhado. O laboratório de biologia marinha sempre teve água derramada, e era por isso que ficava sobre um bloco de concreto com vários ralos espalhados, mas parecia mais encharcado do que de costume. As botas de borracha fizeram barulho enquanto Michael dava a volta pela bancada, onde ficava o microscópio e o monitor, e ao seguir Darryl até o tanque do aquário central.

Pelo que Michael podia ver, os tubos de PVC continuavam a trabalhar e ainda pingava água da borda do tanque. Porém, à exceção da água do mar, o tanque estava vazio. Não havia bloco de gelo e com certeza não havia qualquer corpo flutuando. Pedacos de gelo eram levados pelo suave movimento da água como pequenos icebergs. O laboratório inteiro tinha um forte cheiro de maresia. Mas Michael estava intrigado, e, para dizer a verdade, um pouco chateado. Darryl estava de brincadeira? Porque, se estivesse, não tinha a menor graça. Ele,

Michael, tinha que ter sido consultado se os corpos precisassem ser mudados de lugar outra vez.

— OK, que história é essa? — perguntou para Darryl. — Você pediu para alguém tirar eles daqui? — Mas, pela expressão atônita do amigo, Michael já sabia a resposta.

— Onde eles estão? — Charlotte indagou inocentemente, tirando um longo cachecol do pescoço.

— Eu... não... sei — Darryl respondeu.

— Como assim você não sabe? — disse ela. — Você acha que a Betty e a Tina pegaram os corpos de volta?

— Eu não sei... — Darryl repetiu.

Ela também percebeu a surpresa no tom de voz do cientista. Olhou para Michael sobre a cabeça de Darryl.

— Bem, com certeza eles não levantaram e foram embora por conta própria — Charlotte comentou.

Mas o silêncio ficou pesado. Michael deu a volta no tanque e desligou as válvulas dos tubos de PVC. Viu um banco em frente a um dos aquecedores e outro próximo à porta. Perguntou-se por que Darryl teria arrastado os bancos daquela forma.

— Eu sei que você gosta de privacidade, mas alguém mais tem trabalhado com você aqui dentro? — indagou.

— Não — Darryl respondeu em voz baixa, como se ainda não conseguisse entender a tragédia. Continuava parado perto da borda do tanque.

— O Murphy vai saber o que aconteceu — Charlotte disse em um tom otimista. — Ele deve ter mandado transferir os corpos. — Foi até o interfone perto da porta. Até mesmo ela pareceu intrigada com o banco que estava no caminho.

De cabeça quente, Michael usou um esfregão para empurrar um pouco da água em direção aos ralos, enquanto Darryl olhava para dentro do tanque como se isso fosse fazer os corpos reaparecerem. Charlotte falou pelo interfone e Michael não precisou ouvir mais do que algumas palavras — “aqui não”, “tem certeza?”, “claro que sim” — para saber que Murphy O’Connor ficara tão confuso com o que estava ouvindo quanto o resto.

Darryl, pensando e franzindo a testa, recuou até a bancada do laboratório e se sentou em frente ao microscópio. Michael afastou o banco do aquecedor com o esfregão e notou que havia uma poça embaixo dele, embora a água que vazara do tanque não tivesse chegado até ali. Era quase como se alguma coisa tivesse secado e pingado no chão. Olhou para o outro banco fora do lugar, aquele perto da porta, encostou o esfregão na parede e foi até ele.

Charlotte desligou o interfone e disse que Murphy não tinha ideia do que estava acontecendo.

— Ele vai entrar em contato com o Lawson e o Franklin. Talvez eles saibam o que está rolando.

Michael olhou embaixo do banco perto da porta, e, embora não houvesse água alguma ali, sentiu de repente uma rajada de ar frio no ombro e ergueu os olhos. Uma janela estreita e retangular, que mais parecia uma abertura de ventilação, corria ao longo do teto inteiro. Quando subiu no banco, descobriu que a janela fora aberta. Flocos de neve e gelo já tinham começado a se formar na borda interior. Através da abertura, enxergou o pátio e a forte luz vinda do canil e do barracão do trenó, onde tudo aparentava estar calmo e tranquilo.

— Darryl, você abriu essa ventilação? — perguntou.

— O quê? — Darryl olhou para Michael, equilibrado precariamente no banco.

— Não. Duvido até que eu consiga alcançar.

Michael fechou a janela outra vez e desceu. Alguém, pensou ele, a tinha aberto recentemente para dar uma olhada lá fora.

— Quer ouvir mais uma? — falou Darryl, conformado.

— É notícia boa ou ruim? — Charlotte perguntou.

— A garrafa de vinho sumiu.

— Não estava sobre a bancada? — Michael indagou e Darryl assentiu.

— Estava bem ali ao lado do microscópio — disse e pegou uma lâmina. — Ainda tenho isso aqui como prova de que a porcaria existiu. Mas não há mais garrafa nem corpos.

A situação, porém, fazia sentido para Michael. Quem quer que tivesse ido pegar os corpos também levava a garrafa de vinho. Mas por quê? A lâmina devia ter passado despercebida. Será que alguém realmente iria destruir todas as provas para parecer que a descoberta jamais acontecera? Qual seria o motivo para isso? Ou será que alguém queria ganhar um dinheiro em cima da descoberta? Isso fazia menos sentido ainda. Era uma ideia estúpida demais para um dos profetas, mas será que alguns dos milicos haviam descoberto o que acontecera e decidiram levar os corpos até a civilização para faturar com sua exibição?

Ou será que tudo não passava de uma grande pegadinha sem graça? Se o caso, Michael sabia que Murphy ia querer a cabeça dos envolvidos.

Michael percebeu que estava ficando desesperado e que essas ideias eram loucas. Precisava ficar calmo. Tinha que ser algo simples. Betty e Tina provavelmente haviam pegado o bloco de volta para continuar a trabalhar nele, ou algo assim. E o mistério seria resolvido antes que todos fossem dormir.

— Não tinha outras garrafas no baú que foi recuperado? — perguntou e os olhos de Darryl brilharam.

— Sim, tinha sim. Michael, onde eles colocaram o baú?

— Da última vez que eu vi, o Danzig tinha tirado do trenó. Estava nos fundos do canil.

— Então pelo menos aquelas ainda podem ter sobrado! — disse.

— Por que você e a Charlotte não dão uma olhada aqui pelo laboratório, para ver se mais alguma coisa sumiu, enquanto eu vou até o canil? — Desde que tinha olhado pela janela, Michael queria verificar todo aquele trajeto.

Fechou o casaco outra vez e, ao descer a rampa, procurou com cuidado por rastros de rodas de carrinho de mão, mas só viu pegadas de botas. Como alguém conseguira retirar aquele maldito bloco, ora? Avançou pela neve até o canil e encontrou o baú no mesmo lugar onde Danzig o colocara. Porém, apesar de ainda haver uma taça de prata gravada com as iniciais SAC e uma faixa branca de cintura, amarelada pelo tempo, todas as garrafas tinham sumido.

— Ei, o que diabos está acontecendo?

Michael virou-se e viu Danzig parado com os braços abertos em um gesto de espanto.

— Imagino que o Murphy tenha contado para você.

— Contado o quê?

— Ah, sobre os corpos que sumiram, os do bloco de gelo.

— Os cachorros, meu Deus, eu estou falando dos cachorros! Vem aí uma tempestade dos diabos e eu vim checar se estavam recolhidos para passar a noite.

— Olhou ao redor, como se, de alguma forma, tivesse deixado de vê-los. — Onde diabos eles estão?

Michael tinha ido tão determinado a recuperar as garrafas que não percebera que algo ainda mais surpreendente havia sumido. Mas agora notava as estacas dos cães, ainda presas ao chão, e as tigelas vazias de comida, viradas em cima da palha.

— O trenó sumiu, também — Danzig disse. — O que está acontecendo, porra?

Michael não acreditava que alguém ousasse mexer com os cães, muito menos sem a autorização expressa de Danzig, que com certeza não permitiria.

— Eu só vim verificar se o baú foi saqueado — disse Michael, sentindo que precisava explicar a própria presença. — E foi.

— Estou pouco me fodendo para isso ou para aquele par de picolés de gente. Cadê os meus cachorros? — Danzig rugiu ao percorrer o canil com os olhos fixos no chão. — Há quanto tempo você está aqui?

— Cheguei um pouco antes de você.

— Diabos! — gritou ao chutar uma das tigelas pelo canil. Parou no pé da escada, tirou uma das luvas e tocou em alguma coisa nos degraus. Enquanto Michael observava, Danzig levou a mão ao rosto e cheirou.

— É sangue — falou, erguendo o olhar para o mezanino. E então subiu os degraus o mais rápido que as botas e roupas pesadas permitiram.

— Meu Deus, não! — Michael ouviu Danzig gritar. Quando chegou ao mezanino, o sujeito estava no chão, abraçado ao corpo ensanguentado de Kodiak.

— Quem fez isso? — Danzig estava murmurando. — Quem faria isso?

Michael também achava inconcebível.

— Vou matar o filho da puta — Danzig falou e Michael acreditou. — Vou matar o filho da puta que fez isso!

Michael colocou a mão no ombro de Danzig, sem saber o que dizer, e então viu os olhos do cachorro piscarem e se abrirem.

— Espera, olha... — começou a dizer assim que o husky soltou um rosnado baixo e feroz. E, antes que Danzig conseguisse reagir, o cão avançou contra o seu rosto. Danzig caiu para trás com o animal em cima, rosnando e rasgando-lhe as roupas e a pele. O homem bateu as pernas em desespero e tentou ficar de pé, mas o cachorro era forte demais, e estava possuído. Michael viu a corrente curta pendurada na coleira, ainda presa a estaca, e tentou pegá-la. Acorrente fugiu das suas mãos, mas ele tentou outra vez e finalmente conseguiu. Puxou com toda a força para trás e fez com que as mandíbulas do animal, pingando baba e sangue, ficassem longe da garganta de Danzig. A boca ainda tentava morder o dono quando Michael puxou o cachorro em direção à escada. As patas de Kodiak arranharam o chão de madeira, e só aí ele prestou atenção em Michael. O cão virou-se, com os olhos azuis cheios de ódio, e pulou. Como um toureiro, Michael deu um passinho para o lado e deixou o cachorro passar voando escada abaixo. Ouviu uma batida, o som de algo se partindo e um estalo alto... e finalmente silêncio.

Quando olhou para baixo, viu que a estaca ficara presa entre dois degraus e o cachorro pendia da corrente, com o pescoço quebrado, fazendo a escada ranger com o peso. Deitado no chão com a mão na garganta, Danzig murmurou “socorro” com a voz fraca como um gargarejo e o sangue jorrando sem parar entre os dedos. Michael arrancou o cachecol, enrolou com força no pescoço de Danzig e disse:

— Volto já com a dra. Barnes.

Desceu correndo as escadas, perplexo, enquanto o corpo de Kodiak balançava de um lado para outro, com sangue escorrendo de uma ferida no peito — como que isso havia acontecido? — e sujando a palha no chão.

27

13 de dezembro, 20h

SINCLAIR FEZ UMA LONGA CURVA PELOS FUNDOS da estação com o trenó para evitar ser visto. Prosseguiu pela neve e pelo gelo com o mar de um lado a distante cadeia de montanhas do outro. Eleanor estava segura dentro do trenó bem protegida pelo casaco volumoso que haviam roubado do barracão.

Os cães corriam sem problemas e pareciam saber exatamente para onde iam. Sinclair não fazia a mínima ideia do destino, mas estava preparado para qualquer eventualidade. Em dado momento, percebeu que os cachorros seguiam marcas na neve. Ficou em cima dos esquis, segurando firme nas rédeas, e, embora o ar fosse gelado e o sol não esquentasse nada, levantou o rosto e desfrutou o vento frio que fustigava a pele e enchia os pulmões como um fole. Poder sentir! Andar! Viver outra vez! Não importava o que acontecesse a seguir, ele aceitaria com prazer, porque nada era mais insuportável do que o aprisionamento no gelo. O casaco vermelho com cruzeiras brancas batia ao redor das pernas. O galão dourado do uniforme brilhava fraquinho no ar de inverno, mas ele sentia o sangue quente nas veias e até mesmo o cabelo parecia formigar.

Ele ouvia acima os guinchos inquietos de aves marrons, pretas e cinza. Embora quisesse a companhia silenciosa de um albatroz, não via o corpo branco como a neve do pássaro. Sabia que aquelas eram aves carnicieras pela coloração escura e pelo guincho irritante. Elas seguiam o trenó à procura de nada mais do que uma refeição. Sinclair já tinha visto pássaros assim antes, voando em círculos no céu azul e quente da Criméia. O sargento Hatch dissera que vinham de longe, até mesmo da África, atraídos pelo festim de carniça servido pelo Exército britânico.

— Alguns deles — Hatch acrescentara — com certeza vieram por minha causa.

Durante dias, Sinclair vira a pele bronzeada do sargento mudar para um tom amarelo mazelento. Até mesmo os olhos ganharam uma cor doentia. Havia ocasiões em que o sujeito tremia tanto na cela que Sinclair tomara a liberdade de amarrar uma corda em seus ombros até o cabeçote da sela.

— É malária — dissera Hatch, batendo os dentes. — Vai passar.

Os esquis subiram ao transpor uma elevação encoberta e desceram de novo, tão delicadamente quanto uma bailarina. Sinclair jamais tinha visto ou imaginado existir um veículo como aquele. Aliás, sequer conseguia identificar de que material era feito. O coche onde Eleanor estava era duro como aço, porém mais leve, muito mais leve, a julgar pela velocidade que alcançava ao ser puxado pelos cachorros.

Os pássaros acompanhavam o ritmo lá em cima, disparando pelo céu. Em comparação, os abutres na Crimeia eram mais preguiçosos, pairavam lentamente em círculos, e até ocasionalmente pousavam em árvores secas enquanto as colunas passavam marchando. Com as asas dobradas sobre os corpos marrons, os abutres de olhos negros observavam e esperavam que um soldado saísse cambaleando da formação, abatido pelo calor e pela sede, sucumbisse na beira da estrada. A espera nunca era longa. Sinclair, cavalgando lentamente sobre um esquelético Ajax, só observava os soldados da montaria tirando os quepes, depois os casacos, e aí então os mosquetes e a munição enquanto lutavam para manter o ritmo. Aqueles que contraíam cólera agonizavam no chão, apertando a barriga, implorando por água, morfina ou simplesmente uma bala para dar fim à agonia. Assim que o sofrimento acabava e os soldados finalmente jaziam imóveis, os abutres batiam as asas asquerosas e pousavam ao lado deles. Depois de uma tímida bicada ou duas, só para ter certeza da morte, os pássaros começavam os trabalhos com os bicos curvos e as garras.

Em uma ocasião, incapaz de se controlar, Sinclair dera um tiro em um dos abutres, que foi feito em pedaços diante de uma chuva de penas ensanguentadas, mas o sargento Hatch imediatamente se aproximara a galope, inclinado na própria sela, e o aconselhara a não repetir o ato.

— É um desperdício de munição e pode até alertar o inimigo nosso deslocamento.

Sinclair rira. Como o inimigo poderia não saber disso? Havia 60 mil homens marchando e levantando uma nuvem de poeira para o céu. E, desde que haviam desembarcado, eles se arrastavam lentamente pelas enormes planícies e pelos bosques cobertos por arbustos e espinhos da Crimeia. Havia encontrado o inimigo nas margens do rio Alma, e a infantaria escalara bravamente as montanhas sob o fogo devastador das baterias de canhões russos, capturando fortificações e afugentando os defensores.

Mas a cavalaria, incluindo o 17º Lanceiros, não tinha feito nada. Por ordens de lord Raglan, o comandante, ela deveria ser “mantida em uma chapeleira”. Essas palavras exatas circulavam entre as fileiras. A cavalaria tinha que ser guardada e preservada a fim de proteger os canhões, e, se um dia o exército chegasse a Sebastopol, deveria ajudá-lo a conquistar a fortaleza russa. Para Sinclair, a campanha inteira até então tinha sido uma longa série de humilhações e atrasos. E à noite, quando acampavam em alguma clareira infestada por mosquitos, nem precisava conversar com Rutherford ou o Francês. Todos sabiam o que os demais pensavam, e geralmente estavam cansados demais para fazer algo além de engolir

o rum e a carne de porco salgada, e procurar desesperadamente por algum lago ou fonte onde pudessem encher os cantis e dar água para os cavalos.

Pela manhã, os homens que tivessem ficado doentes durante a noite eram colocados em carroças, enquanto os mortos eram rapidamente enterrados em covas comunitárias. O fedor da morte acompanhava o Exército britânico onde quer que fosse. Sinclair imaginava, desesperado, que o mau cheiro jamais sairia da pele.

— Sinclair, vejo algo adiante — disse Eleanor de dentro do trenó, rosto virado em sua direção. — Você consegue enxergar? — Levantou o braço e apontou com fraqueza para noroeste.

Ele também viu um conjunto de construções escuras e um navio encalhado no litoral. Parecia um barco a vapor, pelo que dava para enxergar. Mas será que o lugar era habitado? E quem seriam os habitantes? Amigos ou inimigos?

Sinclair puxou as rédeas a fim de se aproximar mais devagar. Porém, quanto mais perto chegava, mais confiante ia ficando. Não saía fumaça das chaminés, não havia luzes nas janelas, nem barulho de potes e panelas. Não havia o mínimo sinal de vida. No entanto, os cachorros pareciam bastante acostumados com o local e passaram confiantes pelo labirinto de vielas geladas e construções abandonadas, parando o trenó no meio de um grande pátio completamente deserto. O novo líder da matilha — um animal cinzento com uma larga faixa branca no pescoço, como um cachecol — virou-se e olhou para Sinclair à espera de novas instruções.

Sinclair apeou e pisou com força em um aparato com ganchos que viu entre os esquis. Ele penetrou fundo no gelo e no solo congelado. Uma pontada de dor subiu pela sua perna como um lembrete da mordida que levava. O cachorro tinha rasgado a bota de equitação, deixando pendurada uma aba de couro manchada de sangue.

Eleanor mexeu-se dentro do trenó e disse em um tom de voz tão melancólico quanto as redondezas:

— Onde nós viemos parar?

Sinclair olhou ao redor para os armazéns e as imensas máquinas abandonadas. Em um barracão aberto, notou enormes tonéis de ferro, grandes o bastante para cozinhar uma boiada, e um emaranhado de correntes e roldanas enferrujadas. Havia trilhos de trem cruzando o pátio, praticamente invisíveis em alguns trechos, e carrinhos de mão ainda maiores do que aqueles que tinha visto nas minas de carvão de Newcastle. Tudo havia sido construído com um objetivo simples e direto: fazer dinheiro. E a única maneira de cumpri-lo em um lugar tão remoto e hostil era através da pesca ou da caça a focas e baleias. E em grande escala. Uma locomotiva negra, revestida de gelo como se fosse um marzipã com cobertura de açúcar, estava parada no fim de uma linha de trilhos enferrujados. Deveria haver umas vinte ou trinta construções espalhadas na planície congelada, com janelas quebradas e portas penduradas pelas dobradiças. E no topo de um morro lá atrás, Sinclair viu uma torre com uma cruz inclinada.

Por um instante, a visão fez com que hesitasse... e então acendeu a chama da revolta.

Sinclair pisou com a perna boa na alavanca do freio e, após algumas tentativas, sentiu que se soltara.

— Avante! — gritou para os cachorros, que a princípio hesitaram, mas, quando Sinclair gritou de novo e sacudiu as rédeas, eles puxaram os arreios e foram adiante.

— Para onde estamos indo? — perguntou Eleanor.

— Vamos subir o morro.

— Por quê? — indagou em um tom duvidoso.

Sinclair sabia o que ela estava pensando.

— Porque é o ponto mais alto — justificou —, e de lá teremos a melhor vista.

Tinha certeza de que Eleanor suspeitava de outro motivo.

Os cães passaram pelo que parecia ser uma ferraria abandonada, com forjas, bigornas e lanças quase tão grandes quanto a que ele usava em combate, e por um refeitório com mesas compridas, algumas ainda com velas congeladas em pires de metal. Pensou em voltar para pegá-las.

Os cachorros tiveram que abaixar as cabeças e levantar os ombros para puxar o trenó morro acima. Eram animais vigorosos e bem-treinados. Em outras circunstâncias, Sinclair gostaria de parabenizar o tratador. O que o sr. Nolan tinha feito com os cavalos, alguém tinha feito com aqueles cães.

Quando o trenó se aproximou da igreja, os cachorros diminuíram a velocidade para atravessar uma série de pedras e velhas cruzes de madeira que demarcavam os túmulos dos morros daquela base. Não havia ordem na disposição das sepulturas. As palavras gravadas em algumas das lápides haviam sido praticamente apagadas pela ação do vento constante. Uma delas tinha um anjo sem asas no topo, outra era decorada por uma mulher chorando sem um dos braços. Todas estavam voltadas para o mar congelado.

Sinclair pisou de novo no freio quando chegaram aos degraus de madeira que conduziam à capela. Desceu dos esquis e foi até Eleanor, mas ela estava encolhida dentro do trenó e não lhe estendeu a mão.

— Entremos — disse ele. — Parece ser o melhor abrigo que a base oferece.

Abrigo que seria necessário em breve. Nuvens negras tomavam conta do céu e o vento aumentava rapidamente. Sinclair tinha visto tempestades como aquela surgirem do nada e açoitarem o navio no qual haviam viajado, levando-o cada vez mais para o sul.

Mas Eleanor não se mexeu. O rosto que já era pálido estava ainda mais fantasmagórico.

— Sinclair, você sabe por que eu...

— Sei muito bem — ele disse —, e não quero ouvir uma palavra sequer sobre esse assunto.

— Mas há tantos outros lugares... — Eleanor falou. — Eu vi um salão de jantar à direita quando passamos...

— Um salão de jantar sem portas e um buraco no teto do tamanho da igreja de São Paulo...

A menção da catedral fez com que os dois se lembrassem de uma cantiga popular que costumavam recitar um para o outro em tempos mais felizes... sobre palmeiras tão altas quanto a igreja de São Paulo e areias tão brancas quanto as praias de Dover. Mas Sinclair tirou a ideia da cabeça e praticamente levantou Eleanor do trenó ao pegá-la pelo cotovelo.

— É superstição e tolice.

— Não é — ela disse. — Você lembra o que aconteceu... em Lisboa?

Era algo de que não se esqueceria tão cedo. Quando estiveram diante do altar da igreja de Santa Maria Maior, no que deveria ter sido um dia feliz para os dois, a mão de Deus resolveu intervir. A sorte foi que Sinclair tinha conseguido lugares a bordo do brigue *Coventry* para aquela mesma noite.

— Aquilo foi coincidência — disse Sinclair — e não teve nada a ver conosco. Ora, aquela cidade já tinha sido atingida por terremotos inúmeras vezes antes.

Não queria ceder a tais devaneios. Havia coisas e planos a serem feitos. Enquanto os cães se instalavam entre as lápides, recolhendo as cabeças e os rabos, Sinclair segurou Eleanor pelo braço com uma mão e manteve a outra no cabo da espada ao subir os degraus cobertos de neve. Os pássaros que os seguiam pousaram como gárgulas no telhado e na torre. Eleanor ergueu os olhos e os viu. Quando um deles guinchou alto, batendo as asas e esticando o bico, ela parou instantaneamente.

— É apenas um maldito pássaro — Sinclair desdenhou e a arrastou pelos degraus que faltavam.

Havia um par de portas enormes no topo, embora uma estivesse congelada e pendurada pelas dobradiças. Sinclair fez muito esforço, mas conseguiu empurrar a outra porta o suficiente para que pudessem passar. Havia uma pilha de neve atrás dela. Assim que Sinclair deu a volta por cima, ele pegou a mão de Eleanor para ajudá-la a entrar.

Os passos ecoavam no chão de pedra. Fileiras de bancos de madeira estavam voltadas para a frente, com livros de preces mofados em alguns assentos. Sinclair pegou um dos livros, mas as poucas palavras ainda legíveis não estavam em inglês. Se tivesse que adivinhar, diria que era alguma língua escandinava. Deixou que caísse no chão, e Eleanor automaticamente pegou o livro e o recolocou no banco. As paredes e telhados cheios de buracos eram feitos de tábuas polidas pela fúria dos elementos, revelando cada espiral e ranhura na madeira como uma mancha de vinho em uma toalha de mesa de linho. O altar era composto por uma mesa simples e uma cruz tosca pendurada nas vigas do telhado atrás dela. Envoltos pelo casaco volumoso, Eleanor hesitou e desviou o olhar, mas Sinclair prosseguiu audaciosamente até a nave e abriu os braços ao parar em frente ao altar.

— Bem, cá estou! — declarou como se apresentasse ao nobre que o convidara para uma caçada.

A voz ecoou pelas paredes, acompanhada apenas pelo vento que assobiava pelas janelas estreitas havia muito tempo sem vidros.

— Somos bem-vindos aqui — gritou, provocando — ou não?

Uma súbita rajada de vento soprou a neve empilhada no corredor, cobrindo com flocos brancos a ponta dos sapatos de Eleanor. Ela rapidamente entrou em uma fileira de bancos.

Sinclair virou-se, ainda de braços abertos, e disse:

— Viu? Nenhuma objeção.

Ele sabia que Eleanor tinha medo quando ele agia assim — sombrio, provocador e doido por uma briga. Mas esse lado negro surgia desde os tempos da Crimeia, tão inevitável e incontrollável quanto as sombras.

— Não consigo imaginar acomodações mais apropriadas — disse. Olhou ao redor e viu uma porta com grandes dobradiças negras atrás do altar. Seria a sacristia? Com as botas pretas ecoando no chão de pedra, Sinclair deu a volta pelo altar, que estava coberto por restos de fezes de ratos, e abriu a porta. Lá dentro viu um pequeno quarto com uma janela quadrada coberta por um par de persianas. Tinha pouca mobília: uma mesa, uma cadeira, um catre com um cobertor enrolado ao pé... e um aquecedor de ferro fundido. Por mais desolador que fosse o aposento, parecia que Sinclair tinha entrado na recepção do Longchamps Club. Mal podia esperar para mostrá-lo a Eleanor.

— Venha! — gritou. — Arrumamos uma suíte para a noite.

Eleanor obviamente não gostava de se aproximar tanto do altar, mas também não queria irritar Sinclair. Chegou à porta e deu uma olhada lá dentro. Ele a abraçou forte.

— Vou pegar as coisas no trenó e veremos o que é possível fazer, sim?

Sozinha, Eleanor foi até a janela, abriu a persiana e olhou para fora. Um vento forte soprava a neve sobre uma planície gelada coberta por várias outras lápides, a maioria delas quebrada ou tombada. No horizonte distante, uma cadeia de montanhas parecia a espinha dorsal de um monstro deitado. Não havia nada bonito à vista, nada capaz de levantar o moral e acender as esperanças. Resumindo, não havia nada para mudar a opinião de que aquele lugar era apenas um cenário de perdição, eternamente iluminado por um sol frio e morto.

O vento aumentou ainda mais, assobiando pelas calhas da igreja e fazendo tremer as próprias paredes.

28

13 de dezembro, 21h30

— **SEGURA ESSA COMPRESSA** — mandou Charlotte. — Segura firme!

Michael pressionou a compressa contra a garganta de Danzig, que ainda sangrava, enquanto ela cortava as pontas das suturas e soltava a tesoura na bacia.

— E fica de olho na pressão sanguínea!

Michael observou o monitor, que mostrava a pressão ficando cada vez mais baixa.

Desde o instante em que a médica entrara correndo no canil, as mãos de Charlotte não paravam de se mexer com rapidez e confiança. Agachou-se sobre Danzig, que lutava para respirar, e fechou o enorme buraco na garganta com os próprios dedos. Na enfermaria, inseriu um tubo de respiração, aplicou anestesia, suturou o ferimento e agora estava injetando uma agulha intravenosa para lhe fazer uma transfusão

— Ele vai sobreviver? — perguntou Michael, na dúvida se queria ouvir a resposta.

— Não sei. Ele perdeu muito sangue, a jugular foi cortada. E a traqueia foi prejudicada também. — Charlotte pendurou a bolsa de plasma no suporte e, após verificar se estava funcionando, preparou uma seringa. — Eu disse pro Murphy pedir ajuda. O Danzig precisa de mais socorro do que nós podemos oferecer aqui.

— Essa injeção é para quê? Raiva? — A compressa que Michael segurava estava úmida e manchada de rosa forte.

— Tétano — respondeu a médica, segurando a seringa contra a luz e pressionando o êmbolo. — Nem temos vacinas contra raiva aqui. Afinal, também não devia haver cachorros aqui.

Ela aplicou a injeção, mas, antes mesmo que retirasse a agulha, os monitores da pressão sanguínea e do eletrocardiograma começaram a bipar loucamente.

— Ai, merda — Charlotte disse ao jogar a agulha usada na pia e abrir um armário na parede atrás de si. — Ele está morrendo!

Um som constante e agourento tomou conta da sala.

Ela carregou o desfibrilador, algo que Michael tinha visto em dezenas de seriados médicos na televisão, e colocou sobre o imenso peito peludo de Danzig. A camisa de flanela tinha sido cortada e a pele estava pintada de laranja por causa de uma camada de mercurocromo. Um dos eletrodos foi colocado em cima da tatuagem de uma cabeça de husky. Michael imaginou se era uma homenagem a Kodiak. Charlotte contou até três, gritou “Afasta!” e pressionou os eletrodos. A carga fez o corpo dar um pulo, a cabeça de Danzig foi para trás e o corpo arqueou para cima.

Mas os monitores continuaram a emitir um zumbido constante. Ela gritou “Afasta!” de novo e aplicou outra carga em Danzig, enquanto

Michael permanecia próximo. O corpo deu um solavanco novamente... mas as linhas de vida nas telas permaneciam horizontais. Vários pontos da sutura foram abertos.

Com a respiração acelerada e as trancinhas caindo no rosto, Charlotte tentou mais uma vez, deixando um leve cheiro de churrasco na sala, mas nada mudou. O corpo ficou na horizontal outra vez, completamente inerte. O sangue saía devagar do pescoço rasgado e Michael não tinha nada nas mãos para absorvê-lo.

Charlotte secou a testa com as costas da manga, olhou outra vez para os monitores e desabou no banco atrás de si, com os ombros caídos e o rosto úmido de suor. Michael esperou. O que deveriam fazer em seguida? Com certeza não podia ser só isso.

— Devo fazer uma massagem cardíaca? — ele falou, levantando-se do banco e colocando as mãos em cima do peito de Danzig.

Mas Charlotte simplesmente balançou a cabeça.

— Eu não devia ao menos tentar? — disse Michael, pressionando com as mãos como tinha visto nas aulas de primeiros socorros. — Devo fazer respiração boca a boca?

— Ele morreu, querido.

— Só me diz o que eu devo fazer!

— Não há nada que você possa fazer — ela falou, olhando para o relógio. — Se quer saber, ele já estava morto no momento em que aquele maldito cachorro o atacou.

Sem olhar para trás, Charlotte esticou a mão e encontrou uma prancheta na bancada. Pegou a caneta presa por uma correntinha e registrou a hora do óbito.

Michael fechou os olhos de Danzig.

Charlotte desligou os aparelhos e pegou o colar de dente de morsa do chão, onde o tinha jogado de qualquer maneira.

— Era o amuleto de sorte dele — falou Michael.

— Não deu sorte o bastante — ela disse ao entregá-lo para Michael.

Ficaram sentados em silêncio, com o corpo entre eles, até que Murphy O'Connor enfiou a cabeça pela porta.

— Más notícias sobre o helicóptero — falou, então percebeu o que acontecera e murmurou: — Ah, minha Nossa Senhora.

Charlotte tirou o tubo da transfusão.

— Não tem pressa — disse. — Eles podem vir a qualquer hora.

Murphy passou a mão nos cabelos grisalhos e olhou para o chão.

— A tempestade vai piorar bastante até amanhecer. Disseram que vão ter que esperar passar.

Michael ouviu a ventania batendo nas paredes da enfermaria como punhos raivosos. Nem tinha percebido até então.

— Meu bom Jesus — Murphy murmurou. Começou a se virar e então falou com Charlotte: — Tenho certeza de que você fez o possível. Você é uma boa médica.

Charlotte pareceu não ligar para o elogio.

— Vou mandar o Franklin passar aqui para ajudar com o corpo. — Olhou para Michael. — Que tal você vir até o meu escritório? A gente precisa conversar.

Murphy foi embora e Michael não tinha certeza do que fazer. Não queria deixar Charlotte sozinha com o corpo, pelo menos não até que Franklin, ou qualquer outra pessoa, fosse à enfermaria.

— Tudo bem — ela falou, como se percebesse o dilema de Michael.

— Quem trabalha na emergência de Chicago está acostumado a ver corpos. Pode ir.

Michael levantou-se e guardou o colar de dente de morsa no bolso. Então foi até a pia, onde lavou bem as mãos...

Franklin chegou e, quando Michael saiu para o corredor, Charlotte falou:

— Aliás, obrigada. Você daria um belo enfermeiro.

No escritório de Murphy, Michael encontrou Darryl esquentando as mãos em um copo de papel com café. Dava para ver que tinha acabado de ser informado da morte de Danzig. Murphy estava recostado na cadeira, parecendo completamente esgotado. Michael apoiou-se em um arquivo amassado. Por um minuto ou dois, ninguém disse uma palavra. Não era preciso.

— Alguma ideia? — falou o chefe, finalmente. Foi seguido por novo silêncio.

— Se você se refere ao Danzig e ao cachorro, não — arriscou Darryl, enfim. — Mas, se estiver falando dos corpos desaparecidos, então tem algo que eu acho que está muito claro.

— E o que é?

— Alguém ficou maluco. Talvez seja um caso de *Big Eye*.

— Eu fiz uma contagem — respondeu Murphy — e até agora está todo mundo aqui, até o Estranho. Ninguém está insone, pelo menos não mais do que o normal, e ninguém saiu da estação.

Darryl considerou a informação e disse:

— Ok. Então, seja quem for escondeu os corpos em algum lugar, até porque está frio o suficiente lá fora para que congelem de novo, e voltou para a base.

— E os cachorros?

Darryl parou para pensar, mas Michael sabia que os cães teriam voltado por conta própria, a não ser que estivessem presos de alguma forma.

— Eles conseguem sobreviver a uma tempestade como essa? — Darryl perguntou.

— Para eles é como um dia na praia — Murphy zombou. — Vão se encolher e dormir enquanto ela passa. A merda é que qualquer trilha deixada por eles já sumiu.

Mas Michael teve um palpite de onde podiam ter ido.

— Stromviken — falou. — Eles costumam ir até lá como exercício. Pode ser — considerou Murphy —, mas, se alguém os levou até lá, mesmo que tivesse tempo, o que parece muito difícil, como teria retornado à base sem eles? Ninguém, nem mesmo eu, conseguiria voltar a pé sozinho, muito menos com uma tempestade dessas. Não dá para ninguém sair nesse caos.

— E se a pessoa usasse um snowmobile? — perguntou Michael. — Seria possível ter arrastado o bloco?

Murphy ficou com uma expressão intrigada.

— Acho que sim — respondeu. — Mas aí os cachorros teriam que puxar o snowmobile e mais os corpos no bloco de gelo.

— O bloco de gelo estava bem pequeno — Darryl interrompeu. — Logo já teria derretido todo.

Murphy fez uma pausa e então prosseguiu:

— Que seja. Mas então essa pessoa, seja lá quem for, deixou os corpos e cachorros em algum lugar lá fora como a estação baleeira, uma colônia de pinguins, uma caverna que a gente desconheça, e voltou correndo em um snowmobile do qual ninguém deu falta.

— E que ninguém ouviu chegar ou sair — Michael contribuiu.

— Certo, tem isso também — falou Murphy, esfregando de novo os cabelos grisalhos em sinal de cansaço. — Percebem que nada disso faz sentido?

Michael concordou, obviamente. Na verdade, esta era a primeira chance que tinha de tentar juntar as peças do quebra-cabeça. Não era de surpreender que Murphy parecesse exausto e completamente confuso.

Notou uma expressão de pura raiva no rosto de Darryl. Ele teve o laboratório invadido e o espécime mais valioso roubado.

— Não acho que alguém tenha conseguido sozinho — afirmou. — Tirar os corpos do tanque e colocar no trenó no pouco tempo entre a minha ausência e a descoberta de que eles tinham sumido? — Balançou a cabeça e falou:

— Seriam necessárias duas pessoas, pelo menos, para dar conta disso tudo.

— Então — falou Murphy —, o que você quer dizer? Tem alguns candidatos em mente?

Darryl tomou um gole do café e falou:

— Betty e Tina? Tem certeza que elas estão aqui?

— Por que a Betty e a Tina fariam uma coisa dessas? — perguntou Murphy.

— Eu não sei — Darryl respondeu irritado. — Mas talvez quisessem o trabalho para elas. Vai ver pensaram que eu o tirei da mão delas. Talvez tenham outros planos. — Darryl não só parecia desesperado, como tinha noção disso. Levantou os braços, revoltado, e deixou que caíssem no colo outra vez.

— Vou verificar com elas — Murphy disse em um tom nada convincente.

— Enquanto isso, eu quero uma tranca para o meu laboratório — insistiu Darryl. — Tenho que tomar cuidado com os meus peixes.

— Você realmente acha que alguém vai voltar para pegar os seus peixes também? — respondeu Murphy. — Não esquentar. Eu vou arrumar uma tranca para você.

13 de dezembro, 22h30

ENQUANTO SINCLAIR IA E VOLTAVA do trenó para pegar provisões, Eleanor tentou arrumar o que fazer na sacristia. Desenrolou o cobertor de lá, que estava duro como uma tábua de lavar roupa, e encontrou uma velha vassoura em um canto, com que tentou varrer as fezes de roedores do chão. Abriu o gradil do aquecedor de ferro fundido e encontrou um rato petrificado, deitado em uma cama de lascas de madeira e palha. Levantou-o pelo rabo e o jogou pela janela, que aferrolhou outra vez. Na mesa, perto de um toco de vela e de um molho de chaves enferrujadas, encontrou uma caixa de fósforos. Ficou surpresa quando conseguiu acender um deles. Levou-o até o aquecedor e após alguns instantes havia um pequeno fogo.

Pensou que Sinclair fosse ficar contente, mas após ter trazido alguns livros e garrafas do trenó, ele olhou desconfiado para a chama.

— A fumaça da chaminé — falou. — Ela vai nos denunciar.

— Para quem? Haveria outra alma nos próximos quilômetros? — Eleanor ficou desapontada diante da ideia de apagar o pequenino e alegre fogo.

— Mas esta tempestade irá dissipá-la — disse Sinclair, pensando alto. — Prossiga, meu amor.

Ele voltou a sair e Eleanor desmoronou na beirada do catre, perdendo as forças de repente. Os esforços das últimas horas provaram ser demais. Sentiu como se fosse desmaiar e se deitou, ainda enrolada no casaco, em cima do cobertor listrado e áspero. O quarto girava à sua volta. Fechou os olhos, agarrando as laterais do catre, da mesma forma que tinha feito naquela terrível viagem para Constantinopla havia tantos anos. Os mares revoltos haviam feito o navio, um barco a vapor chamado Vectis, jogar e inclinar. E os motores pararam de funcionar por um tempo depois que o navio deixara o porto de Marselha. Moira estava convencida de que iam morrer, de que o Vectis iria se partir na tempestade e afogar todo mundo. Eleanor precisou consolá-la até a manhã seguinte, quando o tempo mudou de repente e a embarcação recuperou os motores. Muitas das enfermeiras haviam

ficado mareadas ou até mais doentes que isso. Os marinheiros tiveram que carregá-las até o convés da popa, onde se recuperaram tomando ar fresco e sol. Moira ajoelhou-se perto da balaustrada e oferecera uma série de preces aos céus.

A srta. Florence Nightingale, ela própria uma vítima da péssima viagem, passara direto por Moira e Eleanor. Simplesmente inclinara a cabeça na direção delas, apoiada no braço da amiga, a sra. Selina Bracebridge. Selina era casada, e Florence, não (na verdade, era a mais famosa solteirona das Ilhas Britânicas). O comando militar tinha decidido que não seria apropriado que mulheres solteiras trabalhassem no estrangeiro, cuidando de soldados feridos. Então, à exceção da líder das enfermeiras, todas as 38 mulheres do grupo ganharam o título honorário de “senhora”, não importando o verdadeiro estado civil. Também receberam uniformes desenhados para esconder completamente a silhueta, tornando-as o menos atraente possível. Os vestidos eram cinzentos, sem caimento, e pareciam sacos de aniagem. Os quepes brancos eram acessórios ridículos que intencionalmente desvalorizavam a aparência de qualquer mulher. Eleanor ficou sabendo que uma das enfermeiras falara com a srta. Nightingale que aceitava qualquer dificuldade do trabalho, porém “tem quepes, senhora, que combinam com o rosto de uma pessoa, e outros modelos que combinam com o de outra, porém, se eu soubesse desses quepes, senhora, por mais que desejasse muito ser enfermeira em Scutari, eu não teria vindo, senhora”.

As enfermeiras que aceitaram participar da missão eram um grupo estranho. Eleanor sabia bem que levantavam suspeitas em muitas pessoas na Inglaterra. Setores da opinião pública e da imprensa britânicas consideravam-nas heroínas por partirem a fim de realizar um trabalho cruel, mas admirável, sob condições tão deploráveis. Mas havia quem as considerasse meras caçadoras de fortunas, moças vulgares e oportunistas da classe trabalhadora que esperavam conquistar um militar ferido em um momento de fraqueza. E embora 14 delas tivessem sido recrutadas em hospitais públicos, como Eleanor e Moira, a srta. Nightingale também selecionara seis freiras da St. John’s House, oito da irmandade anglicana da srta. Sellon¹¹ e dez freiras católicas apostólicas romanas, cinco do orfanato Norwood e cinco Irmãs da Misericórdia de Bermondsey. Apesar de vários soldados serem católicos, a ideia de que essas freiras cuidassem de feridos de outra fé — como, por exemplo, militares protestantes — absurdo para muitos na Inglaterra. E se, sob a desculpa de cuidar de pacientes, as irmãs usassem essa oportunidade de ouro para convertê-los em segredo, em nome da sinistra Igreja Romana?

Enquanto o Vectis se aproximava do estreito de Dardanelo, Eleanor viu a srta. Nightingale buscar o apoio da balaustrada do navio e olhar a terra que passava. O cabelo preto estava bem-penteado, dividido ao meio, e o rosto comprido, mais pálido do que o normal, tinha uma estranha expressão de êxtase. Eleanor olhou na mesma direção, mas só viu campos áridos e amarelos. A brisa do oceano trouxe

¹¹ Priscilia Lydia Sellon (1821-1876) fundou a sociedade das Irmãs de Misericórdia de Devonport e Plymouth. É considerada a restauradora da igreja anglicana após trezentos anos de sua criação. (N. do T)

algumas das palavras de Nightingale, e Eleanor ouviu-a exaltar “as famosas planícies de Troia, onde Aquiles lutou e Helena chorou” para a sra. Selina Bracebridge. Parecia fascinada pela visão. Eleanor sabia que a srta. Nightingale vinha de uma boa família e tinha estudado nas melhores escolas, e a invejava por isso. Ela mesma tinha ido a Londres na esperança de melhorar os estudos, mas o trabalho duro e incessante no hospital da Harley Street não dava tempo, ou dinheiro, para tal objetivo.

Sinclair tinha mudado um pouco essa situação.

Mas como ele teria reagido se soubesse que Eleanor estava a caminho da zona de conflito? Tinha certeza de que a teria avisado para não embarcar. Mas a ideia de que ela estaria a milhares de quilômetros, incapaz de ajudar o tenente quando fosse preciso, era insuportável. Quando surgiu a notícia de que estavam precisando de voluntários para os hospitais de campanha, Eleanor logo agarrara a oportunidade. Moita, cuja ligação com o capitão Rutherford era talvez mais racional do que apaixonada, inscrevera-se alegremente depois de dizer: “Cada ovelha com sua parelha.”

Imaginou o que teria acontecido com ela. Estava morta havia muito tempo é claro.

Entrando novamente no quarto, com os braços cheios de livros de preces, Sinclair falou:

— Vão servir direitinho. — Abaixou-se diante do aquecedor, rasgou vários livros e jogou as páginas amassadas dentro do fogo crescente. Eleanor não disse nada, embora o ato de sacrilégio tenha aumentado a sensação de incômodo.

Quando o fogo cresceu, ele fechou o gradil e contou que tinha pegado outras coisas também. Foi até a porta e arrastou uma sacola de lona que havia deixado do lado de fora. Retirou tocos de velas, pratos e canecas de latão, facas e colheres tortas e uma decantadeira rachada.

— Amanhã farei uma busca mais detalhada, mas por ora temos tudo de que precisamos. — Tinha retomado a postura militar, explorando as redondezas, recolhendo provisões, planejando estratégias. Eleanor ficou aliviada ao vê-lo assim e torcia para que continuasse com esse humor... porque sabia que uma atitude mais sombria podia substituí-lo a qualquer momento.

Pegando o saco de comida do canil apoiado contra o pé da mesa, Sinclair falou:

— Será que deveríamos aquecer um pouco para o jantar? — Parecia perguntar se ela queria um suflê de chocolate. — Comida — disse, antes de completar ao colocar uma das garrafas escuras de vinho na mesa: — e bebida.

30

14 de dezembro

A ENFERMARIA DE POINT ADÉLIE não tinha um necrotério, mas nem precisava, já que todo o continente antártico era um verdadeiro frigorífico. Murphy decidira manter o corpo de Danzig no ponto mais frio e protegido de todos: a câmara subterrânea do laboratório de glaciologia, construída 3 metros abaixo do reservatório de amostras. Também haviam usado o local no ano anterior para guardar o corpo do geólogo após ter sido retirado de uma fenda.

Betty e Tina não gostaram muito, mas entenderam a gravidade da situação e tiveram que ceder.

— Desde que o corpo fique hermeticamente acondicionado — disse Betty. — Não podemos arriscar qualquer contaminação das amostras de gelo.

— E eu não quero sentir o olhar do pobre coitado sobre mim — Tina acrescentou. — Lá embaixo já é assustador o bastante.

Michael teve que concordar. Ele ofereceu ajuda para Franklin mover o corpo, porque achava que, ao menos, devia isso a Danzig. Após Charlotte fazer alguns preparativos básicos, o corpo foi colocado em um saco mortuário transparente e depois em outro de lona verde-musgo. Michael e Franklin usaram uma maca para transportá-lo pelo pátio irregular até o laboratório de glaciologia. O vento era tão forte que virou a maca duas vezes. Michael sentiu um calafrio na espinha ao ter que levantar o corpo novamente. O cadáver já estava começando a enrijecer, fosse pelo rigor mortis ou pelos efeitos da temperatura abaixo de zero. Michael teve a sensação de levantar uma estátua.

Os degraus da câmara subterrânea foram esculpidos no próprio permafrost. Em vez de descer a maca por eles, Franklin e Michael simplesmente carregaram o corpo pelos pés e ombros. Ao entrarem, um sensor de presença acendeu uma única lâmpada branca que iluminou os dois com uma claridade opaca. Franklin indicou com o queixo um bloco esculpido em um dos cantos da câmara. Michael levantou a cabeça e os ombros do corpo a fim de jogá-lo sobre o bloco. Caiu fazendo um baque. Do outro lado da câmara, havia uma amostra cilíndrica de gelo

sobre uma mesa comprida, presa por um torno. Várias serras, furadeiras e ferramentas estavam penduradas na parede. Em um continente gelado, Michael achou aquele lugar o mais frio de todos — assustador. Uma tumba de gelo que só faltava ser vedada.

— Vamos cair fora daqui — disse Franklin. Michael imaginou tê-lo visto fazer discretamente o sinal da cruz.

Betty estava no topo da escada, com os braços ao redor do corpo para se proteger do vento gelado.

— Espero que ele não tenha que ficar muito tempo aí — ela falou para Franklin.

— Até que o próximo avião consiga chegar — ele respondeu já a caminho da sala de lazer. Mas Michael ficou para trás, porque tinha um belo pedaço de rosbife frio no bolso para a gaivota-rapineira de estimação. Quando o viu com a carne na mão, Betty deu um sorriso.

— O Ollie vai adorar.

Michael afastou a pilha de neve que voltou a se formar na frente da caixa, ajoelhou-se e olhou lá dentro. Lá estava ele, maior do que nunca, com o bico cinza saindo do ninho de serragem. Ao ver o benfeitor, o pássaro deu uma sacudidela e se levantou. Ollie examinou o rosbife na mão de Michael por um instante e avançou, pegando e devorando a carne com uma bicada só.

— Da próxima vez talvez seja melhor eu trazer um rabanete — disse Michael. A ave olhou para ele como se quisesse mais. — Um dia ele vai ter que voar daqui — falou sobre o ombro, e Betty riu.

— Ora, e largar essa vida mansa?

Quando Michael ficou de pé, ela disse:

— Fala sério, esse bicho já foi domesticado e provavelmente não sobreviveria a um dia no mundo selvagem. Lá não servem rosbife.

— Mas o que vai acontecer quando o meu período acabar? — falou Michael. — Não dá para levá-lo para Tacoma.

— Não se preocupa — respondeu Betty. — A Tina já está cuidando da papelada para adoção. O Ollie vai ficar bem.

Michael ficou mais tranquilo, pelo menos sobre essa pequena questão. Fazer o bem por alguém, ou até mesmo salvar uma vida, era algo que parecia pertencer a um passado tão distante que até uma pequena chance como essa o deixava feliz. Talvez a maldição que o perseguia desde a tragédia nas Cascades podia ser retirada afinal... um pouquinho de cada vez.

Voltando ao bandeirão, passou por uma das equipes de busca enviadas por Murphy. Era composta por Calloway, o guia de mergulho, e por outro milico que Michael não conseguia identificar por causa do chapéu de aba larga e da cobertura de orelhas.

— Boa noite, parceiro — chamou Calloway, acenando com uma lanterna, e Michael levantou a mão enluvada em resposta. — Se vir algum cachorro perdido, me avisa, OK? — acrescentou.

— Pode deixar que você vai ser o primeiro que eu vou chamar.

Ao se aproximar do laboratório de biologia marinha, Michael percebeu as luzes acesas e ouviu a melodia de música clássica mesmo sob a ventania. Voltou e tentou abrir a porta, mas ela não cedeu. Percebeu que havia uma corda amarrada na maçaneta pelo lado de dentro.

— Quem está aí? — ouviu Darryl gritar.

Michael berrou de volta:

— Sou eu, o Michael.

— Espera aí.

Darryl aproximou-se da porta e tirou a corda da maçaneta para deixá-lo entrar.

— Que belo sistema de alta segurança você arrumou — falou Michael, batendo com as botas para tirar a neve.

— É o jeito até o Murphy instalar uma tranca de verdade.

— Mas só funciona quando você está dentro. Como você faz quando não está aqui?

— Deixo um aviso.

— E o que ele diz?

— Diz que há vários espécimes anfíbios e venenosos soltos aqui dentro.

Michael riu.

— E acha que vai dar certo?

— Na verdade, não — admitiu Darryl, voltando para o banco —, mas acho que os ladrões já levaram a única coisa que os interessava de fato.

Na bancada à frente, Darryl tinha um peixe de uns 30 centímetros aberto de ponta a ponta, com pinças segurando a pele. A criatura era praticamente transparente. As guelras eram brancas e o sangue, se é que havia algum, tinha tanta cor quanto água. Só os olhos vidrados e mortos eram dourados. Michael teve uma desagradável lembrança das aulas de biologia do colégio. Já havia uma próxima vítima na fila, quase imóvel no fundo de um tanque refrigerado com a borda coberta de gelo, do outro lado de uma série de jarros de vidro do tamanho de copinhos de tequila. Todos continham a mesma solução, mas um ou dois também abrigavam pequenos órgãos extraídos e preservados para estudo futuro.

— O peixe devia ver isso? — indagou Michael.

— Foi por isso que eu tapei a visão dele com outros jarros.

— Ele é meio parecido com uma perca — comentou Michael sobre o peixe sendo dissecado.

— Você tem um bom olho — Darryl disse. — É parte da subordem Percoidei, um nototeniioide.

— Como é que é?

— Nos últimos 55 milhões de anos — começou Darryl, obviamente contente por falar do assunto —, a temperatura do oceano Antártico vem caindo gradualmente, de mais ou menos 20 graus para o extremo de hoje em dia, aproximadamente 1,8 grau negativo. O meio ambiente marinho da Antártica também se tornou cada vez mais isolado. A água ficou mais fria, a migração ficou

mais difícil e os peixes de água rasa tiveram que se adaptar ou morrer. A maioria foi extinta.

— Mas esses caras não?

— Esses caras resistiram — Darryl explicou com carinho e satisfação evidentes. — Os nototenioides esperaram no fundo do mar. Acostumaram-se ao clima desenvolvendo um metabolismo mais lento e tornando o oxigênio individual mais solúvel. Assim poderiam armazená-lo por mais tempo nos tecidos.

— Não armazenavam no sangue? — Michael perguntou, lembrando que Darryl comentara algo sobre isso antes do primeiro mergulho. — Eles não têm hemoglobina?

— Então você presta atenção mesmo — Darryl falou. — Estou impressionado. Como eles não têm células vermelhas, o sangue é transparente, porém têm um anticongelante natural, uma glicoproteína feita de unidades iguais de açúcares e aminoácidos. A glicoproteína diminui o ponto de congelamento da água em duzentas ou trezentas vezes mais do que seria normal.

Michael só entendeu a explicação por alto.

— Então eles têm o próprio anticongelante você natural, tipo o que você coloca no carro?

— Não exatamente — respondeu Darryl, enquanto tirava com cuidado o coração do peixe com pinças para colocá-lo em um dos jarros. Michael sentiu o cheiro de formaldeído. — Ao contrário do etileno glicol que você coloca no radiador, as moléculas do anticongelante dos peixes comportam-se de maneira diferente. Sim, elas os protegem de congelamento, mesmo em águas supergeladas, mas desde que o peixe não...

Houve uma batida forte na porta. Ao se virar, Michael viu a corda improvisada toda esticada.

— O que é agora? — reclamou Darryl.

— Provavelmente é o Calloway. Estão fazendo uma busca completa na estação.

Darryl desceu do banco com má vontade.

— Mas por que vieram aqui? Para investigar a cena do crime? Eles não estão procurando pelos corpos — Michael alertou. — O Murphy está mantendo isso no maior sigilo possível.

Darryl parou e olhou para Michael.

— Eles acham que os cachorros estão aqui comigo? — Retirou a corda, balançando a cabeça.

— Ei, parceiro, está com medo de alguma coisa? — falou Calloway ao entrar, acompanhado pelo milico com chapéu de aba larga.

Pararam logo ao entrarem no laboratório, batendo a neve dos casacos e botas.

— Eu prefiro que avisem com antecedência.

— Vou fazer isso da próxima vez — Calloway disse, dando um tapinha no ombro de Darryl. Viu a bancada do laboratório e o espécime eviscerado.

— Peixe-gelo? — indagou. — Os maiores dão um bom filé, sabia? — Percorreu o laboratório e falou ao ver os jarros com espécimes: — Mas acho que vou dispensar o que sobrou desse aí.

Michael reconheceu o milico de chapéu. O nome dele era Osmond e trabalhava com Tio Barney na cozinha. O sujeito seguiu Calloway, metendo o nariz em alguns arquivos e debaixo de algumas bancadas. O que diabos, Michael imaginou, ele esperava achar ali?

— Mas esse parceiro aqui ainda está fresco — falou Calloway, a imitação de australiano ao olhar dentro do tanque refrigerado. — A julgar por esse beijo ossudo, eu diria que é um peixe vermelho do gelo.

— Está certo — Darryl disse em tom mais calmo. Sempre gostava de ouvir alguém demonstrar algum conhecimento sobre vida marinha. — Acabamos de pegar em um dos últimos lotes de armadilhas.

Michael deu a volta na mesa para ver melhor o peixe comprido, que tinha a cabeça blindada e o bico achatado como o de um pato. A pele era tão fina que dava para ver o complexo padrão de placas e ossos dentro. Darryl também se aproximou, talvez para mostrar algumas das características incomuns do peixe, mas esbarrou em Osmond, que tinha terminado a tosca inspeção do local e resolveu se juntar ao grupo.

— Dá para ver através dele — Osmond falou devagar. Michael achou que ele só usava a cabeça para colocar o chapéu. — É como se ele fosse o Gasparzinho, o peixinho camarada.

Todo mundo sorriu. Osmond abaixou a cabeça sobre o tanque para ver mais de perto, mas, quando Darryl olhou de repente para a aba do chapéu, gritou:

— Não! Sai daí!

Darryl tentou pegar o chapéu, mas já era tarde demais: uma grande bola de gelo e neve, reluzente como uma cascata de diamantes, caiu da aba para dentro do tanque. O peixe moveu-se, surpreso com a agitação, e levantou a cabeça em direção à superfície, possivelmente pensando que era comida. A chuva de cristais de gelo caiu na água e alguns desceram até tocar no nariz e nas guelras do animal.

— Droga! — Darryl gritou e, um instante depois, Michael descobriu o motivo. O peixe tremeu até parar de se mover, ficando rígido. Uma fina camada de gelo espalhou-se pelo corpo inteiro como uma reação em cadeia, o que deixou Michael espantado. O animal morreu e ficou duro como uma porta. Boiou devagar até a superfície, transparente e com os olhos esbugalhados.

Michael estava confuso.

— Mas eu pensei que você tivesse dito que esses peixes têm anticongelante no sangue.

— Eles têm — falou Darryl em tom melancólico —, e é o anticongelante que os mantém vivos nas profundezas com água supergelada. Mas lembre-se que o gelo flutua e, portanto, não penetra no fundo do oceano. Se esses peixes entram em

contato efetivo com o gelo, os cristais agem como um núcleo, um agente propagador, e sobrecarregam as defesas deles.

— Nossa... — disse Osmond, segurando agora o chapéu molhado nas mãos. — Sinto muito mesmo. Nunca pensei que algo assim pudesse acontecer. — Olhou para os demais ao redor para ver se estava muito encrencado.

— Está tudo bem, parceiro — falou Calloway. — Se o peixe não presta para os provetas, ao menos serve para fazer uma sopa.

— Não esse aqui — disse Darryl. — Ainda dá para descongelar e tirar o sangue.

— O sangue — falou Calloway em tom de dúvida. — É isso o que você quer?

— Esse sangue, meu amigo, contém segredos que um dia o mundo vai agradecer muito por conhecer.

Calloway puxou Osmond pela manga, como se dissesse “Vamos deixar os loucos com suas experiências malucas”, e foram de mansinho até a porta.

— Com certeza você tem razão, doutor — falou antes que saíssem diante de uma rajada de vento e neve.

Darryl pegou o peixe-gelo pelo rabo com um par de pinças e o colocou sobre a bancada. Estava tão duro que vibrou de um lado para outro.

— Agora eu entendo por que você não coloca o tapete de boas-vindas na porta do laboratório — disse Michael.

— E por que eu quero aquela tranca — Darryl respondeu. E então, após pegar um bisturi, mergulhou no trabalho como se Michael não estivesse ali. Um minuto ou dois depois, Michael colocou toda a roupa de frio e saiu para o meio da tempestade.

31

15 de dezembro

A TEMPESTADE, EM VEZ DE PASSAR, parecia ter se instalado sobre Point Adélie. A ordem de confinamento de Murphy continuava valendo, para a frustração de Michael. Ninguém podia sair da base sob hipótese alguma.

— Onde quer que esses corpos estejam, estão congelados — lhe dissera Murphy. — E os cachorros, bom, eles sabem como sobreviver.

Michael teria que acreditar no chefe.

A notícia da morte de Danzig obviamente deixou o clima triste na estação. O velório, realizado na sala de lazer, lotou. A mesa de pingue-pongue foi dobrada e levada para o corredor, levaram várias cadeiras para perto dos sofás, mas ainda assim faltou lugar para todos sentarem. Os milicos e provetas restantes simplesmente sentaram no carpete surrado, segurando os joelhos com os braços, vendo Murphy em frente à TV de plasma desligada. Por conta da ocasião, o chefe colocou uma gravata preta sobre a camisa de brim.

— Sei que muitos de vocês conheciam o Erik melhor do que eu, por isso vou dar tempo para quem quiser falar alguma coisa.

Michael quase se esquecera de que Danzig tinha um primeiro nome.

No clima universitário da base, a maioria atendia pelo sobrenome ou por um apelido.

— Mas eu, pessoalmente, jamais conheci um cara que estivesse mais disposto a qualquer coisa, a qualquer hora... a não ser talvez o Lawson.

Houve uns risos baixos e Lawson, que estava sentado encostado na parede com Michael, Charlotte e Darryl, deu um sorriso tímido.

— E aqueles cachorros... cara, ele amava aqueles cachorros. — Abaixou a cabeça, balançando-a com tristeza. — O que quer que tenha dado errado ali, o que quer que tenha feito o Kodiak surtar daquela maneira, um tumor no cérebro ou uma febre, por mais estranho que seja, eu sei que o Danzig, o Erik, teria entendido. Aqueles cachorros o amavam tanto quanto ele os amava. E é por isso que a gente vai achá-los. Eu prometo, a gente vai achá-los em nome dele.

— Quando? — perguntou um dos milicos.

— Assim que for seguro — Murphy respondeu. — E assim que soubermos que os outros cachorros não foram afetados da mesma maneira.

Michael não tinha pensado no risco de contágio. E se os outros huskies tivessem contraído algo de Kodiak? E se todos tivessem virado assassinos?

Murphy olhou para algumas anotações na mão.

— Não sei o quanto vocês sabiam da vida do Danzig no mundo real, ele era casado com uma grande mulher, a Maria, que é médica-legista. — Parou um instante por causa da ironia da informação. — Ela vive na Flórida.

Miami Beach, Michael lembrou.

— Eu já falei com ela algumas vezes e contei tudo o que ela precisava saber, e ela me disse para mandar um abraço para todo mundo aqui, especialmente para o Franklin, o Calloway e o Tio Barney, pelos pratos de angu de milho com molho de carne, e agradecer a todos pela amizade. Disse que o Danzig nunca foi tão feliz quanto aqui, na garupa do trenó, com a temperatura abaixo dos 35 graus negativos. — Olhou nervoso para as anotações outra vez. — Ah, sim, ela queria que eu agradecesse especialmente à dra. Charlotte Barnes, por ter tentado salvar a vida dele...

Todos os olhos voltaram-se para Charlotte, que estava com o queixo apoiado nos braços cruzados. Ela deu um ligeiro aceno com a cabeça.

—... e ao Michael Wilde.

Michael foi pego de surpresa.

— Ao que parece, o Danzig falou muito de você para ela, Michael, algo sobre como você iria torná-lo famoso.

— Vou fazer o possível — falou Michael em um tom alto o bastante para que todos o ouvissem.

— Ele contou para a Maria que sairiam fotos dele e dos cachorros, os últimos cachorros que veremos aqui, nem preciso dizer, na sua revista, *Eco-World*.

Era *Eco-Travel*, mas Michael não o corrigiu.

— Vão sair, sim — concordou, assumindo uma prerrogativa que era do editor. Na verdade, tentaria convencer Gillespie a colocar uma foto de Danzig e dos cachorros na capa. Era o mínimo que podia fazer.

Murphy revelou mais alguns detalhes da vida de Danzig. Aparentemente, ele teve milhares de empregos diferentes, de apicultor a laçador de cachorro e motorista de necrotério (“foi assim que conheceu a Maria”). Enquanto isso, Michael ficou de cabeça baixa, concentrado nos próprios pensamentos. Para começar, teria que pegar o endereço de Maria antes de sair da base. Ele ainda tinha o colar de dente de morsa de Danzig e gostaria de enviá-lo pelo correio assim que voltasse à civilização. Talvez com uma cópia da foto que tinha tirado do marido dela, conduzindo imponente o trenó por uma tempestade.

Também sabia que deveria ligar para a família Nelson em Tacoma. Queria saber como tinha sido a mudança e se Kristin demonstrou algum sinal de perceber que retornou à velha casa. Tinha certeza sobre a resposta que Karen

daria, mas ainda assim achava que devia continuar a manter contato. Imaginou por quanto tempo a situação iria durar. Pelo que sabia sobre comas e estados vegetativos, Kristin poderia ficar assim indefinidamente.

Tio Barney, sentado próximo a ele, fez um barulho alto ao assoar o nariz em um lenço vermelho. Murphy falava sobre uma refeição colossal que Danzig tinha comido.

Calloway levantou-se a seguir para contar uma história comprida e engraçada sobre a vez em que tentara fazer Danzig caber em um traje de mergulho tamanho padrão. Betty e Tina falaram como Danzig foi prestativo ao ajudá-la a descarregar algumas amostras de gelo durante uma tempestade violenta. Michael ouvia a nevasca e dava para sentir que continuava forte, assobiando ao passar pelas janelas estreitas e pelas paredes de aço do módulo onde se encontravam. Poderia passar em uma hora ou durar a semana toda. Michael tinha aprendido que no Polo nada é garantido.

Depois que todo mundo falou, Murphy puxou um pai-nosso meio sem jeito. Após alguns instantes de silêncio, Franklin sentou-se ao piano e tocou uma animada versão do velho sucesso de Bob Seger, Old Time Rock'n'Roll. Era uma das músicas favoritas de Danzig. Franklin conseguiu dar uma interpretação visceral, de acordo com a ocasião. Muitos cantaram junto o refrão "Today's music ain't got the same soul, I like that old time rock'n'roll!". E quando a música acabou, Tio Barney anunciou que, em homenagem a Danzig, seria servido angu de milho com molho de carne no bandejão.

Ao sair, Murphy chamou Michael e Lawson para um canto e disse:

— Vocês viram o Ackerley por aí?

Mesmo quando o Estranho estava no recinto, ele costumava passar facilmente despercebido por ser tão quieto e reservado. Mas Michael não o vira mesmo.

— Provavelmente está falando com as plantas — Lawson disse — e perdeu a noção do tempo.

Murphy concordou, mas disse para Michael:

— Vocês se importariam de checar se ele está bem? Chamei ele no interfone, mas ele não atendeu.

Embora Michael tivesse planos de se juntar a Charlotte e Darryl no bandejão, porque passara o dia inteiro no quarto fazendo anotações e se esquecera de comer, não podia dizer não.

— Não se preocupe. Eu guardo um pouco de angu para vocês — Murphy falou e se virou para Lawson. — E como está a sua perna? Você topa?

Lawson, que tinha deixado cair o esqui no tornozelo, disse:

— Está bem, sem problemas. Lavou, está novo.

Michael sempre achava que ele parecia um treinador à beira do campo.

— Melhor usar uns bastões — disse Murphy, e Lawson concordou. — O vento está soprando a 130 km/h.

Os dois vestiram as roupas de frio e pegaram alguns bastões de esqui no armário. Enquanto os demais entraram no bandejão bem iluminado, eles foram

para o outro lado, passando pelo pátio inóspito onde o vento criava pequenos ciclones de gelo e neve que giravam como piões de um lado para outro. Algumas rajadas eram tão fortes que Michael foi jogado contra uma parede ou cerca semienterrada, e teve que esperar o vento diminuir para prosseguir. Mas a ventania jamais parava. Havia momentos na Antártica em que você desejava nada além de serenidade, uma trégua temporária com a natureza, uma chance de ficar parado, respirar fundo e olhar para o céu. Em algumas ocasiões ele conseguia ser tão azul e cristalino como se fosse a coisa mais linda e perfeita do mundo, uma bacia esmaltada feita de vidro azulado. Em outros momentos, como agora, o céu era simplesmente um balde sujo e opaco que o tornava impossível de distinguir do continente de gelo infinito e vazio, abaixo dele.

Os bastões de esqui foram uma boa ideia. Michael não sabia se teria conseguido se equilibrar sem eles. Lawson, com o tornozelo machucado, sem dúvida teria caído. Por sinal, Michael fizera questão de ficar alguns metros atrás do companheiro, caso ele caísse e começasse a rolar. Quando uma pessoa era derrubada pelo vento em um trecho com gelo, ela rolava como uma bola de boliche até se chocar com alguma obstrução. Michael tinha visto um proveta chamado Penske, um meteorologista, passar rolando pelo módulo de administração até bater no mastro da bandeira, onde se agarrou desesperado.

Michael esfregou a luva nos óculos de proteção para tirar um pouco da neve e por um instante imaginou se poderia ganhar a vida vendendo óculos com limpadores de para-brisas no Polo Sul. Queria perguntar para Lawson se a perna estava bem ou se ele queria voltar, mas sabia que o vento sopraria as palavras de volta para dentro da boca. Os dentes podiam rachar se ela ficasse aberta por muito tempo, por causa da temperatura baixa.

Passaram pelo reservatório de amostras e Michael olhou para dentro, procurando por Ollie, mas o pássaro já tinha aprendido a ficar dentro da caixa em uma noite dessas. Depois seguiram pelos laboratórios de biologia marinha e climatologia, até que Michael percebeu que Lawson estava se dirigindo para a esquerda, na direção de um enorme trailer enferrujado, empoleirado em blocos de concreto como um galo velho. Uma luz intensa brilhava das janelas estreitas.

Lawson parou para massagear o tornozelo ao lado da grade de madeira rústica em volta da rampa e gesticulou para Michael ir em frente. A porta era de aço, cheia de mossas, de arranhões e de restos de adesivos da banda Phish. Ele bateu com a mão e, após ter dado o aviso, empurrou a porta e entrou.

Michael precisou levantar os óculos de proteção, porque ficaram imediatamente embaçados. Passou por algumas cortinas pesadas de plástico, abaixou o capuz e viu que se encontrava em um mar de prateleiras e armários de metal, todos com pelo menos 1,80 metro de altura, repletos de amostras de musgos e líquens naturais da Antártica. Cada prateleira ou gaveta tinha pequenos adesivos brancos escritos com letra miudinha. Luzes fluorescentes piscavam no teto. De algum lugar naquele emaranhado impenetrável, Michael ouviu o som baixo de alto-falantes vagabundos tocando uma música sem parar.

E também ouviu outra coisa: um som baixo e anasalado, de líquido. Quando Lawson entrou, Michael automaticamente pediu que fizesse silêncio. Ele parecia confuso, mas Michael gesticulou para que ficasse onde estava, perto da porta, e então começou a entrar pelo labirinto de armários, ainda com os bastões de esqui nas mãos. Será que era um dos cachorros? Ou mais de um? Deveria recuar e pedir reforços ao chefe? Mas e se Ackerley estivesse em perigo e precisasse de socorro agora?

A música estava ficando mais alta, assim como o estranho barulho de líquido. Como alguém fazendo barulho ao tomar sopa. Ou comendo cereal no café da manhã. Seria só isso? Ackerley comendo uma tigela de flocos de milho, distraído e curtindo um som? Michael passou espremido entre dois armários muito altos, um escrito MORAINA GLACIAL, QUADRANTE SUDOESTE marcado ESPÉCIMES, SITIO DE STROMVIKEN. Mas havia um som de mastigação, só que não era de cereal. Parecia mais um cozido, talvez. Por que alguém estaria comendo alguma porcaria esquentada no micro-ondas em um trailer quando o Tio Barney estava servindo angu de milho no jantar de velório?

Olhou através de algumas prateleiras e viu uma comprida bancada de laboratório, não muito diferente daquela de Darryl, com duas pias, um microscópio e alguns vidros de substâncias químicas. Mas não havia ninguém no banco. E agora que prestou atenção, notou que alguns vasos de plantas estavam virados, e um deles encontrava-se quebrado no chão. Havia um iPod ligado a dois pequenos alto-falantes em uma prateleira. Michael aproximou-se da mesa. O som de alguém comendo vinha do outro lado, do nível do chão. Michael deu a volta e viu as pontas de duas botas de borracha com os fechos abertos aparecendo. Segurou com mais força os bastões de esqui.

O som de alguém comendo virou o de algo sendo dilacerado, carne rasgando. Quando terminou de dar a volta na bancada, Michael viu inicialmente um pedaço de camisa de flanela estendido sobre os ombros de um homem grande, recurvado sobre um corpo no chão e ocupado com o que fazia. Se não soubesse o que acontecera, teria pensado ao ver de relance que era Danzig.

Que estava morto.

Levantou um dos bastões de ponta afiada e gritou, sem saber muito o que dizer:

— Ei! Você! Pare o que...

Mas não continuou. O homem recurvado virou a cabeça, assustado, com a barba tão suja de sangue que parecia ter sido pintada de vermelho vivo. Os olhos também estavam vermelhos e piscavam sem parar. Michael ficou tão atônito que recuou. O homem pulou em sua direção, rosnando. Um dos bastões voou, batendo contra um armário, e Lawson gritou:

— O que é isso? — E começou a correr pelo labirinto.

O homem pegou a gola de Michael, quase como se pedisse alguma coisa — ajuda? — e o hálito fedia a sangue e podridão. Porém, o pior de tudo é que era Danzig, morto, congelado, com a garganta dilacerada pelo cachorro, cujos dedos

estavam rasgando o casaco de Michael. Ele recuou contra outro conjunto de prateleiras, que veio abaixo, derrubando os dois no chão em meio a uma chuva de terra e sementes. Michael bateu na cara dele com o punho do bastão, tentando de alguma forma usar a ponta. O rosto de Danzig pairou acima do de Michael, com dentes manchados de sangue. Os olhos estavam negros de raiva e também passavam uma tristeza infinita, algo de que ele só se deu conta mais tarde.

Outro bastão passou voando pela cabeça de Michael e abriu um buraco no ombro de Danzig, que recuou e então avançou contra Lawson. Mas as botas escorregaram nas sementes espalhadas pelo chão e Danzig teve dificuldade para se levantar. Michael rapidamente rolou para o lado e também lutou para ficar de pé. Danzig empurrou Lawson, que já não estava tão equilibrado assim, para longe. Ele caiu esparramado, sacudindo os bastões de esqui.

Mas em vez de continuar com o ataque, Danzig afastou-se cambaleando e avançou pelas prateleiras, balançando os braços como um macaco, derrubando uma atrás da outra ao passar. Terra, sementes e cascalho voaram para tudo quanto foi lado, e até Michael finalmente vencer a sujeira, passar pelas cortinas de plástico e sair, a única coisa que conseguiu ver foi uma mancha de sangue na rampa e um vulto escuro cambaleando sem rumo pela grade, indo em direção à tempestade lá fora.

15 DE DEZEMBRO, 22H30

— O que diabos você está dizendo? — Murphy falou assim que Michael e Lawson o encurralaram na cozinha. Tio Barney estava próximo, porém fora do alcance da conversa, preparando a última fornada de angu de milho. — Danzig está morto, meu Deus!

— Não está — Michael repetiu mantendo baixos a cabeça e o tom de voz. — É isso que nós estamos tentando dizer para você.

— Você viu ele também? — Murphy perguntou para Lawson, buscando a confirmação do impossível.

— Eu vi também. — Lawson olhou para Michael, como se o encorajasse a prosseguir.

— E ele matou o Ackerley — falou Michael.

Murphy parecia que ia engolir a própria língua. Ficou pálido.

— Achamos o Ackerley no laboratório, já morto, e o Danzig estava dilacerando o corpo — informou Michael. — Na verdade, ele está à solta por aí agora mesmo.

Murphy encostou-se em um congelador, claramente incapaz de absorver o que tinham lhe contado. Michael não podia criticá-lo. Se não tivesse visto com os próprios olhos, se não tivesse sido atacado, ele também não acreditaria.

— Então o Danzig não está no saco mortuário — falou Murphy, pensando alto — e não está na câmara subterrânea onde a gente o colocou.

— Não — Lawson disse —, Não está.

— E o Ackerley está morto também — Murphy repetiu, simplesmente para digerir a informação.

— Isso mesmo — concordou Michael.

— Isso mesmo — concordou Michael. — A gente devia ir atrás dele, agora, antes que vá muito longe.

— Mas se ele enlouqueceu — Murphy disse como se visse a luz da esperança —, vai morrer congelado lá fora.

Michael não sabia o que responder. Parecia uma possibilidade plausível, afinal um louco, sem ao menos um gorro na cabeça, com certeza morreria de frio ou da queda em uma fenda. Porém, ao mesmo tempo, ele não acreditava nisso. Nada mais fazia sentido. Tinha estado com Danzig na enfermaria e viu Charlotte registrar a hora da morte. Aquilo que estava correndo solto pelo gelo não era exatamente Danzig. Michael não sabia como chamá-lo.

— O que vocês fizeram com o corpo do Ackerley? — perguntou tentando se controlar.

— Está lá onde a gente deixou — Michael respondeu. — A Charlotte devia examiná-lo o quanto antes. E depois vamos ter que guardar em algum lugar.

— Com licença, pessoal — Tio Barney falou, abriu a porra do congelador para pegar manteiga e voltou a sair do alcance da conversa.

— Não vai ser no mesmo lugar em que colocamos o último corpo — falou Murphy em voz baixa. — Vamos usar o velho frigorífico lá fora. Se a dra. Barnes estiver errada sobre esse também, não quero que ele fuja como o outro. — Então percebeu o que disse e emendou: — Vocês sabem o que eu estou falando. Tipo, o Danzig era um grande sujeito, e o Ackerley era bacana também, mas isso tudo é ruim demais, péssimo demais... — Não concluiu, obviamente confuso com tudo o que tinha que resolver.

Mas Michael não achava que Charlotte tivesse errada. Embora fosse impossível aceitar, Danzig havia morrido e de alguma forma voltado à vida. Mas essa era uma opinião que ele não estava preparado para dar no momento.

Lawson abaixou-se para massagear o tornozelo machucado, que piorou com a briga no laboratório de botânica. E o cabelo de Murphy parecia ter ficado mais grisalho.

— A gente podia procurar pela Bela Adormecida ao mesmo tempo — Michael sugeriu, ansioso para receber a autorização de Murphy. — E pelo Príncipe Encantado.

— Sem falar nos cachorros — disse Lawson. — Se a NSF descobrir que perdemos os últimos cães permitidos aqui, aqueles que o pobre do Danzig lutou para manter, vai ser um pesadelo em termos de burocracia.

— O Danzig costumava levar eles até Stromviken como exercício — falou Michael —, e a previsão do tempo é boa, para variar. A tempestade está passando.

— Não por muito tempo — disse Murphy. — Pelo último relatório, uma nova frente fria chega amanhã no início da noite.

— Mais uma razão para a gente começar logo.

Lawson concordou com a cabeça.

— E o seu tornozelo? — Murphy perguntou. — Parece que você está mancando.

— Andar de snowmobile não é problema. E, se a gente encontrar os cachorros ou os corpos, pelo menos eu sei conduzir o trenó de volta para a base.

— Tudo bem — Murphy concordou, como se já não tivesse mais forças para discutir. — Mas não hoje à noite. Durmam bastante e aí então, cedinho de manhã, se o tempo permitir, eu autorizo a ida de vocês à estação baleeira. — Pegou o walkie-talkie preso no cinto e acrescentou: — Vou pedir para o Franklin deixar dois snowmobiles prontos no mastro da bandeira às 9h.

32

16 de dezembro, 9h30

SINCLAIR HAVIA SAÍDO FAZIA HORAS, e embora o maior medo de Eleanor fosse que algo o impedisse de voltar, ela também temia o estado em que poderia retornar. Ele saíra de mau humor, furioso com a tempestade que não passava e irritado com o confinamento na igreja gelada.

— Que esse lugar vá para o inferno! — gritara Sinclair, as palavras ecoando na capela abandonada e subindo até as vigas gastas do teto. — Para o inferno com essas pedras e tábuas! Arrancou um castiçal do altar e o jogou no chão, por onde o objeto saiu rodando. Percorreu a nave batendo as botas, que ecoavam nas pedras. Abriu a porta rangente que dava para o cemitério e blasfemou para o céu cinzento. Teve como resposta o coro de uivos melancólicos dos cachorros, encolhidos entre as lápides e sepulturas.

Eleanor ficava com mais medo quando Sinclair estava desse jeito, desafiando os céus. Ela tinha certeza de que ele já recebera a resposta em Lisboa e não queria ouvir aquele veredito outra vez.

— Sinclair — arriscou, apoiada no batente da porta da sacristia —, não devíamos trazer os cães para dentro? Vão morrer se ficarem desprotegidos lá fora.

Sinclair girou a cabeça e Eleanor notou o mesmo brilho de loucura nos seus olhos que vira pela primeira vez em Scutari.

— Eu vou aquecê-los — rugiu e então saiu de casaco para a tempestade, sem sequer se importar em fechar a porta atrás de si. Parecia invulnerável aos elementos hostis. Uma nuvem de gelo e neve foi soprada para dentro da igreja. Eleanor ouviu os cachorros latirem ao serem presos no trenó.

Ela fechou ainda mais o casaco, aquele feito de um tecido miraculoso, e foi até a porta aberta. Viu Sinclair na traseira do trenó, xingando os cães enquanto desciam a colina de neve. Quando saíram do campo de visão, ela empurrou a porta de madeira rústica fazendo peso com o corpo.

Sentiu-se fraca com o esforço e se jogou no último banco. Com medo de desmaiar, apoiou a cabeça no encosto da frente e descansou assim. A madeira

estava fria, mas não completamente lisa. Conseguiu ver, bem de perto, algumas palavras inscritas. Seria um nome? Seja o que fosse, não era em inglês e estava praticamente apagado. Só conseguiu distinguir alguns números que formavam uma data: 25.12.1937. Natal de 1937. O olhar ficou fixo enquanto a mente girava sem parar com essa informação. Ela e Sinclair embarcaram em 1856 na fatídica viagem a bordo do *Coventry*. Se aqueles números fossem mesmo uma data, então aquela inscrição fora gravada 81 anos depois de ela ter sido atirada ao mar.

Oitenta e um anos. Tempo suficiente para que todo mundo que conheceu tivesse morrido.

Então sua mente voltou a trabalhar, porque aquele lugar obviamente estava abandonado havia anos, provavelmente décadas. Isso implicaria a passagem de quantos anos mais? Imaginou quanto tempo ficara dormindo dentro do gelo no fundo do oceano. Teriam se passado séculos? Que mundo era esse que ela agora habitava, por mais infeliz que fosse esta possibilidade?

Tirou a luva e passou os dedos pelas letras na madeira, como se assim pudesse captar a verdade que continham. A sensação era irritante e avassaladora. Eleanor ainda não estava acostumada a ter sensações físicas. Após tanto tempo no gelo, a pele era algo novo, quase estranho. Ela tivera pouco contato íntimo com Sinclair. Claro, havia a questão da decência; para ela, aquela união secreta e interrompida na igreja portuguesa não contava de fato. E, naquele lugar gelado e terrível onde se encontrava agora, não havia nada capaz de acender qualquer tipo de ardor... ou de gerar um pensamento carinhoso que fosse.

Porém, no seu íntimo, Eleanor sabia que havia outra coisa no meio do caminho, algo que sempre estaria ali, como um lembrete e uma acusação eternos. E, embora fosse o motivo que a prendia a Sinclair, talvez por toda a eternidade, também era a razão de seu afastamento. Os olhares desesperados e rostos pálidos indicavam, tanto para um quanto para o outro, uma necessidade mais urgente e um desejo inadiável. Bem a propósito, os lábios deles estavam gelados, os dedos, parecidos com estalactites, e os corações, resguardados como espadas embainhadas.

Nesse aspecto, pouca coisa havia mudado desde a Crimeia. Eleanor só passava por privações.

Assim que chegaram ao hospital de campanha em Scutari, instalado no local onde costumava ficar o quartel do Exército turco, as enfermeiras da srta. Nightingale viram que tudo estava em falta, de compressas a cobertores, remédios e almofadas para amparar os cotocos de braços e pernas amputados. Eleanor jamais tinha visto ou imaginado tamanho desmazelo quanto o que encontrou lá, e mesmo algumas das colegas que trabalhavam em reformatórios e prisões declararam que também estavam perplexas pela maneira como os feridos britânicos eram tratados. Incapazes de andar ou até mesmo de comer, homens que perderam braços e pernas no campo de batalha não recebiam atendimento ou qualquer tipo de medicamento. Soldados acometidos pela disenteria, diarreia incontrolável, ou pela misteriosa “febre da Crimeia”, que assolava os batalhões,

ficavam deitados sobre finos colchões de palha manchados de sangue nos corredores abarrotados, pedindo em vão uma caneca de água. O fedor do esgoto a céu aberto que corria embaixo do quartel era insuportável, mas o frio que vinha das janelas quebradas era tão grande que os soldados tapavam os buracos com palha, o que só aumentava o mau cheiro nas alas do hospital. Várias das enfermeiras mais delicadas imediatamente ficaram doentes também, e assim, logo de saída, se tornaram mais um fardo do que uma ajuda.

Eleanor e Moira, como a maioria das enfermeiras, foram inicialmente designadas para remendar lençóis e lavar a roupa de cama, o que não era o que tinham vindo de tão longe para fazer. Elas tinham ido para cuidar dos feridos, para ajudar os médicos e assistentes nas operações, mas foram recebidas com tanta hostilidade e suspeita da parte dos médicos que sua entrada em muitas das alas foi proibida. Quando conseguiam entrar, ninguém cooperava com elas.

— Parece que a gente veio roubar as abotoaduras — Moira falou, revoltada, após ter a entrada recusada em uma das enfermarias cheias de feridos. — Dá para ouvir os pobres coitados deitados nos próprios trapos, implorando por um balde ou uma dose de morfina, e cá estou eu, a poucos metros de distância, fazendo o quê? Cerzindo o buraco de uma meia!

A princípio, Eleanor também ficara abobada ao ver que a srta. Nightingale não estava lutando mais por elas, mas logo percebeu o bom-senso dessa atitude. O Exército britânico tinha seus próprios costumes, e eles estavam sacramentados havia centenas de anos. Ao limitar a ameaça que as enfermeiras representavam e evitar confrontos sempre que possível, a srta. Nightingale conseguia, aos poucos e sem alarde, aumentar os deveres e as responsabilidades de sua equipe. Logo que o comando militar percebeu os benefícios de ter roupas lavadas e bandagens limpas, também começou a apreciar as vantagens do chá quente, do cereal, da sopa de carne e da gelatina que as enfermeiras preparavam na cozinha improvisada. E os soldados — mutilados, sofrendo, muitas vezes dando o último suspiro debaixo de um cobertor puído, longe de casa — passaram a dar graças aos céus por elas, com seus uniformes feios e quepes ridículos.

Mas foi a própria Florence Nightingale que conquistou os soldados para sempre. Ela entrava bravamente até mesmo nas alas de doentes febris, aonde os próprios médicos se recusavam a ir (a postura deles era que as pobres almas lá dentro ou iriam melhorar de alguma forma ou morrer, e qualquer dos dois prognósticos não valia o risco do contágio). E, ainda que historicamente os oficiais sempre recebessem melhor atendimento e socorro, enquanto os soldados sofriam as agonias mais terríveis quase sem receber atenção, a srta. Nightingale cuidava de todos da mesma forma, fossem aristocratas ou meros recrutas. Ao quebrar protocolos tão estabelecidos, ela fora considerada uma traidora da própria classe, conquistando poucos favores entre os oficiais, mas ganhara a eterna devoção das tropas e a de Eleanor também.

Na quarta noite em Scutari, a srta. Nightingale encontrara Eleanor em frente a uma fonte, enchendo uma jarra com uma água amarela que mal dava para beber,

e a convidara para acompanhá-la durante a ronda. Ela usava um longo vestido cinza com um lenço branco em volta dos cabelos escuros e segurava uma lamparina turca pela alça na base de latão.

— E, por favor, traga a jarra com você — disse.

Eleanor, que quase nunca falava diretamente com a srta. Nightingale, encheu a jarra até a borda, enfiou um rolo de bandagens debaixo do braço e seguiu obedientemente alguns passos atrás. Estava exausta, pois tinha sido outro dia desgastante, mas, mesmo sabendo que agora teria que ficar de pé por várias horas, ainda assim não trocava a chance por nada no mundo. O hospital de campanha era imenso, e a ronda que a srta. Nightingale realizava por todas as alas à noite percorria um trajeto de 6,5 quilômetros. Mesmo os cirurgiões mais hostis e os serventes mais desrespeitosos abriam espaço diante da presença dela. As duas mulheres foram recebidas com sussurros de agradecimento e sinais de respeito dos soldados que sofriam. Um garoto, que não devia ter mais do que 17 anos, chorava em um catre, com pernas amputadas abaixo dos joelhos. A srta. Nightingale parou para confortá-lo e beijou sua testa. Para outro soldado, sem um braço e um olho, ofereceu uma caneca de água, que ele pegou com uma mão tremendo. Por um instante Eleanor imaginou se ele tremia por causa da enfermidade ou de espanto por ter uma senhora bem-nascida cuidando de alguém como ele.

A maioria das alas era escura, a não ser pelo luar que entrava pelas frestas das janelas quebradas e persianas soltas. Eleanor tinha que olhar para o chão para não pisar em alguém dormindo ou morto. A srta. Nightingale, uma mulher delicada de porte ereto, parecia se mover com facilidade entre os catres os pacientes, o brilho da lamparina recaindo como uma benção sobre os rostos sujos, machucados e ensanguentados. Mais de uma vez, Eleanor notou um soldado apoiado no cotoco de um braço perdido, tocando o ar com os lábios após a passagem da srta. Nightingale. "Ora, estão beijando-lhe a sombra", pensou.

Por várias vezes, a srta. Nightingale parava para dar um gole da jarra a um soldado com sede, ou para substituir uma bandagem imunda por uma nova, mas dados o tamanho do hospital e o infinito número de necessitados, só o que ela tinha a oferecer para a maior parte dos enfermos por quem passava era um sorriso ou uma palavra amiga. Mas estava claro para Eleanor que a visita era uma espécie de compromisso, um pacto sagrado entre a srta. Nightingale e os soldados, e ela se sentia uma privilegiada por testemunhá-lo.

Ao mesmo tempo, o coração não saía da boca. A cada ala em que entravam, a cada leito pelo qual passavam, ela procurava pelo tenente Sinclair Copley. Estava desesperada para vê-lo e tinha medo do que descobriria ao encontrá-lo. Verificava os registros de entradas todas as manhãs, mas sabia que eram incompletos e feitos com negligência, na melhor das hipóteses. Sinclair poderia estar na ala ao lado sofrendo, sem poder falar, inconsciente por causa de um golpe ou delirando de febre. Apurou o quanto foi possível e descobriu que o regimento dele, o 17º Lanceiros, foi enviado para ajudar no sítio a Sebastopol sob o comando dos lordes

Lucan e Cardigan. Mas as notícias da linha de frente demoravam a chegar, e, quando isso acontecia, eram tão pouco confiáveis quanto os registros de entrada do hospital.

As duas tinham quase acabado o circuito e estavam passando pelas últimas alas, quando Eleanor pensou ter ouvido alguém sussurrar seu nome. Parou, assim como a srta. Nightingale, que gentilmente levantou a lamparina para iluminar melhor a área. Deitados sobre estrados de ferros, uma dúzia de soldados levantava a cabeça ou desviava os olhos, mas nenhum deles falou. A voz surgiu outra vez, vinda do canto mais distante da ala, e agora Eleanor conseguiu ver, debaixo de uma janela cujas vidraças vazias estavam entupidas de trapos, um vulto deitado sobre um lençol úmido, o rosto voltado para elas.

— Srta. Ames?

O rosto estava tão imundo que ela não o teria reconhecido, mas aquela voz ela conhecia.

— Tenente Le Maitre? — falou ao se aproximar.

O vulto riu e então tossiu.

— Pode me chamar de Francês.

— É conhecido seu? — disse a srta. Nightingale, seguindo Eleanor até a cama.

— Sim, senhora. É um dos 17º Lanceiros.

— Então vou deixá-la para que realize a visita — falou em tom gentil. — Estamos quase acabando, mesmo. — Pegou um toco de vela do peitoril, acendeu-o com a chama da lamparina e o deixou com Eleanor.

— Boa noite, tenente.

— Boa noite, srta. Nightingale. E que Deus a abençoe.

A srta. Nightingale inclinou modestamente a cabeça e foi embora, com a saia longa sussurrando ao desviar dos outros catres e pacientes.

Eleanor colocou a vela no peitoril e se ajoelhou ao lado da cama estreita.

O Francês, que sempre tivera uma aparência impecável, vestia uma camisa branca rasgada e coberta de piolhos. O cabelo estava comprido e sujo, caído sobre a testa suada de febre. A barba precisava ser feita e a pele úmida apresentava um tom esverdeado, mesmo sob a fraca luz da vela.

Eleanor já tinha visto centenas de homens naquelas condições e sabia que as perspectivas não eram boas. Rapidamente, mergulhou uma compressa na água que sobrou e começou a tirar o suor da testa de Le Maitre. Queria ter uma camisa limpa para trocar pela que estava cheia de piolhos. O lençol estava empapado e grudado na parte inferior do corpo.

— É a febre — perguntou — ou o senhor se feriu?

Com a cabeça apoiada no colchão duro, ele afastou o lençol das pernas. A direita estava machucada e ensanguentada, mas a esquerda estava pior — um osso amarelado saía da pele e linhas vermelhas subiam e desciam pela canela.

— O senhor levou um tiro? — falou horrorizada... e envergonhada por ter pensado imediatamente em Sinclair. Será que ele estivera na mesma batalha?

— Tentaram me atingir — respondeu. — Mas meu cavalo caiu em uma ravina e rolou sobre minhas pernas.

Ela molhou o trapo na água outra vez e, enquanto isso, Le Maitre respondia à pergunta que sabia que Eleanor queria fazer.

— Sinclair não estava lá. Na última vez que o vi, ele estava cavalgando com Rutherford e o resto da companhia em direção a um lugar chamado Balaclava. — Cobriu outra vez as pernas arruinadas e lambeu os lábios. — Meu cantil — informou — está debaixo da cama.

Algo com várias perninhas passou por cima da mão de Eleanor enquanto tateava, até que encontrou o cantil e tirou a tampa. Sentiu o cheiro de gim. Levou até os lábios de Le Maitre, que tomou um gole e depois outro. Ele fechou os olhos.

— Devia ter adivinhado que a senhorita seria uma das enfermeiras — sussurrou.

— O que gostaria que eu fizesse pelo senhor? — Eleanor falou. — Infelizmente estou sem a maioria do meu material aqui comigo...

Ela balançou debilmente a cabeça.

— Você já fez algo por mim — disse.

— Amanhã vou voltar aqui na hora da ronda e trarei uma camisa e um lençol limpos, e uma bela navalha...

O Francês levantou a mão a poucos centímetros da cama para interrompê-la.

— O que eu quero — falou — é escrever uma carta para minha família.

Era um pedido comum.

— Trarei uma pena e papel — Eleanor disse.

— Venha o mais breve possível — Le Maitre falou. Ela sabia por que tinha tanta pressa.

— Agora descanse — Eleanor disse ao tocar o ombro de Le Maitre e ficar de pé.

— Vejo o senhor pela manhã.

Ele suspirou com a cabeça ainda encostada no colchão duro. Após assoprar a vela, Eleanor saiu em silêncio da ala.

33

16 de dezembro, 10h

MICHAEL E LAWSON AVANÇAVAM PELO GELO a toda velocidade, mas não havia nenhum sinal de Danzig ou dos cachorros desaparecidos. Michael sabia que deveria ir mais devagar, porque novas fendas podiam surgir a qualquer hora e em qualquer lugar. Mas estar em movimento, em velocidade, sempre fora seu remédio preferido. Toda vez que algum problema parecia insuperável, ele entrava em ação. Ação física. Deixava os pensamentos sombrios para trás quando estava em movimento, envolvido em situações que exigiam decisões rápidas, como escalar montanhas, descer correntezas de caiaque ou mergulhar em um recife de coral. Era inteligente o bastante para saber que não iria conseguir fugir dos pensamentos — quantas vezes já tinha tentado? —, mas o alívio temporário bastava para que tomasse fôlego.

Agora mesmo, por exemplo, Michael tentava prestar atenção no presente, concentrado inicialmente na ponta do snowmobile que corria pelo cenário inóspito. Depois, ao se aproximar do litoral, desviou o foco para o grande albatroz branco que pairava languidamente acima dele. O pássaro já o seguia havia algum tempo, subindo e descendo em círculos que mantinham perfeito ritmo com o avanço dos dois veículos. Lawson tinha embicado para a esquerda, tomando um caminho mais direto para a estação baleeira, enquanto Michael cortava pelo litoral, passando entre a praia repleta de ossadas e os prédios decadentes da fábrica. Os dois snowmobiles encontraram-se de novo no imenso pátio de esfolamento. Quando os motores foram desligados, o silêncio tomou conta do lugar. Foram precisos alguns segundos para os ouvidos se ajustarem. Michael passou a ouvir o vento soprando a neve pelo chão congelado e o guincho distante do albatroz. Ao olhar para o alto, o pássaro continuava voando em círculos com as longas asas abertas, sem dar sinal de pousar.

Lawson levantou os óculos de proteção e disse:

— Se os cachorros estivessem aqui, teriam ouvido a gente chegar...

— E nós também teríamos ouvido os cachorros — Michael concordou. — Mas a gente tem algum tempo antes que a tempestade chegue. Que tal você dar uma olhada aqui embaixo enquanto eu subo a colina?

Lawson fez que sim com a cabeça e falou:

— Te encontro em uma hora. — Pegou dois bastões de esqui para se equilibrar. Michael notou que ele estava mesmo mancando.

Michael verificou o relógio, subiu de novo no snowmobile e ligou o motor. Disparou pelo beco desolado que separava as salas de fervura e subiu em direção à igreja com o campanário torto. Em vez de tentar desviar das lápides ao redor do prédio, ele parou o veículo no meio da subida e andou o resto do caminho até chegar aos degraus. Abriu a porta pesada de madeira dando um empurrão com o ombro e entrou na igreja modesta de chão de pedras e bancos de madeira gasta. No fim do corredor, uma mesa tinha sido posta como altar, com um crucifixo tosco pendurado atrás. Saiu da base com tanta pressa que nem se importou em pegar todo o equipamento fotográfico, mas de qualquer forma tirou algumas fotos rápidas com a Canon de estimação. Como sabia que o passe expedido pela NSF ainda duraria algumas semanas, Michael planejava voltar e fazer o trabalho direito. Até porque, ainda hoje, depois de um século ou mais de sua construção, a igreja parecia estar em compasso de espera. Queria registrar essa sensação de que, a qualquer momento, os bancos podiam receber outra vez os baleeiros cansados enquanto um pastor recitasse a Sagrada Escritura do púlpito sob a luz de uma lamparina.

Debaixo de um banco, Michael viu as capas rasgadas de um livro de preces, mas ao tentar pegá-las descobriu que estavam congeladas no chão. Bateu uma foto disso, mas imaginou se não teria ficado artística demais. Guardou a câmera na parca e pôs as luvas de novo enquanto andava até o altar. Pensou ter ouvido o som de algo sendo arranhado. Será que ainda havia ratos ali? Parou, e o barulho também parou. Havia um livro antigo sobre a mesa, com capa de couro e título apagado pelo tempo. Deu mais um passo e o som ficou mais evidente. Vinha de trás do altar, onde se encontrava uma porta trancada por um ferrolho escuro de ferro. Talvez, pensou ele, aquele fosse o lugar onde o pastor morava. Ou então podia ser o depósito onde eram guardados os objetos valiosos da igreja, como cálices, castiçais e bíblias.

Deu a volta na mesa e, de repente, ouviu um som que o fez parar de vez.

Aproximou-se e o barulho surgiu de novo, mais claro. Era uma voz — uma voz de mulher!

— Abra a porta! Por favor, não aguento mais! Abra a porta, Sinclair!

Sinclair? Michael tirou outra vez uma das luvas para poder mexer na tranca e no ferrolho. Através da madeira, ouviu a mulher respirar com dificuldade, quase chorando.

— Não posso ficar sozinha! Não me deixe aqui!

Levantou o ferrolho enferrujado e empurrou um pouco a porta rangente.

Ficou perplexo com o que viu. Uma jovem vestindo um sobretudo laranja meio solto cambaleou para trás, o rosto branco de medo. Tinha um longo cabelo castanho ao redor do rosto e olhos verdes penetrantes, mesmo sob a luz fraca. Ela recuou entre uma mesa de madeira com uma garrafa de vinho em cima e um aquecedor de ferro fundido que emitia um brilho fraco. Livros de preces rasgados e lascas de madeira estavam empilhados em um canto.

Ficaram mudos, olhando um para o outro. A mente de Michael não parava — ele conhecia essa mulher. Sabia quem era! Vira aqueles olhos pela primeira vez no fundo do mar. Vira o broche de marfim sobre o busto pela primeira vez debaixo de um bloco de gelo leitoso. A Bela Adormecida.

Mas ela não estava dormindo, tampouco morta.

Estava viva, respirando aos poucos e com dificuldade.

A mente de Michael entrou em choque. A mulher estava ali, bem na sua frente, encolhida de medo a poucos passos de distância, mas ele não conseguia aceitar a prova diante dos próprios olhos. Aquela mulher, que estivera congelada, encontrava-se consciente e em movimento. Seus pensamentos enveredaram por uma dúzia de caminhos, tentando encontrar alguma explicação lógica, mas voltaram de mãos vazias. Que explicação seria possível? Animação suspensa? Uma alucinação da qual ele despertaria a qualquer momento? Nada do que pensava justificava a jovem assustada que mal conseguia ficar de pé perto dele.

Ao levantar a mão nua para acalmá-la, notou que os próprios dedos tremiam um pouco.

— Eu não vou te machucar.

Ela não parecia convencida, encolhida de medo na parede ao lado da janela.

Devagar, sem tirar os olhos da jovem, colocou a luva de volta na mão, que já estava dormente. O que mais deveria dizer? O que deveria fazer?

— Meu nome é Michael... Michael Wilde.

O som da própria voz devolveu-lhe a segurança, por mais estranho que parecesse.

Mas, aparentemente, não surtiu o mesmo efeito com ela. A jovem não respondeu. Os olhos examinaram o aposento como se procurassem por um meio de fugir.

— Eu vim de Point Adélie. — Imaginou que essa informação provavelmente não significaria nada para ela. — A estação de pesquisa. — Isso faria mais sentido? — O lugar em que você estava. Antes... de vir para cá. — Embora Michael soubesse que ela falava inglês, e com sotaque britânico ainda por cima, não tinha certeza se as palavras estavam provocando alguma reação.

— Pode me dizer... quem você é?

Ela lambeu os lábios e afastou uma mecha do cabelo do rosto com um gesto nervoso.

— Eleanor — falou em um tom de voz baixo, porém agitado. — Eleanor Ames. Repetiu o nome para si mesmo várias vezes, como se assim ele fosse se tornar real.

— E você veio da.... Inglaterra? — arriscou.

Colocando a mão no peito, Michael disse:

— Eu sou americano. — A situação estava ficando tão absurda que ele quase riu. Parecia estar lendo um roteiro ruim de ficção científica. Só faltava ele sacar uma pistola de raios ou ela exigir ser levada ao seu líder. Pensou por um instante se estava prestes a ficar maluco.

— Bem, é um prazer conhecê-la, Eleanor Ames — disse, quase rindo outra vez diante do absurdo da situação.

E não é que ela se abaixou um pouco, fazendo uma reverência rápida?

Michael olhou rapidamente ao redor do quarto. O estrado de ferro da cama estava coberto por uma manta velha e suja e, embaixo dele, estavam algumas garrafas do baú afundado.

— Onde está o seu amigo?

Ela não respondeu. Mas Michael percebia que ela estava tentando pensar rápido.

— Creio que o chamou de Sinclair.

— Foi embora — falou. — Ele... me abandonou.

Michael não acreditou nisso nem por um instante. Era possível ver que ela estava acobertando o sujeito por uma razão qualquer. Fosse quem ou o que ela fosse, a expressão e a voz demonstravam emoções nitidamente humanas, não havia nada muito misterioso nesse sentido. E quanto ao segredo envolvendo a localização desse tal de Sinclair, ele era menos importante que as outras questões que estavam no ar. Como ela ficara aprisionada na geleira? E quando? Como escapara do bloco de gelo no laboratório? E como achara o caminho até Stromviken?

E a maior e mais inconcebível questão de todas, a que tornava secundárias todas as demais: como ela voltara à vida?

Se havia um jeito educado de perguntar tudo isso, Michael certamente não sabia qual era.

Notou um saco de comida de cachorro apoiado na parede. Decidiu não complicar, começando com uma pergunta fácil.

— Então esse Sinclair — falou — está com os cachorros do trenó?

De novo ela pensou rápido, até que percebeu que não teria nada a ganhar se continuasse mentindo. Os ombros caíram.

Houve um silêncio incômodo. Notou que os olhos da jovem estavam vermelhos, e os lábios, secos. Eleanor passou a língua por eles. Michael viu a garrafa aberta sobre a mesa. Ele sabia o que continha.

Mas Eleanor tinha noção de que ele sabia?

Percebeu que sim ao se virar de novo para ela. A jovem olhava para baixo, como se estivesse envergonhada, e ficou com o rosto vermelho.

— Você não pode ficar aqui — disse Michael. — Vem uma tempestade aí. Vai chegar em breve.

Era visível que ela estava perdida e confusa. Qual era seu relacionamento com Sinclair? Afinal, ele a trancara naquele quarto e partira para Deus sabia onde. Seria seu amante? Marido? Seria a única pessoa que conhecia no mundo dos vivos? Ou a única pessoa que poderia conhecer? Michael não sabia mais que questões levantar. Só tinha certeza de que não podia deixá-la ali naquela igreja gelada. Tinha que dar um jeito para que fosse com ele, imediatamente.

— Podemos voltar para pegar o Sinclair depois — Michael sugeriu. — Não vamos abandoná-lo. Que tal você vir conosco agora?

Diante da sugestão de que havia mais de uma pessoa, Michael viu que Eleanor arregalou os olhos e deu uma espiada pela porta aberta para a igreja vazia. Quem mais, com certeza ela estava se perguntando, iria perturbá-la?

— Estou com um amigo — explicou Michael. — Podemos levá-la até a estação.

— Não posso — ela disse.

Michael podia imaginar o que ela estava pensando, ou pelo menos parte do que se passava em sua cabeça.

— Mas nós podemos cuidar de você lá.

— Não, não sairei — falou, embora a voz tivesse falhado e até a expressão parecesse ter mudado. Era como se o próprio ato de protestar lhe tivesse consumido as últimas reservas de energia. Afastou-se da janela e se sentou na beirada da cama, apoiada nas duas mãos. O vento fez as janelas tremerem, e uma corrente de ar tornou o brilho do aquecedor mais intenso.

— Dou minha palavra — ele garantiu — de que ninguém vai machucá-la.

— Não será sua intenção — respondeu —, mas o senhor vai me machucar.

Michael não tinha certeza do que ela queria dizer, mas ouviu ao longe o som do snowmobile de Lawson subindo a colina. Eleanor ergueu o olhar, assustada. Michael imaginou o que ela acharia do barulho. Teria algum significado?

De que mundo, de que tempo, ela teria vindo?

— Temos que ir — ele falou.

Eleanor ficou parada como uma estátua, com certeza tentando se concentrar, tão imóvel quanto Michael a vira no gelo.

Tão imóvel quanto Kristin na cama do hospital.

O snowmobile estava se aproximando, e o rugido do motor entrou na igreja vazia. E então parou do lado de fora.

Eleanor Ames olhou fixamente para Michael, como se tentasse resolver um quebra-cabeça confuso, assim como ele estava fazendo. Michael mal podia imaginar todas as perguntas que lhe passavam pela cabeça, todos os fatores que ela estaria tentando levar em conta. As vidas, não somente a própria, que ela queria salvar e proteger.

— Ei — Lawson chamou. — Alguém em casa? — Os passos ecoavam no chão de pedra.

Eleanor agarrou firmemente o cobertor puído com a ponta dos dedos.

Com medo de dizer algo errado, Michael ficou calado.

— Ei, Michael, eu sei que você está aí em algum lugar! — Lawson chamou ao andar em direção ao altar. — A gente tem que cair fora.

A expressão de Eleanor estava tomada pela angústia... e por um cansaço que Michael só tinha visto uma vez na vida, no rosto de um homem que passara a noite inteira tentando, sozinho, salvar a casa de um incêndio florestal nas Cascades. Em vão.

Ela tossiu, cansada demais para levantar a mão e cobrir a boca.

— O senhor pode me dizer uma coisa? — falou em tom de derrota e resignação.

— Claro. O que quiser.

Lawson estava próximo o bastante para Michael ouvir o barulho das botas do outro lado da porta.

— Em que ano estamos?

34

16 de dezembro, 11h30

QUANDO SINCLAIR SAÍRA, O VENTO ESTAVA FRACO, mas estava ficando mais forte rapidamente. Ele guiara os cachorros pelos prédios decadentes da estação baleeira. Havia passado pela ferraria com vários arpões ainda montados em um suporte na parede, alguns deles tão grandes quanto a lança que ele usava em combate, e seguiram para noroeste, onde havia uma crista de gelo que tapava a visão. Duvidava que houvesse alguma coisa do outro lado, mas que opção tinha? Entregar-se, juntamente com Eleanor, aos cuidados daqueles de quem mal haviam escapado? Sinclair não confiava em ninguém... e jamais confiaria de novo. Até mesmo, era triste admitir, na própria amada. Ele trancara Eleanor na sacristia antes de sair porque não sabia o que ela faria no estado debilitado em que se encontrava.

Tinha medo de que, ao acordar, ela pudesse ceder a algum impulso repentino e tentar se matar. Como, exatamente, ele não tinha certeza. Apesar do terrível preço, sabia que a maldição os protegia contra males que matariam qualquer outra pessoa — cólera, disenteria, a misteriosa febre da Crimeia... até mesmo o aprisionamento no fundo do mar por cem anos, ou seja lá quanto tenha durado. Mas suspeitava que o processo diabólico que os sustentava pela eternidade não impediria a destruição corporal. Olhou para a bota rasgada, onde o cachorro lhe mordera a panturrilha. A ferida havia parado de sangrar e até mesmo cicatrizado, mas de alguma maneira inexplicável aquilo não era carne viva. Era um remendo, uma crosta, uma argamassa — algo que ajudava a sustentar um esqueleto ambulante, que falava e respirava. Sinclair podia quebrar, mas, pelo visto, não podia definir.

Não era exatamente o que dizia o lema da brigada, refletiu com ironia. Não era nem morte e tampouco glória. Em vez disso, era um ponto intermediário, que trazia lembranças dos dias de tédio que a Brigada Ligeira tivera de assar na Crimeia.

Durante semanas, não fizeram nada além de esperar, observando o deslocamento da infantaria do alto das montarias imóveis, sendo sempre poupado para um momento decisivo que parecia nunca chegar. Sob as ordens dos lordes Lucan e Cardigan, dois cunhados que se desprezavam completamente, o 17º Lanceiros foi deslocado de um distante posto avançado para outro, sempre preservado para que não se desgastasse antes da hora. Assim como vários de seus colegas, Sinclair sabia que os lanceiros estavam virando motivo de zombaria entre as tropas. Eram os cavaleiros janotas, com plumas e estolas de pele, galões dourados e calças vermelhas berrantes, mastigando ovos cozidos e biscoitos. Enquanto isso, os compatriotas faziam o trabalho sujo de atacar as fortificações. Quando, em um momento crítico, os comandantes permitiram que cavalaria russa escapasse sem ser perseguida e aniquilada, o sargento Hatch, que mal havia se recuperado da malária, quebrou revoltado o cachimbo e jogou os pedaços no chão.

— O que eles estão esperando, um convite personalizado? — rosnou, enquanto controlava o cavalo impaciente e olhava feio para o morro onde estava o comandante, o velho lorde Raglan, que segurava a luneta com o único braço que tinha, cercado por ajudantes de ordens. — Não vão receber um convite melhor do que esse.

Até mesmo o capitão Rutherford, tão conhecido pelo temperamento inabalável e pelas exageradas costeletas, aparentava impaciência. Depois de tomar um longo gole do cantil, cheio de água e rum, inclinou-se na sela e o ofereceu para Sinclair.

— Esse deve ser outro longo dia — falou.

Sinclair pegara e bebera bastante. Desde que o 17º Lanceiros embarcou, a guerra vinha sendo um imenso e custoso anticlímax, uma jornada violenta por mares revoltos que matara inúmeros cavalos, seguida por marchas infindáveis em desfiladeiros estreitos e planícies vazias, enquanto as tropas deixavam um rastro de corpos, alimentos para abutres, ratos e vermes... e para estranhas criaturas furtivas que eles só viam de relance à noite, espreitando além dos postos das sentinelas. Sinclair perguntou para um dos batedores turcos o que eram e o homem murmurou, após cuspir supersticiosamente sobre o ombro esquerdo:

— Kara-kondjiolos.

— Mas o que isso quer dizer?

— Bebedores de sangue — respondeu o turco, enojado. — Eles mordem os mortos.

— Como os chacais?

— Pior — disse, procurando pela palavra certa. — Como... os amaldiçoados.

Sempre que uma das criaturas era avistada, somente como um vulto recurvado nas sombras ou rastejando próximo ao solo, Sinclair percebia que os recrutas católicos faziam ostensivamente o sinal da cruz, e todos, não importava o credo, aproximavam-se das fogueiras.

Aquela terra estrangeira onde se encontrava era bem diferente de casa. Embora jamais tivesse visto algo tão emocionante desde então, ele lembrava as bandeiras e os galhardetes, as bandas marciais e os lenços sendo agitados quando

o Exército embarcara na Inglaterra. Até mesmo a cidade de Balaclava, até então um pequeno e idílico porto, havia ficado irreconhecível. Antes da chegada das tropas britânicas, Balaclava era o refúgio favorito dos moradores de Sebastopol. Tinha vilas pequenas e charmosas, conhecidas pelas telhas verdes e pelos jardins bem-cuidados. Segundo diziam, todas as casas e cercas eram decoradas com rosas e várias espécies de trepadeiras. Os vinhedos estavam repletos de uvas verdes do tipo moscatel, prontas para serem colhidas. Pomares cobriam os morros, e as águas transparentes da baía brilhavam como cristais.

E então o *Agamemnon*, o mais poderoso navio de guerra da Marinha britânica, entrara no porto e o Exército, com 25 mil homens apenas naquele ponto de desembarque, tornara a cidade a sua base de operações. As vilas foram tomadas, os jardins reduzidos a lama, os vinhedos pisoteados. Com muitos soldados doentes ou morrendo de diarreia, o pequeno porto isolado do mar transformou-se em uma imensa e fedorenta latrina, cheirando mal por causa do esgoto e do lixo. Lorde Cardigan, que não era bobo, escolhera ficar a quilômetros de distância, a bordo do iate particular, o *Dryad*. Lá, as refeições eram preparadas por um cozinheiro francês, enquanto uma multidão de ajudantes de ordens subia e descia a cavalo os íngremes morros do porto para levar instruções. Entre as tropas, longe dos ouvidos dos oficiais, ele era chamado de “o nobre iatista”.

— Alguma notícia do Francês? — perguntara Rutherford, mas Sinclair balançara a cabeça. A linha de frente não recebia cartas havia semanas, nem notícias dos hospitais de campanha. Sinclair tinha visto a perna do amigo depois de o cavalo cair sobre ela. Sabia que, caso o visse com vida outra vez, o Francês não seria o mesmo homem de outrora.

Algum deles seria?

Era um belo dia, de céu limpo e claro, e Ajax batia as patas no chão, ansioso para galopar. Sinclair acariciou o longo pescoço marrom e puxou gentilmente a crina preta.

— Um dia, meu rapaz, um dia... — falou, conformando-se em continuar ouvindo por horas o som de combate ao longe ou os disparos distantes dos canhões russos. Pela maioria da campanha, sentia-se como uma pessoa fora de um teatro, ouvindo o tumulto e as vozes lá dentro, mas incapaz de entrar. Pensava no que Eleanor estaria fazendo, se estava a salvo e se as cartas que enviara teriam chegado até ela em Londres.

Rutherford resmungou e apontou com o queixo para a direita de Sinclair. Um ajudante de ordens tinha acabado de sair do lado do comandante e descia a colina praticamente vertical a toda velocidade. Mal havia uma trilha, e várias vezes o cavalo quase caiu, mas o cavaleiro sempre conseguia recuperar o controle no último instante e continuava a descer o morro que nem um louco.

— Só conheço um homem que consegue cavalgar desse jeito — comentou o sargento Hatch, sentado na montaria.

— E quem seria? — Rutherford perguntou.

— O capitão Nolan, é claro — falou Sinclair. O mesmo capitão Nolan cujas técnicas de equitação estavam conquistando o continente.

O cavaleiro avançou, levantando uma nuvem de poeira, pedras e cascalho atrás dos cascos do cavalo, e assim que chegou à planície esporeou o animal para aumentar a velocidade. Lorde Lucan, de capacete com uma pluma branca, trotou em direção ao sujeito que se aproximava e parou o cavalo a menos de 10 metros de Sinclair, entre as formações das brigadas Ligeira e Pesada sob seu comando.

Com o cavalo pingando de suor nos flancos, Nolan galopou até o comandante e tirou um comunicado oficial da pasta, batendo com a mensagem nas mãos de lorde Lucan. Embora Sinclair soubesse que Nolan tinha pouco respeito pelo nobre (como a maioria da cavalaria), ainda assim ficou surpreso com a maneira agressiva com que tinha entregado o comunicado. O lorde era famoso pelo mau temperamento e um erro de conduta como esse podia levar a prisão por insubordinação.

Irritado, Lucan leu as ordens e então voltou os olhos para Nolan, cujo cavalo continuava batendo as patas ansiosamente, e o questionou de alguma forma. Sinclair não distinguiu todas as palavras, mas ouviu algo parecido com “Atacar o quê? Atacar que canhões, senhor?”.

Sinclair e Rutherford entreolharam-se. Será que lorde Lucan — “lorde Malucan” para as tropas entediadas — mais uma vez impediria que os homens entrassem em combate?

Nolan repetiu alguma coisa com insistência, balançando os cachos negros da cabeça, e gesticulou para o papel nas mãos de lorde Lucan. E então, esticando o braço em direção às baterias russas no final do vale do Norte, gritou em uma voz que até mesmo Sinclair ouviu claramente:

— Lá, meu senhor, está o seu inimigo. Lá estão os seus canhões!

Sinclair esperou que lorde Lucan ficasse furioso diante dessa nova impertinência e mandasse prender o capitão Nolan ali mesmo, mas em vez disso ele simplesmente deu de ombros, virou o cavalo e foi trotando conversar com seu arqui-inimigo, lorde Cardigan. Fosse qual fosse o conteúdo daquele comunicado oficial, era importante o bastante para que ele não ignorasse ou tomasse uma ação unilateral.

Após vários minutos de intensa deliberação, lorde Cardigan bateu continência, não apenas uma vez, mas duas, e galopou em direção a Sinclair e aos demais lanceiros. Rapidamente mandou que a brigada formasse duas linhas, a primeira composta pelo 17º Lanceiros, pelo 13º Dragões Ligeiros e pelo 11º Hussardos; a segunda, pelo 4º Dragões Ligeiros e pela maioria do 8º Hussardos. Enquanto isso, a Brigada Pesada foi deslocada para a retaguarda. A Artilharia Montada, que deveria segui-los em circunstâncias normais, não recebeu ordens; talvez, Sinclair concluiu, porque o vale adiante tivesse sido parcialmente arado e fosse difícil de atravessar.

Se tivesse que adivinhar, Sinclair diria que o vale do Norte, onde a brigada estava entrando, tinha cerca de 2 quilômetros de extensão e nem chegava a 1,5

quilômetro de largura. Era uma planície sem elevações que não oferecia nenhum tipo de proteção, controlada pelas forças russas nos três lados. Nas colinas Fedioukine, ao norte, Sinclair notou pelo menos uma dúzia de canhões com vários batalhões de infantaria. Ao sul, a situação era ainda mais assustadora nas colinas Causeway, com pelo menos trinta canhões e uma artilharia de campanha que tinha capturado as fortificações mais cedo pela manhã. Mas era no fim do vale que morava o maior perigo. Se a Brigada Ligeira atacasse aquele ponto, não só passaria por um túnel de fogo pelo caminho inteiro, como também iria em direção a uma dúzia de canhões protegidos por várias fileiras da cavalaria russa.

Pela primeira vez na vida, Sinclair teve uma clara premonição de morte. Não surgiu como um arrepio, ou mesmo uma vontade de fugir, mas sim como uma verdade nua e crua. Até então, mesmo com os demais soldados sucumbindo à cólera ou à febre ao longo do caminho, ou sendo eliminados pelos atiradores de elite nas colinas, Sinclair nunca tinha levado em conta a própria vulnerabilidade. Sentia-se inatingível. Mas ninguém conseguia manter tal ilusão ao olhar para a boca do vale do Norte.

Sinclair cavalgava na primeira fileira com Rutherford à esquerda e um jovem chamado Owens à direita. O sargento Hatch tinha sido designado para segunda fileira.

— Cinco libras — Sinclair falou para Rutherford — que eu chego primeiro à bateria.

— Está pago — Rutherford respondeu. — Mas você tem cinco libras?

Sinclair riu e Owen deu um sorriso tímido ao ouvir a conversa. Tinha um queixo pequeno e um rosto magro, que ficou tão branco quanto leite. A mão tremia ao segurar a lança em riste.

Uma trombeta soou e Sinclair se calou, assim como todos ao redor. Lorde Cardigan cavalcou bem à frente da companhia e sacou a espada, levantando-a. Em um tom de voz calmo que mesmo assim foi ouvido pelos homens atrás dele, falou:

— A brigada vai avançar. Andem, marchem, trotem.

O som da trombeta ficou para trás. Quando a cavalaria avançou de lanças em riste, Sinclair notou o silêncio estranho, praticamente sobrenatural, que caiu sobre o vale inteiro. Nenhum rifle disparou das colinas, nenhum canhão trovejou, nenhuma brisa farfalhou pela grama baixa. Só se ouviam o ranger das selas de couro e o tinir das esporas. Era como se o mundo inteiro estivesse prendendo o fôlego, esperando para ver o desenrolar do espetáculo.

Sinclair segurava as rédeas frouxas, pois sabia que logo chegaria a hora de pegá-las com força e conduzir Ajax para dentro do fogo. O cavalo levantou a cabeça, bufando ao respirar o ar fresco, feliz de finalmente poder trotar um solo uniforme e compacto. Sinclair tentou manter o olhar fixo na pomposa de lorde Cardigan, sentado ereto na sela com a estola de pele e lar dourados usada como um casaco, em vez de estar pendurada no ombro, como era costume. O comandante em momento algum se virou para observar as tropas, porque, como

qualquer cavaleiro sabia, isso seria um sinal de incerteza — algo que lorde Cardigan não sentia. Não importava a opinião de Sinclair e dos outros soldados, por mais que debochassem do comandante por causa dos hábitos requintados e da fixação mesquinha pelo protocolo, naquele dia lorde Cardigan era uma figura inspiradora.

E então Sinclair viu uma nuvem de fumaça no fundo do vale, tão delicada e redonda quanto um dente-de-leão, seguida por outra. O estrondo do disparo do canhão chegou aos ouvidos apenas um ou dois segundos depois. Terra e grama espirraram para o céu. Os tiros não acertaram ninguém, mas Sinclair sabia que os canhoneiros russos estavam simplesmente ajustando a mira. A linha de frente tinha avançado não mais do que 50 ou 60 metros quando, par espanto de Sinclair, o capitão Nolan quebrou a etiqueta militar ao abandonar a formação e correu em direção ao lorde Cardigan, balançando a espada. Virou-se na sela e gritou algo para o comandante que foi impossível ouvir debaixo do crescente trovejar dos canhões. Por um momento, Sinclair pensou que Nolan tinha perdido o juízo de vez e estava tentando tomar o comando da carga. Porém, antes mesmo que Cardigan reagisse a essa atitude, uma bala de canhão russa explodiu no chão e um estilhaço rasgou o peito do capitão Nolan com tamanha violência que Sinclair viu o coração do homem batendo. Então escutou um grito como jamais tinha ouvido antes enquanto o corpo ensanguentado de Nolan, ainda ereto na sela, era levado para o meio das tropas pelo cavalo em pânico. A espada havia caído da mão de Nolan, mas o braço permanecia inexplicavelmente esticado, como se ainda tentasse direcionar o ataque. O grito continuou até o cavalo chegar à fileira do 4º Dragões Ligeiros, onde o corpo, finalmente em silêncio, caiu da sela.

— Bom Deus — Sinclair ouviu Rutherford murmurar. — O que o sujeito estava tentando fazer?

Sinclair não fazia a mínima ideia, mas ver o capitão Nolan, o melhor cavaleiro de toda a cavalaria britânica, morrer assim tão cedo não era um bom presságio. O ritmo da brigada aumentou, mas só um pouco. Lorde Cardigan, que sequer se virou na sela para ver o fim de Nolan, liderava as tropas em formação compacta e passo cadenciado, como se elas estivessem em um desfile em vez de marchando em direção a crescentes rajadas de fogo.

— Juntem-se! — Sinclair ouviu o sargento Hatch gritar atrás dele, ordenando os cavaleiros a taparem os buracos deixados por homens e cavalos caídos. — Juntem-se no centro!

O ritmo aumentou. Ajax abaixou o focinho marrom manchado de branco e avançou com Sinclair, com a espada e a bolsa de couro batendo no lado do corpo e o capacete abaixado para proteger os olhos do brilho do sol. Estava difícil levar a lança em riste na mão, e Sinclair ansiava pela ordem para abaixá-la e apoiá-la debaixo do braço. E torcia para que sobrevivesse por tempo suficiente para poder usá-la.

Na metade do vale, a brigada entrou no fogo cruzado dos canhões e dos rifles da infantaria nas colinas de Causeway e Fedioukine. Balas dos mosquetes e

projéteis dos canhões, de pequeno e grosso calibres, passavam pelas fileiras, rasgando os flancos dos cavalos ou arrancando os cavaleiros das selas. Como os soldados não conseguiam mais controlar as assustadas montarias e, aliás, nem a si próprios, as fileiras tornavam-se cada vez mais desordenadas diante do avanço dos homens e cavalos desesperados para escapar da chuva mortal. Sinclair ouviu berros de alegria e preces, misturados com os gemidos agonizantes dos animais e os gritos dos lanceiros moribundos.

— Vamos lá, 17° Lanceiros! — ouviu o sargento Hatch gritar quando o cavalo se aproximou de Ajax pela direita. — Não deixem que o 13° chegue antes de nós!

Onde estava o jovem Owens, Sinclair perguntou-se, ou o cavalo dele? Não tinha visto o sujeito ser morto.

Uma corneta soou. Sinclair finalmente abaixou a lança e esporeou os flancos de Ajax. O campo de batalha estava tão tomado por fumaça, poeira e fragmentos que Sinclair mal conseguia distinguir o canhão à frente. Viu brilho de chamas e ouviu as balas de canhão rasgando as fileiras, derrubando uma dúzia de soldados de uma vez só como se fossem pinos de boliche. O som era ensurdecedor, tão alto e violento que ele não escutava nada além de ar zumbido. Os olhos ardiam com a fumaça e o fogo, e a pulsação aumentava. Os cavaleiros que avançaram à frente de Sinclair estavam espalhados no chão feitos em pedaços, enquanto os cavalos lutavam para se levantar nas patas quebradas ou arrancadas. Confiante em seu cavaleiro, Ajax pulou sobre um porta-estandarte caído sobre a montaria sem cabeça e galopou com coragem em direção ao caos. O chão passou voando enquanto Sinclair lutava para manter a lança firme. A cerca de 50 metros, ele viu de relance os uniformes cinzentos e os quepes de aba curta dos canhoneiros russos carregando freneticamente outro projétil no canhão. Sinclair estava indo em direção ao cano assim como os soldados alimentaram o canhão, mas não era possível sair da frente. O sargento Hatch estava próximo de um lado e o cavalo de Rutherford, gemendo de medo, fazia companhia do outro, mas os estribos batiam vazios, sem sinal do cavaleiro. Sinclair não tinha outra opção senão pular sobre o canhão antes que disparasse. Ouviu gritos em russo e viu uma tocha laranja tocar o pavio. Abaixou a cabeça, apontou a lança para o homem que segurava o fogo e avançou contra ele. Ajax pulou assim que o canhão disparou, e a última coisa que Sinclair se lembra foi de ele ter voado às cegas em meio a um caos vermelho sangue e fumaça, tripas e pólvora... e então nada.

35

16 de dezembro, 11h45

JUSTO QUANDO CHARLOTTE HAVIA COMEÇADO a pensar que aquele emprego não seria assim tão ruim, no fim das contas — tempo horrível, síndrome de confinamento, tudo bem, mas não havias grandes emergências médicas —, instalava-se o pandemônio.

Primeiro, Danzig havia sido atacado e morto pelo próprio husky e agora... *agora* Murphy estava tentando lhe dizer que o corpo mutilado diante dela, no chão do laboratório de botânica, era obra do falecido Danzig.

— Isso não é possível — disse pela centésima vez. — Eu mesma atestei o óbito. Costurei a garganta de Danzig com as minhas próprias mãos, usei o desfibrilador duas, três vezes, e os aparelhos não deram sinal de vida. — Ajoelhou-se e colocou a mão no pescoço gelado de Ackerley. — E eu vi ele sendo colocado num saco mortuário.

— Bom, de alguma forma ele saiu — Murphy insistiu. — É tudo o que eu posso te dizer. Wilde e Lawson juram que viram.

Se não soubesse de quem se tratava, teria perguntado se os dois estavam bêbados ou viajando com algo mais forte. Mas ela conhecia Michael e conhecia Lawson, e sabia que eles jamais inventariam algo tão horrível. E realmente não podia ser mais horrível que isso. A garganta e o pescoço de Ackerley haviam sido dilacerados selvagememente. O sangue lhe encharcara a camisa e as calças. De alguma maneira, os óculos não haviam caído do rosto durante o ataque, embora tenham ficado esguichados de sangue. Fosse lá quem ou o que tivesse feito aquilo, era algo bem pior do que qualquer coisa que ela tivesse presenciado mesmo na pior noite da emergência de Chicago.

— Eu sei que você iria querer fazer um exame mais minucioso, mas, tendo em vista o que aconteceu com o Danzig, não posso arriscar — disse Murphy, andando de um lado para outro atrás dela, nervoso. Charlotte já tinha notado o volume característico de uma arma e um coldre debaixo do casaco do chefe.

— O que isso quer dizer?

— Vou mostrar para você.

O que aquilo queria dizer, descobriu Charlotte, era que o corpo teria que ser ensacado e colocado pelos dois em um tobogã, que seria depois arrastado, da forma mais discreta possível, para os fundos da estação até um frigorífico pouco utilizado. O local era, na verdade, um enorme barracão deteriorado com caixas de Coca-Cola, cerveja e material de cozinha. Murphy entrou e afastou algumas latas e utensílios de cima de uma caixa comprida com quase um metro de altura. Pela parede acima dela corria um cano grosso de metal, com pintura vermelha descascando.

— Vamos deitar ele aqui — disse Murphy. Ele pegou os ombros, enquanto Charlotte segurava os pés, e os dois pousaram o corpo com o máximo de delicadeza e respeito possíveis. Ao ajeitar as costas, Charlotte viu que a caixa estava marcada com letras pretas CONDIMENTOS SORTIDOS HEINZ.

— E por que essa solução é melhor do que levar ele para a enfermaria para fazer a autópsia? — perguntou Charlotte.

— Porque aqui dá para a gente manter segredo, pelo menos por enquanto — Murphy respondeu. — E é mais seguro.

— Seguro por quê? — Seja qual fosse o problema com Danzig, será que o chefe estava realmente achando que aquele corpo mutilado ia voltar à vida?

Murphy não respondeu, ela com certeza não gostou da expressão ou do par de algemas — algemas? — que viu no bolso traseiro das calças do chefe.

— Você pode me deixar um minuto sozinho? — disse ele. — Eu já vou sair.

Charlotte deixou o frigorífico e ficou na rampa. O vento realmente tinha aumentado — uma tempestade aproximava-se. O que estava acontecendo ali? Dois mortos em poucos dias? E, embora se sentisse péssima ao pensar assim, tinha que considerar uma questão pessoal: será que isso não iria pegar mal no currículo dela como médica responsável por Point Adélie?

— Tudo certinho — Murphy falou ao chegar por trás dela. Fechou a porta com cadeado e correntes embrulhadas em plástico para proteger da umidade. — Nem preciso dizer que informei ao Tio Barney que o frigorífico não pode ser usado até segunda ordem.

Charlotte jurou, só para garantir, que jamais usaria qualquer tipo de condimento Heinz.

— E nem preciso dizer para você que mantenha a boca fechada. Pelo menos até a gente esteja no comando da situação, principalmente em relação ao Danzig.

16 DE DEZEMBRO, 14H

Eleanor não tinha muita noção do que estava acontecendo. Ela se lembrava de ter sido ajudada, quase carregada, a chegar até a porta da igreja e depois colocada sobre uma máquina grande em uma espécie de sela. Fora aconselhada a pôr os

braços em torno do homem sentado à sua frente — ele dissera se chamar Michael Wilde; seria irlandês?, pensou ela — mas isso seria atrevimento demais e ela resistira com as forças que lhe haviam restado.

O outro homem então amarrara uma corda ao seu redor, feita de um tecido fino, porém resistente, e fechou bem o capuz de seu casaco. A máquina fugiu e correu pela neve como um garanhão, mas o vento e o gelo sendo levantados eram tão fortes que, querendo ou não, ela teve que inclinar a cabeça e encostar o rosto nas costas de Michael. E não demorou muito para passar os braços por ele para manter o equilíbrio.

Se não fosse pelo capuz, o barulho teria sido ensurdecedor. Ao seguirem rugindo pelo cenário desolador, Eleanor teve a estranha sensação de estar sendo ninada. Ao longo do dia, ela começara a se sentir cada vez mais fraca e resistira à tentação das garrafas pretas que Sinclair deixara na sacristia. Agora sentia os últimos resquícios de energia indo embora. Fechou os olhos e relaxou braços e pernas. Teve a impressão de estar sem forças, mas não de forma desagradável. O rugido da máquina lembrava o barulho dos motores do navio que a levara para a Crimeia... sob a vigilância constante da srta. Nightingale. Mas, ah, o que a patroa acharia de uma cena como essa? Sabia muito bem que a srta. Nightingale era contra as enfermeiras confraternizarem com os soldados ou quebrarem a maior parte das convenções sociais. Escândalos deviam ser evitados a todo custo e, apesar de seu jeito gentil com as tropas, a srta. Nightingale era frequentemente azeda e inflexível com sua equipe feminina.

Na manhã seguinte àquela em que encontrara o Francês entre os feridos, por exemplo, Eleanor tomara o cuidado de acordar uma hora mais cedo e sair de mansinho do alojamento das enfermeiras, fazendo o máximo de silêncio. A escadaria ainda estava às escuras e ela quase tropeçara duas vezes ao sair da torre em direção à ala onde estava o tenente Le Maitre. Além de uma camisa limpa, ela levava no bolso do avental uma folha de papel dobrado e um toco de lápis.

Embora alguns dos soldados ainda estivessem dormindo, muitos contorciam-se nas camas, abalados pela febre ou pela dor, com olhos vidrados e lábios secos. Dois ou três esticaram o braço quando Eleanor passou correndo, mas teve que negligenciar os seus pedidos e se concentrar na missão. Teria que estar de volta ao seu posto habitual em menos de uma hora.

Ao se aproximar da ala, passou por vários carrinhos sendo preparados para as cirurgias do dia. Havia dois serventes. Um deles, com orelhas de abano e uma ponta do cabelo em pé, disse:

— Bom dia, senhora. Acordou cedo.

O outro, um sujeito robusto com o rosto cheio de marcas, falou:

— Gostaria de se juntar a nós para tomar uma xícara de chá? — Ele levantou uma chaleira amassada do carrinho. — Ainda está quente.

Eleanor recusou e foi rapidamente até o canto oposto, onde encontrou Le Maitre desperto e olhando pela janela quebrada para o início do amanhecer.

Ajoelhou-se ao lado da cama, e o Francês só pareceu notar sua presença quando Eleanor mostrou o papel e lápis e disse:

— Voltei. Olhe o que eu trouxe.

Ele lambeu os Líbios e fez que sim com a cabeça.

— E isso também — falou ao mostrar a camisa limpa. — Vamos tirar essa roupa velha e colocar a nova assim que eu achar água para um banho — Le Maitre olhou para ela como se mal compreendesse a língua que Eleanor falava. Ela percebeu que a noite tinha sido dura para ele.

— Francês — falou em voz baixa —, estou envergonhada de admitir que nem ao menos sei seu verdadeiro nome.

E, pela primeira vez, ele sorriu.

— Poucos sabem.

Eleanor ficou contente por ver pelo menos essa faísca de vida.

— É Alphonse. — Ele deu uma tosse seca e acrescentou: — Agora você sabe o motivo.

Eleanor sentou-se na beirada da cama, com cuidado para não tocar nas pernas machucadas, e ajeitou o papel no colo.

— É uma carta para a sua família?

Ele fez que sim e forneceu um endereço em West Sussex. Eleanor anotou e esperou.

— Chers Père et Mère, Je vous écris depuis l'hôpital en Turquie. Je dois vous dire que j'ai eu un accident, une chute de cheval, qui m'a blessé plutôt gravement.

O lápis de Eleanor permaneceu suspenso no ar. Não lhe passou pela cabeça que a família de Le Maitre falasse francês, na verdade.

— Ah, meu caro, eu não sei escrever em francês. — Ergueu o olhar do papel e viu que ele fechou os olhos para se concentrar. — Pode falar em inglês?

Veio um barulho de rodas da porta da ala e várias vozes começaram a conversar. O hospital estava acordando.

— Claro. — A voz de Le Maitre estava rouca. — Que tolíce a minha. — Parou de falar e então recomeçou: — Meus caros pai e mãe, envio essas palavras de um hospital na Turquia. Uma amiga está anotando.

O barulho de rodas aumentou.

— Infelizmente fui ferido... na queda de meu cavalo.

Rabiscando as palavras, Eleanor levantou os olhos e viu o servente de orelhas de abano empurrando o carrinho de cirurgia como se fosse um vendedor de flores. Ele vinha em direção ao canto onde estavam. O outro carregava debaixo do braço uma cortina branca, dobrada como uma vela de navio. A intenção dos dois era óbvia.

— Ah, não é possível os senhores esperarem um pouquinho? — Eleanor disse ao ficar de pé.

— Ordens do médico — disse o primeiro, enquanto o outro deixou cair a base da cortina no chão e rapidamente a abriu para tapar a visão da cama. Até a chegada da srta. Nightingale, todas as amputações eram feitas diante dos outros

pacientes. Ela insistira na instalação dessas cortinas, não só para garantir um pouco de privacidade ao amputado, mas também para poupar os demais pacientes do espetáculo sangrento que poderia vir a acontecer com eles em seguida.

O tenente acabou de começar a ditar uma carta para a família. Com certeza os senhores têm outro paciente para atender.

— Eleanor? — disse o Francês, agarrando sua manga. — Eleanor!

Ela se virou para Le Maitre e o viu retirar uma cigarreira de prata de baixo do colchão.

— Pegue isso!

Era a mesma cigarreira que Eleanor tinha visto no Longchamps Club, depois da tarde no hipódromo. Tinha a macabra insígnia do regimento, o símbolo da morte com o lema “ou a glória”.

— Faça com que minha família receba isso, por favor!

— Mas um dia o senhor poderá entregar pessoalmente — disse enquanto Le Maitre pressionava a cigarreira em sua mão.

— Senhora, temos trabalho a fazer — falou o servente robusto.

Ela guardou a cigarreira no bolso do avental enquanto o cirurgião grisalho se aproximava do catre.

— Qual é o empecilho aqui? — vociferou, dando um olhar furioso para Eleanor. — Não temos o dia inteiro. — Ele afastou o lençol da perna arruinada do Francês, inspecionou o ferimento por não mais do que alguns instantes e disse: — Taylor, coloque o bloco.

O servente de orelhas de abano pegou um bloco de madeira manchado de sangue seco e começou a colocá-lo debaixo da perna a ser amputada. O Francês uivou de agonia.

— Smith, amarre os braços. Quanto à senhora — o cirurgião disse para Eleanor —, não me lembro de ter dado permissão para que as pupilas da srta. Nightingale perturbassem minhas alas.

— Mas, doutor, eu estava apenas...

— A senhora vai se dirigir a mim como reverendo doutor Gaines, e mente quando for estritamente necessário.

Um sacerdote e médico? Mesmo no curto período em que Eleanor servira no hospital de campanha, tinha mais medo dos médicos cristãos do que de quaisquer outros. Embora o clorofórmio fosse inegavelmente escasso, havia um pouco para as amputações, mas os cirurgiões mais religiosos eram contra seu uso. Para eles, qualquer tipo de anestesia era uma novidade, uma invenção recente que diminuía a dor nobre e purificadora que Deus tinha ordenado. Virou-se para o Francês, cujo rosto, agora que a perna tinha sido levantada, estava corado pelo sangue. Os braços foram amarrados ao lado do corpo por cordas passadas por debaixo do estrado de ferro. Taylor segurou um copo de uísque nos lábios de Le Maitre, mas a bebida escorria pelo queixo, que tremia.

— Coloque a proteção na boca — o médico mandou enquanto amarrava o avental branco.

Taylor pegou um pedaço de couro gasto e pôs entre os dentes do Francês.

— É melhor morder — o servente aconselhou —, ou pode perder a língua. — Deu um tapinha amigável no ombro e deixou as mãos ali, uma de cada lado, enquanto permanecia na cabeceira da cama.

— Muito bem, Smith — falou o cirurgião, pressionando o joelho erguido. — Segure a outra perna, por favor.

Smith fez peso sobre a perna direita, com uma mão na coxa e outra na canela, enquanto a esquerda estava esticada no bloco de madeira como o pescoço de um peru. Eleanor ficou ao pé da cama, muda de medo, enquanto o dr. Gaines pegou uma serra de ossos com uma empunhadura de madeira no carrinho. Olhando de lado para Eleanor, ele falou:

— Pode ficar, se quiser. Depois a senhora limpa.

Mas Eleanor já havia decidido que ficaria. O Francês olhava para ela como se estivesse entre a vida e a morte. Eleanor não poderia abandoná-lo em um momento como esse. O dr. Gaines ajustou a perna para que ficasse bem no centro do bloco, um pouco acima do joelho. Enquanto segurava a perna com uma mão, encostou a lâmina denteada na pele verde e roxa, Eleanor imaginou a cena perturbadora de um arco tocando as cordas de um violino. O médico tomou fôlego e começou a serrar.

Uma fonte de sangue esguichou no ar e o Francês gritou, cuspidando a proteção da boca. O corpo arqueou, mas o médico continuou serrando e, antes que o primeiro grito acabasse, ele puxou de novo a serra com força, penetrando no osso, que, enfim, se partiu. O Francês tentou gritar de novo, mas a agonia era tão grande que não saiu som algum. A perna estava praticamente separada do tronco, com apenas alguns pedaços de osso e pele unindo os dois, mas o dr. Gaines logo deu conta deles. A serra ia para trás e para a frente, fazendo um assobio molhado. De repente, a perna caiu no avental sujo de sangue do médico e rolou até os sapatos. Ele nem prestou atenção nela e simplesmente pousou a serra na cama para pegar um torniquete no carrinho, que amarrou com força no cotoco, que espirrava sangue. O Francês tinha desmaiado. O médico arrancou os pedaços de pele grudados nos dedos, pegou uma agulha do bolso do avental e começou a costurar a ferida com suturas pretas e grossas. Quando terminou, derramou uma boa dose de álcool sobre o cotoco, que não parava de tremer, e disse para Eleanor:

— Vejo que ainda está de pé.

As pernas de Eleanor tremiam, sim, mas ela permanecia de pé, nem que fosse para não lhe dar o gostinho de vê-la desmaiar.

— Vamos deixa-lo aos seus cuidados — disse ao limpar as mãos no avental. — E livre-se disso — falou, cutucando a perna amputada com a ponta da bota. Virou-se e saiu da ala. A operação não levou mais do que dez minutos.

Taylor e Smith ficaram para recolher os utensílios e dobrar a cortina. Despediram-se tocando a testa com o dedo e a caravana partiu.

— A próxima é uma mão — ouviu Taylor dizer.

— Vai ser rápido — Smith respondeu.

A cama estava encharcada de sangue, o chão ficou escorregadio, primeira obrigação de Eleanor era se livrar da perna amputada. Tirou o lençol, que se encontrava meio caído fora da cama, e embrulhou a perna com ele, Jogou então na lixeira e pegou um balde com água e um esfregão para começar a limpar o chão. O sol já estava alto no céu, mandando uma luz amarela pela janela. O dia ia ser lindo. Quando terminou a limpeza, lembrou-se da roupa limpa que tinha trazido. Embora não quisesse acordá-lo por nada neste mundo, desejava desesperadamente tirar a camisa cheia de piolhos, dar banho em Le Maitre e colocar roupa nova. Ele não podia acordar depois de tamanho sofrimento naquela imundície. A cabeça pendia sem forças e a pele estava gelada. Os lábios tinham um tom azul pálido.

— Com licença, senhora? — falou um soldado em uma cama próxima.

Ela levantou os olhos, ainda segurando o Francês.

— Acho que o sujeito morreu.

Eleanor deitou-se outra vez e pousou a mão sobre o coração. Não sentiu nada. Colocou o ouvido no peito e não ouviu som algum. Recostou-se na parede. Um passarinho pousou no peitoril, cantando alegremente. O sino da torre anunciou a hora e Eleanor sabia que logo a srta. Nightingale estaria à sua procura.

36

16 de dezembro, 17h

MICHAEL SABIA QUE, SE A PORTA ESTAVA FECHADA a uma hora dessas, Charlotte devia estar tirando uma merecida soneca, mas ele não tinha muita escolha.

Bateu na porta da pobre mulher e, como ficou sem resposta, bateu de novo, com mais força.

— Calma, calma — Michael escutou, juntamente com passos de chinelos vindo em direção à porta. Ela abriu, vestindo o suéter de rena e uma alça de moletom roxa da Universidade Northwestern. Quando viu que era Michael, falou:

— Vou só te avisar: acabei de tomar um Xanax.

Pela expressão sonolenta de Charlotte, ele acreditou.

— Preciso que você examine alguém.

— *Quem?*

Como dizer isso sem parecer que estava fazendo uma pegadinha idiota?

— Sabe aquela mulher? A que estava congelada?

— Sim — Charlotte respondeu, contendo um bocejo. — Acharam ela de novo?

— Achamos — Michael falou. — Só que, tipo assim, a gente a trouxe de volta.

— Para a base?

— Para a vida.

Charlotte ficou parada ali, coçando o rosto com a parte de trás das unhas.

— Como é que é?

— Ela está viva. A Bela Adormecida está acordada e viva.

Pela expressão de Charlotte, Michael calculou que ela achou que fosse uma piada, e ruim, ainda por cima.

— Você me acordou para isso? — disse. — Porque eu tive um dia péssimo e...

— Estou falando a verdade. É para valer. — Michael encarou os olhos da doutora, para que notasse que estava sendo sincero e que não apresentando sintomas do Big Eye. Que não era brincadeira.

— Não sei o que você pretende — disse Charlotte, cedendo —, mas agora estou acordada. Onde está esse fenômeno?

— Aqui ao lado, na enfermaria.

Michael abriu espaço para que ela fosse cambaleando até a porta vizinha, ainda meio grogue. Lawson, andando pela sala de espera como um pai ansioso na maternidade, não disse nada ao ver Charlotte e Michael entrando no consultório.

Eleanor estava deitada na mesa como um corpo em um caixão, as mãos dobradas sobre o busto. O sobretudo laranja estava pendurado em uma cadeira. Ela usava um vestido azul-escuro longo e antiquado, com um broche branco preso ao busto. Os olhos estavam fechados, mas ela não estava dormindo. Respirava fracamente pela boca aberta.

E Michael percebia que Charlotte estava acordando de supetão.

“Controle-se.” Foi a primeira coisa que Charlotte disse para si mesma.

A jovem, seja lá quem fosse, realmente se parecia com a mulher que ela vira de relance no gelo.

— Ela perdeu os sentidos há uma hora — Michael informou —, quando a gente tentou retirá-la da velha igreja na estação baleeira.

A estação baleeira? A velha e abandonada estação baleeira? Aquela garota deitada com roupas antiquadas? Ela deveria ter o quê, uns 19 ou 20 anos? Nada disso fazia o menor sentido. Charlotte jurou que pensaria duas vezes antes de tomar Xanax outra vez. Verificou o pulso da mulher, que estava estável, mas fraco. Os dedos pareciam espetinhos congelados.

— A propósito, o nome dela é Eleanor Ames.

Charlotte olhou para o belo rosto. Lembrou-se dos retratos do século XIX do Chicago Art Institute. Os traços eram delicados e elegantes, as sobrancelhas finas e arqueadas, mas o efeito como um todo era estranhamente surreal e etéreo, como se realmente olhasse para um retrato ou uma figura de cera benfeita. Algo que não era exatamente de verdade.

“Concentre-se”, Charlotte pensou. “Concentre-se apenas no trabalho. Não se distraia com outras coisas que ainda não consegue entender.” Era uma lição que vivia aprendendo na emergência.

— Eleanor — falou ao se inclinar —, consegue me ouvir?

As pálpebras tremeram.

— Sou a dra. Barnes, Charlotte Barnes. — Ergueu os olhos para Michael. — Ela fala inglês?

Michael concordou enfaticamente.

— Ela é inglesa.

Charlotte precisou de um instante para digerir essa informação também.

— Pode abrir os olhos para mim?

Eleanor virou a cabeça no travesseiro e levantou o olhar para Charlotte com uma expressão confusa, indo das renas no suéter para o rosto largo da médica.

— Muito bem — Charlotte disse para encorajá-la. — Muito bem mesmo. — Deu um tapinha nas costas da mão de Eleanor. “Mas se ela não for a mulher do gelo, a

Bela Adormecida, quem mais poderia ser? E como teria chegado aqui, ao Polo Sul?” Charlotte espantou os pensamentos. “Concentre-se.” — A gente vai aumentar a sua temperatura e você vai se sentir melhor logo, logo.

Charlotte usou o estetoscópio para ouvir o coração e os pulmões. O vestido da mulher, em estilo vitoriano, tinha um odor de salmoura. “Quase como se tivesse passado um tempo debaixo d’água.” Pediu que Michael fosse ao bandeirão para trazer “algo quente e gostoso, talvez chocolate quente”, enquanto continuava com o exame. Procedia com cuidado, para não fazer nada que chocasse uma paciente com costumes antiquados. Fosse quem fosse ou de onde viera, obviamente vivia em outro século, pelo menos na própria cabeça. Certa vez, Charlotte atendera um paciente que pensava ser o papa e tivera o cuidado de sempre chamá-lo de Sua Santidade. Como era de se esperar, Eleanor parecia fascinada pela braçadeira do aparelho de medir a pressão. A lanterna usada para examinar os olhos também a espantava. Ela observava Charlotte o tempo todo, recuperando aos poucos a consciência com um quê de perplexidade. Charlotte imaginou o que a mulher pensava dela: uma negra grande, usando um suéter de desenhos berrantes e calças roxas, e com um cabelo de trancinhas e luzes amarrado em um nó no topo da cabeça?

— Você é... uma enfermeira? — ela finalmente sussurrou.

“Ah, bem, podia ter sido muito pior”, Charlotte pensou.

— Não, sou uma médica. — Ela tinha mesmo um sotaque inglês.

— Eu também sou enfermeira — falou, levando uma mão pálida ao busto.

— É mesmo? — Charlotte disse, contente por ouvi-la falar, enquanto preparava uma seringa para coletar sangue.

— Trabalho com a srta. Nightingale.

— Olha só! — Charlotte respondeu antes mesmo de digerir a informação. Eleanor falou como se quisesse impressioná-la. E claro que conseguiu. Segurando a agulha contra a luz, Charlotte fez uma pausa e perguntou: — Pera que Nightingale? Você está falando de Florence Nightingale?

— Sim — Eleanor respondeu, aparentemente contente com o fato de ainda ser conhecido. — No hospital da Harley Street... e depois na Crimeia.

Florence Nightingale? A dama da lamparina? De... quando mesmo? História nunca fora a matéria preferida de Charlotte. Isso tinha sido há quanto tempo, uns duzentos anos mais ou menos?

“Concentre-se”, Charlotte pensou mais uma vez. “Concentre-se.” E não faça nada para assustar a paciente ou, em um caso como o de Eleanor, não nada que vá contra uma visão de mundo que é crucial para a sua estabilidade mental.

— Bem, então, srta. Ames, você veio de longe para chegar a um lugar como esse. — Charlotte rolou uma manga do vestido. O tecido era áspero e grosso, parecia uma roupa cenográfica. — Mesmo hoje em dia não é fácil vir até aqui. — Passou um algodão com álcool no braço. — Agora fique bem parada. Você vai sentir uma fisgada e tudo vai passar em poucos instantes.

Eleanor abaixou o olhar para a agulha e viu o sangue sendo coletado se jamais tivesse presenciado o procedimento antes. Charlotte imaginou se já teria visto algo assim. Seria possível ter presenciado uma coleta de sangue? Só por curiosidade, planejou pesquisar sobre Florence Nightingale assim que terminasse o exame. Puramente, tentou se convencer, por razões acadêmicas.

Assim que removeu a agulha, Michael voltou, trazendo uma bandeja não somente com uma xícara de chocolate quente, mas também um bolinho de mirtilo e ovos mexidos embalados em plástico. Enquanto ele procurava um espaço para pousar a bandeja, Charlotte abriu a minigeladeira, onde guardava os medicamentos perecíveis e as bolsas de plasma, e colocou a amostra de sangue lá dentro. Eleanor, a médica notou, continuava seguindo cada movimento seu. Para alguém que dizia estar com mais de 100 anos, ela com certeza parecia cada vez mais viva.

Mas teria passado séculos congelada dentro de um iceberg? Por mais difícil que fosse acreditar nisso, ainda havia uma coisa mais complicada: arrumar uma explicação — qualquer uma — para quem ela era e como havia chegado a Point Adélie, um dos lugares mais remotos e inacessíveis da face da Terra.

— Você está com fome? — perguntou Michael, após finalmente encontrar onde pousar a comida, em uma mesa de rodinhas para instrumentos. Empurrou-a até a mesa de exames e perguntou: — Você consegue ficar sentada?

Com a ajuda de Charlotte, ele conseguiu passar o braço pelos ombros frágeis de Eleanor e levantá-la até ficar sentada, apoiada por travesseiros. Ela olhou a comida com educação e desinteresse, como se fosse algo que já tivesse visto antes, mas não lembrasse bem o que era.

— Prova o chocolate — ele disse. — Está quente. — Enquanto ela levava a xícara aos lábios pálidos, Michael se virou para Charlotte. — O Murphy está lá fora e quer falar com você.

— Ótimo, porque eu também quero falar com ele.

Charlotte pegou a prancheta onde anotou os resultados do exame e deixou a misteriosa Eleanor Ames com Michael. Verdade seja dita, ela ficou contente por sair. Estava arrepiada desde que entrara na enfermaria e não achava que fosse apenas uma reação à pele úmida e fria da paciente ou às roupas geladas. Era como se, mesmo com anos de treinamento, Charlotte finalmente tivesse encontrado algo completamente além de sua experiência e capacidade.

Tirando o vento que assobiava fora da janela, a enfermaria estava em silêncio. Eleanor afastou a xícara, deixando um pouco de espuma branca em cima do lábio, e abaixou o olhar ao falar com Michael.

— Desculpe se machuquei o senhor na igreja.

Ele sorriu.

— Já levei surras piores.

Quando Michael e aquele outro homem — Lawson? — tentaram acompanhá-la para fora do quatinho, ela se recusou a ir. Lembrava-se de ter batido em Michael nos braços e no peito com socos que não teriam machucado um passarinho. Um instante depois, após gastar as últimas forças no ataque, desabara no chão,

chorando. Michael e Lawson a carregaram sob protestos. Incapaz de oferecer mais resistência, ela foi colocada sobre o banco da máquina. Então partiram rumo à base com a tempestade aproximando-se rapidamente.

— Sei que só estava tentando ajudar.

— É tudo o que eu continuo fazendo.

Ela concordou com a cabeça de uma maneira praticamente imperceptível e levantou o olhar em direção ao dele. Como Michael poderia saber, ou sequer imaginar, pelo que ela tinha passado? Partiu um pedaço do bolinho e olhou ao redor da sala.

— Onde estou?

— Na enfermaria da estação de pesquisa americana de que falei a respeito.

— Sim, sim... — ela murmurou, finalmente comendo o pedacinho do bolinho.

— Mas então isso aqui faz parte da América?

— Não exatamente. Isso aqui, Point Adélie, faz parte do Polo Sul.

O Polo Sul. Devia ter adivinhado. Aparentemente o Coventry tinha se afastado tanto da rota que chegou mesmo ao Polo. O lugar menos explorado da Terra. Pensou se o navio havia sobrevivido à viagem e se algum dos homens a bordo vivera para contar a história. E, caso tivessem sobrevivido, teriam tido coragem de contar tudo? Por exemplo, será que divertiram os amigos na taberna falando como acorrentaram o heroico soldado e a enfermeira invalida e os jogaram no oceano?

— Os ovos têm queijo derretido — Michael falou. — É como o Tio Barney, nosso cozinheiro, gosta de preparar.

Ele estava tentando ser gentil. E vinha sendo gentil. Porém, havia tanta coisa que ele não teria como saber e ela não teria como contar... para ninguém. Como essas pessoas conseguiam acreditar no pouco que ela havia contado até agora? Se ela própria não houvesse vivenciado, teria considerado tudo fantástico demais para ser verdade. Pegou o garfo e provou os ovos. Estavam gostosos, salgados e ainda quentes. Esse tal Michael Wilde observava com olhar de aprovação enquanto ela comia. Era alto, tinha a barba por fazer e cabelos negros que pareciam tão revoltos e desgrenhados quanto os de seu irmão mais novo, quando voltava de soltar pipa no morro.

Irmão mais novo que já estava na cova havia mais de cem anos. Morto. Todos estavam mortos. Era como se houvesse um sino batendo na cabeça, anunciando a morte de todo mundo. Melhor não pensar nisso. Comeu mais um pedaço dos ovos mexidos.

Embora ainda estivesse cheio de perguntas para fazer, Michael não quis interromper a refeição dela. Quanto tempo teria se passado desde que comera algo quente pela última vez? Anos? Décadas? Mais? Tudo sobre ela, das roupas aos costumes, indicava que era alguém de outra época.

Como seria possível compreender uma situação como essa?

Na verdade, foi Eleanor quem quebrou o silêncio ao perguntar:

— E o que as pessoas fazem aqui nesse acampamento?

— Estudam a flora, a fauna, as mudanças climáticas. — Aquecimento global? Esse assunto podia esperar. Algo dizia que ela já tivera sua cota de más notícias por hoje. — Eu, particularmente, sou um fotógrafo. — Isso faria sentido? — Opero uma espécie de daguerreótipo. E escrevo para uma revista. Fica em Tacoma, uma cidade no noroeste dos Estados Unidos. Perto de Seattle. Os moradores de Seattle fazem piadas sobre isso.

Percebeu que estava falando sem parar. Mas enquanto tagarelava, ela comia, e isso o deixou contente. Eleanor não estava exatamente atacando a comida, e sim indo aos poucos... como se comer fosse uma habilidade de que tentava se recordar.

— E a negra? É uma médica? — falou em tom de incredulidade.

Bem, Michael pensou, seja lá de onde e de quando Eleanor viera, teria que haver uma curva de aprendizado.

— Sim. A dra. Barnes, Charlotte Barnes, é uma médica muito respeitada.

— A srta. Nightingale não acredita que mulheres devam ser médicas.

— E quem seria essa srta. Nightingale?

— Srta. Florence Nightingale, é claro — disse como se apresentasse um cartão de visitas, uma referência que confirmasse o que dizia.

Michael queria rir. A situação ficava cada vez mais bizarra. Pensou se ela teria dado essa referência profissional para Charlotte.

— Ela defende com unhas e dentes o nosso trabalho como enfermeiras, mas também acredita, assim como eu, que há papéis distintos para ambos os sexos.

Uma *longa* curva de aprendizado.

Michael deixou que beliscasse a comida e falaram, embora com várias pausas, de outros assuntos, como o tempo, a tempestade que se aproximava, o trabalho realizado na estação. Em certos momentos, ficava perplexo ao lembrar que falava com uma mulher que dizia ter nascido no século XIX — por enquanto não havia provas do contrário. Falava com alguém que claramente tinha se afogado. De que outra forma uma pessoa congelaria dentro de uma geleira submersa? Queria fazer essa pergunta diretamente para ela, tinham acabado de se conhecer. Era difícil falar sobre o assunto, mesmo para um jornalista acostumado a abordar questões complicadas.

E Michael tinha medo de como ela reagiria. Será que teria um colapso?

Eleanor tomou um gole do chocolate quente.

— Nós achamos que você devia ficar aqui na enfermaria por enquanto — Michael falou, finalmente. — Vai ter total privacidade, e, caso precise da dra. Barnes, ela estará logo ali ao lado.

— É muito gentil de sua parte — ela respondeu, limpando os lábios com o guardanapo de papel. Ficou olhando com curiosidade para o desenho de flores na borda.

— Podemos até tentar arrumar algumas roupas novas — disse —, mas não garanto que vão caber tão bem. — Eleanor era magra e pequena, e qualquer coisa que pegasse de Betty Tina ou Charlotte ia parecer uma tenda nela.

— As roupas que estou usando vão servir, mas eu gostaria de lavá-las e... — falou, ficando corada — talvez tomar um banho?

Eram exatamente questões como essa que haviam convencido Michael. Murphy e Lawson a manter Eleanor na enfermaria no maior sigilo — não apenas pela sua saúde e segurança, mas porque ela se tornaria objeto de intenso interesse caso os outros milicos e profetas soubessem de sua existência. Iria virar a Miley Cyrus da Antártica. E Michael sabia que, dali para a frente, Eleanor teria uma vida diferente da de qualquer um no mundo. Assim que um avião de suprimentos a levasse à civilização — ao programa Dateline NBC, à revista People e às entrevistas com Larry King e Barbara Walters —, ela ficaria completamente sem chão. Tudo o que Michael podia fazer agora era tentar protegê-la enquanto fosse possível.

Eleanor terminou o chocolate quente e dobrou o guardanapo de papel outra vez, com a nítida intenção de guardá-lo. Charlotte voltou, carregando um par de pijamas de hospital limpos e um roupão de banho. Deu um olhar para Michael como se dissesse que fora informada dos planos por Murphy e que cuidaria da situação a partir dali.

— Ok, então vejo vocês duas amanhã — Michael disse ao pegar a bandeja. Eleanor parecia um pouco assustada com sua partida, o que não era de se estranhar, pois ele virara seu primeiro amigo nesse mundo, mas Michael sorriu e disse: — Bolinhos fresquinhos amanhã. Eu prometo.

Pela expressão de abandono no rosto de Eleanor, a promessa não parecia servir de consolo.

37

26 de outubro de 1854

DEPOIS DA MEIA-NOITE

SINCLAIR NUNCA SOUBE QUANTO TEMPO FICOU caído no campo de batalha. Nem tinha certeza do que o acordou. Só lembrava que o céu estava cheio de estrelas e era lua cheia. Soprava um vento frio que tremulava os estandartes rasgados e carregava os gemidos dos soldados e das montarias, que ainda relutavam ou não conseguiam morrer.

Sinclair era um deles.

Ainda segurava a lança e, quando ergueu um pouco a cabeça do chão, viu que a haste fora partida em duas, mas não sem antes transpassar o canhoneiro russo. Precisou abaixar a cabeça outra vez para recuperar o fôlego. Mesmo com o vento, o ar cheirava a fumaça e podridão. O casaco e as calças estavam sujos de sangue, mas não parecia ser o dele.

Quando conseguiu levantar a cabeça outra vez, viu seu cavalo, Ajax, morrer a alguns metros de distância. A mancha branca do focinho estava suja de sangue e terra, e por alguma razão Sinclair achou de suma importância limpá-lo. O cavalo havia lhe servido muito bem e ele adorava o animal. Não era certo deixá-lo em estado tão deplorável.

Mas não se levantou, nem poderia. Ficou ali deitado, ouvindo os sons da noite e imaginando o que acontecera. E como tudo terminara. Pensou se seria ajudado por um amigo ou se um inimigo apareceria para liquidá-lo, caso chamasse alguém. Os olhos ardiavam e a garganta estava seca. Mexeu no cinto na esperança de achar um cantil. Então buscou ao redor pelo chão e achou uma espada e a bota presa a ela. Virou de lado e percebeu que era um cadáver. Usando a perna como apoio, ergueu-se até alcançar a parte superior do corpo. Os ossos doíam, mal conseguia se mexer, mas bateu dentro do casaco, que era de um soldado

britânico, e achou uma garrafinha. Conseguiu abri-la e tomou um longo gole. De gim.

A bebida favorita do sargento Hatch.

Esfregou os olhos e se inclinou para examinar o rosto do cadáver, mas as feições tinham sido arrancadas pelo tiro do canhão. Tateou o pescoço e encontrou uma corrente. Embora a luz do luar não fosse forte o suficiente para poder a sabia que a medalha pendurada na corrente era comemorativa à campanha de Punjab. Soltou a medalha, bebeu até esvaziar a garrafinha e deitou outra vez.

Imaginou quantos soldados da brigada teriam sobrevivido à carga.

Surgiu uma bruma fria que se espalhava pelo chão. Ao longe era possível ouvir tiros de pistola de tempos em tempos. Talvez fossem os ferradores sacrificando ficando os cavalos mutilados. Ou os soldados feridos, também se sacrificando. Sinclair foi tomado por uma tremedeira incontrolável, mas, apesar do frio do chão, a pele estava quente e úmida debaixo do uniforme.

Antes de ouvir qualquer sinal da aproximação da criatura, sentiu uma pequena vibração no solo e se esforçou para ficar imóvel. Foi o máximo que conseguiu fazer para manter pernas e braços parados. Fosse o que fosse, vinha de mansinho em sua direção, usando a bruma como cobertura. Teve a impressão de que a criatura estava de quatro, com a cabeça próxima ao chão. farejando. Seria um cão selvagem? Um lobo? Prendeu a respiração. Ou seria um daqueles seres que ninguém conseguia ver e que rondavam as fogueiras na calada da noite? Os turcos tinham uma palavra para chamá-los: Kara-kondjiolos. Bebedores de sangue.

Estava agora sobre a carcaça de Ajax, mas tudo o que conseguia distinguir sem levantar a cabeça era um par de ombros magros em cima da carne já em putrefação do cavalo. O sabre estava preso ao lado, ainda embainhado, e Sinclair sabia que não conseguiria sacá-lo, muito menos manejá-lo, deitado no chão. Tocou no coldre, mas estava vazio. A pistola devia ter se soltado quando caiu. Esticou o braço até o cadáver de Hatch, tateou o cinto com a ponta dos dedos até encontrar o coldre do sargento. A pistola, graças a Deus, ainda estava lá dentro. Sinclair sacou a arma fazendo o mínimo de barulho possível.

A criatura emitiu um som baixo e ininteligível, uma combinação estranha de grito de abutre e voz humana. Sinclair engatilhou a pistola e a criatura parou. Viu de relance um crânio liso, com olhos escuros e brilhantes, saindo da bruma. Ela rastejou com cautela sobre o cavalo morto... e parou para examinar as feições arrancadas do sargento Hatch.

A criatura avançou e Sinclair sentiu uma mão — ou era uma pata? — com unhas afiadas tocando-lhe a perna. Ficou parado, como se estivesse morto, e teve a sensação de uma boca ávida lambendo o sangue nas roupas. Sabia que só conseguiria dar um tiro e tinha que ter certeza de que seria para valer. A criatura seguiu a trilha de sangue até o peito e agora Sinclair pôde sentir o hálito de peixe morto e ver as orelhas pontudas. Ela esfregava a língua quente no pano, o que ainda era suportável, mas quando os dentes lhe mordiscaram a carne de repente, puxando sangue, e a boca úmida chupou a ferida, Sinclair tremeu.

A criatura recuou a cabeça e, pela primeira vez, Sinclair viu o rosto, embora nunca tenha conseguido descrevê-lo exatamente. A primeira impressão era de uma face humana, com olhar inteligente, boca arqueada e testa arredondada, mas o formato do crânio era estranho, alongado, com uma pele curtida e esticada sobre um rosto magro e distorcido.

Apontou a pistola com a mão trêmula e disparou.

A criatura soltou um guincho e levou a mão à orelha rasgada, em choque. Olhou indignada para Sinclair, mas fugiu andando de costas. Sinclair lutou para se sentar. A criatura ainda estava recuando devagar, agachada, mas ele podia jurar que tinha uma estola de pele sobre os ombros, como um cavaleiro usaria.

O que era esse ser?

Virou de lado e começou a gritar, mas a voz era praticamente inaudível. A bruma envolveu a criatura carniceira, deixando apenas um espaço vazio na noite. Sinclair segurou firme a pistola e disparou outro tiro na direção dela.

E ouviu passos cautelosos vindo de outro lado.

— Quem está atirando? — uma voz com sotaque *cockney* perguntou.

Uma lamparina balançou rente ao chão.

— Você é inglês?

E então a luz amarelada da lamparina caiu sobre o rosto e ele conseguiu balbuciar, entre os lábios feridos e ensanguentados:

— Tenente Copley, do 17º Lanceiros.

16 DE DEZEMBRO, 18H

Se sobrevivera à fracassada carga da Brigada Ligeira e à noite no campo de batalha, pensou Sinclair, então a que não sobreviveria? Especialmente ao lado de Eleanor.

Conduzindo o trenó, contou com o perfeito senso de direção dos cachorros para achar o caminho de volta à estação baleeira. Mal conseguia se agachar sobre os esquis, com o capuz fechado no rosto e as mãos enluvadas segurando firme no guidão. Por duas vezes os cães desviaram de fendas recém-abertas. Sinclair duvidou de que teria visto as fendas sozinho, mas os animais pareciam capazes de notá-las. Ele os recompensaria com generosos nacos de gordura e carne da foca morta que estava guardada no trenó.

Tinha avançado ao norte o máximo que fora possível, até onde considerou seguro e prudente, mas infelizmente achava que eles realmente haviam sido transportados até o fim do mundo. Lembrou que, havia muito tempo, o Coventry estava navegando rumo ao sul levado pelos ventos inclementes, acompanhado apenas pelo solitário albatroz que circulava acima dos mastros. Por tudo que tinha

visto até agora, ele e Eleanor tinham chegado a um lugar tão remoto, tão gelado e desolado que só podia ser o próprio Polo... o destino mais assustador de todos.

Mas a foca viria a calhar. Ele notou que Eleanor estava fraquejando e sabia que o conteúdo das garrafas era velho, podre e não tão forte quanto um dia fora. Ficou surpreso, levando em conta a origem, que ainda servisse para alguma coisa. Nas viagens pela Europa, tivera que se contentar em retirar sangue dos mortos nos campos de batalha e necrotérios. Partira em busca de carne e sangue frescos, nem que fossem só de animais, e encontrara ao longo do litoral, entre os esqueletos e pedras erodidas pelo vento. As focas gostavam de ficar lá, tomando banho de sol frio, espalhadas entre milhares de ossos quebrados, como banhistas em Brighton Beach. Evitou as maiores, porque evidentemente eram machos. Um deles aproximou-se rugindo e Sinclair teve que escolher uma foca que devia ser fêmea, com pelo liso marrom e longos bigodes escuros. Estava sozinha, deitada sobre o enorme arco da coluna vertebral de uma baleia, e não demonstrou medo quando Sinclair se aproximou. Na verdade, mal esboçou reação, olhando impassível enquanto ele sacava a espada da bainha. Ficou acima dela, com as botas de cada lado. A foca levantou os olhos arregalados e lacrimosos enquanto Sinclair tentava adivinhar onde ficaria o coração. Queria que a ferida fosse a menor e mais precisa possível, para que o sangue permanecesse dentro da carcaça em vez de jorrar para o chão. Tocou o lugar que escolheu com a ponta da lâmina e só então a foca realmente abaixou o olhar para a arma, um pouco curiosa. Fez peso para enfiá-la. A lâmina entrou sem resistência e o animal arqueou enquanto a espada transpassava até tocar o permafrost embaixo do corpo. Sinclair não retirou a lâmina, mantendo-a cravada para conter o fluxo de sangue, e, dentro de um minuto, a foca parou de se contorcer e ficou imóvel.

Enquanto as outras focas observavam, ainda impassíveis e até despreocupadas com o que acontecera com a compatriota, ele retirou a espada do corpo do animal, limpou-a na neve e arrastou a presa até o trenó. Teriam provisões por enquanto... embora as perspectivas a longo prazo para ele e Eleanor fossem sinistras.

Sinclair não era marinheiro, mas, como passara dois anos fugindo desde Balaclava, aprendera a ler os sinais do tempo tão bem quanto qualquer um.

Percebeu que a temperatura, que já era brutal, estava caindo ainda mais, e que céu no horizonte distante se tornava cada vez mais escuro e ameaçador. Em circunstâncias normais, Sinclair possuía um bom senso de direção – em mais de uma ocasião indicara o caminho certo para os colegas de cavalaria — porém neste maldito lugar era quase impossível. Não havia noite, não havia estrelas tem também um dia normal; como alguém poderia calcular o movimento de um sol constante ou medir as sombras que mal se alteravam? E em relação aos pontos de referência, era possível às vezes distinguir uma cadeia de montanhas cortando uma vasta planície, como uma cicatriz em uma face branca, distante demais para ser alcançada. Mas era só isso.

Assim que retomou o caminho, o tempo mudou ainda mais rapidamente. O vento açoitava o trenó e os cachorros muitas vezes tinham que avançar contra ele.

Tinha sorte de estar usando, sobre o velho uniforme, o novo casaco vermelho com cruzes brancas nas costas e mangas que pegara no barracão, e de também poder se abrigar do vento atrás do trenó. Os joelhos doíam por ficar agachado ali, mas corria o risco de ser arrancado pelo vento caso se levantasse. Também se preocupava com o estado em que encontraria Eleanor. Não gostou de tê-la trancado na sacristia, mas tinha medo do que ela poderia fazer. Não sabia dizer se Eleanor estava com a mente no lugar ou se perdera o juízo temporariamente.

Por experiência própria, sabia que a febre ia e voltava, como as crises de malária do sargento Hatch, mas também tinha noção de que a terrível sede jamais passava. Estava sempre presente, às vezes correndo como um rio subterrâneo, em outras rompendo a superfície, exigindo ser saciada. Imaginava como Eleanor continuava a resistir à implacável atração sendo tão jovem e tão magra. A sede era ao mesmo tempo a salvação dos dois, que os protegia de uma centena de fraquezas humanas, e a maldição que os prendia sob seu sombrio poder. Era ao mesmo tempo libertadora e carcereira. Havia momentos em que duvidava da determinação e até mesmo da vontade de Eleanor de continuar vivendo assim. Mas tinha certeza de que a sua própria determinação era o suficiente para os dois. Quisesse ou não, ela precisava daquilo que Sinclair estava levando — e, acima de tudo, precisava dele. Gritou para os cachorros, estimulando para que prosseguissem, mas o vento parecia catar as palavras e jogá-las de volta contra os dentes que tremiam de frio.

38

16 de dezembro, 20h15

MICHAEL DEIXOU A ENFERMARIA DE CABEÇA CHEIA. Era tudo inacreditável, fantástico, impossível demais de compreender. Será que acabara mesmo de falar com alguém que fora congelado mais de cem anos antes de ele ter nascido?

Tinha que se acalmar, disse a si mesmo. Abordar a situação com lógica. Dar um passo de cada vez. E ao dar esses primeiros passos, segurando nas cordas esticadas entre os módulos, passou pelo laboratório de glaciologia. Sabia que Danzig estava lá fora em algum lugar, mas por que não checar se ele simplesmente não se escondera onde o seu corpo fora guardado? Murphy com certeza já procurara por lá, mas Michael precisava ver com os próprios olhos. Pelo menos seria algo que poderia resolver, sem deixar nenhuma dúvida. Se havia algo de que precisava no momento, era de certeza. De alguma coisa. Qualquer coisa.

Com a realidade ameaçando soltar as amarras de vez, Michael ficou cada vez mais determinado a prender as cordas bem firmes no pier.

Ficou aliviado ao ver que Betty e Tina não estavam por ali. Desceu com cuidado os degraus para a câmara subterrânea na qual o corpo de Danzig fora guardado. Os sacos mortuários tinham sido rasgados e estavam em pedaços em cima do bloco de gelo. Foi inevitável imaginar uma versão terrível da ressurreição. Jesus levantando-se da tumba e deixando apenas a mortalha para trás.

Assim que subiu de volta, teve mais más notícias. Quando foi até a caixa de bolsas de plasma para dar uma olhada em Ollie, viu que estava vazia. A serragem continuava na forma de um ninho no fundo, mas exceto por uma ou duas penas soltas, não havia mais nenhum sinal do pássaro. Tirou um pouco de milho frito do bolso, que pegou quando fora buscar comida para Eleanor, e deixou na caixa, caso Ollie voltasse. Era só uma gaivota-rapineira, a gentinha da Antártica, mas sentiria saudades do baixinho.

Voltou cabisbaixo e passou pela sala de lazer, onde ouviu vozes animadas e o piano tocando. Em outra ocasião teria entrado para participar, mas não agora. No momento, só queria um tempo sozinho para acalmar os pensamentos.

Ainda bem que Darryl não estava no quarto. Puxou as cortinas da janela basculante e ligou o abajur da mesinha, que tinha uma rara lâmpada incandescente que Michael “achou” em uma pequena sala de estar no fim do corredor. Tirou os sapatos e as meias suadas e enfiou o pé no carpete felpudo. Trabalho. Só precisava se concentrar um pouco no trabalho, que tinha deixado de lado. Tirou uma garrafa de uísque da gaveta do armário e serviu três dedos. Com o laptop na mesa, começou a transferir as dezenas de fotos que havia tirado desde que chegara a Point Adélie. Havia imagens das focas de Weddell, que deram à luz sobre o gelo nos primeiros dias na Antártica, e de pássaros que frequentavam a base, como os petréis e aves carniceiras de todos os tipos. Os dedos pararam em cima do teclado por um instante enquanto ele pensou de novo no que teria acontecido com Ollie.

Viu fotos da base de mergulho e algumas de Darryl dentro dela, parecendo um duende do Papai Noel, com a roupa seca e o cabelo ruivo molhado e brilhante. Em uma das fotos, o cientista segurava o arbalète como se fosse um dardo olímpico. Havia várias imagens de Danzig e dos cachorros, algumas posadas e outras que Michael tirara enquanto os animais corriam para se exercitar. E tinha uma foto em que Kodiak estava lambendo o gelo da barba de Danzig. Depois de selecionar algumas das melhores, salvou-as em uma pasta separada. Então transferiu mais um lote de imagens e deu de cara com a Bela Adormecida.

Ou Eleanor Ames, como sabia agora.

Os olhos estavam abertos atrás de uma grossa camada de gelo. Michael deu zoom na foto e os olhos verdes de Eleanor ficaram ainda maiores. Era como se ela o encarasse. Michael teve a sensação de encará-la de volta, de ver através de um abismo no tempo, pelo espaço entre a vida e a morte. Tomou outro gole de uísque. Era isso mesmo que estivera fazendo?

O vento ficou mais forte e açoitou as laterais do módulo, fechar melhor a janela, porque as cortinas estavam se mexendo.

Michael recostou-se na cadeira, olhando para a foto e imaginando o que Eleanor fazia no momento. Será que fora dormir? Ou estava acordada e assustada com o novo cativeiro?

E então ouviu algo parecido com o grito de uma pessoa misturado ao barulho do vento. Levantou-se, abriu as cortinas e olhou lá fora com as mãos ao redor dos olhos, para tentar focar a imagem, mas não conseguiu enxergar nada com a neve voando. Agradeceu por isso. Imaginou o que poderia fazer se fosse Danzig gritando...

Deu mais uma volta na manivela do basculante.

Porém, pensou ter ouvido o grito de novo, e dessa vez podia jurar que uma voz grossa, berrando palavras ininteligíveis. Mesmo depois de desligar lâmpada, proteger os olhos e tentar olhar de novo, não conseguiu ver nada.

“Uau”, pensou, fechando bem as cortinas, “esse uísque deve ser mais forte do que imaginei”.

Michael jogou-se de novo na cadeira e, após dar mais uma olhada na foto de Eleanor, abriu algumas imagens da estação baleeira abandonada. O casco enferrujado do Albatroz dominava a visão da praia, pilhas de ossos espalhavam-se entre as pedras, lápides estavam tortas em ângulos estranhos no pátio da igreja. As cortinas voltaram a se mexer, mas sabia que não era por causa da janela. A porta do fim do corredor devia ter sido aberta, formando uma corrente de ar até banheiro comunitário e a sauna. Devia ser Darryl. Michael pensou no que diria ou não, sobre a descoberta de Eleanor, enquanto ouvia os passos molhados pesados no corredor. Fechou o arquivo no computador quando os passos pararam do lado de fora. Esperou para ouvir a chave de Darryl, pois Murphy tinha dado ordens para trancar os dormitórios. Porém, em vez disso, viu só a maçaneta girar. Só um pouquinho, antes que a tranca impedisse a abertura da porta.

Michael notou uma sombra debaixo da porta e ouviu alguém respirando com dificuldade lá fora. Sentiu o cabelo ficar arrepiado na nuca e se levantou devagar, caminhando na ponta dos pés. Pegou na maçaneta no momento em que foi forçada outra vez. Segurou firme e colocou o ouvido na porta, que era feita de compensado. Jamais na vida ele quis tanta que fosse uma porta sólida de carvalho. Um filete de água gelada escorreu pela soleira e tocou-lhe os dedos dos pés.

Outra vez a maçaneta foi forçada, mas não cedeu de novo. Michael prendeu o fôlego.

Ele ouviu uma respiração pesada e o farfalhar de roupas cobertas de neve.

Pressionou ainda mais a orelha contra a porta e apoiou o ombro também.

— De... vol... va — murmurou a voz.

O sangue de Michael gelou. Esperou, pronto para fazer qualquer coisa para bloquear a porta, quando ouviu uma pessoa rindo no fim do módulo, perto do banheiro, e uma toalha estalando.

— Deixa de ser criança! — alguém gritou.

A maçaneta parou de se mexer e a sombra debaixo da porta desapareceu. Michael ouviu um som de botas molhadas correndo no carpete seco e a porta do módulo bater. Poucos instantes depois, a do quarto começou a abrir. Ainda segurando a maçaneta, percebeu o murmúrio de Darryl.

— Foda-se essa chave...

Michael soltou e a maçaneta girou. Darryl entrou de roupão de banho e chinelos, com uma toalha enrolada no pescoço. Aparentou surpresa ao ver Michael parado atrás da porta.

— Você virou o porteiro agora?

Michael abaixou-se atrás dele e enfiou a cabeça no corredor.

— Você viu alguém lá fora?

— O quê? — disse Darryl, esfregando a toalha com força na cabeça.

— Ah, sim, acho que uma pessoa acabou de sair. — Jogou a chave na cômoda.

— Por quê?

Michael trancou a porta. O filete de água gelada já estava secando no carpete.

Ao ver o laptop aberto, Darryl perguntou:

— Você estava trabalhando?

— Sim — Michael falou, desligando o computador. — Estava.

— Descobriu algo interessante em Stromviken?

— Não, nada de novo — Michael falou, virando-se para não ser traído pela expressão.

Vendo o copo de uísque, Darryl disse:

— Eu aceito uma dose.

Enquanto Michael servia um pouco de uísque em um copo, Darryl atirou a toalha na cama. Errou e derrubou uma escova e outras coisas.

— Foi mal, sempre fui fraco no arremesso de três pontos — falou. Abaixou-se e pegou o que caiu, mas ficou olhando intrigado para um dos objetos na mão. Quando recebeu o copo, Darryl entregou o que pegou do chão, o colar com dente de morsa que se enroscou na mão de Michael como uma cobra.

— Quando você voltar para a civilização — Darryl disse —, acho que devia enviar o colar pelo correio para a viúva. Ela provavelmente vai gostar de ficar com ele.

16 DE DEZEMBRO, 20H20

Assim que Michael deixou a enfermaria — e Eleanor ficara triste com isso —, ela foi levada pela médica até o banheiro. A doutora mostrou como a ducha quente funcionava e deixou tudo de que ela precisaria. Havia, por exemplo, um tubo comprido e macio de onde saía uma pasta para esfregar nos dentes, com gosto parecido com limão, e também uma escova com pelos muito finos e transparentes. Eleanor pensou por um instante que animal teria esse tipo de pelo.

— Se precisar de mais alguma coisa, estou logo aqui ao lado — falou a médica.

E então Eleanor ficou sozinha em um lavabo que não parecia nenhum outro que tivesse visto até então, com roupas novas para vestir pela primeira vez em 150 anos, e sem saber o que aconteceria com ela em seguida. Ou com Sinclair, onde quer que se encontrasse. Ainda estaria fazendo reconhecimento do terreno? Ou caçando? Será que a tempestade o alcançara longe da igreja, deixando-o ilhado em um terreno desconhecido? Ou voltara à igreja e descobrira a porta destrancada e o quarto vazio? Perceberia então que alguém a encontrara. Ela sentiu uma pontada, a mesma que sabia que sentiria se a situação fosse inversa... caso Sinclair tivesse sido levado sabe Deus para onde. Desde o dia em que ele fora trazido de volta do campo de batalha e Eleanor vira o nome na lista dos novos pacientes, eles ficaram unidos de uma maneira que jamais poderia explicar para alguém.

Como outra pessoa poderia entender?

Ela encontrara Sinclair em uma das maiores alas reservadas aos pacientes com febre, com cortinas manchadas de musselina, penduradas em trilhos tortos. Como poucos médicos e serventes queriam correr o risco de contágio, não havia a quem perguntar onde ele fora internado. Ignorando os gritos desesperados por água ou socorro de homens morrendo de sede ou delirando de febre, Eleanor deu a volta pela ala, procurando em todos os lugares... até notar uma cabeça com cabelos claros deitada em uma pilha de palha no chão.

— Sinclair! — exclamara e correria na direção do tenente.

Ele levantou os olhos para Eleanor, mas não disse nada... e aí deu um sorriso. Mas era um sorriso distante, que parecia não acreditar que ela estava ali.

Era o sorriso de alguém que sabia que estava delirando e apreciava a sensação.

— Sinclair, sou eu — falou Eleanor, caindo de joelhos ao lado do colchão fino e pegando sua mão mole. — Estou aqui de verdade.

O sorriso vacilou, como se o toque de Eleanor apagasse o frágil sonho, em vez de reforçá-lo.

Ela apertou a mão dele contra seu rosto.

— Estou aqui, você está vivo e é tudo o que importa.

Sinclair puxou a mão, irritado com a interrupção.

Eleanor ficou com lágrimas nos olhos, mas procurou pela ala até encontrar uma jarra com água parada, a única que estava disponível, e voltou para limpar a testa e o rosto de Sinclair. Limpou o bigode também, que estava sujo de sangue.

O soldado deitado ao lado dele, um escocês — a julgar pelo que tinha sobrado do uniforme —, puxou a barra da saia de Eleanor, implorando por um gole de água. Ela virou-se e derramou um pouco sobre os lábios secos. Ele era um homem mais velho, já com mais de 30 anos, e tinha dentes quebrados e pele da cor de giz. Eleanor sabia que o soldado não teria muito mais tempo de vida.

— Agradecido, dona — murmurou. — Mas tome cuidado e fique longe dele. — Sinclair, ele quis dizer. — Esse aí não é boa coisa. — Virou o rosto pálido, tomado por um súbito ataque de tosse.

Estava delirando, ela pensou, antes de se voltar para Sinclair. Mas parecia que a mente dele havia voltado ao normal nesses poucos instantes. Ele olhava para ela com uma expressão de compreensão.

— Meu Deus. — A exclamação escapou dos lábios. — É você.

Eleanor não segurou as lágrimas e se inclinou para abraçá-lo. Sentiu a pele e os ossos debaixo do fino camisolão que Sinclair recebera do hospital e pensou quanto tempo levaria para trazer um pouco de mingau quente da cozinha. Ou encontrar uma cama decente para ele.

Sinclair estava fraco e abatido, mas conseguia falar algumas palavras de cada vez, e Eleanor adivinhou o resto do sentido das frases. Não queria cansá-lo e sabia que tinha deveres a cumprir. Porém, Sinclair parecia ganhar forças com sua presença e ela não queria abandoná-lo, mesmo que por algumas horas. Quando finalmente precisou ir, prometendo voltar assim que pudesse, ele seguiu com os

olhos até Eleanor sumir atrás das cortinas de musselina que balançavam ao vento como mortalhas.

Mesmo agora, olhando para o espelho do lavabo, conseguia ver a expressão no rosto de Sinclair tão nitidamente quanto o próprio reflexo. Virou as torneiras como a médica tinha ensinado e entrou com cuidado na ducha quente após empilhar as roupas em cima de um cesto de vime. Havia uma barra de sabão, verde ainda por cima, cru um nicho na parede de azulejos. E assim como a pasta que passou nos dentes tinha um gosto cítrico, o sabão cheirava a pinheiros. Será que tudo nesse estranho mundo novo tinha um sabor ou aroma fora do normal? Eleanor deixou a corrente de água quente cair nos braços e depois nos ombros. Sem saber quanto tempo duraria a cascata miraculosa, colocou o rosto debaixo da água. Tudo era tão diferente e surpreendente que parecia ter chegado à Crimeia de novo.

A água parecia milhares de gotas de chuva que batiam nas pálpebras e escorriam pelo pescoço e pelos selos. Avançou devagar, até a água cair diretamente sobre a cabeça, cobrindo os dois lados do rosto com o longo cabelo castanho. Foi uma das sensações mais deliciosas que já tivera. Ficou parada ali por vários minutos, inclinada com as palmas contra os azulejos brancos. Pensou que estivesse em infusão como folhas de chá, enquanto a água formava uma poça rasa ao redor dos pés. A pele ficou quente pela primeira vez em séculos. Imaginou se seria possível, caso ficasse parada e a água não acabasse, que o calor penetrasse até o coração e aliviasse a dor insistente que lhe fazia companhia havia tanto tempo.

39

17 de dezembro, meia-noite

O SINO ESTAVA TOCANDO NO CAMPANÁRIO quando Sinclair finalmente retornou à igreja, mas era apenas o efeito do vento no badalo. Mesmo assim, o som servia como um guia para ele e os cachorros na tempestade. Entrou cambaleando com a foca morta nos ombros, seguido pelos cães soltos que latiam sem parar aos pés. Logo viu a porta da sacristia aberta. Jogando a foca no altar, correu até ela e olhou lá dentro.

O fogo tinha se apagado no aquecedor e Eleanor havia desaparecido.

Com os braços estendidos, um apoiado em cada lado do portal, ele respirava forte. Era possível, embora improvável, que ela tivesse achado um jeito de destrancar a porta e escapar. Mas para onde? E por quê?

— Eleanor! — gritou ele várias vezes, provocando em resposta um coro dos cachorros que andavam pelo interior da igreja. Subiu correndo a escada até o campanário e olhou o ciclone de neve e gelo, porém mal conseguia distinguir os armazéns e barracões lá embaixo. Mesmo que enfrentasse a tempestade a pé, ela era tão intensa que não conseguiria se orientar ou andar em qualquer direção. Se Eleanor tivesse entrado na tempestade, não seria possível achar nem ela nem o caminho de volta.

Sabia que não havia nada a fazer além de esperar. Teria de aguardar a tempestade diminuir. Embora odiasse pensar assim, era concebível que ela tivesse feito algo precipitado e imperdoável... que tivesse escolhido, por conta própria, desistir. Sinclair tinha noção do desespero de Eleanor, pois também o sentia... mas, no seu íntimo, não conseguia aceitar que ela tivesse feito tal, coisa. Vasculhou o modesto quartinho por algum sinal de despedida, qualquer tipo de mensagem, talvez feita com letras arrancadas dos livros de preces. Mas não havia nada. Ele sabia que Eleanor não o deixaria dessa forma, por mais que estivesse tomada pela tristeza. Não sem uma palavra. Conhecia Eleanor muito bem para sequer acreditar em algo assim.

O que só deixava uma alternativa... que ela tivesse sido levada.

Contra a vontade.

Será que o homem da estação veio enquanto ele estava ausente e a levaram? Qualquer trilha que tivessem deixado na neve já estaria apagada e, com os cães molhados na igreja, também seria impossível ver qualquer pegada dos intrusos. Mas quem mais poderia ter sido? E para que lugar, além da base, ela poderia ser levada?

E, por fim, e esse era o pensamento que o interessava de fato, qual seria a melhor maneira de resgatá-la?

Os obstáculos eram imensos, especialmente porque não conseguia enxergar o desfecho da situação. Mesmo que conseguisse encontrá-la e libertá-la, para onde fugiriam nesse continente gelado? Teve a sensação de estar diante de um desfiladeiro que o levaria a um destino cruel, como havia acontecido naquela agradável manhã de outubro em Balaclava. Mas, pensou, de alguma forma ele sobrevivera ao apocalipse e a coisas ainda piores. Por mais negra que fosse a página, ele sempre conseguia virá-la e seguir para um próximo capítulo da vida.

E ele tinha mesmo certas vantagens, pensou de forma sombria. Havia um copo de sangue fresco de foca perto do cotovelo como se fosse um cálice, lado de um livro de poesia que o acompanhara da Inglaterra à Crimeia, e agora a esse horrível refúgio. Abriu em um ponto qualquer. Abaixou os olhos até o papel amarelado, duro como pergaminho, e leu...

*"Alone, alone, all, all alone,
Alone on a wide, wide sea!
And never a saint took pity on
My soul in agony.*

*The many men, so beautiful!
And they all dead did lie:
And a thousand thousand slimy things
Lived on; and so did I!"* ¹²

Embora as palavras não fossem um alívio para a maioria dos homens, sentia-se confortado por elas. Somente o poeta parecia adivinhar a terrível verdade de sua situação. Os cães uivaram. Sinclair arrancou outro naco de gordura da foca morta sobre a mesa e jogou os pedaços na nave da igreja lá embaixo. Os cachorros juntaram-se para pegá-los, arranhando o chão de pedra com as garras os uivos ecoando até as vigas do teto.

Do banco alto atrás do altar profanado, Sinclair inspecionou seu reino vazio. Podia imaginar as expressões dos baleeiros que um dia haviam ocupado os

¹² Sozinho, sozinho, completamente sozinho/Sozinho em um mar aberto! /E jamais um santo apiedou-se/Da minha alma agonizante/Tantos homens, que bela visão!/E todos jaziam mortos/E milhares, milhares de seres rastejantes /Continuavam a viver; assim como eu. (N. do T.)

bancos, os rostos sujos de gordura e fuligem, as roupas manchadas de sangue seco. Olharam para esse mesmo altar, de chapéu nas mãos, ouvindo o pastor enaltecer as virtudes da vida no além, o generoso tesouro que os esperava no Céu para compensar os tormentos que enfrentavam dia após dia. Sentaram na igreja desoladora, onde até mesmo o crucifixo era tosco e simples, construída em uma vastidão gelada, cercada pelos pátios de esfolamento e caldeirões de fervura, pilhas de entranhas e montanhas de ossos. Ali escutaram histórias de nuvens brancas e luz dourada do sol, de felicidade sem limites e vida eterna. De um mundo que não era um matadouro fedorento... e, ah, Sinclair refletiu, ah, como haviam sido enganados.

Assim como ele fora enganado pelas histórias de glória e bravura. Deitado no colchão no hospital de campanha, tomado pelo desejo inexplicável e cada vez mais forte, fora obrigado a cometer um ato de que havia muito se arrependera, mas que jamais poderia desfazer. A sede de sangue provocada por aquela criatura maldita no campo de batalha de Balaclava era forte demais para resistir e ele atacara um escocês indefeso e fraco demais para afastá-lo.

Os turcos teriam dito que ele era um dos amaldiçoados. Sinclair não teria negado.

Mesmo assim, na noite seguinte, quando Eleanor veio até ele, Sinclair sentiu-se claramente mais forte. Revigorado. Teve a impressão de finalmente de voltar a respirar e ver melhor. Até mesmo a consciência parecia ter retornado.

Era essa a sensação de ser um dos amaldiçoados?

Porém, viu algo perturbador no rosto de Eleanor, os primeiros indícios da misteriosa febre da Crimeia, sinais que conhecia bem por ter notado inúmeras vezes em tantos outros. O temor foi confirmado quando ela cambaleou, derrubando a sopa, e teve que ser retirada da ala pelos serventes. Na manhã seguinte, quando Moira apareceu no lugar dela, soube que o pior havia acontecido.

— Onde está Eleanor? — exigiu saber, apoiando-se em um cotovelo. Até mesmo isso era doloroso, pois suspeitava que tivesse fraturado uma ou duas costelas ao cair do cavalo, mas não havia nada a ser feito quanto a isso. Qualquer coisa que os cirurgiões tentassem fazer com certeza o mataria.

— Eleanor está descansando hoje — respondeu Moira, tentando não olhar para ele ao pousar a tigela de sopa ainda quente e uma caneca de água com gosto ruim.

— A verdade — falou, pegando a manga de Moira.

— A srta. Nightingale quer que ela recupere as forças.

— Ela está doente, não é?

Notou o olhar furtivo de Moira enquanto ela limpava uma colher no bolso do avental e colocava na tigela de sopa.

— É a febre? Está muito alta?

Moira conteve um soluço e rapidamente desviou o olhar.

— Tome a sopa enquanto está quente.

— Para o inferno com a sopa. A febre piorou muito? — O coração parou de bater ao pensar o pior. — Diga se ainda está viva.

Moira concordou enquanto enxugava de leve as lágrimas com um arremedo de lenço.

— Onde ela está? Preciso vê-la.

Moira balançou a cabeça e disse:

— É impossível. Ela está no alojamento das enfermeiras e não pode sair.

— Então eu terei que ir até lá.

— Ela não quer que a veja no estado em que está. E não há nada que o senhor possa fazer para ajudá-la.

— Isso sou eu que posso dizer.

Jogou longe o lençol esfarrapado e se levantou cambaleando. O mundo passou girando, as paredes sujas, as cortinas de musselina cheias de moscas, os miseráveis espalhados pelo chão. Moira abraçou-o pela cintura para equilibrá-lo.

— O senhor não pode ir até lá! — protestou. — Não pode!

Mas Sinclair sabia que podia e que Moira o ajudaria. Mexeu dentro da pilha de palha que improvisou como travesseiro e retirou o casaco do uniforme, amassado e manchado. Com a ajuda hesitante de Moira, terminou de se vestir e foi tropeçando em direção à porta. Ela dava para dois corredores sem fim, todos escuros e abarrotados, mas que iam para caminhos opostos.

— Para onde?

Moira pegou o braço de Sinclair com força e o levou para a esquerda. Passaram por vários quartos cheios de doentes e moribundos, a maioria silenciosa, alguns murmurando. Aqueles que não ficavam quietos por causa do delírio e da agonia recebiam uma dose de ópio, na esperança de que jamais acordassem outra vez. De vez em quando cruzavam com serventes e médicos que olhavam com curiosidade, mas o hospital era tão grande e todo mundo estava tão atarefado que ninguém demonstrou maior interesse. Como o hospital originalmente abrigara um quartel, o local fora construído como um enorme quadrado, com um pátio grande o suficiente para reunir milhares de tropas e torres em cada um dos quatro cantos. O alojamento das enfermeiras ficava na torre noroeste. Sinclair teve que se apoiar no braço e nos ombros carnudos de Moira enquanto subiam pela estreita escadaria em espiral. Quando chegaram ao segundo andar, viram o brilho de uma lamparina descendo e Moira precisou esconder Sinclair em um vão na parede.

— Boa noite, madame. — E das sombras Sinclair notou que Moira havia cumprimentado a srta. Nightingale em pessoa, de lamparina na mão, um lenço de renda preta sobre o quepe branco.

— Boa noite, srta. Mulcahy — ela respondeu. A luz da lamparina refletia na gola, nas mangas e no avental brancos que usava. — Espero que esteja voltando para cuidar de sua amiga.

— Estou sim, madame.

— Como ela está? A febre cedeu?

— Não que eu tenha notado, madame.

— Sinto ouvir isso. Darei uma olhada quando terminar minha ronda.

— Obrigada, madame. Sei que ela gostaria de sua visita.

Quando a srta. Nightingale ajeitou a lamparina, Sinclair prendeu a respiração no vão escuro.

— Se bem me lembro, vocês duas inscreveram-se juntas para esta missão, não foi?

— Foi sim, madame.

— E vão voltar juntas, também — disse. — Só tenha cuidado para que os laços de amizade, por mais fortes que sejam, não atrapalhem nossos objetivos aqui. Como sabe, todas nós estamos sob vigilância constante.

— Sim, madame. Por certo, madame.

— Boa noite, srta. Mulcahy.

E então, com um farfalhar de seda preta, a srta. Nightingale continuou a descer as escadas. Quando a luz da lamparina sumiu, Sinclair saiu das sombras. Moira não disse nada, mas indicou que continuasse a subir. No andar seguinte, ele ouviu a voz de várias enfermeiras cansadas conversando sobre o dia, enquanto outras lavavam as mãos e os rostos. Uma delas contava que um oficial arrogante exigira que parasse de trocar a bandagem de um soldado para pegar uma xícara de chá para ele. Moira colocou o dedo nos lábios e o guiou por mais um lance de escadas, até o topo da torre, onde Sinclair viu uma pequena alcova com uma janela alta que dava para as águas escuras do Bósforo.

Moira, levantando a saia do chão, correu até a lateral da cama e sussurrou:

— Olhe quem eu trouxe para você, Ellie.

Antes que Eleanor conseguisse virar a cabeça no travesseiro, Sinclair ajoelhou-se ao lado da cama e pegou sua mão. Estava mole e com a pele úmida e quente.

O olhar de Eleanor estava distante e ela parecia estranhamente aborrecida com a interrupção. Sinclair duvidava de que ela ao menos tivesse notado a sua presença. Sabia muito bem que a febre confundia o limite entre imaginação e realidade.

— Se o instrumento está desafinado, então não deve ser tocado — falou Eleanor.

Moira olhou nos olhos de Sinclair, como se confirmasse que a consciência da amiga ia e vinha.

— E ponha de volta a partitura na estante. É assim que se perdem as coisas.

Ela estava de volta à Inglaterra, talvez ao próprio lar ou, mais provavelmente, à casa do pastor em que, ela havia lhe contado, estudara piano. Sinclair encostou as costas da mão de Eleanor nos lábios, mas ela puxou e espanou o ar em cima do cobertor, como se tentasse espantar várias moscas. Os insetos infestavam as alas do hospital, mas ali no alto da torre, de frente para o mar, Sinclair notou que não havia nenhuma mosca. Como, imaginava ele, iria se livrar de Moira? Para fazer o que precisava ser feito para salvar a vida de Eleanor, teria que ficar sozinho, sem ser observado. Moira estava torcendo um pano sobre um balde d'água e passando no rosto de Eleanor.

— Moira, você acha que consegue um pouco de vinho do Porto?

— Não é fácil, mas vou tentar — respondeu Moira, que não era boba nem nada. Entregou o pano para Sinclair e teve o bom senso de sair.

Ele observou o rosto de Eleanor sob o luar. A pele tinha um tom febril e os olhos verdes brilhavam de loucura. Ela não tinha consciência do próprio sofrimento e, para todos os efeitos, sequer estava presente. O espírito estava viajando pelo interior de Yorkshire. Mas, infelizmente, o corpo abandonado logo partiria também. Sinclair tinha visto centenas de soldados com esse mesmo comportamento. Ficavam agitados, murmuravam e riam alto até que, de repente, viravam a cabeça para a parede e morriam instantaneamente.

— Pode tocar alguma coisa para mim no piano? — ele pediu.

Eleanor suspirou e sorriu.

— O que gostaria de escutar?

Ele afastou gentilmente o cobertor dos ombros dela. O corpo febril estava ainda mais quente debaixo da lã.

— Você escolhe.

— Eu prefiro canções tradicionais. Posso tocar Barbara Allen, se quiser.

— Adoraria — falou, abaixando a camisola do ombro de Eleanor, que tremeu com a brisa da janela aberta. Sinclair inclinou a cabeça sobre ela.

Eleanor mexeu os dedos como se estivesse tocando um teclado e murmurou baixinho as notas iniciais da canção.

Mesmo quente por causa da febre, a pele de Eleanor começou a ficar arrepiada. Sinclair colocou a mão sobre o busto para protegê-la do sereno. Para ele, apesar do cheiro de cânfora e lã, Eleanor exalava o odor do campo em uma manhã de verão. Sentiu um gosto de leite recém-ordenhado quando os lábios tocaram a pele dela.

Ela cantava bem baixinho:

— Ah, mãe, mãe, faça a minha cama...

Infelizmente, aquilo que Sinclair estava prestes a fazer não poderia ser desfeito.

— Ah, deixe-a macia e arrumadinha...

Mas que opção tinha?

— Hoje meu amor morreu por mim...

Ela morreria ao amanhecer. Envolveu Eleanor com os braços e sentiu a respiração presa na garganta.

— Amanhã vou morrer por ele...

E quando Sinclair lhe passou a maldição com a mordida em sua pele, misturando a saliva infecta ao sangue de Eleanor, ela recuou como se tivesse sido picada por uma abelha e parou subitamente de cantar. O corpo ficou rígido.

Momentos depois, quando Sinclair levantou a cabeça com os lábios molhados pelo terrível beijo, sentiu os braços de Eleanor relaxarem. Ela olhou para ele como se estivesse sonhando e disse:

— Mas é uma canção tão triste... — Tocou o rosto de Sinclair, molhado de lágrimas. — Posso tocar algo mais alegre agora?

PARTE IV

A VIAGEM DE VOLTA

*"I looked to heaven, and tried to pray;
But or ever a prayer had gushed,
A wicked whisper came, and made
My heart as dry as dust.*

*I closed my lids, and kept Them close,
And the balls like pulses bear,
For the sky and the sea, and the sea and the sky
Lay like a load on my weary eye,
And the dead were at my feet."* ¹³

THE RIME OF THE ANCIENT MARINER,
Samuel Taylor Coleridge, 1798

¹³ Olhei para o céu e tentei rezar;/Mas sempre que a prece era feita,/Ouvia um sinistro sussurro que tornava/Meu coração tão seco quanto o pó//Desci as pálpebras e as mantive fechadas,/E os globos oculares pulsavam/Porque o céu e o mar, e o mar e o céu/Pesavam sobre meus olhos cansados,/E os morros estavam a meus pés." A Balada do Velho Marinheiro, Samuel Taylor Coleridge, 1798. (N. do T.)

40

18 de dezembro, 9h

ASSIM QUE MICHAEL APARECEU NA ENFERMARIA, batendo as botas para retirar a neve, Charlotte surgiu na porta com um dedo nos lábios. Passou o braço pelo dele e o conduziu para fora.

— Agora não.

— Ela está bem?

Charlotte fez um sinal de mais ou menos enquanto colocava as luvas.

— Ainda está passando por maus bocados e está com um pouco de febre. Dei alguns sedativos e apliquei glicose na veia. Melhor deixar que ela descanse.

Michael percebeu que estava mais desapontado do que teria imaginado. Desde que resgatara Eleanor da estação baleeira, não tirava da cabeça o seu rosto, o som da sua voz, a chance de descobrir o resto da sua história.

— E Murphy deu um pulo aqui para me lembrar de manter a presença de Eleanor em segredo.

— É, também recebi esse memorando — falou Michael.

— Vamos — Charlotte acrescentou, colocando o capuz na cabeça eu preciso agora é de uma caneca do café possante do Tio Barney.

Apoiados um no outro contra o vento forte, desceram aos poucos a rampa em direção ao bandeirão. Uma árvore de Natal falsa, decorada com uma guirlanda metálica e alguns enfeites surrados, fora montada de um dia para o outro e estava isolada em um canto, tristonha.

Darryl já tinha tomado posse de uma mesa nos fundos, onde encarava um prato cheio de tofu frito (Tio Barney disse que havia pedido que o próximo avião de suprimentos trouxesse mais) e vegetais variados. Charlotte sentou-se ao lado dele e Michael ocupou o lugar em frente aos dois. Com as trancinhas amarradas no topo da cabeça a doutora parecia um abacaxi.

A primeira coisa que Charlotte fez foi encher o café de açúcar e tomar um longo gole.

— Acabou de acordar? — perguntou Darryl. — Porque, me desculpe, mas parece que você devia ter ficado na cama.

— Obrigada pela gentileza — disse Charlotte ao pousar a caneca. — por que sua esposa não dá um tiro em você?

Darryl deu de ombros.

— A base do nosso casamento é a honestidade — disse ele, e Michael teve que rir.

— É estranho — explicou ela. — Em Chicago, com alarmes de carro tocando no meio da noite e os vizinhos fazendo festa até às quatro da manhã, eu durmo que nem um bebê. Aqui é silencioso como um túmulo, o carro mais próximo está a uma distância de milhares de quilômetros e eu passo metade da noite acordada.

— Você fecha as cortinas ao redor da cama? — perguntou Darryl.

— Por nada nesse mundo — disse, mergulhando uma torrada em um ovo frito. — Fica parecendo um caixão.

— E o blecaute da janela?

Ela fez uma pausa, mastigando lentamente.

— É, ontem à noite eu me levantei para fechar.

— A ideia é que você feche o blecaute antes de ir para a cama — Darryl a repreendeu.

— Eu fechei, mas podia jurar... — Parou e, então, continuou a falar. Podia jurar que ouvi algo lá fora, na tempestade.

Michael esperou. Algo no tom de voz indicou o que estava por vir.

— Ouviu o quê? — Darryl perguntou.

— Uma voz. Gritos.

— Talvez tenha sido uma assombração — disse Darryl, enfiando a cara no prato.

— O máximo que deu para entender no meio daquela ventania toda foi como “devolva”. — Charlotte balançou a cabeça e voltou à torrada com ovos. — Estou começando a ficar com saudade dos alarmes de carros.

Michael mal conseguia engolir a comida, mas decidiu ficar na dele por enquanto.

— Aproveitando a ocasião — ela disse, tirando do bolso do sobretudo um frasco de plástico com uma amostra de sangue —, preciso de um exame disso aqui.

Darryl não pareceu empolgado.

— A que devo a honra?

— Ao fato de você ter todo aquele equipamento bacana no seu laboratório.

— De quem é o sangue? — perguntou Darryl.

— De um dos milicos — a médica respondeu, demonstrando indiferença. — Nada de mais.

— Bem — Darryl falou, limpando a boca no guardanapo —, por acaso tenho grandes novidades.

Michael não sabia se era brincadeira ou não.

— Vocês, meus amigos, estão sentados na companhia de um gênio. No último lote de armadilhas, eu capturei uma espécie de peixe até então desconhecida.

De repente, Michael e Charlotte passaram a prestar atenção.

— Sério? Michael perguntou.

Darryl concordou, sorrindo.

— Embora seja um parente próximo do *Cryothernia amphitreta*, descoberto em 2006, não há nenhum registro desse espécime até agora.

— Como você tem certeza disso? — perguntou Charlotte.

— Consulte o manual definitivo, um pequeno livro chamado *Peixes do Oceano Antártico*, e ele não está lá. A morfologia da cabeça é algo que eu nunca tinha visto. Ela tem duas cristas, uma roxa no topo e outra bifurcada acima dos olhos.

— Sensacional — falou Michael. — Que nome você vai dar?

— Por enquanto vai ser *Cryothernia*, que quer dizer “originário do frio”, *hirschii*.

— Que modéstia. — Charlotte falou rindo.

— Por quê? — indagou Darryl. — Cientistas vivem batizando as descobertas com seus próprios nomes. E isso vai irritar para valer um sujeito chamado dr. Edgar Montgomery lá em Woods Role.

— Por mim, vai em frente — Michael disse.

— Agora, o que eu realmente queria fazer — falou Darryl — era pegar rápido mais alguns espécimes. Pode ser que haja um cardume inteiro por perto. Vou precisar dissecar o que eu tenho, mas seria ótimo ter alguns sobressalentes para manter intatos.

— Talvez você dê sorte — disse Michael.

— Murphy deu ordens para todo mundo ficar na base até a tempestade passar, mas se eu conseguir permissão para ir até a base de mergulho, vou colocar mais armadilhas e redes. Por mim, vocês podem vir. Vão poder contar para os netos que testemunharam um feito histórico.

Charlotte comeu mais torrada com ovo e disse:

— Eu realmente adoraria pescar até congelar nesse frio, mas acho que vou é tirar uma soneca em vez disso.

Mas Michael, que estava doido para sair da base de qualquer maneira, ainda mais agora, que não podia falar com Eleanor, topou.

— Estou dentro. Quando você quer ir?

Uma hora depois, os dois estavam cruzando o gelo em um snowmobile, com Michael no controle e Darryl na garupa. Michael pilotava veículos como aquele havia anos, e costumava achar a experiência estimulante, mas andar de snowmobile na Antártica era outra coisa. O ar era tão frio que qualquer pedaço exposto da pele ardia como fogo e ficava dormente em questão de segundos. Tinha que manter a cabeça baixa sobre o guidão com o rosto coberto pela touca de esqui, os óculos de proteção sobre os olhos e o capuz de pele bem apertado em volta do rosto.

Ainda bem que o trajeto era curto até a base de mergulho, instalada sobre blocos de concreto lá fora no gelo. Michael deixou o snowmobile deslizar até parar

na subida da rampa que conduzia à porta. Assim que o barulho do motor parou, o rugido do vento tomou seu lugar. As rajadas açoitavam os dois e quase derrubaram Darryl. Michael agarrou-o pelo ombro para equilibrá-lo e depois ajudou a levar o material para dentro. Foi uma luta fechar a porta porque a ventania ameaçava arrancá-la das dobradiças.

— Meu Deus... — falou Michael ao se jogar no banco de madeira e afastar o capuz com a luva. A base de mergulho, com o buraco aberto no meio do chão, não estava muito mais quente do que lá fora, mas pelo menos oferecia proteção contra o vento. Darryl ligou os aquecedores e os dois simplesmente ficaram ali parados, tremendo de frio por um minuto ou dois antes de tentar fazer qualquer coisa. À medida que os aquecedores trabalhavam, uma leve bruma subia da água e pairava acima do buraco como uma nuvem.

— Tem muito gelo bloqueando o buraco — Michael comentou. — Vamos ter que quebrar antes de mergulhar qualquer coisa.

— Por que acha que eu te convidei? — falou Darryl, enquanto tentava amarrar as redes e armadilhas às linhas compridas sem tirar as luvas.

— Eu devia ter desconfiado... — Michael olhou para as ferramentas e os equipamentos presos na parede ou apoiados no chão de tábuas: serras de gelo, cabos de aço, arbaletes. A melhor opção era uma pá de ponta afiada, mas descobriu que era impossível segurá-la sem tirar as luvas, o que acabou por fazer, a contragosto. Ainda usava por baixo as luvas de alpinismo, que ao menos eram finas o suficiente para passar os dedos pela alça da pá.

A água, coberta por uma fina camada de gelo recente, estava cerca de um metro abaixo da borda do buraco. Era complicado enfiar a ponta da pá, romper o gelo e puxá-la de volta para dar um novo golpe. Michael recordou os tempos de garoto, quando limpava a entrada da garagem depois de uma nevasca. Seu pai sempre dizia para andar logo — “Vai ficar mais difícil se deixar a neve congelar com o tempo” —, e Michael lembrava muito bem a dor quando enfiava a ponta da pá no que imaginava ser neve fofa, mas na verdade era gelo. O impacto subia pelo braço e descia pela espinha. Até os dentes doíam. Estava revivendo aquela mesma sensação sem parar, e o ombro deslocado nas Cascades começou a reclamar para valer.

Finalmente, conseguiu picotar o gelo no fundo do buraco, mas sabia que ele logo iria se refazer.

— Está pronto? — Michael perguntou, sentindo um filete de suor descer até o fim das costas.

— Quase lá — respondeu Darryl, testando o fecho de uma armadilha no formato de uma ampolheta. A linha parecia um enorme bracelete enrolado no chão da base de mergulho, com redes e iscas presas em vários pontos. Darryl foi de joelhos até o buraco e se inclinou na borda para jogar a ponta do cabo dentro da água, de onde pendia um lastro.

— Pode abrir o caminho? — ele pediu. Michael usou a pá para tirar o gelo picado do caminho. Darryl soltou a corda dentro do buraco e o lastro na ponta da

linha a puxou para baixo. O guincho em que a corda estava presa zumbiu enquanto ela descia, levando vários dos apetrechos de Darryl para as profundezas do mar polar.

Michael usou a pá para afastar os pedaços de gelo até que ela foi puxada da sua mão, misteriosamente, e desceu pelo buraco como uma tora de árvore rio abaixo.

— Mas que diabos?

Darryl riu e ergueu o olhar.

— O Murphy vai cobrar essa pá de você.

Michael começou a rir também, mas então Darryl também mergulhou de cabeça dentro do buraco. Michael pensou que ele tivesse sido agarrado pelo cabo e, por reflexo, pisou com a bota para prendê-lo, mas a corda passou queimando pela sola de borracha e simplesmente continuou descendo.

E não tinha sido o cabo, de qualquer forma.

Uma mão enorme, azul-escura, surgiu debaixo das tábuas do chão da base, lutando para manter presa a gola da parca de Darryl, que batia os pés sem parar. Ele estava com um braço na água e usava o outro para bater no agressor.

Michael pegou o amigo pelas botas e fez força para puxá-lo.

Agora surgia também uma cabeça no espaço entre as tábuas e o gelo. Uma cabeça enorme, com uma barba congelada e olhos brancos e insanos.

Danzig.

O olhar fixou-se em Michael e, como um leão distraído por uma presa mais interessante, ele soltou Darryl e começou a erguer o corpo para a base de mergulho.

Michael deu um pontapé em seu queixo — era como chutar granito — e puxou de novo Darryl, que havia conseguida sair do buraco. O gelo espalhava-se pela base e Darryl gritava por socorro.

Michael não podia ajudá-lo. Coberto por uma camada prateada de gelo, Danzig atravessou as tábuas com os dois braços e estava se erguendo como Poseidon surgindo das profundezas.

— De... vol... va — rosnou ele com o que sobrara da garganta destroçada. Michael deu outro chute. Danzig agarrou a bota, mas ela escorregou porque estava molhada.

Darryl afastou-se do buraco e rolou para debaixo de um banco, enquanto enxugava a água gelada da cabeça em pânico. Parecia não saber o que o atacara ou o que estava acontecendo.

Mas Michael sabia muito bem. Danzig estava de joelhos agora, tentando ficar de pé tropeçadamente, com água gelada pingando da camisa de flanela e do jeans ensopados. Michael olhou ao redor e parou quando viu o arbalète que era usado como defesa contra as focas-leopardo. Pulou sobre o banco de madeira e arrancou a arma da parede. Danzig tropeçou no cabo e quase caiu, dando tempo para Michael preparar o arbalète e mirá-lo na enorme criatura que avançava em sua direção. Quase não havia espaço para empunhar a arma quando Michael apertou

o gatilho, e o arpão de três pontas explodiu no peito de Danzig. O impacto do golpe fez com que ele recuasse, desequilibrado e escorregando no chão molhado, até conseguir parar na borda do buraco, com os dedos pegando o arpão enterrado na carne. Danzig ficou de boca aberta, perplexo, quando ergueu os olhos e viu Michael empurrá-lo com a bota para o túnel de gelo. Houve o barulho da batida na água, um borbulhão, a quebra do gelo... e então, tirando o zumbido dos aquecedores, o silêncio Darryl estava gemendo e sacudindo a água gelada da cabeça. Michael chegou perto da borda do buraco, ainda segurando o arbalète, e olhou lá embaixo.

Não viu nada além do cabo de aço esticado que prendia as armadilhas de Darryl e os traços do gelo que já começava a se refazer sobre o tumulto submerso de Danzig.

41

18 de dezembro, 13h

SINCLAIR ESTAVA JUNTO À PORTA ABERTA da igreja, olhando para o branco ofuscante de uma nevasca tão intensa que ele não conseguia enxergar além dos degraus. Nem os cachorros conseguiriam se orientar nessas condições.

Fechou a porta com a ajuda dos ombros e se virou para inspecionar seu reino... uma capela soturna, onde os cães estavam esparramados no chão de pedra ou encolhidos entre os antigos bancos. Onde o vento implacável açoitava as paredes e entrava assobiando por frestas nas tábuas e janelas. O reino era simplesmente uma imensa jaula... e Sinclair era a fera aprisionada dentro dela.

Pensou na tarde de domingo em que levara Eleanor ao zoológico de Londres. A intenção era diverti-la, mas o resultado não fora bem o que ele esperava. Cada animal enjaulado parecia apenas deixá-la mais triste, e embora ele jamais tivesse encarado os animais daquela forma, começou a vê-los pelo ponto de vista de Eleanor. Vários bichos estavam sozinhos, confinados em pequenos espaços sem nenhum elemento natural, como moitas, árvores, pedras, areia ou lama. Não havia nada que os instintos conhecessem ou de que necessitasse. Eleanor apertava o braço de Sinclair com força enquanto andavam pelo caminho sinuoso, passando por fileiras de grossas barras de ferro, até que chegaram à jaula mais popular de todas.

A do tigre de Bengala.

Com a pele lustrosa de listras pretas, laranja e brancas, o tigre andava de um lado para outro sem parar, dentro de um espaço em que mal podia se virar. Uma multidão de espectadores admirava de queixo caído a curta distância. Várias crianças faziam caretas sempre que a fera virava o olhar raivoso na sua direção. Uma delas atirara uma bolota entre as grades, acertando no focinho do animal. O tigre rugira e as crianças riram e trocaram tapinhas nos ombros com alegria.

— Parem com isso imediatamente! — disse Eleanor, dando um passo à frente para bater na mão do menino antes que ele jogasse outra bolota. O garoto virou-se assustado e foi cercado pelos amigos, até que Sinclair também se aproximou.

— Saia daqui — ele falou em tom baixo, porém severo — ou vou jogar você na jaula.

O garoto pareceu dividido entre impressionar os amigos e salvar a própria pele. Quando Sinclair estendeu a mão para pegar a sua manga, ele se decidiu pela segunda opção e saiu correndo. Mas, assim que chegou a uma distância segura, o menino parou para atirar uma bolota em Sinclair e desafiá-lo aos gritos.

Ele virou-se para Eleanor, que estava olhando fixamente para o tigre. O animal parou de dar voltas na jaula e lhe devolveu o olhar. Sinclair não ousou dizer uma palavra quer, pois era como se Eleanor e o tigre estivessem em comunhão silenciosa. Ficaram se encarando por quase um minuto. Um espectador idoso, com bigodes brancos, falou:

— Ora, a jovem foi hipnotizada. — Quando ela deu o braço a Sinclair para irem embora, havia uma lágrima em seus olhos.

Michael achava que essa cena já vinha sendo repetida demais, a tentativa de convencer Murphy de que o impossível era possível e de que o impensável tinha acontecido: uma mulher fora descoberta no gelo; Danzig morrera atacado por um dos cachorros e, após assassinar Ackerley, voltara para pegar Darryl na base de mergulho. A única vantagem era que Murphy já estava tão acostumado a essas estranhas reuniões que parara de questionar a sinceridade ou a sanidade de Michael. Sentado atrás da mesa, o chefe simplesmente passava os dedos nos cabelos grisalhos, que Michael achava que estavam cada vez mais brancos. Ele fazia perguntas de um modo resignado, quase por obrigação.

— Mas você tem certeza de que dessa vez o matou com o arbatete? — ele falou para Michael.

— Sim — respondeu Michael — Ele se foi, de vez — Mas será que tinha tanta certeza assim?

— De qualquer forma — Murphy falou —, ninguém vai até a base de mergulho até segunda ordem. Faça com que Hirsch entenda bem o que eu disse.

Houve um estalo de estática no rádio atrás da cadeira. “Velocidade do vento de 195 km/h, norte-nordeste”, anunciou uma voz fraca. “Temperaturas variando de 40 a 60 graus negativos, que devem chegar a...” Houve outra interferência e então a voz voltou, dizendo: “... frente de alta pressão, rumo a Sudoeste, vindo da península chilena para o mar de Ross.”

— Parece que vamos enfim ter uma brecha amanhã — disse Murphy, girando na cadeira e desligando o rádio. — Já não era sem tempo, porra. — Voltou-se para Michael com um papel impresso na mão. — O relatório da dra. Barnes — falou ao colocar um par de óculos para ler em voz alta. — “A paciente, srta. Eleanor Ames, que declarou ser uma cidadã inglesa, tem aproximadamente 20 anos” — parou para olhar Michael por cima do óculos — “e apresenta sinais vitais estáveis. Ainda há indícios de hipotensão e arritmia cardíaca recorrentes, juntamente com uma anemia aguda, em que concentraremos nossos esforços assim que o exame de sangue estiver pronto.” — Abaixou o papel e perguntou: — Tem ideia de quando o Hirsch vai entregá-lo?

— Não.

— Dá uma cutucada nele, mas sem ser muito óbvio.

— Não seria melhor que você fizesse isso?

— Não quero levantar mais suspeitas do que ele já deve ter — Murphy falou. — Até onde ele sabe, é só mais um exame de sangue de rotina. Vamos deixar como está. E, caso você não tenha notado, ele tem problemas com autoridade.

Recostou-se, ainda brandindo a folha impressa.

— Então esse papel é o primeiro documento oficial confirmando a existência da Bela Adormecida.

— Eleanor Ames — corrigiu Michael.

— Ê, você está certo. Ela é bem real agora. — Guardou discretamente a folha em uma pasta azul de plástico. — E, portanto, tudo a partir de agora tem que ser feito como manda o regulamento, ou então tem que ficar temporariamente fora dos registros e ser completamente sigiloso. Em outras palavras, sem papelada ou falatório. Entendeu o que eu quero dizer?

Michael concordou.

— A última coisa de que a gente precisa aqui, a última coisa mesmo, porra, é de mais investigações do que a NSF e as outras agências que lidam com a gente já vão fazer. Faltam dois anos para a minha aposentadoria plena. Não quero ter que passar esse tempo preenchendo formulários e dando depoimentos. — Ele apontou para uma pilha prestes a cair de papéis e formulários oficiais na mesa. — Está vendo aquilo ali? Ê só a bagunça de rotina. Imagina quando eles souberem das últimas manchetes.

Michael podia imaginar muito bem. Já estava mesmo pensando no que ia dizer, ou não, para Gillespie, seu editor, na próxima vez que conversassem.

— Por isso, eu te peço que por enquanto fique com o bico calado sobre o que puder. E, falando nisso, me faz mais um favor.

— O que for possível.

— Quero que você seja o contato, ou seja lá como queira chamar, a srta. Ames. Ajude a Charlotte e me mantenha informado sobre o que está acontecendo, como vai a paciente, o que ela está fazendo, que problemas você acha que nós vamos ter que resolver. Eu nem preciso dizer que uma situação como essa jamais aconteceu antes, aqui ou em qualquer outro lugar. Não quero que ninguém mais saiba que ela está aqui, além das pessoas já envolvidas. Quero ir com calma e devagar.

— Mas você pretende mantê-la completamente confinada à enfermaria? — perguntou Michael. — Porque ela pode ficar maluca lá dentro. Eu ficaria.

— Vamos resolver isso aos poucos, assim que recebermos as informações Darryl e da Charlotte.

— E quanto ao companheiro da Eleanor — insistiu Michael —, o homem que ela chama de Sinclair? Se a previsão do tempo estiver certa, podemos voltar a Stromviken para procurá-lo?

— Amanhã, se o tempo melhorar de fato. Talvez aí a gente monte uma equipe de busca. — Parecia que ele não estava nada disposto. Michael suspeitava de que

ele estava torcendo para que esse tal de Sinclair, só mais um enorme problema na visão de Murphy, simplesmente desaparecesse. — Quero dizer, uma coisa de cada vez — Murphy continuou. — Partindo-se de que ela seja quem e o que ela diz ser...

— Está difícil arrumar uma explicação melhor para toda essa situação — Michael interrompeu. — E acredite, eu tentei.

— É, bom, continua tentando — o chefe respondeu. — Mas supondo, só por desengargo de consciência, que você esteja certo, e se ela pega alguma coisa de alguém daqui, alguma coisa a que ela não tenha imunidade?

Michael não tinha pensado nisso e soltou um “há”.

— Viu? — Murphy falou, jogando as mãos para o alto. — Esse é o tipo de coisa que eu tenho que levar em conta. Tipo, eu não sou médico. Porra, se eu fosse, saberia o que fazer com o Ackerley.

Michael também estava pensando nisso. Não foi feito nenhum comunicado sobre a morte do botânico. Era apenas questão de tempo para alguém notar que até mesmo um notório recluso como o Estranho andava sumido.

— O que você fez com o corpo? — perguntou Michael.

— Foi para o frigorífico — respondeu Murphy. — Notifiquei a mãe dele, com quem o Ackerley morava em Wilmington, mas ela parecia meio fora de si. Ainda não oficializei no relatório, mas, levando em conta que ele morreu logo após o que aconteceu com o Danzig, vai ser muita sorte se a porra do FBI não mandar uma delegação para investigar. — Uma repentina rajada de vento balançou o módulo inteiro sobre os blocos de concreto. — E eu pedi para o Lawson limpar o laboratório de botânica e ver se consegue preservar o trabalho do Ackerley.

Essa parecia uma decisão boa e louvável, mas Michael imaginou se alguém saberia como manter vivas as plantas, especialmente as orquídeas de caules longos e delicados. Tudo na Antártica parecia conspirar contra a sobrevivência e a vida. Ao se levantar para ir embora, Michael pensou na única coisa, na única pessoa que o frio eterno protegera e acolhera.

— E não se esqueça do que eu falei sobre a tal Ames — Murphy gritou.

— Tenha calma com ela, sempre.

Michael passou na enfermaria, na esperança de que Eleanor estivesse acordada e consciente. Não queria parecer um pretendente importuno, mas, ao mesmo tempo, estava louco para começar a descobrir a sua história. Colocou blocos de reportagem, canetas e um microgravador na mochila. Ficou na dúvida se incluía a câmera, porque ela podia passar uma sensação de intromissão. Tinha medo de incomodar Eleanor. Resolveu que podia esperar para tirar fotos. Quando chegou à enfermaria, teve a impressão de que não viera em boa hora. Bateu na porta trancada, que geralmente estava sempre aberta, e ouviu Charlotte andando lá dentro.

— Sim? — ela falou. — Quem é?

Michael identificou-se e a porta foi aberta o suficiente para que ele entrasse. Charlotte, de jaleco verde de hospital, parecia irritada. Eleanor estava fora do alcance da vista, dentro do quarto.

— Ela está acordada?

Charlotte deu um suspiro e fez que sim.

— Está tudo bem?

Charlotte inclinou a cabeça e disse em voz baixa:

— Estamos enfrentando alguns problemas técnicos, digamos.

— Como assim?

— Psicológicos. Emocionais. Problemas de adaptação.

Michael ouviu um choro vindo do quarto.

— Quer dizer, não é exatamente uma surpresa, dadas as circunstâncias — Charlotte falou. — Acabei de dar um leve sedativo que deve ajudar.

— Será que eu posso entrar e falar com ela antes que faça efeito? — sussurrou Michael.

Charlotte deu de ombros.

— Sabe lá, de repente a distração ajuda em alguma coisa. — Mas quando Michael foi até o quarto, ela avisou: — Desde que você não diga nada que possa perturbá-la.

Michael imaginou como falaria com Eleanor Ames sem dizer algo assim.

Quando entrou, viu Eleanor vestida em um roupão branco e felpudo, olhando pela janela estreita, cujo vidro coberto de neve deixava entrar um arremedo de luz do sol. A cabeça virou-se imediatamente quando ele entrou. Estava assustada, nervosa e claramente meio envergonhada de ser vista em traje de banho. Ela fechou rapidamente as lapelas do roupão e voltou a olhar pela janela.

— Hoje não dá para ver muita coisa — falou Michael.

— Ele está lá fora.

Michael não precisava perguntar sobre quem ela estava falando.

— Ele está lá fora e completamente sozinho.

Havia uma refeição praticamente intocada em mesinha ao lado da cama.

— E ele nem sabe que o deixei contra a minha vontade. — Eleanor andava de um lado para outro em um par de chinelos brancos, com os olhos lacrimosos ainda grudados na janela. A transformação era esquisita. Quando Michael a viu pela primeira vez no gelo e depois na igreja, ela parecia tão estranha, tão perdida no tempo e no espaço... Sempre tivera em mente de forma bem clara que falava com uma pessoa de quem estava inquestionavelmente separado por um abismo imensurável de tempo e de experiências.

Mas agora, com a gola do roupão fechada, o cabelo lavado e escorrido, e os chinelos arrastando pelo chão de linóleo, Eleanor se parecia com qualquer jovem bonita recém-saída de um tratamento de beleza em um spa de luxo.

— Ele sobreviveu a muita coisa — falou Michael, escolhendo as palavras com cuidado. — Tenho certeza de que vai sobreviver a essa tempestade também.

— Isso foi antes.

— Antes de quê?

— Antes de eu abandoná-lo. — Tinha lenços de papel amassados na mão, que havia usado para secar as lágrimas.

— Você não tinha escolha — disse Michael. — Quanto tempo iria durar daquela maneira? Comendo ração de cachorro e queimando livros de preces para se aquecer?

Será que falara precipitadamente? Estava tentando consolá-la, mas os olhos verdes brilharam em sinal de advertência.

— Passamos juntos por situações piores do que essa. Piores do que você poderia saber. Piores do que jamais poderia imaginar. — Eleanor virou-se, os ombros magros tremendo debaixo do roupão felpudo.

Michael pousou a mochila no chão e se sentou na cadeira de plástico do canto. Uma parte dele dizia que a atitude sensata seria simplesmente sair e voltar depois, quando Eleanor estivesse mais calma. Porém, outra parte — seria um desejo? — lhe dizia que ela não queria realmente que ele fosse embora, apesar da tristeza e confusão... que sua presença dava algum consolo a ela, representando algo familiar no ambiente artificial onde a tinham colocado.

— A médica disse que não posso sair daqui — Eleanor falou em tom mais tranquilo.

— Não com essa tempestade, com certeza — brincou Michael.

— Deste quarto.

Michael sabia que era isso o que ela havia querido dizer.

— É só por enquanto — garantiu. — Não queremos que você seja exposta a alguma coisa, germes, bactérias, contra a qual não tenha defesas naturais.

Eleanor deu uma risada amarga.

— Cuidei de soldados com malária, disenteria, cólera e a febre da Crimeia, que eu mesma contrai. — Respirou profundamente. — Como pode ver, sobrevivi a tudo isso. — Então se virou para ele e falou, mais animada: — Mas, é claro, a srta. Nightingale fez grandes progressos nesse sentido. Começamos a arejar as alas dos hospitais, mesmo à noite, para dissipar o ar contaminado. Com melhorias na higiene e nutrição, acredito que inúmeras vidas podem ser salvas. É apenas questão de convencer as autoridades.

Foi o maior discurso que Eleanor tinha feito até agora. Ela mesma deve ter ficado surpresa, porque parou de repente e ficou levemente ruborizada. Era evidente que ela levava a enfermagem muito a sério, embora Michael já desconfiasse disso.

— O que estou dizendo? — murmurou. — A srta. Nightingale morreu há muito tempo. E tudo o que acabei de dizer com certeza pareceu uma tolice. O mundo seguiu adiante e cá estou eu falando coisas que o senhor sabe que estão certas ou erradas há anos. Desculpe, me esqueci.

— Florence Nightingale estava certa, assim como você — disse Michael. Fez uma pausa. — E você não vai ficar confinada aqui muito tempo. A gente vai ver o que é possível fazer.

Eleanor já tinha sido exposta a ele e a quaisquer germes que tivesse; logo, pensou, qual seria o mal de fazer mais contatos? E quanto a ser vista pelos profetas e milicos da base, bem, provavelmente havia várias maneiras de andar

por aí sem muita interação social. Point Adélie não era exatamente a Grand Central Station.

Eleanor sentou-se na beirada da cama, virada para Michael. O sedativo já devia estar começando a fazer efeito, porque ela parou de chorar e de esfregar as mãos.

— Foi depois da batalha — disse. — Foi quando eu peguei a febre.

Michael estava doido para usar o gravador, mas não queria Lazer nada que a intrigasse ou perturbasse seu frágil estado de espírito.

— Sinclair, tenente Sinclair Copley, do 17º Lanceiros, foi ferido durante uma carga da cavalaria. Foi quando eu cuidava dele que sucumbi à febre.

O olhar estava um pouco distante e Michael percebeu que até um tranquilizante fraco podia ser forte para alguém que nunca tinha tomado um.

— Mas, na verdade, ele teve sorte. Quase todos os companheiros, inclusive o querido amigo capitão Rutherford, foram mortos. — Suspirou e abaixou o olhar. — Pelo que me disseram, a Brigada Ligeira foi completamente destruída.

Michael quase caiu da cadeira. A Brigada Ligeira? Será que ela se referia à famosa Carga da Brigada Ligeira, aquela imortalizada no poema de Alfred Tennyson? E ainda por cima falava por experiência própria?

Estaria ela sugerindo que seu companheiro de congelamento, esse tal tenente Copley, era um sobrevivente daquele ataque? Fosse qual fosse a história de Eleanor, uma eterna fantasia ou um inacreditável registro histórico de primeira mão, precisava gravá-la.

Metendo a mão na mochila, tirou com jeito um pequeno gravador.

— Se não se importar — falou —, vou usar esse instrumento para registrar a nossa conversa. — Ligou o aparelho.

Eleanor olhou pensativa para a pequena luz vermelha que indicava o funcionamento do gravador, mas, de qualquer forma, pareceu despreocupada. Michael não achava que ela tivesse compreendido o que ele dissera ou o que a máquina fazia, na verdade. Teve a impressão de que tantas coisas eram novas para ela, de médicas negras à luz elétrica, que Eleanor estava escolhendo apenas compreender uma coisa de cada vez.

— Mandaram que atacassem os canhões russos — contou — e eles foram aniquilados. Havia peças de artilharia nas colinas de cada lado do vale. As perdas humanas foram gigantescas. Eu trabalhava noite e dia, assim como minha amiga Moira e todas as outras enfermeiras, mas não conseguíamos dar conta. Eram batalhas demais e muitos feridos e moribundos. Não conseguíamos fazer o suficiente.

Michael notou pelo olhar que ela tinha retornado para lá agora, revivendo a história.

— Tenho certeza de que você fez tudo o que foi possível.

A expressão tornou-se triste.

— Fiz coisas além do meu alcance — falou secamente. Os olhos ficaram úmidos por lembrar eventos que claramente ainda a atormentavam. — Fomos obrigadas, todas nós, a fazer coisas para as quais nunca nos preparamos.

E então Michael percebeu que ela fora arrastada pela correnteza da memória.

Era a noite seguinte a que encontrara Sinclair. Lembrava-se muito bem. Havia conseguido pegar vários itens secretamente, incluindo um frasco de morfina. O remédio valia mais do que ouro, e por isso a srta. Nightingale ficava de olho no estoque. Fora depois da ronda, quando Eleanor deveria estar dormindo no alojamento das enfermeiras, que descera de mansinho pelas sinuosas escadas com uma lamparina turca na mão e voltara para a ala dos pacientes febris. Vários soldados sussurraram agradecimentos à sua passagem, confundindo Eleanor com a própria srta. Nightingale.

— Isso foi depois daquela batalha? — Michael estimulou que continuasse, com delicadeza, e a voz despertou Eleanor do sonho acordado.

— Balaclava.

— Que ano foi isso?

— 1854. Era fim de outubro. O hospital de campanha estava abarrotado, os homens deitados sobre palha, ombro a ombro.

Lembrou-se de que o escocês — aquele que a alertara, delirando, que Sinclair não era boa coisa — tinha sido colocado ao lado dele. Se também estivesse sofrendo muito, Eleanor decidiu que dividiria a morfina entre os dois. Mas quando chegou à ala viu que não seria necessário. Dois serventes com lenços no rosto estavam virando o corpo do escocês, cobrindo-o com o imundo cobertor de lã... mas não antes que Eleanor visse o seu rosto de relance. O homem estava branco como uma cerca revestida de cal, e a pele parecia uma fruta seca que teve todo o sumo e a polpa sugados.

— Boa noite, senhora — um deles falou. — Sou eu, Taylor. — Ela reconheceu as orelhas de abano do dia da amputação que matou o Francês. — E o Smith também — disse, apontando para o companheiro robusto que estava costurando de qualquer maneira as pontas do cobertor. Eleanor sabia que a manta imunda serviria tanto de mortalha como de caixão e que o corpo do escocês seria jogado em uma das covas comunitárias abertas em uma das colinas próximas.

Ao contar até três, eles levantaram o corpo do chão e Taylor riu debaixo do lenço.

— Esse aqui é leve como uma pena. — Saíram da ala com o corpo balançando entre eles. Eleanor ajoelhou-se no espaço que ficou vazio para cuidar de Sinclair. Para seu alívio, ele tinha melhorado de forma surpreendente.

— E você e as outras enfermeiras da srta. Nightingale... quantas eram?

Michael outra vez a estimulou.

— Não muitas. Umas 25, no máximo — respondeu, cansada. — Muitas ficaram doentes e foram embora. Mas eu e Moira permanecemos. Eu encontrei uma camisa limpa e uma navalha para Sinclair, que usei para cortar o cabelo cheio de piolhos, e depois o ajudei a fazer a barba.

— Ele deve ter ficado muito grato.

— No meu bolso eu tinha o frasco de morfina.

— Você também deu para ele?

Ficou com um ar de incerteza.

— Não. Achei que ele parecia tão recuperado que eu devia poupar... com medo de que tivesse uma recaída e fosse precisar de mais morfina. — Ergueu o olhar para Michael. — Era muito difícil de conseguir.

— Ainda é — falou Michael. — Isso é uma coisa que não mudou. Mas, obviamente, ele se recuperou. Você deve ter ficado muito contente... e orgulhosa, também.

— Orgulhosa? Orgulhosa de quê? — Eleanor jamais teria usado essa palavra. Assim que descobrira as terríveis necessidades de Sinclair e o ajudara a satisfazê-las, nunca sentiria orgulho outra vez na vida.

E depois que passou a compartilhar essas necessidades, não sentira nada além de uma eterna vergonha.

— O que você fez assim que ele se recuperou e a guerra acabou? Vocês dois retornaram à Inglaterra?

— Não — respondeu Eleanor, os pensamentos dispersos por alguns momentos. — Jamais voltamos para casa.

— Por quê?

Como poderiam voltar depois do que se tornaram? Enquanto Sinclair se recuperou, ela ficou doente. Pegou a febre ao visitá-lo e, na manhã seguinte, sentiu os primeiros sintomas. Uma leve tonteira, um calor úmido na pele. Escondeu o máximo que pôde, porque sabia que seria dispensada e não poderia vê-lo. Porém, quando foi até ele levando uma tigela de sopa de cevada, tropeçou nos próprios pés, derramou a comida e quase caiu em cima de Sinclair. Ele segurou-a pelos braços e chamou ajuda.

Um servente de lenço no rosto finalmente chegou devagar, com um toco de charuto enfiado atrás da orelha. Porém, quando viu que era Eleanor que precisava de ajuda, e não apenas mais um soldado moribundo, o sujeito apressou o passo.

Sinclair parecia arrasado e, mesmo nos estertores, ela garantiu que ficaria bem. Foi levada até o alojamento das enfermeiras na torre. Moira imediatamente colocou uma taça de vinho do Porto nos lábios de Eleanor e a deitou na cama. Como ela conseguia arrumar tais coisas permanecia um mistério. Eleanor lembrava-se muito pouco do que aconteceu no transcorrer da semana seguinte... tirando o rosto preocupado de Moira... e, em uma noite inesquecível, o rosto de Sinclair.

Só percebia o zumbido baixo vindo da máquina quando parava de falar.

Quase não tinha noção de que estava falando.

— Por que vocês nunca voltaram à Inglaterra? — Michael perguntou de novo.

— Nós não seríamos bem-vindos lá — respondeu, finalmente, recostando-se apoiada nas mãos. — Não depois... não como éramos. Nós nos tornamos... como é o nome? — Estava começando a se sentir tonta, confusa. A substância que a

médica tinha dado obviamente estava fazendo efeito. — Pessoas que são banidas do próprio país?

— Exilados?

— Sim — murmurou. — Acho que essa é a palavra. Exilados.

Ela ouviu um pequeno dique e viu a lâmpada vermelha parar de brilhar na caixinha zumbidora de Michael.

— Ah. Seu farol apagou.

— Vamos reacendê-lo em outra hora — falou Michael, levantando com gentileza os pés de Eleanor do chão e colocando as pernas dela na cama. — Agora, acho que devia dormir um pouco.

— Mas eu tenho que fazer a ronda... — disse enquanto tentava, em vão, impedir que a cabeça caísse sobre o travesseiro. Por que estava se deitando quando deveria visitar as alas? Por que estava falando sem parar enquanto soldados morriam?

Sentiu os chinelos sendo tirados dos pés.

— Mas estou com tanto serviço atrasado...

Assim que fechou os olhos, Michael colocou o cobertor sobre Eleanor, que voltou a dormir. Ele guardou o gravador e o bloquinho, abaixou o blecaute e apagou a luz.

E então simplesmente ficou ali, como uma sentinela, protegendo Eleanor sob o pouco de luz que ainda entrava no quarto. O cobertor mal se mexia enquanto ela respirava, dormindo com o rosto virado sobre o travesseiro. Onde estaria agora? Quais seriam os estranhos eventos que levaram ao trágico destino de ser acorrentada e jogada ao mar? Essa era a pergunta que jamais saberia como ou quando fazer. Mas tinha noção de que o tempo estava acabando. O passe expedido pela NSF perderia a validade em menos de duas semanas. Ainda assim, quem poderia dizer que reação Eleanor teria ao reviver tamanho trauma? As mechas sedosas do cabelo caíam sobre o rosto, e embora tenha sentido vontade de afastá-las, Michael sabia que não deveria tocá-la. Eleanor estava distante... exilada em uma época e em um lugar que não existiam mais.

42

19 de dezembro, 14h30

ATÉ TER SIDO DISTRAÍDO POR AQUELA AMOSTRA de sangue que Charlotte lhe passara, as coisas iam bem, Darryl pensou.

Estava concentrado nas amostras de sangue e tecido do *Cryothernia hirschii*, a descoberta que faria sua reputação científica, e o resultado preliminar era espantoso: o sangue do peixe não era apenas isento de hemoglobina, como também continha uma taxa estranhamente baixa das glicoproteínas anticongelantes que estava estudando. Em outras palavras, a espécie podia viver nas águas geladas do oceano Antártico, desde que fosse extremamente cuidadosa. Tinha ainda menos proteção contra o gelo que todos os outros peixes que estudara. O mero toque do gelo podia propagar-se pelo corpo como um raio e congelá-la instantaneamente. Talvez esse fosse o motivo de ter descoberto o primeiro peixe tão próximo do litoral, assim como os outros dois que agora nadavam no tanque do aquário, rondando a corrente quente de uma das manilhas de escoamento da estação. Ou talvez eles tivessem gostado dos raios de sol, mesmo fracos, que batiam nas profundezas pelos buracos da base de mergulho. Fosse qual fosse a razão, Darryl ficou contente por ter capturado os espécimes.

Ele curti os novos dados, que tornavam a descoberta cada vez mais notável e digna de sair na imprensa, quando se lembrou do favor que prometera a Charlotte. Tirou a amostra de sangue da geladeira e notou que a etiqueta tinha apenas as iniciais E.A., sem nome. Pensou nos provetas, mas nenhum tinha essas iniciais. Então deveria ser de um dos milicos, mas Darryl não conhecia todos eles, isso sem contar os que só usavam apelidos como Moose ou T-bone. A outra coisa que ficara faltando fora Charlotte lhe dizer qual era a natureza dos testes, o que era bastante irritante. Ela não sabia que ele tinha trabalho a fazer?

Felizmente, o laboratório de biologia marinha era equipado com tudo o que um hematologista pudesse querer, de centrífugas de última geração a um analisador de grande volume que podia realizar exames monoclonais, coloração fluorescente e leitura óptica avançada de plaquetas de uma tacada só. Darryl fez a bateria

completa de exames, de alanina aminotransferase a triglicerídeos e tudo o mais. Apesar de imaginar que só teria que mandar os resultados para Charlotte, ele teve que parar tudo quando viu a impressão. Nada fazia muito sentido, e em certos aspectos era como se estivesse lendo o resultado de um dos espécimes marinhos. Enquanto o milímetro cúbico do sangue humano normal continha uma média de 5 milhões de células vermelhas e 7 mil brancas, os valores dessa amostra eram praticamente o contrário. Se os resultados estivessem corretos, o paciente de Charlotte deixava o peixe recém-descoberto por Darryl parecendo um vigoroso espécime de sangue vermelho.

Ficou convencido de que os resultados não podiam estar certos ou de que, de alguma forma, misturara sem querer as amostras. “Meu Deus”, pensou, “vai ver que estou com o Big Eye e não sei”. Teria que fazer um teste com Michael. Porém, só para ver se o equipamento estava funcionando direito, colocou uma amostra do seu próprio sangue e deu tudo certo (ficou contente de ver que o colesterol estava mais baixo que o de costume). Com o que sobrou da amostra E.A., repetiu os testes... que tiveram os mesmos resultados.

Se fosse sangue humano, somente os níveis de toxicidade já seriam suficientes para matar o paciente em um piscar de olhos.

Talvez, considerou, tivesse que sair um pouco do laboratório para esfriar a cabeça. Desde a última visita à base de mergulho, onde Danzig quase o afogara, estava enfiado no quarto ou no laboratório. As orelhas e cabeça ainda coçavam pelo contato com o gelo e, como precaução, Darryl estava tomando anticoagulantes e uma bateria de antibióticos. No Polo Sul, qualquer desatenção a um mínimo detalhe, como um ponto azul nos dedos do pé ou uma sensação de ardência na ponta dos dedos da mão, podia acabar custando um braço ou uma perna... ou mesmo a vida. O tempo implacável e ruim também não facilitava as atividades externas. Imaginou, enquanto enfiava as impressões nos bolsos da parca, como a equipe de Point Adélie que passava o inverno ali conseguia sobreviver. Seis meses de tempo ruim já eram demais, mas seis meses de tempo ruim sem sol eram difíceis de imaginar.

Lá fora, o vento era tão forte que Darryl continuaria de pé mesmo que se inclinasse por completo para a frente. Abaixou a cabeça e avançou lentamente, agarrado às cordas de segurança esticadas nos pátios entre os laboratórios e os módulos comunitários. À esquerda, as luzes brilhavam no laboratório de botânica de Ackerley. Já fazia um tempo que Darryl não o via e pensou que seria legal passar para dar um alô. Talvez até descolasse um ou dois morangos fresquinhos.

Quando chegou à treliça de madeira em frente à porta, teve que se segurar até que uma rajada de vento forte passasse. Tomou impulso para subir a rampa e entrou no laboratório. Ackerley tinha improvisado um par de cortinas de plástico grosso para conter as correntes de ar da porta. Assim que Darryl passou por elas, entrou no ambiente familiar do laboratório, tomado por calor, umidade e luzes fortes. “Eu devia vir aqui mais vezes”, pensou, “porque é como tirar férias nos mares do sul”.

— Ei, Ackerley — chamou, batendo os pés no capacho de borracha.

— Preciso de temperos para salada!

Mas a voz que lhe respondeu não foi a de Ackerley, e sim a de Lawson, vinda de trás de algumas divisórias de metal. Darryl tirou a parca, o gorro, as luvas e os óculos, pendurou tudo em um precário cabideiro feito a partir de um osso de baleia, e foi à procura de Lawson.

Encontrou-o em cima de uma escadinha, cuidando de um cacho de morangos maduros pendurado em uma série de tubos de irrigação. Acima da cabeça de Lawson havia outros cachos de frutos molhados. As mesas estavam cheias de recipientes transparentes contendo uma verdadeira selva de outras plantas: tomates, rabanetes, alfaces, rosas e, o mais impressionante de tudo, orquídeas. Tinham dezenas de cores diferentes, do branco à fúcsia e ao dourado, e caules finos que pareciam pernas de garças.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Darryl. — Isso não é o trabalho do Ackerley?

— Só estou ajudando — respondeu Lawson, em tom de voz neutro.

— Parece o Havaí aqui dentro — comentou Darryl, levantando o rosto para as lâmpadas quentes e brilhantes que tinham sido montadas no teto acima dos tubos. — Não é de espantar que o Ackerley odeie sair do laboratório.

Olhou um morango especialmente suculento e perguntou:

— Você acha que ele se importaria se eu provasse um?

Lawson olhou de cima da escadinha.

— Não, vai em frente.

Darryl levantou o braço para arrancar um dos morangos mais baixos e o colocou na boca. Tio Barney fazia pratos gostosos na cozinha do bandejão, mas nada se comparava ao sabor de um morango fresquinho saído do cacho.

— Por falar nisso, onde está ele?

Lawson deu de ombros.

— Pergunta para o Murphy.

Isso pareceu esquisito. Por que Murphy saberia? E também era esquisito que alguém estivesse ali sem a presença de Ackerley. Nessa questão, ele era muito parecido com Darryl, que também não gostava que estranhos fossem ao laboratório quando ele estava ausente.

Pensando bem, o lugar também parecia meio esquisito. Geralmente estava todo arrumadinho. Mas, em um dos cantos, Darryl notou um caminho aberto onde alguns armários haviam sido derrubados, jogando terra, líquens e amostras de musgo no chão. Uma vassoura e uma pá estavam encostadas contra uma prateleira, junto com um saco plástico preto que parecia estar cheio de lixo. “O que estava acontecendo? Será que Lawson fora nomeado o novo assistente de jardinagem?”

Darryl tentou puxar mais conversa e descobrir alguma coisa, mas teve a nítida impressão de que Lawson queria que ele saísse do laboratório. O sujeito costumava ser amigável e, em determinadas ocasiões, bastante sociável, mas não

hoje. Talvez estivesse chateado com a nova atribuição e só quisesse acabar o mais rápido possível.

Darryl agradeceu pelo morango e se vestiu outra vez. Às vezes achava que passava metade do tempo no Polo tirando e colocando as mesmas camadas de roupa.

Ao deixar o laboratório de botânica, avançou devagar em direção aos módulos principais, segurando firme nas cordas de segurança. O ar estava tão carregado de neve que era difícil ver mais do que uns poucos metros à frente, mas, quando se aproximou do módulo de administração, notou que Murphy e Michael atravessavam o pátio de cabeça baixa, indo a um dos armazéns. Teria chamado os dois, mas sabia que a voz seria abafada pelo vento. Em vez disso, apenas os seguiu. Eles estavam a caminho de um barracão decadente, onde abriram o cadeado das portas de aço e entraram.

Isso provocou a curiosidade de Darryl. Jamais, pensou, mostre um mistério para um cientista e espere que ele não tente resolver.

Darryl entrou de mansinho no barracão e olhou ao redor, após tirar os óculos de proteção sujos de neve. Estava em uma espécie de antessala cheia de caixas de material da cozinha e da base. Havia outro par de portas de aço do outro lado, também abertas. Elas levavam para um espaço que Darryl imaginou ter sido um dia um grande frigorífico e depósito.

Entrou e parou imediatamente quando viu Murphy virar em sua direção, apontando uma arma. Michael também estava armado, segurando um arbalète.

— Nossa Senhora, o que você veio fazer aqui, caralho? — Murphy sussurrou desesperado.

Darryl ainda estava perplexo demais com as armas para responder.

Michael abaixou o arbalète e falou:

— OK, o que está feito está feito. Só fica para trás e quieto.

— Por quê?

— Vai descobrir em um minuto.

Com Murphy seguindo cautelosamente à frente, eles avançaram por um corredor com caixas e engradados empilhados até o teto. Ao fazerem uma curva, Darryl viu uma caixa comprida marcada CONDIMENTOS SORTIDOS HEINZ e, sobre ela, pendurada inexplicavelmente em um cano grosso de metal, uma algema ensanguentada.

— Merda — sussurrou Murphy. — Merda, merda, merda.

O que diabos estavam procurando? O que será que esperavam encontrar? Por um instante, Darryl imaginou que Danzig voltara. “Mas o arbalète não o mandou para o fundo do mar?”

— Ackerley — falou Murphy em um tom de voz ligeiramente mais alto.

— Você está aí?

Ackerley? Estavam procurando por ele? Ali, entre todos os lugares possíveis? Se fosse isso mesmo, do que tinham tanto medo, porra? O sujeito era tão inofensivo quanto um de seus repolhos.

Surgiu o barulho de algo sendo arranhado, como uma caneta sobre um papel, e os três foram de mansinho até o próximo corredor. Também estava vazio, mas o som ficou mais alto. Murphy, com a arma na frente, prosseguiu para outro corredor, e lá viram Ackerley, ou algo muito parecido com ele. Mais magro do que nunca, usava o rabo de cavalo solto e pendurado na nuca como um esquilo morto. Havia um saco plástico de lixo rasgado em volta dos ombros. Ackerley estava sentado em uma caixa de Coca-Cola e tinha ao redor dos pés várias latas vazias e faturas arrancadas das caixas, que usava para escrever. Com uma prancheta no colo, rabiscava no verso de uma fatura, tão concentrado quanto um físico resolvendo uma equação especialmente complexa.

— Ackerley — chamou Murphy.

Ele, com óculos redondos na ponta do nariz, respondeu, sem erguer o olhar:

— Agora não.

Murphy e Michael entreolharam-se, como se dissessem “E agora?”, enquanto Darryl simplesmente observava, espantado. O que acontecera com Ackerley? A garganta, que surgia debaixo do saco plástico, parecia dilacerada, e o pulso da mão esquerda, que apoiava de maneira frouxa a prancheta, aparentava estar quebrado e machucado. Havia sangue seco na pele.

— O que você está fazendo? — perguntou Michael em proposital tom inocente.

— Tomando nota.

— Sobre o quê?

Ackerley continuou escrevendo.

— Sobre morrer.

— Você não parece morto para mim — comentou Darryl, embora não fosse completamente verdade.

Ackerley terminou uma frase e então ergueu devagar os olhos, que estavam vermelhos. Até a parte branca apresentava um tom de rosa claro.

— Ah, estou sim — falou. — A morte só não fez efeito ainda. — A voz tinha um som baixo e borbulhante. Tomou um gole de uma lata aberta e simplesmente deixou que caísse da mão.

Murphy não percebeu que tinha abaixado a arma para o chão, e Ackerley apontou para ela.

— Eu não faria isso se fosse você.

Murphy levantou-a rapidamente e Ackerley deixou o último papel flutuar até o chão para se juntar aos demais.

— Eu numerei as notas para que vocês consigam entender — falou.

— Entender o quê? — indagou Michael.

— O que acontece — Ackerley respondeu — depois.

Houve um silêncio e então Ackerley afastou o saco plástico da garganta. A pele estava tão rasgada que Darryl ficou surpreso que ele conseguisse falar. Era possível ver as cordas vocais pulsando.

— Agora — falou Ackerley, apontando para a arma com a cabeça —, você devia usar isso.

— O que você está falando? — Murphy perguntou. — Eu não vou atirar em você. A gente vai dar um jeito.

— É verdade — interrompeu Michael. — Vamos falar com a dra. Barnes. Tem que haver uma maneira de ajudar você.

— Usa a arma — Ackerley falou com uma voz áspera e assustadora — e depois, só para garantir, incinera o meu corpo. — Levantou-se devagar e deu um passo vacilante na direção deles. — Senão, podem acabar que nem eu. — O trio inteiro recuou. — Aparentemente ela muda de hospedeiro com muita rapidez.

— Ela o quê? — falou Darryl, esbarrando em uma prateleira com panelas e frigideiras que bateram dentro das caixas.

— A infecção, por sangue ou saliva. Como o HIV, parece estar presente em quase todos os fluidos corpóreos. — Cambaleando mais perto e concentrado — Usa a arma — disse. — Faz direito.

Ele continuou avançando e havia cada vez menos espaço para recuar. Darryl deu um passo atrás, passou pelo corredor do material de cozinha, mas conseguia ver o olhar insano e completamente determinado de Ackerley. Ele pretendia fazer o que tinha dito.

— Atira! — gritou Ackerley Uma bolha de sangue estourou saindo da garganta aberta. — Atira em mim! E avançou contra o braço de Murphy com as mãos estendidas.

A arma disparou fazendo um estrondo que ecoou por vários segundos no interior gelado do frigorífico. A cabeça de Ackerley foi para trás, os óculos voaram, e ele desabou no chão de concreto.

Mas os olhos continuaram abertos e ele balbuciou a palavra "atira" uma vez mais antes de ficar imóvel. Uma última bolha de sangue formou-se na garganta e estourou.

O braço de Murphy estava tremendo e ele o abaixou.

Darryl começou a ajoelhar ao lado do corpo, mas Michael disse:

— Espera.

Ele recuou.

— É — Murphy falou com a voz trêmula —, dá um pouco de espaço para ele.

— Acho — falou Michael em tom solene — que a gente deve esperar um pouco.

Então se sentaram juntos nas caixas de madeira, formando um semicírculo, de cabeças baixas, mas olhares fixos no cadáver. Darryl não sabia quanto tempo esperaram. Mas foi Michael que, finalmente, ajoelhou ao lado do corpo para verificar a pulsação e ouvir o coração. Balançou a cabeça para indicar que não havia sinal de vida.

— Ainda assim não vou arriscar — Murphy disse e Darryl foi esperto o suficiente para deixar como estava. Ele iria fazer o que queria e era melhor não perguntar muito.

43

20 de dezembro, 23h

MICHAEL VINHA SE PREPARANDO PARA O TELEFONEMA havia meses, mas mesmo assim, quando aconteceu, foi um choque.

— Foi melhor assim — dizia Karen, no mínimo pela terceira vez. — A gente conhece a Krissy e ela não iria querer continuar daquela maneira.

A vigília terminara. Michael sentou-se curvado na apertada baia de comunicação, como se protegesse a barriga de um soco, porque a sensação ainda era essa. O último ocupante da cadeira havia deixado umas palavras cruzadas parcialmente resolvidas na mesa do telefone via satélite.

— Quando aconteceu, exatamente?

— Por volta da meia-noite de quinta-feira. Esperei até agora para ligar porque, como você deve imaginar, está uma loucura aqui.

Ele tentou lembrar o que estava fazendo na noite da quinta-feira, mas era difícil, mesmo se tratando de um período de tempo curto assim. Tudo acontecia de forma tão inconstante na Antártica que era complicado saber o dia da semana, quanto mais lembrar algo que acontecera dias antes. Onde ele estava, o que estava fazendo naquele exato momento? Prático e realista como era, ainda assim Michael achou que devia ter sabido, que devia ter tido alguma estranha noção psíquica de que Kristin estava partindo. Que havia partido de vez.

— Claro que agora a minha mãe culpa o meu pai às escondidas. Ela acha que se ele tivesse deixado a Krissy no hospital, minha irmã ainda estaria viva, se você chama aquilo de viver.

— Jamais chamaria assim.

Karen suspirou.

— Nem a Krissy.

— E quanto ao funeral?

— Amanhã. Bem pequeno. Eu, há, tomei a liberdade de encomendar uns girassóis em seu nome.

Era uma boa escolha. Girassóis, com fortes e brilhantes tons de amarelo, eram as flores preferidas de Kristin.

— Não são flores inexpressivas — ela dissera certa vez, enquanto passeavam por um campo de girassóis em Idaho. — O girassol diz: “Ei olha para mim, eu sou grande e amarelo, você vai ter que me aguentar!”

— Obrigado — falou Michael. — Estou te devendo.

— Foi US\$ 9,95. Deixa para lá.

— Você sabe que eu quis dizer por tudo mais... incluindo essa ligação.

— É, bom, quando você voltar a Tacoma, pode me pagar a promoção do dia daquela sua lanchonete preferida.

— O Olympic.

Houve uma pausa, acentuada pelo ruído baixo da estática na linha.

— Então — disse Karen —, quando você volta?

— O passe da NSF expira no fim do mês.

— E aí? Eles te largam no Polo Sul?

— E aí eles me põem no primeiro avião de suprimentos que estiver voltando.

— Está conseguindo o que você queria? Uma boa reportagem? — Se Michael estivesse no clima para rir, teria rido agora. Como poderia sequer começar a explicar o que estava acontecendo?

— Sim — respondeu —, vamos dizer que não acho que vá faltar material.

Quando desligaram, Michael simplesmente ficou ali, olhando para as palavras cruzadas abertas. Por acaso leu a dica que dizia “fotógrafa provocadora”. Cinco letras. Pegou o lápis azul que o sujeito anterior deixou e completou: “Arbus¹⁴.” E só continuou ali, girando o lápis, perdido nos pensamentos. Assimilando a notícia.

— Opa, já acabou de usar o telefone? — perguntou um dos milicos, encostado na porta.

— Sim — falou Michael, jogando o lápis na mesa —, tudo acabado.

Voltou para o quarto, mas Darryl já tinha se recolhido, e não haveria jeito de conseguir dormir sem remédios. Michael estava tentando diminuir os medicamentos como preparativo para voltar à civilização. Colocou a mochila nas costas com o laptop e alguns papéis e encarou o fim da nevasca para se instalar na sala de lazer. Murphy dissera que a previsão meteorológica indicava uma breve trégua amanhã e que talvez desse tempo de voltar a Stromviken para procurar o esquivo tenente Copley.

Após ouvir Eleanor falar tanto sobre ele, Michael estava especialmente curioso para conhecê-lo.

Pegou uma xícara na máquina de café e desligou a TV, que estava passando um DVD de *Um Lugar Chamado Notting Hill*. Betty e Tina deviam ter sido as últimas a sair da sala de lazer. Mas, felizmente, o local estava vazio. O relógio na parede indicava que tinha acabado de passar da meia-noite. Michael ligou o

¹⁴ Diane Arbus (1923-1971), fotógrafa americana que retratava tipos à margem da sociedade como travestis, anões, nudistas e deficientes físicos e mentais. Foi vivida por Nicole Kidman no filme *A Pele*, de 2006, (N. do T.)

aparelho de CD e saiu Beethoven a todo volume das caixas de som (até ele reconhecia a abertura da Quinta Sinfonia). Era uma coletânea que, sem dúvida, pertencia a um dos provetas. Diminuiu o volume, jogou-se na cadeira da mesa de cartas no fundo da sala e espalhou o material.

‘Não pense em Kristin’, disse para si mesmo quando percebeu que ficou sentado durante um movimento inteiro da sinfonia fazendo exatamente isso.

“Pense em outra coisa.” Olhou para o material que trouxera, especialmente as páginas soltas rabiscadas por Ackerley no velho frigorífico, e quase riu. Em termos de passatempos agradáveis, o Polo Sul era obviamente pobre.

A letra de Ackerley era miudinha e Michael se lembrou das etiquetas que o sujeito colava com cuidado em cada gaveta de amostras de musgo e líquen no laboratório de botânica. Mas essas páginas estavam especialmente difíceis de ler, manchadas de sangue e escritas no verso de faturas e listas de estoque.

As duas primeiras páginas, numeradas com cuidado no canto superior direito como Ackerley havia prometido, descreviam o ataque e como se virou ao ver Danzig se aproximando, desajeitado, da bancada do laboratório.

“Lembro-me de ter sido jogado no chão, destruindo na queda uma orquídea (gênero Cymbidium) meticulosamente cultivada, e de ter sido atacado com grande força e sem provocação. O ataque, embora aparentemente fortuito e sem sentido, revelou ser intencional no fim das contas.”

Michael recostou-se, estupefato. Tinha que dar o braço a torcer para Ackerley. Mesmo após ser dilacerado com violência e ainda voltar dos mortos, ele conseguia manter a frieza e prosa científicas. As anotações, escritas em um frigorífico sob o que só se podia chamar de extremo estresse, pareciam um artigo submetido a um periódico científico para avaliação.

“Refletindo sobre o ataque, apesar de violentos e confusos, os esforços do sr. Danzig” — sr. Danzig? — “foram completamente voltados para o rompimento da pele e o acesso ao suprimento de sangue. As razões para tanto, ou que elementos sanguíneos em particular eram os mais procurados, não eram evidentes na hora do evento, e assim permanecem. Eu, no entanto, não pude evitar recordar a Nepenthes ventricosa e suas necessidades hematófagas.”

A frieza de Ackerley era inacreditável.

“A morte, na antiga acepção do termo, ocorreu dentro de um minuto após o evento, o intervalo entre aquele momento e aquele ao qual a partir de agora irei me referir como Ressuscitação é desconhecido, embora, como eu não sofri decadência física, o período não possa ter sido grande. (Devem-se consultar gráficos de morbidez e decomposição.) A rápida refrigeração do meu cadáver parece ter contribuído consideravelmente.”

As próximas frases estavam completamente borradas e Michael teve que procurar a página de numeração seguinte. Elas estavam todas espalhadas na mesa como peças de um quebra-cabeça.

“A Ressuscitação foi gradual”, continuou Ackerley nas margens de um pedido de compra, *“e muito parecida com o despertar de um estado de torpor profundo. O*

limite entre sonho e realidade foi ultrapassado imperceptivelmente, embora tenha sido seguido por uma sensação de pânico e desorientação. Eu estava em plena escuridão, confinado de alguma forma. A mente foi completamente tomada, claro, pelo medo de enterro prematuro; sendo direto, gritei e lutei contra o que me restringia, e fiquei muito aliviado ao descobrir que estava envolto apenas em plástico, que era permeável e facilmente rasgável”.

“Meu Deus”, pensou. A agonia de Ackerley parecia algo escrito por Edgar Allan Poe. Michael sentiu unia pontada de culpa por ter colaborado com o sofrimento.

“Mas meu pulso esquerdo foi inexplicavelmente algemado a um cano. Isso me levou a crer que alguém — sr. O’Connor? — teve motivos para acreditar que (a) terceiros tentariam fugir com meu corpo (mas com que intenção?) ou (b) algo como a Ressuscitação era esperado. Levei horas, incluindo a esfolação de muita pele e, creio, o deslocamento de três dedos, para me libertar.

Obtida a liberdade, devo registrar que a maior sensação era a de uma sede impossível de resistir. Tentativas de aplacá-la com bebidas encontradas no frigorífico foram inúteis. A sede veio acompanhada de distorção visual. Sou um cientista ou, mais precisamente, fui um cientista, porque continuo convencido de que meu atual estado anormal logo chegará ao fim e sinto que é meu dever descrever da melhor maneira possível as sensações por que passei, enquanto consigo lembrá-las.”

Michael precisou procurar pela próxima página, que encontrou debaixo da xícara de café. Essa foi escrita no verso de uma propaganda da cerveja Samuel Adams.

“Meu campo de visão parecia desbotado. Só posso comparar o efeito ao de lâmpadas fluorescentes fracas. Um pouco turvo. Mas piscar, como eu fazia sem parar, parecia atualizar a imagem, que logo voltava a ficar embaçada. Estou piscando exatamente agora, para continuar a escrever. É possível que essa distorção ocular seja sinal de que a Ressuscitação esteja se esvaindo. Tentarei escrever mais rápido, só para garantir Nota: por favor, mandem meu carinho e pertences para minha mãe, sra. Grace Ackerley, na 505 French Street, em Wilmington, Delaware.”

Michael teve que parar ao ler isso. “Meu Deus.” Então continuou lendo, após pegar a xícara de café.

“Surgiu também certa dificuldade de respirar. É como se não recebesse oxigênio suficiente e ficasse tonto, embora não sinta os pulmões e vias aéreas obstruídos.”

Michael percebeu que estava sendo observado antes mesmo de ver alguém. Ergueu os olhos acima da borda da xícara e notou uma figura esbelta, envolta em um casaco laranja, à espreita dentro da passagem arqueada.

Pousou a xícara e falou:

— Por que não está na cama? — Mas o que realmente queria saber era: “Por que você saiu da enfermaria? Deveria estar de quarentena e, com certeza, isolada.”

Não consigo dormir.

— A dra. Barnes pode dar algo para ajudar.

— Já dormi bastante — respondeu. Michael notou o capuz de Eleanor girar enquanto observava a sala, espantada. Viu o piano e o banco vazio e deu mais uma olhada em volta. — Eu ouvi a música.

— Sim — falou Michael. — Beethoven. Mas talvez você o conheça.

— Conheço algumas das composições de Herr Beethoven, sim. Mas...

— É um CD — disse, apontando para o aparelho na prateleira. — Toca música. — Levantou-se da cadeira, foi até o equipamento, parou a música e começou outra. As notas de abertura de Sonata ao Luar começaram a tocar.

Perplexa, Eleanor entrou na sala e abaixou o capuz. Foi até a máquina e ficou a certa distância dos alto-falantes, como se tivesse medo de se aproximar. Arregalou os olhos, ainda mais maravilhada, quando Michael, para surpreendê-la, apertou a tecla de avanço e o CD pulou pata o Concerto do Imperador, enchendo a sala outra vez com o som vigoroso da orquestra inteira. Olhou para ele... com um sorriso nos lábios. O primeiro sorriso de puro deslumbramento de Eleanor que Michael via. Os olhos dela brilhavam e ela quase gargalhou.

— Como essa máquina faz isso? Parece o Covent Garden!

Michael não estava a fim de dar palestra sobre a historia da eletrônica de áudio, até porque não sabia por onde começar. Mas ficou fascinado pela alegria evidente que Eleanor sentia.

— É complicado — disse simplesmente. — Porém, é facil de usar e eu posso ensinar.

— Eu gostaria muito.

"Eu também", pensou. O aroma do café estava forte e ele perguntou se Eleanor queria.

— Sim, obrigada — aceitou. — Já provei café turco antes. Em Varna e em Scutari.

— Sim, bem, esse aqui nós chamamos de Folger's. É do mesmo tipo.

Estava de olho na porta o tempo todo enquanto enchia a caneca. Era improvável que alguém aparecesse àquela hora, mas não saberia como explicar a presença de Eleanor caso isso acontecesse. Novas caras não surgiam do nada em Point Adélie.

— Açúcar?

— Se tiver, sim, por favor.

Sacudiu um sachê de açúcar, rasgou e colocou no café. Até isso ela observava com interesse, e Michael novamente se lembrou de que todas as coisas do mundo atual iriam parecer estranhas, diferentes e, às vezes, até mesmo assustadoras para alguém que não cresceu acostumada com elas.

— Eu ofereceria leite, mas parece que acabou.

— Imagino que seja mesmo difícil conseguir leite em um lugar remoto como esse. Certamente vocês não criam vacas.

— Não, não criamos — falou Michael. — Nisso você está certa. — Entregou a xícara e perguntou se gostaria de sentar.

— Ainda não, obrigada. — Com a xícara na mão, andou devagar pela sala de lazer, observando tudo, da mesa de pingue-pongue, onde parou para quicar a bola, à TV de plasma. Estudou o aparelho sem perguntar o que era. Graças a Deus não estava ligada, pois não teria como explicar tudo isso agora. Havia três pôsteres na parede, enviados por alguma agência do governo, sem dúvida, pois todos comemoravam algum triunfo nacional. Um deles mostrava a seleção olímpica de hóquei comemorando a medalha em 1980; outro tinha a foto de Chuck Yeager, de capacete na mão, ao lado do avião experimental X-1; e o último pôster, que Eleanor parou para olhar, mostrava Neil Armstrong de roupa espacial plantando a bandeira americana na Lua. “Não, por favor”, Michael pensou. “Ela jamais vai acreditar.”

— Ele está no deserto à noite? — perguntou.

— Mais ou menos. Isso aí.

— Ele está vestido quase da mesma maneira que nós aqui. — Eleanor pousou a caneca em cima da TV tirou o sobretudo e o colocou no surrado sofá de courino. Estava usando as próprias roupas outra vez, lavadas e passadas. Ela parecia, aos olhos de Michael, uma figura saída de um quadro. O vestido era azul-escuro de mangas bufantes, com gola e punhos brancos, e o broche de marfim estava sobre o busto. Os calçados eram de couro, amarrados bem acima do tornozelo, e o cabelo estava penteado para trás e preso por um pente âmbar que Michael não tinha percebido antes.

Eleanor olhou para a mesa à qual estivera

— Interrompi seu trabalho?

— Não, tudo bem. — As páginas de Ackerley eram a última coisa que gostaria que visse. Voltou rápido para a mesa e empilhou as anotações, colocando a propaganda da Samuel Adams no topo.

— O senhor está nervoso — ela disse.

— Estou?

— Não para de olhar para a porta. Tem tanto medo assim que eu seja descoberta?

“Ela não perde nada”, Michael pensou.

— Não é pelo meu bem — falou. — É pelo seu.

— As pessoas vivem fazendo coisas pelo meu bem — falou, pensativa. — E, por mais estranho que pareça, sempre sou eu que sofro por causa disso.

Foi até o piano e passou os dedos de leve pelas teclas.

— Pode tocar, se quiser.

— Não enquanto a orquestra... — falou, indicando a música ambiente com um gesto. A voz era doce e o sotaque inglês fazia com que parecesse uma atriz de uma adaptação cinematográfica de Jane Austen.

Michael desligou o aparelho de CD. Eleanor olhou para ele como se fosse mágico que tivesse feito a varinha sumir de repente.

— Fique à vontade — disse ele ao puxar o banco do piano para ela. Apesar da hesitação de Eleanor, ele percebeu que estava ansiosa para tocar. — Se você tem

que se entregar ao rato, se entregue ao gato. — Sabia que era um ditado antigo que ela reconheceria.

Ela sorriu e pestanejou. Devagar. Como se fosse o obturador de câmera antiga abrindo e fechando. Michael ficou completamente imóvel. Será que, como Ackerley descreveu, tudo de repente pareceu “desbotado” para ela? E Eleanor teria acabado de “atualizar a imagem”?

Em um impulso, ela jogou a saia para trás e se sentou no banco do piano.

Estendeu os dedos longos e brancos sobre as teclas, sem tocá-las. Michael olhou de relance para a porta outra vez e logo ouviu as primeiras notas de uma canção antiga e tradicional, Barbara Alien. Lembrava-se da música de uma versão em preto e branco de *Um Conto de Natal*. Virou-se para Eleanor, que estava com a cabeça inclinada para o teclado, mas de olhos fechados outra vez. Errou as notas uma ou duas vezes, parou e recomeçou do mesmo ponto. Parecia estar... viajando. Como se, após um longo tempo, finalmente estivesse a caminho de um lugar com que estava sonhando.

Ficou atrás dela, de olho na porta, até que, finalmente, parou de bancar a sentinela e simplesmente ouviu a música. Ela tocava bem, apesar de errar uma nota aqui e ali. Havia uma riqueza de sentimentos e emoções que Michael podia imaginar que estavam comidos dentro de Eleanor havia muito tempo. Assim que terminou a canção, ela ficou imóvel, de olhos fechados. Enfim, voltou a abri-los. Como eram verdes e vivos, pensou Michael.

— Infelizmente estou um pouco destreinada — ela disse.

— Você tem uma boa desculpa para isso.

Ela concordou com a cabeça e sorriu, pensativa.

— Você toca?

— Só o Bife.

— O que é isso?

— É uma peça muito difícil, reservada só para pianistas de concerto.

— De verdade? Gostaria de ouvi-la — falou, começando a se levantar.

— Pode ficar — disse Michael. — Só vai levar um instante. — Sentou-se ao lado de Eleanor, que se afastou para dar espaço. Michael colocou os indicadores no teclado e começou a tocar. Assim tão perto dela, sentiu o cheiro de sabonete. Quando terminou e olhou para Eleanor, percebeu que cometera um grave erro. Havia um rubor intenso como fogo e o olhar estava cabisbaixo. Michael roçava os ombros nos de Eleanor e o pé tocava sua bota. Ela parecia perplexa com o contato físico repentino. Perplexa, mas tão contrária a ofendê-la que, em vez de se levantar e ir embora, ficou apenas sentada esperando que acabasse de tocar.

— Sinto muito — Michael falou ao se levantar. — Não quis ofendê-la. Esqueci...

— “Esqueceu o quê? Que o que acabei de fazer devia ser considerado bem ousado há 150 anos?” — É que, hoje em dia, não é algo assim tão grave...

— Não, não fiquei ofendida — falou com dificuldade. — Foi uma... peça muito interessante. — Ela ajeitou a saia. — Obrigada por tê-la tocado para mim.

— Aí está você! — Veio uma voz da porta e Michael viu Charlotte suspirando de alívio, com o casaco aberto batendo na calça de moletom e botas de borracha. — Fui olhar seu quarto e quando vi que você não estava lá, imaginei todo tipo de tragédia.

— Estou muito bem — disse Eleanor.

— Não sei se eu chegaria a tanto, mas com certeza está melhor, dá para ver — Charlotte respondeu.

— Espero que esteja ciente de que não posso ficar confinada para sempre.

Charlotte parecia não querer tocar no assunto.

— Você não a raptou, não é? — perguntou a Michael.

Michael levantou as mãos em sinal de inocência e Eleanor veio em defesa.

— Não, não raptou. — E então defendeu a si mesma. — Fui privada de muitas coisas por muito tempo, inclusive de minha liberdade, mas ainda há uma coisa que mantenho.

Michael e Charlotte esperavam que terminasse.

— Ainda tenho vontade própria.

E Michael acabara de ver uma rápida e agradável prova disso.

44

21 de dezembro, 15h15

— **VAMPIROS.**

A palavra ficou solta no ar no escritório lotado de Murphy, parecendo uma fruta podre que ninguém queria ser o primeiro a morder. Darryl jogou para o alto, mas Michael, Charlotte e Lawson permaneceram sentados, perplexos, esperando que outra pessoa mordesse a isca. Coube ao chefe, finalmente, resolver o impasse.

— Vampiros — repetiu Murphy. — Isso é o que você diz que temos nas mãos?

— É só jeito de falar — Darryl falou. — Eu coletei e analisei algumas amostras do Ackerley e elas mostram as mesmas características impressionantes que eu vi nas do Danzig. — Virou-se para Charlotte e continuou: — A propósito, as mesmas características que eu notei na amostra que você pediu que eu analisasse. Aquela marcada E.A.

— Eleanor Ames — Charlotte esclareceu, e quando Murphy deu um olhar do tipo “isso devia ser segredo”, ela respondeu: — Enquanto a gente continuar a trabalhar no escuro, não vai se chegar a lugar nenhum. Não dá para todo mundo saber de tudo?

Michael concordou.

— Eleanor Ames é o nome da mulher do gelo — explicou para Darryl.

— A Bela Adormecida?

— Nós a encontramos em Stromviken.

— Como ela foi parar lá?

— De trenó.

— Sim, mas quem a levou lá? E por quê?

— Ela foi por conta própria. Com Sinclair, o homem que foi congelado com ela.

— Você não entendeu. Quem conduziu o trenó?

— Eles estão vivos — explicou Michael. — Eles foram por conta própria. É isso que estou tentando dizer.

Darryl gargalhou e até deu um tapinha de leve no joelho.

— Claro, certo, OK. Achei que a reunião era para ser séria.

— E é — disse Michael.

Quando Darryl olhou em volta, de Lawson para Charlotte e Murphy, e viu que nenhum deles estava rindo, o sorriso sumiu do rosto.

— Minha nossa... — disse em tom sério.

— Minha nossa, mesmo — Murphy concordou.

— E, desde então, ela está de quarentena na enfermaria — acrescentou Michael. Não viu motivo para mencionar o pequeno passeio à sala de lazer.

Darryl olhou em volta mais uma vez, só para garantir que não estavam de brincadeira, mas as expressões sérias continuavam dizendo que não era o caso. A próxima reação foi de indignação.

— E vocês não me contaram? Todos sabiam, mas ninguém achou que eu devia saber, também? Especialmente porque eu era o cara que tinha que bancar o burro de carga no laboratório?

— A decisão foi minha — falou Murphy. — Não queria que a notícia se espalhasse. Esse lugar já virou um circo.

Darryl ainda estava furioso, mas, depois de vociferar mais algumas palavras de protesto e de receber desculpas que o acalmaram, prosseguiu com o resultado da pesquisa.

— Bem, o sangue deles, incluindo o da srta. Ames, que eu gostaria de conhecer, agora que faço parte da panelinha, não é como nenhum sangue humano que eu tenha visto.

— De que maneira? — perguntou Charlotte. Para Michael, parecia que ela estava escondendo alguma coisa. Como iriam resolver o quebra-cabeça se todos mantinham peças ocultas?

— O sangue não tem apenas um número reduzido de células vermelhas. Na verdade, ele as consome — explicou Darryl. — É como se criaturas de sangue frio tentassem virar seres de sangue quente, como se répteis ou alguns daqueles peixes que tirei do fundo do mar imitassem mamíferos ao ingerir hemoglobina. Só que, como isso não funciona, eles têm que renovar o estoque.

— E só conseguem com o sangue de outros seres humanos? — sugeriu Michael.

— Não tenho certeza disso. Esse seria o caso por causa da barreira da espécie, mas a doença é tão estranha que não posso afirmar para valer. Um indivíduo doente provavelmente não saberia dizer a diferença. A anemia ficaria tão intensa que ele tentaria curá-la com o que estivesse disponível, como um viciado doido por uma dose de qualquer droga.

— Mas como conseguem sobreviver — Charlotte perguntou, sentada na beirada da cadeira dobrável — sem os glóbulos vermelhos para carregar o oxigênio pela corrente sanguínea? Os órgãos parariam de funcionar, os músculos e outros tecidos apodreceriam. Não ficariam sem combustível?

— É bem parecido com o que o Ackerley descreveu nas anotações que deixou no frigorífico — Michael sugeriu.

Foi a vez de Charlotte ficar confusa — que anotações? —, porém Michael fez um sinal de que contaria para ela depois. Já havia segredos demais.

— Ele disse que teve a sensação de falta de oxigênio — continuou Michael —, como se os pulmões não se enchessem, por mais que respirasse fundo. E falou que precisava piscar muito para clarear a visão.

— Sim, isso faz sentido — Darryl disse. — O sistema ocular também ficaria comprometido. Mas tenho uma coisa a dizer a favor desse sangue: tem uma capacidade de recuperação fantástica,estupenda. Ele apresenta uma concentração de fagócitos por milímetro maior do...

— Fala na nossa língua, por favor — Murphy interrompeu e Lawson assentiu com a cabeça.

— Células que consomem partículas estranhas ou hostis — Darryl explicou. — Como uma pequena equipe de limpeza. Logo, se combinarmos essa capacidade com a habilidade de extrair o que for preciso de outras fontes externas, temos um belo sistema autorregenerativo. Teoricamente, desde que o estoque de sangue seja periodicamente renovado com novo...

— O hospedeiro pode viver eternamente — concluiu Charlotte.

Darryl simplesmente deu de ombros e Michael sentiu um calafrio na espinha. Eles referiam-se a esses “hospedeiros” como se fossem espécimes anônimos em alguma experiência médica, mas na verdade estavam falando de Erik Danzig, Neil Ackerley e, principalmente, de Eleanor Ames. Referiam-se à mulher que ele descobrira no gelo e trouxera de volta à vida, a mulher com quem tocou piano e que entrevistou, como se ela fosse uma criatura de um filme de terror.

Ficaram em silêncio outra vez, enquanto a revelação e suas consequências flutuavam no ar. Michael teve a estranha sensação de que a justiça fora feita. Se alguém ainda tinha dúvidas sobre a veracidade da história de Eleanor, se ainda se questionavam sobre como ela poderia ter sobrevivido congelada no fundo do mar por tantos anos...

Mas surgiu outra pergunta sem resposta: o que era possível fazer para curar a doença, se é que havia solução? Michael sabia que era o que todos estavam pensando.

Finalmente, o clima foi quebrado por Murphy, que se inclinou para a frente com os dedos apoiados na mesa, e disse:

— Qual o problema de ela parar de beber sangue de repente? E se for confinada, medicada e ficar sob tranquilizantes até a vontade passar? Vocês têm mais drogas aí do que precisam.

Darryl franziu os lábios e inclinou a cabeça para o lado, com ar de dúvida.

— Desculpe a analogia, mas seria o mesmo que negar insulina a um diabético. A vontade não passaria, o paciente simplesmente ficaria em estado de choque, entraria em coma e morreria.

— Então como renovaríamos o sangue? — Lawson fez a pergunta que todos estavam pensando. — Começando uma campanha de doação?

Murphy bufou e disse:

— Já adianto que seria difícil convencer os milicos.

— Mas transfusões feitas a partir do nosso atual estoque de sangue poderiam cuidar do problema temporariamente — sugeriu Darryl. Olhou em volta para todos os rostos. — Até descobirmos uma cura, considerando que exista, não vejo como evitar fazer algo do gênero.

— Acho que ela já tomou a frente da situação — disse Charlotte. Michael imaginou que era isso que ela estava escondendo. — Sumiu uma bolsa de plasma. Eu pensei ter perdido, mesmo sem imaginar como isso poderia ter acontecido. Mas agora, bom, acho que já sei o que aconteceu.

Michael mal podia acreditar naquilo que, no íntimo, ele sabia que provavelmente era verdade.

— Que beleza — Murphy falou em tom exaltado. — Que beleza.

Michael tinha noção do que se passava na cabeça do chefe: os infindáveis relatórios que teria que preencher e as investigações que deveria conduzir para justificar toda aquela situação para os superiores. Mas, realmente, como poderia justificar algo assim? Seria mandado para um sanatório imediatamente.

— E não podemos esquecer que há outro por aí — acrescentou Murphy.

— E que ainda está foragido.

“O jovem tenente”, Michael pensou. “Sinclair Copley.”

— É muito perigoso lá fora — comentou Lawson. — A não ser que ele tenha conseguido voltar à estação baleeira, provavelmente está no fundo de alguma fenda agora.

— Que Deus te ouça — Murphy falou.

Mas Michael não ia desistir tão facilmente, nem achou que fosse a coisa certa a fazer. Levando em conta tudo o que o sujeito já passara, quem poderia afirmar que sucumbira à tempestade ou ao frio polar? Olhando pela janela para o céu limpo e a neve fraca, falou:

— O tempo deu uma melhorada. A gente podia aproveitar para fazer uma busca. Se há algo que a gente sabe sobre o sujeito, é que ele tem uma tremenda determinação para viver.

— E tem outro detalhe também — Charlotte contribuiu. — Nós estamos com a coisa mais importante do mundo para ele. Alguém que ele quer de volta, não importa o que acontecer.

O calafrio na espinha de Michael voltou mais forte ainda.

— A Charlotte está certa — concordou Darryl. — Em termos de isca, nós temos a melhor possível.

45

21 de dezembro, 23h

ELEANOR SENTIA-SE COMO UMA PRISIONEIRA levada de volta à cela. A dra. Barnes havia deixado mais uma pílula azul e um copo d'água, mas ela não queria tomar o remédio. Não queria dormir mais, nem continuar escondida na enfermaria... especialmente porque a tentação dentro da caixa branca de metal era grande demais (tentou lembrar como eles chamavam aquela caixa; geladeira, era isso?).

De qualquer forma, ela vira as bolsas lá dentro, transparentes como um bucho de carneiro, mas cheias de sangue. E sentia a vontade crescer outra vez. As paredes ao redor perdiam as cores, tornando necessário que ela fechasse e abrisse os olhos para que tudo voltasse ao estado natural. A respiração estava ficando fraca, como a dra. Barnes notara, mas Eleanor não podia explicar a causa nem, muito menos, a solução.

E cá estava ela, sozinha outra vez, ou, como o poema que Sinclair sempre citava, “sozinha, sozinha, completamente sozinha, sozinha em um mar aberto”. “Onde está Sinclair agora? Na igreja, protegido da tempestade? Ou perdido na neve e no gelo, procurando por mim?”

Ela andava pelo quarto de um lado para outro, sem parar, como um tigre que vira no zoológico de Londres. Sentira pena do pobre animal, confinado e isolado. Lutava para afastar o olhar da “geladeira” e a mente desses pensamentos melancólicos. Mas como evitar a melancolia? Sua vida passada lhe fora tirada por completo. Família, amigos, seu próprio país. E a existência atual resumia-se a uma enfermaria no Polo Sul... e a uma vontade voraz que a deixava horrorizada só de pensar.

Naquela fatídica noite no hospital de campanha, depois da visita de Sinclair, ela realmente melhorara. No dia seguinte a febre tinha praticamente ido embora. Moira estava exultante e a própria srta. Nightingale sentara-se ao seu lado com mingau e chá.

— Sentimos sua falta no hospital — falou a srta. Nightingale. — Os soldados ficarão contentes ao vê-la de volta.

— Também ficarei contente ao vê-los.

— Um soldado em especial, creio — disse a srta. Nightingale, e Eleanor corou. — Não é o rapaz que certa vez invadiu nosso hospital em Londres precisando de uma sutura? — continuou ela, segurando uma colher de mingau.

— Sim, senhora, é ele.

A srta. Nightingale concordou e, quando Eleanor engoliu o mingau, perguntou:

— E desde então existe um envolvimento entre vocês?

— Sim, existe — Eleanor admitiu.

— Meu maior medo, ao recrutar as enfermeiras, era que elas se envolvessem com certos soldados sob seus cuidados. Seria ruim para a reputação da enfermeira em si e, mais importante, colocaria em xeque toda a missão. Você sabe, certamente, que temos muitos detratores, tanto aqui como em casa.

— Sim.

— Gente de mente tacanha que acredita que as enfermeiras não são mais do que oportunistas ou coisa pior.

A srta. Nightingale ofereceu outra colher de mingau e, ainda que Eleanor não tivesse recuperado o apetite, não recusaria.

— É por isso que preciso pedir enfaticamente para que não faça nada que desmereça o seu trabalho aqui, ou o nosso.

Eleanor concordou com um aceno da cabeça, sem falar nada.

— Ótimo — falou a srta. Nightingale. — Então acho que estamos entendidas. — Levantou-se, pondo a tigela de mingau com cuidado no assento de madeira da cadeira. Confio no seu bom-senso e aceito sua palavra. — Foi até a porta, onde Moira esperava, com a saia farfalhando. — Parece que houve mais derramamento de sangue perto da estrada de Wotonzoff. Precise que vocês duas se apresentem quando amanhecer.

E então a srta. Nightingale foi embora. A cabeça de Eleanor caiu no travesseiro e ali ficou até o anoitecer, quando ocorreu nova visita de Sinclair. Ele examinou o rosto dela à luz da vela como se procurasse por indícios de alguma coisa, mas parecia contente com o que via.

— Você está melhor — falou, colocando a mão na testa de Eleanor. — A febre foi embora.

— Foi — ela respondeu, apertando o tosto contra a palma da mão de Sinclair.

— Amanhã podemos deixar esse maldito lugar.

Eleanor não entendeu o que ele disse.

— Deixar? — Sinclair estava no Exército e ela devia se apresentar para trabalhar de manhã.

— Não podemos continuar aqui, não acha? Não agora.

Eleanor estava confusa. Por que não? O que tinha mudado, além do fato de ambos terem se recuperado?

— Vou conseguir alguns cavalos — continuou —, mas talvez tenhamos que nos virar com apenas um.

— Sinclair — Eleanor falou, preocupada que a febre dele estivesse voltando —, o que está dizendo? Aonde iríamos? — Ele estaria delirando?

— Para qualquer lugar. Todo esse maldito país é um campo de guerra. Aonde quer que formos, não teremos problemas em encontrar o que precisamos.

— E do que precisamos?

Foi nesse momento que Sinclair olhou intensamente nos olhos de Eleanor, segurando as mãos dela entre as suas antes de falar. Ajoelhou-se ao lado da cama e, em voz baixa, relatou uma história tão horrível que ela não acreditou em palavra alguma. Um conto de criaturas que assombravam a noite da Crimeia e atacavam os moribundos (“Sonho com aquilo toda noite”, disse Sinclair, “e ainda assim não consigo dizer o que era”). Falou de uma maldição, ou uma benção, que desafiava a própria morte. Contou sobre uma vontade que jamais passava... da qual ela era escrava agora, assim como ele. Ela não podia acreditar e não iria acreditar!

Mas ela sentia a ferida acima do busto, que Sinclair ofereceu como prova.

Ele beijou a cicatriz, arrependido, e Eleanor ficou com os olhos cheios d’água. Virou o rosto para a parede, com dificuldade de respirar. O quarto, que tinha uma janela alta dando para o mar, de repente pareceu insuportavelmente pequeno e sufocante.

Ele apertou a mão de Eleanor, que a recolheu. O que Sinclair fizera com ela? Com ambos? Caso estivesse mentindo, então enlouquecera. Se fosse verdade, então os dois estavam condenados a um destino pior do que a morte. Eleanor fora criada dentro dos preceitos da Igreja Anglicana, mas nunca se tornara especialmente devota, ao contrário da mãe e das irmãs. Mas o que Sinclair estava dizendo era um sacrilégio tamanho que mal podia conceber... ou pensar na vida que teria que levar por conta dele.

— Era a única maneira de salvar você — falou Sinclair. — Perdoe-me, Eleanor. Por favor, diga que é possível me perdoar.

Mas, naquele momento, não podia perdoá-lo. Só conseguia respirar o ar úmido do Bósforo e pensar no que poderia fazer...

Mesmo hoje, era um dilema que não oferecia solução fácil.

Enquanto andava de um lado para outro na enfermaria, era difícil afastar os pensamentos da caixa branca de metal diante dela. Com o sangue dentro. Tudo o que tinha de fazer era abrir e pegar o que precisava. Ali estava a caixa, chamando por ela.

Fez um esforço para afastar o olhar e foi até a janela.

O sol constante emitia um brilho opaco que a fez lembrar do céu naquela fatídica viagem a bordo do Coventry. Pelo relógio, a meia-noite estava chegando, mas ela sabia que não haveria noite de verdade. Ali, o caminhar do tempo era ininterrupto. Eleanor sabia que, aos olhos de Deus, já tinha vivido mais dias do que deveria.

Michael. Michael Wilde. No momento em que pensou nele, sentiu o moral levantar. Michael fora tão gentil e, quando tomou a liberdade de se juntar a ela no piano, ficara muito envergonhado diante da transgressão. Por mais que o comportamento tenha sido inoportuno, Eleanor compreendia que estava em um mundo novo, onde os costumes eram diferentes. Havia muito o que aprender. Orquestras sinfônicas que tocavam dentro de caixinhas pretas! Luzes que acendiam e queimavam sem parar com o acionar de uma chave. Mulheres — e africanas, ainda por cima — que eram médicas!

Então se lembrou de como a mãe ficara escandalizada com a sua ideia de ir para Londres, sozinha e solteira, e virar enfermeira. Talvez tudo o que um dia foi escandaloso tenha finalmente se tornado rotina. Talvez o terrível preço da Guerra da Crimeia tenha alertado a consciência da humanidade e posto um fim a matanças tão descabidas. Talvez esse mundo fosse mais esclarecido. Um mundo onde até as coisas mais banais cheiravam bem e as nações resolviam as diferenças levantando vozes, não espadas.

Permitiu-se um raio incomum de esperança.

Havia sido tão bom e normal sentar ao piano outra vez. Gostou de tocar as teclas. Lembrou-se das aulas com a esposa do pastor, tocando na sala de estar com as janelas abertas e o cocker spaniel da família caçando coelhos no imenso jardim. A sra. Musgrove tinha uma conta em uma loja de música em Sheffield, e duas vezes ao ano eles enviavam uma seleção de composições populares. Foi assim que Eleanor se apaixonou por tantas baladas antigas e tradicionais, como *The Banks of the River Tweed* e *Barbara Allen*.

Michael também pareceu gostar da canção. Tinha uma expressão sensível, mas havia algo que o atormentava, da mesma forma. Devia ter passado por alguma tragédia particular e talvez por isso tenha aceitado vir para um lugar tão solitário. Quem viria para um local assim se não fosse obrigado, de certa forma? Imaginou o que teria acontecido com ele... ou de que memória ele estaria fugindo. Não se lembrava de ter visto uma aliança e, no tempo em que estiveram juntos, com certeza ele não mencionara uma esposa. Embora Eleanor não soubesse dizer o motivo, ele dava a impressão de ser solteiro.

Ah, como tinha saudade da luz do sol, a de verdade, não aquela imitação vazia. Luz do sol quente e dourada como xarope, recaindo sobre ela. Passara uma eternidade nas sombras, fugindo com Sinclair de cidade em cidade, para que não ficassem tempo demais em determinado lugar e corressem o risco de o segredo ser descoberto. Saíram de Scutari pelos Cárpatos e chegaram à Itália, onde Eleanor pôs o rosto para fora da carruagem para sentir o máximo possível do sol morno do Mediterrâneo. Muitas vezes ela sugeriu que parassem e ficassem em algum lugar, mas assim que Sinclair achava que um morador tinha ficado interessado demais na identidade daquele misterioso casal inglês, insistia que partissem. Vivia com medo de que a deserção fosse descoberta e dizia que torcia para que seu pai apenas ouvisse falar que ele havia morrido na batalha de Balaclava.

Quanto a Eleanor, ela não sabia, na época, o que mais temia, se jamais voltar a ver a família ou se, ao encontrá-los, eles perceberem alguma mudança inexplicável nela.

Em Marselha, Sinclair notara um velho amigo da família passeando pelo píer e arrastara Eleanor para dentro de uma loja de artesanato para que não fossem vistos. Quando o dono do estabelecimento perguntou o que procuravam, Sinclair respondeu, em um francês que soou perfeito aos ouvidos de Eleanor, que estava interessado na primeira coisa que vira — um broche de marfim com borda de ouro sobre uma mesa de trabalho.

O dono da loja levantou o broche contra a luz da janela e Eleanor admirou o trabalho. Era um camafeu de uma figura clássica, a de Vênus surgindo das ondas.

— Que imagem mais perfeita podíamos ter escolhido do que a deusa do amor? — Sinclair dissera ao prender o broche no espartilho.

— É lindo ela falou em voz baixa —, mas não devíamos poupar o dinheiro que nos resta?

— Combien d'argent? — Sinclair perguntou ao dono da loja e pagou a conta sem discutir. Eleanor jamais soube de onde vinham os fundos, mas sempre havia o bastante para transportá-los até o próximo destino. Suspeitava que Sinclair, posando como alguém que não era, conseguia pegar empréstimos com ingleses que eles conheciam nas viagens e transformava esse dinheiro em somas ainda maiores em mesas de jogatina.

Em Lisboa, alugaram um quarto no sótão de um pequeno hotel que dava para a fachada da igreja de Santa Maria Maior. Os sinos da catedral pareciam acusá-los todos os dias. Como se lesse o pensamento de Eleanor, Sinclair disse, em certa manhã:

— Que tal nos casarmos lá?

Eleanor não sabia o que responder. Já se sentia amaldiçoada por vários motivos, e, por mais que apreciasse a ideia de estar casada de verdade, a simples ideia de entrar em uma igreja e fazer votos sagrados na atual condição era perturbadora demais. Mas, para persuadi-la, Sinclair falou:

— Pelo menos vamos até lá dar uma olhada. Segundo o que dizem, é uma igreja muito bonita.

— Mas não vamos conseguir um padre, não com todas as mentiras que teríamos que contar.

— Quem disse que precisamos de um padre? — zombou Sinclair. — Eles falam um idioma que não falamos, de qualquer forma. Se quiser, podemos ir até lá e fazer nossos próprios votos. Deus consegue nos ouvir sem a ajuda de um intermediário do papa... desde que, é claro, exista um Deus para ouvir os nossos votos. — Do jeito que ele falava, parecia uma proposta muito duvidosa.

Então cruzaram a praça de braços dados até a igreja, Eleanor trajando o melhor vestido que tinha, e Sinclair, seu uniforme. Formavam um belo casal. Eleanor percebia a impressão que causavam nos que passavam por eles. A igreja fora construída no século XII, e embora tivesse sido muito afetada pelos

terremotos de 1344 e 1755, passara por reformas onde fora preciso. As torres gêmeas dos campanários ladeavam a magnífica entrada arqueada como uma fortaleza branca. Entre os arcos havia uma janela redonda por onde a luz do sol passava por vitrais coloridos, dando um tom dourado aos revestimentos e enormes colunas do interior. Sepulturas de mármore, cada uma com um brasão de armas, estavam protegidas em criptas particulares atrás de portões de ferro. Em uma delas, Eleanor viu a figura de um nobre de armadura deitado e segurando uma espada, guardado por seu cachorro; em outra sepultura, havia uma mulher em um vestido de corte clássico, lendo um livro de orações. A catedral era imensa e estava tomada pelo silêncio, mesmo com fiéis nos bancos e visitantes nos corredores. Eleanor só conseguia ouvir o som dos próprios passos ecoando na nave.

Um velho padre de vestes pretas, com uma corda branca amarrada na cintura, estava conversando com vários cavalheiros e damas bem-vestidos no fim de um corredor transversal. Por instinto, Eleanor tomou a direção oposta. Sinclair sentiu o puxão no braço e sorriu.

— Está com medo que ele tenha sentido nosso cheiro?

— Não brinque dessa maneira.

— Acha que irá nos afugentar?

Mas dessa vez ela não respondeu.

— Não precisamos levar o casamento adiante — disse ele. — Só estava fazendo por você.

— Isso não é uma intenção muito lisonjeira — Eleanor respondeu ao se afastar, imaginando o que lhe passara pela cabeça quando aceitara ir até a igreja.

Sinclair foi atrás dela e a pegou pela manga do vestido.

— Desculpe-me. Sabe que não falei por mal.

Eleanor percebeu que eram observados por várias pessoas. Estavam fazendo uma cena, o que era a última coisa que ela queria. Escondeu-se atrás da coluna mais próxima do altar, ocultando o rosto com um lenço.

— Casaria com você em qualquer lugar — disse Sinclair em um tom de voz baixo, mas desesperado. — É preciso que entenda isso. Na abadia de Westminster ou no meio da floresta, com nada além dos pássaros nas árvores como testemunhas.

Eleanor sabia disso, mas não era o suficiente. Sinclair perdera a fé em tudo e tinha abalado a dela profundamente. O que estavam fazendo ali? O que ela esperava da ida à igreja? Eleanor percebeu que havia sido um grave erro assim que passou pela entrada da catedral.

— Venha — falou Sinclair em tom resolutivo, passando a mão pelo cotovelo de Eleanor. — Vamos sair deste canto.

Ela tentou resistir, mas Sinclair a puxou para fora das sombras. Com medo de criar mais confusão, ela cedeu.

— Não temos nada a esconder — disse ele.

Sinclair levou Eleanor pelo corredor central até o altar todo decorado e cintilante. Em tons brilhantes de azul, vermelho e amarelo, o vitral brilhava como um caleidoscópio que Eleanor tinha visto certa vez em uma loja de Londres. Era tão lindo que mal conseguia parar de olhar.

Sinclair pegou as mãos dela e disse em uma voz suave:

— Eu, Sinclair Archibald Copley, recebo-te como minha legítima esposa, Eleanor. — Parou. — Não é estranho? Não sei seu nome do meio. Você tem um?

— Jane.

— Recebo-te como minha legítima esposa, Eleanor Jane Ames, e prometo amar-te e respeitar-te, na riqueza e na pobreza, na doença e na saúde, até que a morte nos separe.

Eleanor achou que estavam chamando muita atenção e tentou abaixar as mãos.

Mas Sinclair continuou:

— Espero ter lembrado corretamente. Caso tenha esquecido algo, por favor, me diga.

— Não, creio que acertou.

— Ótimo, então, assim que fizer os seus votos, podemos comemorar naquela cantina animada da praça.

— Sinclair — ela implorou —, não posso.

— Não pode? — perguntou com um tom de voz levemente agressivo. — Ou não quer?

Eleanor tinha certeza de que o padre os notara. Ele tinha uma barba branca comprida e olhos aguçados debaixo de sobrelancelhas espessas.

— Sinclair, acho que devíamos sair agora.

— Não — disse ele. — Não até perguntarmos aos presentes...

— Que presentes? — O outro Sinclair, aquele que ela temia, estava tomando o controle.

— Não até perguntarmos aos presentes se algum deles sabe de um motivo que impeça o nosso matrimônio.

— Isso vem antes dos votos — ela falou. — Não torne esse ritual uma farsa ainda maior do que já é.

Eleanor sabia que tinham que ir embora. Viu, de rabo de olho, que o padre estava deixando os aristocratas portugueses, e sussurrou:

— Estamos fazendo um papel ridículo e não é seguro. Você sabe melhor do que ninguém.

Sinclair encarou-a com uma expressão sombria, como se estivesse pensando até onde devia prosseguir. Eleanor já tinha visto aquele olhar antes. Em um instante, ele podia mudar de humor, ir da alegria à fúria, da gentileza à crueldade.

Ele mal abrira a boca para falar quando Eleanor escutou um estrondo nos blocos de pedra abaixo dos pés e viu o pesado crucifixo balançar atrás do altar preso em uma parede que resistira à passagem dos séculos. O padre, que vinha na direção deles, parou e ergueu os olhos, aterrorizado, para ver as rachaduras

rasgando a alvenaria. Ao redor de Eleanor, as pessoas gritavam ou se atirava no chão com as mãos entrelaçadas, rezando.

Assim que Sinclair e Eleanor se afastaram, a cruz caiu da parede arrancando tijolos e levantando uma nuvem de poeira branca. Sinclair puxou-a para trás de uma coluna e ficaram ali abraçados, esperando que o terremoto destruísse a igreja inteira. O grande vitral rachou como gelo fino sobre um lago e caiu em milhares de estilhaços reluzentes de vidro. Uma onda de poeira e escombros invadiu a nave. Eleanor colocou o lenço sobre a boca e o nariz, enquanto Sinclair usou a manga do uniforme para fazer o mesmo. Através da nuvem, Eleanor notou o padre fazendo o sinal da cruz, porém continuava avançando... na direção deles.

— Sinclair — falou, tossindo. — O padre está vindo.

Sinclair virou-se e viu o sujeito abrindo caminho na nuvem de poeira com a mão.

— Por aqui — falou, conduzindo Eleanor para uma das capelas laterais. Mas foi obrigado a mudar de direção, porque alguns dos cavalheiros de fraque elegante estavam parados ali, perplexos, sem sair do caminho. Quando desviaram, o padre interceptou-os e pegou o galão dourado do uniforme de Sinclair, gritando palavras coléricas que não conseguiam entender. Ele agitava os braços como se indicasse que o caos acontecera devido a um terrível sacrilégio cometido por Sinclair.

Será?, Eleanor pensou.

Sinclair deu um tapa para afastar a mão do homem e, quando viu que não adiantara, recolheu o punho fechado e socou a barriga do velho padre, que caiu ofegando de joelhos e rolou sobre a poeira. Apertando a mão de Eleanor, Sinclair desceu correndo pela nave e saiu por uma porta lateral perto da cripta do cavaleiro de armadura. Ficaram cegos por um instante com o brilho do sol forte. O solo sofreu outro solavanco. As pessoas fugiam das casas e estabelecimentos, os cães latiam e os porcos guinchavam nas ruas. Desceram um lance de escadas para uma viela de paralelepípedos. Telhas vermelhas soltaram de um telhado e caíram no meio do caminho. Poucos minutos depois, Sinclair e Eleanor tinham escapado, misturando-se à confusão do mercado em pânico.

Não foi exatamente o dia de casamento que Eleanor havia sonhado, deitada na grama de Yorkshire, quando era uma menina.

E agora? Agora se encontrava diante da caixa branca — a geladeira — com a respiração fraca e o quarto da enfermaria sumindo da visão. Esticou a mão para se equilibrar, mas os joelhos estavam fracos. Deixou-se cair e apoiou a cabeça contra a superfície fria da porta da caixa. Sabia que ali dentro havia o que ela precisava e, sem querer, os dedos encontraram o puxador. Abriu a caixa e retirou uma das bolsas com sangue, marcada com “O negativo”. Eleanor ficou intrigada com o que isso significava, mas não por muito tempo. Abriu o plástico com os dentes e, ali mesmo no chão, com o roupão branco espalhado ao redor, mamou na bolsa como um bebê recém-nascido.

46

22 de dezembro, 10h

SINCLAIR NÃO SABIA AO CERTO O QUE O ACORDARA. Estava sentado em um banco alto, com o corpo inclinado para a frente e a cabeça apoiada no altar, o livro de poesia debaixo de uma mão e a outra segurando um cálice praticamente vazio. Uma vela faiscava e soltava uma linha fina de fumaça.

Um cachorro sentado em um dos corredores uivou com fome.

Ele andara sonhando com Eleanor — e havia outra coisa com que sonhasse? — , mas não era um sonho bom. Mal chegara a ser um sonho. Foi a lembrança de uma briga que tiveram momentos antes de ele ir caçar. Sinclair havia feito um reconhecimento do alto do campanário e decidido que o litoral estava a noroeste, representando uma possível rota de fuga.

— Talvez não estejamos tão presos assim, afinal.

— Sinclair — ela havia respondido em um tom de voz suave, depois de pensar muito —, ninguém nunca esteve tão preso quanto nós.

— Nada disso — dissera Sinclair ao rasgar outro livro de preces e jogar no fogo os pedaços. — Temos tanto direito ao mundo quanto qualquer outra pessoa.

— Mas não somos como qualquer outra pessoa. Não sei o que nós somos ou o que o Senhor queria que fôssemos, mas isso... isso não pode ser o plano de Deus.

— Bem, é o meu, então, e por enquanto vai ter que servir — vociferou. Sentiu que estava ficando sem fôlego e com a vista embaçada ao olhar para o fogo no aquecedor. — Eu vi o plano de Deus e, sinceramente, o Diabo não teria feito coisa pior. O mundo é um matadouro e eu sou um dos responsáveis por isso. Se aprendi alguma coisa, foi que nós fazemos o próprio destino do zero, todos os dias. — Rasgou outro livro de preces e alimentou o fogo. — Se quisermos ter alguma chance de sobrevivência, precisamos lutar por cada fôlego que tomamos, cada refeição que comemos, cada gota que bebemos. — Procurando ao redor pela garrafa mais próxima, concluíra: — Deus não ajuda ninguém.

Agora, ao erguer os olhos para ver o cachorro que latia no corredor, também não via nenhum sinal de Deus ali... a não ser que estivesse no estranho silêncio lá

fora. A tempestade tinha passado. A ventania se reduzira a um mero sussurro. Talvez tivesse sido a pausa do vento constante batendo contra as paredes que o acordara... para a oportunidade de, finalmente, ir atrás de Eleanor.

Deus não ajuda ninguém, mas, caso Sinclair tivesse forças para colocar os cães e as provisões no trenó, poderia se ajudar. Poderia resolver o problema com as próprias mãos. Levantou o cálice e bebeu as últimas gotas.

Não foi surpresa alguma que Michael tenha sido o primeiro a chegar ao mastro da bandeira, o ponto de encontro da equipe de busca. Ficou ao lado do snowmobile, batendo os pés no chão para ativar a circulação. Alguém tinha amarrado uma guirlanda verde e vermelha no mastro, que ficou praticamente soldada ao metal. Michael duvidava que fosse possível arrancá-la. Seria eternamente Natal em Point Adélie.

Levantou os olhos para o céu, que, mesmo com os óculos escuros, era de um azul forte e brilhante, da cor dos ovos de Páscoa que pintava quando era criança. Um pássaro cinza-escuro disparou pelo campo de visão e deu uma volta no céu, antes de voltar e passar por cima da sua cabeça. Michael abaixou-se rapidamente e ouviu um guincho quando a ave retornou para nova passada. Levantou a luva acima da cabeça, lembrando que os pássaros sempre mergulhavam em direção ao ponto mais alto dos alvos. Quando a ave passou outra vez, ele percebeu que não havia nenhum ninho visível por perto e nenhuma carniça a ser defendida. Limpou rapidamente o gelo dos óculos para ver melhor o pássaro. Será que era Ollie?

O pássaro estava circulando o topo do mastro, no qual a bandeira americana flutuava calmamente na brisa gelada, e então pousou no módulo de administração. Michael pôs a mão no bolso e retirou uma barra de granola dura como pedra. Sabia que as gaivotas-rapineiras não eram muito exigentes. Lutou para rasgar a embalagem com as luvas enquanto a ave observava atentamente. Michael levantou a barra para que fosse vista e jogou no chão ali perto. O pássaro era de uma espécie carniceira e sabia que não podia desperdiçar uma chance. Em um instante, disparou do telhado com o bico já aberto. Com rápidas bicadas, quebrou a barra em vários pedaços e engoliu um ou dois. Michael ficou observando, esperando poder ver algo que deixasse claro se era Ollie ou não. A ave devorou o resto da barra de granola e Michael se agachou para ver melhor.

— Ollie? — disse. — É você?

Os pequenos olhos escuros encararam Michael com indiferença, mas o pássaro não voou. Quando ele esticou a mão enluvada, o que sabia que não era a coisa mais sensata do mundo, pois as gaivotas-rapineiras são onívoras, a ave deu um passo para a frente, deu-lhe uma bicada de leve na palma e esperou.

— Ora, vejam só — falou Michael. Embora fosse difícil dizer a razão, sentiu um aperto na garganta. Talvez tenha sido pelo feito de o baixinho ter conseguido sobreviver, afinal... ou porque ele fora uma das poucas criaturas que Michael tocara que sobrevivera. Teve um estalo e pensou em Kristin deitada na cama do hospital... e então no funeral a que não pôde comparecer. Imaginou um monte de

girassóis grandes e amarelos em volta de um caixão. O pássaro deu outra bicada na mão e Michael desejou que tivesse algo mais nos bolsos para dar.

— Acabou — falou, ficando de pé outra vez com as mãos vazias estendidas.

A gaivota-rapineira fuçou as imediações e, após desistir da busca, disparou para o céu como um foguete. Michael viu o pássaro dar um rasante pela estação e desaparecer rumo à base de mergulho. Vários outros juntaram-se a ele no céu e Michael sentiu um orgulho bobo, como um pai vendo o filho aceito no parquinho pelos colegas de escola.

Houve um intenso rugido vindo do pátio atrás do módulo de administração, seguido pela imagem de Murphy, Lawson e Franklin pilotando snowmobiles. Para Michael, eles pareciam caubóis liderados pelo xerife, especialmente quando notou que estavam armados. Murphy tinha uma pistola no coldre e o cano do rifle de Lawson apontava para fora do compartimento de carga.

— Achei que isso seria um grupo de busca — disse Michael —, e não uma equipe da SWAT.

O chefe deu um olhar que dizia “Cresce”.

— Nunca foi escoteiro? Sempre alerta. — Tirou um arbalète do snowmobile e jogou para Michael, que notou que Lawson também tinha um. — Quando chegarmos a Stromviken — Murphy falou por sobre o ruído dos motores em ponto morto —, Franklin e eu vamos nos aproximar pelo litoral e você e Bill vão diretamente para a estação. — E completou antes de abaixar o visor do capacete: — E atenção no caminho. Perdemos um proveta em uma fenda no ano passado e não quero perder mais ninguém. Abaixou o visor e, um instante depois, disparou pelo gelo com um rugido ensurdecedor.

Franklin sentou-se no snowmobile modelo Arctic Cat e falou:

— Melhor que vocês nos sigam em fila única. Assim vão ter certeza de que o caminho à frente é firme.

Lawson foi o próximo. Os snowmobiles eram veículos possantes de mais de 220 quilos com guidões altos, no estilo de uma mountain bike. Michael prendeu o capacete, que tinha um enorme visor antiembaçante, e se instalou no assento. Girou o acelerador com mais força do que deveria e o motor de quatro tempos rugiu. As esteiras afundaram na neve, os esquis frontais levantaram e Michael disparou seguindo o rastro de Lawson. A máquina que pilotava não era nada parecida com o snowmobile que tinha quando era pequeno, um dos primeiros modelos Ski-Doos. No Arctic Cat ele sentia o motor possante rugir embaixo, sem falar na suspensão resistente. Michael estava acostumado à sensação de passar pelo terreno irregular, sentindo cada lombada de gelo, mas esse snowmobile dava a impressão de voar em um tapete mágico.

Ele sabia que esse era o perigo. Ele via Murphy, Franklin e Lawson cortando uma linha reta pelo imenso campo branco, mas ainda assim uma fenda podia surgir do nada, a qualquer momento, e engolir um deles. Logo ao chegar a Point Adélie, Michael havia aprendido tudo com Lawson na escola de neve, e, embora não conseguisse lembrar as diferenças entre os vários tipos de fendas, sabia que

elas geralmente eram camufladas pela neve que caíra no ano anterior. Uma frágil ponte branca sobre uma fenda podia suportar a passagem de um homem e, repentinamente, ceder com o peso do outro que vinha atrás, revelando um desfiladeiro de gelo irregular com 30 metros de profundidade. No fundo, onde o ar chegava a 40 graus negativos, havia uma camada de água do mar congelada. Poucas pessoas que caíam em uma fenda saíam com vida... se é que saíam.

Michael tentou seguir a trilha aberta pelos outros, mas nem sempre era fácil vê-los. Havia o reflexo constante da neve e um clarão ocasional da luz que batia sobre o gelo polido pelo vento. Encolheu-se no assento para que o quebra-vento o protegesse das rajadas de ar congelante. O capacete também ajudava. Acolchoado no rosto e no queixo, ele tinha uma proteção de pescoço que abafava o ruído do motor, juntamente com aberturas que tiravam o calor e a umidade do visor. Michael lembrou-se do equipamento de mergulho que havia usado quando soltou Eleanor da geleira.

Eleanor... a Bela Adormecida... que virara, na cabeça de seus companheiros, a Noiva do Drácula. A questão ainda em aberto era por quanto tempo a presença dela seria mantida em segredo em Point Adélie... e, mais difícil ainda, porquanto tempo ela própria seria mantida na base. O passe da NSF só valia por mais nove dias. Assim que o próximo avião de suprimentos pousasse, na véspera do ano-novo, Michael sabia que teria que voltar para casa nele. Porém, o que aconteceria com Eleanor depois disso? Quem cuidaria dela? Para quem ela contaria sua história? Em quem, acima de tudo, ela confiaria? Michael tinha plena confiança em Charlotte, mas ela tinha um dever a cumprir, era a médica responsável pela base inteira, e não podia bancar a ama-seca. E Darryl, bem, Darryl não era bem o tipo que iria cuidar de Eleanor, especialmente se houvesse peixes a dissecar e estudos hematológicos a conduzir. E se Sinclair Copley jamais aparecesse? Lawson havia deixado claro que sua sobrevivência seria muito improvável. Michael pensou, cada vez mais, que Eleanor ficaria abandonada outra vez, isolada e sozinha em uma prisão não muito maior do que aquele bloco de gelo.

A não ser...

O snowmobile passou por cima de um banco de neve, decolou e depois caiu com a traseira derrapando.

“Concentre-se”, disse para si mesmo, “ou vai quebrar o pescoço e aí será fim de jogo”. Balançou o capacete para soltar a neve do visor e segurou com mais força no guidão. Mas os pensamentos voltaram ao ponto em que pararam... ao dia próximo, não muito distante, em que teria que deixar Point Adélie... e Eleanor.

Mas e se ela voltasse com ele? Achou estranho não haver pensado nisso antes (ou havia?). E se ela também embarcasse no avião de suprimentos? A ideia era tão maluca que mal acreditava estar considerando tal coisa. Mas, caso a situação chegasse a esse ponto, Murphy ficaria aliviado de vê-la partir. E, como chefe de operações, teria influência o bastante para comprar o silêncio das pessoas que sabiam da existência de Eleanor, pois poderia tornar a vida delas tão fácil ou difícil quanto quisesse. Ainda assim... como Michael conseguiria fazer algo do gênero?

Como levar para os Estados Unidos alguém como Eleanor? E já existira alguém como ela? Alguém que nunca vira um avião ou automóvel, ou mesmo um aparelho de CD? Que não tinha cidadania, a não ser que a rainha Vitória ainda estivesse viva para confirmá-la, e certamente nenhum passaporte que a comprovasse?

E, tirando as óbvias dificuldades da viagem em si, como ele poderia cuidar do estranho caso de saúde de Eleanor? A que distância, imaginou, ficava o banco de sangue mais próximo de Tacoma?

Mais ou menos 2,5 quilômetros à frente, Michael enxergou a aglomeração escura de chaminés, armazéns, barracões e, no alto do morro a distância, o campanário da igreja. Ficou contente ao ver que Murphy e Franklin desviaram os snowmobiles para a direita, como planejado, em direção à praia com as ossadas e os destroços do Albatroz. E se Sinclair estivesse na estação baleeira? O que fariam com ele se o encontrassem com vida? Seria confinado à enfermaria também? Havia uma boa chance de que ele estivesse protegido na igreja, no aposento atrás do altar. Michael queria ser o primeiro a encontrá-lo, para aplacar os receios e dialogar com ele. Se estivesse vivo, o tenente agiria com cautela, suspeita e até mesmo hostilidade. Do seu ponto de vista, Sinclair tinha todos os motivos para se comportar assim.

Era por isso que Michael precisava estar sozinho com ele quando, e caso, fosse encontrado.

Assim que Lawson parou no pátio de esfolamento, onde os trilhos pelos quais corriam os carrinhos mecânicos podiam destruir as esteiras do snowmobile, Michael estacionou ao lado e desligou o motor. O súbito silêncio foi sensacional. Michael levantou o visor do capacete e sentiu o ar frio como se fosse um tapa na cara.

— E agora? — perguntou Lawson.

Michael, para se ver livre dele, disse:

— Por que não começa procurando pelos pátios e prédios mais distantes? Eu vou começar por cima da colina e prossigo descendo.

Lawson, empunhando o arbalète, assentiu. Ele pendurou o capacete no guidão do snowmobile e foi embora, andando com dificuldade. Michael guardou o próprio capacete e partiu em direção à igreja. De onde estava, podia ver to as lápides prestes a cair e as portas, que estavam fechadas. Um sinal interessante, porque anteriormente uma delas estava sendo mantida aberra por um banco de neve. Talvez tivesse gente em casa.

Ao subir os degraus, a sombra de Michael, pequena por causa do sol do solstício bem acima da cabeça, caiu na madeira entre os pés. Ele ouviu uma movimentação dentro da igreja e, então, um latido. Colocou o ombro contra a porta rangente e a empurrou, sendo recebido pelo avanço animado dos cães de trenó. Michael ajoelhou-se e deixou que lambessem seu rosto e suas luvas e viva pulassem em círculos em volta dele, enquanto olhava ao redor da câmara vazia.

Havia uma pilha de suprimentos e roupas perto da porta, como se alguém estivesse planejando partir em breve.

No altar, percebeu a vela e a garrafa escura de vinho.

Não sabia se devia anunciar sua presença com um grito ou avançar de mansinho e torcer para surpreender o alvo.

Contudo, estava ali para resgatar Sinclair... ou capturá-lo?

Michael percorreu o corredor com cuidado, passando pelos antigos bancos, e deu a volta no altar para chegar ao quarto. A porta estava entreaberta, e, quando terminou de abri-la, viu que alguém tinha dormido na cama, mas não havia fogo no aquecedor. O quarto cheirava a cinzas frias e lã úmida. Pelas janelas abertas, com as persianas batendo, Michael viu um vulto furtivo correndo abaixado entre as lápides, dando a volta na igreja.

E não era ninguém do grupo de busca.

Ele estava usando um sobretudo vermelho, aberto, com uma cruz branca nas costas. Michael reconheceu como um dos vários modelos pendurados no canil. O homem não usava nada na cabeça e tinha cabelo louro escuro, com bigode da mesma cor.

Então esse era Sinclair... o amor de Eleanor. Vivo, apesar de tudo.

Michael sentiu uma estranha pontada, que foi embora antes que percebesse.

Correu para fora do quarto, as botas pisando pesado e escorregando no chão de pedra, os cães pulando e brincando no meio do caminho.

— Agora não! — gritou, afastando as cabeças peludas.

Quando finalmente chegou às portas, Sinclair já tinha descido grande parte da colina, às vezes correndo, em outras deslizando de braços abertos. Debaixo do sobretudo aberto, Michael notou o brilho do galão dourado sobre um casaco de uniforme e uma bainha batendo contra a lateral do corpo. Ele avançava para as fábricas, onde as baleias eram estripadas e processadas antigamente. Então desapareceu em um beco apertado entre dois enormes prédios decadentes, enquanto Michael, tentando correr com o arbalète na mão, tinha que descer com mais cuidado pela colina gelada. Também tentava imaginar para onde Sinclair estaria indo. Ele devia ter ouvido a aproximação dos snowmobiles ou podia ter sido surpreendido. O equipamento reunido ao lado da porta sugeria que Sinclair estava planejando uma missão. Mas, se a intenção era simplesmente se esconder, por que não o havia feito? Devia haver algo nos pátios e armazéns que ele quisesse.

E Michael só podia imaginar que fosse armamento.

Percebeu um vislumbre de vermelho ao longe, correndo entre dois barracões, e foi atrás. Felizmente, Lawson não estava por peno, pois a última coisa que queria era alguma intromissão. Ouviu o rugido distante dos snowmobiles de Murphy e Franklin vindo pela área do píer. Se conseguisse alcançá-lo, ficaria só com Sinclair, ao menos por um tempo.

Então se lembrou do suporte com arpões enferrujados no que antigamente devia ter sido a ferraria. Mas onde ela ficava? Michael parou por um instante para tomar fôlego e se orientar. Já tinha visto o local quando estivera ali antes. Era bem

à frente e um pouco à esquerda, mas tinha certeza de que o acharia de novo. Havia uma enorme âncora enferrujada ao lado da porta.

Michael apressou o passo com o arbalète abaixado, com medo de que, se tropeçasse, a porcaria disparasse. Passou por um prédio vazio atrás do outro, dando olhadelas de relance para o interior, e viu correntes penduradas e roldanas congeladas, longas mesas de trabalho todas arranhadas, serrotes e enormes caldeirões apoiados em pernas curtas. Começou a perceber que, por mais que a disposição dos prédios parecesse aleatória, na verdade havia um planejamento. Dava para ver, pela malha de trilhos por onde corriam os carrinhos mecânicos, que tudo era organizado como uma primitiva linha de montagem ou desmontagem, para ser mais preciso — a fim de abrir e processar a carcaça da baleia, da pele à cartilagem. Ossos, dentes e até mesmo olhos petrificados do tamanho de bolas medicinais ainda estavam espalhados, aqui e ali, levados pelo vento e empilhados contra as paredes.

Michael chegou a uma encruzilhada com caminhos e becos indo para várias direções e teve que relembrar a primeira visita à estação. Tinha vindo pelo sudoeste, o que significava que provavelmente andara pelo pátio exposto ao vento, que estava à direita. Seguiu para lá e ficou aliviado ao ver a âncora ao lado de uma entrada baixa e escura.

Diminuiu o passo ao se aproximar, mas não havia nenhum sinal de vida, barulho ou algo para ver no interior. Talvez o palpite tivesse sido errado. Ele abaixou a cabeça para entrar. Quando ergueu o olhar e notou outra porta aberta nos fundos, parcialmente encoberta por dois barris de madeira, algo passou assobiando perto da sua bochecha e perfurou a parede ao lado. O arpão ficou cravado na madeira com o cabo ainda balançando ao lado da orelha de Michael.

— Não dê mais um passo — Michael ouviu, embora ainda não conseguisse ver o adversário no interior desordenado e escuro da ferraria. — E solte a arma.

Michael deixou o arbalète cair no chão de ladrilhos.

Havia uma chaminé enorme, isolada de tudo e feita de tijolos vermelhos, com uma bigorna de ferro escuro em frente. Com certeza era a forja. Uma figura saiu de trás da chaminé. Ele havia tirado o sobretudo e usava apenas o uniforme escarlate de cavalaria, de espada na cintura e já com outro arpão na mão.

— Quem é você?

— Meu nome é Michael. Michael Wilde.

— O que está fazendo aqui?

— Vim encontrar você.

Houve uma pausa tensa ao som apenas do vento que gemia ao descer pela chaminé para dentro da forja gelada. O ar tinha o cheiro fraco de carvão apagado e frio.

— Você deve ser o tenente Copley — falou Michael.

O homem pareceu surpreso, mas logo se recuperou.

— Se sabe disso, então deve estar com Eleanor.

— Sim, estamos. E ela está segura — garantiu Michael. — Cuidamos bem dela.

O olhar de Sinclair brilhou com raiva e Michael imediatamente se arrependeu do que dissera. Com certeza o tenente achava que ninguém além dele devia cuidar de Eleanor.

— Ela está na base — prosseguiu Michael —, em Point Adélie.

— É assim que chamam aquele lugar?

Sinclair parecia, e soava como, um aristocrata britânico, alguém que Michael poderia ter visto em um filme. Mas também havia algo evidentemente insano e imprevisível no brilho do seu olhar. Não que isso fosse alguma surpresa. Michael só queria descobrir o que dizer para que ele abaixasse o arpão.

— Não viemos aqui para fazer mal a você — falou Michael. — Longe disso. Nós podemos ajudá-lo, na verdade. — Imaginou se devia continuar falando ou simplesmente se calar.

— Vocês estão em que número? — A respiração irregular de Sinclair condensou-se no ar. Pela primeira vez, Michael notou que o esforço físico lhe cobrara um preço. O sujeito resistia, mas estava fraco.

— Quatro. Somos apenas quatro.

A ponta do arpão vacilou. As pálpebras fecharam-se lentamente e então foram abertas na mesma hora, de susto.

Será que ele tinha “atualizado a imagem”, nas palavras de Ackerley? Não era preciso dizer que se tratava de um inimigo perigoso, lembrou Michael.

— Estamos trabalhando aqui no Polo Sul — Michael explicou. — Somos americanos.

O arpão apontou ainda mais para baixo e Michael pôde jurar ter visto um leve sorriso na boca do tenente.

— Eu tive um desejo, há muito tempo, de conhecer a América — Sinclair falou, tossindo uma ou duas vezes. — Parecia ideal. Eu não conhecia ninguém lá e ninguém me conhecia.

Pelo rabo do olho, Michael viu uma movimentação na porta dos fundos. Sinclair deve ter seguido o olhar, porque se virou com o arpão erguido e, antes que Michael pudesse fazer algo além de gritar “Pare!”, Franklin irrompeu pelos barris apontando o rifle.

Sinclair hesitou por apenas um segundo, mas, quando viu o cano da arma, ele atirou o arpão. Simultaneamente, houve um disparo ensurdecido e pedaços da chaminé de tijolos vermelhos explodiram em todas as direções. Um deles acertou a bochecha de Michael como uma picada de vespa e outro pedaço menor voou no seu olho. Ele abaixou a cabeça para esfregar o rosto e, quando ergueu o olhar outra vez sem ver nada direito, o arpão estava balançando, cravado em um barril. Com o rifle apontado para o alto, Franklin via Sinclair tombado sobre a bigorna, com os braços caídos e dedos tremendo.

Murphy acabara de entrar com a pistola em punho também.

— O que foi que você fez? — exclamou Michael. — O que foi que você fez?

— Ele atirou um arpão em mim! — Mas até mesmo Franklin parecia abalado. — Mas eu não acertei nele. Pegou na chaminé.

Michael ajoelhou-se ao lado de Sinclair e viu sangue saindo do topo da cabeça, molhando o cabelo louro na nuca. — E o que é isso, então?

— Um ricochete. Eu usei balas de borracha. Deve ter ricocheteado.

Murphy abaixou-se do outro lado da bigorna e juntos eles colocaram Sinclair de costas no chão, com cuidado. Os olhos estavam revirados, e os lábios, azuis. Michael só pensava no efeito que isso teria sobre Eleanor.

— Vamos leva-lo de volta para a base — disse Michael. — Precisamos que a Charlotte dê uma olhada nele com urgência.

Murphy fez que sim e se levantou.

— Temos que amarrá-lo primeiro...

— Ele está desacordado — reclamou Michael.

— Por enquanto Murphy disparou. — E se ele acordar? — Olhou para Franklin. — Depois a gente coloca ele na traseira do meu snowmobile. Na estação, ele vai direto para a quarentena. Dispara um sinalizador para o Lawson saber que estamos aqui e prontos para ir.

Assim que Franklin saiu para obedecer à ordem, Michael lembrou-se de Ackerley na quarentena, deitado sobre uma caixa no frigorífico... e do desfecho daquela situação.

— Você já conhece o esquema — Murphy disse para Michael. — Até segunda ordem, ninguém além de nós precisa saber que ele está lá. Sacou?

— Saquei.

— E isso vale especialmente para a Bela Adormecida.

Michael estava totalmente disposto a manter esse segredo. Qual o problema de manter mais um? Virara craque nisso. Mas imaginou por quanto tempo o segredo duraria. Mesmo que as outras pessoas da base no descobrissem sobre Sinclair, a história podia ser diferente com Eleanor. Até onde sabia, havia uma espécie de conexão psíquica entre eles. Uma ligação tão forte que Michael não ficaria surpreso se Eleanor já soubesse que Sinclair tinha sido achado... ferido... e que estava voltando para ela.

47

22 de dezembro, 19h30

DARRYL ESTAVA ANDANDO ATÉ O TANQUE do aquário para devolver o peixe, que se debatia tanto nas suas mãos que quase caiu.

— Fica aí, fica aí — sussurrou e o depositou de volta na divisória do tanque reservada especialmente para o antigo espécime de *Cryothernia hirschii*. O peixe nadou um pouco, fuçou o espaço, e então foi devagar para o fundo, onde ficou praticamente imóvel e invisível como os demais companheiros. Mesmo que realmente fosse provado que era uma espécie desconhecida, algo de que Darryl tinha certeza quase absoluta, o peixe não seria a descoberta mais interessante do inundo aos olhos de um civil. Ninguém dava nada pela aparência do bicho. Porém, dentro da comunidade científica, que era onde importava, a descoberta tornaria Darryl famoso.

Sem levar em conta a morfologia da espécie, o sangue do peixe por si só já provocaria milhares de exames laboratoriais. A glicoproteína anticongelante do sangue, um pouco diferente da dos outros peixes antárticos que Darryl analisara, poderia um dia ser usada para várias finalidades que já eram estudadas. Do descongelamento de asas de aviões ao isolamento térmico de sondas marznhas... e quem sabe o que mais.

Mas os atuais experimentos de Darryl tinham um foco ainda mais bizarro. Na hora em que Charlotte Barnes contara que uma bolsa de plasma sumira da enfermaria, ninguém duvidara do que havia acontecido. Eleanor Ames era a responsável. Mas se um dia ela quisesse deixar o abrigo de Point Adélie para voltar a viver na civilização, teria que primeiramente superar o terrível vício. Darryl não era bobo. Sabia que Eleanor seria o centro das atenções da mídia e que ela não teria como satisfazer, nem manter em segredo, um desejo tão insaciável.

Darryl havia coletado mais amostras de sangue de Eleanor e imediatamente começado a fazer uma série de exames, trabalhando em cima de um palpite que era tão absurdo quanto o problema em si. O sangue de Eleanor, assim como o de Ackerley, tinha uma concentração de fagócitos fora de escala, mas, em vez de

eliminar só bactérias, partículas estranhas e detritos celulares, os fagócitos devoravam também os glóbulos vermelhos. Eles primeiro consumiam as próprias células vermelhas e depois as outras obtidas de fontes externas. Mas, Darryl pensou, e se ele descobrisse uma maneira de manter os níveis de toxicidade, que obviamente ajudavam a sustentar a vida sob as mais adversas condições, e introduzisse um elemento que removesse a necessidade de consumir glóbulos vermelhos? Resumindo, e se Eleanor fosse capaz de aprender os truques dos peixes de sangue frio, sem hemoglobina, que estavam no aquário?

Ele havia feito dezenas de combinações de sangue diferentes, todas guardadas em tubos de ensaio marcados com cuidado e mantidos em temperatura constante no mesmo frigobar em que estavam os refrigerantes. Verificava regularmente para ver como estavam evoluindo. Quando foi checar os tubos de ensaio outra vez, alguém bateu com força na porta do laboratório.

Assim que Darryl abriu, Michael entrou com passos pesados, fazendo um barulho úmido no capacho de borracha.

— Quer um refrigerante?

— Muito engraçado — respondeu Michael, abaixando o capuz coberto de neve.

— Não era brincadeira. — Darryl foi até o frigobar, abriu uma lata e se sentou em um banco. — Onde você esteve?

— Stromviken.

Darryl sabia que só havia um motivo para ir até lá.

— Você o encontrou?

Michael hesitou, o que bastou para Darryl obter a resposta.

— Ele estava vivo?

Outra vez Michael vacilou enquanto abria a parca e se jogava em outro banco.

— Esqueça o que quer que o Murphy tenha falado — disse Darryl.

— Você sabe que em algum momento vão ter que me contar, mesmo. Quem mais sabe fazer um exame de sangue por aqui?

— Sim — respondeu Michael, finalmente. — Mas ele não se entregou facilmente e foi ferido. A Charlotte está cuidando dele agora.

— Foi grave?

— A Charlotte acha que é uma concussão leve e uma ferida no couro cabeludo.

— Então ele está na enfermaria? — falou Darryl, pronto para correr até lá e coletar novas amostras de sangue.

— Não. No frigorífico.

— De novo?

— O Murphy não quer colocar a base inteira em risco.

Mesmo a contragosto, Darryl deu o braço a torcer ao chefe. Afinal, ele vira Ackerley em ação, e quem poderia adivinhar as consequências de reunir Eleanor com essa outra alma penada, que provavelmente tinha o mesmo problema que ela? Poderia criar um pacto sinistro.

— Então — perguntou Michael em um tom de voz um pouco natural demais —, como está andando?

— Como o quê está andando?

— A cura. Descobriu alguma maneira de ajudar a Eleanor? Caso esteja perguntando se resolvi um dos maiores dilemas hematológicos da História em questão de, hum, digamos, alguns dias, a resposta é não. O Pasteur também precisou de tempo.

— Foi mal — disse Michael, e Darryl se arrependeu de ter sido grosseiro.

— Mas estou fazendo progressos — disse. — Tenho algumas ideias.

— Isso é legal — falou Michael, visivelmente animado. — É ótimo. Boto fê em você. Acho que aceito aquele refrigerante.

— Fique à vontade.

Michael foi ao frigobar, abriu uma lata e ficou bebendo perto do tanque do aquário com o *Cryothernia hirschii* dentro.

— Porque eu mesmo tive uma ideia maluca — disse Michael, finalmente, sem se virar para encarar Darryl.

— Aceito sugestões — Darryl respondeu, fechando e etiquetando outro tubo —, embora eu não soubesse que essa era a sua área.

— Não é — falou Michael. — A minha ideia é a Eleanor voltar com o avião de suprimentos.

— O quê?

— Se você conseguisse achar uma cura ou pelo menos uma forma de estabilizar a doença — disse Michael, se voltando para ele —, eu poderia guia-la de volta à civilização.

— Um avião não é o lugar adequado para ela — falou Darryl —, quarentena, sim. Ou o Centro de Controle de Doenças. Eleanor tem uma doença a sanguínea que tem... como dizer de maneira sutil... sérios efeitos colaterais. — Algo no olhar de Michael não lhe agradava. — Essa mulher é inacessível de verdade. Você entendeu isso, não é?

— Meu Deus, claro que sim — Michael respondeu como se tivesse ficado ofendido pela insinuação.

— E agora, caso você já tenha se esquecido, nós temos um segundo paciente com o mesmo problema. Você também planejava levá-lo no voo?

— Se a gente arrumasse uma solução, sim, levaria — disse Michael, embora com um pouco menos de entusiasmo. Tomou um longo gole de refrigerante. — Seria o jeito.

— Isso é loucura — falou Darryl. — O avião deve vir em nove dias, não é? Sinceramente, duvido muito que alguém além de você volte nele.

Michael parecia desanimado, porém resignado, como se soubesse que estava tentando embarcar em uma canoa furada.

— O que você pode fazer — sugeriu Darryl para animá-lo — é pedir que a Charlotte colete algumas amostras de sangue do... como é mesmo o nome dele?

— Sinclair Copley.

— Do sr. Copley, o mais cedo possível. E agora, em vez de me distrair com suas péssimas ideias, você devia voltar ao dormitório e cair na cama. Talvez acorde amanhã com outras grandes sugestões.

— Valeu, pode ser que isso aconteça.

— Mal posso esperar — disse Darryl, já retornando ao trabalho.

Mas Michael ainda tinha mais uma parada a fazer antes de ir dormir. Era algo que vinha evitando havia dias. Joe Giliespie lhe deixara três mensagens, uma mais urgente que a outra, e, por uma série de razões, Michael vinha adiando a conversa. O que ele iria contar? Que os corpos descobertos no mar degelaram e sumiram? Que, na verdade, estavam vivos e confinados? Ah, claro, seria fácil convencê-lo. Ou deveria contar o que acontecera com Danzig e depois com Ackerley? Contar a Gillespie que os mortos haviam voltado à vida, ensandecidos por uma doença misteriosa que os transformara na versão polar dos mortos-vivos? Até onde iria com essas histórias antes que Gillespie começasse a especular que seu repórter ficara maluco? E o que o editor faria então? Avisaria a NSF em Washington que seu funcionário estava alucinado e precisava ser removido imediatamente? Ou iria simplesmente tentar contatar o próprio comandante da base, ninguém menos do que Murphy O'Connor? O mesmo Murphy O'Connor cuja última declaração sobre o assunto havia sido “O que acontece em Point Adélie não sai de Point Adélie”?

Michael ligou para a casa de Gillespie do telefone via satélite, torcendo para que caísse na secretária eletrônica, mas o editor atendeu ao primeiro toque.

— Espero não ter acordado você — disse Michael sobre o estalo da estática.

— Michael? — Giliespie quase gritou. — Você é um cara muito difícil de achar!

— É, bem, aqui é um lugar meio confuso.

— Espera um instante, vou abaixar o som.

Michael olhou para um bloquinho na bancada. Alguém rabiscara um trenó com o Papai Noel em cima e não estava nada mal. Pensou no Natal do ano passado, quando ganhara de Kristin uma tenda de camping e dera para ela um violão... que Kristin nunca teve tempo de aprender a tocar.

— Então, conta para mim — Giliespie disse ao retomar a ligação —, em que pé está a reportagem? Quero mandar o departamento de arte trabalhar na capa e na diagramação o mais cedo possível. E assim que você tiver um rascunho do texto, não importa o estado, eu quero ver. — As palavras vinham tão depressa que se atropelavam. — E qual a novidade sobre os corpos no gelo? Já degelaram? Ou descobriram alguma pista de quem eram?

Michael pensou no que poderia dizer. Que não só sabia quem eles eram, como também seus nomes, porque eles próprios haviam dito?

— Eu estou mais interessado na garota — confessou Gillespie. — Como ela é? Está completamente decomposta ou podemos dar uma foto de página inteira sem assustar nossos leitores mais jovens?

Michael não sabia o que dizer. Não queria começar a mentir, mas com certeza não estava disposto a falar a verdade. A ideia de descrever Eleanor para Giliespie, vendê-la como uma pauta para fotografia...

— Espero que ela esteja em bom estado de conservação para ser exibida em algum lugar — Gillespie continuou tagarelando. — A NSF, tenho certeza, vai querer exibi-la, e eu não vou ficar surpreso se montarem alguma coisa no Smithsonian — Michael sentiu um aperto ainda maior no coração, arrependido da pressa com que informara Gillespie da descoberta. Queria, mais do que qualquer coisa, poder voltar no tempo e refazer tudo. Retirar o que tinha dito. Talvez agora, começara a perceber, fosse possível.

— Sabe — falou —, eu acho que fui um pouco precipitado.

— Precipitado — Gillespie repetiu, devagar para variar. — O que quer dizer?

O que ele queria dizer? Imaginou o cabelo despenteado de Gillespie ficando cada vez mais desganhado.

— Os corpos, bem, não eram exatamente o que eu pensei que eles fossem.

— O que você está sugerindo, cacete? Ou são corpos ou não são. Não faz isso comigo, Michael. Você está dizendo...

Enquanto Gillespie falava, Michael balançou o telefone e quando retornou, alguns segundos depois, disse:

— Foi mal, a ligação ficou ruim. Pode repetir essa última parte, Joe?

— Só perguntei se a matéria existe ou não. Porque, se você estiver me pregando uma peça, eu não achei a menor graça.

— Eu não estou brincando — respondeu Michael, afastando o telefone para reforçar o efeito. — Eu acho que me enganei. Parece, bem, parece que não era uma mulher de verdade. Era só uma carranca de madeira entalhada.

— Uma... carranca... de madeira... entalhada?

— Presa ao bico de uma proa. — Michael ficou momentaneamente impressionado com a própria criatividade. — Muito antiga e bonita, mas não era uma mulher. E também nem havia um homem. Era só mais madeira bem pintada atrás da carranca. Devia ser tudo parte de algum destroço de navio. — Daria para florear mais ainda, mas não queria que Gillespie ficasse empolgado em ver imagens da carranca, porque aí teria que arrumar um jeito de inventar algumas. — Joe, eu estou morrendo de vergonha.

— Vergonha? — Michael ouviu a voz fraca do editor. — É só isso? Vergonha? Eu queria fazer de você o garoto-propaganda da *Eco-Travel Magazine*. Ia desembolsar uma grana forte para contratar uma assessoria de imprensa só para espalhar a sua cara pela mídia.

Michael sabia que cada sílaba que tinha dito fizera com que as chances de se tornar notícia, ganhar prêmios, fama e até ficar rico fossem para o espaço.

— Mas eu tenho outro material bacana: uma estação baleeira abandonada, os últimos cães de trenó da Antártica, uma grande tempestade no cabo Horn. Muito material.

— Ótimo, Michael, que ótimo. A gente fala mais assim que você voltar, depois do dia 1º. Aí você me mostra o que tem.

— Pode apostar — Michael disse, avaliando em silêncio o que acabara de fazer com a sua carreira. Pegara o que era para ser um momento de virada profissional e o transformara em cinzas.

— E você está bem?

— Sim — respondeu Michael.

— E a situação da Kristin? Teve alguma alteração?

Percebeu o que se passava na mente de Gillespie. O editor achava que Michael estava começando a ficar maluco com o sofrimento prolongado. E, por mais que odiasse explorar algo assim, ele enxergou uma oportunidade.

— A Kristin faleceu — disse.

— Ai, meu Deus. Você devia ter falado antes.

— Pois é, com a morte dela e as condições de vida meio estranhas aqui, talvez eu realmente esteja um pouco transtornado, sim. — Fez questão de usar um tom de voz que desse a impressão de ser mesmo verdade.

— Escuta, eu sinto muito mesmo pela Kristin.

— Obrigado.

— Mas, pelo menos, o sofrimento dela acabou. E o seu também.

— Acho que sim.

— Vai com calma, não se esforça demais. A gente se fala outra vez daqui a uns dois dias.

— Claro.

— E, Michael, enquanto isso, por que você não se consulta com o médico da base? Pede para ele...

— Ela. É uma mulher.

— OK. Pede para eles te examinar. Mal não vai fazer.

— Pode deixar. — Michael balançou o telefone no ar e esfregou a manga para criar mais estática. Quaisquer que fossem os clichês ditos por Gillespie depois, ele já não escutou. Deu um tchau incompreensível, desligou e ficou sentado com os braços caídos entre os joelhos. Não tinha muita certeza, mas suspeitava que havia feito a maior burrada da sua vida. Ele sempre havia agido por instinto ao escolher uma rota de escalada, um trecho de rio para descer, uma caverna a explorar, e agora o tinha feito outra vez. E nem sabia por quê. Só tinha noção de que algo dentro dele se rebelara e ficara horrorizado ao pensar em entregar Eleanor. Para Joe Gillespie. Para o mundo. Claro que o que fez era uma farsa, porém, se tivesse agido de outra forma, seria uma traição.

“Michael”, disse para si mesmo, “você se fodeu completamente”.

Seguiu arrastando os pés, sozinho, até o bandeirão, onde pegou um sanduíche e umas cervejas. Era Samuel Adams, o que só serviu para lembrá-lo das propagandas em que Ackerley fizera as últimas anotações. Pegou também alguns biscoitos natalinos, decorados com cobertura rosa, que Tio Barney deixara sobre uma bandeja. Mas o espírito de Natal, que seria fácil de sentir em um cenário de neve como o Polo, não estava presente. Sim, todos haviam cantado as músicas favoritas de Danzig no velório, porém Michael não ouvira mais cantoria desde

então. Uma nuvem negra continuava pairando acima de tudo e de todos em Point Adélie.

Pensou em parar na enfermaria a caminho do dormitório, mas decidiu prosseguir. Não estava disposto a encarar Eleanor agora, muito menos queria mentir sobre Sinclair, como mandaram que fizesse. Precisava de um tempo para pensar, especialmente agora que tinha ferrado tudo com Gillespie. Tinha que ficar sozinho com os pensamentos.

Era só o que ele fazia ultimamente.

O que começara como uma pequena questão estava se tornando algo muito maior, uma pergunta que sempre voltava à mente. O que aconteceria com Eleanor? Não poderia ficar para sempre em Point Adélie, com certeza. Mas como, e sob quais circunstâncias, iria embora? Será que Murphy tinha algum plano secreto? Até onde Michael conseguia entender, ela precisava de um amigo acima de tudo, alguém que conhecesse e em quem confiasse para apresentá-la ao mundo moderno. E também percebeu que, sem pensar, tinha assumido esse papel.

Olhou bem para o rosto cansado no espelho do banheiro comunitário e decidiu fazer a barba. Por que não fazê-la antes de dormir? No Polo Sul, tudo era ao contrário.

Mas a questão não envolvia apenas Eleanor; também havia Sinclair para considerar. Os dois iam querer ficar juntos. E em que papel Michael se encaixaria? Viraria uma espécie de acompanhante, levando os dois amantes de volta a um mundo novo e desconcertante.

A barba estava tão grossa que a lâmina fez vários cortes, de onde saíram gotas de sangue na bochecha e no queixo.

Mas, sendo honesto consigo mesmo, que outro cenário ele andara imaginando? Sabia que havia sentimentos dentro dele que não deveriam ser examinados. Era um fotógrafo, ora bolas, e estava em Point Adélie a trabalho. Era só nisso que precisava se concentrar. O resto era só estática na cabeça.

Limpou o espelho embaçado pelo vapor. O olhar estava arregalado, mas sem vida. Será que estava prestes a sofrer do Big Eye? Precisava de um barbeiro também. O cabelo estava espesso, revoltado e entrando nas orelhas. Dois sujeitos estavam conversando na sauna atrás dele. Pelas vozes, imaginou que fossem Lawson e Franklin. Jogou água gelada nos pontos em que tinha se cortado, tomou um banho rápido e voltou para o quarto.

Assim que entrou, fechou bem as cortinas. Jamais havia imaginado que poderia odiar o sol, mas agora odiava. Vestiu uma camiseta e cueca limpas. Subiu no beliche e tentou ajeitar a roupa de cama. Notou que Darryl sempre arrumava a dele, mas Michael não via motivo para fazer em Point Adélie algo que nunca se importara de fazer na própria casa. Colocou o lençol por cima do cobertor para evitar que pinicasse as pernas e puxou o blecaute ao redor da cama. Deitado naquele espaço apertado, com o travesseiro de espuma debaixo da cabeça, encarou a escuridão.

Michael levantou a cabeça por um instante para secar o cabelo ainda molhado na nuca. Fechou os olhos e inspirou profundamente para relaxar. Depois inspirou outra vez, bem devagar. Mas os pensamentos continuavam fervilhando. Imaginou Sinclair na cama dobrável montada no velho frigorífico, de onde tinham sido tiradas as caixas de condimentos para abrir espaço para os aquecedores, e Charlotte cuidando dos ferimentos. Ele precisara levar seis pontos. Franklin e Lawson haviam sido designados para vigiá-lo em turnos de oito horas. Michael ofereceu-se como voluntário, mas Murphy disse:

— Tecnicamente, você ainda é um civil. Vamos deixar assim como está.

O colchão era meio fundo no meio e Michael encostou-se na parede. Não importava a opinião de Murphy, em alguma hora teriam que contar a Eleanor sobre Sinclair. Mas como ela reagiria? Era para ser uma pergunta simples, mas Michael não tinha certeza de que fosse. Ela ficaria aliviada, com certeza. Contenta? Provavelmente. Empolgada? Será que insistiria para vê-lo imediatamente? Michael não sabia dizer se era uma vã esperança ou uma intuição, mas suspeitava de que houvesse uma parte de Eleanor que temia Sinclair. Pelo que ela contara sobre os dois, a mais fantástica história que já escutara, Sinclair tinha arrastado Eleanor para uma perigosa e imprevisível odisséia... uma odisséia que ainda estava se desenrolando.

Porém, por mais que ela pudesse amá-lo, será que agora estava tão dedicada à jornada quanto no início?

Michael pensou no broche que Eleanor usava. Vênus surgindo do mar. Era apropriado, não? Ela tinha surgido do mar. E era linda. Imediatamente, sentiu-se infiel só de pensar nisso, porque Kristin mal fora enterrada.

Mas pensou. Não conseguia negar, assim como era impossível parar.

O rosto de Eleanor não lhe saía da cabeça. Os olhos de esmeralda debaixo dos longos cílios escuros. O volumoso cabelo castanho. Até mesmo a palidez fantasmagórica. Parecia ter vindo de outro mundo, até porque era verdade, e Michael estava preocupado com a entrada dela no seu mundo. Queria protegê-la, guiá-la, salvá-la.

A cama estava silenciosa e escura como qualquer sepultura.

Lembrou-se da primeira imagem de Eleanor, sepultada no gelo.

E então recordou o encontro com ela, amedrontada e sozinha, na igreja abandonada. Mas Eleanor não se acovardara. Havia uma energia dentro dela que nunca fora apagada, apesar de tudo o que se passara.

O que ela tocara mesmo no piano da sala de lazer? Ah, sim, aquela velha balada triste, Barbara Allen. Ouviu a melodia melancólica na cabeça.

As cortinas ao pé da cama balançaram.

Lembrou-se do rubor no rosto de Eleanor quando se sentou ao lado dela no banco. O farfalhar do vestido de mangas bufantes. Os bicos estreitos dos sapatos pretos tocando nos pedais.

O colchão afundou... como se houvesse outro peso sobre ele.

Pensou no delicado cheiro de sabonete de Eleanor... e o aroma parecia envolvê-lo agora.

Pensou na voz... doce, elegante, com sotaque...

E, então, ouviu na escuridão:

— Michael...

Será que imaginara isso? O vento gemia lá fora.

Mas então sentiu a respiração quente na sua bochecha e uma mão lhe tocou o peito, tão delicada quanto um passarinho pousando em um galho.

— Não suporto mais — ela disse.

Ele ficou imóvel.

— Não suporto mais ficar tão sozinha.

Eleanor estava deitada em cima do cobertor, mas Michael sentia a silhueta do corpo dela fazendo pressão contra o seu. Como diabos ela conseguira...

— Michael... diga meu nome.

Ele passou a língua nos lábios e suspirou:

— Eleanor.

— De novo.

Repetiu e a ouviu soluçar. O som quase lhe partiu o coração.

Virou-se para ela e levantou a mão para lhe tocar o rosto na escuridão. Encontrou lágrimas... e as beijou. A pele era fria, mas as lágrimas eram quentes.

Eleanor chegou mais perto e Michael sentiu a respiração — fraca e acelerada no seu pescoço.

— Você queria que eu viesse ao seu encontro... não queria?

— Sim — murmurou —, sim, queria...

E então Michael achou os lábios de Eleanor. Eram macios e receptivos... mas frios. Ele queria aquecê-los. Beijou-os com mais intensidade e a segurou mais perto. Mas o cobertor era áspero demais e ficou entre eles.

Michael afastou o cobertor e as mãos tatearam no escuro pelo corpo de Eleanor. Ela era magra como um graveto e usava apenas uma espécie de camisola... algo tão delicado quanto uma folha de papel e fácil de tirar.

Meu Deus, como era bom tocá-la. Passou a mão pela lateral do corpo nu e ela tremeu. Ainda estava muito fria, mas a pele era tão lisa... Michael sentiu o ossinho do quadril, a barriga seca com a pele tremendo ao toque e o volume macio dos seios. Os mamilos ficaram duros como botões sob os dedos.

— Michael... — Eleanor suspirou com os lábios contra o pescoço dele.

— Eleanor...

Sentiu os dentes mordiscarem-lhe a pele.

— Perdoe-me — sussurrou Eleanor.

Antes que pudesse perguntar por quê, Michael sentiu os dentes penetrando na sua garganta como pinças geladas. Um líquido quente — sangue? — desceu por seu pescoço e ele tentou gritar, mas foi sufocado pelo som do próprio grito. Chutou com força para se livrar das roupas de cama. As mãos afastaram Eleanor e continuaram empurrando...

O blecaute da cama foi aberto.

Michael conseguiu vê-la recuando, nua, com seu sangue nos lábios, os olhos injetados...

Luz forte brilhou sobre o rosto.

Empurrou de novo, para jogá-la para fora da cama...

E uma voz gritava:

— Michael! Pelo amor de Deus, Michael... acorda! Acorda! — As mãos continuavam empurrando, porém alguém as agarrou.

— Sou eu! É o Darryl!

Michael olhou do alto do beliche.

As luzes foram acesas. Darryl estava pendurado pelas mãos.

— Você estava tendo um pesadelo.

O coração de Michael batia forte, mas as mãos pararam de se mexer.

— O maior de todos os pesadelos, eu diria — Darryl acrescentou e Michael começou a se acalmar.

A respiração se acalmou. Ele olhou para baixo. O lençol e o cobertor estavam enrolados nas pernas. O travesseiro tinha caído no chão. Tocou no lado do pescoço. Estava úmido, mas, quando olhou para os dedos, eles estavam apenas cobertos de suor.

— Você teve sorte que eu voltei — falou Darryl. — Podia ter tido um ataque cardíaco.

— Pesadelo — disse Michael com a voz rouca. — Acho que eu tive um pesadelo.

— Não brinca. — Darryl respirou fundo e se virou para tirar o relógio de pulso, que colocou na cômoda. — Sobre o que era, porra?

— Não me lembro — respondeu Michael, embora se recordasse de cada detalhe.

— Já se esqueceu?

Michael deixou a cabeça cair no travesseiro e encarou o teto, indiferente.

— Sim.

— Só para constar, pensei ter ouvido você dizer Eleanor.

— Rã.

— Mas não vou contar para ninguém. — Darryl pegou a toalha do gancho atrás da porta e disse: — Volto em cinco minutos. Não volte a dormir, não importa o que aconteça.

Michael ficou deitado, sozinho outra vez, esperando que o coração desacelerasse e o pânico finalmente passasse... e vendo em sua mente os longos cabelos castanhos de Eleanor caindo sobre os seios brancos e os lábios vermelhos e úmidos, ainda abertos e querendo mais...

48

23 de dezembro, 22h30

— **ESTOU COM SEDE** — Sinclair falou alto. Franklin levantou-se do caixote onde estava sentado, pegou o copo de papel com canudo e ofereceu para ele.

Sinclair, que estava de mãos algemadas, sugou com vontade o canudo. Sentia a garganta seca, mas sabia que não havia quantidade de água que matasse a sede. Estava sentado na beirada da cama dobrável. Ao redor dele, havia dispositivos mecânicos do tamanho de caixas de sapateiro, capazes de emitir ondas de calor esporadicamente, ainda que não visse nenhuma fonte de carvão ou gás.

Realmente essa era uma época de maravilhas.

Sentia uma dor incômoda na nuca, onde o estilhaço da bala lhe raspava a cabeça, mas fora isso estava intato. Estava preso pelo tornozelo esquerdo, de forma improvisada, por uma corrente enrolada a um cano na parede e fechada por cadeado. O aposento estava cheio de caixas e, em um corredor lateral, notou uma mancha avermelhada que só podia ser sangue. Seria para lá que levavam os prisioneiros para interrogatório ou coisa pior?

Tentou conversar com o guarda, mas em vão. Só descobrira o nome do homem, Franklin. Ele usava algo nas orelhas ligado a um cordão e tinha o rosto enterrado em uma gazeta com uma jovem seminua na capa. Sinclair teve a sensação de que Franklin temia seu prisioneiro — o que era justificável — e de que recebera ordens de não dar nenhuma informação. Mas, se tivesse chance, Sinclair adoraria retribuir-lhe o ferimento na cabeça.

O tempo não passava. Suas roupas haviam sido retiradas — ele as via arrumadas em uma pilha sobre um caixote que pertencia a um tal de “dr. Pepper”, quem quer que fosse — e, em troca, lhe haviam dado um vergonhoso pijama de flanela e uma pilha de cobertores de lã. Estava ansioso para levantar da cama, recuperar suas roupas e procurar Eleanor. Ela estava em algum lugar daquele acampamento e ele estava disposto a achá-la.

E... depois disso? Seria como dar de cara na porta, como dizia a expressão. Que chances teriam, presos no fim do mundo? Para onde correriam? E por quanto tempo?

Lembrou que havia embarcações na estação baleeira. Uma grande, o Albatroz, que não conseguiria lançar ao mar sozinho, e outras menores, de madeira, que poderiam ser navegáveis após alguns reparos. Porém, Sinclair não era marinheiro e eles estavam cercados pelo mais perigoso de todos os oceanos. A única chance seria embarcar com um tempo decente e torcer para que fossem resgatados pelo primeiro navio que aparecesse. Aparentemente, havia algum comércio, e, se ele e Eleanor conseguissem roupas modernas e criassem uma explicação plausível, poderiam abordar outra embarcação e voltar para a civilização. Misturar-se a pessoas que não conheciam seu terrível segredo, nem jamais o descobririam. Feito isso, Sinclair poderia confiar na sua esperteza para seguir em frente com Eleanor. Por conta da necessidade, tinha se tornado um grande improvisador.

A porta externa abriu ao som de metal no gelo, deixando entrar uma rajada de ar gelado que refrescou o ambiente sufocante criado pelos pequenos aquecedores. Assim que os casacos, luvas e óculos foram retirados, Sinclair reconheceu o homem — Michael Wilde — que encontrara na ferraria. Ele tinha parecido um sujeito bem razoável, embora Sinclair continuasse decidido a não confiar em ninguém.

Ele trazia um livro de couro com capa dourada na mão.

— Achei que pudesse querer isso de volta — falou Michael, estendendo o livro, mas Franklin se levantou de supetão para intervir.

— O chefe falou para não dar nada para ele. Você não sabe como ele pode usar.

— É só um livro — disse Michael, permitindo a inspeção. — De poesia.

Franklin franziu a testa ao ouvir isso.

— Parece bem antigo — disse, folheando as páginas.

— Provavelmente é uma primeira edição — comentou Michael, olhando de relance para Sinclair, a quem entregou o livro.

— É de autoria de um homem chamado Samuel Taylor Coleridge — falou Sinclair, aceitando meio desajeitado entre as mãos algemadas. — E, até onde sei, o livro nunca machucou uma mosca sequer. — Michael entendia que eram necessárias todas as precauções, mas, de qualquer maneira, ficou envergonhado.

— Isso eu percebi — disse Michael, antes de recitar algumas frases de que se lembrava da escola. — *“In Xanadu did Kubla Kahn, a stately pleasure dome decree: Where Alph, the sacred river ran, Through caverns measureless to man, Down to a sunless sea.”*¹⁵ Infelizmente é só isso que lembro da poesia — falou, mas Sinclair ficou perplexo, mesmo assim.

— Você conhece o trabalho dele? Ainda hoje?

¹⁵ “Em Xanadu, Kubla Kahn, Um palácio magnífico construiu:/Onde Alph, o rio sagrado, flui,/Por cavernas que o homem não consegue medir,/Até um mar sombrio.” (N. doT.)

— Ah, sim. — Michael ficou contente ao informar. — Temos aulas sobre os poetas românticos na escola e na faculdade. Wordsworth, Coleridge, Keats. Mas ainda não sei o que o título desse livro, Folhas Sibilinas, quer dizer.

Sinclair passava a mão na capa do livro como se fizesse carinho na cabeça de um cachorro.

— As sibilinas, ou videntes, eram mulheres gregas que escreviam profecias nas folhas de palmeiras.

Michael assentiu. Ficou impressionado que esse fosse o livro de que Sinclair mais gostasse; estava junto com as coisas dele ao lado da porta da igreja.

— E vi que contém *A Balada do Velho Marinheiro* — falou. — Ainda é um poema muito famoso e aparece constantemente nas listas de leituras obrigatórias.

Sinclair abaixou o olhar para o livro e, sem abri-lo, declamou:

— *“Like one that on a lonesome road, Doth walk in fear and dread, And having once turned around walks on, And tuns no more his head.”* ¹⁶

Franklin parecia totalmente perplexo.

— *“Because he knows, a frighfulfienna”* — Sinclair concluiu a passagem — *“Doth dose behind him tread.”* ¹⁷

As palavras causaram um silêncio na câmara... e provocaram um arrepio em Michael. Era assim, pensou, que Sinclair via a própria jornada? Como um caminho solitário, atormentado por demônios a cada passo? A expressão angustiada no rosto, os olhos fundos, os lábios rachados, o cabelo louro colado no rosto como se tivesse se afogado — tudo indicava que sim.

Franklin, aparentemente com medo de que o recital de poesia continuasse, falou com Michael:

— Você se importa se eu for ali fora um minuto?

— Vai em frente — respondeu. Franklin foi embora, após jogar a revista em cima do caixote.

Quando ele saiu, Sinclair colocou o livro de lado e se recostou na parede, enquanto Michael levantou o exemplar gasto da Maxim de Franklin e se sentou.

— Você não tem fumo, tem? — Sinclair fez a pergunta exatamente como um cavalheiro perguntaria para outro, relaxando em um clube.

— Infelizmente não.

Sinclair suspirou e disse:

— O guarda também não tinha. Devo ser privado de tabaco por alguma razão ou os homens deixaram de fumar?

Michael teve que sorrir.

— Murphy provavelmente deixou ordens para que ninguém lhe desse algo como um cigarro ou charuto. Deve ter pensado que você tentaria pôr fogo no lugar.

¹⁶ “Como aquele que, na estrada solitaria,/Anda com medo e receio,/Após olhar para trás, prossegue,/Sem mais se virar.” (N. do T.)

¹⁷ “Porque ele sabe que um demônio assustador/Segue bem próximo seus passos.” (N. do T.)

— Comigo dentro?

— Concordo que não seria inteligente — Michael falou. — Mas os homens ainda fumam, só que não tanto quanto antes, porque descobriram que provoca câncer.

Sinclair olhou para ele como se tivesse dito, a sério, que a lua era feita de queijo.

— Bem, então, os homens bebem?

— Com certeza. Especialmente aqui.

Sinclair ficou esperando, enquanto Michael considerava o que fazer. Sabia que oferecer uma bebida para ele seria uma desobediência radical às ordens expressas de Murphy. Charlotte provavelmente diria que a ideia era péssima, também. Ora, quanto a isso ele mesmo sabia que não era aconselhável. Mas o sujeito parecia muito calmo e racional. E haveria maneira melhor de ganhar sua confiança e fazer com que ele falasse sobre a longa jornada cheia de peripécias que fizera? Michael ainda não imaginava como Sinclair e Eleanor haviam terminado acorrentados no fundo do mar.

— No clube, sempre mantínhamos uma decantadeira a mão com excelente vinho do Porto para os convidados.

— Vou logo dizendo que a gente não tem algo assim. É mais provável que tenha cerveja.

Sinclair deu de ombros de maneira cordial.

— Cerveja seria bem-vinda.

Michael olhou ao redor do frigorífico. A maioria das caixas continha enlatados e louças, mas em algum lugar devia haver engradados de Samuel Adams.

— Não sai daí — falou Michael ao se levantar. Foi ao próximo corredor, onde o corpo de Ackerley tinha deixado uma mancha no chão de concreto. Dando a volta por ela, tentando não pensar nisso, encontrou e abriu um engradado de Samuel Adams. Pegou duas garrafas e usou o canivete suíço para tirar as chapinhas, então voltou e ofereceu uma para Sinclair. Michael brindou com a garrafa e retornou ao assento.

Sinclair tomou um longo gole jogando a cabeça para trás, antes de examinar a garrafa escura com o homem de peruca no rótulo.

— Certa vez houve um escândalo, sabia, sobre uma garrafa muito parecida com esta.

— Um escândalo?

— Era uma Moselle, servida em uma garrafa escura mais ou menos deste tamanho e colocada à mesa de banquete de lorde Cardigan.

— Por que houve um problema?

— Lorde Cardigan — Sinclair falou em tom pomposo ao dizer o nome do nobre — era muito meticuloso sobre determinadas questões, e tinha dado ordens expressas para que somente champanhe fosse servida.

— Quando foi isso?

— 1840, se não me falha a memória. Durante um jantar no regimento.

Michael achou que a conversa estava ficando cada vez mais surreal. Enquanto o tenente contava o resto do caso — “tudo isso aconteceu segundo ouvi, entenda, porque eu ainda estava no colégio Eton naquela época” —, Michael não tirava da cabeça que ele e Eleanor haviam vivido em uma era e em um mundo que havia muito tempo tinham acabado. O que ele considerava História eram simplesmente as notícias do dia para Sinclair.

O tenente tomou outro gole de olhos fechados e então, devagar, muito devagar, os reabriu.

Será que tinha acabado de ajustar a visão?

— Cerveja fraca — falou.

— É mesmo? — disse Michael. — Acho que a cerveja de barril a que você estava acostumado era mais forte.

Sinclair não respondeu. Estava olhando fixamente para Michael. Refletindo, Bebeu toda a cerveja e colocou a garrafa no chão, ao lado do tornozelo acorrentado.

— Obrigado, de qualquer forma.

— Sem problema. — Michael pensava como levar a conversa para onde queria, quando Sinclair tomou o controle em seu lugar.

— Então, o que você fez com Eleanor?

Certamente Michael não queria que a conversa tomasse esse rumo. Mas respondeu que ela estava bem e descansando, o que pareceu inocente o bastante.

— Não foi isso que perguntei. — O tom do tenente tinha mudado bruscamente. — Onde ela está? — ele falou. — Quero vê-la.

E Michael olhou, inconscientemente, para a corrente que prendia Sinclair ao cano na parede.

— Por que não permite que nós nos vejamos?

— Por enquanto é assim que o chefe de operações quer.

Sinclair bufou.

— Você fala como um recruta qualquer, limitado a seguir ordens. — Tomou um longo fôlego e depois expeliu fazendo barulho. — E vi com meus próprios olhos o resultado dessa atitude.

— Vou ver o que posso fazer — respondeu Michael.

— Somos apenas um homem e sua esposa — Sinclair falou, tentando outra abordagem e usando um tom mais conciliatório — que passaram por muitas coisas juntos. Que mal haveria em nos vermos?

Esposa? Michael não sabia disso. Tinha certeza de que se lembraria caso Eleanor tivesse dito que os dois eram casados. Sinclair pestanejou de novo, devagar, e Michael notou que ele parecia sem fôlego.

— Está surpreso que sejamos casados? Ou ela não mencionou? — falou Sinclair.

— Acho que não houve oportunidade.

— Não houve oportunidade? — Ele tossiu, balançando a cabeça e duvidando. — Ou você não quis saber?

— O que está dizendo?

— Não sou nenhum tolo, então não me tome como tal, por favor.

— Não estou tomando...

— Sou um oficial do 17º Regimento de Lanceiros, a serviço de Sua Majestade — falou com uma determinação férrea na voz. Levantando as mãos algemadas e balançando a corrente presa à parede, acrescentou: — E se eu não estivesse em tamanha desvantagem, você se arrependeria de mexer comigo.

Michael levantou-se, surpreso outra vez com a súbita mudança de atitude de Sinclair. Será que fora a cerveja? O álcool teria algum efeito inesperado sobre ele, por causa da doença? Ou esse temperamento inconstante fazia parte de sua natureza? Apesar da corrente, Michael afastou-se ainda mais de Sinclair.

— Quer chamar o guarda de volta? — Sinclair provocou.

— Acho que você precisa é da médica — respondeu Michael.

— O quê? Aquela negrinha outra vez?

— Dra. Barnes.

— Aquela rampeira me remendou como uma cerzideira remenda uma meia.

O que acontecera ali? O que dera errado? Sinclair havia mudado de calmo para furioso em questão de minutos. E havia um brilho doentio nos seus olhos injetados.

Franklin retornou vagarosamente com o bigode espesso coberto de neve.

— Vocês dois ainda estão lendo poemas um para o outro?

Ao ver Michael recuando e a expressão em seu rosto, Franklin soube que algo saíra errado.

— Está tudo bem? — perguntou para Michael e, ao ficar sem resposta, falou: — O que você quer que eu faça?

— Acho que devia chamar a Charlotte. Talvez o Murphy e o Lawson, também.

Franklin deu um olhar desconfiado para Sinclair e saiu imediatamente.

Michael em nenhum momento tirou os olhos do tenente, que estava sentado na beirada da cama dobrável, encarando-o de volta com olhos vermelhos.

E então, de volta ao tom de voz calmo com que recitara o poema antes, Sinclair declamou:

— *"An orphan's curse would drag to hell, A spirit from on high; but oh, more horrible than that, Is the curse in a dead man's eye"* ¹⁸ — A expressão no próprio olhar era nada menos que sanguinária. — Você conhece essa passagem? — perguntou.

— Não, não conheço.

Sinclair bateu com os nós dos dedos na capa do velho livro.

— Agora você conhece — disse, dando um riso cruel. — Não diga que não avisei.

¹⁸ "A maldição de um órfão arrastaria para o inferno/O mais elevado dos espíritos; Porém, ah, mais terrível do que isso, !É a maldição no olhar de um morto!" (N. de T.)

49

24 de dezembro, 20h15

EMBORA TIVESSE TOMADO GRANDE CUIDADO em esconder a bolsa vazia, Eleanor logo percebeu que o segredo fora descoberto. Ninguém lhe dissera nada, mas todas as outras bolsas de sangue haviam sido retiradas da enfermaria.

E, desde então, a dra. Barnes mantinha uma expressão desconfiada.

Eleanor estava envergonhada, até mesmo humilhada, verdade seja dita, por sentir a terrível necessidade, mas também tinha medo. O que faria quando fosse dominada outra vez pela vontade, pela terrível sede? E sabia que isso aconteceria. Às vezes passava dias sem senti-la, talvez mesmo uma semana... porém, quanto mais aguardava, mais urgente a sede se tornava, o que a deixava mais obstinada a saciá-la, mesmo a contragosto.

Como seria possível admitir que sentia tal desejo? Para quem poderia contar?

Olhou para fora da janela do quartinho, para o pátio congelado com o mastro de bandeira no centro. Um homem alto, de casaco volumoso e capuz, estava ali, vendo o céu cinzento, com algo na mão enluvada parecido com várias tiras de bacon.

Embora fosse difícil reconhecer alguém debaixo de todos aqueles casacos, gorros e botas, ela sabia instintivamente que era Michael.

Sob uivos do vento constante, Eleanor ouviu Michael assobiar alto, ainda olhando para cima, e depois de alguns segundos um pássaro surgiu. Talvez estivesse aninhado no alto da enfermaria. Era cinza-escuro com um bico curvo e voou quase em linha reta para a cabeça de Michael, que se abaixou, fazendo a ave passar de raspão pela ponta do capuz. Ouviu uma risada e só então percebeu que havia muito tempo não ouvia alguém rir daquela forma. Era ao mesmo tempo o som mais estranho e mais agradável que ouvia em séculos.

Queria muito correr lá fora, na neve e no gelo, rir também do ataque do pássaro, levantar o rosto para o sol, por mais fraco que fosse, e sentir os raios batendo nas pálpebras.

Enquanto ela observava, Michael aprumou-se de novo e sacudiu o bacon no ar. Quando o pássaro deu meia-volta, ele jogou as tirinhas para cima. A ave passou, pegou uma delas com o bico e seguiu voando. As outras caíram na neve batida e Michael ficou só esperando o pássaro voltar, o que parecia sensato. Ele pousou pesadamente, de modo bem deselegante, e saiu bicando as tirinhas uma por uma. Outro pássaro, maior e marrom, veio investigar, mas o primeiro correu até ele guinchando e o próprio Michael jogou neve para afugentá-lo. Ah, Eleanor pensou, o pássaro cinzento é seu favorito. O de estimação.

Michael abaixou-se, estendendo uma mão, e o pássaro foi em sua direção para dar uma bicada na luva. Embora Eleanor não conseguisse ver, imaginou que havia alguns pedaços de bacon sobrando. Os dois continuaram ali, como amigos colocando a conversa em dia. O vento agitava as penas do pássaro e as mangas de Michael formando pequenas ondas, mas ainda assim eles continuavam ali. E Eleanor sentiu-se tão emocionada de repente que não conseguiu mais assistir.

Sua vida inteira parecia uma prisão. Ela sentou-se na beirada da cama como se fosse uma condenada.

Quando escutou a batida na porta, o coração foi tomado pelo medo. Será que era a dra. Barnes vindo acusá-la do crime? Não respondeu, mas quando ouviu a batida outra vez disse:

— Pode entrar.

Com a porta semiaberta, Michael, o capuz abaixado, colocou a cabeça dentro.

— Permissão para visitar? — perguntou.

— Permissão concedida, senhor — Eleanor respondeu. Sentiu como se a execução tivesse sido adiada. — Mas infelizmente tenho pouco a oferecer além de uma cadeira.

— Aceito — Michael falou, virando a cadeira e passando as pernas sobre ela. O enorme sobretudo recaía sobre as laterais do assento e, por causa do tamanho do quarto, Michael estava muito próximo dela. Tão perto, na verdade, que ela sentia o ar frio que emanava de seu casaco e de suas botas. Ah, como queria ser livre...

Michael levou alguns instantes para abrir o casaco e pensar no que dizer. Era sempre estranho falar com alguém em condições tão bizarras assim, porém era ainda mais esquisito depois do sonho erótico perturbador que tivera com ela. Mesmo agora, sentia dificuldade em encará-la, porque o pesadelo parecera real demais.

Também temia que a proximidade, por causa do tamanho pequeno do quarto, estivesse deixando Eleanor envergonhada.

Acima da gola engomada do vestido azul, Michael percebeu uma veia pulsando no pescoço dela. Ela olhava para as mãos cruzadas sobre o colo. Michael observou discretamente os dedos, mas não havia aliança de casamento.

— Eu vi o senhor lá fora — ela falou — com o pássaro.

— Aquele é o Ollie — respondeu. — Batizado em homenagem a outro órfão, Oliver Twist.

— Conhece os livros do sr. Dickens? — perguntou, espantada.

— Para dizer a verdade, eu nunca li — confessou Michael. — Mas vi o filme. — Ela ficara sem expressão outra vez. E por que não, ele pensou... o filme?

— Meu pai tinha convicções bem radicais — ela continuou. — Ele permitiu que eu cursasse a escola sempre que possível e frequentasse a casa do pastor, onde havia uma biblioteca.

Os olhos, Michael pensou, eram tão verdes e reluzentes quanto as folhas de pinheiro depois da chuva.

— Ele devia ter uns duzentos livros lá — gabou-se.

Michael pensou o que ela acharia de uma livraria como a *Barnes and Noble*.

— Queria tanto ter me juntado ao senhor lá fora — falou com um toque de tristeza.

— Onde?

— Quando estava alimentando Ollie.

Quase perguntou por que ela não foi quando se lembrou de que Eleanor estava sendo mantida praticamente como uma prisioneira. A palidez e o nervosismo eram sinais disso. Michael olhou ao redor do quarto, mas não havia sequer um livro ou revista.

— Talvez hoje à noite, mais tarde, a gente possa levar você escondida à sala de lazer para outro recital de piano.

— Eu adoraria — ela respondeu, com menos entusiasmo do que ele esperava.

— O que mais você gostaria? Para começar, com certeza eu consigo arrumar algo bom de ler.

Ela hesitou, mas então se aproximou um pouco e disse:

— Posso dizer o que realmente gostaria? O que eu daria tudo para fazer?

Michael esperou... e ficou surpreso ao sentir medo de que tivesse algo a ver com Sinclair. Por quanto tempo conseguiria manter a presença do tenente em segredo?

— Eu gostaria de andar lá fora, não importa o frio, e levantar o rosto para o sol. Só senti um breve gostinho na visita à estação baleeira. Mais do que qualquer coisa, queria ver o sol e senti-lo no rosto outra vez.

— Sol a gente tem — Michael admitiu —, mas não é exatamente quente.

— Eu sei. E isso não é estranho? Viemos parar em um lugar onde o sol nunca se põe, mas oferece pouco calor.

Michael ficou imóvel, considerando o que ela disse, e repassando na mente uma ideia maluca que acabara de ter. Caso fosse descoberta, as consequências seriam ruins. Murphy arrancaria sua pele. Mas ficou tão empolgado com a ideia que não podia resistir. O que Eleanor acharia dela?

— Se eu dissesse que posso arranjar o que você pede — falou, com cautela —, você concordaria em seguir as instruções ao pé da letra?

Eleanor pareceu intrigada.

— O senhor pode me levar escondida lá fora?

— Essa parte é fácil.

— E pode fazer com que o sol brilhe quente, mesmo em um lugar como esse?

Michael assentiu.

— Sabe do que mais? Eu posso, sim. — Estava imaginando que presente de Natal daria para ela no dia seguinte... e agora já sabia.

— E daí? — Charlotte falou ao olhar dentro do tanque do aquário, onde muitos peixes mortos flutuavam em várias divisórias. — Você está cheio de peixes mortos.

— Não, não esses — disse Darryl. — Esses foram fracassos. Olha o *Cryothernia hirschii* e os outros peixes anticongelantes, aqueles nadando languidamente no fundo do tanque.

Charlotte esticou o pescoço e conseguiu enxergar os peixes brancos, quase transparentes, alguns com quase um metro de comprimento, mexendo as guelras lentamente na água salgada.

— OK, estou vendo — falou, ainda desinteressada. — E daí?

— Esses peixes podem representar a salvação de Eleanor Ames.

Agora Charlotte ficou interessada.

— Misturei o sangue deles com uma amostra do de Eleanor. Alguns dos espécimes no tanque estão com o sangue híbrido correndo nas veias neste exato momento. — Sorriu para Charlotte. O cabelo vermelho espetado ficou agitado com a descoberta. — E, como pode ver, eles estão bem.

— Mas a Eleanor não é um peixe — falou Charlotte.

— Estou ciente disso. Mas o que dá certo com um... — disse, chamando Charlotte para ver uma lâmina no microscópio em cima da mesa. O monitor mostrava uma imagem ampliada de plaquetas e células sanguíneas, o tipo de coisa que fazia Charlotte lembrar as aulas de medicina.

— Você está vendo uma gota de plasma concentrado, rico em hemoglobina — explicou Darryl, colocando um par de luvas de látex. — O meu sangue, na verdade.

Charlotte viu os glóbulos vermelhos, que na verdade apresentavam um tom de rosa pálido com pontinhos brancos no centro de cada círculo.

— Agora, observe o que vai acontecer.

Darryl curvou-se sobre o microscópio e abriu o compartimento da lâmina. O monitor ficou sem imagem. Com uma seringa, ele pingou uma gota, esfregou com cuidado e recolocou a lâmina no microscópio.

— Normalmente, eu faria direito, mas não temos tempo. — Ajustou o foco e a imagem do monitor voltou.

E, tirando a introdução de mais leucócitos, as células brancas responsáveis por defender um organismo contra doenças e infecções, ao lado de alguns amigos fagócitos, tudo parecia na mesma. As células brancas, maiores e mais desproporcionais, patrulhavam em busca de bactérias e agentes estranhos, como deveriam fazer.

— OK — disse Charlotte —, agora temos uma mistura mais homogênea. O que você adicionou?

— Uma gota da primeira amostra de sangue de Eleanor. Olha o que vai acontecer.

Por alguns segundos, nada aconteceu. E aí tudo virou um inferno. Sem bactérias para destruir, as células brancas começaram a cercar, atacar e devorar as vermelhas, que transportavam oxigênio, até não sobrar mais nenhuma. Foi um massacre completo. E Charlotte sabia que nenhum organismo de sangue quente poderia sobreviver por muito tempo com o tipo de sangue que sobrara.

Charlotte virou-se horrorizada para Darryl, que simplesmente disse:

— Eu sei. Mas veja isso.

De novo Darryl abriu o compartimento da lâmina, usou outra seringa para tirar uma amostra de um dos vários tubos na bancada e alterou a lâmina original outra vez. Charlotte notou que o tubo tinha a etiqueta GPAC-5.

A imagem no monitor, que virara uma agitação de células brancas e fagócitos caçando novas presas, foi aos poucos se acalmando, como o mar após a passagem de uma tempestade. Um novo elemento foi introduzido, partículas que se moviam como navios navegando nos mares agora calmos.

Sem serem atacadas.

— São glicoproteínas — Darryl informou, sem esperar que Charlotte perguntasse — dos espécimes Cryothernia. Glicoproteínas anticongelantes ou GPAC. São as proteínas naturais que se prendem a qualquer cristal de gelo na corrente sanguínea, imediatamente impedindo que cresçam. Nos peixes, elas circulam da mesma forma que o oxigênio, dentro do próprio plasma. É um belo truque da evolução e pode salvar a vida da Eleanor.

— Como?

— Se ela conseguir ingerir as glicoproteínas periodicamente, e pelo exame de sangue parece que ela aguenta engolir qualquer coisa que não seja estricnina, poderia levar uma vida relativamente normal.

— Onde? — perguntou Charlotte. — No fundo do mar?

— Não — disse Darryl, pacientemente. — Aqui mesmo. Em qualquer lugar. Não precisaria de glóbulos vermelhos e hemoglobina, assim como os peixes anticongelantes. Mas teria que tomar alguns cuidados — acrescentou, dando de ombros, chateado. — Para começar, Eleanor seria essencialmente uma criatura de sangue frio, capaz de se aquecer só através de fontes externas, como, digamos, uma cobra deitada ao sol.

Charlotte sentiu um arrepio ao pensar nisso.

— E a segunda questão envolve um perigo mais imediato.

— É pior?

— Veja por si mesma. — Darryl pegou uma lâmina nova, esfregou com força contra a pele seca das costas da mão de Charlotte e colocou sob o microscópio. As células vivas e mortas apareceram no monitor. Então ele acrescentou uma gota de GPAC-5. Nada aconteceu. Era a imagem de uma coexistência pacífica.

— Isso é bom sinal? — perguntou Charlotte, olhando para Darryl, que segurava um cubo de gelo entre dois dedos, com o mindinho levantado. Ao tocar delicadamente a superfície da lâmina com o gelo, falou:

— Fica de olho no monitor mágico.

Na tela, até a pontinha do cubo de gelo parecia uma geleira, cobrindo metade do campo de visão. Darryl removeu rapidamente, mas o estrago já tinha sido feito. Como um vento soprando sobre um lago, milhares de pequenas fissuras foram espalhadas sobre a superfície da lâmina, tocando cada célula da pele e prosseguindo em todas as direções até que, finalmente, tudo parou. O que estava se mexendo e circulando havia alguns segundos ficou completamente imóvel. Congelado. Morto.

— Como você pode ver, assim que o gelo entra em contato direto com a pele, é fim de jogo.

— Pensei que a GPAC-5 fosse prevenir isso.

— Ela previne a propagação dos cristais de gelo pela corrente sanguínea, mas não a união às células da pele — explicou Darryl. — É por isso que os peixes anticongelantes nadam bem abaixo da calota de gelo. Isso não vai ser problema para Eleanor — falou Charlotte.

— Mas será que ela consegue ter certeza absoluta de que jamais vai tocar em qualquer tipo de gelo? Que, ao beber uma bebida gelada, vai evitar que um cubo de gelo roce nos lábios? Que nunca vai tropeçar na calçada e cair com a mão sobre um trecho de gelo no chão? Que jamais irá ao congelador, distraída, para pegar vegetais?

— E se ela fizesse isso?

— Congelaria a ponto de se estilhaçar como vidro.

50

25 de dezembro, 13h15

MICHAEL PÔS TANTA ROUPA EM ELEANOR que nem a própria mãe a teria reconhecido. Ela virou uma pilha de vestuário ambulante, andando lentamente pelo pátio congelado. Michael ficou de olho em todas as direções, mas não havia ninguém por perto. A vantagem de sair para dar uma volta na Antártica era essa: não se esbarra em muitos pedestres, mesmo no Natal. Quando passaram pelo velho frigorífico, Michael a fez andar mais rápido e repetiu a dose perto do laboratório de glaciologia de Betty e Tina. Ouvia-se um barulho de serra vindo do reservatório de amostras. Eleanor olhou para Michael curiosa, mas ele balançou a cabeça e a puxou. No canil, alguns cães levantaram abanando os rabos, querendo ser levados para correr, mas felizmente não latiram. As luzes estavam acesas no laboratório de biologia marinha, o que era bom sinal. Michael torcia para que Darryl estivesse trabalhando duro, aperfeiçoando alguma solução para o problema de Eleanor e Sinclair.

Ao longe, distante da maioria dos outros módulos, Michael viu aonde queria chegar e guiou Eleanor até lá. Passaram pela treliça de madeira e subiram a rampa. Mesmo debaixo de toda aquela roupa, ela estava tremendo.

Michael abriu a porta, afastou as cortinas de plástico da entrada e conduziu Eleanor para dentro do laboratório de botânica. O ar úmido e quente imediatamente os envolveu. Ela arfou de surpresa e foi levada para o interior, contando com a ajuda dele para abrir o casaco e tirar o gorro e as luvas. O cabelo caiu solto nos ombros e o rosto já não estava tão pálido, ainda bem. Os olhos verdes brilhavam.

Ao tirar o próprio casaco, Michael falou:

— Todo tipo de planta é estudado aqui, das poucas espécies nativas a espécimes vindos de outros lugares. A Antártica ainda é o ambiente mais puro do planeta para testes de laboratório. — Afastou o cabelo comprido grudado na testa. — Mas, do jeito que as coisas estão indo, isso não vai durar muito.

Eleanor já tinha se afastado, atraída pelo aroma dos cachos de morangos maduros pendurados nos tubos de irrigação do teto. As folhas verdes de borda serreada estavam cercadas de flores brancas e botões amarelos. Os morangos úmidos brilhavam sob a luz artificial. Ackerley montara o laboratório sozinho, misturando equipamentos de última geração com dispositivos improvisados, tubos de alumínio e mangueiras de borracha, baldes de plástico e lâmpadas de alta intensidade. Naquele momento, a luz estava fraca, mas, quando Eleanor fechou os olhos e mergulhou o rosto entre os morangos, Michael aumentou a intensidade da iluminação.

Instantaneamente, o lugar inteiro encheu-se de luz, ampliada por uma série de refletores que Ackerley tinha improvisado com cabides e papel-alumínio.

Os morangos brilharam como rubis, as pétalas brancas resplandeceram, as gotas de água nas folhas verdes reluziram como diamantes. Eleanor arregalou os olhos e depois os protegeu com a mão, rindo.

Michael não a ouvia rir assim tão feliz desde que a apresentara ao milagre que era Beethoven no aparelho de som.

— Eu não disse?

E Eleanor balançou a cabeça, ainda sorrindo, e respondeu:

— Sim, senhor, disse sim, embora ainda não entenda como é possível. — Observou rapidamente as lâmpadas brilhantes e os refletores prateados, antes de proteger os olhos outra vez.

— Prove um morango — sugeriu Michael. — O cozinheiro usa para fazer torta.

— Sêrio? — ela perguntou. — Não tem problema?

Michael estendeu a mão, pegou um morango suculento e ofereceu para os lábios de Eleanor. Ela hesitou, ruborizando, e aproximou a cabeça para mordê-lo bem no meio. Enquanto saboreava o morango, a luz quente refletiu nos cabelos e a borda dourada do broche reluziu.

— Termine — Michael falou, ainda segurando a outra metade.

Ela fez uma pausa, os lábios umedecidos pelo morango, e os dois se entreolharam.

O coração de Michael foi tomado por sentimentos tão confusos — carinho, incerteza, desejo — que mal conseguia sustentar o olhar.

Mas ela continuou encarando, enquanto se inclinava para a frente e mordia o resto da fruta. Os dentes roçaram as pontas dos dedos de Michael antes que ela puxasse o rosto, arrancando com delicadeza a folha verde do morango dos lábios. Ele ficou imóvel, hipnotizado.

E Eleanor disse:

— Obrigada, Michael. — Será que era a primeira vez que ela dizia o seu nome, de forma real e não apenas em um sonho? — Foi um belo agrado.

— É um presente de Natal.

— É mesmo? — falou, surpresa. — É dia de Natal?

Michael assentiu, sentindo uma pontada nos ombros pela vontade de abraçá-la. Mas não ousaria tomar essa atitude. Não foi com essa intenção que a levava ao laboratório. Não estava nos planos. Não havia futuro para eles.

Então por que não parava de repetir isso para si mesmo?

— No Natal, nós decorávamos a casa com visco, hera e sempre-verde. — ela disse, refletindo sobre o passado. — Minha mãe fazia um pudim, decorava com um raminho de azevinho e derramava brandy por cima. Quando meu pai acendia o pudim com um fósforo, a casa reluzia como uma fogueira.

Após alguns instantes, ela virou-se e saiu do brilho das lâmpadas.

— A luz está muito quente.

Eleanor desceu por um dos corredores, a silhueta magra valorizada pelo longo vestido azul com as mangas bufantes e a gola alta. Os dedos passavam pelos tomateiros presos em suportes, a alface, cebolas e rabanetes sendo cultivados sobre as mesas e em tigelas rasas com líquido cristalino.

— Não há terra — ela disse sobre o ombro. — Como conseguem crescer?

— É o cultivo hidropônico — explicou Michael, seguindo-a pelo corredor. — Todos os minerais e nutrientes que as plantas precisam são misturados ao suprimento de água. Adicione luz e ar e pronto.

— É um milagre — disse Eleanor —, e, no entanto, lembra a estufa da Exposição Universal. Eu e minha irmã Abigail fomos levadas pelo nosso pai.

— Quando foi isso?

— 1851 — ela respondeu, como se todo mundo soubesse —, no Crystal Palace, no Hyde Park.

Michael ainda continuava se surpreendendo.

Havia outro conjunto de luzes no fundo, iluminando um pequeno jardim de rosas, lírios e as queridas orquídeas de Ackerley.

— Ah, que beleza — falou Eleanor, entrando em um corredor apertado cercado por rosas vermelhas brilhantes e as orquídeas multicoloridas em caules longos e curvos. Mesmo sem terra, havia um cheiro quente e úmido de floresta. Eleanor abriu apenas o botão de cima da gola e respirou profundamente.

— Não imaginaria um lugar assim — falou, assimilando o espetáculo de cores e cheiros — numa terra tão remota e fria. Quem cuida de todas essas plantas? Você?

— Ah, não, elas morreriam em uma semana se a responsabilidade fosse minha. — Mas como poderia explicar, especialmente para ela, o que acontecera com Ackerley? E o que Eleanor diria se explicasse? Será que confessaria a sede inegável, porém secreta?

Michael tinha certeza de que jamais iria querer ouvir tal confissão saindo daqueles lábios.

— Todo mundo colabora — falou, para não deixá-la sem resposta. — Mas grande parte do trabalho é feita por computadores e temporizadores.

Percebeu que nada disso faria sentido para ela.

— É mecânico — acrescentou simplesmente, e Eleanor pareceu satisfeita... mas pensativa, também. Apesar de estar com o rosto entre as rosas para sentir o aroma, os pensamentos tornaram-se sombrios, como Michael notou. A testa estava franzida, e a cabeça, imóvel.

— Michael — falou finalmente, sem completar o raciocínio.

— Sim?

Após outro momento de reflexão, ela foi em frente.

— Não consigo evitar a sensação de que você está escondendo algo.

Quanto a isso ela estava certa, Michael pensou, mas havia tantas coisas que ele estava escondendo que não saberia por onde começar.

— Tem a ver com o tenente Copley?

Michael hesitou, pois não queria mentir, mas estava proibido de falar a verdade.

— A gente andou procurando por ele.

— Sabe que ele virá à minha procura. Se ainda não veio, em breve virá.

— Eu esperaria isso do seu marido.

Eleanor encarou-o intensamente, como se as suspeitas, ou parte delas, tivessem sido confirmadas.

— Por que diz isso?

— Desculpe, apenas presumi...

— Aos olhos de Sinclair, pode ser que sejamos casados. Porém, não somos aos olhos de Deus, com certeza absoluta. Por razões que não posso explicar, isso nunca aconteceria.

O tom de voz decisivo agradou a Michael, mas ele não queria pensar na razão. Porém, já que estavam falando no assunto, achou que não devia perder a oportunidade.

— Mas não gostaria de se reunir a ele... supondo, é claro, que esteja vivo?

Eleanor examinou intensamente uma das orquídeas amarelas, passando os dedos nas folhas macias.

Michael estava surpreso diante da hesitação.

— Sinclair foi, e sempre será, o grande amor da minha vida. — Os dedos tocaram as pétalas douradas. — Mas a vida que fomos forçados a levar juntos não pode continuar... nem deve.

Michael sabia o que ela queria dizer, mas ficou quieto.

— E, com o passar dos anos, infelizmente ele se apaixonou por outra coisa. Algo que exerce uma influência mais poderosa do que eu jamais conseguiria.

Os pulverizadores dispararam de repente, lançando uma nuvem de gotas de água fria no ar acima dos dois, mas Eleanor não se mexeu.

— O que é? — Michael perguntou.

E ela respondeu:

— A morte.

Os pulverizadores pararam de novo. Eleanor virou o rosto, como se estivesse envergonhada pelo que acabara de admitir.

— Sinclair está cercado de morte há tanto tempo que aprendeu a conviver com ela. A morte anda ao seu lado como um cachorro fiel. Mas ele não foi sempre assim — acrescentou rapidamente, como se estivesse arrependida da traição.

— Não quando nos conhecemos, em Londres. Era gentil, atencioso, sempre disposto a descobrir novas formas de me fazer rir. — Ao dizer isso, sorriu.

— Por que está sorrindo?

— Ah, apenas recordando. Um dia em Ascor, um jantar no clube em Londres. Pobre Sinclair. Acho que sempre estive um passo a frente dos credores.

— Mas você não me disse que ele vinha de uma família de aristocratas?

— O pai era um conde e Sinclair teria sido também, mas ele já tinha abusado demais da fortuna da família. O pai, acredito eu, estava muito desapontado com ele.

As gotículas de água caíram como um véu sobre o cabelo de Eleanor.

— E seu futuro mudou na Crimeia. A guerra transformou todo mundo que foi para lá. Quem sobreviveu ficou traumatizado. Foi inevitável.

Ela secou o cabelo com as costas da mão.

— Não é possível participar de um banho de sangue toda noite — falou Eleanor — e acordar limpo pelas manhãs.

Michael pensou em todas as guerras que aconteceram desde a época de Eleanor e em todos os soldados que lutaram em vão para esquecer o horror que vivenciaram. Certas coisas nunca mudavam.

Sem olhar para Michael, ela disse, de repente:

— Por quanto tempo acha que serei mantida aqui?

Para evitar a resposta, ele falou:

— Aonde gostaria de ir?

— Ali, isso é fácil. Quero ir para casa, em Yorkshire. Sei que não haverá ninguém da minha família e que muitas, muitas coisas terão mudado... mas, ainda assim, não pode ter acabado tudo, não é? As colinas ainda devem estar lá, e as árvores e os córregos. As velhas lojas do vilarejo terão fechado, mas novas estarão no lugar. A praça da cidade, a igreja, a estação de trem, com o salão de chá e o cheiro de pãozinho quente e manteiga...

Enquanto ela falava, Michael imaginou se teria sobrado mesmo alguma coisa, se as colinas não teriam sido aplainadas para a construção de um condomínio e se a estação de trem não estaria fechada haveria anos.

— Só não quero morrer em um lugar como este. Não quero morrer no gelo. — Abaixou a cabeça e os ombros tremeram ao pensar nisso.

Michael esticou uma das mãos e virou Eleanor com delicadeza.

— Isso não vai acontecer, eu prometo.

Eleanor estava prestes a chorar. Ela ergueu o olhar, desesperada para acreditar em Michael.

— Mas como pode prometer isso?

— Eu posso e vou cumprir. Prometo que não vou sair daqui sem você.

— Você vai embora? — falou com um tom de medo na voz. — Aonde está indo?

— De volta para casa, nos Estados Unidos.

— Quando?

Michael sabia o motivo do medo. Ela não temia apenas morrer no gelo, mas sim sucumbir à vontade antes de ver o velho lar outra vez. Michael imaginou que ali mesmo ela devia estar lutando contra o impulso praticamente irresistível com todas as forças.

— Em breve, em breve — Michael respondeu e a abraçou. Ainda havia gotículas de água no cabelo de Eleanor.

Ela aceitou o abraço de bom grado, pressionando o rosto contra o seu peito.

— Você não entende — disse, baixinho —, e, se entendesse, não faria uma promessa tão precipitada.

Mas Michael tinha certeza de que faria.

Lembrou-se de outra promessa feita em uma montanha nas Cascades. E, assim como aquela, ele pretendia cumpri-la custasse o que custasse.

— Não vou deixar você para trás — jurou.

51

26 de dezembro, 9h30

SINCLAIR ANALISOU OS DOIS CARCEREIROS, tentando decidir qual seria o melhor para atacar.

Apesar de o sujeito chamado Franklin ser obviamente o menos inteligente, era também o mais desconfiado. Como bom recruta, levava as ordens a sério e não gostava de pensar muito sobre elas. Mandaram que ficasse longe do prisioneiro e ele obedecia. Recusava-se até mesmo a conversar, mantendo o nariz enfiado em uma daquelas gazetas indecentes enquanto durava seu turno de guarda.

Já o tal Lawson, por outro lado, era mais inteligente, sociável e, no geral, mais curioso. Sinclair notou que ele estava fascinado pelo inesperado visitante de outra época e que, apesar de certamente ter recebido as mesmas ordens que Franklin, não se importava de desobedecer a elas. Na hora da troca de guarda, Franklin ia embora o mais rápido que podia, mas Lawson ficava à vontade, esticando as pernas e se recostando em um caixote para uma longa prosa. Sinclair notou que ele usava botas bem resistentes, com solado grosso e cadarços fortes, que estavam em condições bem melhores que as suas próprias botas de cavalaria, uma delas rasgada pelo cachorro.

Hoje Lawson trouxera um livro grande com várias imagens coloridas. Sinclair não conseguiu ver o que era, mas sabia que o sujeito contaria logo, pois não resistia a uma conversa. Após Sinclair esperar em silêncio por alguns minutos, Lawson finalmente falou:

— Tudo em cima com você?

Sinclair fez uma expressão intrigada, mas completamente inofensiva.

— Ah, desculpe. Isso quer dizer: está tudo bem? Quer que eu chame a médica ou algo assim?

A médica? Com certeza era a última coisa que Sinclair queria.

— Não, não, de jeito nenhum. — Sinclair deu um sorriso tristonho. — É apenas o tédio forçado, somente isso. Nosso amigo Franklin não é boa companhia.

Por que não bajular esse tolo?

— Ah, Franklin é um cara bacana — Lawson falou. — Só está cumprindo ordens.

Sinclair riu.

— Não conheço um atalho mais curto para o inferno do que esse. — Sabia que declarações desse tipo apenas aumentavam a curiosidade de Lawson.

Notou que os dedos do sujeito tamborilavam na capa do livro.

Com o ar cansado de praxe, Sinclair perguntou como estava Eleanor. Apesar de nunca receber uma resposta concreta, indagou mesmo assim e ouviu a informação vaga de sempre. Até mesmo Lawson parecia saber que não devia falar sobre o assunto. Mas o que estavam escondendo? Será que ela estava mesmo bem? Como seria possível? De que forma estaria satisfazendo a estranha vontade que nenhum deles jamais poderia confessar a qualquer outra pessoa? Sinclair não sabia por quanto tempo conseguiria segurar o próprio impulso. E ele ao menos tinha se aproveitado da foca morta recentemente.

Lawson acabou levando a conversa para suas próprias curiosidades, como Sinclair tinha certeza de que faria. Nas últimas vezes, ficou claro que estava cada vez mais fascinado com a odisseia de Sinclair. O objetivo do livro também se tornou evidente: era um atlas com pedacinhos de papéis coloridos presos na borda de determinadas páginas, que foram abertas por Lawson ao pousar o livro no colo.

— Ando tentando mapear a sua jornada de Balaclava a Lisboa e acho que entendi quase tudo — disse, como um aluno estudando muito para uma prova.

O sujeito era um cartógrafo nato.

— Mas me perdi um pouco ao redor de Gênova. Quando saíram de lá, você e Eleanor navegaram pelo mar da Ligúria até Marselha ou foram por terra?

Sinclair lembrava-se muito bem de cada passo da jornada, mesmo depois de tanto tempo, mas fingiu estar confuso. Na verdade, tinham ido de trem e parado em uma taberna em San Remo, não muito longe de Gênova, onde ele ganhou uma grande quantia em um jogo de telesina, uma variação local de pôquer. Um jogador acusou-o de trapacear e Sinclair, obviamente, exigiu uma retratação. O homem presumiu que isso significava um duelo, que aconteceu naquela noite mesmo — Sinclair matou-o com um golpe do sabre de cavalaria —, mas a verdadeira retratação veio depois. Quando Sinclair terminou com o homem, limpou o sangue do rosto em uma plantação de limoeiros antes de retornar para Eleanor, que aguardava na estalagem onde se hospedaram.

— Não tenho certeza do nome da cidade — Sinclair falou, como se fosse difícil lembrar —, mas era na Itália. Devia ser San Remo. Pode localizá-la no mapa?

Viu Lawson inclinar a cabeça sobre o mapa e passar o dedo por uma rota. Ele usava um daqueles ridículos lenços na cabeça, como um reles marinheiro. Era apenas questão de tempo até Sinclair convencê-lo a se aproximar e mostrar o livro.

Então... ele se livraria das correntes e recuperaria a noiva capturada.

— Amanhã — repetiu Murphy, reclinando-se na cadeira do escritório. — O avião de suprimentos vem amanhã, às oito da manhã. — E novamente passou uma mão pelo cabelo em um gesto nervoso. A outra segurava uma caneta vermelha, que usou para fazer um círculo no dia seguinte em um quadro na parede atrás da mesa. — E você vai voltar nele — falou para Michael.

— O que é isso? — Michael protestou. — O passe da NSF vale até o fim do mês.

— Vem aí outro enorme sistema de baixa pressão, e, quando ele passar, o risco de formação de fendas vai ser ainda maior. O avião não vai conseguir pousar.

— Então eu vou no próximo.

— Onde você pensa que está, porra? — falou Murphy. — Não vai ter um avião depois desse, pelo menos até fevereiro, talvez.

A mente de Michael começou a girar. Como poderia simplesmente ir embora no dia seguinte? Fez uma promessa para Eleanor que não pretendia quebrar. Virou-se para Darryl, sentado ao lado, mas ele só conseguiu retornar-lhe um olhar compreensivo.

— O que você planeja fazer com a Eleanor e agora também com o Sinclair? — Michael falou. — Em primeiro lugar, fui eu que os encontrei.

— E bem que eu queria que você não tivesse encontrado. Bem que eu me livrar deles.

— Ninguém ganhou a confiança deles como eu.

— Ah, é mesmo? — retrucou Murphy. — Pelo que me lembro, da última vez que visitou Sinclair, você pediu ajuda. O que aconteceu? A confiança acabou?

Michael ainda se arrependia disso e ficou pensando no que dizer enquanto Darryl começou a falar da promissora amostra sanguínea que examinava no laboratório. Será que era o momento de revelar a ideia? Teria outra chance? Interrompendo o monólogo de Darryl, Michael disparou:

— Então eles deveriam voltar comigo.

Darryl parou de falar e olhou para ele, enquanto Murphy balançava a cabeça, irritado.

— E como você sugere que a gente faça isso? — falou, jogando as mãos para o alto. — Aqui não é a rodoviária de Paducah. Um avião não pousa e pega três passageiros quando a lista indica só um, muito menos no Polo, meu Deus.

— Eu sei disso — concordou Michael —, mas presta atenção. Estava bolando o plano enquanto falava, ali sentado. A esposa do Danzig sabe que ele morreu, mas não tem ideia de quando vai receber o corpo, certo?

— Certo. Por algum motivo, não tive tempo de ligar para ela e dizer que o Danzig virou um zumbi e estava flutuando por aí, em algum lugar debaixo da calota polar. É um telefonema meio difícil de dar, não acha?

— E quanto ao Ackerley? — insistiu Michael. — A mãe sabe quando o corpo deve retornar aos Estados Unidos?

— Não tenho certeza que ela espere que seja retornado — Murphy respondeu, começando a parecer intrigado. — Eu disse que ela estava meio fora de si.

— Me deixa pensar, me deixa pensar — disse Michael, abaixando a cabeça e se concentrando com todas as forças. Era um plano meio louco, mas estava se formando na mente. E podia dar certo, possivelmente. — A esposa do Danzig...

— Maria — informou Murphy. — Maria Ramirez.

— Ela trabalha no departamento de medicina legal de Miami Beach.

— E, foi onde ela conheceu o Erik. Ele dirigia um carro funerário naquela época. Na verdade, uma vez ele me contou...

— Diz para a Maria que eu vou acompanhar o corpo do marido e o do Ackerley até Miami Beach.

— Mas você não vai— Darryl falou, perplexo. — O Danzig nunca mais vai aparecer de novo, a não ser nos meus pesadelos.

— E, francamente, ela não queria que reaparecesse — respondeu Michael. — Você lembra que a Maria disse que o marido nunca foi tão feliz como no tempo que passava no Polo? E que, se fosse possível, era onde ele gostaria de ser enterrado?

— É, mas eu falei para ela que enterros na Antártica são proibidos por lei — disse Murphy.

— Mas e o Ackerley? Você vai se livrar do corpo aqui mesmo, não é? — Michael insistiu. — Ou planejava mandá-lo de volta com uma bala na cabeça? — Murphy se contorceu na cadeira e foi o sinal que Michael precisava.

— Uma bala da sua arma, ainda por cima?

Darryl franziu a testa diante disso e perguntou a Murphy:

— Falando nisso, o que você fez com o corpo do Ackerley? Sei que ele pediu para ser cremado, mas isso iria contra o protocolo da Antártica.

— Está certo, iria mesmo — disse Murphy, olhando fundo nos olhos de Darryl. — Oficialmente, Ackerley caiu numa fenda enquanto fazia trabalho de campo.

Michael ficou aliviado ao ouvir a explicação.

— Perfeito.

— Continuo sem entender — disse Murphy.

— Não percebeu? Se quisermos, podemos colocar dois sacos mortuários naquele avião, ambos oficialmente registrados. Mas os corpos dentro não precisam ser os mesmos que constam nas etiquetas.

Michael viu a lâmpada acendendo em cima da cabeça de Murphy. Só tinha que insistir até convencê-lo da ideia.

— Eleanor e Sinclair talvez não possam embarcar no avião como passageiros, mas podem sair daqui como carga. Basta usar os seus contatos para que eu, junto com eles, volte para Santiago e, de lá, para a Flórida.

Fez-se um silêncio no escritório, marcado apenas pelo tique-taque do relógio. Finalmente, Murphy quebrou o sossego ao dizer:

— Mas é um voo de nove horas só de Santiago a Miami. Eles vão morrer no trajeto.

— Por que morreriam? — falou Michael. — Eles passaram por coisas bem piores, como um século de animação suspense, por exemplo. Se sobreviveram a isso, nove horas de viagem vão ser moleza.

— Agora a situação é diferente — Murphy argumentou. — Eles estão lépidos e fagueiros e têm um grande problema de que você parece ter se esquecido por conveniência.

— Era sobre isso que eu estava tentando falar disse Darryl —, antes de ser rudemente interrompido.

Michael desabou na cadeira, feliz de passar a bola para alguém por alguns metros. Mas logo notou que Darryl não ia simplesmente chutar a gol. Ele queria entrar com bola e tudo. Depois de descrever, cheio de orgulho, os avanços que fizera com o *Cryothernia hirschii*, Darryl insinuou que talvez tivesse descoberto uma cura para a doença de Eleanor e Sinclair.

— Ou o mais próximo que vamos conseguir chegar de uma.

Se Michael entendeu direito, ele disse que poderia extrair as glicoproteínas anticongelantes dos peixes e transferir para a corrente sanguínea humana. Isso aparentemente permitiria que o sangue conduzisse oxigênio e nutrientes sem precisar ser repostado por fontes externas de hemoglobina. Parecia ilógico, uma loucura, e até soava como impossível, mas também era o primeiro e único fiapo de esperança que Michael viu. E iria agarrá-lo.

— Isso me parece meio ridículo — disse Murphy —, mas eu não sou cientista. Como você sabe se daria certo?

— Não sei — Darryl respondeu. — Até agora o sangue misturado foi tolo pelos peixes. Mas, quanto a Eleanor e Sinclair, são outros quinhentos.

E não havia tempo, Michael pensou, para fazer nenhum teste.

— Mas vocês precisam se lembrar — Darryl reiterou, em tom profético — que eles vão ter o mesmo problema dos meus peixes. Se tocarem em gelo, vão morrer.

Pela meia hora seguinte, discutiram e debateram os elementos do plano. Murphy admitiu que não vinha registrando todos os acontecimentos nos relatórios da NSF como deveria — “não consegui achar uma boa explicação para os corpos que ganharam vida” — e que estava preocupado com o que Michael contara ao editor. Michael garantiu que já havia desfeito esse nó.

— Embora isso signifique que eu vá passar o resto da vida sem pegar um trabalho decente.

Pararam quando a estação McMurdo mandou um chamado de teleconferência sobre a tempestade a caminho. Murphy fez sinal para que saíssem enquanto repassava as leituras de pressão barométrica feitas por Point Adélie nas últimas 24 horas.

Lá fora no corredor, Michael e Darryl pararam para tomar fôlego e ponderar sobre tudo o que fora dito. Michael estava tão ligado que sentia como se tivesse energia elétrica correndo nas veias.

— Então, essa transfusão... quando é possível tentar? — perguntou.

— Só preciso de uma hora ou duas no laboratório e aí o soro vai estar pronto.

— Mas nós estamos cercados por gelo — falou Michael, ainda receoso. — Que eles jamais vão tocar. Vão sair direto da enfermaria e do frigorífico para os sacos

mortuários. E qual a alternativa? Você pretende realizar o procedimento sozinho em Miami?

Michael sabia que isso nunca daria certo.

— Se tiver que haver uma reação — Darryl prosseguiu —, que ocorra agora, antes de eles serem postos nos sacos mortuários e despachados.

— Primeiro a Eleanor?

— Claro — disse Darryl. — Pelo que eu ouvi do Sinclair, ele vai precisar ser mais persuadido.

Quando ele se virou para ir embora, Michael pegou em seu cotovelo e o parou.

— Você acha que vai dar certo? Acha que a Eleanor vai ser curada?

Darryl hesitou, como se pensasse no que ia dizer, e falou:

— Se tudo correr bem, acho que Eleanor e Sinclair conseguirão ter vidas razoavelmente normais. — Olhou fundo nos olhos de Michael, como Murphy fizera com ele anteriormente, e acrescentou: — Mas isso se você considerar normal viver como uma cobra, que tem que ficar ao sol para se esquentar. Com a ajuda de doses adicionais, Eleanor não terá a vontade que sente agora. Mas vai continuar contaminada até o fim da vida.

As palavras deram um aperto no coração de Michael.

— Assim como Sinclair — Darryl acrescentou, como se isso aliviasse a situação. — Não oferecerão perigo um para o outro.

Michael concordou sem dizer uma palavra, como se ele também enxergasse o bom-senso do argumento. Mas isso não diminuiu o aperto que sentia.

26 de dezembro, 11h20

— **SOB FALSA IDENTIDADE** — Sinclair estava contando. — Sempre viajavamos usando nomes falsos, que trocávamos com certa frequência. Virou uma espécie de brincadeira a escolha de como seríamos chamados em San Remo, Marselha ou qualquer outro local depois desses.

Lawson estava fascinado, e Sinclair escolhera relatar os casos mais dramáticos da jornada: os trens noturnos pelos desfiladeiros, as fugas por um triz das autoridades suspeitas, os jogos de cartas que geralmente pagavam pelas viagens. Mas evitou contar os detalhes mais horripilantes, especialmente a busca constante por sangue fresco. Com certeza não era preciso informar isso. E o tempo estava se esgotando, de qualquer forma, O turno de guarda seria mudado em poucas horas e o desconfiado Franklin retomaria o posto. Se quisesse garantir o máximo de tempo antes que a figa fosse descoberta, Sinclair teria que agir agora.

— De Marselha, continuamos rumo a oeste. Em Sevilha, Eleanor adoeceu. Como pensei que o ar do oceano pudesse reanimá-la, viajamos até uma pequena cidade no golfo de Cádiz. Não me recordo do nome agora, mas se eu o ouvisse de novo...

— Era Ayamonte? — falou Lawson, consultando o atlas.

— Não, não era isso — disse Sinclair. — Era um nome maior. Ficava costa acima, em direção a Lisboa.

— Isla Cristina?

— Não — Sinclair respondeu, inclinando a cabeça para o lado como se fosse difícil lembrar. — Mas acredito que se olhasse o mapa...

Segurando o livro aberto na página certa, Lawson levantou-se do caixote e foi até Sinclair, que ficou preparado. Colocou o atlas no colo do prisioneiro e, antes que pudesse recuar, Sinclair falou, em tom de inocência:

— Onde nós estamos neste mapa?

— Bem aqui — Lawson falou, apontando para uma linha amarela que tinha feito na página. Aproveitando que os olhos do guarda estavam atentos no livro,

Sinclair levantou a garrafa de cerveja que escondera e deu um golpe rápido na base do crânio de Lawson.

O guarda caiu de joelhos, mas não perdeu os sentidos, para decepção de Sinclair. O maldito lenço deve ter interferido. Deu outro golpe e a garrafa quebrou, abrindo um talho sangrento, porém Lawson continuava consciente e tentava escapar rastejando. Sinclair tinha que agir rápido, porque a corrente estava presa ao cano na parede e ele tinha pouco espaço para se movimentar. Passou as mãos algemadas pela cabeça de Lawson e o arrastou de costas até a cama. Felizmente, o sujeito estava atordoado pelo ataque e não resistiu muito. Sinclair apertou as algemas contra sua traqueia e puxou para cima. As mãos de Lawson agarraram o metal ao redor da garganta e tentaram desesperadamente se soltar, mas Sinclair fez mais força para trás, apertando firme e o sufocando até que os pés, com as botas que cobiçava, pararam de se debater e as mãos caíram, moles. Mesmo assim, Sinclair continuou segurando por mais alguns instantes, só para garantir, até que afrouxou a pegada e a cabeça de Lawson pendeu para a frente.

Curiosamente, o atlas permaneceu aberto no colo o tempo todo. Quando o corpo caiu no chão, Sinclair afastou o livro e se ajoelhou. Colocou o ouvido no peito de Lawson e escutou que o coração ainda batia. Já estivera em uma circunstância como essa anteriormente e, por um instante, sentiu a terrível vontade de se aproveitar da situação. Mas não tinha tempo, nem interesse, de matar o homem. Colocou a boca na de Lawson e soprou, assim como fizeram os marinheiros com os soldados que se afogaram no desastroso desembarque em Calamita Bay. Então pressionou com cuidado o abdome até que retomasse o ritmo da respiração. Antes que Lawson se recobrasse, Sinclair procurou em seus bolsos e retirou as chaves das correntes. Foi complicado se soltar, especialmente porque seu coração batia acelerado diante da chance de escapar, de obter novas botas... e de encontrar Eleanor.

26 DE DEZEMBRO, 11H30

— Está tentando me dissuadir? — perguntou Eleanor, encarando os olhos de Michael.

— Não, claro que não — Michael respondeu, aproximando a cadeira da cama em que Eleanor estava sentada, e segurando com mais força as mãos dela.

— É que a solução envolve um risco, um grande risco, e temo por você.

Ela ficou emocionada pela preocupação, mas havia tanto tempo a vida não era nada além de risco e perigo mortal que isso não era novidade. Levantou a mão e colocou no rosto de Michael.

— A escolha é minha e eu a aceito. Se for continuar vivendo, não quero que seja nas sombras. Quero uma vida que não me envergonhe. Consegue compreender?

Eleanor percebeu que ele entendia, sim, mas Michael aparentava estar mais apreensivo do que ela, na verdade. Depois de tudo que se passara, período tão longo de tempo, até mesmo a morte não a assustava tanto. Se tudo o que conhecia — família, amigos — ficara no passado, como a vida poderia se tornar ainda mais solitária?

E quanto a Sinclair... se fossem reunidos, o que seria deles? Tudo o que poderiam fazer seria compartilhar a própria solidão profunda e o isolamento do resto da humanidade. Tinha certeza disso no fundo do coração.

— Posso chamar o Darryl e a Charlotte, então? — Michael perguntou e ela assentiu.

Ele saiu e Eleanor permaneceu, examinando um conflito de emoções. Sem querer, percebeu que um sentimento de esperança e redenção reacendera dentro do peito. E, embora relutasse em admitir, sabia que tinha a ver com o jeito como Michael Wilde olhava para ela.

E o jeito como ela devolvia o olhar.

Poucos minutos depois, a porta da enfermaria foi aberta novamente, e desta vez Michael entrou acompanhado. Darryl, com o cabelo ruivo em pé como a crista de um galo, segurava uma bolsa transparente com um líquido, e Charlotte trazia nas mãos uma bandeja com vários itens: bolas de algodão, agulhas, álcool e uma espécie de bandagem que aderiria à pele. Eleanor já tinha visto a bandeja muitas vezes e sabia o procedimento de cor.

Charlotte sentou-se na cadeira que Michael deixara vaga e pousou a bandeja na cama. Eleanor dobrou as mangas bufantes do vestido e observou Charlotte amarrar o torniquete de borracha.

— Michael alertou sobre os perigos de entrar em contato com gelo? — Darryl perguntou enquanto Charlotte enchia a enorme seringa com o conteúdo da bolsa.

— Várias vezes.

— Ótimo. Excelente — falou, nervoso — E talvez você sinta certo ardor a princípio, por causa da sobrecarga repentina de glicoproteínas, mas acho que vai passar rapidinho. A solução é bem concentrada.

Charlotte lançou um olhar para Darryl e passou o algodão em um ponto do antebraço de Eleanor.

— Estou preparada para qualquer coisa — falou Eleanor — E tenho plena confiança em minha médica.

O que era verdade. Após a surpresa inicial, ela passara a respeitar a dra. Barnes pela natureza decidida, mas amigável, e seu jeito de passar segurança ao paciente. Era algo que Eleanor também vira em Florence Nightingale, uma capacidade de cuidar de qualquer paciente e transmitir uma sensação de calma e conforto. Claro que, em sua época, ninguém como Charlotte podia se tornar um médico. Mesmo que o sexo não fosse empecilho, a cor da pele certamente seria.

Mas nesse mundo moderno em que Eleanor estava prestes a entrar, muitas coisas inimagináveis eram certamente possíveis.

Mal sentiu a picada da agulha, mas o efeito imediato da entrada do fluido na veia foi forte. Em vez de sentir um ardor, teve uma estranha sensação refrescante, como se um córrego de montanha passasse por debaixo da pele. Ela tremeu e Charlotte ergueu o olhar enquanto segurava a seringa, dizendo:

— Você está bem?

— Acho que sim. — Eleanor falou. Mas estava mesmo? O que aconteceria quando o frio, que sentia subindo pelo braço, alcançasse o coração?

— O que está sentindo? — Darryl perguntou enquanto Michael simplesmente se ajoelhou na beirada da cama, examinando o rosto de Eleanor sem dizer uma palavra.

— É uma sensação que nunca tive na vida — ela respondeu. — Um pouco parecida, talvez, com entrar em um banho gelado.

A testa começou a suar frio no momento em que Charlotte retirou a agulha e rapidamente passou algodão na picada.

— É melhor ficar deitada — aconselhou a médica. Colocou a seringa na bandeja e ajudou Eleanor a abaixar a cabeça sobre o travesseiro.

Ela fechou os olhos, porque o quarto estava girando, mas só piorou a sensação. Abriu de novo, viu Michael debruçado sobre si, e concentrou o olhar em seu rosto. Ele estava segurando sua mão e ela sentiu o suor de nervoso dele misturando-se ao seu.

Charlotte e Darryl estavam atrás dele, também ansiosos. Eleanor ficou emocionada de já ter feito três amigos como esses naquele local tão estranho e diferente, o que aumentava suas esperanças e era um incentivo para viver. Talvez a solidão que sentia desde que ela e Sinclair tinham fugido do hospital na Turquia não fosse eterna, afinal. Talvez houvesse uma alternativa, O frio dentro do corpo espalhou-se pelos ombros e alcançou o busto, como pétalas de uma flor desabrochando dentro da pele. Ela tremeu de novo e Michael rapidamente pegou um cobertor no armário e a cobriu. Foi inevitável recordar a viagem a bordo do Coventry, a malfadada jornada que acabara por levá-la ao Polo Sul, a noite em que Sinclair a enrolou em todos os cobertores e casacos que conseguiu encontrar... antes de ser atacado pela tripulação.

Antes de ela também ser arrastada do leito e acorrentada no convés.

Uma compressa quente foi colocada sobre seus olhos enquanto Eleanor permanecia deitada, imaginando como se recobriria daquele experimento inédito, se é que isso iria acontecer.

Puxando Darryl para a porta, Michael sussurrou:

— O que está acontecendo com ela? Tem algo que a gente possa fazer?

— Não tenho certeza de que a gente possa fazer algo nesse momento — respondeu Darryl. — A injeção deve levar uma meia hora, talvez uma hora, antes de circular completamente pela corrente sanguínea e fazer efeito. Aí vai dar para saber mais.

Charlotte aproximou-se da cama e mediu a pulsação dela.

— Está um pouco acelerada, mas forte — relatou. Então colocou a braçadeira do aparelho de medir a pressão, inflou e viu os números piscando no mostrador digital. Eles indicavam 18 por 12, que até mesmo Michael sabia que era uma pressão alta demais.

— Vamos ter que abaixar esse número se não abaixar sozinho — ela disse ao colocar o estetoscópio sobre o peito de Eleanor e verificar os batimentos cardíacos. — Como está se sentindo?

— Tonta.

Charlotte assentiu e franziu os lábios.

— Tente ficar calma — disse, tirando a braçadeira. — E descanse.

— Sim, dra, Barnes — respondeu com a voz ficando fraca.

— Pode me chamar de Charlotte. Acho que já temos intimidade para isso, querida. — Ao colocar um controle na mão de Eleanor, falou: — Se precisar de mim, aperte isso. Estou na porta ao lado.

Charlotte pegou a bandeja da cama e retirou todo mundo do quarto.

Michael olhou para trás e viu Eleanor com a compressa branca sobre os olhos, o longo cabelo castanho roçando na borda do broche de marfim.

— Vamos — murmurou Charlotte. — Tenho certeza de que ela vai ficar bem.

Mas Michael não sentiu muita convicção.

— Talvez eu devesse ficar tomando conta dela — sugeriu.

— Você tem que arrumar as malas. Cuide disso.

53

26 de dezembro, 12h45

PARA MICHAEL, FAZER AS MALAS FOI FÁCIL. Todas as roupas saíram direto do armário para a sacola de lona, onde foram amassadas na forma mais compacta possível. O que levou tempo foi o equipamento fotográfico. Tinha aprendido por experiência própria que, se cada lente, filtro ou correia não estivesse no devido lugar, não conseguiria recuperá-los quando surgisse a oportunidade perfeita de tirar uma foto. Escrever dependia de reflexão; fotografia acontecia por acaso.

Só deixou de fora um tripé e a velha e boa Canon 580. Não queria sair da base sem tirar as últimas fotos de Olhe, devorando o que Michael conseguisse pegar no bufê de Natal. E o tempo, para variar, estava calmo, com céu ensolarado e claro. A calmaria antes da tempestade que chegaria no dia seguinte, como Michael sabia.

Arrumando o topo da cômoda, pegou o colar com dente de morsa de Danzig e o colocou em volta do pescoço. Planejava usá-lo até a hora de devolver para a viúva de Erik em mãos.

Em Miami.

Onde, com muita sorte, estaria nos próximos dias.

Ficou imóvel perto do beliche, simplesmente pensando na quantidade de coisas que tinham que ser feitas. Precisava inocular Sinclair e convencê-lo, juntamente com Eleanor, de que essa era a única maneira de sair da Antártica: presos em sacos, transportados por avião — uma máquina voadora ainda por cima! — sobre milhares de quilômetros em questão de horas. E para onde iriam? Um país em que nenhum deles jamais pisara, em um século que mal conheciam. Havia tantas partes do plano que eles achariam impossíveis de acreditar que Michael não sabia por onde começar. E havia tantas partes que ele próprio mal aceitava que a mente ameaçava travar. Iria mesmo apresentar o mundo moderno ao casal? “A jornada de mil quilômetros começa com um passo”, repetiu para si mesmo. Cercado de tantas variáveis, tudo o que podia fazer era cuidar dos pequenos problemas, um de cada vez.

Quando a porta abriu para Darryl entrar, Michael estava enfiando uma capa de câmera dentro da sacola abarrotada.

— Alguma notícia da Eleanor? — perguntou Darryl, jogando-se na cadeira da mesinha.

— Não desde que a gente saiu da enfermaria.

Darryl estava comendo uma bomba gigantesca.

— Você devia dar um pulo no bandeirão. Sobraram muitos doces de Natal. Ainda tem ponche também.

— É, talvez eu vá, antes de irmos para o frigorífico.

Darryl assentiu, lambendo o creme da ponta dos dedos.

— Você já contou o resto do plano para a Eleanor?

Michael balançou a cabeça.

— Ainda estou procurando um termo melhor para saco mortuário.

— Se acha que isso é difícil, tenta explicar o avião.

— Já estou pensando nisso.

— Charlotte tem um belo estoque de tranquilizantes no armário. Tenho certeza de que vai conseguir uma dose forte para os dois.

Michael concordava plenamente. Tinha esperança de que a resistência de Sinclair passasse quando o tenente entendesse que esse era o único jeito de tirá-lo dessa situação difícil, juntamente com Eleanor.

E será que confiaria o suficiente em Michael para cooperar?

Darryl jogou longe as botas, levantou-se e se deitou na cama.

— Comer me dá sono — falou, esticando as pernas. — Pode me acordar quando quiser visitar o Príncipe Encantado.

— Pode deixar.

— Falando nisso — acrescentou —, você sabe que está cometendo uma loucura, certo?

Michael assentiu, enquanto fechava metade do zíper da sacola.

— Que bom que sabe. Caso contrário, eu ficaria preocupado com você.

Eleanor acordou sobressaltada, ainda vendo a expressão de reprovação no rosto da srta. Nightingale. Nunca superara a sensação de culpa por ter traído a grande mulher e a própria profissão ao fugir com Sinclair. Sempre sonhava em reparar o erro de alguma forma.

Os braços e pernas pareciam gelados e mortos, mesmo debaixo do cobertor, e Eleanor esfregou os braços com força para estimular a circulação. Ao se sentar, levou um segundo para reconhecer onde estava e, então, afastou o cobertor para se levantar ao lado da cama. Ia bater os pés no chão, mas pensou melhor, porque o som poderia fazer a dra. Barnes vir correndo do quarto ao lado. Eleanor não queria companhia nem cuidados médicos por enquanto.

Será que fora curada? E, caso tivesse acontecido, será que se sentiria assim para sempre, meio atordoada e um pouco gelada? Era esse o preço?

Enrolando o cobertor nos ombros como um xale, Eleanor foi até a janela e afastou as cortinas negras. Havia uma quietude anormal lá fora que ela imaginou

ser a calma antes da tempestade. A neve do chão reluzia sob os raios fortes e frios do sol. Precisou recuar e proteger os olhos do clarão.

E então algo cruzou o campo de visão, um vislumbre de vermelho... e ela aproximou-se da janela outra vez.

O vulto passou devagar novamente, de mansinho pelo pátio coberto de neve, olhando de um lado para outro. Eleanor colocou o rosto na janela para ver... e a figura parou, levantando a mão para proteger a vista, e retornou o olhar.

Era Sinclair, com o sobretudo vermelho com a cruz branca ondulando ao vento sobre o uniforme de cavalaria.

Antes que ela pudesse levantar a mão para fazer um sinal, Sinclair correu pela neve, escorregando e quase caindo várias vezes. Eleanor ouviu a porta do módulo sendo aberta no fim do corredor e foi na ponta dos pés até a entrada da enfermaria. Quando Sinclair a viu, ela colocou um dedo nos lábios e acenou para que entrasse.

Assim que entrou, Eleanor fechou a porta que dava para o corredor e mal se virou antes de receber um abraço.

— Sabia que ia encontrar você! — sussurrou Sinclair. Rapidamente inspecionou o quarto, percebendo os armários cheios de suprimentos médicos.

— Aqui é o hospital de campo?

— Sim — ela concordou.

— E era aqui que estava sendo mantida? Você está bem?

— Sim, sim — respondeu, tentando sair gentilmente do abraço ansioso.

— Mas como você chegou aqui?

Ele ignorou a pergunta e disse:

— Temos que ir embora.

— Para onde, Sinclair? Para onde iríamos? — Pegou nas mãos dele e encarou o olhar injetado e meio ensandecido. — Essas pessoas podem nos ajudar — falou, implorando. — Já me ajudaram e também podem fazer o mesmo por você.

— Ajudaram? Como?

— Elas têm um remédio que é capaz de nos... mudar.

Sinclair respirava com dificuldade. Eleanor sabia que ele estava dominado pela terrível sede e olhou ao redor do quarto, desesperada, até achar a geladeira, onde havia encontrado a bolsa de sangue. Com certeza era ali que a outra bolsa, com o remédio, estava guardada.

— Espere — ela falou, foi até a geladeira e abriu a porta. Havia, sobre uma prateleira, uma bolsa idêntica à usada por Charlotte para encher a seringa, com uma etiqueta em que estava escrito GPAC-5. Talvez fosse a mesma. Eleanor torceu para que sim.

— Vamos — Sinclair apressou Eleanor. — Seja lá o que for, não temos tempo para isso.

Mas Eleanor o ignorou. Ela tentaria salvá-lo, se fosse possível. Já tinha visto o procedimento com a agulha ser feito muitas vezes e se sentia capaz de repeti-lo.

— Tire o casaco. Rápido!

— O que está dizendo? Perdeu o juízo?

— Faça o que digo. Não arreda o pé até que obedeça.

Ele arrancou o casaco, irritado.

Ela tirou a bolsa da geladeira e pegou uma agulha nova no armário.

— Enrole a manga! — ela falou, enchendo a seringa.

— Eleanor, por favor, não há esperança ou ajuda para nós. Somos o que somos.

— Fique quieto — A médica pode escutá-lo.

Ela passou álcool na pele de Sinclair, bateu no braço para achar a veia e pressionou a seringa a fim de tirar o ar, como viu Charlotte fazendo.

— Fique parado — disse ao inserir a agulha e pressionar o êmbolo devagar. Imaginou que ele deveria estar sentindo o frio crescente na corrente sanguínea e a pequena desorientação. Quando retirou a agulha, foi tomada pelo medo, porque Sinclair parecia inabalado, a princípio. Será que dera o remédio errado ou aplicara incorretamente?

— Não sei que tipo de feitiçaria você acabou de realizar, mas podemos ir agora

— Sinclair falou, descendo a manga e colocando o sobretudo vermelho sobre o casaco do uniforme. Pedacos soltos do galão dourado estavam pendurados como uma grinalda de Natal. — Onde está o seu casaco?

Ele invadiu o quarto ao lado e encontrou o casaco e as luvas de Eleanor.

Ao voltar, começou a vesti-la.

— Tenho um plano — disse Sinclair — para lançar um barco da estação baleeira. Seremos recolhidos no mar...

Então ele tremeu da cabeça aos pés, que calçavam botas diferentes, notou Eleanor. E tropeçou para trás, em direção à beirada da cama.

Era o remédio correto. Eleanor respirou aliviada. Agora Sinclair ficaria incapacitado por tempo suficiente para que ela explicasse tudo. Ajoelhou-se ao lado da cama, com a borda do casaco tocando o chão, segurando as mãos frias de Sinclair.

— Você tem que me ouvir. Tem que entender.

Sinclair revirou os olhos ao encará-la.

— O remédio vai levar tempo até fazer pleno efeito. Mas, assim que acontecer, não vai mais ter a vontade que sente agora. — Mesmo nos piores momentos, dormindo em porões ou fugindo a cavalo por desfiladeiros sob a chuva, sempre se referiam à doença em termos vagos. — Mas a médica disse...

Ele resmungou ao ouvir isso.

— A médica... — Mas não conseguiu prosseguir.

— A médica, assim como os outros, disse que não devemos tocar em gelo. Você entendeu? Não podemos tocar em gelo! Se tocarmos, morreremos.

Sinclair olhou para ela como se tivesse perdido o juízo completamente.

Deu um riso amargo.

— Você acredita em um conto de fadas como esse.

— Ah, sim, Sinclair. Acredito mesmo.

— Contam uma história dessas em uma terra que não tem nada além de gelo. Não percebe que é a melhor maneira de mantê-la como prisioneira de bom grado?

Eleanor abaixou a cabeça, desesperada.

— Nós não somos prisioneiros. Eles não são nossos captores. Não estamos na guerra.

Mas, quando ergueu os olhos, percebeu que Sinclair sempre esteve, e sempre estaria, na guerra. Mesmo que a necessidade física fosse aliviada, a doença estava tão enraizada na alma que não havia como arrancá-la jamais. Ainda assim, com suor na testa e na palma das mãos, Sinclair levantou-se tropeçando, tão obediente como se tivesse ouvido um cometa, e colocou o sobretudo e as luvas. Eleanor esperou, torcendo para que o remédio o enfraquecesse mais ainda, mas ele parecia usar toda a determinação para lutar contra os efeitos.

— Sinclair! Não ouviu uma palavra que eu disse? Não podemos sair desprotegidos!

— Então, em nome de Deus, abotoe essa roupa! — disse, agarrando Eleanor pela manga do casaco. Ela mal teve tempo de pegar o broche em cima da mesinha de cama antes de ser arrastada da enfermaria. — Está um dia agradável lá fora.

Sinclair seguiu dando passos pesados pelo corredor e abriu a porta que dava para a rampa. A luz do sol refletia na neve e no gelo. Eleanor, por instinto, tirou os óculos de proteção do bolso do casaco e os colocou.

— Os cães já estão com os arreios — disse ele, satisfeito. — Foi a primeira coisa que fiz.

— Foi?

Há quanto tempo ele vinha rondando a base?

Desceu a rampa com dificuldade, puxando Eleanor, quando parou de repente e disse:

— De todos os malditos aborrecimentos...

Eleanor tinha abaixado o capuz sobre o rosto, mas, quando olhou pela borda, viu Michael a poucos metros, de queixo caído, com um apetrecho de três pernas de metal preto debaixo do braço. Parecia que ele estava tentando entender o que via.

— Se eu fosse você, daria meia-volta e fugiria — disse Sinclair. Michael olhou para Eleanor, procurando alguma resposta.

Sinclair abriu o sobretudo para revelar o sabre pendurado na cintura, quando tentou partir, Michael rapidamente bloqueou o caminho.

— Bom Deus, estou com pressa! — Sinclair explodiu, como se estivesse dando uma bronca em um cavaleiro ignorante. — Saia do caminho agora — falou, brandindo a espada sob o brilho do sol polar — ou vou matá-lo aí mesmo.

— Michael — Eleanor implorou —, faça o que ele diz!

— Eleanor, você não pode ficar aqui fora! Tem que voltar para dentro! — Os olhos de Sinclair brilharam com uma fúria intensa diante da conversa, indo de Eleanor para Michael.

— Acho que estive cego — falou, avançando contra Michael com a ponta da espada em riste.

Para desespero de Eleanor, Michael não recuou, e sim levantou o apetrecho de metal, empunhando-o como uma arma. Tinha três pernas como um cavalete de pintura.

Isso era loucura, ela pensou, pura loucura.

— Você pode ir — disse Michael, sem retroceder. — Não vou tentar detê-lo. Mas a Eleanor fica.

— Então a questão é essa — Sinclair zombou. — Você é mais tolo do que pensei.

— Talvez, mas é como vai ser — respondeu Michael, dando um passo à frente.

Sinclair fez uma pausa como se estivesse considerando a proposta e, de repente, avançou contra Michael com o sabre cortando o ar. A lâmina acertou as pernas do tripé, lançando faíscas azuis ao ar. Michael foi para trás, fazendo esforço para mantê-lo na mão.

Sinclair continuou avançando, provocando Michael com a ponta da espada, girando o sabre em pequenos círculos. Eleanor finalmente viu que a parte de trás da cabeça do tenente apresentava uma ferida e que os cabelos louros tinham sido cortados, como se alguém tivesse feito um curativo.

Michael tentou uma finta com o tripé, empurrando-o na direção de Sinclair, que apenas rebateu o golpe de lado e continuou avançando.

— Não tenho muito tempo — Sinclair disse —, então terei que ser rápido.

O tenente deu dois golpes e no terceiro o tripé foi arrancado das mãos de Michael, caindo no chão com um barulho. Como não tinha outra arma, Michael abaixou-se para pegá-lo. Sinclair brandiu o sabre por cima do ombro esquerdo para dar o golpe fatal quando ouviu um grito assustador. Charlotte, de roupão de seda verde e as trancinhas voando, pulou rampa abaixo e empurrou Sinclair. Ele se desequilibrou e mal conseguiu segurar a espada, mas se virou e deu um golpe no novo adversário. A espada acertou a perna da médica, que caiu com sangue espirrando na neve.

Foi a vez de Eleanor gritar, mas, antes que pudesse ajudar Charlotte, Sinclair novamente a agarrou pela manga do casaco.

— Consegue ficar separada dele? — disse o tenente, furioso, arrastando Eleanor em direção ao canil.

Ela foi de bom grado, ao menos para dar tempo de Michael e Charlotte escaparem.

54

26 de dezembro, 15h

AJOELHADO NA NEVE AO LADO DE CHARLOTTE, Michael tentava verificar a extensão do ferimento.

— Não é grave — disse Charlotte, sentando-se e fazendo uma careta de dor. — Pegou de raspão.

— Eu levo você de volta à enfermaria.

— Eu consigo ir sozinha — falou Charlotte. — Vai atrás da Eleanor!

Mas os joelhos cederam quando a médica tentou se levantar. Michael precisou passar o braço pela cintura dela para ajudá-la a subir a rampa e entrar na enfermaria. Após colocar Charlotte na cadeira e seguir as ordens de pegar antisséptico, antibiótico e ataduras, Michael escutou o tilintar dos arreios do trenó passando lá fora. Olhando pela janela, viu Sinclair com o casaco dourado e vermelho de pé sobre os esquis. Tinha colocado uma touca sobre o rosto e os óculos de proteção. Aparentemente, o tenente tinha aprendido rápido a sobreviver na Antártica. Quando o trenó passou em disparada, Michael notou que Eleanor estava encolhida na cesta de carga laranja, de cabeça baixa e com o capuz bem fechado.

— Diz que isso foi o Papai Noel voltando para casa — Charlotte falou, encharcando um algodão de antisséptico.

— Ele está indo para a velha estação baleeira — disse Michael. — Não há outro lugar para ir, principalmente com uma tempestade a caminho.

— Vai logo — Charlotte apressou Michael. — Mas, primeiro, pega uma arma com o Murphy. — Retraiu-se ao passar o algodão na perna. — E chama reforços.

Michael deu um tapinha de consolação no ombro da médica e disse:

— Nunca te disseram para não enfrentar um homem com uma espada?

— Você nunca fez o plantão da noite em uma emergência.

Michael saiu correndo, mas foi direto para a garagem, em vez de alertar mais alguém. Reunir reforços levaria tempo e uma arma sempre poderia acertar quem não devia. Além disso, sabia que conseguiria alcançá-los com um snowmobile. A

única questão era se isso iria ocorrer antes de Eleanor ser fatalmente exposta ao gelo.

O primeiro snowmobile que encontrou era um modelo Arctic Cat preto e amarelo. Michael pulou no assento, verificou o combustível e ligou o motor.

O veículo disparou da garagem, deslizando muito pela neve escorregadia, e Michael quase foi jogado longe. Tinha que diminuir, pelo menos até sair da base. Ao fazer a curva no módulo de administração, por pouco não atropelou Franklin, que pulou fora em cima da hora.

— Vai ao frigorífico! — Michael gritou sobre o rugido do motor. — Dá uma olhada no Lawson!

Nem queria pensar no que deveria ter acontecido lá. Mas, se Sinclair estava livre, não tinha sido coisa boa.

Assim que saiu do complexo principal, Michael segurou firme no guidão e acelerou. Com uma das mãos teve que prender o capuz na cabeça para evitar que voasse. Lá na frente, conseguiu ver o uniforme vermelho de Sinclair e o tom forte de laranja do trenó sendo puxado pelos cães sobre a neve e o gelo. “Por favor”, rezou Michael, “que Eleanor esteja com a pele protegida”.

Percebeu que o tenente havia enfileirado os cães em pares nos arreios, em vez de espalhá-los individualmente com guias mais longas. Michael sabia que essa disposição era mais perigosa nas atuais condições. Com os cães todos juntos, o peso concentrado do trenó passaria de uma vez só sobre uma frágil ponte de neve, e, caso ela cedesse, arrastaria os animais e o próprio veículo para uma fenda sem fundo.

Falando nisso, Michael também corria o risco de cair em uma fenda, e por essa razão tentava seguir o mesmo caminho do trenó. Mas não era fácil enxergá-lo. O intenso clarão refletido pelo terreno incomodava ao penetrar nos olhos, e os esquis frontais do Arctic Cat levantavam uma nuvem de gelo e neve que sujava o para-brisa e os óculos de proteção.

Assim que a distância entre eles diminuiu, Michael começou a pensar no que faria quando alcançasse o trenó. Ficou imaginando o que haveria no compartimento de emergência do snowmobile. Um kit de primeiros socorros? Algumas cordas de náilon? Um GPS? Uma lanterna?

E, então, lembrou-se do último item essencial que com certeza estaria ali dentro: um sinalizador!

Sinclair jamais saberia diferenciar um sinalizador de arma de uma arma de verdade.

O trenó estava fazendo uma curva em direção ao litoral e Michael notou a cabeça de Sinclair virando para trás, ciente de que estava sendo perseguido. Embora o casaco vermelho batesse ao vento como um rabo de raposa e o sol refletisse nos óculos e nas dragonas douradas, a touca preta de esqui tornava-o mais parecido com um ladrão em fuga do que com um soldado.

O trenó deu a volta por um rochedo escuro, onde o perigo era ainda maior, especialmente porque Sinclair não sabia que as fendas geralmente nasciam na

base de formações rochosas como aquela e aumentavam de número e profundidade à medida que a geleira se aproximava do mar. Sinclair continuava indo para o litoral, com certeza porque seria mais fácil de se orientar. Na Antártica, era difícil calcular as distâncias e a direção, pois raramente havia uma referência no terreno e tudo parecia igual por centenas de quilômetros. O sol, que nessa época estava praticamente no topo do céu, também não ajudava. A sombra de uma pessoa seguia grudada aos seus pés como um cachorro obediente.

Michael estava dividido entre ultrapassar o trenó, o que forçaria um confronto sobre o gelo instável, e esperar que ele chegasse ao chão firme de Stromviken. Mas lá era o território de Sinclair, e quem sabe que outras vantagens ele tiraria do lugar?

O trenó diminuiu um pouco, porque não podia continuar correndo. Michael percebeu uma superfície cheia de picos de gelo surgindo do solo como se fossem pontas de garfos. Os cães prosseguiram desviando da pista de obstáculos, com Sinclair debruçado sobre o guidão, estimulando os animais.

Michael limpou a neve e o gelo dos óculos e abaixou a cabeça atrás do para-brisa. Finas nuvens brancas espalhavam-se pelo céu como um véu transparente, enfraquecendo a luz do sol e fazendo a temperatura cair um pouco mais. Michael achava que devia fazer uns 35 graus negativos. O snowmobile estava alcançando rapidamente o trenó, a ponto de Michael ver a espada de Sinclair batendo ao lado do corpo e a cabeça de Eleanor, bem coberta por um capuz, saindo da cesta.

Ao ouvir o rugido do Arctic Cat, Sinclair virou-se outra vez e gritou algo que Michael não conseguiu ouvir, mas duvidava que fosse um anúncio de rendição. Pelo que sabia do sujeito, a determinação de Sinclair era inabalável.

Mas então, de repente, Michael percebeu que a neve debaixo do trenó começava a se desintegrar. Os cães deram latidos assustados e desesperados. Michael viu, em pânico, a ponte de neve desmoronar e engolir os animais da frente. Os cachorros atrás deles, presos em pares aos arreios, foram arrastados para o abismo, latindo sem parar. O trenó balançava como uma canoa em uma correnteza, com os esquis rasgando o gelo, e foi puxado de lado em direção à fenda.

Michael guiou até a lateral de um enorme pico de gelo e pisou no freio, deslizando até parar. Quando saiu do snowmobile e levantou os óculos, viu o trenó mal equilibrado no limite da fenda, com Sinclair pisando com força no gancho de neve. Michael sabia que a fenda podia estar espalhada por qualquer direção, até mesmo debaixo de seus pés, mas não tinha um bastão de esqui para sondar a neve. Só podia se aproximar por um caminho indireto e torcer para dar certo. Abriu o compartimento de carga do snowmobile e retirou a corda e o gancho. Porém, antes de sequer andar 10 metros, a traseira do trenó empinou para o céu como a popa de um navio afundando, com Sinclair ainda agarrado ao guidão, e, depois de balançar por um instante ou dois, o veículo sumiu de vista.

— Eleanor! — Michael gritou. Ignorando a cautela, correu pelo gelo e pela neve, tropeçando, escorregando e deslizando pelo caminho. Quando chegou perto do

limite da fenda, ficou de quatro e engatinhou até a borda, com medo do que fosse encontrar.

A fenda era um profundo corte azul no gelo, mas o trenó só tinha caído cerca de 3 metros até ficar preso entre as paredes estreitas. Os cachorros estavam pendurados abaixo do veículo como enfeites assustadores, os que ainda estavam vivos se debatendo nos arreios e coleiras, ameaçando derrubar o trenó de vez com o peso e os movimentos desesperados.

— Corte as guias! — Michael gritou. — E os cabos!

Sinclair ergueu os olhos com uma expressão duvidosa, empoleirado na traseira do trenó, e então sacou a espada para começar a cortar os cabos que estavam ao alcance.

Eleanor continuava encolhida na cesta, com o rosto inteiramente coberto com o capuz.

Primeiro caiu um cachorro e depois os demais foram despencando, quicando nas paredes de gelo até caírem no chão da fenda com um baque úmido, sem serem vistos. Alguns uivos de agonia ecoaram do fim do cânion azul, mas também morreram aos poucos.

Michael rapidamente amarrou a corda debaixo dos próprios braços, fez um laço e o jogou para dentro da fenda. Deitou de bruços na neve, com apenas a cabeça e os ombros estendidos além da borda, e disse:

— Eleanor, quero que passe essa corda pelos ombros e a amarre no corpo.

O laço ficou pendurado acima da cabeça de Eleanor como se fosse uma condenada à forca. Notando a corda por debaixo do capuz, ela estendeu as mãos enluvadas para agarrá-la.

— Assim que fizer isso — Michael instruiu —, quero que saia do trenó com o máximo de cuidado.

Sinclair cortou mais uma guia, e outro par de cachorros despencou para as profundezas azuis. Mesmo assim, a ponta do trenó, que estava um pouco mais inclinada do que a traseira, desceu outro meio metro.

— Já amarrei — Eleanor falou com a voz abafada pelo capuz.

— Ótimo. Agora segure-se.

Michael daria qualquer coisa para conseguir algum apoio para amarrar a corda, fosse uma pedra ou o snowmobile, mas só podia contar com o próprio corpo. Sentou-se, fincou os calcanhares na neve e puxou. O ombro machucado começou a reclamar.

— Use os pés, se conseguir, para se apoiar na parede, e empurre o corpo.

Ela saiu da cesta e o corpo imediatamente balançou em direção ao gelo. Michael ouviu Eleanor gemer e viu as pontas das botas pretas tocarem na superfície. Ele enrolou a corda no braço de novo e puxou com mais força, sentindo a tensão no tendão do ombro, e pensou sem parar: “Não agora, não saia do lugar agora.”

Eleanor subiu um metro ou mais, porém os pés escorregaram no gelo e ficaram pendurados em pleno ar.

— Michael! — ela gritou, suspensa sobre o trenó e o abismo abaixo. Michael enterrou ainda mais os calcanhares, mas não conseguia tração suficiente. Ele próprio estava escorregando em direção à fenda, com os braços tremendo de forma praticamente incontrolável. No momento em que pensou que não seria capaz de segurá-la por mais um segundo sequer, viu Sinclair se esticar sobre o guidão, estender as mãos enluvadas até a sola das botas de Eleanor e empurrá-la para cima. Embora o rosto do tenente estivesse escondido pelos óculos e a touca preta de esqui, Michael podia imaginar a expressão de medo e angústia. Mas Eleanor subiu o suficiente para que Michael pegasse a corda enrolada no corpo e a puxasse para fora da fenda.

Ela rastejou sobre a neve, tomando fôlego. Somente os olhos verdes, arregalados de horror, estavam visíveis debaixo do capuz bem fechado.

— Fique de pé! — Michael alertou. — O gelo! — Havia neve no casaco, nas luvas, nas botas. Com as costas da mão, ele tirou o máximo que foi possível e ajudou Eleanor a se equilibrar.

— A corda — falou Michael. — Preciso da corda.

Mas estava tão presa ao redor de Eleanor que ele não conseguiu soltá-la. Michael olhou pela borda da fissura e viu que o trenó tinha descido um pouco mais, ficando em um ângulo ainda mais precário. Ele esticou o braço bom até onde conseguiu.

— Suba no trenó — falou — e tente pegar a minha mão. — Sinclair mal podia se mexer sem que o trenó descesse com os esquis arranhando o gelo. Tirou os óculos e a touca, depois soltou o cinto com a espada, e deixou que tudo caísse.

— Rápido, antes que o trenó desça ainda mais! — disse Michael.

Sinclair saiu com cuidado do esqui para a cesta laranja. Com os braços abertos e estendidos como um acrobata, ele andou lentamente, as botas fazendo barulho sobre a superfície lisa da cesta. Sinclair estendeu a mão enluvada para o alto e agarrou a de Michael. Trocaram um olhar.

— Se segura! — Michael falou, mas o peso de Sinclair na frente do trenó demais e, ao som de um barulho horrível, o veículo começou a ceder.

— Não solta! — implorou Michael, embora estivesse sendo arrastado sobre a borda. Sentiu a respiração queimando na garganta e o gelo e a neve embaixo do braço também começaram a ceder.

Um pozinho fino e branco caiu dentro da fenda.

— Você está seguro! — insistiu Michael, mas, enquanto olhava para o rosto de Sinclair, alguns pedaços pequenos de gelo caíram no bigode e nas bochechas do jovem tenente. Ele fez uma expressão confusa e tentou falar, mas os lábios congelaram, ficando pálidos. A língua endureceu. Uma cobertura gelada revestiu o queixo e desceu pelo pescoço com tanta rapidez e intensidade que o corpo ficou rígido e os dedos perderam a força.

O trenó rangeu e desceu mais meio metro.

— Sinclair! — Michael disse, mas a única coisa que ainda parecia viva no tenente eram os olhos, que, então, também foram cobertos pelo avanço do gelo. O

corpo conseguiu manter-se de pé apenas por mais um instante, antes de o trenó se soltar e cair de bico em direção ao fundo da fenda azul. Houve um rangido terrível e, finalmente, um estrondo, como se um lustre de cristal explodisse em milhares de pedaços. O eco subiu pelas paredes irregulares, mas o abismo era tão profundo que Michael não conseguiu ver sinais de Sinclair ou dos destroços.

Quando a reverberação morreu, Michael gritou o nome de Sinclair. Várias vezes. Mas não houve som, a não ser o sopro do vento descendo pelo cânion gelado.

Michael tirou o braço dolorido e dormente do buraco e rolou de costas. Os pulmões pareciam que iam explodir. Eleanor tinha ficado onde ele a deixara, com as costas para o vento e os braços em volta do corpo. A cabeça estava abaixada, o capuz do casaco bem fechado sobre o rosto, protegendo a pele dos elementos.

— Ele se foi? — ela falou com uma voz quase inaudível debaixo do capuz.

— Sim — Michael respondeu.

— Ele se foi.

O capuz balançou em um gesto solene.

— E sequer posso chorar.

Michael levantou-se.

— Minhas lágrimas — ela falou — podem virar gelo.

Michael foi até ela e passou o braço por sua cintura. Ela ficou tão fraca de repente que ele achou que fosse cair na neve. Talvez de propósito. Ao começar a ser afastada gentilmente da borda da fenda, que para sempre seria uma cova anônima, Eleanor parou e falou algo baixinho que Michael não conseguiu ouvir. Não perguntou o que era porque não lhe dizia respeito, nem viu o que ela levou aos lábios antes de deixar cair no abismo azul. Mas, quando surgiu um brilho de ouro e marfim, Michael soube o que era.

Com o fraco sol polar acima deles, voltaram através do campo de picos gelados.

55

29 de dezembro, 2h45

QUANDO AS LUZES DA CABINE SE ACENDERAM e o piloto anunciou que todos deveriam se preparar para a aterrissagem, Michael bebeu o resto do uísque e olhou pela janela.

Mesmo a essa hora, uma enorme rede de luzes acesas cobria Miami até chegar ao litoral escuro do oceano.

A aeromoça recolheu o copo de plástico e a garrafinha vazia. O sujeito que estava dormindo no assento do corredor despertou e guardou o laptop que não usava havia horas. Ele disse para Michael que era um “especialista em recursos”, seja lá o que fosse isso, de uma empresa americana que estava instalando uma rede de telecomunicações no Chile.

Michael não pregava o olho havia dias. Mesmo agora, só conseguia pensar no que havia no compartimento de carga do avião.

O sujeito do corredor perguntou:

— A gente está só quatro horas atrasado?

Michael assentiu. Cada hora a mais, cada atraso, foi uma tortura.

Pelo menos a passagem pela alfândega foi mais rápida à noite do que o normal — até Michael mencionar que estava levando restos humanos e precisava saber onde recuperá-los.

— Sinto pela sua perda, senhor — falou o agente da alfândega. — Vire à esquerda na saída e procure o balcão de volumes internacionais. Eles poderão ajudá-lo.

No balcão, um rapaz de uniforme azul, tão jovem que parecia já ter passado da hora de dormir, examinou devagar os formulários da NSF preenchidos por Murphy e os documentos médicos de Charlotte, enquanto Michael lutava para não demonstrar impaciência. Sabia que tinha que ficar na dele e não chamar atenção. O rapaz recorreu a um superior que se chamava Kurt Curtis, segundo o crachá pendurado no pescoço grosso. Após verificar a papelada, o passaporte e a identidade de Michael, o sujeito falou:

— Sinto pela sua perda, senhor.

Michael imaginou quantas vezes mais teria que ouvir isso.

Curtis pegou o telefone, apertou um botão e murmurou algumas palavras de costas para Michael. Resmungou “sim” três vezes e então se virou para falar.

— Venha comigo à estação de transferência de volumes. — Apontando para a sacola de Michael, acrescentou: — Não se esqueça disso.

Lá fora, o sereno de Miami envolveu Michael como uma toalha quente e úmida. “Vou ter que me acostumar”, disse a si mesmo. Para Eleanor, seria impossível viver na nevada Tacoma. Curtis sentou-se ao volante de um carrinho, enquanto Michael jogou a sacola no banco de trás e ocupou o assento do carona. Devia ter chovido nas últimas duas horas, pois as pistas estavam molhadas e havia poças profundas aqui e ali. Um jatinho soprou um jato de ar ainda mais quente durante uma manobra e o rugido do motor foi ensurdecedor. Curtis nem ligou e conduziu o carrinho a uma série de terminais, até entrar em um enorme hangar aberto, onde estava parada uma van marcada DEPARTAMENTO DE MEDICINA LEGAL DO CONDADO DE MIAMI/DADE. Uma mulher baixinha de calças pretas e blusa branca fumava encostada na porta. Ergueu o olhar quando Michael pegou a sacola e saiu do carrinho. Curtis deu meia-volta e foi embora.

— Você é o Michael Wilde? — falou, jogando o cigarro no chão de concreto. — Sou Maria Ramirez, a esposa do Erik Danzig.

Ele estendeu a mão e quase disse que sentia pela dor dela.

Os olhos escuros examinaram Michael com atenção.

— A viagem foi longa, hein?

Maria confirmou as suspeitas de Michael sobre sua péssima aparência.

— Foi, sim. — Não conseguiu evitar procurar com o olhar. Onde estava o saco mortuário? Será que já tinha sido entregue ou ainda estava a caminho?

— Se está procurando pelo saco, já está na van.

— Está? — O coração quase saiu pela boca, e Maria notou a reação.

— Então — ela disse, amassando a guimba ainda acesa com o sapato — antes que a gente envolva a polícia, o FBI, o departamento de imigração ou sei lá mais quem, que tal você me contar alguma coisa?

Michael ensaiou esse momento por vários dias, imaginando como contaria a história, mas agora que a hora tinha chegado, tudo o que queria era abrir as portas da van e resgatar Eleanor.

— Antes de qualquer coisa — falou Maria —, eu não abri o saco, mas sei que quem está lá dentro não é o Erik. Ele era mais alto e pesado do que quem quer que seja aquela pessoa.

— Você está certa. Não é o Erik — disse Michael.

Maria ficou surpresa diante da rápida rendição.

— Então onde está ele?

Michael abaixou a cabeça e disse:

— Presta atenção, porque o que eu vou contar é totalmente proibido pela NSE — E então começou a história, lembrando Maria que ela havia dito que Danzig

(Erik) nunca fora tão feliz como no tempo que passava no Polo e que teria gostado de ser enterrado lá. Michael confessou que isso é o que tinha acontecido.

— Mas teríamos enfrentado um sério problema por causa disso, então você não podia saber até eu contar ao vivo, em particular. — Meteu a mão dentro da gola da camisa e tirou o colar de dente de morsa pela cabeça. — Sei que ele gostaria que ficasse com isso — finalizou Michael. — O Erik sempre usava.

Segurando o colar na mão, ela virou-se e se afastou alguns metros, de cabeça baixa, os ombros tremendo.

Michael esperou, sentindo a camisa grudada na pele e o cabelo comprido empapado na nuca. Estava se segurando para não abrir a van, mas havia outras pessoas ao longe, alguns mecânicos e carregadores de bagagens, e sabia que tinha que aguentar só um pouquinho mais.

Maria recompôs-se e pegou uma prancheta do painel da van. O colar estava no pescoço quando voltou.

— OK, obrigada. O Erik conseguiu o que queria. Eu devo uma a você. — Passando a prancheta, disse: — Assine em todos os espaços em que coloquei um xis. — Havia pelo menos uma dúzia. Quando Michael terminou, Maria destacou umas cópias e entregou a ele. — Agora é oficial. O Erik voltou.

— Valeu.

— Mas eu ainda não sei quem está no saco.

Michael sabia que essa era a parte mais difícil da história. Quem iria acreditar?

— Uma amiga minha — falou. — O nome dela é Eleanor.

— Quer dizer, era Eleanor.

— Não, ela está viva.

Maria parou e olhou para Michael como se estivesse decidindo reconsiderar tudo o que ele lhe contara.

— Ela não pode estar viva dentro daquele saco. Não vindo do Polo Sul em porões de carga.

— Ela está, sim — disse Michael, pegando Maria pela mão e praticamente a puxando até a traseira da van. — Por favor, me deixa entrar para pegá-la.

Um dos carregadores de bagagens olhou curioso na direção deles.

— Minha Nossa Senhora — exclamou Maria —, você está doido? O que diabos acontece com vocês lá naquele lugar?

Mas não o impediu de abrir a porta da van, entrar e fechá-la outra vez.

O saco mortuário estava deitado sobre uma chapa de metal, preso por duas tiras de lona que Michael rapidamente soltou, sussurrando:

— Estou aqui, estou aqui. — Mas não saiu nenhum som do saco.

Pegou a parte de cima do zíper, que tinha quebrado para que não conseguissem fechar o saco completamente, e puxou até abri-lo.

Eleanor estava imóvel como uma morta, com os braços ao lado do corpo.

— Eleanor — ele falou, tocando o rosto dela com a ponta dos dedos.

— Eleanor, por favor, acorde.

Aproximou a cabeça para sentir a respiração no rosto. Uma respiração fria, não quente, assim como a pele, também.

— Eleanor — repetiu, e dessa vez imaginou ter visto as pálpebras tremerem. — Eleanor, acorde. Sou eu, o Michael.

Ela fez uma expressão aborrecida, como se não tivesse gostado de ter sido perturbada.

— Por favor... — falou, colocando as mãos sobre as dela. — Por favor. — Sem conseguir resistir mais, ele abaixou-se para beijá-la. Mas então, lembrando-se do aviso de Darryl, encostou os lábios nas pálpebras, uma de cada vez. Não foi como gostaria de acordar a sua Bela Adormecida... mas era o suficiente.

Eleanor abriu os olhos, encarando o teto da van, e então se virou para Michael. Por um instante, ficou preocupado com a possibilidade de que ela não o reconhecesse.

— Senti tanto medo — Eleanor falou — de que, se abrisse os olhos, estivesse de volta ao gelo.

— Nunca mais — disse Michael.

Ela levantou a mão de Michael e a colocou em seu rosto.

Maria Ramirez obrigou Michael a jurar por tudo que fosse mais sagrado que jamais contaria a alguém como aquela estranha mulher entrara ilegalmente nos Estados Unidos. Ele, por sua vez, fez com que Maria jurasse que jamais divulgaria o verdadeiro destino do corpo do marido. Então, dirigindo pela noite quente e úmida, ela deixou os dois em um pequeno hotel que conhecia na Collins Avenue, a um quarteirão de South Beach.

— Quando precisamos receber um perito forense de outra cidade — disse Maria —, é aqui que o hospedamos. Ninguém nunca reclamou.

Michael subiu com Eleanor até o quarto, ligou todas as luzes e começou a encher a banheira para ela. Assim que a porta do banheiro foi fechada, pensou ter ouvido um soluço baixinho lá dentro. Ficou dividido entre bater na porta e tentar confortá-la ou simplesmente deixar que ela desse vazão às emoções. Como alguém teria encarado o que ela passara, fosse nos últimos dois dias ou nos séculos anteriores, sem ter um ataque de nervos em algum momento? E o que ele poderia dizer que fosse de alguma ajuda?

Em vez disso, desceu à recepção e convenceu a senhora do balcão a abrir a loja. Queria comprar sandálias e um vestido de verão, o mais recatado que conseguiu encontrar, um modelo amarelo de algodão com mangas curtas. A mulher, que tinha olhado para Eleanor como se estivesse fantasiada para o Halloween, compreendeu e ainda adicionou outras peças à pilha.

— Calças não vão servir debaixo desse vestido — disse laconicamente.

Quando voltou ao quarto, Michael bateu de leve na porta do banheiro e a abriu um pouco para colocar a sacola com roupas novas lá dentro. Saiu uma nuvem de vapor.

— Achei que gostaria de se vestir de acordo com o clima daqui — Michael falou, antes de fechar a porta outra vez. — Se estiver com fome, posso sair e trazer comida.

— Não — ela disse com uma voz quase sepulcral —, não agora.

Michael foi até a janela e puxou as cortinas de cores vivas e desenhos de flores. Ainda havia algumas luzes nos prédios vizinhos. Um caminhão varredor passava lentamente. Como contaria todo o resto que Eleanor precisava saber? Que não devia ter medo apenas do gelo... mas do contato humano. Contato humano íntimo.

Como diria que, apesar de a vontade ter passado, ela continuava com a doença contagiosa? Que era uma ameaça a qualquer um que ela desejasse?

Como, falando nisso, ele iria se convencer disso?

Assim que o barulho do caminhão varredor foi embora, ele voltou à porta do banheiro e passou a meia hora seguinte tentando acalmar os princípios ofendidos de Eleanor. Ela ficou tão horrorizada com o tamanho e a transparência do vestido que se recusou a sair do banheiro até que Michael jurasse, repetidas vezes, que aquela era a moda atual e a forma de todo mundo se vestir.

— Muitas vezes, as pessoas vestem menos ainda — falou, imaginando o que ela acharia quando visse a primeira mulher patinando de biquíni. Quando Eleanor finalmente cedeu e saiu para o quarto, completamente ruborizada, Michael ficou sem fôlego.

Mesmo àquela hora, havia trânsito na Ocean Drive, e Eleanor ficou com medo dos ônibus como se fossem dragões cuspidos fogo. Os carros, o barulho, os sinais de trânsito, Eleanor agarrou-se ao braço de Michael como se fosse uma boia salva-vidas. Mas o calor que absorveu do banho estava esvanecendo. A mão, ele percebeu, estava fria.

Em Point Adélie, ela confessou que a coisa que mais desejava era sentir o sol quente no rosto, e Michael estava ansioso para mostrar o ralar do dia em frente ao oceano. Pararam na faixa de pedestres, quando um vendedor empurrando um carrinho de sorvetes italianos se aproximou dos dois, que eram praticamente os únicos pedestres àquela hora, e olhou para eles cheio de esperança. Mas era o mesmo que vender dinamite. Quando Michael afastou Eleanor por puro reflexo, o sujeito olhou como se ele fosse um louco. Contudo, Michael sabia as regras e tinha noção de que jamais poderia abaixar a guarda. Teria que estar sempre alerta. E também deveria ser discreto até a hora de revelar o resto do segredo a Eleanor. Por que a perturbaria em um raro momento de felicidade com um fardo que poderia carregar sozinho?

Enquanto atravessaram a rua e passaram pelas dunas cobertas de vegetação, o céu trocou o tom roxo por um brilho róseo. Michael acompanhou Eleanor pelas enormes palmeiras, que balançavam ao sabor da brisa do mar, até a arrebentação. Eles sentaram-se na areia branca e simplesmente assistiram ao sol surgir no horizonte e subir pelo céu, transformando o oceano em um espelho prateado e dando um tom avermelhado às nuvens. Os olhos verdes de Eleanor brilharam à

luz da manhã e seguiram o voo de uma águia-pescadora branca e cinza, que passou rente sobre a água. Foi quando Michael notou o sorriso triste.

— O que foi? — perguntou.

— Só estava pensando em uma coisa — ela respondeu. Os longos cabelos castanhos, ainda úmidos do banho, batiam soltos ao vento sobre os ombros.

— Uma cantiga de outra época.

— Como era? — Michael sentiu os dedos de Eleanor entrelaçando-se aos seus. Expostos ao sol da manhã, estavam bem mais quentes. A águia-pescadora passou entre as ondas.

— Ah, e não existirão, perto do mar — ela cantou —, palmeiras tão altas quanto a igreja de São Paulo e areias tão brancas quanto as praias de Dover.

Eleanor contemplou o horizonte reluzente e a enorme praia branca. Michael notou uma expressão de alegria em seu olhar.

— E, afinal — falou, segurando a mão dele —, elas existem.

FIM